O ARCHIVO ROMANTICO

MEMORIAS D'UM MEDICO:

Balsamo

XIX

O ARCHIVO ROMANTICO

MEMORIAS D'UM MEDICO

POR

ALEXANDRE DUMAS

TRADUCÇÃO DE

F. M. PINTO DA SILVA

QUINTA PARTE

O ULTIMO REI DOS FRANCEZES

VOLUME I

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE J. C. A. ALMEIDA
63, Rua da Vinha, 63.
1876

O ULTIMO REI DOS FRANCEZES

CAPITULO I

NASCIMENTO DE LUIZ PHILIPPE D'ORLEANS.

Luiz Philippe d'Orleans nasceu no *Palais-Royal*, no dia 6 de outubro de 1773, e recebeu, ao vêr a luz, o titulo de duque de Valois.

Deveu o ser a Luiz Philippe José, que mais tarde se fez chamar Philippe Egualdade, e que n'essa epocha tinha o titulo de duque de Chartres.

Foi sua mãe Luiza Maria Adelaide de Bourbon, filha do duque de Penthièvre, ultimo representante da descedencia legitimada de Luiz XIV e de M.$^{\text{ma}}$ de Montespan, na pessoa do conde de Tolosa.

Luiz Philippe remonta pois a *Monsieur*, irmão do rei Luiz XIV por seu pae: ramo legitimo.

E ao proprio Luiz XIV por sua mãe: ramo legitimado.

Seu avô era Luiz Philippe d'Orleans, de Valois, de Nemours, de Chartres e de Montpensier.

Sua avó, Luiza Henriqueta de Bourbon-Conti.

O casamento d'estes ultimos tivera logar em 1743. Durante os dois primeiros annos d'esta união, fôra Luiz Philippe d'Orleans o marido mais feliz e o amante mais extremoso que no mundo tem existido; chegava a ser apontada

a paixão, que os dois esposos pareciam ter um pelo outro, pela sua exaggeração. Contavam-se ácerca d'esta paixão as anecdotas mais singulares.

Leitos, canapés, poltronas, relva do prado, coche, casas dos seus amigos, salão de Versailles, tudo lhes agradava; todos os dias algum novo feito era registrado pela chronica escandalosa do *Œil de Bœuf*, chronica muito admirada por ter, no capitulo *escandalo*, affagos feitos por uma mulher a seu marido e por um marido a sua mulher.

Difficil seria dizer qual d'elles foi o primeiro que cansou; porém o que dentro em pouco se notou, foi que a este cynismo conjugal succedeu da parte da princeza um outro cynismo bem escandaloso: quasi repudiada por seu marido por causa de dissoluções tão publicas, que o marido mais complacente não poderia sobre ellas fechar os olhos. a duqueza d'Orleans, que se jactava de possuir o appetite insaciavel de Messalina, percorreu em seus amores toda a hierarchia social, desde o principe de sangue até ao seu cocheiro Lefranc, e até chegou, levando mais longe ainda a similhança com a esposa adultera de Claudio, a descer dos salões ao jardim do Palais-Royal, e, sem mesmo se dar ao trabalho de pedir á cortezã antiga o seu nome de Lysisca e os seus cabellos loiros, chegou, dizemos, a sollicitar dos passeiantes os prazeres anonymos que a prostituta imperial, segundo conta Juvenal, pedia aos moços de fretes de Roma, em quanto seu marido se achava entregue ao somno.

Foram estas devassidões tão conhecidas que Philippe Egualdade invocou no dia em que, n'uma sessão da Communa, renegou a paternidade do paço para adoptar a das cavallariças, paternidade mentirosa que não o devia salvar do cadafalso.

Em 1748, isto é, cinco annos depois do seu casamento,

o duque d'Orleans separou-se de sua mulher tirando-lhe seu filho, que teve a coragem de fazer inocular, sendo um dos primeiros que em França a tal se animou; relacionou-se com M.ma de Vilemonble de quem teve tres filhos naturaes, com M.ma de Brossard e com os abbades de Saint-Far e de Saint-Albin.

Em 1759 morreu a duqueza d'Orleans.

Sete annos depois d'esta morte, começou o duque d'Orleans a dirigir os seus galanteios á marqueza de Montesson, de nascimento Carlota Joanna Beraud de la Hai-de-Riou. O sr. de Montesson, seu marido, vivia ainda n'essa epocha, se bem que fosse mais nova do que elle cerca de trinta annos, conservou-se-lhe fiel até á sua morte, que teve logar em 1769. Foi só então que o duque d'Orleans se declarou, porém inutilmente, sobre o que se lhe suppoz n'essa epocha. Por isso, pelo fim do anno de 1772, começou-se a fallar de casamento entre M.ma de Montesson e este principe. Finalmente, a 24 de abril de 1773, despedio-se de uma côrte numerosa, que tinha em Villers-Coterets, dizendo aos seus mais intimos:

« Senhores, deixo-vos; hei de voltar tarde, mas não virei só, hei de vir bem acompanhado por uma pessoa com quem haveis de partilhar o zelo que tendes pelos meus interesses, e a affeição que dedicaes á minha pessoa. »

O paço permaneceu todo o dia na expectativa, e á noite, pelas seis horas, entrou o duque na sala, trazendo pela mão M.ma de Montesson, com quem de dia se casára. O arcebispo de Pariz, depois de se ter certificado do consentimento regio, concedêra aos dois esposos as tres dispensas da publicidade dos banhos e o cura de Sancto-Eustachio os casára na capella particular do palacio da Chaussé-d'Antin.

M.ma de Montesson era n'essa epocha uma linda mulher, de trinta e cinco para trinta e seis annos, e que ape-

nas parecia ter trinta. Era poeta e professora de musica, representava magistralmente, e conservou até 1806, epocha da sua morte, no seu salão da Chaussée-d'Antin as melhores tradições do seculo de Luiz XIV e de Luiz XV.

Napoleão tinha-a em grande estima por causa da distincção das suas maneiras, e dava-lhe uma pensão de trinta mil francos.

Sobrevivera vinte e um annos ao principe seu marido, que morreu em 18 de novembro de 1785, sendo-lhe prohibido por Luiz XVI, mais escrupuloso do que seu avô Luiz XV, que deitasse lucto.

Na epocha em que seu pae esposava M.ma de Montesson, o duque de Chartres era um mancebo de vinte e cinco para vinte e seis annos, e que, havia dez annos, tinha entrado no mundo, sendo já fallada a sua devassidão. Uma mulher chamada a Deschamps fôra a sua primeira amante, e de seus braços passára aos das mais celebres prostitutas da epocha. O companheiro ordinario dos seus prazeres era o principe de Lamballe, filho do duque de Penthièvre; porém, menos robusta do que a do duque de Chartres, a saude do joven principe não pôde resistir a esta vida de baixa luxuria, e ficou morto n'um máo logar. Accusaram então o duque de Chartres, não só de devassidão, mas de calculo; tinha, segundo diziam, seduzido, prostituido, envenenado o principe de Lamballe para reunir sobre a cabeça de *mademoiselle* de Penthièvre, que devia esposar, não só a fortuna collossal da sua casa, mas a expectativa do cargo de grande almirante, possuido pelo duque de Penthièvre.

Vinte annos mais tarde, quando a pobre princeza de Lamballe foi assassinada, estas accusações renovaram-se mais vigorosas ainda pelo presente que os seus assassinos julgaram fazer da sua cabeça ao duque d'Orleans. Porém

nós, que só por provas nos fazemos interpretes de similhantes accusações, apressar-nos-hemos a protestar contra estas duas infamias, que o satyrico póde consignar, mas que o historiador deve desmentir.

Comtudo afóra essas coisas falsas ha coisas verdadeiras a dizer sobre este principe, que pagou faltas como se pagam crimes.

Aconteceu ao duque Chartres no começo do reinado de Luiz XVI, como acontecera a seu avô no fim do reinado de Luiz XIV; ambos reagiram contra os costumes reaes. Luiz XIV tornára-se devoto no fim da vida; Luiz XVI fôra-o desde o começo. O regente tivera o Palais-Royal, que tornára celebre pelas suas orgias; o duque de Chartres teve Monceaux, que tornou illustre pelas suas devassidões, ao menos tinha franqueza, e não punha a mascara da hypocrisia sobre o rosto de devasso. Um dia apostou vir nú, a cavallo, de Versailles ao Palais-Royal, e ganhou lealmente a sua aposta.

A anglomania, que começava a fazer grandes progressos em França, èra toda devida ao sr. duque de Chartres; pozera-se francamente á testa da fracção da sociedade que tudo tomava de Inglaterra, costumes, trajos, jockeys e cavallos. As primeiras corridas foram animadas por elle: a ellas assistio Maria Antonieta; porém Luiz XVI oppoz-se a estas corridas e sobretudo ás apostas ruinosas que d'ellas resultavam.

Por ordem regia cessaram.

O duque de Chartres consolou-se d'esta perseguição indo a Londres duas vezes por anno, comprando ahi propriedades e associando-se a dois ou tres clubs.

Era realmente bom cavalleiro, bem feito de corpo, amigo dos exercicios violentos, e esforçado ante o perigo de que resultasse gloria ou ao menos nomeada.

Em 1778, viajando na Baixa-Bretanha, desceu ás minas até quinhentos pés de profundeza. Alguns annos depois, quando se inventaram os balões, e que se tornaram mania geral, quiz viajar pela nova fórma, e subio até quinhentas toezas de altura.

Amava as artes e a mecanica; as artes como amador, a mecanica como artifice. Mandára fazer em relevo modelos de todas as manufacturas de Lyão e phantasiava toda a especie de emprezas de edificios. Um dos seus projectos era deitar abaixo todas as casas da Cité e reedifical-as sob um novo plano; infelizmente metteu-se de permeio um outro projecto que lhe deu menos popularidade do que o primeiro: foi a sua especulação sobre as lojas do Palais- Royal.

Foi n'este meio tempo e quando o duque de Chartres ainda em boa harmonia com a delphina, que o divertia pelo seu espirito e pela sua excentricidade, como depois se disse, começava a indispôr-se com o delphim, que o *Almanach real* registrou, em data de 6 d'outubro de 1773, o nascimento de Luiz Philippe d'Orleans, duque de Valois.

Mais tarde veremos, na tarde em que Luiz Philippe subia ao throno, que partido procuraram tirar d'este titulo.

Fosse acaso, fosse predestinação, nenhuma das formalidades que se costumam empregar no nascimento dos principes de sangue se empregou n'este nascimento, que todavia devia satisfazer bastantes desejos, pois que, casado havia quatro annos, o duque de Chartres não tinha ainda tido de sua mulher senão uma filha morta á nascença.

O duque de Valois foi simplesmente baptisado ; a cerimonia foi feita no Palais-Royal, pelo capellão do palacio, em presença do cura da freguezia e de dois criados: foi só doze annos mais tarde que Luiz XVI e Maria Antonieta pegaram no joven duque de Chartres junto á pia baptismal ; o joven duque de Valois acabava então de trocar o seu pri-

meiro titulo pelo de duque de Chartres, porque seu avô já não era vivo e seu pae tomára o titulo de duque d'Orleans.

Cincoenta e dois annos mais tarde, uma mulher chamada Maria Stella Petronilla devia vir a França e contestar ao duque d'Orleans esse nascimento, que a negligencia paterna se tinha olvidado de acercar de todas as formalidades do costume.

Consignemos àqui a fabula por meio da qual Maria Stella devia estabelecer a sua reclamação.

Dissemos que, ao fim de quatro annos de casado, o duque de Chartres ainda não tinha tido de sua mulher senão uma filha morta á nascença; ora, conforme o dizer de Maria Stella, bem entendido, sendo apanagio grande parte da fortuna do duque de Chartres, e devendo voltar para o Estado no caso de extincção da descendencia masculina, o duque d'Orleans decidira ter um filho varão, fosse porque preço fosse.

Seria n'este meio tempo e com a intenção de aproveitar todas as circumstancias que o acaso poderia offerecer-lhe que, pelo começo do anno 1772, o duque de Chartres e sua mulher teriam partido para a Italia debaixo dos titulos de conde e condessa de Joinville.

Ao cabo de dois ou tres mezes de viagem, achando os dois illustres viajantes no cume dos Apenninos um sitio do seu agrado, pararam — quem falla é Maria Stella, não somos nós — na pequena cidade de Modigliana; ahi se manifestaram na condessa de Joinville os primeiros symptomas de uma nova gravidez.

Os habitos do duque de Chartres, lançando-se no meio das aventuras nocturnas de Pariz e de Londres tinham-no costumado a familiarisar-se com o baixo povo; por conseguinte travou em Modigliana conhecimento com um carcereiro chamado Chiappani, cuja mulher se achava por acaso

sr. duque de Chartres, foi dar M.^{ma} de Genlis por preceptora a seu filho.

M.^{ma} de Genlis, para maior facilidade do duplice emprego que desempenhava na casa d'Orleans, morava em Bellechasse. Tinha sido edificada, conforme planos seus, nos jardins do convento, uma linda casa, que communicava com o convento por um caramanchão coberto de ramagem.

Uma noite chegou o sr. duque d'Orleans a Bellechasse, *como de costume*, entre as oito e as nove horas. Sublinhamos estas tres palavras, porque as tirámos dos esclarecimentos da propria M.^{ma} de Genlis. M.^{ma} de Genlis estava só, o duque de Chartres encetou a questão do aio de seu filho e pedia a M.^{ma} de Genlis que o dirigisse em sua escolha.

M.^{ma} de de Genlis nomeou logo o sr. de Schomberg.

— Não, respondeu o duque de Chartres, tornaria os meus filhos pedantes.

— Então, disse M.^{ma} de Genlis, nomeie o sr. cavalheiro de Durfort.

— Menos, tornal-os-ia exaggerado e emphaticos.

— O sr. de Thiars.

— É muito leviano, e não tractará da sua educação.

— Então, disse rindo M.^{ma} de Genlis, nomeie-me a mim.

— Porque não? respondeu o sr. duque de Chartres.

M.^{ma} de Genlis diz nas suas Memorias, que o seu fim fôra apenas gracejar, e affirma que nenhuma conversação preparatoria tinha podido fazer-lhe nascer o pensamento de que o principe a reservasse para este emprego.

O leitor acreditará o que quizer, nós por fórma alguma garantimos a veracidade de M.^{ma} de Genlis.

Em todo o caso, o *porque não?* do sr. duque de Chartres não foi uma exclamação perdida.

« Vejo a possibilidade de uma coisa extraordinaria, diz M.^{ma} de Genlis, e desejarei que possa ter logar. »

Nenhuma objecção pois fez ao duque de Chartres, antes pelo contrario lhe confessou o ardente desejo que elle acabava de fazer nascer n'ella, de que a proposta, por mais singular que parecesse, não fosse um gracejo.

— Bem! é negocio feito, disse o duque de Chartres, será o seu aio.

E com effeito, n'este meio tempo, dois outros filhos nasceram ao duque de Chartres, os quaes tinham recebido os nomes de duque Montpensier e de conde de Beaujolais.

O duque de Montpensier nascera a 3 de julho de 1775, e o conde de Beaujolais a 7 de outubro de 1779.

Só se tractava de obter o consentimento d'el-rei.

Não se sabia como receberia a proposta de similhante infracção das leis da etiqueta; el-rei não gostava muito do duque de Chartres, e não estimava muito M.ma de Genlis.

Quando pois o sr. duque de Chartres, indo visitar el-rei, lhe explicou que genero de auctorisação lhe vinha pedir.

— Aio ou aia, lhe disse Luiz XVI, faça o que lhe aprouver.

Depois voltando as costas ao duque de Chartres, disse bastante alto para ser ouvido:

— Felizmente o sr. conde d'Artois tem filhos!

A datar d'este momento, a educação dos filhos do sr. duque de Chartres, de ambos os sexos, foi inteiramente confiada a M.ma de Genlis.

As meninas estavam com ella em Bellechasse e os meninos iam lá.

CAPITULO II

Rousseau, que havia pouco tinha morrido, era então o philosopho da moda; ninguem tinha lido o *Emilio*, mas todos fallavam n'elle.

M.ma de Genlis decidio que educaria os seus illustres discipulos segundo o methodo de João Jacques.

Isto é, que os faria primeiro homens e depois principes.

Singular previsão dos destinos reservados aos tres irmãos para que Rousseau parece ter escripto estas linhas:

« Sendo todos os homens eguaes, na ordem natural, sua vocação commum é o estado de homem; e quem quer que para esse estado fôr bem educado não póde desempenhar mal os empregos a que se applicar; destine-se o meu discipulo ás armas, á egreja, ao fôro, pouco me importa; antes da vocação dos paes chama-o a natureza á vida humana, viver é arte que eu lhe quero ensinar; ao sahir das minhas mãos, convenho que não será nem magistrado, nem soldado, nem sacerdote, será primeiramente homem, o que um homem deve ser, saberá sel-o, em caso de necessidade, tão bem como qualquer outro, se a fortuna o fizer mudar de logar, elle nunca se achará deslocado.

« Só pensam em conservar os filhos; não basta, devem ensinal-os a conservar-se quando homens, a supportar os golpes da sorte, a arrostar a opulencia e a miseria, viver, se preciso fôr, entre os gelos de Islandia, ou sobre o ardente rochedo de Malta.

« Instruam os meninos dos golpes que um dia terão de supportar, enrijem-lhes o corpo ás intemperies das estações, dos climas, dos elementos, á fome, á sede, á fadiga, mergulhem-nos na agua do Estyge. »

Ó rei creado no exilio e finado no exilio, depois de terdes passado dezoito annos sobre o mais bello thorono do mundo, dizei se a vossa severa preceptora tinha feito de vós essa alma estoica capaz de arrostar a opulencia e a miseria?

Pelo menos era esse o seu fim, por isso que logo reformou os abusos da primeira educação. Nenhum dos dois principes, (o sr. de Beaujolais só lhe foi entregue em 1783.) nenhum dos dois principes tinha ouvido musical, e comtudo tinha um mestre de musica que em dois annos não lhes tinha podido ensinar nem o nome nem o valor das notas.

Foi o mestre de musica supprimido e substituido por mestres de latim, de grego, de allemão, de inglez e de italiano.

Criados que fallavam cada uma d'estas linguas modernas, e que tinham recebido ordem positiva de nunca fallarem francez, foram collocados junto dos principes: almoçava-se em allemão, jantava-se em inglez, ceiava-se em italiano. A mythologia, a physica, a geographia, as sciencias exactas, as leis, o desenho, a agricultura, a cirurgia, a pharmacia, a architectura e as artes mecanicas, completaram esta educação maravilhosa, com auxilio da qual nós vimos o rei, não só independente no exilio, mas depois de principe, depois de rei, fazendo a admiração dos diplomatas com quem fallava em politica, na sua lingua nacional, dos sabios com quem fallava de medicina e pharmacia, emfim, dos commerciantes, dos agricultores e dos artistas, com quem fallava de commercio, agricultura e artes mecanicas.

Recommendando Rousseau aos paes que mandem ensinar

um officio a seus filhos, porisso que os officios devem entrar na educação *do homem*, M.^{ma} de Genlis quiz que o mais velho dos seus educandos aprendesse tres. Nas suas horas vagas o joven duque de Valois foi marceneiro, cirurgião e jardineiro.

Este lado da educação agradava muito aos illustres estudantes, porém não acontecia assim com o lado scientifico; a propria M.^{ma} de Genlis conta nas suas Memorias o muito que lhe custou a fazer com que o duque de Valois tivesse certa applicação.

« Os meninos não sabiam nada, diz ella nas suas Memorias, e o sr. duque de Valois, que tinha oito annos, era de uma inapplicação inaudita; comecei por lhe fazer leituras de historia, não escutava, estendia-se, bocejava e fiquei singularmente surprehendida, á primeira vista, de o vêr deitar-se sobre o canapé em que estavamos assentados, e pôr os pés sobre a meza que estava diante de nós; para que me ficasse conhecendo fui logo pôl-o de castigo, e fiz-lhe entender a razão tão bem, que elle não ficou descontente comigo. »

E não obstante, sempre conforme o dizer de M.^{ma} de Genlis, seu discipulo mais tarde se lhe affeiçoou *apaixonadamente*.

O adverbio lá está escripto.

« Tinha, diz M.^{ma} de Genlis, (é do duque de Valois que falla, porque, como se houvera presentido o seu destino, é d'elle particularmente que ella tracta); tinha um bom senso natural que, logo nos primeiros dias lhe reconheci; amava a razão como todas as outras creanças gostam de contos frivolos, assim que lh'a apresentavam a proposito e com clareza, escutava-a com interesse. Affeiçoou-se-me *apaixonadamente*, porque me achou sempre consequente e rasoavel. »

Se mencionamos este adverbio *apaixonadamente*, é porque n'um pamphleto escripto contra o rei depois da sua quéda, quizeram fazer d'este adverbio uma accusação.

Citando toda a phrase, julgamos ter-lhe restituido toda a innocencia do pensamento que a dictou.

Já o dissemos, e agora o repetimos, não procuraremos ser nem satyrico, nem panegyrista, procuraremos ser historiador.

Não queremos, certamente, fazer M.^ma^ de Genlis melhor do que era, mas não temos direito para a fazer peior.

Dizem que um dia visitando o tumulo de Diana de Poitiers, em Anet, a aia do duque de Valois exclamára: *feliz mulher que foi amada do pae e do filho!*

E d'ahi se concluio que se não havia sido mais feliz do que Diana de Poitiers, ao menos tinha desejado a mesma felicidade.

É pois sobre um adverbio escripto e sobre uma exclamação referida pelo secretario Myris que se baseia essa accusação, que deixaremos de parte, não só porque nos repugna, mas tambem porque está longe de nos parecer provada.

Verdade é que por ahi anda uma carta da aia ao seu discipulo, a qual se conhece que é escripta por uma mulher ferida no coração.

A seu tempo a citaremos.

Foi impressa durante o reinado do rei e sonda profundamente o mais recondito do coração humano.

Finalmente, resultou do modo de ensino applicado aos seus discipulos por M.^ma^ de Genlis, que dentro em pouco se familiarisaram com as tres linguas vivas que aprendiam mais pela pratica do que pela theoria; e que o duque de Valois particularmente se tornava eximio em historia, historia natural e geographia, a ponto de que, quinze annos

mais tarde, pôde entrar como professor no collegio de Reichnau, e assaz perito em cirurgia para abrir uma sangria e applicar o primeiro apparelho sobre uma ferida.

Quanto aos divertimentos, eram tão intelligentemente regulados como o resto.

Duas vezes na semana M.^{ma} de Genlis levava os seus discipulos a Pariz e conduzia-os ao theatro. Ahi tomaram gosto pelos mestres e admiração pelos genios primitivos, gosto e admiração que se exaggeraram talvez um pouco mais tarde no rei que, olvidando as promessas feitas pelo duque d'Orleans, recusou constantemente, assim que subio ao throno, conceder o menos valor ás obras da litteratura moderna.

Este desprezo affectado para com as grandes summidades litterarias do decimo nono seculo custou talvez, no dia 24 de fevereiro de 1848, a regencia á sr.^{a} duqueza d'Orleans e o throno ao conde de Pariz.

O tribuno Lamartine vingou severamente Lamartine o poeta.

É no temperamento que recebeu da natureza, é na educação que recebeu da sociedade, que o historiador deve procurar as causas primitivas dos actos que, no homem particular, teem uma consequencia grave para a familia; que, no homem politico, teem uma consequencia grave para o mundo.

Não deveria porventura o rei aos trabalhos manuaes executados pelo sr. duque de Valois e que comprehendiam a marcenaria, a jardinagem, a encadernação de livros, esse gosto de construcção, de cultura, de mobiliamento interior que custou tanto dinheiro, e que fez do architecto Fontaine o mais assiduo dos seus companheiros de passeio?

Ao mesmo tempo que M.^{ma} de Genlis aperfeiçoava os homens, corrigia os principes applicando todos os seus cui-

dados a cural-os de todas essas pequenas travessuras que fazem as mulheres vaporosas e os grandes caprichosos: graças aos trabalhos, aos passeios, ás visitas ás officinas e ás fabricas, os educandos do auctor de *Adelia e Theodoro* cessaram de temer o calor, o frio, a chuva, a tempestade, a humidade, o ruido, o perigo e quasi a dôr,.

O duque de Valois tinha em creança um horror instinctivo aos cães; o sr. de Bonnard, por consequencia, nos passeios, tomára o costume de fazer ir adiante do principe dois criados a pé encarregados de afastar esses animaes; de sorte que, depois da repugnancia que lhes tinha, o duque de Valois chegou até a não poder vêl-os de longe. Pelo contrario, logo á primeira conversação, M.ma de Genlis tractou d'este objecto, e fez comprehender ao seu educando o ridiculo de similhante receio, e ainda a lição não estava terminada já o principe tinha pedido que lhe trouxessem um cão.

Uma coisa impressionára muito o duque de Valois na historia antiga. Era a anecdota do moço Sparciata que deixou devorar as entranhas por um raposo, sem soltar um queixume, sem soltar um grito. Formára pois elle tenção de, em caso de precisão, ser tão impassivel como um Sparciata.

O caso apresentou-se.

Um dia assistia M.ma de Genlis com o seu discipulo, que então contava treze annos, e era duque de Chartres por morte de seu avô, a uma fundição de prata em casa de um ourives. O duque de Chartres approximou-se tanto que um borbotão de prata fundida lhe queimou a perna; o duque de Chartres não proferio palavra nem deu o menor signal de dôr, e foi a propria M.ma de Genlis, que, por lhe vêr a meia queimada, conheceu o accidente.

Sustentára a palavra que déra a si proprio.

Uma das qualidades notaveis do rei Luiz Philippe, ou antes, duas das suas qualidades notaveis, e deveu ambas, não hesitamos em o dizer, á sua educação, foram: a coragem e a paciencia.

Corajoso, soube arrostar; soffredor, soube esperar.

Além d'isso, no rei, e isto devia ser ainda mais sensivel no principe, pois que n'elle havia juventude, isto é, virgindade de todas as sensações; no principe o primeiro impulso era sempre bom, generoso mesmo, porisso, em quanto o duque de Chartres não foi principe, em quanto o duque d'Orleans não foi proscripto, estas boas inclinações tomaram toda a sua extensão; mas nem sempre assim aconteceu ao duque d'Orleans no Palais-Royal, ou ao rei nas Tuileries. Como estas boas inclinações, coisa singular, mais provinham de uma educação liberal do que de um coração generoso, aquelles que rodeavam o principe, aquelles que aconselhavam o monarcha, combatiam immediatamente essa boa inclinação.

Se se tractava do principe conceder um soccorro de mil francos, reduziam-no elles a quinhentos; se se tractava do rei conceder um perdão completo, commutavam-no elles em galés ou prisão. De sorte que era tirada toda a grandeza do beneficio que a espontoneidade pessoal fizera inteiro e grandioso, e que a suggestão tornava pobre e mesquinho.

Por espaço de dois annos estive encarregado da distribuição das esmolas do sr. duque d'Orleans; dava quasi mil francos por dia, isto é, muito perto da duodecima parte das suas rendas.

Muitas vezes tive occasião de lhe pedir directamente, quando os desgraçados, em nome de quem lhe fallava, estavam reduzidos á ultima miseria, e obtive sempre; quando podia apresentar-me, sem medianeiro, obtinha do duque d'Orleans tudo quanto pedia. Se o negocio era addiado ain-

da que mais não fosse, para o dia seguinte, alcançava metade! se era addiado para d'ahi a dois dias, a terça parte, e assim seguidamente.

Todos quantos rodeiavam o duque, assim como todos quantos cercaram o rei, em logar de se dirigirem a engrandecel-o, só tendiam a tornal-o mais pequeno.

M.^ma^ de Genlis dá muitas provas do bom coração do seu discipulo: a 31 de dezembro de 1778 escrevia-lhe elle:

« Privar-me-hei dos meus passatempos até ao fim da minha educação, isto é, até ao 1.º de abril de 1790, e consagrarei a esmolas o dinheiro que n'elles empregaria. Todos os primeiros mezes decidiremos como o havemos de empregar; rogo-lhe que receba a minha mais sagrada palavra de honra de que assim o hei de praticar. Preferiria que isto fosse negocio só nosso; bem sabe que todos os meus segredos serão sempre os seus. »

E a este respeito, M.^ma^ de Genlis, como um general inscreve as ordens do dia, escrevia no seu diario a apreciação seguinte:

« Direi ao sr. duque de Chartres que ha um anno sobretudo o seu caracter mudou prodigiosamente; nascera bom, torna-se esclarecido e virtuoso: não tem a frivolidade da sua edade, desdenha sinceramente as puerilidades que occupam tantos mancebos, despreza a presumpção, os enfeites, as joias. os ornamentos de todo o genero, o gosto de ser o primeiro a adoptar as modas novas; é desinteressado, despreza o fausto, e é por conseguinte mui nobre; emfim, tem excellente coração, qualidade que póde com a reflexão produzir todas as outras. »

Ao lado de seu irmão mais velho crescem os outros dois principes, o duque de Montpensier, quasi da mesma edade

que o duque de Chartres, e o duque de Beaujolais com mais alguma differença.

Estes dois jovens principes morreram, um em Salthil junto de Windsor, com trinta e dois annos.

O outro em Malta com vinte e oito.

Um anno apenas se delisára entre a duplice morte d'estes irmãos que pareciam tão desejosos de se tornarem a encontrar; o duque de Montpensier morreu em 1807 e o duque de Beaujolais em 1808.

A França conheceu-os pouco, porque sahiram de França antes de serem homens.

Vejamos o que a sua preceptora pensava a seu respeito; o seu diario vae ser-nos n'este ponto de grande utilidade.

Abrimol-o na data de 1791.

«O sr. duque de Montpensier é naturalmente bondoso: só lhe recommendo que se corrija da sua vivacidade; em geral é bom para os seus criados e generoso quando elles carecem dos seus soccorros; porém impacienta-se por bagatellas e diz coisas asperas; se este defeito se tornasse habito, seria uma verdadeira nodoa no seu caracter. A sua ama teve ha pouco o seu bom successo, foi pessoalmente visital-a e deu-lhe todo o dinheiro do seu bolsinho, que podia augmentar o seu bem-estar.

Ha seis mezes, que eu saiba, faz muitas coisas d'este genero, e como devem ser feitas, sem nenhuma ostentação e com extrema simplicidade; além d'isso o seu espirito toma solidez: tomou sempre o mais vivo interesse na revolução, está contente agora por tractar de negocios que lhe dizem respeito, e mostra grande intelligencia.»

O duque de Moutpensier era ao mesmo tempo escriptor e pintor. Deixou Memorias cheias de graça, jocosas, e até

notaveis pelo seu estylo sobre o seu captiveiro em Marselha.

É bem difficil fazer ao mesmo tempo com penna e lapis um retrato mais original do que aquelle que o joven principe traçou do sr. de Conti, cujos loucos terrores vinham distrahir, tanto a elle como a seu pae, dos seus terrores reaes.

Cansado do seu captiveiro na torre de S. João, um dia tentou o duque de Montpensier fugir por uma pequena janella, que tinha uns trinta pés d'altura; porém, tentando ésta evasão, o principe deu uma quéda e quebrou uma perna: encontrado sem sentidos estendido no chão foi conduzido a casa de um cabelleireiro chamado Coriol, cuja filha mais tarde veio a ser sua amante; resultou d'estes amores um mancebo, que tem um logar distincto entre os tabelliães de Pariz; era quasi reconhecido pela casa d'Orleans, cuja libré ainda hoje usam os seus lacaios.

Existiam na galeria do Palais-Royal muitos quadros do sr. duque de Montpensier, e entre elles uma tela mui notavel representando a queda do Niagara.

Quanto ao conde de Beaujolais, aquelles que o conheceram affirmam que tinha coração e rosto de anjo; a alma era revestida de doçura, sensibilidade, rectidão e lealdade; o corpo tinha as fórmas suaves do adolescente: o sorriso divino do poeta e da mulher brincavam juntos em seus labios.

Eis aqui o que d'elle dizia a sua preceptora:

« O sr. de Beaujolais é encantador, a sua amabilidade é sempre completa, nunca vi tanto desejo de bem fazer, a sua affeição não se limita a demonstrações.

« Os seus sentimentos são excellentes, e até me atrevo a dizer que são superiores á sua edade: já annuncia o patriotismo de seus irmãos. Outro dia escreveu-me, tomando-o

por assumpto; este escriptinho é bello para a sua edade; n'elle detalha com clareza e bom senso as razões que o fazem gostar da revolução. e termina-o assim: *eis aqui os sentimentos de Beaujolais.* »

O seu unico defeito era ser teimoso e caprichoso; porém exprimia as razões da sua vontade e as causas do seu capricho com tal firmeza que d'este defeito fazia uma virtude.

Esta virtude era a franqueza, que elle levava a um gráo prodigioso; não ha ninguem que se lembre de ter ouvido o sr. de Beaujolais mentir uma só vez na sua vida.

Quanto a M.ma Adelaide, todos nós conhecemos, tinha uma alma firme, recta e honesta, quando alguem queria fazer com que o rei praticasse alguma coisa boa e grandiosa, coisa para que, apesar de tudo, elle tinha repugnancia, a ella é que se dirigia.

No Palais-Royal fôra a amiga de seu irmão; nas Tuileries foi o seu genio bom; fallecendo no mez de dezembro do 1747, deixou-o isolado na grande crise de 1848.

O duque d'Orleans e M.ma Adelaide eram os dois anjos visiveis do rei.

A providencia tirou-lh'os um após outro.

A Providencia lá tinha os seus fins.

Era uma joven reconhecida, boa, espirituosa, a quem não havia que censurar senão certos momentos de descortezia, certos momentos de zombaria.

D'esta familia de principes foi a unica que gostou de musica.

M.ma de Genlis ensinára-lhe a tocar harpa, e chegára a fazel-o com muita perfeição, para uma princeza, bem entendido.

N'este meio tempo, correndo o anno 1786, M.ma de Gen-

lis perdeu uma de suas filhas; como experimentasse grande dôr por esta perda, o sr. duque d'Orleans tractou de lh'a suavisar, mandando vir de Inglaterra uma menina que elle e M.ma de Genlis amavam *como sua filha;* o pretexto foi dar á princeza Adelaide uma companheira nos seus recreios, que fallasse inglez; porém o fim real foi approximar uma filha de seus paes; esta menina, chamava-se Herminia, seu nome de baptismo; aquelle que escreve estas linhas foi quasi creado por ella; esta joven foi avó da desventurada Maria Capella, que por esta fórma vinha a ser segunda sobrinha do rei Luiz Philippe, posto que por bastardia.

Uma coisa notavel nó sr. duque de Chartres, uma coisa provada por M.ma de Genlis e confirmada pelo proprio diario do joven principe, foi ter durante a sua mocidade uma grande tendencia para os sentimentos religiosos.

Eis aqui o que a este respeito diz M.ma de Genlis:

« Vejo com muita satisfação que quanto mais se adiantam em annos o sr. duque de Chartres e o sr. duque de Montpensier, mais se solidificam os seus sentimentos de uma devoção verdadeira, e de amor pela modestia, castidade e virtude. Atrevo-me a dizer que da sua edade poucos haverão mais puros e mais religiosos, sem pequenez, hypocrisia, porque conhecem bem a religião, e estão verdadeiramente compenetrados da sublimidade e perfeição da sua moral. »

Comtudo, força é dizel-o, todo o vestigio d'essa religião que distinguio os jovens principes ao entrarem na vida, toda a recordação d'esse conforto que a fé em Deus dá nos grandes infortunios, tinham desapparecido quando rei.

Depois de ter sido religioso e crente desde o começo da sua vida, tornara-se, ao avisinhar-se da velhice, quasi irreligioso; a desgraça produzira n'elle o effeito contrário áquel-

le que habitualmente produz, afastára-o do Senhor em logar de o approximar, ou não seria isto antes produzido pela felicidade, pelo exito facil de projectos muitas vezes pouco moraes, pela protecção directa, emfim, concedida pelo céo a uma vida tantas vezes ameaçada, e que se tornára tão providencial que se podia acabar por a attribuir ao acaso?

Mais de uma vez encontraremos no diario do joven principe a expressão d'esses piedosos sentimentos, e nós os sublinharemos para que não passem desapercebidos aos olhos do leitor.

Talvez que classifiquem estes sentimentos como hypocrisia, mas, a nosso vêr, será um erro, em primeiro logar porque aos dezoito annos raras vezes se é hypocrita, e em segundo porque de nada lhe serviria a hypocrisia religiosa n'essa epocha em que não era moda a religião, mas sim a impiedade.

Foi n'essa mesma epocha que o joven duque de Chartres começou como principe uma série de viagens que devia continuar como exilado.

CAPITULO III

Havia muito tempo que o duque d'Orleans, seu pae, estava mal com a côrte, de quem vivia inteiramente separado,

Era grande caçador, e como a sua caçada no bosque de Villers-Cotterets se fosse encontrar ás vezes com a do rei, que caçava no bosque de Compiègne, e que então a etiqueta pedia que elle deixasse a sua comitiva e acompanhasse a do

rei, mandou fazer um muro em roda de Villeres-Cotterets, que lhe custou tres ou quatro milhões.

Era sobretudo com a rainha que o duque d'Orleans se dava peior. Se nos reportarmos ao que elle dizia em certos momentos de despeito, esta inimisade da rainha contra elle provinha de não ter querido corresponder a proposições que, dizia elle, havia obtido melhor resultado do sr. conde d'Artoís.

Esta inimisade de Maria Antonieta manifestou-se principalmente por occasião da batalha de Ouessant.

O duque de Chartres commandava o *Espirito Santo.*

Foi dos primeiros que travou o combate que durou quatro horas. Durante todo este tempo o joven tenente general conservou-se no seu banco de quarto, em mangas de camisa, com o seu cordão azul a tiracollo, offerecendo-se assim a todos os golpes, não só como soldado, mas como principe,

Chegou á côrte a nova da victoria.

Foi a rainha uma das primeiras pessoas que a soube e annunciou-a aos seus intimos, dizendo:

« Todos fizeram o seu dever, menos o sr. duque de Chartres, que por pouco nos não fez perder a batalha. »

Nada auctorisava a rainba a expressar-se por esta fórma. Pelo contrario, o relatorio do ministro da marinha ao sr. de Penthièvre era mui favoravel em relação ao sr. duque de Chartres.

« O sr. duque de Chartres, dizia elle, deu provas de uma coragem fria e tranquilla e de uma presença de espirito admiravel. . . . .

« Sete grandes náos, uma das quaes era de tres pontes, combateram successivamente a do sr. duque de Chartres,

que respondeu com o maior vigor, posto que privado da primeira bateria.

« Um navio da nossa esquadra abandonou o *Espirito Santo* no momento mais critico e soffreu um fogo tão terrivel que ficou absolutamente desamparado e se vio obrigado a retirar-se. »

Este odio de Maria Antonieta fez grande bem ao duque d'Orleans.

A rainha começava a despopularisar-se e por contraposição popularisava-se a sua inimisade.

O rei teve a fraqueza de partilhar essa inimisade para com um homem a quem um mez antes escrevia:

Versailles, 28 de junho de 1778.

« Recebi, meu primo, a carta que me escreveu. O sr. de Sartines apresentou-me os detalhes da sua inspecção. Fiquei muito contente pela maneira como se conduzio e pelo bom exemplo que deu; não duvido da boa vontade que tem pelo meu serviço e ficarei sempre satisfeito com o seu. Vae ter occasião de se exercitar. Estou certo de que tudo se passará bem com a vontade que mostra a marinha e os exemplos que dá.

« Conte sempre, meu primo, com a minha amisade.

Luiz. »

Em logar pois de fazer justiça ao duque de Chartres, em logar de o vingar dos máos ditos da rainha com recepção digna dos serviços prestado, Luiz XVI consentio que o *Te Deum* que devia ser cantado pela victoria de Ouessant, fosse cantado pela gravidez da rainha.

Tendo alguem feito uma saude ao futuro delphim diante do duque de Chartres, respondeu este:

— O filho de Coigny, nunca será meu rei.

Verdade é que á sua vinda de Brest, o principe foi vingado pelo ardente acolhimento que lhe fizeram os parizienses da fria recepção que lhe fez a côrte.

Entrando no seu camarote na Opera, no meio da representação de *Ermelínda*, o actor que estava em scena interrompeu-se, foi buscar uma corôa ao bastidor, e vindo á bocca do theatro, offereceu-a ao principe enderessando lhe directamente estes versos da peça que pareciam feitos para elle:

> Os laureis virentes d'illustre victoria,
> Que nós te devemos, valente guerreiro,
> Recebe, qu'é premio só dado ao valor.
> Valor sobrehumano, valor verdadeiro.

Este triumpho teria podido fazer olvidar ao principe a calumnia da rainha, porém n'um baille de mascaras da Opera, comprehendeu que esta calumnia tinha sido mal soffocada.

Vendo um dominó que tomava por uma mulher, e que todavia era um homem, parou diante d'elle e olhou-o com essa impudencia que a mascara auctorisa.

— Conheço-te, lhe disse elle.

— Então quem sou?

— Uma belleza passada, respondeu o principe.

— Como a sua gloria, senhor, respondeu o mascara.

E dando uma gargalhada perdeu-se por entre a multidão.

O duque de Chartes tinha pois continuado a viver em indisposição com o rei, quando em 20 de setembro, Luiz XVI apresentou em pessoa ao parlamento o decreto que creava o emprestimo successivo que fixava a convocação dos estados geraes para d'ahi a cinco annos; o duque de Chartres, tornado duque d'Orleans por morte de seu pae, assistia a esta sessão; assentando-se então, perguntou ao rei: « se era

mister olhar a sessão d'este dia como sessão do throno ou como uma deliberação livre. »

— É uma sessão real, respondeu Luiz XVI.

— N'esse caso, tornou o duque d'Orleans, peço a vossa magestade que me permitta que deponha a seus pés e no seio da côrte a declaração de que olho este recenseamento como illegal, e que seria necessario, para descargo das pessoas n'elle comprehendidas, acrescentar-lhe: « que foi por ordem expressa do rei. »

Esta apostrophe fez exilar o duque d'Orleans para Villers-Cotterets, e foi causa de que o joven duque de Chartres, que deveria receber o cordão azul aos quatorze annos, como era costume dos principes de sangue, isto é, a 6 de outubro de 1787, só o receber no 1.º de janeiro de 1789.

M.^{ma} de Genlis julgou a proposito aproveitar-se d'este exilio momentaneo do pae para fazer viajar os filhos; como ella é quasi o unico historiador dos primeiros annos do futuro rei de França, feito duque de Chartres no dia em que seu pae tomára o titulo de duque d'Orleans, é dos seus escriptos que extrahimos as particularidades das primeiras viagens dos jovens principes.

A viagem começou por Spa, onde se achava a sr.ª duqueza d'Orleans, a qual, estava tomando a agua da Sauvinière.

De Spa, os jovens principes voltaram a França e pararam em Givet, onde o duque de Chartres passou revista ao 14.º regimento de dragões, de que era coronel proprietario desde 1785; de Givet foram para Sillery. Esta terra, erigida em marquezado, pertencia ao marido de M.ma de Genlis; o qual recebeu os jovens principes com festejos que duraram muitos dias.

O marquez de Sillery foi até ao ultimo momento um dos fieis do sr. duque d'Orleans, e mesmo mais que seu fiel, sua alma damnada.

Depois regressaram a Pariz, e no anno seguinte pozeram-se a caminho para visitarem a Normandia, a Bretanha e a Touraine.

Começaram pela Normandia.

Em Saint-Valery o joven duque de Chartres foi padrinho de um navio que se deitou ao mar. De Saint-Valery foram ao Havre, e do Havre ao Monte S. Miguel.

Desde o decimo sexto seculo, era o Monte S. Miguel uma prisão; o grande rei Luiz XIV, renovando para um pobre gazeteiro de Hollanda o supplicio infligido por Luiz XI ao famoso cardeal La Balue, tinha feito perecer aquelle desgraçado n'uma gaiola.

A differença unica que havia era ter sido de ferro a gaiola de Luiz XI, e de madeira a de Luiz XIV, ter La Balue lá estado onze annos, e haver o gazeteiro morrido dentro d'ella ao cabo de dezoito.

Acrescentemos que Luiz XI tinha algum direito para assim obrar, porque o cardeal estava debaixo da sua mão, em quanto que, com despreso do direito das gentes, Luiz XIV fizera arrebatar o seu gazeteiro aos olhos de toda a Hollanda.

A gaiola de madeira era a mais terrivel tradição do Monte S. Miguel: mostravam-na aos visitantes, contando em voz baixa a historia do grande rei e do pobre gazeteiro.

Tinha tambem tido o mesmo uso no reinado de Luiz XV; porém depois da exaltação ao throno de Luiz XVI, tornára-se uma especie de sala de policia, onde eram mettidos por doze, vinte e quatro, ou quarenta e oito horas sómente, os presos recalcitrantes.

A humidade da masmorra, a escuridão do logar, e mais ainda essa sombria tradição do gazeteiro hollandez, faziam bem depressa entrar na razão os peiores caracteres.

Os principes chegaram ao Monte S. Miguel pelas onze ho-

ras da noite. Como eram esperados, estava o forte illuminado e os sinos repicavam. Não sabemos que effeito fez a vista do forte S. Miguel nos illustres viajantes, quanto a nós que, menos a illuminação e o repicar dos sinos, a visitámos a eguaes horas da noite, poucas vezes vimos em tamanho grão de grandeza, essa magestade sombria que a noite dá ás coisas immoveis.

N'essa epocha, bem ao contrario de hoje, estava o forte vazio e o convento cheio. O prior e uma duzia de religiosos, que substituiam a guarnição, receberam os principes ao fundo dos quatrocentos degrãos que conduzem ao seu convento.

A terra vegetal falta a esse róchedo sobre o qual só póde brotar uma prisão.

Alguns habitantes da unica rua, que pomposamente se chama cidade, teem pequenos jardins que um inverno precoce desnuda ao fim de setembro e que uma primavera serodia faz reverdecer sómente pelo meado de maio.

Os religiosos recebiam tudo de Pontorson, até o pão.

Mas nem por isso foi menos sumptuosa a recepção que fizeram aos jovens principes, a quem apresentaram um excellente jantar. No meio do jantar, M.^me de Genlis, instada pelos signaes dos seus educandos, encetou a famosa questão da gaiola de ferro.

Então o prior explicou á marqueza que a gaiola de ferro era quasi como a mascara de ferro: esta era de veludo, aquella de pão.

Mas por ser de pão não deixava de ser solida, porque era composta de enormes taboas que não tinham de umas ás outras senão tres a quatro dedos de intervallo.

Finalmente, acrescentou o prior, esta gaiola que se nos tornou quasi inutil, fez com que o convento tenha mão renome, e tomei a resolução de a destruir.

Era uma bella occasião que se offerecia a M.^{ma} de Genlis para fazer sobresahir a educação philantropica que tinha dado aos seus educandos: approveitou logo a proposta do prior, e convidou-o para que fizesse uma solemninade d'essa destruição.

A cerimonia foi ajustada para o dia seguinte.

N'esse dia desceram em grande pompa á masmorra, M.^{ma} de Genlis conduzindo os seus quatro discipulos, os carcereiros os seus cinco ou seis presos, os quaes para distracção fôra concedida auctorisação para assistirem á festa.

Além d'estes individuos iam tres carpinteiros que deviam acabar a obra começada pelo duque de Chartres.

Metter em scena este pequeno drama era coisa facil, e tudo se tornava interessante n'este ergastulo lamacento e escuro: os religiosos munidos de archotes foram os primeiros que desceram, e atraz foram M.^{ma} de Genlis e os seus quatro educandos, o prior, os religiosos e as pessoas da cidade convidadas para a ceremonia.

Já em baixo estavam esperando os presos e os carpinteiros.

Acercaram-se todos da famosa gaiola, depois foi um carpinteiro apresentar um machado ao duque de Chartres. que bateu a primeira pancada, dizendo:

« Em nome da humanidade, desfaço esta gaiola. »

Os carpinteiros fizeram o resto.

Ah! como n'este mundo não existe acontecimento, por mais alegre que seja, que não tenha o seu lado triste para alguem, havia um homem que via, com as lagrimas nos olhos, cahir em pedaços a terrivel gaiola; o duque de Chartres vio a tristeza e perguntou-lhe o que a motivava.

— Senhor, responde o bom do homem, sou o porteiro da abbadia, e tirava grande proveito d'esta gaiola, que mos-

trava aos viajantes, contando-lhes a historia do pobre gazeteiro hollandez: destruida a gaiola fico arruinado.

— É justo, disse o duque de Chartres, e devo-lhe uma indemnisação; aqui estão dez luizes, bom homem, e d'aqui em diante, em logar de mostrar a gaiola aos viajantes, mostrar-lhes-ha o logar onde esteve.

Em 1830 o duque de Chartres, assumindo a realeza, recebeu uma deputação da cidade de Avranches, que, no meio da felicitação pela sua exaltação ao throno, intercalou esta recordação, que contava quarenta e dois annos.

O rei respondeu primeiro á felicitação, com essa facilidade que tinha em responder, depois acrescentou:

« Agradeço-vos o terem-me recordado isso que olhei como uma feliz circumstancia da minha vida. Com effeito, n'essa acção dei provas do meu amor pela liberdade e do meu odio pelo despotismo que inspirava a vista d'esse horrivel rochedo.

« Tenho, acrescentou elle, um quadro, que lembra esse acto. »

— Ah! *sire*, não terieis olhado como falso propheta aquelle que vos tivesse dito no fim do vosso discurso:

« Rei popular, tu é que has de tornar a abrir esse convento; tu é que has de povoar essas masmorras, e o soido dos gemidos e dos queixumes que n'ellas farás exhalar de de 1833 a 1848, para o futuro se tornará superior ao retinir da famosa machadada de 1788.

E todavia, *sire*, só esse vos teria dito a verdade no meio dos aduladores que já então vos acercava.

CAPITULO IV

O duque de Chartres destruira a gaiola de madeira de Luiz XIV.

O povo ia destruir a gaiola de pedra de Carlos V.

Um dia enganou-se a realeza, em logar de encerrar os corpos na Bastilha, encerrou as idêas.

As idêas mal comprimidas pelas paredes de quarenta pés de grossura, fizeram desabar a fortaleza, que julgavam inexpugnavel.

O povo entrou pela brecha.

Não foram nem Thuriot, nem Maillard, nem Elias, nem Hullin, que forçaram a Bastilha.

Foram Pelisson, Voltaire, Linguet.

O duque d'Orleans tomára a sua parte em todos estes movimentos, que tinham preparado o grande dia 14 de julho; tão sómente a sua falsa situação o tinha impedido de desenhar bem claramente a sua posição.

Se os Lafayette e os Lameth estavam opprimidos dentro dos seus frakues republicanos, com mais forte razão estaria um d'Orleans, um Bourbon, um principe de sangue, um descendente do quinto filho de S. Luiz.

Por isso esse homem que, em Ouessant affrontára, a peito descoberto e sem outra couraça mais do que o seu cordão azul, as balas de sete navios inglezes, pôz um peito de aço para ir com o povo á egreja de S. Luiz, á frente de quarenta e sete membros da nobreza.

Assim mesmo faltou-lhe o ar; achou-se incommodado; abrio-se-lhe o collete e vio-se-lhe a couraça.

Fizeram outra similhante para Luiz XVI a 10 de agosto, e o rei, por mais fraco que fosse, recusou pôl-a.

É conhecida a palavra de Mirabeau a este respeito, palavra sublime de obscenidade.

Eleito por unanimidade presidente da Assemblèa Nacional, quando se tractou de substituir Bailly, cujas funcções expiravam no 1.º de julho, recusou a presidencia, pensando que quanto mais á vista estivesse, maior precisão teria de tomar um partido terminante e decisivo, porisso preferia o pobre principe estar n'uma posição menos visivel, onde julgava poder dissimular as palpitações do coração e a pallidez do rosto.

Eis ahi porque o partido d'Orleans nunca teve muita força para operar, posto que estivesse bem visivel para ser accusado.

Além d'isso a Inglaterra teve grande parte n'essa accusação.

« Despendei, despendei, dizia Pitt, e sobretudo não me deis contas. »

Ora, este dinheiro, estes milhões, este milhar de milhões que Pitt mandava despender, era não só para fazer a revolução na França, mas para a fazer segundo a alma de Inglaterra, terrivel, sangrenta, infame ás vezes.

Os Inglezes tinham de fazer olvidar uma coisa e de se vingar de outra.

Tinham de fazer olvidar a revolução de 1648, o cadafalso de White-Hall, os onze annos do reinado de Cromwell.

Tinha de se vingar do apoio que a França déra á America na guerra da independencia.

Pitt não queria tão mal a Washington por libertar o seu

paiz, como a Lafayette por ir de curioso libertar um paiz alheio,

Querem saber o que pensava M.^ma^ de Stael, o espirito forte do duque d'Orleans, espirito fraco.

Copiamos.

« Haviam mais descontentamentos do que projectos, mais velleidades do que ambições reaes. O que fazia acreditar na existencia de um partido d'Orleans, era a idéa geralmente estabelecida na cabeça dos publicistas de então, que um desvio da linha de successão, tal como acontecera em Inglaterra, podia ser favoravel ao estabelecimento da liberdade, pondo á frente da constituição um rei que lhe devesse o throno, em logar de um rei que se julgasse por ella despojado.

« Porém o duque d'Orleans era, a todos os respeitos, o homem menos proprio para representar em França o papel de Guilherme III em Inglaterra, e, pondo mesmo de parte o respeito que tinha por Luiz XVI, e que lhe era devido, o que d'Orleans não podia, nem sustentar-se a si proprio, nem servir de apoio a ninguem.

« Tinha graça, maneiras nobres e espirito em sociedade, porém os seus successos no mundo não desenvolveram n'elle mais do que uma grande ligeireza de principios, e quando as tormentas revolucionarias o agitaram, achou-se sem freio e sem força.

« Mirabeau sondou, n'algumas conversações que com elle teve, o seu valor moral, e convenceu-se, depois de o haver examinado, de que nenhuma empreza politica podia ser fundada sobre um tal caracter.

« O duque d'Orleans votou sempre com o partido popular da Assembléa Constituinte, talvez com a vaga esperança de ganhar o primeiro premio, porém esta esperança

nunca tomou consistencia em nenhuma cabeça. Engrandeceu ou assallariou a populaça, mas ainda que assim fosse ou não, é preciso não ter nenhuma idéa da revolução para imaginar que este dinheiro, se dado foi, exercesse a menor influencia.

« Um povo inteiro não é posto em movimento por meios d'este genero. »

« O grande erro dos homens da côrte foi sempre procurar n'alguns factos individuaes a causa dos sentimentos expressados pela nação inteira. »

M.^ma^ de Stael tem razão; os grandes movimentos populares fazem-se por uma necessidade de mudança que em seus trabalhos experimentam as nações.

Os primeiros movimentos são instinctivos, irresistiveis, providenciaes.

Porém os interesses individuaes apoderam-se d'estes movimentos e conduzem sempre as nações além do fim onde queriam chegar.

Portanto os parizienses, tomando a Bastilha em 1789, não queriam certamente nem a prisão, nem o processo, nem a morte do rei Luiz XVI.

Portanto os parizienses bradando « viva a Carta! » em 1830, não queriam nem a quéda de Carlos X, nem a elevação ao throno do duque d'Orleans.

Portanto os parizienses bradando « viva a Reforma! » em 1848, não queriam nem a quéda do rei Luiz Philippe, nem a Republica.

O que queriam em 1789 era uma constituição.

O que queriam era a reivindicação das leis.

O que queriam em 1848 era uma mudança de ministerio.

Os interesses individuaes fizeram o resto.

Em vista d'isto, é nossa opinião que, como a Providencia não póde operar senão por meios humanos, estes inte-

resses individuaes são os meios de que a Providencia se serve.

Como porém os acontecimentos urgem, continuemos a occupar-nos d'elles.

A 10 de julho Lafayette, o homem das iniciativas, o qual passou uma parte da vida a fazer revoluções, emquanto que a outra se consumio em as comprimir, a 10 de julho, Lafayette leu a declaração dos direitos.

A 11 á noite, no meio do seu jantar, Necker recebeu ordem de sahir de França: metteu a carta na algibeira, acabou de comer e, levantando-se da meza, disse esta unica palavra:

— Partamos.

A 12 Luiz XVI nomeou um novo ministerio, e a revolta, ainda ignorante da sua força, ainda mal fortalecida contra o perigo, começou a correr pelas ruas.

Camillo Desmoulins, o unico republicano que então talvez houvesse em França, juntamente com Pétion, era a alma d'esta revolta.

O seu centro era o Palais-Royal, que foi o primeiro que teve o seu club, o circulo social e o seu periodico, a *Bocca de ferro.*

O Palais-Royal teve os seus auctores de moções que enviaram deputações á Communa e á Assembléa.

Foi do Palais-Royal que partiram os homens que iam pôr em liberdade as guardas francezas que estavam presas na Abbadia.

Foi do Palais-Royal que partio essa procissão, que manchára de sangue o Royal-Allemand, e que levára em triumpho os bustos de Necker e do duque d'Orleans.

Foi do Palais-Royal, emfim, que partio esse sopro, que devia derribar a Bastilha.

Onde estava o duque d'Orleans, durante esse dia terrivel?

Atraz d'algum anteparo meio fechado que se abria para uma rua cheia de motim e de tumulto.

Onde estava o duque de Chartres? Oh! quanto a esse, sabemol-o; o duque de Chartres estava com seus irmãos, sua irmã e M.^{ma} de Genlis, no palacio de Saint-Leu. Estavam ahi para representar uma comedia, quando lhes foram annunciar que tinham sido queimadas as barreiras, que o Royal Allemand tinha feito fogo sobre o povo, que as guardas francezas tinham feito fogo sobre o Royal-Allemand, e que marchavam sobre a Bastilha.

Era uma noticia muito importante para que não se interrompesse logo o espectaculo.

Montaram immediatamente a cavallo, metteram-se logo nas carruagens, e os actores nem mesmo despiram os fatos com que estavam representando: um d'elles chegou ao *boulevard* vestido de polyphemo, e, tomado por um aristocrata que escarnecia da situação, esteve quasi sendo feito em pedaços.

N'esta epocha a casa de Beaumarchais, da qual ainda vimos as ruinas, erguia-se no *boulevard*, no meio de um lindo jardim.

Beaumarchais era o amigo do Palais-Royal; M.^{ma} de Genlis conduzio pois os jovens principes a casa do auctor do *Casamento de Figaro*, e foi do terrado d'aquelle que tinha bem contribuido, pela sua parte, para o que se passava, que elles viram a quéda da Bastilha.

Para o duque de Chartres grande prazer foi esta quéda. Um realista que temos á vista, accusa-o de não ter podido a esta vista conter o seu enthusiasmo:

« Não podia estar assentado, batia com os pés e com as mãos, cortejava quantos passavam; emfim, estava em tal delirio, que M.^{ma} de Genlis, que no fundo d'alma não esta-

va menos alegre do que elle, julgou-se obrigada a suspender estas indiscretas demonstrações, reprehendendo o seu discipulo. »

Não somos da opinião do libello realista. Esse enthusiasmo era bom, *sire;* porque não mandastes fazer um quadro d'essa tomada da Bastilha, como o mandastes fazer da destruição da gaiola de ferro do Monte S. Miguel? Talvez que depois de rei, vossos olhos o tivessem encontrado e terieis comprehendido, depois da acção do principe, o que havia de illogico no proceder do rei.

Veio depois do dia 14 de junho à noite de 4 de agosto, e o sr. duque d'Orleans teve a sua parte nos sacrificios d'esta noite.

Renunciou a todas as suas prerogativas como Bailly, Désonière e Wallone.

Porém tudo isto não dava pão á França, e litteralmente a França morria de fome.

Era horrivel!

CAPITULO V

Os presagios terriveis multiplicavam-se annunciando d'esta vez não a morte de um rei mas o fim de uma monarchia.

Havia um anno que não se ouvia fallar senão em desgraças.

A 13 de julho de 1788 uma saraiva horrivel assolára a

a França; todo o territorio de Chartres, o mais rico da França, estava arruinado; quarenta e tres freguezias da ilha de França tinham perdido as suas colheitas; escreviam do eleitorado de Clermon em Beauvoisis, que cincoenta e quatro freguezias não só não tinham com que viver, mas não tinham que semear.

E approximando-se além d'isso o inverno com esses alliados terriveis — a fome e o frio — e que frio? dezesete gráos, o porto gelou em Marselha, o mar gelou em Calais; podiam-se andar duas leguas sobre os gelos da Mancha, como sobre os de um oceano polar.

O Loire trasbordou, o Rhône encheu o seu valle; nas costas de Nantes os peixes morreram, em Lille foram encontrados velhos e creanças gelados na cama; em Pariz seccaram as fontes, por toda o parte os poços se mudaram em gelo, por toda a parte os moinhos d'agua pararam immoveis como se, não tendo mais que moer, inutil fosse a continuação do seu movimento.

Alguns camponezes tentaram comer farello, outros hervas cozidas!

O duque d'Orleans fôra admiravel durante este terrivel inverno, *por calculo*, dizem os historiadores.

Que nos importa isso a nós que julgamos o facto e não o pensamento? Fôra admiravel, repetimol-o, porque mandou distribuir pão e carne ao povo em muitos pontos da capital, e accender grandes fogueiras no pateo do seu palacio; o seu mordomo mandou dizer ao cura de Santo Eustachio o abbade Poupart, que distribuisse, não diremos em seu nome mas por sua conta, mil libras de pão todas as manhãs; duas cocheiras, que pertenciam ao Palais Bourbon, haviam sido transformadas por elle em cosinhas, e grandes peças de assado eram servidas desde pela manhã até á noite aos que passavam mortos de fome.

Seria calculo? É possivel, mas era um calculo sublime no seu resultado, porque salvava a vida a milhares de homens.

Foi durante este terrivel inverno que os animos se exaltaram; estes fogões publicos viram concertar-se entre homens de vestidos despedaçados e de rostos lividos mais de um projecto ameaçador, mas talvez ainda menos ameaçador do que os que se concertavam no circulo do Palais-Royal, no café Foy, ou no gabinete de leitura de Girardin, entre os homens chamados Camillo Desmoulins, marquez de Saint-Huruge, Danton e Marat.

Cessou o frio com a primavera, porém a fome continuou; não estava nada organisado entre a municipalidade e a Assembléa que atacavam e a côrte que se defendia; o povo vivia ao acaso; a sua subsistencia dependia de uma chegada incerta de um barco de Corbeil, de um comboio da Beauce, muitas vezes Bailly á meia noite ainda não tinha senão metade da farinha necessaria para o consumo do dia seguinte, então o pobre astronomo arriscava-se até a ameaçar. Um dia os habitantes de Versailles desviaram um comboio destinado para Pariz.

— Se nos não restituir as farinhas que nos tomaste, mandava elle dizer ao sr. de Necker, trinta mil homens as irão buscar ámanhã.

E as farinhas vinham.

Mas então as distribuições não se podiam fazer senão tarde, esperavam até ás cinco horas da tarde á porta dos padeiros para terem pão; ás cinco horas o pobre tinha perdido o seu dia, tinha jejuado toda a manhã, comeria á noite e seria obrigado a trabalhar todo o dia seguinte para comprar segundo pão, quarenta e oito horas depois de ter comprado o primeiro; tudo isto era horrivel.

As mulheres eram as que soffriam mais, soffriam por

seus maridos, a quem a fome tornava brutaes, por seus filhos a quem a fome tornava injustos.

— Porque me não dás pão quando tenho fome? perguntava o filhinho a quem a natureza ainda não tinha dado a consciencia do pouco poder materno.

Por isso estava eminente uma nova revolução, e conhecia-se que eram as mulheres que a fariam.

Os homens tinham feito os 13 e 14 de julho, as mulheres fizeram os 5 e 6 de outubro.

Todas as faltas de chegada de generos eram attribuidas á côrte.

O comboio de farinhas desviado para Versailles fizera grande bulha; era pois para o rei, para a rainha, para o delphim e para a côrte que Versailles desviava os cereaes que podiam fazer tantas farinhas que elles absorviam: por isso chamavam padeiros ao rei, á rainha e ao pobre delphim, que um dia devia tambem vir a saber que coisa era a fome.

— Se o rei, se a rainha, se o delphim habitassem em Pariz, em logar de habitarem em Versailles, tal não aconteceria.

— Porque não iriam buscal-os a Versailles, para os trazerem para Pariz?

Durante a noite de 4 de outubro, havia talvez em Pariz cem mil pessoas que não tinham comido durante vinte e quatro horas, e cinco ou seis mil a quem outro tanto tinha acontecido por espaço de quarenta e oito.

Na noite de 4, uma mulher correu do bairro Saint-Dénis ao do Palais-Royal, bradando:

— A Versailles! ámanhã a Versailles!

Na manhã de 5, uma joven pegou n'um tambôr e tocou a chamada, quinze mil mulheres se reuniram em redor d'ella gritando: A Versailles!

Sabe-se já qual foi o resultado d'esta terrivel romaria de mão armada, em que o sancto que iam invocar estava ameaçado de morte.

Tres ou quatro burguezes e cinco ou seis guardas de corpo ahi perderam a vida.

Sangrenta expiação do famoso jantar do 1.º de outubro em que a rainha apparecera com o delphim pela mão, com o laço preto na touca.

No meio d'esta orgia um dragão embriagado declarou que era enviado pelo duque d'Orleans para assassinar o rei.

Deu em si um pequeno golpe, e pedio aos seus camaradas que lh'o abrissem mais, o que fizeram, mas deixando-o quasi morto.

Foram os 1.º e 3 de outubro que fizeram os 5 e 6. Mortos Varicuort e Deshuttes á porta da rainha, as suas cabeças levadas para Pariz espetadas em dois chuços foram os medonhos trophéos d'este dia.

O rei levado para Pariz produzio um resultado magnifico.

O duque d'Orleans estava perfeitamente innocente nos movimentos de 5 e 6 de outubro. Trabalhou muito, é verdade, na noite de 5 para 6, porém n'essa noite todos se afadigavam; viram-no por toda a parte da estrada entre Pariz e Versailles; porém ninguem lhe dirigio a menor accusação. Na manhã de 6, em quanto as tropas jaziam ainda envoltas em sangue no pateo de Marmore, appareceu elle n'esse mesmo pateo com a chibatinha na mão e um laço enorme no chapéo.

Porém o seu nome foi pronunciado ao jantar por esse soldado embriagado, pronunciado durante a noite por esse povo esfaimado. Debalde, depois de ter mostrado o seu laço e brincado com a chibatinha, vinha offertar os seus serviços ao rei. O rei voltou-lhe as costas, a rainha accusou-o.

Foram o duque d'Orleans e Mirabeau que fizeram estes dias terriveis, foram elles os responsaveis pelo sangue que veio salpicar a rainha até ao *OEil-de-Bœuf*.

O duque d'Orleans, segundo diziam, aspirava a ser logar-tenente general do reino, e Mirabeau ao ministerio.

Mas que se havia de fazer ao duque d'Orleans? Não era um homem de quem assim se desembaraçassem com uma palavra ou um gesto.

Liége acabava de se revoltar; o povo tinha expluso o seu principe-bispo e apoderára-se do governo.

Era occasião; o principe queria partir para os Paizes-Baixos, para acalmar a insurreição da Austria contra a Belgica; feita a paz, havia para ganhar um bello titulo.

Que diria de um ducado soberano de Brabante?

Foi o sr. de Montmorin que se encarregou de fazer esta proposta ao duque.

Recusou.

Mandaram-lhe então Lafayette.

Mandavam-lhe dizer por elle, graças á sua reputacão de anglo-mania, que lhe estava reservada uma bella posição em Inglaterra.

Lafayette fez-lhe um d'esses discursos ôcos, mas sonoros, como muito bem sabia fazel-os.

— Principe, lhe disse elle, os degráos do throno estão despedaçados, porém o proprio throno ainda existe inteiro, e existirá sempre, porque é o baluarte da Constituição e da liberdade do povo. O rei e a França teem egualmente precisão de paz, e a vossa presença n'estes logares é um obstaculo. Os inimigos da patria, que o são vossos, abusam do vosso nome para desvairar a populaça e evitar desordens. É tempo de pôr termo a estas sedições, a estes arruidos injuriosos. As vossas relações em Inglaterra dão-vos meios de ahi prestardes ao reino importantes serviços; el-

rei encarrega-vos de ahi advogar os seus interesses, e está persuadido de que vos apressareis a corresponder a esta prova honrosa da sua confiança, e a contribuir para o restabelecimento da ordem tirando immediatamente um pretexto aos perturbadores do repouso publico.

Bom desejo tinha o duque de fazer a respeito d'esta offerta o que fizera da primeira, porém d'esta vez não havia meio de recusar; era um bello exilio occulto sob uma missão.

O duque d'Orleans partio.

CAPITULO VI

M.ma de Genlis, a quem o reinado de M.ma de Bouffon, nova amante titular do exilado, não tirára a sua influencia politica, encarregada de velar pelos jovens principes, a quem sem duvida, foi traçado o modo como deviam conduzir-se durante essa ausencia, cuja duração senão podia prevêr.

Portanto é impossivel acreditar que fosse fóra da influencia paterna que o joven duque de Chartres e seus dois irmãos, os duques de Beaujolais e de Montpensier, se apresentaram todos tres com uniforme de guardas nacionaes, no districto de S. Roque, para ahi prestarem o juramento patriotico de que se podiam perfeitamente dispensar, pois que só era exigido aos vinte e um annos.

Não fica ainda aqui. O duque de Chartres assistia com grande exactidão ás sessões da Assembléa Nacional e do club dos Jacobinos.

Um libello realista affirma que o duque de Chartres e

seus dois irmãos se achavam na Assemblea Nacional, na tribuna dos substitutos, no dia em que Pétion e Mirabeau denunciaram o banquete dado ás guardas e aos officiaes do regimento de Flandres.

Será verdade? Eis aqui o que libello diz:

« Os realistas ficaram pasmados, os orleanistas entraram a soltar imprecações, abrasaram-se as cabeças, gritos de sangue se fizeram ouvir. Mirabeau, Sillery, Alexandre de Lameth, Carlos de Lameth, Pétion e Gregorio bradaram com voz tremenda: « A nação precisa victimas! » Os orleanistas que se achavam na tribuna partilharam esta embriaguez, esta sede de sangue. Na dos substitutos, Puget de Barbantane levantou-se bradando em voz alta: « Bem se vê que estes senhores ainda querem lampiões, pois hão de tel os! » Tendo-lhe a esposa de Carlos de Lameth, que estava ao lado d'elle, fallado ao ouvido, repetio com um tom animado: « Bem vê, senhora, que estes senhores ainda querem lampiões! — É abominavel, exclamaram os marquezes de Raignecourt e de Beauharnais que ahi se achavam, atreverem,se a dizer coisas d'esta natureza! » Os duques de Chartres e de Montpensier, filhos do duque d'Orleans, tambem estavam n'esta tribuna. O primeiro, depois da exclamação d'estes senhores, disse-lhe, como quem applaudia, zombeteando:

« — Sim, senhores, sim, ainda são precisos os lampiões. »

O que deixamos referido não prova que o duque de Chartres dissesse as coisas que lhe attribuem, porém ao menos prova que estava na Assembléa n'esse dia.

É verdade que o duque d'Orleans estava ainda em Versailles.

Porém, como já dissemos, estava em Inglaterra quando

o duque de Chartres e seus dois irmãos se apresentaram a 9 de fevereiro no districto de S. Roque, com o uniforme da guarda nacional e, riscando todos os titulos de nobreza que lhe tinham feito addicionar ao nome, acrescentou em seu logar esta simples qualidade:

Cidadão de Pariz.

Certo dia, um publicista tractou o povo de animal feroz, o duque de Chartres, indignando, respondeu a este publicista no periodico de Marat, o *Amigo do Povo*.

No periodico de Marat, isto tinha bastante significação...

Grande inveja tinha ainda de uma coisa o joven revolucionario, que abraçava seu irmão, o duque de Montpensier, no dia em que a Assembléa abolia o direito de primogenitura.

— Estou contentissimo com isto. Porém quando a assembléa não o tivesse feito, tel-o-iamos nós feito.

Desejava entrar nos Jacobinos, porém o passo era serio: sua mãe, essa digna princeza de Penthièvre, a isso se oppunha com todo o seu poder. Verdade é que não era grande esse poder. Dividido entre duas amantes, M.ma de Genlis, o duque de Orleans tinha dado a uma o amor, á outra a influencia.

Todavia essa opposição da duqueza teve em resultado fazer esperar o regresso de seu marido, o qual, depois do oitavo mez de exilio, foi chamado a tempo para reapparecer, no dia 14 de julho de 1790, no Campo de Marte, no festejo da Federação.

Foi alguns dias depois de regressar de Inglaterra que a duqueza d'Orleans escreveu a seu marido a carta seguinte, que achamos assaz importante para não hesitarmos em a citar na sua integra:

« Tem muita razão, meu querido amigo, melhor é que nos escrevamos. Quando se discute com alguem que se ama

um objecto interessante, estão os dois individuos expostos a irritarem-se, e é isso justamente o que precisamos evitar; porque escapam coisas que fazem mal no momento e o fazem ainda depois. Muito folgaria de não tornar a fallar em M.^{ma} de Sillery (M.^{ma} de Genlis), não é a esse respeito a sua impaciencia menor do que a minha. Fallemos pois ácerca de tal pessoa, meu querido amigo, pela ultima vez, porque preciso não só de repouso, mas de gosar dos beneficios que lhe devo. Muito tem feito já pela minha felicidade, concedendo-me os meus filhos um certo numero de vezes por semana. Serão momentos felizes que lhe deverei, e que derramarão grande doçura nos meus dias.

« Não quero voltar ao passado, como lh'o disse já: as faltas de que arguo M.^{ma} de Sillery existem e não podem ser destruidas, nem pelo seu diario, nem por tudo quanto lhe possa dizer: *fui eu que vi e ouvi tudo quanto me desagradou* Só o futuro é que me poderá fazer mudar de tenção a seu respeito, não póde justificar-se; e se eu vír que o seu comportamento e o de meus filhos é tal, como tenho direito de esperar, sou justa, e muito folgarei de olvidar os motivos que ella me tem dado para me queixar.

« Eis aqui, meu querido amigo, o que sinto n'alma, e o que já comecei a esperimentar. M.^{ma} de Sillery enfadou-se ultimamente, o que eu supportei: porém no dia seguinte teve a attenção de me escrever uma carta mui cortez; disse a minha filha que lhe agradecesse e respondi-lhe de uma maneira que o satisfez tanto como a ella; emfim, pelo seu procedimento é que hei de regular o meu.

«Que mais póde desejar, querido amigo? Não digo que lhe restituirei a minha amisade e confiança; depois de tantas offensas que soffreram, é impossivel a approximação a certo ponto; porém M.^{ma} de Sillery póde contar com todas as consideração e signaes de attenção possiveis. Muito folgarei de

poder testemunhar considerações á pessoa que educa meus filhos, não será pois culpa minha se tal não acontecer.

« Deve estar contente comigo, espero-o da sua justiça, porém, repito, não continuemos a discutir sobre a minha maneira de julgar M.ma de Sillery; agora, menos do que n'outro tempo, o posso fazer, porque antes, quando d'ella me affastei, não tentou justifical-a ; só me disse que tinha razões essenciaes que lhe faziam tomar o seu partido. Ao menos lograva fazer-lhe um sacrificio que conhecia ; porém actualmente *diz-me que madama de Sillery faz a sua ventura e que me ama*. Confesso que me matam estas coisas, quando m'as diz.

« Affastemos de nós, querido amigo, tudo quanto possa perturbar a nossa união, e sejamos, como sempre, francos um para o outro. Sabe muito bem que não póde encontrar quem seja tão sua amiga, motivo por que o repito; porém espero que o tenha sempre pensado, e que ninguem possa destruir a confiança que de si espero. Atrevo-me a dizer que sempre a tenho merecido, e muito me penalisaria pensar que houvesse podido suspeitar por um momento que estava mudada. Quem tal lhe mandou dizer tinha certamente razões para acreditar uma coisa desmentida por todo o meu procedimento, porque realmente, nem um só dia se tem passado durante a sua ausencia em que não tenha dado provas da affeição que lhe consagro; porém, como me disse, tinham talvez o projecto de nos desunir...

« Resta-me fallar-lhe de um objecto bem interessante e sobre o qual desejó que saiba a minha maneira de pensar; adivinha que é de M.ma de Buffon que se tracta; confesso-lhe que no principio das suas relações com ella estive desesperada. Acostumada a vêl-o ter caprichos, fiquei assus. tada e profundamente affectada, quando o vi formar um laço que podia tirar-me a sua confiança.

« O procedimento de M.ma de Buffon, desde que a estima, fez-me desenganar sobre as prevenções que contra ella me tinham feito conceber; reconheci-lhe uma affeição tão verdadeira por si, um desinteresse tão grande, e sei que é tão bondosa para comigo que não posso deixar de me interessar por ella.

« É impossivel que alguem que o ame verdadeiramente deixe de ter direitos sobre mim, por isso ella os tem verdadeiros, e póde tambem n'este ponto ser franco para com a sua consorte: repito-lhe, meu caro amigo, o que desejaria, o que faria verdadeiramente a minha felicidade, seria que não tivesse nenhum constrangimento para comigo, e que achasse na sua esposa uma companhia agradavel que o attrahisse e contribuisse para a sua satisfação.

« Disse-me que havia de vir mais vezes a minha casa; lembro-lh'o, porque sou interessada em que não olvide a sua promessa; além d'isso, quero repetir-lhe que terá sempre uma companhia que lhe ha de agradar, porque, prevenindo-me na vespera, terá aquella que mais agradavel lhe possa ser, e dizendo-m'o de manhã, se eu não tiver tempo para a mandar buscar, terá ao menos a certeza de não vêr ninguem que lhe cause desprazer.

« Sabe o que me disse, meu amigo, a respeito da observação que fiz a meu filho; penso que faria bem talvez em lhe dizer que se elle me houvera feito conhecer a sua intenção, eu me teria calado á primeira palavra.

« Não é de certo por que eu mudasse de maneira de pensar, porém se os nossos filhos podem julgar-nos de opiniões differentes, desejo que isto não influa no seu procedimento; similhante coisa muito os constrangeria, e certamente n'este ponto dar-lhe-ia eu o exemplo da submissão.

« Tudo isto deve provar-lhe, meu amigo, que em relação ás coisas que pezam essencialmente sobre a existencia fu-

tura de meu filho, cedo e cederei sempre, porém o passo que quero dar é de um genero muito se rio para que ácerca d'elle não faça ainda representações; é um dever para comvosco, e para com elle.

« Repito-lhe que me causou hontem uma pena mortal, e declaro-lhe que fiquei admirada e penalisada por ter consentido n'um plano d'esta especie sem me ter dito uma só palavra. Confesso-lhe que esperava ser consultada no que diz respeito a meu filho. Se assim não fôr, estou destinada a representar um papel passivo, tendo muita urbanidade e affeição para comsigo para dizer a esse filho que desapprovo o que lhe aconselhou, ou aquillo em que consente, e d'ahi poderiam resultar coisas desagradaveis para um ou para outro, ou mesmo para ambos.

« Esta nullidade não o impressionaria logo; porém quando elle reflectir, ou me julgaria nulla por caracter, e não teria nem confiança nem deferencia para comigo, ou veria que os meus direitos me foram tirados, que essa nullidade fôra forçada. Buscar n'este caso approximal-o de mim, esclarecel-o, seria, de alguma sorte, afastal-o de si.

« Seria pois mister fechar-lhe o meu coração ou correr esse risco: é para mim bem penosa esta horrivel reflexão, porque um ou outro d'estes inconvenientes me affligiria profundamente. Digo-lhe isto, em geral sobre tudo quanto possa ter relação com o seu proceder; quanto a este objecto, elle não poderá ignorar a minha opinião, porque bem certa estou de que meu pae dirá e terá mesmo cuidado de fazer dizer que estou muito descontente de que meu filho vá para os Jacobinos, e talvez exija que lhe diga a minha opinião a elle mesmo, afim de que me não possa arguir um dia de o não ter advertido.

« O senhor mesmo está convencido de que isso tem grandes inconvenientes.

« Examinemol-os nós mesmos, e vejâmos se as vantagens lhes serão equivalentes.

« Repito, se os Jacobinos fossem compostos só de deputados, seriam menos perigosos, porque seriam conhecidos pelo seu proceder na Assembléa, e poderia meu filho precaver-se; porèm como o havemos de fazer acautelar de um montão de homens que ahi teem a maioria, e que são bem proprios para desvairar um mancebo de dezesete annos?

« Se meu filho tivesse vinte e cinco, não estaria inquieta, porque poderia distinguir por si mesmo, porèm aos dezesete annos, lançado n'uma sociedade d'este genero, realmente, meu amigo, não é coisa prudente; e que sejamos nós, que sejam seus paes que, para completarem a sua educação, o mandem para os Jacobinos, parece-me e parecerá certamente a todos uma coisa inconcebivel, e que me faria, na verdade, lastimar que elle houvesse sahido das mãos de M.^{me} de Sillery.

« É para que elle aprenda a fallar que o senhor o quer fazer passar por todos os perigos que não póde deixar de antever e diz-me. meu querido amigo. para me fazer vér estas vantagens, tal como as vê que um famoso orador inglez não o seria se não tivesse aprendido a fallar cedo.

« A isto responder-lhe-hei que é certamente assistindo ás sessões do parlamento e dos tribunaes, que elle aprendeu essa arte, e que o meu filho terá as mesmas facilidades sem ir aos Jacobinos.

« Vá á Assembléa Nacional e aos novos tribunaes, quando estiverem estabelecidos, e por poucas que sejam as suas disposições, ahi aprenderá a arte de fallar como se aprende em Inglaterra.

« E porque não esperariamos a nova legislatura? Poucos mezes tardará, e talvez que n'essa legislatura se apreciem os Jacobinos, como já combinámos.

Apesar d'esta carta, em que a esposa se resigna e a mãe supplica, o duque de Chartres foi bem recebido nos Jacobinos.

Eis aqui como o proprio principe conta esta recepção no seu diario.

Esquecemo-nos de dizer que, por instigação de M.^ma^ de Genlis, o duque de Chartres escreveu um diario das suas acções, idéas ou impressões, dia por dia, desde 23 de outubro de 1790 até 23 de agosto de 1791.

O diario ainda existe e temol-o presente.

Foi impresso em 1800 e reimpresso em 1831.

Tomemos notas d'este diario relativas ao mez de novembro de 1790.

« 1.º de novembro.

« Jantei em Mousseaux: no dia seguinte. Tendo meu pae approvado o meu vivo desejo de ser recebido nos Jacobinos fui apresentado pelo sr. de Sillery.

« 2 de novembro.

« Fui hontem admittido nos Jacobinos, e applaudiram-me muito. »

O joven principe quiz que o seu noviciado não fizesse differença alguma do dos outros membros do club, e por espaço de um mez desempenhou as funções de guarda interno.

Nada d'isto fizera entibiar o enthusiasmo do joven principe pela illustre assembléa, e a prova é ter elle logo querido fazer entrar seu irmão Montpensier.

A 3 de novembro acha-se no seu diario a nota seguinte:

« Pedi que a edade para a admissão nos Jacobinos fosse marcada para os dezoito annos, regeitaram a minha proposta; disse então que tinha interesse n'essa modificação,

porque meu irmão desejava ardentemente entrar na sociedade, e que ainda estava bem longe da edade marcada.

« O sr. Collot-d'Herbois respondeu-me que não importava, que quando se havia recebido similhante educação, se estava no caso das excepções; agradeci-lhe e sahi. »

Não acham que o duque de Chartres não se estreou mal na carreira revolucionaria? Escreveu no periodico de Marat e fez proteger seu irmao por Collot-d'Herbois.

Havia em Marat, e isto comprehende-se, uma especie de convicção do abutre e do tigre.

Mas em Collot-d'Herbois, no máo poeta, no máo histrião no tribuno sempre embriagado, no futuro metralhador de Lyão, no futuro proscriptor de 93!

Era realmente demasiado republicanismo, meu principe, e isto estende-se aos apertos de mão dados aos trapeiros nos dias 5 e 6 de agosto de 1830.

Os Jacobinos, que deviam acabar por fazer cortar a cabeça ao pae, faziam todas as sortes de mimos ao filho.

« 3 de novembro.

« Estive esta manhã na assembléa; á noite nomearam-me membro da commissão de apresentações, isto é, da commissão encarregada de examinar as propostas.

« 9 de novembro.

« Á noite estive nos Jacobinos, nomearam-me censor; soube que tinha sido nomeado membro da deputação encarregada de levar á Assembléa o projecto relativo ao juramento do *Jeu de Paume*. [1]

[1] O juramento do «Jeu de Paume» deveu este nome a ter sido effectuado na sala do «Jeu de Paume,» (Jogo da Pela) que seu dono cedeu a Bailly para ahi se reunir com os communs, e celebrar a sessão que devia ter logar na sala dos tres estados, mas que lhe foi interdicta com o pretexto de preparativos para a sessão real que dois dias depois (a 22 de junho de 1789) se devia celebrar.

Este projecto era a gravura do quadro que representava a famosa scena pintada por David.

Eis aqui uma passagem do diario do duque de Chartres, que pareceria provar que talvez tivesse razão o auctor do libello que o accusa de ter pedido *lampiões*.

Lembre-se o leitor que é o duque de Chartres quem falla, e que o diario foi escripto e sobretudo impresso para sua maior gloria.

« 11 de novembro, sessão da assembléa.

« O sr. Biauzat pedio que se encarregassem as commissõesmilitares e de constituição reunidas de apresentar um projecto de lei sobre a composição da guarda de honra do rei. — O sr. de Beauharnais propôz que o rei não podesse nunca commandar os exercitos em pessoa, e pedio que a sua proposta fosse remettida ás duas commissões já nomeadas. — O sr. Malouet oppoz-se fortemente a estas moções.

O sr. Alexandre Lameth. — Querem sempre apresentar os amigos da liberdade como inimigos do rei.

Os negros gritam. — Sim, sim! teem razão.

O lado esquerdo. — Não, não, os verdadeiros amigos do rei são aquelles que destruiram a antiga ordem do clero e todos os parlamentos, são os que livraram a nação de todas as tyrannias sob que gemiam ha muito tempo. — O lado esquerdo e todas as tribunas applaudiram com transporte. Eu apoiei tambem. O sr. de Cassigny, joven deputado do departamento do Var, e o sr. de La Chêze que estava ao lado d'elle, pediram ao presidente que me fizessem sahir por *eu ter tido a audacia de* apoiar. O presidente encolheu os hombros, eu continuei os meus applausos, e depois pe-

Extrahimos esta noticias da « Hist. da Revol. Franc. » por M. Thieres, e não julgamos fóra de preposito repetil-as n'este logar. em que se falla do juramento sem outra explicação. N. do T.

guei n'uma luneta para vêr quem eram os dois membros que me tinham interpellado, elles gritaram: *fóra a luneta;* o que eu não fiz senão depois de os ter bem visto e reconhecido.

« 19 de novembro.

« Á noite estivemos no theatro, fizeram-se muitas allusões quando Bruto diz:

Deuses, dae-me antes a morte que o captiveiro!

« Toda a sala retumbou em applausos e bravos, todos os chapéos foram ao ar, era uma coisa soberba. Um outro verso acabava por estas palavras:

...... Ser livre e sem rei!

« Ouviram-se alguns applausos, nos quaes eu não tomei parte, nem as pessoas que estavam no camarote. Gritaram logo « *viva o rei!*

« Porém, observando-lhes que o grito só de « *viva o rei* » era inconstitucional, substituiram-lhe o triplice brado que sôa tão bem aos ouvidos patriotas, e na sala bradaram: « *viva a nação, o rei, e a lei, e viva a liberdade!* » Conheceu-se bem, n'esta representação, a maioria dos patriotas sobre os aristocratas; tres ou quatro quizeram applaudir as suas allusões, porém obrigaram-os a calar-se.

« 18 de dezembro.

« Hontem jantei no Palais-Royal, onde estavam as sr.as de La Charve e de Saint-Simon, os srs. de La Charve, de Menou, o jogador, de Thiars, de Bercheny, etc.; não se tractou senão de jogo! emittiam-se ali gracejos de uma aristocracia enfadonha.

« 2 de janeiro de 1791.

« Estive hontem nas Tuileries com o traje da ordem; graças a meu pae, deixou-se a lista aristocrata dos principes,

pares e duques, etc. e foram chamados por antiguidade, á excepção do sr. d'Artois e de sua esposa que o não foram. *Monsieur* tomou o logar quando era principe. O sr. cardeal de La Rochéfoucauld tomou o logar dos cardeaes e não respondeu á chamada. A rainha fallou a meu pae e a meu irmão, e não me disse nada a mim. Ninguem me disse nada, nem o rei, nem *Monsieur*, ninguem finalmente.

« 5 de janeiro de 1791.

«Hontem estive na Assembléa; discutia-se sobre o jury. O sr. Duport não queria que os depoimentos fossem escriptos: os srs. Robespierre e Goupil insistiam para que o fossem. Não se decretou coisa alguma. Ás duas horas tractou-se dos juramentos dos bispos e curas, membros da Assembléa.

« Decretou-se que o presidente, o sr. Eymeri, os interpellaria; elles recusaram o juramento: decidio-se, depois de muitos debates, que o presidente se dirigisse a el-rei, afim de lhe pedir que mandasse executar o decreto ácerca dos membros da Assembléa que não prestassem juramento; sahi de lá ás quatro horas e meia.

« Fui logo a Bellechasse para levar noticia á minha amiga. Ás cinco e meia fomos para a Comedia Franceza; dava-se a primeira representação do *Despotismo derribado,* do sr. Harny; é a revolução posta em acção, a Tomada da Bastilha, etc.

« Esta peça teve o maior applauso; chamaram o auctor e deram-lhe uma corôa.

Esta manhã fui a casa do sr. Harny, porém não o encontrei.

Qne distancia vae do duque de Chartres, indo felicitar o sr. de Harny sobre o applauso que merecera a sua peça, ao sr. duque d'Orleans de 1828, escrevendo sobre as despezas de sua casa? »

« Supprimir as gratificações do sr. Dumas, que se em prega em litteratura. »

Muito maior ainda vos pareceria a distancia, se soubesseis o que era esta peça do *Despotismo derribado* do sr. de Harny.

Extrahimos o seguinte juizo da Historia do Theatro Francez:

« É mister que o delirio da Revolução fosse assás grande para que uma obra tão informe, tão monstruosa, fosse coberta de applausos, e chamasse a concorrencia por tanto tempo ao Theatro-Francez. O auctor fez das armas de fogo um dos seus meios principaes, e tem ao menos o merecimento de ter sido o primeiro que deu, no Theatro Francez, uma *pantomima dialogada*, dizemos dialogada, porque pôz na bocca dos seus personagens todas as phrazes mais pomposas do *Moniteur* e do *Jornal dos Debates*.

« O sr. Harny, auctor de Bastião e Bastiõa, de sociedade com Favart, é só o pae d'esta rapsodia pela qual o povo lhe concedeu uma corôa civica, e cujo applauso attestará á posteridade o estado effervescente em que n'essa famosa epocha nos achavamos. »

Não importa; por má que a peça seja, por mediocre que seja o auctor, o duque de Chartres não se dará por vencido e voltará a casa do sr. Harny até o encontrar.

« 7 de janeiro.

« Estive em casa do sr. Harny, que finalmente encontrei. Abracei-o e testimunhei-lhe, o melhor que pude, o prazer que a sua peça me causou; pareceu-me que elle ficou muito satisfeito com a minha visita.

« Janeiro 8.

« Estive hontem pela manhã na Assembléa, nos Jacobinos

ás 6 horas. O sr. de Noailles apresentou uma obra sobre a Revolução do sr. José Tower. em resposta á do sr. Burke, elogiou-a muito e propôz que me encarregassem de a traduizr.

« Esta proposta foi accelhida com numerosos apoiados.

« Acceitei como um parvo, testemunhando o receio que tinha de não poder satisfazer os seus desejos; entrei em casa ás sete horas e um quarto. Á noite, meu pae disse-me que não queria que eu tal fizesse e que me desligasse no domingo da traducção; hei de executar as suas ordens.

« 10 de janeiro.

« Hontem estive nos Jacobinos com os srs. de Sillery e Voidel. Disse (por ordem de meu pae). que, não me achando em estado de fazer uma obra, só me encarregaria da traducção litteral, e que o sr. Pieyre a redigiria, pondo-lhe o seu nome. Esta proposta foi acceita. »

O sr. Pieyre era secretario do sr. duque de Chartres; tinha feito, ou fez depois uma comedia intitulada a *Escola dos paes*.

« 8 de fevereiro.

« Hontem estive um momento ne Assembléa e depois em casa do sr. Rochambeau para lhe perguntar como poderia eu fazer com que o meu regimento fizesse parte do seu exercito; disse-me que ia pedir cavallaria ao sr. Duportail, porque tinha precisão d'ella, e que me bastava pedir para ir para Béthuna. »

Terminaremos aqui as nossas citações do diario do duque de Chartres. Nada se encontrou n'elle de notavel, como se póde vêr, a não ser esse grande enthusiasmo pela Revolução e esse grande amor pelos jacobinos.

CAPITULO VII

Apressemo-nos a dizer, para não fazermos o duque de Chartres mais democrata do que era, que os Jacobinos de 1791 não se parecem com os Jacobinos de 93.

Não são os mesmos homens, nem as mesmas opiniões; e uma superficie brilhante esconde ainda sombrias e terriveis profundezas.

Ha já n'isso todavia alguma coisa que ná muito que reflectir aos espiritos prescrutadores.

O fundador dos Jacobinos foi Duport, um grande pensador, uma cabeça forte, um homem de especulação e de experiencia revolucionaria. Antes de fundar este club, reunira em sua casa. na rua do Grand-Chantier, ao pé do Templo, alguns homens politicos que conheciam a fundo como elle a politica parlamentar essa velha organisação das revoluções manejada ha muito tempo pelos advogados e pelo povo em favor do governo.

Mirabeau e Siéyès foram só uma vez a casa de Duport. Á sahida olharam um para o outro aterrados.

Politica de caverna, disse Siéyès, e não quiz lá voltar mais.

Por influencia de Duport, iam aos Jacobinos Barnave e Lameth.

Dizia-se que Barnave expressava, e Lameth fazia o que Duport pensava.

Mirabeau baptisára-os de triumvelhacos.

Comtudo os Jacobinos constituem a melhor sociedade de Pariz.

É uma reunião distincta, empoada, garrida, litterata sobretudo.

Além de Duport, Lameth e Barnave, trindade politica do sitio, encontra-se em cada sessão La-Harpe, Chénier, Champfort, Andrieux, Sedaine, Vernet, La Rive, Talma. Lais, o cantor, referenda os diplomas, o proprio duque de Chartres, nol-o disse, é guarda interno, e Laclos, o auctor das *Amisades perigosas*, esse homem negro, cujo sorriso é tão caustico, Laclos, o agente directo do duque d'Orleans, tem a seu cargo a secretaria, em quanto que Maximiliano de Robespierre é o orador.

De todos estes homens, um só devia servir de laço, dos jacobinos de 91 para os jaçobinos de 93, entre os falsos e os verdadeiros jacobinos.

Era Robespierre.

E os jacobinos futuros, aquelles que apparecerão á medida que os outros se forem sumindo no abysmo revolucionario, são Saint-Just, Couthon, Collot-d'Herbois, Tallien, Sautene, Henriot, Lebas, Carrier, Garat, Rourome.

Vê-se que esta segunda assembléa se não parecia com a primeira.

Acaso previa a pobre duqueza d'Orleans esta segunda camada occulta sob a primeira, quando supplicava a seu marido que não conduzisse seu filho aos Jacobinos?

Não, certamente, não via senão o esfriamento successivo de seus filhos por ella e o seu amor crescente por uma estranha.

« Como nós vamos, agora que está bom tempo, escrevia o duque de Chartres, a 25 de fevereiro, recomeçar as nossas viagens, preveni minha mãe de que não poderia ir jantar a sua casa senão duas vezes por semana; ficou

muito satisfeita, e disse-me que o que me agradasse a mim seria sempre do seu agrado, e que estava bem certa de que eu iria jantar a sua casa sempre que podesse; porém que não queria que me incommodasse. »

Ao mesmo tempo o duque de Chartres escrevia a M.^ma^ de Genlis:

«O que mais amo no mundo é a nova Constituição e a vós. »

Foi o ultimo golpe dado no amor materno da pobre duqueza; deixou subitamente Pariz e foi refugiar-se em Eu, junto de seu pae; foi d'ahi que requereu separar-se de seu marido, fundando o seu requerimento sobre a differença de opiniões politicas e religiosas, sobre a ruina da fortuna de seu esposo e sobre o seu odio por M.^ma^ de Genlis.

Então tocou a M.^ma^ de Genlis deixar Bellechasse; porém, como succedera a Luiz XV, por occasião do desterro do seu preceptor, o sr. de Fréjus, foi M.^ma^ Adelaide que cahio tão seriamente doente de pezar, que se viram obrigados a tornar a chamar M.^ma^ de Genlis.

Todas estas dissensões internas causaram grande pena ao joven duque de Chartres, o qual escreveu no seu diario as linhas seguintes, que são uma imitação do estylo de Rousseau, em que se encontra toda a sensibilidade affectada dos escriptores da epocha.

« 22 de maio de 1794.

« As desgraças que experimentamos ha seis semanas, os desvellos que consagrei a minha irmã, as minhas occupações, vindo para o meu novo aposento, fizeram-me suspender este diario. Vou continual-o. Darei conta de todas as minhas acções e até mesmo de todos os meus sentimentos; lendo isto, ler-se-ha na minh'alma, e coisa alguma será omittida, nem boa, nem má.

« Ha perto de um anno, a minha mocidade dá-me combates continuos, soffro muito, porém este soffrimento não tem amargura; pelo contrario, faz-me antever um venturoso porvir.

« Penso na felicidade que fruirei quando tiver comigo uma mulher amavel e gentil, que me dê um meio legitimo de satisfazer estes ardentes desejos de que estou devorado. Bem sei que este momento ainda vem longe, mas emfim ha de chegar, eis aqui o que me alimenta; se assim não fosse, succumbiria, entregar-me-ia a todos os desvarios dos mancebos.

« Ó minha mãe! quanto vos abençôo por me terdes preservado de todos estes males inspirando-me sentimentos de religião que fazem a minha força!.. »

A quem julgam que se enderessava esta exclamação, ó minha mãe? Á duqueza d'Orleans, não é assim? Desenganem-se. Era a M.^ma^ de Genlis, era á amante de seu pae, era a essa mulher, que era, com a nova Constituição, o que o joven duque mais amava no mundo.

Que singular idéa teve o principe de fazer imprimir este diario em 1800, e de o fazer reimprimir em 1831!

Emquanto se passavam, no interior da casa do duque d'Orleans, os diversos acontecimentos de familia que acabamos de narrar, os acontecimentos politicos caminhavam com esse passo fatal que conduzia a França a 93, e o rei a 21 de janeiro.

Necker demitte-se e retira-se como fugitivo, elle que um anno antes fôra chamado como vencedor; os parlamentos são supprimidos.

A Assembléa prevenida pelo rei de que os emigrados promoviam, entre os principes allemães, disposições hostis, ordena que se elevem todos os regimentos ao pé de

guerra e que se recrutem cem mil soldados auxiliares para serem repartidos pelos regimentos.

Esta ordem foi seguida de uma outra que determinava a todos os coroneis proprietarios que se unissem aos seus regimentos, sob pena de demissão.

Em consequencia d'isto o duque de Chartres partio a 14 de julho para Vendôme, onde estava o seu regimento.

Era o 14.º de dragões, o qual tinha o nome de Dragões de Chartres.

Chegára a 15 e começára a 16 o seu serviço militar.

O duque de Chartres fazia este serviço com enthusiasmo, segundo parece, porque lemos no seu diario:

« 16 de junho.

« Levantando-me esta manhã ás quatro horas e tres quartos, ás seis horas fui a todas as cavallariças, com o tenente coronel.

« 17 de junho.

« Estive esta manhã nas cavallariças; não estavam lá nenhuns officiaes; sempre lá deve estar um; os dragões mostraram-me boa cara.

« 18 de junho.

« Esta manhã, nas cavallariças, ás seis horas, todos os officiaes estavam no seu posto. »

Tornemos aos Jacobinos; é sabida a quantidade de clubs. de que a venda principal, a loja Mãe, cobrira a provincia.

Os Amigos da Constituição de Vendôme eram uma filial da Sociedade de Pariz.

« 19 de junho.

« Estive nos Amigos da Constituição, não estavam lá os presidentes, nomearam-me presidente interino; apresentei muitas difficuldades, disse que não podia demorar-me muito

tempo, que tinha umas cartas que escrever, tudo foi inutil, foi mister presidir, presidi. »

Agora se o leitor não está sufficientemente instruido dos sentimentos revolucionarios do joven principe, consinta que lhe ponhamos á vista esta nota de 20 de junho:

« Esta manhã ás seis horas, nas cavallariças, chovia a cantaros; ao sahir de uma das cavallariças do sr. Martin, encontro o sr. Lagondie, que me disse: « Como, senhor, vem ás cavallariças com similhante tempo? »

« — Senhor, nada me suspende quando cumpro o meu dever.

« — Mas não deve expôr-se tanto; mais valeria que os dragões o vissem com menos frequencia.

« — Não vejo razão para isso.

« — É muito perigoso fazer perder aos dragões esse temor que lhes inspira o seu cordão azul, e o pensamento de que sois um Bourbon.

« — Longe de pensar que seja perigoso fazer perder aos dragões o temor de que falla, muito desejo que o respeito seja consagrado á minha pessoa e não a essas *futilidades*.

« — Com futilidades é que se levam os homens. Se me fosse permittido dar-lhe um conselho sobre o club, dir-lhe-ia que no seu logar não teria recusado esse logar de distincção qne lhe queriam dar, porque me parece de um perigo eminente que esteja assentado no mesmo banco ao lado de um dragão. Isto habitua-o a olhal-o como um seu egual.

« — *Mais depressa comeria eu esta cadeira do que receberia uma distincção qualquer. Detesto-as* e nunca acreditarei que sejam necessarias para a disciplina de um regimento. Declaro-lhe que respeito tanto um antigo militar que tenha

o signal dos serviços prestados á patria, como desprezo aquelle que passa a vida nas antecamaras para obter um cordão azul; eis aqui a minha opinião sobre as distincções honorificas, o senhor tem a sua, não posso mudar a minha, portanto mudemos de conversa. »

O duque de Chartres escrevia esta nota a 20 de junho, isto é, na vespera do dia em que o rei devia sahir de França.

Preso o rei em Varennes, por Drouet, filho do mestre de postas de Saint-Menehould, voltou a Pariz reconduzido pelas povoações armadas e acompanhado por Barnave, Latour-Mouburg e Pétion.

Sabe-se o effeito que esta fuga produzio para toda a França; a Assembléa suspendeu o rei das suas funcções, e como julgassem que era uma punição bem leve para tão grande falta, o *Patriota francez* publicou as linhas seguintes:

« Confundam-se os oitenta e tres departamentos e declarem que não querem tyrannos, nem monarchas, nem protectores, nem regentes, que são sombras de reis, tão funestas á causa publica como a sombra de Bohom Upas, que é mortal. Nomeando um regente, accende-se a guerra civil, e mais depressa se combaterá por um senhor da sua escolha do que pelos libertados. »

Já se vê que se o *Patriota francez* era d'esta opinião, dez outros periodicos eram de parecer contrario, muitos eram inclinados á regencia, alguns eram de parecer que ella se désse ao duque d'Orleans.

O principe publicou esta declaração no periodico *A Assemblea Nacional*.

« Tendo lido no vosso periodico, numero 689, a vossa opi-

nião sobre as medidas que se deviam tomar, depois do regresso d'el-rei, e tudo quanto vos dictou a meu respeito a vossa inteira justiça e imparcilidade, devo repetir-vos o que declarei publicamente, a 21 e 22 d'este mez, a muitos membros da Assembléa Nacional, que estou prompto a servir a minha patria, no mar e na terra, na carreira diplomatica, n'uma palavra, em todos os postos que exigirém zelo e uma dedicação sem limites ao bem publico, *porém que, se se tracta de regencia, renuncio, n'este momento e para sempre, aos direitos que a constituição a ella me dá.*

« Ousararei dizer que depois de ter feito tantos sacrificios ao interresse do povo e á causa da liberdade, não me é permittido sahir da classe dos simples cidadãos, onde me não colloquei senão com a firme resolução *de ahi me conservar sempre, e a ambição seria em mim uma inconsequencia indesculpavel.*

« Não é para impôr silencio aos meus detractores que faço esta declaração, demais conheço que o meu zelo pela liberdade nacional, pela egualdade, que é o seu fundamento, alimentaria sempre o seu odio contra mim; desprezo as suas calumnias, o meu procedimento provará constantemente quão absurdas e negras ellas são; porém era do meu dever declarar n'esta occasião os meus sentimentos e as minhas resoluções irrevogaveis, afim de que a opinião publica se não apoie sobre uma base falsa nos seus calculos e combinações relativas ás novas medidas que poderiam vêr-se obrigados a tomar. 26 de junho de 1791. — L. P. J. d'Orleans. »

Durante este tempo, o duque de Chartres fazia mais do que protestar contra os projeetos ambiciosos que lhe podiam ser attribuidos, salvava dois ecclesirsticos da ira do povo e tirava da agua um homem que estava prestes a afogar-se.

Eis aqui como o proprio duque de Chartres dá conta d'esta ultima acção:

« 3 de agosto de 1791.

« Que feliz dia! Salvei a vida a um homem ou contribui para lh'a salvar. Esta tarde, depois de ter lido algumas paginas de Pope, de Metastasio e de Emilio, fui tomar banho: estava-me enchugando assim como Eduardo, quando ouvi gritar: *quem me acode que me afogo!* Corri logo, assim como Eduardo que estava um pouco mais distante; cheguei primeiro; já se lhe não viam senão as pontas dos dedos; peguei-lhe na mão que apertou a minha com uma força inexprimivel, e pela fórma que elle me agarrava, ter-me-ia feito afogar, se Eduardo não tivesse chegado e lhe não houvesse sustido uma perna, tirando-lhe por esta fórma a possibilidade de se agarrar a mim.

« Levamol-o assim para bordo: elle mal podia fallar, comtudo testemunhou-me muito reconhecimento assim como a Eduardo.

« Penso, com prazer, no effeito que esta noticia produzirá em Bellechasse.

« Nasci sobre uma estrella bem feliz, apresentam-se-me as occasiões, de fórma que não tenho mais senão lançar mão d'ellas.

« O individuo que esteve para morrer afogado é o sr. Siret, residente em Vendôme, engenheiro de pontes e calçadas.

« Vou-me deitar bem contente. »

E tendes razão, principe. é muito perante Deus a vida de um homem salva por outro homem. E isto faz-nos olvidar que não pensaes senão em Bellechasse e nem um momento em Eu, em M.^{me} de Genlis, e não em vossa mãe.

Segue-se uma série de notas sobre o juramento: quatro

officiaes dos dragões de Chartres se recusam a prestal-o, os srs. de Lagondie, Bouillon, Damonville e Montureux.

« De um d'elles tenho eu muita pena, diz o duque de Chartres, é do sr. de Montureux. Porém isto diminue muito a prevenção favoravel que eu tinha concebido por elle, porque não gosto de um homem que prefira outra coisa á sua patria.

« Ás duas horas e meia fui acordado por uma deputação de Montoire, que não queria conceder guia aos officiaes sem minha permissão. respondi que não podia concedel-as a esses senhores, pois que já se não consideravam officiaes, e que tambem me não podia oppôr á sua partida, porque nenhuma auctoridade para isso tinha. Esta manhã está tudo tranquillo, todos os dragões estão no seu posto, assim como os officiaes ajuramentados; ás dez horas e meia fomos ao terrado da abbadia. »

No terrado o duque de Chartres pronunciou um discurso, que não chegou ao nosso poder.

« Depois, continúa o principe, li o decreto e o officio ministerial que vinha junto; pronunciei o juramento e immediatamente os dragões, com os capacetes nas pontas dos sabres soltaram os brados de *assím o juramos!* acompanhados de vivas, de um lado, *á nação!* e de outro *aos dragões!* Posto que estivesse um tempo detestavel, estavam comtudo muitos espectadores.

« Retiramo-nos no meio dos applausos de todo o povo.

« Depois de jantar fui a Montoire com o sr. Roussel.

Fiz prestrar egual juramento aos dragões; houve o mesmo enthusiasmo que em Vendôme, os mesmos vivas. os mesmos applausos. »

« Agosto 26.

« Antes de hontem reunimo-nos no Mail; vieram todos os guardas nacionaes; cada um de nós deu o braço a dois, e assim fomos para a abbadia; apresentaram-me o morrão para lançar fogo á peça que devia dar o signal da festa, dei o tiro, depois pozeram-se á meza; tomei tambem logar e achei-me ao lado de um homem embriagado; dirigiram-me cantigas depois de jantar, e os granadeiros, apesar das vivas instancias e da minha resistencia, levaram-me ás costas em derredor das mezas. Quizeram pôr-me sobre um estrado, onde estavam as bandeiras e os nossos estandartes e em balde me esquivei; lá me pozeram, mas por pouco tempo, porque me deitei logo para traz; levantaram-me, precipitei-me para o meio d'elles, estando decidido a tudo, menos a conservar-me sobre o estrado. »

Sire, em 1830, estivestes sobre um estrado mais perigoso do que aquelle onde não quizestes estar em 1791; por isso, quando vos precipitastes, a quéda foi mais terrivel.

CAPITULO VIII

« 1.º de agosto de 1791.

« Magnifico dia, vivam os dragões! Não ha em França outro regimento como este, com homens assim faremos uma boa recepção aos miseraveis que tiverem a audacia de entrar em França, e a patria será livre, ou com ella morreremos. »

O duque de Chartres escrevia estas linhas no seu diario

mortal, dezoito mezes antes que a historia escrevesse estas no seu livro eterno.

« 4 de abril de 1793.

« Tendo o general Dumouriez presumido demasiadamente dos seus meios e da sua influencia, e não podendo obrigar os soldados do seu commando a entrar em França e a marchar sobre Pariz, de accordo com os austriacos, evade-se do seu quartel general, estabelecido nos banhos Saint-Amand, e refugia-se nos pontos avançados dos inimigos, acompanhado pelo duque de Chartres-Orleans. »

Veremos n'esta data como esta fuga se operou, e que influencia teve esta acção do filho sobre o destino do pae.

Ó vida dos principes, mixto singular de contradicções, cheia de projectos leaes e de acções fataes, em que o homem propõe, em que o destino dispõe, em que o historiador fluctua eternamente entre a censura e a indulgencia, e em que tomando a penna para julgar como Tacito, acaba por ser obrigado a contar pura e simplesmente como Suetonio.

Comtudo a acção do duque de Chartres, salvando a vida a esse homem que estava prestes a perecer nas ondas, produzira o seu fructo. O sr. Siret, n'um impulso de reconhecimento bem natural, escrevera para o club de Vendôme uma carta em que contava o facto com todos os seus pormenores.

O presidente do club mandou n'esta occasião um artigo para todos os periodicos, com a copia de um discurso do principe, sobre a abolição das ordens.

Eis aqui o discurso:

« Senhores, tendes conhecimento do decreto que supprime toda a ordem, todo o signal exterior, que supponha distincções, de nascimento, e espero que me tenha feito a jus-

tiça de acreditar que sou muito amigo da egualdade para não ter apoiado este decreto com satisfação.

« Deixei pois immediatamente e com o maior prazer esses signaes frivolos de distincções, a que por tanto tempo se ligou uma consideração que só ao merito é devida, e que d'ora ávante só elle obterá.

Este ultimo decreto, no momento em que se prepara a revisão dos trabalhos da Assembléa, deve fazer-nos esperar que manterá como constitucional tudo quanto ella declarou a respeito dos titulos e da nobreza, e que os francezes livres e eguaes, só serão distinguidos pelos serviços prestados á patria. Para elles é que serão reservados distinctivos verdadeiramente honrosos, os signaes por onde logo se poderão reconhecer aquelles que teem direitos á estima publica: tanto desdenhava eu aquelles que só devia ao acaso do meu nascimento, quanto um dia me hei de glorificar dos outros, se fôr tão feliz que tenha occasião para os merecer, só d'elles ha mister o meu zelo pela causa publica, porque se, á falta de acções tão estrondosas que attrahaiam sobre mim as vistas da patria, bastarem para obter esses signaes de honra, sentimentos bem conhecidos e uma vida inteira unicamente dedicada ao seu serviço, tenho a plena confiança de que d'elles me hei de tornar digno. »

Além d'isso, o corpo municipal de Vendôme decidio que, para que a recompensa fosse completa, se concederia d'ahi ávante uma corôa civica a qualquer cidadão que salvasse o seu similhante.

Por um effeito retroactivo d'esta decisão, a primeira corôa foi offerecida ao duque de Chartres.

Dois processos verbaes, em data de 10 e de 11 de agosto de 1791 consagram esta solemnidade.

Todavia, a 6 de julho, o imperador Leopoldo II, por uma

carta datada de Padua, convidava os soberanos estrangeiros a unirem-se-lhe para declararem que todos elles olhavam a causa do rei christianissimo como sua propria, e que pediam que este principe e sua familia fossem immediatamente postos em plena liberdade; que se reuniriam para vingarem fortemente todos e quaesquer attentados ulteriores; que finalmente não reconheceriam como leis constitucionaes legitimamente estabelecidas em França senão aquellas que fossem acompanhadas da sancção voluntaria do rei, na posse de uma perfeita liberdade; porém que pelo contrario, empregariam de accordo todos os meios ao seu alcance para fazerem cessar o escandalo de uma usurpação de poder que teria o caracter de uma revolta declarada e cujo funesto exemplo importaria a todos os governos da Europa reprimir.

Era uma verdadeira declaração de guerra. A Assembléa Nacional acceitou-a, e o duque de Chartres recebeu ordem de partir para Valenciennes.

— Oh! exclamou elle ao receber esta ordem, tenho agora felizmente a certeza de servir a minha patria, e de não errar uma cutilada.

A 14 de agosto, o duque de Chartres sahio de Vendôme, parou em Pariz, inscreveu-se a 17 no registro da Sociedade dos seus queridos jacobinos, e tomou a estrada de Valenciennes, onde o aguardavam, visto a antiguidade da sua patente de coronel e as funcções de commandante de praça.

A 27 de agosto, como o joven principe tomasse posse do seu novo posto Leopoldo II e Frederico Guilhérme reunem-se em Pilnitz e, em presença do sr. de Calonne e do marquez de Bouillé, emittem a declaração seguinte:

« Tendo suas magestades ouvido o desejo e as represen-

tações de suas altezas *Monsieur* e o conde d'Artois, irmãos do rei de França, declaram conjunctamente que olham a situação em que actualmente se acha o rei de França um objecto de interesse commum a todos os soberanos da Europa; julgam que este interesse não póde deixar de ser reconhecido pelas potencias, cujos soccorros são reclamados, e que por conseguinte não recusarão empregar, conjunctamente com suas magestades, acima mencionados, os meios mais efficazes, relativamente ás suas forças, para pôrem o rei de França em estado de firmar na mais perfeita liberdade, as bazes de um governo monarchico, egualmente conveniente aos direitos dos soberanos e ao bem estar da nação franceza. Então, e n'este caso, suas magestades o imperador e o rei de Prussia estão resolvidos a operarem promptamente de mutuo accordo com as forças necessarias para obterem o fim proposto em commum. No entretanto, darão ás suas tropas as ordens convenientes para que estejam promptas a pôrem-se em actividade.»

Ao mesmo tempo, a Assembléa Nacional, de 3 a 13 de setembro, terminava o acto constitucional, conhecido depois debaixo do titulo de Constituição de 91, e a 14 de setembro dirigia-se o rei á Assembléa, prestava juramento a essa constituição, e obrigava-se a mantel-a com todo o poder que lhe era delegado.

O duque de Orleans, pois, tivera occasião de fazer na Assembléa Nacional uma nova profissão de principios.

A 24 de agosto precedente, tinha-se discutido a posição dos membros da familia real.

O paragrapho apresentado pela commissão dizia que não poderiam exercer nenhum dos direitos de cidadão activo.

Este paragrapho forneceu ao duque de Orleans occasião para o rebater com um discurso de perfeito cidadão.

— Só tenho uma palavra a dizer, exclamou elle, sobre

a segunda parte do artigo que vos é proposto, é que ha poucos dias o regeitastes directamente.

Quanto á qualidade de cidadão activo, pergunto se é ou não para vantagem dos parentes do rei que vos propõe prival-os dos direitos. Se é para sua vantagem, um artigo da vossa commissão a isso se oppõe formalmente, e esse artigo, eil-o aqui:

« Não ha para nenhuma parte da nação nem para nenhum indivíduo nenhum privilegio, nem excepção ao direito commum de todos os francezes. »

Se não é para vantagem dos parentes do rei, sustento que não tendes direito para operar d'esta sorte. Declarastes cidadãos francezes aquelles que nascessem em França de pae francez; ora, foi em França e de pae francez que nasceram os individuos de que se tracta; no projecto das vossas commissões quizestes que, por meio de condições de facil desempenho, todo o homem no mundo se possa tornar cidadão francez; pergunto se os parentes do rei são homens...

Dissestes que a qualidade de cidadão francez se não podia perder senão por uma renuncia voluntaria, ou por condemnações que suppoem um crime. Se pois não é um crime, ao meu vêr, ter nascido parente do monarcha, não quero perder a qualidade de cidadão francez, senão por um acto livre da minha vontade.

E não me digam que serei cidadão francez; porém que não poderei ser cidadão activo, porque antes de empregar esse miseravel subterfugio, seria mister explicar como póde ser cidadão francez aquelle que, em nenhum caso nem condição, póde exercer os direitos como tal.

Seria preciso explicar por que extravagancia o parente mais affastado do monarcha não poderia ser membro do

corpo legislativo, ao mesmo tempo que o parente mais proximo de um membro do corpo legislativo póde sob o titulo de ministro exercer toda a auctoridade do monarcha.

Demais, não julgo que as vossas commissões queiram privar nenhum parente do rei da faculdade de optar entre a qualidade de cidadão francez e a expectativa do throno, quer proxima, quer distante. Concluo, pois, dizendo-vos que espero que registreis pura e simplesmente o artigo das vossas commissões; porém, no caso de que o adopteis, declaro que deporei na repartição competente a minha renuncia formal aos direitos de membro da dynastia reinante, para conservar os de cidadão francez.

O duque d'Orleans desceu da tribuna no meio de applausos, e depois de um discurso de Sillery e de Robespierre, a Assembléa decretou que os membros da familia real não seriam privados dos seus direitos de cidadão.

Duas outras questões, consequencia d'estas, foram resolvidas em sessão permanente.

1.º Poderão occupar logares de nomeação do poder executivo?

Resposta. — Sim, excepto no ministerio: não commandarão o exercito e não serão encarregados de embaixada senão como o assentimento do corpo legislativo.

2.º Serão designados sob uma denominação particular, e qual será essa denominação?

Resposta. — Os membros da familia real chamados á successão eventual ao throno, usarão do nome que tiverem nos seus autos de nascimento com a qualificação de principes francezes.

Os autos, que provem legalmente seu nascimento, morte e casamento, serão submettidos ao corpo legislativo e deposto nos seus archivos.

Esta decisão reservava, sem o assentimento do corpo le-

gislativo, um commando para o duque de Chartres no exercito.

Em logar de um, obteve dois.

A 11 de setembro foi nomeado tenente general e governador de Strasbourg.

Tinha desoito annos.

Acceitou a patente de tenente general, porèm recusou o cargo de governador de Strasbourg.

Foi então, conforme o seu desejo, reintegrado no exercito de Metz, sob as ordens de Kellermann.

O joven principe apressou-se a ir tomar posse do seu posto, e a apresentar-se diante do seu superior, que o mirou da cabeça até aos pés, e vendo a sua edade, não pôde deixar de dizer:

— Com a fortuna, senhor, é o primeiro official general de dezoito annos que vejo! Como diabo fez para ser official general?

— Nasci simplesmente filho d'aquelle que o fez coronel, respondeu o joven duque.

— Está bom, se assim é, respondeu Kellermann, muito folgo de o ter debaixo das minhas ordens.

Passava-se isto pelo fim de outubro, e já se tinha começado a campanha, ainda que feliz, porque principiára pela retirada ou antes pela derrota de Quièvrain, e pelo assassinato de Theobaldo Dillon.

No mez de março de 1792, o duque d'Orleans, que estava na classe dos almirantes desde 1779, partira para Lorient, onde se preparava uma revista geral dos officiaes de marinha.

Foi durante esta viagem que elle soube que a 20 de abril de 1792, Luiz XVI se dirigira á Assembléa Legislativa para declarar a guerra a Francisco 1.º, rei de Bohemia e de Hungria.

Apressou-se então a dirigir-se ao ministro Lacosto, afim de que sollicitasse do rei um commando para elle.

— Conhece o meu zelo pela Constituição, dizia elle, que não me permitte conservar-me n'este momento, em que a guerra está declarada, n'uma inactividade verdadeiramente custosa para todo o bom cidadão.

Este pedido não teve outro resultado senão uma recusa.

Comtudo o duque d'Orleans insistio; então o rei respondeu ao ministro que advogava a sua causa:

— Pois que vá para onde quizer.

O duque d'Orleans aproveitára a permissão por mais graciosa que fosse, e partira com o seu terceiro filho, o conde de Beaujolais, para se ir unir ao exercito.

Foi n'este momento que teve logar a desgraçada batalha de Quiévrain ; os dois filhos mais velhos do duque d'Orleans ahi receberam o baptismo de fogo, e o sr. de Biron na sua participação dizia, fallando ácerca d'elles :

« Os srs. de Chartres e de Montpensier marcharam comigo como voluntarios, e expozeram pela primeira vez o peito ás balas com a maior tranquillidade e firmeza. »

Foi em vista d'esta participação e depois d'esta batalha, que o duque de Chartres foi nomeado marechal de campo.

D'ahi passára com uma brigada de dragões debaixo das ordens de Luckner para o campo da Magdalena, e apresentára-se a 17 de junho diante de Courtray, onde de novo fizera conhecimento com as balas inimigas.

Courtray foi tomada de assalto.

É o momento em que Dumouriez vae apparecer no exercito do Norte.

Este homem teve tão grande influencia no destino do principe, cuja historia escrevemos, que nos será permittido di-

zer algumas palavras a seu respeito, e mostrar em que circumstancias elle deixava o ministerio e cheagva ao exercito.

CAPITULO IX

Grandes acontecimentos tinham occorrido em Pariz depois que o duque de Chartres, na sua passagem por esta cidade, escrevera o seu nome no registro dos jacobinos.

Estes acontecimentos tinham tomado o nome de suas datas.

Chamavam-se o 20 de junho, o 10 de agosto, os 2 e 3 de setembro.

São demasiadamente conhecidos para que nos demoremos em fallar a seu respeito.

D'elles tinham resultado a prisão do rei no *Templo*.

A creação do tribunal revolucionario.

Um unanime e terrivel desejo de correrem para a fronteira.

No meio de tudo isto Lafayette quizera representar o papel de Monk; por um meio astucioso excitára o seu exercito a restabelecer a Constituição, a desfazer o 10 de agosto e a restituir o rei ás Tuileries.

Por felicidade o seu exercito tinha sido surdo ao chamamento á rebellião, e vendo-se perdido passára a fronteira; por felicidade tambem os austriacos o tinham prendido e mandado para os carceres d'Olmutz.

Senão fosse a sua prisão,, Lafayette teria sido um trai-

dor, nem mais nem menos, como sete ou oito mezes depois o devia ser Dumouriez.

A Assembléa accusou-o.

O commando do exercito de Leste foi dado a Dumouriez, e o do Norte a Kellermann,

Foi pois no exercito do Norte que o duque de Chartres, como vimos, se apresentou a Kellermann.

Dumouriez fizera tudo quanto lhe coubera no possivel para impedir estes grandes acontecimentos, que produziram a queda do rei.

Revelára-se com a nova Assembléa um novo partido, o da Gironda.

Bobespierre, que julgára dominar a Assembléa pelos jacobinos, vira de repente espalhar-se por sobre os bancos, que elle e seus collegas acabavam de deixar, toda essa deputação de advogados, de poetas, de publicistas, que chegavam a Pariz com um coração recto, idéas ardentes, e uma coragem a toda a prova.

A Mirabeau morto, a Barnave esmagado, succedera Vergniaud.

A gironda, em menos de seis mezes, obtivera a maioria, e a rainha vira-se obrigada, por occasião da queda do sr. de Narbonne, a nomear um ministerio girondino, apesar da repugnancia que tinha em sujeitar-se a esta imposição.

Porém no momento de nomear o seu ministerio, os girondinos tinham-se visto quasi tão embaraçados como a côrte. A tribuna, n'este momento, era um posto mais importante que o ministerio. Porisso ella queria conservar os seus oradores para defenderem o seu ministerio.

Por consequencia concordaram em um ministerio mixto.

Dumouriez para os negocios extrangeiros;

Clavière para as finanças;

Roland para o interior.

Estes eram os da gironda.

Os outros tres ministros, Duranton, de Grave e Lacoste; o primeiro da justiça, o segundo da guerra e o terceiro da marinha não tinham importancia.

Tractemos de Dumouriez.

É o unico que temos realmente necessidade de fazer conhecer aos nossos leitores.

Dumouriez, nascido em 1733, era n'esta epocha um homem de cincoenta e oito annos; o gesto rapido, andar decidido, e olhar chammejante, roubavam-lhe dez annos á primeira vista.

Era um homem de talento, de que as circumstancias fizeram um homem de intriga, porém nunca poderam tornar um homem de genio; soldado desde a edade de dezenove annos, esforçado a ponto de loucura, coberto de ferimentos que recebera um dia em que, rodeado de inimigos, recusára render-se; fidalgo, mas d'essa nobreza de provincia sem influencia na côrte, passára os primeiros trinta annos da sua vida, ora no exercito, onde ganhava custosamente cada um dos seus postos, ora na sombra d'essa diplomacia não reconhecida, que trabalhava junto da diplomacia reconhecida de Luiz XI. É verdade que no tempo de Luiz XVI se tinha engrandecido ligando o seu nome a essa obra nacional que XVI emprehendeu, que Napoleão acabou, e que se chamava o porto de Cherbourg.

Emfim, chegára ao poder, porém faltava-lhe, para se sustentar essa qualidade tão rara em todo o tempo, e que parece tornar-se cada vez mais rara — a consciencia.

Tinha pois chegado ao ministerio dos negocios estrangeiros acompanhado por Clavière e Roland.

Discutio-se muito sobre Dumouriez.

Era realista, constitucional, girondino, ou jacobino?

Era tudo isto, ou nada d'isto, era ambicioso.

Fôra o ministerio Dumouriez que declarára a guerra á Austria.

Sabe-se por que terrivel fatalidade começou esta guerra, — uma derrota e um assassinato.

A derrota de Quiévrain e o assassinato de Dillon.

Em troca dos guardas reaes licenciados, depois dos 5 e 6 de agosto, fôra dada ao rei uma guarda constitucional.

Estando perto do rei, esta guarda nacional tornára-se quasi realista.

Por isso se espalhára o boato de que esta guarda nacional se tinha regosijado muito com a nova da derrota de Quiévrain.

Se alegre estava a guarda nacional, Pariz, pelo contrario, estava muito triste; estava sombrio e ameaçador.

Uma declaração de Bazire, e outra de um soldado da guarda constitucional, chamado Joaquim Murat, de que o tinham querido comprar a peso do oiro e envial-o a Coblentz, o que elle, bom patriota, recusára, fez com que a guarda constitucional fosse licenciada e os postos das Tuileries entregues á guarda nacional.

A derrota de Quiévrain não fôra pequeno golpe dado no ministerio Dumouriez, por isso lhe foi preciso expulsar o seu ministro de La Grave á maneira de bode emissario.

Foi substituido pelo coronel Servan, creatura de Roland, ou antes da sr.ª Roland.

Não se enganem na significação d'esta palavra. Ninguem desconfiará da castidade da mulher que, tendo um refugio manifesto em um homem, que disseram ser seu amante, em logar de correr para este refugio, assentára-se junto do berço de sua filha, e ahi esperou que a fossem prender.

Tres dias depois da entrada de Servan no ministerio, propunha a Assembléa, sem ter dito uma só palavra aos seus collegas, por occasião do proximo anniversario da Federa-

ção, que se reunisse em Pariz uma força de vinte mil voluntarios.

Este acto de Servan atacou ao vivo a ambição de Dumouriez. Tornava-se impossivel qualquer reacção militar ou realista, tendo elle aliás tido a esperança de subir um dia ou outro em que Lafayette cahissse.

Esta força de voluntarios, isto é, de homens dedicados á revolução, matava de um golpe esta esperança.

Por isso a côrte se pronunciou contra esta força.

A gironda cansou-se d'esta lucta eterna e resolvendo romper por uma só vez com o rei, promulgou, a 27 de maio, um decreto de oppressão contra os padres refractarios,

O decreto é concebido n'estes termos:

« A deportação terá logar dentro de um mez para fóra do reino, se fôr pedida por vinte cidadãos activos, approvada pelo districto, pronunciada pelo departamento. O deportado receberá tres libras por dia para gastos de jornada até á fronteira.»

Promulgado este decreto, a côrte não podia conservar a sua mascara constitucional.

Se o rei o appprova, é girondino como a gironda.

Se o rei lhe põe o seu *veto*, depõe a mascara e declara-se rei dos padres e dos emigrados.

Se abdica, fica a meio caminho, e a revolução prosegue só a sua marcha.

O rei toma o pretexto de uma carta publicada pelo ministro Roland para o obrigar a pedir a sua demissão.

Roland pedio-a ; porém ao mesmo tempo Clavière e Servan, isto é, a pura gironda, pedem conjuctamente a sua demissão.

O rei contava com Dumouriez.

Se Dumouriez ficasse, ainda se podia luctar: Dumouriez era a espada do rei.

Dumouriez consentio em ficar, porém fez as suas confissões.

Era mister affectar conservar-se girondino esmagando a gironda.

Era coisa difficil. mas não impossivel.

Eis o meio que Dumouriez propôz.

Sanccionar o decreto dos vinte mil homens; sanccionar a deportação dos padres e organisar um ministerio com o qual, fingindo ceder o terreno á gironda, se podesse com o tempo recuperar o terreno perdido.

Propôz Naillac para os negocios estrangeiros, Vergennes para as finanças, Mourgues para o interior, reservando para si a verdadeira força, o ministerio da guerra.

Porém, depois de Dumouriez ter acceitado e affrontado a ira da Assembléa, peior n'essa epocha para os generaes que o fogo dos campos de batalha; depois de haver abrandado essa ira fazendo entender que a questão contra Roland, Clavière e Servan era toda pessoal e provinha da publicação da carta de Roland; depois de ter affirmado que o rei era sempre girondino no coração e de se ter declarado com força, como prova do que avançava, para fazer ratificar ao rei os dois decretos, o rei declarou a Dumouriez que consentia em sanccionar o decreto dos vinte mil homens de voluntarios, mas que a sua consciencia religiosa se oppunha absolutamente a que sanccionasse o decreto da deportação dos padres.

Dumouriez sentio-se perdido como ministro. Só lhe restava um recurso, uma remissão, era salvar a França como general.

No dia seguinte pedio a sua demissão, em troca da qual recebeu ordem de ir para o exercito.

Tinha, pois, como dissemos, ido para o exercito, e em que momento!

Quando a Vendéa se sublevava, quando Longwy estava sitiada, quando Valenciennes era bombardeada, Verdun abria as portas e enviava pelas suas mais puras e formosas virgens flôres ao inimigo.

É verdade que Beaurepaire dêra um tiro em si para se não render; é verdade que Pariz estava compromettida pela carnificina de setembro; é verdade que a França toda impellia seus filhos contra o inimigo, como uma trincheira viva, que se lhe oppunha.

Apesar d'isso porém o inimigo só estava a tres ou quatro dias de marcha de Pariz.

Aconteceu então uma coisa feliz para Dumouriez, foi que, julgando-se severamente o ministro, se apreciou o homem de guerra: foi que se separou a politica do general; foi que se comprehendeu que pondo lhe na mão a espada do general em chefe, venceria logo, ainda que fosse em proveito da Revolução.

Que resultou d'ahi? Foi vêr-se Dumouriez, assim que chegou á fronteira, rodeado sinceramente pela gironda, isto é, por Vergniaud, pelos jacobinos, isto é, por Robespierre, pelos franciscanos, isto é, por Danton.

E comtudo os girondinos odiavam-no, porque elle os tinha enganado.

Os jacobinos odiavam-no, por que elle os tinha constantemente combatido.

Danton odiava-o, como odiava tudo quanto era aristocratico que sobrevivesse ao antigo regimen.

Comtudo os girondinos foram-no procurar na sua humilde posição do exercito do norte, e d'elle fizeram um general em chefe.

Os jacobinos approvaram a sua nomeação.

Emfim Danton enviou-lhe o alento com Fabre d'Églantine, e a força com Westermann.

Com Fabre d'Églantine á sua esquerda e Vestermann á sua direita, Dumouriez combatia entre o 20 de junho e o 10 de agosto.

Dumouriez não era, porém parecia ser o homem da Revolução.

Finalmente a situação physica, se assim se póde dizer, parecia desesperada, mas a situação moral andava de cabeça levantada.

CAPITULO X

Longwy fôra tomada, porém pela traição de alguns officiaes realistas; Verdun abrira as suas portas, mas pelo terror de alguns burguezes; Beaurepaire protestára contra essa capitulação dando um tiro em si, e o joven official encarregado de levar ao rei essa capitulação, o qual a recebia com rosto triste talvez, mas com o coração alegre, este joven official entregou-lh'a com uma voz tão commovida, com olhos tão banhados de lagrimas que o rei lhe perguntou como se chamava.

Chamava-se Marceau.

Perdera todas as suas bagagens e fôra obrigado a entregar o seu sabre.

— Que indemnisação deseja? perguntou o rei.

Então a voz do mancebo animou-se e seccando-se-lhe as lagrimas nos olhos, respondeu:

— Um outro sabre, *sire*.

Foi-lhe dado, e quatro annos depois morreu no posto de general em Altenkirchen.

Por isso Brunswick bem sentia isto quando esteve oito dias em Verdun; sentia bem isto quando respondia aos emigrados impacientes por se recolherem, e que o instavam para avançar.

« Espero os realistas, cujo soccorro me promette, as suas deputações não tardam certamente por ahi; sim, vi sahirem ao nosso encontro raparigas e flôres, é verdade, mas não basta, quereria vêr tambem homens e pão. »

Em logar d'isso, o que via era o auctor do famoso manifesto.

Via seiscentos mil voluntarios que marchavam para a fronteira, mal armados, mal vestidos, mal alimentados, é verdade, mal cheios de enthusiasmo e de vontade de combater e de morrer.

Ouvia o antigo *Ça ira*, e a nova *Marselheza*, nascida expressamente para ser o cantico triumphal de Valmy.

A respeito d'esse famoso manifesto, mui pouco contente estava esse pobre duque de Brunswich; ao principio não gostára muito d'elle, não quizera escrevel-o, nem assignal-o.

Querem saber como a coisa se fez? Perguntem-no a um livro intitulado: *Carlos d'Este, ou Trinta annos da vida de um soberano*, eis aqui o que n'elle acharão:

« Os imigrados francezes tinham pedido e obtido do rei de França, que então se achava junto do seu exercito, que lançasse contra a França republicana um manifesto capaz de levar o terror ao seio das suas Assembléas.

« Os ministros de Frederico Guilherme e os generaes que rodeiavam a sua pessoa, de accordo com este monarcha,

incutiram no duque de Brunswick a idéa de que na qualidade de generalissimo do exercito do rei, era d'elle que este acto devia dimanar.

« O duque experimentou uma viva repugnancia em o fazer; porém crendo que era do seu dever obedecer ás ordens positivas do rei, consentio em assignar o manifesto, cuja minuta lhe apresentavam. Assignou a copia d'ella, passada a limpo depois de mal a percorrer com os olhos, por assim dizer, de confiança, não pensando que fosse possivel desconfiar da lealdade do rei; porém este acrescentára-lhe á minuta o famoso paragrapho pelo qual se fazia declarar ao duque que, se os francezes não consentissem em depôr as armas e em receber o rei Luiz XVI, faria queimar Pariz e mandaria executar um homem de cada dez da povoação. »

O duque, quando se publicou o manifesto, vendo que tinham acrescentado este paragrapho, pedio a sua demissão ao rei: este não a quiz acceitar, e por tal guisa se humilhou ante o duque, que pôz este ultimo na impossibilidade de persistir em um partido que teria compromettido aos olhos do mundo a honra da causa que tinha jurado servir nobremente.

Quem era Bruswick? Quem era o homem ás mãos do qual estava entregue a fortuna do rei e da coalisão, sua alliada?

Brunswick era um principe soberano, que trazia a sua pequena corôa fechada no meio das grandes corôas reaes e imperiaes de que era o braço armado; era velho, sabia muto e como todos que muito sabem, tambem duvidava muito.

Verdade é que havia um deus em que elle tinha uma fé absoluta; esse deus era o prazer, e estava collocado entre o seu grão-sacerdote e a sua gran-sacerdotisa, Leopoldo se-

gundo e Catharina II: Leopoldo succumbira, Catharina parecia pelo contrario ganhar cada vez mais forças.

Por mui sabio que fosse, Brunswink ignorava uma coisa toda material, toda physica, é que as mulheres vivem do que mata os homens.

Conservára-se elle esforçedo, espirituoso, experimentado, porém enfranquecera-se lhe o cerebro e a vontade: morrera, ou para melhor dizer, estava agonisante antes de ter visto a luz.

Dissera, fallando da campanha de França: *foi um passeio militar*, e para esse passeio militar se convidára Frederico Guilherme, e convidára os seus duques e os seus principes, que ainda hoje não sabem se são verdadeiros soberanos ou sómente grandes vassallos da Prussia ou do Santo-Imperio.

Do numero d'estes principes era o duque de Weymar; como Brunswick, tinha a honra de trazer um rei no seu sequito, rei do pensamento, é verdade, mas que ao menos sabia que não dependia senão de Deus.

Era Goëthe, que, no meio de todo este apparato militar, de toda esta vozeria guerreira, compunha esse cathecismo de duvida, que se chama Fausto, obra fraca e incoherente da composição, como todas as obras de Goëthe, porém maravilhosa de detalhes.

E o grande poeta compunha-o sem desconfiar que tambem Deus compunha ao mesmo tempo o seu Fausto e o seu Mephistopheles. A differença era simplesmente que este Fausto chamava-se Napoleão e o seu Mephistopheles Talleyrand.

Os primeiros capitulos dos dois Faustos deviam apparecer ao mesmo tempo, e acabar tambem quasi ao mesmo tempo.

Ó demonios de pés cochos, dizei qual ficou mais deses-

perado, se Fausto vendo Margarida decapitada no Broken, se Napoleão vendo a França estrangulada em Waterloo?

E esse bom duque de Brunswick, além do seu manifesto, tinha commettido uma grande falta para um homem de talento: em logar de dar a palavra ao rei da poesia, isto é, a Goëthe, deixava que a tomasse o rei da materia, isto é, Frederico Guilherme.

Eis aqui o que dizia este rei:

« Perguntam-me o que vou fazer a Pariz? (elle julgava já lá estar.) É bem simples, eis aqui o que lá vou fazer: Vou restituir ao rei a realeza, aos padres as egrejas, *aos proprietarios as propriedades.* »

A phrase era bem ordenada, *sire,* e o academico mais escrupuloso não encontraria n'ella coisa alguma que notar.

Porém o povo era outra coisa: *Restituir aos proprietarios as propriedades.*

Sabeis a que vos comprometties, sr. Frederico Guilherme, como então vos chamavam os jacobinos francezes? Comprometties-vos a rotear uma floresta mais vivaz, mais cheia de arvores e de raizes do que essa famosa floresta de Tasso, em que cada arvore fallava e derramava sangue pela ferida que lhe abriam.

Comprometties-vos o fazer divorciar o aldeão como á sua propria esposa. Ha um anno que os nossos camponezes se casaram com a Terra, e houve d'ella uma filha, que se chama a Liberdade.

Ha um anno, sr. Frederico Ghilherme, fez-se uma França nova, uma França de que não desconfiaveis, a qual se compunhe dos compradores em primeira mão, que venderam a outros, os quaes já tornaram a vender. As propriedades repartidas em lotes foram divididas em parçellas e as par-

cellas subdivididas em atomos. Ide pois tirar das mãos do camponez essa porção de terreno, em que são interessados, elle, o pae, o filho e a pessoa que emprestou o dinheiro, tomando-a por hypotheca.

É impossivel, sr. Frederico Guilherme, e notae que coisa mais simples ainda se vae passar.

Notae que Dumouriez aguarda vos nos desfiladeiros de Argonne.

Além d'isso o céo está de intelligencia comnosco: uma chuva, a chuva de 1792, tão providencial n'um outro ponto de vista, como vinte annos depois o será o gelo de 1812, uma chuva incessante cahe sobre os prussianos, desfaz-lhe a terra debaixo dos pés, fal-os enterrar em lama.

Sim, sem duvida, essa chuva e essa lama existem assim para os franceses como para os prussianos!

Mas que differença, diante do inimigo tudo se retira e se arma, o aldeão começa por esconder os seus generos; pega na espingarda, se a tem, n'uma foice ou n'um forcado se tem uma ou outra coisa.

É verdade que restam as uvas Champanhe, as uvas de setembro: isto é, a dysenteria e a morte.

Diante dos francezes, pelo contrario, cheios de enthusiasmo nacional, todas as portas se abrem, todas as fornalhas se accendem; máo pão, má cerveja, é verdade, mas tudo offerecido, comido e bebido de boa vontade.

Demais, havia um não sei que de cavalheiresco n'este Dumouriez, um não sei que, que participava do antigo e do novo regimento ao mesmo tempo.

Dois ajudantes de campo mui donosos, dois hussards de verdes annos, e guapos, bons nos bailes, bons na batalha, as meninas de Fernig e junto d'ellas para as protegerem contra a mais leve calumnia, seu pae e seu irmão; eis a parte que respeita ao antigo regimen, um criado, Renaud

de que fez seu ajudante de ordens eis a parte que respeita ao novo.

E sabeis, rei Frederico Guilherme, sabeis o que acaba de fazer esse exercito de vagabundos, de alfayates e de remendões? Acaba de fazer em pedaços Charlat, que matou a princeza de Lamballe, e que lhe levou a cabeça espetada n'um chuço.

Fel-o em pedaços, dizendo: « Todos nós somos homens de bem, não queremos nas nossas fileiras nem facciosos nem setembristas.

Homens d'estes são bem fortes quando teem a este ponto a consciencia da sua pureza.

Digamos uma palavra ácerca de Charlat, por que esta palavra que vamos dizer se liga á historia do duque de Chartres.

A cabeça, depois de ter sido levada ao Templo, foi levada ao Palais-Royal; o duque d'Orleans estava á meza com M.^ma^ de Buffon, essa boa e excellente creatura a quem perdoava tão christãmente a piedosa duqueza; obrigaram o duque a levantar-se e a ir á janella saudar os assassinos.

M.^ma^ de Buffon, ignorando o que se passava, acompanhou-o; depois, encarando o medonho trophéo, retirou-se da janella, cobrindo os olhos com as mãos e exclamando:

— Meu Deus! não tarda que tambem assim tragam a minha cabeça pelas ruas!

CAPITULO XI

Viera tambem para este exercito uma outra força de voluntarios de Châlons, gente de sacco e corda, uivando contra Dumouriez: *Morra o aristocrata! morra o traidor!* pensando que este brado acharia no exercito um grande echo.

No dia immediato ao da sua chegada, o general ordenou uma revista; pôz os recemchegados entre a sua cavallaria, de sabre em punho, e a sua artilheria de morrão acceso, e disse-lhes simplesmente:

— Ha entre vós bons e máos, ha homens de bem e malvados, extremae-vos vós mesmos, e expulsae os facinorosos, senão, mando-vos acutilar e metralhar a todos immediatamente; não quero no meu exercito nem assassinos nem carrascos.

No dia seguinte, estavam os máos expulsos, e só restavam em torno de Dumouriez aquelles que eram dignos da victoria.

E, digamol-o aqui, esse exercito de Dumouriez, assim escolhido, foi admiravel!.. Admiravel no combate, admiravel depois da batalha.

Vejâmos primêiro a batalha e a parte que n'ella tomou o duque de Chartres.

Dois homens tinham soltado dois gritos bem differentes e que todavia, concorreram ambos egualmente para a salvação da França.

Danton bradára: É preciso metter medo aos realistas! e os assassinios de setembro se effectuaram.

Vergniaud bradára; *A patria está em perigo!* e cem mil voluntarios tinham corrido para a fronteira.

Porém força é dizel-o, o que muito contribuio para salvar a França, foi a energica vontade de Dumouriez.

Todos os generaes queriam a retirada e concordavam em defender a linha de Marne; elle teimou em defender a linha de Argonne, vasta floresta que separa da Champagne miseravel o rico districto de Metz, de Toul e de Verdun. Quem é que tão forte o tornava, para assim luctar sósinho contra todos? Era Fabre d'Églantine e Westermann, já o o dissemos, o pensamento e o braço de Danton,

Escreveu para Pariz:

« A Argonne ha de ser os Thermopylas da França, com a differença, porém, de que os hei de defender melhor e com mais felicidade do que Leonidas. »

No dia immediato áquelle em que escrevera estas linhas, defendeu mal uma passagem, e essa passagem mal guardada esteve quasi deitando tudo a perder; elle mesmo o diz nas suas Memorias.

A 14 de setembro, a sua ala esquerda foi batida na Croix-aux-Bois, e o duque de Brunswick, invadio a Champagne.

A 17 de setembro, occupou o campo de Santa- Menehould, e adiante d'elles os prussianos estabeleceram sobre as collinas esse campo a que se deu o nome de campo da Lua.

Assim collocados, os prussianos estavam duas leguas mais perto de Pariz do que Dumouriez.

Os prussianos julgavam ter mettido uma lança em Africa.

Isolámol-os, diziam elles, (elles é que ficavam isolados.) Isolados da Allemanha d'onde lhe vinham os viveres, não tinham nem pão, nem vinho, nem lume, que o exercito de

Dumouriez, lesto, activo, cheio de enthusiasmo, encontrava na casa do aldeão.

Comtudo esperava-se Kellermann. Kellermann, velho soldado alsacio, veterano da guerra de sete annos, desesperado por o terem posto sob as ordens de Dumouriez, não só se não apressava a cumprir as ordens que lhe tinham sido dadas, mas até as executava conforme o seu capricho.

A 19, unio-se-lhe Kellermann, mas em logar de se apoderar das alturas de Gisancourt, passou o ribeiro de L'Oeuve, e dirigio-se para a eminencia de Valmy.

Foi ahi que na manhã de 19, Dumouriez o achou acampado com duas divisões, a primeira commandada pelo general de Valence, a segunda pelo duque de Chartres.

Kellermann e Dumouriez reunidos contavam setenta e seis mil homens sob o seu duplice commando,

A posição de Valmy, que Kellermann tinha tomado de preferencia a Gisancourt, era uma posição excellente para um homem destinado a vencer ou morrer; era-lhe impossivel retirar-se, e os prussianos, quando tal viram, julgaram que elle tinha commettido um erro.

Enganavam-se: mandavam-lhes um desafio.

Ao alvorecer, os prussianos atacaram a vanguarda de Kellermann, que era commandada por Desprez de Cranier, a qual depois de uma resistencia heroica se vio abrigada a retroceder, podendo fazer alto por um reforço que Kellermann lhe mandou a tempo.

Este ataque fizera operar um movimento a todo o exercito, que se achou formado em esquadria, com a primeira fila em frente de Orbeval entre L'Oeuve e o *plató* de Valmy, perpendicular á calçada de Châlons, e a segunda parallella á calçada e perpendicular á primeira, sobre a eminencia de Valmy.

Sobse este *plató* estabelecera Kellermann uma bateria de

dezoito peças de artilheria, ordenando ao mesmo tempo ao duque de Chartres que fosse substituir o general Steigel no seu posto, e a este que fosse occupar as collinas do Hiron.

O duque de Chartres fez toda a diligencia para obedecer a esta ordem; porém só pôde alcançar o general Steigel pelas oito horas da manhã.

Este assim que o avistou de longe disse-lhe:

« Venha, venha, não posso abandonar este posto sem que o senhor o tenha tomado, e apontando para as collinas do Hiron, continuou, se eu não chegar lá acima primeiro que os prussianos, somos aqui esmagados. »

Era a 20 de setembro; o céo estava pardo e frio, o terreno arido, espessa cerração privava de se vêrem os dois exercitos; adivinhavam-se, nada mais; mas como a artilheria atirava sobre as massas, pouco importava a limpidez do tempo, as balas nem por isso deixavam de acertar.

Era a peior situação que podia haver para um exercito enthusiasta como o nosso, receber assim a morte sem saber se tambem a dava.

De repente cahem as balas dos obuzes inimigos sobre dois caixões de munições, os dois caixões saltam e os conductores espalham-se; uma bala mata o cavallo do general que rola pelo chão e que julgam morto.

Porém dentro de cinco minutos desappareceu a perturbação causada pelos obuzes, e Kellermann são e salvo, tão sómente algum tanto atordoado com a quéda, montou outro cavallo.

N'este momento dissipa-se a cerração com os raios ainda quentes do sol de setembro, e por entre o véo, que cada vez mais se rarefaz, vêem-se tres columnas prussianas marcharem sobre o *plató*.

Kellermann puxa pelo relogio; eram onze horas.

Forma o exercito em tres columnas, como o inimigo, e manda dizer por toda a linha:

« Que esperem, que não façam fogo e que recebam o inimigo á bayoneta. »

O inimigo avançava pausado e sombrio: eram os veteranos do grande Frederico, que transpunham o espaço intermediario e iam subindo a collina.

Ao mesmo tempo começou o fogo de Dumouriez; apanhava-os em cheio pelos flancos.

Os prussianos continuavam a subir.

Quanto a Kellermann e aos seus soldados offereciam um espectaculo singular: generaes, officiaes, soldados, em signal de que antes da occasião marcada se não serviriam das armas, tinham o chapéo na ponta da espada, da espingarda, ou do sabre.

Depois um tremendo brado pairava por sobre todo aquelle exercito perpassando como um trovão por cima do exercito inimigo: era o brado de — *viva a Nação!*

Os prussianos continuavam a subir, porém a cada instante o fogo de Dumouriez lhes rompia as fileiras.

Uma muralha de ferro sobre o *plató,* uma tempestade de fogo sobre os flancos.

Comtudo vão-se encontrar as primeiras linhas.

É ahi que Kellermann, valente soldado, mas mediocre general, cresce verdadeiramente dez covados.

N'este dia estava n'elle o genio da França; foi o seu dia sublime.

« Vamos, filhos, está chegado o momento, á bayoneta! » disse elle.

Então abala-se a muralha de ferro, o duque de dos primeiros a carregar. Prussianos e francezes combatem peito a peito; de repente o exercito prussiano recua e abre-se ao

meio: é a artilheria de Dumouriez que lhe despedaça as vertebras.

Brunswick vê que lhe falhou o ataque, dá o signal de retirada que, um quarto de hora mais tarde, teria sido uma derrota, e retira os seus soldados despedaçados.

Porém esta ordem de retirar humilha o orgulho do rei da Prussia, corre á frente dos seus soldados, manda tocar a investir, conduz a sua maravilhosa infanteria contra o *plató*, elle mesmo investe, avança com o seu estado maior a dois tiros de espingarda do *plató*, reconhece uma só alma em todo este exercito, comprehende a inutilidade de um ataque mais demorado, e retira-se como Bruinswich se retirára.

Quarenta mil tiros sahiram das peças de artilheria durante o combate; era muito n'essa epocha em que Napoleão nos não tinha ainda habituado ás batalhas de artilheria.

Em Malplaquet só se tinham atirado sete mil tiros de peça.

Por isso a esta batalha se pôz o nome de *canhonada de Valmy*.

Á noite, os prussianos abandonaram o campo da batalha, mas no dia seguinte foram encontrados no ponto que na vespera haviam occupado.

No dia 21 de setembro a Convenção proclamava a Republica.

No dia seguinte, um parlamentario prussiano, que ignorava os acontecimentos da vespera, foi conduzido ao duque de Chartres; trazia cartas de recommendação para todos os palacios que se encontravam na estrada até Pariz; mostrou-as ao joven duque esperando todas as sortes de prazer pelo caminho, e um prazer maior ainda, assim que chegasse a Pariz, qual era o de vêr enforcar os patriotas.

O duque de Chartres contou-lhe então as mudanças que

desde a vespera se tinham operado nos negocios do rei da Prussia, e depois respondeu-lhe sorrindo, quando elle lhe perguntou o que deveria fazer:

— Meu querido amigo, o mais prudente, acredite-me, é voltar a Berlin, onde desejo que não veja enforcar pessoa alguma.

Poucos dias antes um coronel prussiano tinha-se já apresentado no quartel general do duque de Chartres; era um ajudante de campo do rei da Prussia, patrocinado pelo barão de Leyman, que servia nas nossas fileiras, e que devia o seu adiantamento á protecção do duque d'Orleans.

Era portador de uma carta, que pedio ao duque de Chartres fizesse entregar a seu pae.

— Senhor, respondeu o joven duque, consinto de bom grado em me encarregar d'esta carta, se não contém senão os testemunhos do affecto que lhes dedicaes.

— Ah! senhor, respondeu o sr. de Maustein, se só isso contivesse, não seria bastante, não direi para elle, mas para nós,

— Vejâmos então o que contém?

— Offerecimentos.

— Offerecimentos... de que natureza?

— Segundo diz o coronel, depende talvez do duque d'Orleans suspender os flagellos da guerra; conheço as intenções dos soberanos alliados, sei o que elles desejam; primeiro que tudo, preservar a França da anarchia, e como se pensou que eu conseguiria chegar á vossa presença, fui auctorisado a fazer saber ao principe, vosso pae, que ficariam tranquillos, se o vissem á testa do governo.

— Bem, disse o duque de Chartres, como pôde acreditar que eu e meu pae escutariamos similhantes despropositos.

E recusando o joven general encarregar-se de uma carta

politica, o coronel Maustein entregou ao duque de Chartres uma simples carta de cumprimentos que este enviou a seu pae, e que o duque d'Orleans depôz fechada sobre a meza do presidente.

A Assembléa ordenou que fosse queimada sem ser lida.

Um facto que se passou durante o combate dará uma idéa do enthusiasmo d'estes esforçados voluntarios, que tinham avançado para a fronteira acceleradamente e que haviam chegado a tempo de pôrem uma barreira á invasão.

Um destacamento commandado pelo duque de Chartres fôra encarregado de guardar as bagagens durante a batalha, porém ao troar do canhão, os valorosos mancebos declararam que não tinham vindo para guardar carros e bagagens, mas sim para combater.

O joven general foi instruido d'esta sublime insubordinação e, largando o cavallo a galope, appareceu de repente no meio d'elles.

Á sua vista redobraram o clamores, e o mais velho dos soldados, sahindo da fileira, disse:

— General, fallo aqui em nome de todos os meus camaradas, e no meu, elles e eu estamos aqui para defendermos a patria e não para guardarmos bagagens; desejamos ir combater.

— Pois sim, meu camarada, respondeu o duque de Chartres; as bagagens guardar-se-hão por si mesmas, e o seu batalhão marchará inteiro com os seus camaradas da linha a quem mostrará que é tanto como elles soldado francez.

E o destacamento marchou e obrou prodigios.

Quanto ás bagagens, como o duque de Chartres dissera, guardaram-se por si mesmas.

Dois dias depois da batalha foi lida em voz alta na Convenção a parte official de Kellermann.

O seguinte periodo mereceu os applausos de toda a sala.

« Embaraçado na escolha, tão sómente citarei, entre aquelles que mostraram grande coragem, o duque de Chartres e o seu ajudante de campo, o sr. de Montpensier, cuja extrema juventude torna muito notavel o sangue frio que elle mostrou n'um dos fogos que foram sustentados o melhor possivel. »

Todos os olhos se voltaram para o duque d'Orleans e todos os applausos lhe foram enderessados.

Quem diria que um anno depois a cabeça do duque de Orleans cahiria sobre o cadafalso; que o duque de Montpensier seria encerrado na torre de S. João, em Marselha, e que o duque de Chartres se passaria para o inimigo?

O que é o destino!

CAPITULO XII

Dissemos que os prussianos nos tinham abandonado o campo de batalha, porém que no dia seguinte tomaram a mesma posição.

Ahi se conservaram não só esse dia, mas mais outros dez.

A batalha não fôra tão mortifera como parecera.

Ao troar d'esses quarenta mil tiros de peça, apenas tinham os prussianos perdido mil e duzentos homens, e nós oitocentos.

E todavia Pariz tinha a victoria por decisiva.

Pariz, entregue a um panico horrivel pelo fim de agosto, cahida na prostração mais completa depois dos 2 e 3 de

setembro, reerguia-se depois da noticia da victoria, alegre, batendo palmas, e já accusadora.

Dumouriez trahia, pois que ainda não tinha mudado para Pariz o rei da Prussia atado de pés e mãos.

É que na realidade a situação dos prussianos não era materialmente nem melhor nem peior que d'antes.

Elles tinham perdido a confiança, nós tinhamol-a recuperado, e nada mais.

Os duques de Broglie e de Chartres, ambos emigrados, ambos do conselho do rei da Prussia, continuavam a instar com Frederico Guilherme para que marchasse para a frente.

Tinham recebido viveres da Allemanha.

Não levava a campanha bom principio, mas nem por isso era para desesperar.

O que impedio o rei da Prussia de marchar para a frente?

Dil-o-hemos em primeiro logar, e depois o que contribuio para que elle marchasse tão lentamente para a rectaguarda.

Em toda a grande machina, que não funcciona como deveria funccionar, encontrar-se-ha, se bem se procurar, a causa do desarranjo, causa minima, ridicula ás vezes, muitas vezes imperceptivel.

O que impedio o rei de Prussia de seguir os conselhos de Broglie e de Chartres foi um d'esses obstaculos imperceptiveis aos olhos vulgares, e que só penetram os olhares a que nada se póde occultar.

O rei da Prussia tinha uma amante. Não era isto comtudo um dos exemplos que lhe tinham sido legados pelo grande Frederico? A amante não ousára seguir o exercito a França, ou talvez que o seu real amante lh'o não tivesse consentido. Parára, por conseguinte, em Spa; d'ahi escrevia ella todos os dias, e as suas cartas chegavam ao rei da Prus-

sia cheias de sustos de que as balas dos francezes lhe matassem o corpo, e de que os olhos das francezas lhe roubassem a alma.

Afóra d'isso, haviam dois partidos na côrte: o da paz e o da guerra.

Batido o rei da Prussia em Valmy, triumphou o partido da paz.

Bem tinham dito a sua magestade que trabalhava, não para si, mas para a Austria, que o tinha impellido para a frente, e que tão mal o auxiliava depois de compromettido.

E o rei respondia:

« Tem razão, e se n'isto não houvesse uma questão de realeza que interessa a todos os reis da terra, deixaria a Austria arranjar-se como podesse. Porém Luiz XVI está preso, e corre perigo de vida. »

Seria nma vergonha abandonar Luiz XVI.

Em politica, quando só a vergonha nos sustem, bem perto estamos de ceder.

Tinha pois a França já por si, e muito era, como se vê, a amante do rei da Prussia, a condessa de Lichtneau.

E a França tinha tambem ao lado do rei da Prussia dois francezes que se tinham feito prussianos, é verdade, mas que nem por isso deixavam de promover os interesses da mãe-patria.

Estes dois homens eram o francez Lombard, secretario do rei da Prussia, e o franco allemão Hezmann, general que acabava de emigrar.

Lombard, vendo a indecisão do rei da Prussia, propôz-lhe fazer-se prender pelos francezes; assim iria á presença de Dumouriez e poderia tractar com elle sem dar logar a desconfianças.

O rei da Prussia consentio.

Lombard fez-se pois prender e conduzir ao general em chefe.

Lombard expoz então a Dumouriez o unico motivo que tinha o rei da Prussia para continuar a sua marcha aggressiva: tinha empenhado a sua palavra para com Luiz XVI, e, por causa alguma no mundo, queria parecer faltar a esse compromisso.

Dumouriez mostrou então ao Lombard que o que o rei da Prussia podia fazer mais hostil para o preso do Templo era continuar a marchar para a frente. E, para que não ficasse duvida a sua magestade sobre este ponto, mandou ao general Heymann, sob pretexto de tractar com elle ácerca da troca dos prisioneiros, Westermann, creatura de Danton.

Era a verdade que entrava no campo prussiano.

Westermaun era um dos mais activos soldados da batalha de 10 de agosto. Explicou ao rei da Prussia e ao duque de Brunswick o verdadeiro estado da França; que a Assembléa não queria reis, nem francezes, nem estrangeiros, e que acabava de abolir a realeza e proclamar a Republica.

A cholera do rei da Prussia foi terrivel ao receber similhante nova. Com grande contentamento dos emigrados, deu ordem para que se continuassem as hostilidades do 29 de setembro.

No dia 28 Brunswick publicou um manifesto furioso; mas todos sabiam o que eram os manifestos de Brunswick.

A 29 chegaram cartas de Inglaterra e da Hollanda: as duas potencias recusavam entrar na coalisão.

A 30 soube-se que Custine marchava sobre o Rheno.

A fronteira da Prussia estava completamente desguarnecida.

Receiava-se por Coblentz e pela sua fortaleza.

Custine em Coblentz cortava toda a retirada a Frederico Guilherme.

Durante este tempo, Dumouriez mandava Westermann a Danton.

Danton, n'estas materias, tinha uma suprema intelligencia; comprehendeu a vantagem que teria a Republica, nascida de hontem, em tractar com a Prussia ainda que mais não fosse do que em uma retirada que devia salvar a Prussia. E tambem n'essa longanimidade havia talvez um milhão para elle e outro para Dumouriez, Westermann e Fabre d'Églantine.

Dumouriez e Danton eram homens amigos de divertimentos e de dinheiro, e gostavam tanto mais d'elle quanto o cubiçavam para o guardar.

Apresentando-se estas considerações, Dumouriez recebeu duas cartas, uma do conselho de ministros, austera, inflexivel, violenta, carta escripta para ser mostrada.

E outra de Danton, mas só de Danton.

Danton não regeitava essa idéa de negociação, e advertia Dumouriez de que o jacobino Prior da Marne e os girondinos, Carra e Sillery, partiam para se entenderem com elle e com sua magestade Frederico Guilherme.

Entabolaram-se as conferencias; o rei da Prussia socegára muito mais n'este intervallo, tinha-se-lhe feito comprehender que eram os senhores emigrados que o tinham arrastado a esta desastrada empreza, e todo o seu furor cahira sobre elles.

Por isso, quando lhe perguntaram que clausula pedia para elles no contracto, respondeu:

— Nenhuma; tracto de mim, elles que tractem de si.

Restavam os austriacos, esses bons alliados que, sem se moverem, tinham feito com que o rei da Prussia se fizesse bater em Valmy.

Dumouriez disse algumas palavras a este respeito ao duque de Brunswick.

— Vejâmos, dissera Dumouriez ao duque inglez, como ha de ser agora isto?

— É coisa muito simples, respondera Brunswick, tem uma cantiga que quadra bem n'este caso.

— Qual é?

— É esta:

Acabada a boda,
Vamos para casa.

Portanto retirar-nos-hemos, como os convidados para a boda.

— De accordo, respondeu Dumouriez; mas quem ha de pagar as despezas do noivado?

— Ora, respondeu Brunswick aparando as unhas com um canivete, isso não é comnosco, nós não fomos os primeiros que atacámos.

— Não, foram os austriacos, e em verdade, o imperador dever-nos-ia dar os Paizes-Baixos, como indemnisação.

— Queremos paz, respondeu Brunswick, e quando se querem os fins, querem-se os meios; esperaremos os seus plenipotenciarios em Luxembourg.

Restava Luiz XVI.

Ah! já o dissemos, era n'esse sitio que o *jugo* real feria o pobre Frederico Guilherme.

Felizmente para elle, Danton havia-lhe preparado uma retirada honrosa; tinham pouco a pouco conduzido Frederico Guilherme a declarar que abandonava o rei; porém que a todo o transe queria salvar o homem.

Entregaram-lhe todas as sentenças da communa, que podiam fazer acreditar que o rei estava ainda rodeado de bons tractamentos.

Dumouriez deu a sua palavra de salvar a cabeça de Luiz XVI, e isso lhe bastou.

Portanto a 29 de setembro começou a retirar o exercito prussiano; fez uma legua no primeiro dia, outra legua no segundo; não queriam que désse mostras de retirada; era um passeio militar.

Foi d'esta sorte que o inimigo repassou a fronteira, e assim que o fez, dobrou o passo,

Dumouriez déra a sua palavra de salvar o rei, e queria sustental-a.

A 12 de outubro chegou a Pariz; o pretexto era preparar com o ministerio a invasão da Belgica, o fim real era avaliar pessoalmente a situação; foi ter com a sr.ª Roland ao ministerio do interior, para onde ella voltára, apresentou-se-lhe com um lindo ramalhete na mão, pedio perdão de todo aquelle negocio do *veto* e do acampamento de Pariz, obteve-o facilmente, informou-se com a sr.ª Roland sobre o que se pensava a seu respeito, e por ella soube que o *julgavam realista.*

Com effeito desconfiava-se que Dumouriez queria representar o papel de Monk.

A todos em França se tem julgado pretensões de representarem este papel; em 1792, o Monk francez chamava-se Dumouriez, em 1802 chamava-se Napoleão Bonaparte, em 1841 chamava-se Luiz Philippe, em 1850 Changarnier.

Era esperado o seu discurso na nova Assembléa, esperava-se o seu juramento na Republica.

Fez effectivamente um bello discurso, mas esquivou-se ao juramento.

Venceu esta difficuldade com mais audacia do que se esperava.

— Não vos farei novos juramentos, disse elle, mostrar-me-hei digno de commandar os filhos da liberdade e de sustentar as leis que o povo soberano vae proclamar pelo vosso orgão.

Á noite foi aos jacobinos; estes eram homens meticulosos, frios e escrupulosos.

A retirada em que o rei da Prussia fizera uma legua por dia desgostára-os muito.

Collot-d'Herbois subio á tribuna, felicitou Dumouriez pela sua victoria, porém censurou-o por ter *despedido* o rei da Prussia com *demasiada civilidade.*

Danton era presidente, a posição era difficil, tambem elle reconduzira o rei da Prussia a nem mais nem menos como Dumouriez; instaram-no para que subisse á tribuna; os seus inimigos estavam desejosos de vêr como elle se tiraria d'este aperto.

Subio á tribuna e disse:

— Consolemo-nos pelos triumphos sobre a Austria, e por não vêrmos aqui o despota da Prussia.

Havia grande precisão de concordia n'este momento em Pariz, eis a razão porque Danton viera aos Jacobinos, eis porque Danton presidira á sessão, esse homem rude, de palavras frisantes, mas nunca odientas, que não tinham fel real como todas as naturezas fortes.

Malquistado com a Gironda, quizera reconciliar-se com a Gironda na pessoa de Rorand e de sua mulher, por consequencia, tendo-se preparado o camarote do ministro do interior, Roland, para Dumouriez, Danton, antes que elles chegassem, foi lá pôr sua mulher e sua irmã; porém Danton não contára com o melindre da sr.ª Roland, a qual veio pelo braço de Vergniaud, e achando duas senhoras no seu camarote, *duas mulheres de apparencia ordinaria*, como ella disse, não quiz entrar.

Como vemos, *mademoiselle* Manon Joanna Philippon, mulher de Roland, tornára-se bem *escrupulosa*. .

Estas duas senhoras, como já dissemos, eram a irmã e a mulher de Danton.

Danton adorava sua mulher, mulher encantadora, coração d'oiro que ia morrendo affogado no sangue de setembro, e que morreu com effeito seis mezes depois.

Foi sobre modo sensivel ao desdem de M.^ma Roland.

Talma encarregou-se de compôr tudo; deu a Dumouriez um festim onde se achou toda a Gironda, e uma parte dos principaes Jacobinos.

Assistiram ao festim Chénier, David, Collot-d'Herbois, Vergniaud.

A Gironda, a politica, e a arte.

Assistiram tambem mulheres formosas, como n'essa epocha as havia no theatro, e entre ellas a boa e donosa Candeille, o auctor da *Belle Fermière*, a amante de Vergniaud.

Ah! se algum adivinho houvesse entrado n'esta reunião explendida, em que os partidos tinham olvidado os seus odios para festejarem o vencedor de Valmy, se tivesse prophetisado a estes o cadafalso, áquelles á traição, a est'outros o exilio, que véo de funda tristeza tería elle lançado por sobre a festa.

Não foi adivinho que entrou, foi peior ainda.

De repente appareceu Marat.

Mais medonho, mais immundo, mais amarello, mais cadaverico, mais cheio de fel e de ameaça do que nunca; achára meio de descobrir a falta que Dumouriez commettera para com esses voluntarios setembristas, que tinha expulso das fileiras do exercito, e vinha em nome dos Jacobinos pedir-lhe contas d'esse melindre aristocratico.

Dirigio-se ao general para o interrogar.

Dumouriez esperou-o.

Só elle talvez não empallideceu ao vêr Marat transpôr o pequeno espaço que d'elle o separava.

Frente a frente, general e tribuno, homem de sabre e ho-

mem de penna, foi o soldado que começou o ataque perguntando a Marat:

— Quem é?

— Sou João Paulo Marat.

Um sorriso de desprezo mortal passou pelos labios de Dumouriez.

— Tinham-me dito que era feio; enganaram-me, é medonho.

E depois de lhe ter cuspido estas palavras no rosto, Dumouriez voltou-lhe as costas.

Marat sahio furioso e foi queixar-se aos jacobinos.

Á sua entrada, Dugazon pozéra uma pá no lume, e assim que Marat sahio, foi buscar assucar, queimou-o sobre a pá, seguindo escrupulosamente os passos do amigo do povo, e purificando o ar, por toda a parte onde a venenosa serpente o tinha inficcionado.

A 23 de outubro, Dumouriez estava de volta em Valenciennes; ahi tornou a encontrar Beurnonville e o duque de Chartres.

O duque de Chartres com quem devia emigrar, e Beurnonville que, cinco mezes depois, devia entregar ao inimigo.

N'este momento a face das coisas estava bem mudada, posto que só dois mezes tivessem decorrido desde a batalha de Valmy, tambem nós tinhamos repassado a fronteira em todos os pontos, e estavamos senhores do Palatinado, da Saboya e de Nice.

Em França, ao mesmo tempo, a Republica, como Hercules no seu berço, fazia d'esses actos terriveis que indicavam o seu poder, e sentenciava á morte os emigrados apanhados com as armas na mão, supprimia a cruz de S. Luiz, quebrava publicamente a corôa e o sceptro, instruia o processo de Luiz XVI.

É que a França era uma, e a Europa estava dividida.

D'esta vez tinhamos nós levado a guerra para o logar d'onde nos viera; depois de termos ganho Valmy ao rei da Prussia, iamos ganhar Jemmapes ao imperador d'Austria.

Depois de uma ou duas escaramuças sem grande importancia, o exercito francez achou-se prompto, a 5 á noite, para um combate geral, e bivacou em frente do acampamento dos austriacos entricheirados nas alturas que circumdam a cidade de Mons.

Coisa singular era esse exercito, que teria podido ser de cerca de cem mil homens, se Dumouriez por uma falsa manobra não tivesse affastado as duas divisões de Bourdonnais e de Valence.

Valence fôra encarregado de guardar a Meuse e de impedir que os austriacos trouxessem soccoros.

Valence era orleanista, mui naturalmente por M.^ma^ de Genlis, sua sogra, e Dumouriez como tal lhe déra este ponto glorioso.

La Bourdonnais, pelo contrario, fôra impellido para o norte, porque era jacobino, e desejavam affastal-o da victoria porque todos os chefes d'este exercito republicano, a começar por Dumouriez, eram realistas.

Dillon, Custine, Valence, pertenciam todos á côrte, por isso em Jemmapes como em Valmy, não foram os generaes que venceram, foi o exercito.

Exercito sem pão, sem aguardente, sem calçado, sem calçado, sem vestidos, exercito que no dia da peleja ao meio dia, ainda não tinha recebido a sua ração de viveres, e que sahira em jejum, depois de uma noite glacial, dos charcos onde a tinha passado.

Porém o genio da liberdade volitava por sobre este exercito, que tinha um *Credo* maravilhoso que se chamava a *Marselheza*, que tinha uma consciencia que lhe dava um coração de ferro, o seu direito.

Era de uma vista ridicula este exercito, e já se vê que causava riso aos elegantes emigrados e aos velhos e severos generaes austriacos, creados nas tradições do principe Eugeuio e de Montecuculli, eram guerrilhas de voluntarios sem uniformes; o batalhão de Loiret, por exemplo, marchou para o combate com *bluzas* o barretes de algodão; como é que se havia de crêr que a victoria, uma mulher tão caprichosa, tão garrida, se apaixonasse por similhantes soldados?

CAPITULO XIII

Dissemos que na noite de 5 os dois exercitos se acharam em frente um do outro.

Os nossos soldados poderam então contemplar a magestade da posição tomada pelo inimigo.

Os imperiaes tinham recuado afim de nos puxar para Jemmapes, para onde effectivamente fomos.

Achavamo-nos no prado, ou para melhor dizer nos pantanos, para os quaes parecem descer em escarpado pendor as aldêas de Jemmapes e de Cuesmes, ambas as quaes estavam fortificadas e dominadas por fortes, e principalmente por um *plató*, em que se achavam de reserva na rectaguarda de sessenta boccas de fogo, dezenove mil homens das melhores tropas austriacas.

Além d'isso, tinham os austriacos na sua rectaguarda, Mons, cidade alliada, cidade forte, que lhes fornecia tudo quanto elles careciam.

Coube d'esta vez ao inimigo viver na abundancia, e a nós carecemos de tudo.

Volvera a situação de Valmy.

Era tão miseravel o nosso aspecto, que ainda que o exercito francez tivesse mais um terço da força do que os austriacos, o duque de Saxe-Teschen, commandante em chefe do exercito imperial, não julgou a proposito tirar de Mons os seis mil homens que ali tinha posto de reserva, e que se conservaram inuteis durante toda a batalha de 6.

Durante a noite, um belga fez diligencia por decidir o general em chefe a investir-nos com os seus trinta mil homens e a esmagar-nos n'estes pantanos em que patinhavamos meios nús, mortos de fome e de sede.

Porém o duque de Saxe-Teschen era mui grande senhor para se comprometter n'um ataque nocturno; além d'isso, Clairfact affirmava-lhe que a posição de Jemmapes era inexpugnavel.

Demais a superioridade do numero na nossa posição cessava de ser uma vantagem, a disposição do terreno fazia com que só por estreitas passagens, por desfiladeiros, se podesse marchar contra os imperiaes, portanto só as testas de columna de uma e outra parte é que haviam de decidir da contenda.

Ao romper d'alva, e tarde rompe na Belgica no mez de novembro, os nossos soldados poderam conhecer em que trabalhos se achavam mettidos; taractava-se nada menos do que escalar um amphitheatro de reductos, guarnecidos por um exercito.

Este exercito estava bem vestido, tinha explendidas fardas estrangeiras, barbaras talvez, mas que mui bem o agasalhava. Os que não tinham pelissas, os dragões autriacos por exemplo, tinham grandes capotes brancos que valiam bem as pelissas hungaras e os dolmans imperiaes.

Todos além d'isso tinham almoçado muito bem, e essa era a principal vantagem que os nossos soldados lhes invejavam mais do que as guarcições de pelles e os capotes.

Em frenta d'esse terrivel reducto de Jemmapes, Dumouriez, depois de espraiar a visto pelo todo, distribuio o seu exercito da maneira seguinte:

Na vanguarda Beurnonville, tendo na sua frente a esquerda do inimigo sobse as alturas de Cuesmes, sustentado por Dampierre, postado entre Frameris e Pâturages, commandando a nossa ala direita e apoiado em de Harville que, na extrema direita da nossa linha, na posição de Siply, ameaçava a ala esquerda dos imperiaes acampados em Berthaimont.

No centro o duque de Chartres com vinte e quatro batalhões corresponde ao centro dos austriacos e alcançará o *plató*, apesar da cavallaria inimiga que está postada na estrada.

Finalmente, á esquerda, o general Ferrand com tres marechaes de campo sob as suas ordens se dirigirá sobre o lado direito de Jemmapes, atravessando a aldêa de Quaregnon.

Em todas as divisões a cavallaria está prompta para sustentar os movimentos da infanteria, em quanto que a artilheria baterá pelo flanco cada reducto atacado de frente.

Dumouriez está no centro com o duque de Chartres; depois de Valmy, Dumouriez prosegue em seu intento de coroar o mancebo com a sua gloria para o fazer candidato de uma nova realeza.

Dumouriez não se enganára inteiramente; em 1830, Valmy e Jemmapes, habilmente explorados, não obstaram á enthronisação da *melhor das republicas*.

Pela esquerda é que se devia começar o ataque; Beurnonville e os seus voluntarios parizienses tinham á direita

obstaculos insuperaveis, mais obstaculos de terreno, é verdade, do que obstaculos de arte, porém as trincheiras que a natureza cria são feitas pela mão dos homens.

Ás oito horas o general Ferrand atacou; porém era velho, atacou com molieza; ás onzes horas ainda nada tinha feito que prestasse, com quanto sob as suas ordens tivesse as melhores tropas do exercito, as tropas velhas.

Ás onze horas, Dumouriez decide-se; a essa esquerda que hesita, manda um homem só, Thouvenot, uma parte da sua alma.

Thouvenot chega ás primeiras linhas, tira o commando das debeis mão do general Ferrand, arrasta as columnas vacillantes, atravessa Quaregnon, tornea Jemmapes e vence a aldêa.

Durante este tempo, Dumouriez tranquillisado sobre a sua esquerda, em que elle mesmo está na pessoa de Thouvenot, Dumouriez passa no meio do fogo pela frente da batalha e chega á direita em que troa uma terrivel canhonada.

Ahi se offerece a seus olhos um prodigioso espectaculo.

Os voluntarios parizienses conduzidos pelo general Dampierre, venceram o primeiro degrão da gingantesca escada; n'esta posição acham-se esmagados ao mesmo tempo pelo fogo dos reductos superiores e pelo da nossa extrema direita que, tomando-os pelo inimigo, os bate com a artilheria pelo flanco; na sua rectaguarda estão as velhas tropas de Dumouriez, que olham para isto impassiveis, e que teem na frente na ultima extremidade, porque existe odio entre os veteranos e as novas tropas.

Ainda aqui não fica; no primeiro movimento de ataque ou de retirada que fizerem os dragões imperiaes que esperavam de sabre em punho, com ordem de carregar, descerão como a massa de neve que rola das montanhas, e ar-

rastal-os-hão pizados para as profundezas d'onde acabam de sahir.

Os voluntarios parizienzes, jacobinos completos, julgavam-se trahidos; o general realista tinha-os ali mandado para serem feitos em pedaços, quando elle mesmo, privado dos seus soldados, parece vir em seu auxilio.

Dumouriez encontra no seu caminho o batalhão dos Lombardos, batalhão girondino, que em linha com os voluntarios de Pariz, rivalisa com elles em firmeza: á sua vista, a coragem prestes a entibiar-se exalta-se: Lombardos e parizienses fazem um movimento de ataque; no mesmo instante movem-se os dragões, a terra treme sob os pés de quinhentos cavallos, os filhos de Pariz param, esperam os dragões a vinte passos, fazem fogo, deitam cento e cincoenta por terra, e calam bayoneta tranquillamente.

Porém Dumouriez manda avançar dois regimentos de cavallaria sobre os dragões abalados, que tomam a fuga, e só param nos muros de Mons.

Então, Dumouriez, que acaba de desembaraçar a estrada das alturas, torna para os parizienses, para os Lombardos, para os velhos soldados do campo de Maulde, e brada:

« Agora vós, meus filhos, agora vós; ávante! e a *Marselheza!*

Os Lombardos e os soldados do campo de Maulde entoam com effeito a *Marselheza*, porém é o terrivel *Çà ira!* que cantam os filhos de Pariz, é ao som d'este cantico selvagem, quasi feroz, que atacam os hungaros aturdidos e se apoderam das alturas.

Dumouriez, que os vê marchar, que entende que coisa nenhuma os suspenderá, torna para o centro.

Ali tambem a sua presença é necessaria.

O centro, no momento em que Thouvenot tomava Jemmapes, movera-se por seu turno, e dobrára o posso para

atravessar a planicie; entretanto duas brigadas tinham errado o caminho; uma d'ellas á vista dos cavalleiros imperiaes que as carregavam, pozera-se atraz de uma casa; a outra intimidada pelo fogo, parára, e sem recuar, não continuava comtudo a avançar; então dois homens, dois mancebos da mesma edade, mas de posições bem diversas, correm para a frente d'estas duas brigadas, e as levam ao combate; um d'estes mancebos é o duque de Chartres, o outro é Baptista Renard, o criado grave de Dumouriez; é então que se sabe que Thouvenot torneou Jemmapes e está senhor da direita; esta noticia exalta o centro que marcha direito ao *plató*, sóbe a escarpa sob o fogo de sessenta peças de artilheria e ataca os dezoito mil homens que a defendem corpo a corpo.

O duque de Chartres foi um dos primeiros que chegou ao *plató*, ataca-o, e n'elle entra com os soldados que tinha em torno de si, sustentados por uma d'essas fallas que fortalecem os corações contra a metralha.

— Eil-os, exclama elle, a datar d'este momento chamaes-vos o batalhão de Jemmapes.

Depois manda seu irmão, o duque de Montpensier, a Dumouriez, para lhe annunciar que acaba de derrotar Clairfact e os seus doze mil homens.

Ainda isto não estava feito, mas desde o momento em que fôra annunciado, força era fazel-o.

N'este momento chegou Thouvenot vencedor, vindo por Jemmapes, Dampierre por Cuesmes, as tres ordens de reductos estavam tomadas, o fogo acabado, inimigo desbaratado.

A victoria era completa.

O exercito assentou-se sobre o campo da batalha e comeu.

Comeu o que os imperiaes tinham deixado. Porém os restos de um inimigo vencido não humilham, sobretudo

quando se não tem comido por espaço de vinte e quatro horas.

Ter-se-ia dado cabo de todo o exercito, se d'Harville tivesse cortado a estrada de Bruxellas ao general Clairfact, porém chegou muito tarde; Clairfact sustentado por Beaulieu, seguira e não podia ser perseguido sem risco.

Foi um momento solemne aquelle em que o exercito da nova Republica estendeu a vista por sobre esse campo de batalha que elle acabava de conquistar, e proclamou a sua primeira victoria.

N'esta victoria, força é dizel-o, teve o duque de Chartres grande e boa parte. Os heroes d'esta batalha foram Thouvenot, Dampierre, o duque de Chartres e Baptista Renard.

Porém sobretudo, os verdadeiros heroes foram aquelles de que nem sequer os nomes foram pronunciados, foram os voluntarios parizienses, os voluntarios dos Lombardos, esses homens que viam o fogo pela primeira vez e que, desde o primeiro tiro, foram exemplos de lealdade, de patriotismo e de coragem.

Houveram batalhas physicas maiores do que a de Jemmapes, se assim se póde dizer; mas não houve maior victoria moral.

Jemmapes é a porta por onde os nossos soldados marcharam á conquista do mundo; é a mãe de todas as victorias da Republica e do Imperio.

CAPITULO XIV

Dumouriez escreveu á Convenção:

« A 15 hei de estar em Bruxellas; e a 28 em Liége. »

E tão bem cumprio a sua palavra, que no dia 14 estava em Bruxellas e a 28 em Liége.

Em menos de um mez, toda a Belgica se achou conquistada, e a 8 de dezembro entravamos em Aix-la-Chapelle.

N'este meio tempo, instruia-se o processo do rei; pelo que, para sustentar a promessa que fizera ao rei da Prussia de velar pela vida de Luiz XVI, apenas Dumouriez estabeleceu o seu quartel general em Liége, partio com os duques de Chartres e de Montpensier para Pariz.

O duque de Chartres, quando chegou, achou em recompensa do seu admiravel proceder nas batalhas de Valmy e de Jemmapes, sua irmã proscripta; um decreto da communa, com data de 5 de de dezembro de 1792, ordenava á princeza Adelaide que sahisse de Pariz dentro de vinte e quatro horas, e da França dentro de tres dias. O duque de Chartres para a conduzir ao exilio retomou tristemente a mesma estrada que trouxera, cheio da embriaguez de duas victorias.

Depois de estabelecer sua irmã em Tournai, voltou para Pariz.

A proscripção promettia não ficar ali.

Portanto o duque d'Orleans mandou imprimir o seguinte protesto:

Pariz 9 de dezembro.

« Muitos periodicos dão a entender que tenho designios ambiciosos e contrarios á liberdade do meu paiz, e que no caso de que Luiz XVI deixasse de existir, estou por detraz da cortina para pôr meu filho ou a mim á testa do governo.

« Não me daria do incommodo de me defender de taes imputações, se ellas não tendessem a fazerem lavrar a divisão e a discordia, nascer partidos, e impedir que se estabeleça o systema de egualdade, que deve fazer a felicidade dos francezes e ser a base da Republica.

« Eis aqui pois a minha profissão de fé a este respeito: é a mesma que fiz no anno de 1791, nos ultimos tempos da Assembléa constituinte. Eis aqui o que pronunciei na tribuna: « Julgo, senhores, que os vossos *comités* não quererão privar nenhum parente do rei da faculdade de optarem entre a qualidade de cidadão francez e a expectactiva quer proxima quer afastada do throno. Concluo, pois, pedindo-vos que regeiteis, pura e simplesmente, o artigo dos vossos *comités*.

« No caso porém de que o adopteis declaro que deporei na repartição competente *a minha renuncia formal aos direitos de membro da dynastia reinante para conservar os de cidadão francez. Meus filhos estão promptos a assignar com o seu sangue que partilham os mêus sentimentos a este respeito.*

(Assignado) *L. P. José.* »

Este protesto nenhum effeito produzio sobre a Assembléa.

A posição do duque d'Orleans era ahi tão falsa que se tornára impossivel, não podia continuar a votar com a montanha senão renegando todo o seu passado.

Renegára-o, e conhecia perfeitamente com que a montanha contára para o sustentar no momento em que a Gironda o atacasse, deixando-o escorregar pela rampa escarpada e sanguenta que o devia conduzir ao cadafalso.

De feito, por proposta de Thuriot, a 16 de dezembro, a Assembléa decretou:

« Que quem quer que tentasse quebrar a unidade da Republica, ou tirar-lhe partes integrantes para as unir a um territorio entrangeiro, seria punido com a morte, »

O decreto era dirigido aos girondinos, accusados de realistas, a quem queriam obrigar a votar a morte do rei. »

Buzot encarregára-se de responder a este decreto, e respondera:

« Se o decreto proposto por Thuriot póde trazer-vos a confiança, vou propôr-vos outro que não menos a produzirá! A monarchia foi derribada, porém inda vive nos habitos, nas recordações das suas antigas creaturas. Imitemos os romanos, — que expulsaram Tarquinio e sua familia; como elles, expulsemos a familia dos Bourbons.

« Parte d'esta familia jaz debaixo de ferros; porém outra ha muito mais perigosa, porque é mais popular; é a de Orleans: o busto d'Orleans foi conduzido de rua em rua, seus filhos, cheios de coragem, destinguem-se nos nossos exercitos; e o mesmo merito d'essa familia a torna perigosa para a liberdade, faça ella um ultimo sacrificio á patria exilando-se do seu seio, vá para outra parte prantear a desventura de se ter achegado ao throno, e a desgraça maior ainda de ter um nome que nos é odioso, e que não póde deixar de ferir o ouvido de um homem livre. »

Seria como inimigo que Buzot propôz este decreto á Assembléa? Seria como amigo que dava ao duque d'Orleans o conselho de se exilar?

N'um ou n'outro caso Philippe Egualdade, seguindo o conselho e obedecendo ao decreto, salvava a cabeça e a honra

Era a opinião de M.ma de Genlis.

Eis-aqui o que ella propria diz nas suas Memorias, fallando com o duque de Chartres da revogação d'este decreto:

« Fiz-lhe comprehender que a revogação do decreto contra a sua familia era uma verdadeira desgraça, porque era evidente que, tendo sido este nome declarado suspeito e perigoso, não mais poderia ser util á patria e seria infallivelmente perseguido.

« Disse-lhe que, em vista do que se dissera na Convenção, nada seria mais nobre, nem razoavel, do que impôr elle a si proprio um exilio voluntario, e que esse talvez não fosse senão prevenir uma proscripção. Virtuoso por principios e caracter, incapaz da menor vista ambiciosa, o sr. de Chartres nada vio de custoso no partido que eu lhe propunha: se já não podemos ser uteis, me disse elle, e se fazemos sombra, poderemos hesitar em nos expatriar? »

Effectivamente, foi o conselho que o duque de Chartres deu a seu pae. M.ma de Genlis conseguira fazer-lhe considerar como um favor este decreto de desterro.

A posição do duque d'Orleans era terrivel, e seu filho bem a comprehendia; ia encontrar-se com todos os velhos odios amontoados desde o combate d'Ouessant, em frente do rei accusado de um crime que exigia a pena capital: não votando tornava-se suspeito aos dois partidos, votando pela vida, rompia com a montanha, votando pala morte, tornava-se odioso.

O duque de Chartres propunha embarcar-se para a America e ir esperar nos Estados Unidos dias mais felizes.

Foi uma grande desgraça para o duque d'Orleans a moção de Buzot: esta regeição deu-lhe uma arma contra as supplicas de seu filho, e o duque de Chartres sahio de Pariz e foi para o exercito com o desespero n'alma.

Era o bom genio de Egualdade que o abandonava.

Ora, eis aqui o que acontecera, eis como Philippe Egualdade, impellido para a frente, não podia recuar.

Era conhecida a irresolução, digamos mais, a fraqueza de caracter de Philippe Egualdade; Mirabeau caracterisára esta audaciosa fraqueza com uma expressão sublime de obscenidade.

Havia muito tempo que Philippe Egualdade ia ás sessões e votava com a montanha; porém por mais penhores que tivesse dado aos jacobinos até aquelle momento, queriam coisa mais positiva, queriam que o duque d'Orleans figurasse no processo do rei.

Não lhe exigiam que votasse, e principalmente que votasse a morte, mas pediam-lhe ordenavam-lhe, imperativamente que contribuisse para o andamento do processo, condição unica com que a montanha se compromettia a sustentar o principe.

A primeira proposta, ou para melhor dizer, o primeiro conselho a tal respeito, foi-lhe dado por Manuel.

—Mas, exclamou o principe, é *uma tyrannia exigir de mim similhante coisa, antes queria morrer do que praticar um acto d'esses.*

—Bem, disse Manuel, isso mesmo esperava eu de vós, con-servae-vos firme n'essa resolução, porque se fizesseis o que de vós exigem, serieis abandonado, não só por todos os vossos amigos, mas tambem por quem vol o tivesse exigido, e, um ou outro dia morrerieis miseravelmente; seguindo a linha opposta, tereis por vós todos os homens de bem, e particularmente podeis contar comigo.

E depois de lhe fazer esta promessa Manuel separou-se do principe.

Manuel era um excellente homem, que tinha, nos terriveis dias de setembro, salvado quantos podéra.

Porém atraz de Manuel vieram os montanhezes, ameaçando unirem-se a Buzot na sua moção de exilio; o pobre duque d'Orleans queria muito á França, sobretudo ás immensas propriedades que alli possuia. A lucta foi longa, encarniçada, mas por fim cedeu.

Cedendo, julgava o duque conceder esse simples acquiescimento que lhe pediam: assim mesmo, dizia elle a Camillo Desmoulins, sem ter liberdade para me recusar, sempre terei o meu voto livre.

Ah! pobre principe, coisa nenhuma era livre para vós; como Fausto, um genio máos vos perseguia, tinheis de cumprir o vosso fatal destino até ao fim.

— Oh! exclamou Manuel quando soube o empenho que o principe acabava de tomar, não vio o laço e cahio; hoje juiz, ámanhã algoz, depois de ámanhã victima.

Manuel vira a situação; apreciára todas as suas exigencias; em breve não deixaram ao principe nem mesmo essa réligião de juiz, o voto devia ser publico, e era mister deshonrar o duque d'Orleans por um voto infame, era mister cavar um abismo entre elle e a realeza, e para que não mais se podesse encher esse abysmo era necessario começar por se deitar n'elle a honra.

O convencional Courtois, nas Memorias d'onde tiramos estes detalhes, conta que elle n'este meio tempo recebeu um convite para se dirigir ao Palays-Royal: eram oito horas da noite quando lá entrou.

Achou o duque no seu gabinete de trabalho, entregue a uma violenta agitação, andando de um para outro lado com passos rapidos e descompassados.

Depois de um momento de conversação indifferente, pareceu fazer um esforço, e voltando-se para Courtois, disse-lhe:

— Vejâmos, homem sabio, moderado, inimigo dos excessos, que papel representareis no grande negocio que temos entre mãos?

— A vossa posição, respondeu Courtois, é inteiramente excepcional, e não poderia regular-se pela opinião de qualquer de nós.

— Isso sei eu, mas não importa, ponde-vos no meu logar, e dae uma resposta clara e precisa, eu vol-o peço.

— Pois bem! disse Courtois, como agora vos não é possivel recuar, faria pelo menos tudo quanto podesse para salvar a vida do rei.

— Sim, murmurou o duque d'Orleans, sim, é o mais prudente, mais humano e politico, e é isso justamente o que eu queria fazer.

— E, além d'isso acrescentou Courtois, podeis acreditar que é essa a idéa de muitos deputados.

O principe pegou convulsivamente nas mãos de Courtois.

— Estarão elles bem firmes n'essas idéas? exclamou elle. Resistirão ás influencias e ás ameaças? Temo que muitos façam bom barato da vida do rei para salvarem a sua.

N'este momento abrio-se a porta, e Danton e Camillo Desmoulins appareceram no limiar do gabinete.

Danton fez um movimento ao avistar Courtois, e caminhando direito a elle disse-lhe:

— Não esperava encontrar-te aqui, e desde já te previno que os teus conselhos e os de Manuel são fóra de tempo, se é que hoje se pensa em retirar a palavra que hontem se deu.

— Então, disse Danton indo para o principe, que decidimos?

— Não me recusarei, disse o principe, posto que mal fizesse em me não recusar, porém, quanto a votar comvosco, nunca. Dei-vos parte das minhas razões, Courtois conhece-as agora tão bem como nós, elle que seja nosso juiz.

— Ah! ah! disse Danton, parece que procedemos como os advogados; tractamos de chicanar. Vamos, vamos, cidadão Egualdade, e Danton carregou energicamente n'esta palavra, o que hontem se ajustou e jurou, não póde hoje ser posto em duvida.

Uma coisa decidida por uma vez, está decidida para sempre.

Temos a vossa palavra, e com ella contamos.

Emquanto Danton fallára, estivera calado Camillo Desmoulins, porém assim que elle terminou, este approximou-se.

Tinha muita amisade ao principe, que tambem o tractava com toda a cortezia, e balbuciando mais do que nunca, disse:

— Já vos não podeis desdizer, haveis de votar comnosco; será isso que destruirá qualquer desconfiança sobre a sinceridade das vossas intenções.

Em seguida, pegando n'uma penna, Camillo Desmoulins escreveu:

« Unicamente occupado do meu dever, convencido de que todos quantos attentaram ou attentarem de hoje em diante contra a soberania do povo merecem a morte, voto pela morte de Luiz »

Danton tomou o papel das mãos de Camillo, leu-o com attenção, pareceu pesar-lhe todas as palavras, approvou-o com um signal de cabeça e entregou-o ao duque, o qual, a despeito da sua visivel repugnancia, o recebeu com um signal de assentimento.

Esta repugnancia não escapou a Danton, o qual, encolhendo os hombros, articulou claramente:

— Alguns idiotas poderão pensar que este acto vos torna indigno do throno, porém aos olhos dos republicanos, que sacrificam as suas convicções, só d'elle sereis digno com esta condição. Não tornemos a fallar n'estas *ninharias*. Estão proximos terriveis acontecimentos, talvez que fiquemos vencidos, mas façamos o nosso dever, dê por onde dér.

O duque d'Orleans exhalou um suspiro e mandou vir refrescos; Camillo Desmoulins fez diligencia por lançar no meio do embaraço geral alguns gracejos, que só fizeram sobresahir ainda mais a perturbação em que se achavam todos.

Sentiam todos necessidade de se separarem, pelo que tractaram de se retirar.

Á sahida, Danton disse a Courtois:

— Se eu não tivesse acudido, o que hontem se dicidio e jurou, ficaria hoje em nada. O que mais n'este mundo temo são os covardes; se elle não fôr garrotado, escapar-se-nos-ha.

Courtois interesára-se n'esta questão; informou-se do que se passára na vespera no Palais-Royal. Tinha havido entre d'Orleans e os montanhezes uma scena violentissima.

O duque d'Orleans debatera-se por muito tempo; por duas ou tres vezes tomára a palavra, e n'uma d'ellas exclamara:

« Em revolução, para merecer viver, será mister ser carrasco do seu rei e do seu proximo! »

Porém Danton sustentára a lucta. Com olhar ardente, voz stridente, mostrára em perspectiva ao principe o exilio de toda a sua familia, a confiscação dos seus bens e a propria vida do duque posta em duvida.

Rendera-se então o duque, promettera tudo, e fôra para

escapar ao empenho contrahido na vespera que elle tivera a idéa de tomar por arbitro Courtois, cuja opinião conhecia.

CAPITULO XV

Foi assim que Phillipe Egualdade tomou logar entre os juizes de Luiz XVI, e deixou cahir na urna mortal o voto que elle nem mesmo escrevera, e que, assim como vimos, lhe fôra dado formulado e prompto por Camillo Desmoulins.

A 17 de janeiro, á noite, Luiz XVI fôra condemnado á morte pela maioria de cinco votos!

A 19 Buzot sóbe á tribuna, pede que se sobreesteja o julgamento, e accrescenta:

— Tenho a intima convicção de que querem um rei em logar d'este, e de que existe um partido que quer elevar um outro. Comparae os acontecimentos de Inglaterra com os nossos, e vereis que este partido não quer a morte de Luiz XVI senão para collocar outro no seu logar.

Como se vê, o duque d'Orleans nada ganhára com a concessão que fizera, por mais terrivel que fosse.

A 21 de janeiro de 1793 Luiz XVI foi executado.

Esta execução produzio o rompimento da França com a Europa inteira e com a mesma França.

A Vendéa, que trovejava surdamente, declarou-se. A Inglaterra pôz fóra o nosso embaixador, fez-nos desunir da Hollanda, da Prussia e da Hespanha, e Luiz XVIII, por uma declaração dada em Hamm, trocou o titulo de regente, e

nomeou seu irmão, o conde d'Artois, logar-tenente general do reino.

Dumouriez estava em Pariz; tinha seriamente diligenciado affastar o rei do cadafalso, e com os seus projectos de futuro sobre o duque de Chartres, não teria pelo contrario interesse em deixar operar livremente o ferro da guilhotina; é o que só Deus, o duque d'Orleans, e elle souberam.

Não deixou de pedir a sua demissão depois de 21 de janeiro; porém bem conheciam que, na situação em que estavam, a espada do vencedor de Valmy e de Jemmapes, era necessaria á Republica.

A demissão de Dumouriez não foi acceita, o qual, não insistio; esta demissão, sem duvida, exonerava-o a seus proprios olhos das promessas feitas ao rei da Prussia. Apresentou os seus planos da campanha. Um d'estes planos, que consistia em invadir rapidamente a Hollanda, foi adoptada.

A 17 de fevereiro, a vanguarda de Dumouriez entrou na Hollanda.

Eis aqui qual era o plano da campanha.

Marchar sobre Bergen-op-Zoom, d'aqui a Breda, chegar a Moerdick, transpôr o Bielbos, braço de duas leguas, que conduzia a Dordreck, seguir por Rotterdam e da La Haye, atè Amsterdam.

Chégados que fossem á capital da Hollanda, estava a Hollanda conquistada.

Dumouriez tomou o commando em chefe da expedição, expôz o plano geral a Valence e a Miranda, seus officiaes, recommendou-lhes que se approximassem o mais que podessem de Ninégue, e pôz Thouvenot em observação sobre o Meuse.

Depois, deixando o grosso do seu exercito, reunio a toda

a pressa desoito mil homens, divididos em quatro divisões, e partio d'Anvers com a sua artilheria.

Em vinte dias, o general Berneroy tinha tomado Klundert; Dascon, por duas surprezas maravilhosas, apoderára-se de Breda e de Gertruidenberg; quatrocentas boccas de fogo, quinhentos mil arrateis de polvora, seis mil espingardas novas e trinta e cinco barcos de transporte em bom estado, cahiram em nosso poder.

Durante este tempo, o duque de Chartres bombardeava Vanloo e Maestricth; para esta ultima cidade a ordem fôra positiva: Tractar Maestricth, como o duque de Saxe Teschen tractára Lille.

Ora, o duque de Saxe Teschen arrazára Lille.

Ao cabo de tres dias de bombardeamento, Maestricth estava a arder; só a cidade defendida em grande parte pelos emigrados francezes commandados pelo general d'Antichamp, oppunha uma resistencia de francez para francez.

N'este meio tempo, soube-se que o principe de Saxe-Cobourg, á testa de sessenta mil austriacos, avançava para as nossas praças do Meuse para fazer a sua juncção com os prussianos reunidos em Vesel.

O seu fim era fazer-nos levantar os sitios de Maestricth e de Vanloo, e expulsando-nos da Hollanda, obrigar-nos a repassar o Meuse, nas margens do qual elles esperariam que fosse retomada Mayence a Custine.

No dia 1 de março começou o principe de Saxe-Cobourg esta grande manobra; cahio sobre Aix-la-Chapelle, repellindo diante de si Dampierre e Steingel.

A 3 o archiduque Carlos, por seu lado, surprehendeu o general Leveneur, que bombardeava Maestricth do lado de Wick e que repassou a Meuse salvando a sua artilheria e o seu material.

Vendo a retirada de Leveneur, Miranda, que commandava

com o duque de Chartres o bombardeamento da margem esquerda, retirou-se tambem deixando as suas bagagens em poder do inimigo para Saint-Tron, onde se lhes foram unir Valence, Dampierre e Miazinski; depois, reenviados de Ruremonde Lamarlière e Champmorim, ahi chegaram por seu turno; d'Harville e Steingel tomaram a mesma direcção.

Finalmente, depois de uma retirada das mais difficeis, as nossas tropas acharam-se reunidas em Tirlemont, isto é, no mesmo ponto d'onde tinham partido.

Dumouriez, pela sua parte, trabalhava na execução do seu plano de invasão.

Estava senhor de Breda, de Klundert e de Gertruidenberg; assediava Villeinstadt, fazia o cerco de Bergen op-Zoom e de Steinberg. Heurden, intimada para se render, ia abrir as portas, e elle estava em Loerdick preparando-se para passar o braço de mar, quando soube que a sua presença era indispensavel no exercito da Belgica.

Com effeito, Valence acabava de ser batido juncto de Tirlemont; a derrota foi completa; os profugos chegaram até Pariz, o que nunca tinha acontecido, nem mesmo quando os prussianos haviam estado em Verdun.

Dumouriez chega a 11 de março a Anvers e reune as tropas.

Achou o o exercito n'uma desordem horrivel.

As tropas acampadas em frente de Louvain tinham perdido tudo, tendas, peças e trens; os soldados desertavam em chusma, mais de dez mil voluntarios tinham já repassado a fronteira; não havia um general que tivesse influencia, não para retomar a offensiva, mas ao menos para dirigir a retirada.

Dumouriez não occultou os sentimentos que levava em mente; odio á Convenção, restauração realista, murmurios e despresos, sedição proxima, eis o que ouviam soldados e

generaes, era revolta em palavra preparando a revolta em acção.

Danton e Lacroix, que estavam no exercito da Belgica, partiram para Pariz; um choque evidente se preparava entre Dumouriez e a Convenção; tractava-se de amortecer o embate.

Por sua parte os commissarios da Convenção, Camus, Merlin de Douai e Theilhard, a quem a onda dos fugitivos arrastára para Lille, e que diligenciavam reorganisar o exercito, apressaram-se a ir ter com Dumouriez a Louvain.

Começaram então as recriminações.

Os commissarios arguiram Dumouriez dos seus actos, que elles chamavam anti-revolucionarios, sendo um d'elles a restituição por elle ordenada da prata das egrejas.

Então Dumouriez exclamou:

« Julgaes, senhores, que penso em não ter de dar conta dos meus actos senão a vós ou mesmo á França? Não, tenho-me em maior conta. Devo contas dos meus actos á posteridade. Ide vêr nas cathedraes belgas as hostias pizadas aos pés, os sacrarios e os confessionarios quebrados. Se a Convenção apoia taes crimes, se elles a não offendem, se ella os não pune, tanto peior para a minha infeliz patria.

« Ficae sabendo que, se para a salvar, fosse mister que commettesse um só crime, eu não o commetteria! Este estado de coisas deshonra a França e estou resolvido a fazel-o cessar. »

Estas palavras de Dumouriez estavam muito em harmonia com a opinião que a seu respeito tinham formado os commissarios para que não abrissem os olhos.

— General, disse Camus, accusam-vos de aspirar ao papel de Cesar; se d'isso tivesse a certeza, tornar-me-ia Bruto, e apunhalar-vos-ia.

— Meu caro Camus, respondeu rindo o general, não sou

Cesar, nem vós Bruto e a ameaça de morrer ás vossas mãos assegura-me a immortalidade.

Depois, encolhendo os hombros, deixou os deputados, e escreveu á Convenção uma carta em que dizia que as medidas tomadas pelo governo francez nos Paizes-Baixos tinham por tal guisa indisposto a Belgica contra nós, que para não comprometter a salvação do exercito que commandava, julgára dever fazel-o recuar até ás fronteiras da França.

A carta foi lida publicamente na Convenção.

No entretanto, Dumouriez tinha, como dissemos, reunido as tropas, e dado um combate, que ganhára, quasi no mesmo campo em que Valence tinha perdido a batalha.

Este combate tivera logar a 16 de março.

Achavam-se em frente do inimigo.

Uma grande batalha ganha reanimava as tropas.

Dumouriez arriscou a batalha de Neerwinden e perdeu-a, disse elle, por culpa de Miranda.

Sobre este ponto, a posteridade para onde Dumouriez pouco antes appellava, terá muitas coisas que dizer, e a primeira será que Dumouriez calumniou Miranda.

O duque de Chartres fez prodigios n'esta batalha em que lhe mataram o cavallo. Tomou duas vezes a aldéa de Neerwinden e foi o ultimo que a abandonou, assim como o capitão do navio é o derradeiro a desamparal-o, quando está para se submergir,

O general Valence morreu cheio de cutiladas.

Dumouriez engrandeceu-se, mas foi tudo inutil, chegára para elle o dia dos revezes.

Era mister que se cumprisse o fatal destino do vencedor de Valmy e de Jemmapes.

Quatro mil francezes foram mortos ou feridos, tres mil ficaram prisioneiros, todo o material cahio em poder do inimigo.

Dumouriez accusou Miranda de indisciplina; Miranda accusou Dumouriez de traição.

Dumouriez não trahia; um general não trahe com o sabre em punho; todos os thesouros do mundo não seriam capazes de cicatrisar a ferida que uma batalha perdida faz no amor proprio de um general.

Foi n'este meio tempo que a carta de Dumouriez chegou á Convenção.

Já dissemos aos nossos leitores que esta carta fôra lida publicamente.

Sabe-se que, havia muito tempo, Marat era inimigo de Dumouriez. Vimos o que se passou entre o general e o periodiqueiro em casa de Talma; lida a carta, Marat pegou na penna e pôz-se a rabiscar papel.

Sabe-se o modo como Marat mordia com os dentes negros e abalados.

Segundo Marat, que se dignava passar a Dumouriez pela sua batalha de Valmy, como tendo sido de alguma utilidade para a França, os combates de Grandprée, de Mons, assim como a batalha de Jemmapes não eram mais do que triumphos desastrosos, em que o sangue francez fôra prodigalisado sem fructo para servir a ambição de um aventureiro perfido.

Reconhece-se que para Dumouriez, que tinha vinte vezes jogado a vida n'esses quatro combates, que tinha salvado a França em Valmy e a honra franceza em Jemmapes, que, para Dumouriez, cujas tropas não tinham pão no acampamento, nem fios no campo de batalha, nem medicamentos nos hospitaes, reconhece-se, dizemos, que a asserção era pouco animadora.

Por isso Dumouriez, que se sentia ameaçado em Pariz pelos chefes jacobinos, e que acabava de perder a batalha de Neerwinden, comprehendia que a sua unica salvação era

passar o Rubicon como Cesar, e marchar sobre Pariz como o vencedor das Gallias marchára sobre Roma.

Tres dias depois da batalha do Neerwinden, entrou em negociação com os austriacos, e em garantia dos compromissos a que se ligava, entregou-lhes a 31 de março Breda e Gertruidenberg.

Estas negociações não eram novas, uma coisa assim como um plano de restauração fôra concertado entre a Hollanda e Dumouriez nos ultimos dias de janeiro: porém a declaração de guerra do 1.º de janeiro tudo suspendera.

Entrar em negociações depois d'esta declaração de guerra teria sido uma traição, que Dnmouriez só em ultima extremidade queria praticar; ora, estava chegado a essa extremidade.

Pelas noticias vindas de Pariz comprehendeu que a sua perda estava decidida.

CAPITULO XVI

Mal se tinha dado principio ás negociações, tres commissarios da Convenção, Dubuisson, Proly e Pereira, apresentaram-se a Dumouriez como enviados pelo ministro Lebrun, de quem lhe traziam uma carta.

Tinham, diziam elles, communicações que lhe fazer sobre os negocio da Belgica.

Damouriez assaz angustiado pela derrota que soffrera em Neerwinden e pelas injustiças que lhe faziam em Pariz, nem mesmo se deu ao trabalho de dissimular os seus sentimen-

tos em frente dos embaixadores da Convenção; logo á primeira conversação que teve com elles lhes declarou os seus projectos.

— Senhores, lhes disse elle, as astucias são para os fracos: os fortes dizem bem alto o que querem, visto que quando o forte quer, a sua vontade é executada; ora, eu digo-vos que hei de salvar a patria apesar da Convenção; a Convenção é simplesmente composta de setecentos quarenta e cinco tyrannos, todos regicidas, porque eu não faço distincção entre os que votaram a appellação para o povo e os que a não votaram; zombo de todos os decretos; já a alguem o disse, e repito-o a vós, dentro de um mez essa famosa Assembléa verá a sua jurisdicção reduzida á cidade de Pariz; além d'isso ha uma coisa que nunca soffrerei, é a existencia de um tribunal revolucionario, e em quanto tiver quatro pollegadas de ferro ao meu lado, saberei oppôr-me aos horrores dos jacobinos.

— Porém, general, perguntou Proly, não quereis constituição?

— Quero a de 1791.

— Embora, mas sem rei, não é assim?

— Com um rei, pelo contrario.

— Com um rei! exclamaram os tres enviados stupefactos.

— A minha opinião, disse Dumouriez tranquillamente, é que é necessario um rei.

— Nem um unico francez será d'esse parecer.

— Deixal-o!

— Só ao nome de Luiz...

— Que importa que se chame Luiz, Jacques, ou Philippe.

— Mas como ha de fazer adoptar essa constituição?

— Cá tenho a minha gente, que são os procuradores dos departamentos e os presidentes dos districtos, e ainda tenho

melhor do que isso, tenho cem mil austriacos e hollandezes que d'aqui a tres semanas hão de estar em Pariz.

— Em Pariz, os austriacos! exclamaram os enviados; e a Republica?

Dumouriez encolheu os hombros.

— Na republica, disse elle, só acreditei tres dias; é um absurdo, um sonho, uma utopia; desde a batalha de Jemmapes tenho lastimado todas as victorias que tenho alcançado para uma causa tão má. Por isso vos repito, d'aqui a tres semanas, ou ha de haver um rei ou os austriacos hão de estar em Pariz.

Mas o vosso projecto compromette a sorte dos presos do Templo.

— Que me importa! Julgaes que faça de tudo isto uma questão de homens? Não, por certo, faço, mas é uma questão de principios. Ainda que ó ultimo dos Bourbons fosse morto, ainda que deixassem de existir os de Coblentz, nem por isso a França deixaria de ter um rei; e se Pariz acrescentasse este homicidio áquelles com que já se deshonrou, immediatamente marcharia sobre a cidade de Pariz, e d'ella me senhorearia, não á maneirá de Broglio, cujo plano era absurdo, mas com doze mil homens, parte dos quaes postaria em Pont-Sainte-Mayence, a outra em Nogent e nas outras portas do rio, e d'esta fórma em pouco tempo a reduziria á fome.

Os tres enviados olharam-se mutuamente, e comprehendendo que estavam á mercê de Dumouriez, fingiram approvar os seus planos, e Dumouriez nem ao menos queria que se pensasse que lhe vinha á idéa sondar as suas disposições, olhando-os como muito pouco importantes para se inquietar com a sua boa ou má vontade a seu respeito.

Por consequecia deixou-os retirar em socego.

Passava-se isto em Tournay, onde se achava M.^{me} Ade-

laide, irmã do duque de Chartres, e M.ma de Sillery-Genlis, sua aia. Dumouriez fallava todos os dias á princeza, e asseguram que n'estas conferencias se tractava fortemente de fazer rei o joven duque de Chartres.

Assim, pois, desde 1793, fixava-se na cabeça de um de Orleans essa flamma real que havia duzentos annos fluctuava em torno dos membros d'esta familia.

Danton fôra tambem, como já dissemos, visitar Dumouriez á Belgica, e procurára adoçar o seu resentimento. Tinha muito interesse em que se não se perscrutasse mui de perto o procedimento do vencedor de Valmy. Danton tivera parte n'esse grande negocio commercial, chamado a retirada dos parizienses.

N'este meio tempo voltou da Belgica, e como nada houvesse obtido de Dumouriez, resolveu dar á França, pelo poder da sua palavra, um d'esses momentos de energia que tão bem lhe sabia inspirar.

Subio pois á tribuna, e com essa voz poderosa como elle a tinha, exclamou:

— Cidadãos representantes, mostrae-vos revolucionarios, e então se acabará o perigo para a liberdade: as nações que querem ser grandes devem, como os heroes, ser educadas na escola da infelicidade. Temos sem duvida tido revezes, porém, se no mez de setembro ultimo vos tivessem dito:

« A cabeça do tyranno cahirá sob a espada das leis, o inimigo será expulso do territorio da Republica, cem mil homens estarão em Mayence; havemos de ter um exercito em Tournay, terieis então visto a liberdade triumphante. »

— Pois bem! a nossa posição é a mesma, perdemos um tempo precioso, è preciso reparal-o. É necessario que a Convenção hoje decrete que todo o homem do povo terá um chuço á custa da nação, os ricos o pagarão. É mister de-

cretar que nas terras em que a contra-revolução se manifestou, será destituido dos direitos de cidadão quem quer que tenha ousado provocal-a. É preciso que o tribunal revolucionario esteja em plena actividade, é necessario que a Convenção declare á Europa, aos francezes, ao universo, que está resolvida a manter a liberdade e a suffocar as serpentes que a despedaçam; e agora, cidadãos representantes, decretemos.

Comtudo, passou-se á ordem do dia sobre muitas propostas de Robespierre, e ente outras, sobre a que pedia que todos os parentes de Luiz XVI fossem intimados para sahirem dentro de oito dias do territorio francez e de todas as terras occupadas pelos exercitos da republica; que a rainha fosse levada perante o tribunal revolucionario, julgada como cumplice do rei, e que Luiz Capeto, seu filho, fosse retido no Templo até nova ordem.

Foi então que Dubuisson, Proly e Pereira chegaram de Tournay, e deram conta á Convenção da sua entrevista com Dumouriez.

Não deixavam duvida nenhuma os projectos do general. A Gironda fingio não acreditar nas declarações dos enviados, porém as suas negativas não serviram de coisa alguma; os inimigos do general rebellado foram auxiliados por testemunhas, e foi decretado que Dumouriez fosse chamado para dar contas dos seus actos perante a Convenção.

A fóra d'isso, o ministro da guerra Beurnonville devia partir immediatamente para o exercito do Norte, afim de conhecer a situação em que se achava, e de dar conta da sua averiguação á Convenção nacional.

Além d'isso tambem, quatro commissarios escolhidos no seio da Assembléa deviam dirigir-se immediatamente ao exercito com poderes para suspender e fazer prender todos os generaes, officiaes militares, funccionarios publicos e cida-

dãos que lhes parecessem suspeitos, e bem assim com auctoridade para os fazer comparecer perante o tribunal, e para lhes pôr selos em todos os papeis.

Procedeu-se logo á nomeação d'esses quatro cidadãos, e Camus, Bancal, Quinette e Lamarque foram nomeados por maioria.

Durante este tempo trabalhava Dumouriez e tentava pôr o seu plano em execução.

Por consequencia mandára ordem ao general Miazinski, que estava em Orchies, para se apresentar em frento de Lille com a sua divisão, de entrar ali e fazer prender os commissarios da Convenção que ali se achassem, assim como os principaes clubistas, e feito isto, que se dirigisse a Douai, que d'ahi expulsasse o general Mouton, e que ali fizesse proclamar, assim como em Lille, a constituição de 1791.

Depois do que, se dirigiria por Cambrai a Peronne, onde tomaria posição e aguardaría novas ordens.

Porém o genio do futuro velava sobre a França. Miazinski confiou-se a homens que julgava seguros, e que o trahiram attrahindo-o a Lille com uma fraca escolta.

Assim que entrou em Lille, foi preso e enviado para Pariz, onde a sua cabeça cahio sobre o cadafalso.

Dumouriez informado d'estes acontecimentos, enviou logo o seu ajudante de campo Devaux para tomar o commando da divisão Miazinski.

Mas depois que Dumouriez era traídor tornou-se desgraçado.

Devaux foi apanhado, enviado a Pariz e guilhotinado como Miazinski.

Estava a procurar alguma combinação que podesse reparar este duplice revez, quando a 2 de abril, pelas quatro horas da tarde, veio um correio annunciar-lhe a chegada do ministro da guerra e dos quatro commissarios da Convenção.

O general reunio o seu estado maior e esperou.

Os commissarios apresentaram-se no quartel general, que os mandou logo entrar.

Camus tomou a palavra, e olhando em torno de si, convidou o general a passar para outra casa; onde estivesse menos gente, e em que lhe podesse lêr um decreto da Convenção.

Dumouriez passou a um pequeno gabinete contiguo á primeira sala.

Então Camus entregou ao general o decreto de que era portador.

Dumouriez pegou-lhe, leu-o e restituio-lh'o com a maior tranquilidade.

— Então? perguntou Camus.

— Então! disse Dumouriez, estou desesperado por uma coisa, senhores.

— Que coisa é então que o desespera?

— É não me permittirem as circumstancias e o estado em que se acha o meu exercito dirigir-me a Pariz para obedecer ás ordens da Convenção. Portanto, acrescentou elle, offereço a minha demissão, como tantas vezes a tenho offerecido.

— General, respondeu Camus, ha de notar que encarregados de um mandado especial, não somos competentes para recusar ou acceitar a sua demissão.

— Pouco me importa, respondeu Dumouriez, que a acceitem ou não. Pelo que me toca, declaro-lhes que não irei a Pariz para me não vêr, eu que os salvei a todos, aviltado, apupado, escarnecido; não lhes levarei a minha cabeça, que está aqui em muita segurança, para a fazerem rolar sobre a platafórma da sua guilhotina.

— Mas, perguntou Camus, não reconhece a auctoridade da Convenção?

— Não.

— Não reconhece o tribunal revolucionario?

— Oh! se reconheço! por um tribunal de sangue, por uma assembléa de algozes, por um fautor de crimes; em quanto me restar um palmo de ferro na mão, não me hei de submetter a similhante gente. E até lhes declaro que se eu podésse, seria o tribunal abolido, não digo ámanhã, nem d'aqui a uma hora, mas no mesmo instante, porque o tenho pelo opprobrio de uma nação livre.

Era a epocha das citações antigas. Camus lançou-se na erudição e citou o exemplo dos antigos gregos e dos antigos romanos que, nas funcções quer civis, quer militares, se tinham submettido ás ordens dos seus govérnos com a abnegação da obediencia.

Dumouriez encolheu os hombros e disse:

— Enganâmo-nos sempre nas nossas citações e desfiguramos a historia dando por desculpa aos nossos crimes o exemplo das virtudes de Roma, de Athenas ou de Sparta. Tarquinio foi um tyranno, como tyranno foi Luiz XVI, hão de concordar n'isto comigo.

« Pois os romanos não o assassinaram, contentaram-se com expulsal-o da patria.

« Depois, chegando ao tempo dos Camillo e dos Cincinnato, dir-lhes-hei que já n'essa epocha os romanos tinham boas leis, uma republica bem regida; que não tinham nem club de jacobinos nem tribunal revolucionario. Estamos n'um tempo de anarchia; os vossos guilhotinadores pedem a minha cabeça, e eu não quero dar-lh'a.

« Oh! posso fazer esta declaração sem ser accusado de fraqueza; bem sabem todos que não tenho receio da morte. Porém como tiram os seus exemplos dos romanos, declaro-lhes que tenho representado muitas vezes o papel de Decio, mas que nunca representarei o de Curtio. Abristes

o abysmo, deite-se dentro d'elle quem o quizer fechar, que não serei eu.

Os deputados deixaram-no fallar até ao fim, depois Camus redarguio:

— Penso que se engana sobre o estado de Pariz. Agora não se tracta nem de jacobinos, nem de tribunal revolucionario; é chamado perante a Convenção, e nada mais.

Dumouriez sorrio-se e respondeu:

— Escutem, senhores, passei o mez de janeiro em Pariz; bem o vi tempestuoso e levantado. Certamente não se acalmou depois, pelo contrario. Sei de fonte certa que a sua Convenção é dominada pelo seu odioso Marat, pelos seus infames jacobinos, e pelas suas indecentes tribunas, sempre cheias dos seus emissarios. Ainda que a Convenção me quizesse salvar não poderia.

— D'essa fórma, tornou Camus, recusaes positivamente obedecer aos decretos da Canvenção?

— Recuso.

— Reflicta que a sua desobediencia, além de o perder perde tambem a Republica.

— Cambon disse na sua tribuna, e no meio dos applaude toda a Assembléa que a sorte da Republica não dependìa de um homem. Eu declaro-lhe que, ao meu vêr, a Republica não passa de uma palavra vã; que, na minha convicção, não existe, que estamos em plena anarchia. Não quero esquivar-me a um julgamento, e a prova é que lhes prometto debaixo da minha palavra de honra, e os militares são-lhe fieis, que, assim que a nação tiver leis e governo darei uma conta exacta dos meus actos, e das causas que os teem originado; farei mais ainda, eu mesmo pedirei um tribunal; submetter-me-hei a um julgamento. Porém, na presente occasião, acceitar o seu tribunal e submetter-me ao seu julgamento, seria um acto de demencia.

— N'esse caso, general, disseram os commissarios, permitta que nos retiremos afim de conferenciarmos.

— Como quizerem, respondeu Dumouriez.

Os commissarios retiraram-se com effeito, e reappareceram um momento depois.

Vinham com ar grave e resoluto.

— Cidadão general, disse Camus, quer obedecer ao decreto da Convenção necional e dirigir-se a Pariz?

— N'este momento, não, por cerfo, senhores, respondeu Dumouriez.

— Então declaro-lhe que o suspendo das suas funcções. Já não é general. Ordeno que lhe não obedeçam e que o prendam; além d'isso, vou pôr sellos nos seus papeis.

— Entrem, e prendam estes quatro homens, disse Dumouriez em allemão, abrindo uma porta aos hussards estrangeiros, que tinha ás suas ordens.

A prisão fez-se sem difficuldade.

Os quatro commissarios da Convenção, assim como o ministro da guerra foram feitos prisioneiros e dirigidos ao general Clairfact, que os conservou em refens, e mandou-os para Austria, onde começou para elles esse captiveiro de dois annos e meio, que só terminou quando foram trocacados por M.^ma Real.

Mas praticando este acto, Dumouriez attingira os limites da sua auctoridade, todos os corações francezes que havia no seu exercito recusaram-se d'ahi ávante energicamente a tudo quanto tentou para luctar contra a França.

Vendo pois esvaecer-se uma a uma todas as suas esperanças de rebellião, sahio de Saint-Amand a 4 de abril, acompanhado do duque de Chartres, dos dois Thouvenot, do sr. de Montejoie, e de uma escolta de uns quarenta homens. O fim d'esta marcha era dirigir-se a Condé, onde os chefes austriacos os aguardavam,

Ahi se deviam decidir definitivamente as convenções entaboladas em Ath.

A tres quartos de legua de Condé encontrou tres batalhões que marchavam sobre esta cidade com armas e bagagens; esta manobra não lhe convinha, pelo que Dumouriez os mandou retroceder

Mas ou fosse traição visivel, ou simples intuição, em logar de obedecerem, prepararam as armas, Dumouriez, vendo isto, largou o cavallo a galope, o que logo foi imitado por aquelles que o acompanhavam.

Então retumbaram os gritos de: Pare! pare! As balas sibilaram, e como tomasse a estrada uma força que estava na frente d'aquella a que Dumouriez tinha escapado, correram atravez dos campos; mas então, como se recuasse a servir seu dono por mais tempo, o cavallo de Dmouriez teimou em não querer transpôr um fosso.

Dumouriez apeou-se, abandonou o cavallo, e no meio de uma chuva de balas, cavalgou outro que lhe offereceu Baudoin, criado do duque de Chartres.

Graças á dedicação d'este bom servo, pôde esta pequena força retirar-se galopando.

Quanto a Baudoin fingio estar ferido, assentou-se na beira da estrada atraz de um mólho de feno, e dando falsa direcção ás pesquizas dos soldados, salvou duas vezes os fugitivos.

Fôra grande a falta, terrivel foi porém a punição.

O Coriolan moderno nem mesmo teve, como o Coriolan antigo, a satisfação de fazer tremer Roma, e a historia será mais severa ainda para com elle, que nem sequer teve como o filho de Veturio, a felicidade de passar por essa expiação sanguinolenta que tudo lava.

E comtudo a punição que teve foi para elle peior do que a morte; declarado traidor publicamente pela França, reco-

nhecido como tal por todas as nações, offereceu inutilmente a sua espada a todos os reis, preparando-se para fazer a guerra á França, por toda a parte recusado, vivendo de uma pensão que lhe dava a Inglatera, nem sequer se atreveu a entrar, em 1814, em França, longe da qual morreu, deixando o seu cadaver no exilio, e a sua memoria ao juizo da posteridade.

Antes de seguirmos o duque de Chartres n'este longo exilio, que elle tambem teve de soffrer, tornemos a Pariz e vejamos a influencia que a sua fuga devia ter nos seus amigos, sobre a sua familia e particularmente em seu pae.

CAPITULO XVII

A fuga do duque de Chartres recahia directamente, como bem se deve conhecer, sobre Philippe Egualdade; o duque e Sillery em balde se apresentaram immediatamente no *comité*, em vão sollicitaram um exame escrupuloso do seu procedimento, as desconfianças e severidade da Convenção nem por isso se abrandaram, o *comité* passou mandados de prisão contra M.^ma^ de Genlis, contra o general Valence, contra os duques de Chartres e de Montpensier, e emfim contra Montjoie e Sauvan.

Todos estes mandados de prisão, (coisa realmente singular), não dimanaram da Convenção, mas sim de um *comité* sem auctoridade reconhecida, e foram assignados por Duhem.

A Gironda triumphava.

Barbaroux subio á tribuna e disse:

« Ha cinco mezes que vos denunciámos a facção d'Orleans, e ha cinco mezes que nos tractaes de máos cidadãos; hoje reconheceis que tinhamos razão: com effeito o que exige Dumouriez? O restabelecimento da antiga constituição de 1781. Quem é que ella chama ao throno? D'Orleans.

No dia 7 foi proposta a prisão dos membros da familia d'Orleans.

Chateau-Aandou subio á tribuna e disse:

« Approvo a proposta relativa á prisão da mulher e dos filhos de Valence, e da cidadã Montesson, mas tambem reclamo a prisão da mulher d'Egualdade; entre as cartas apprehendidas ao correio expedido por Valence, existem duas de Egualdade filho, uma para sua mãe, outra para seu pae; n'esta ultima diz:

« *Foi a Convenção que precipitou a França no abysmo.*

« Se Egualdade filho escreve n'este sentido, bem vêem que é importante lançar mão da mãe; proponho pois que seja presa. «

Levasseur succede a Châteauneuf, sóbe á tribuna e exclama:

« Lembre-se a Convenção do que se diz no processo-verbal dos tres commissarios do conselho executivo, que Dumouriez não só enunciou os seus principios, mas tambem os seus projectos contra revolucionarios em presença de Valence e de Egualdade filho; não preciso mais provas da sua cumplicidade; quando mesmo este filho de Egualdade não partilhasse a opinião de Dumouriez, seria culpado por o não ter apunhalado quando elle proferio similhantes palavras; peço que Egualdade pae e Sillery sejam egualmente presos.

O duque d'Orleans procurou defender-se, dizendo:

« Cidadãos, o *comité* de defeza geral deu conta á Convenção do pedido que eu fiz do exame dos meus actos; se sou criminoso, devo ser castigado, isto é claro, se meu meu filho o é, estou em frente do busto de Bruto. »

Tocou então a palavra a Boyer-Fonfrède; os girondinos, os eternos perseguidores dos d'Orleans julgavem-se agora pelas suas relações com Dumouriez quasi mettidos em processo como cumplices.

Boyer-Fonfrède saltou do seu logar para a tribuna e disse:

—Cidadãos, os Egualdade teem servido a liberdade! pois eu não quero dever nada a esses homens em cujas veias corre sangue de reis. Por conseguinte, devo aqui dizer quaes são as minhas desconfianças: foi diante de Egualdade filho que Dumouriez fez as suas atrozes declarações; e ainda não está preso; peço que o seja, essim como que seja conduzido perante o tribunal da mesma fórma que Valence.

Seguio-se-lhe Buzot, o qual pedio que fosse lida á Assembléa essa celebre carta do duque de Chartres para seu pae, em que se dizia que a Convenção tinha perdido tudo na França.

A moção de Buzot foi approvada, pelo que se passou á leitura da carta.

Fôra escripta quatro dias antes da fuga do duque de Chartres, e correspondia ao mesmo dia em que Dumouriez entregára aos austriacos Breda e Gertruidenberg.

Eis a carta:

Tournai, 30 de março.

« Escrevi-vos de Louvain, meu querido pae, a 21; foi o primeiro momento de que pude dispôr depois da desastrosa batalha de Neerwinden; tambem vos escrevi de Bruxellas e de Enghien; bem vêdes pois que não ha n'isto culpa minha, mas ninguem póde fazer idéa exacta da promptidão com que as administrações dos correios se retiraram; tenho chegado

a estar dez dias sem cartas e sem papeis publicos. N'estas repartições, como em tudo o mais, ha uma desordem admiravel.

« A minha côr de rosa está agora bem transtornada, ou para melhor dizer, está mudada em negro mais carregado.

« Vejo a liberdade perdida, vejo a Convenção perder inteiramente a França pelo esquecimento de todos os principios; vejo accesa a guerra civil, vejo cahirem de toda a parte exercitos innumeraveis sobre a nossa infeliz patria, e não vejo exercito para se lhe oppôr.

As nossas tropas de linha estão quasi destruidas, os nossos batalhões mais fortes são de quatrocentos e tantos homens, o valente regimento das Deux-Ponts é de cento e cincoenta homens, e não lhe vem recrutas; toda a força está nos voluntarios e nos corpos novos. Além d'isso, o decreto que assimilha as tropas de linha aos voluntarios, indispôz uns contra os outros; os voluntarios desertam e fogem de toda a parte; não ha quem os possa suster. E a Convenção pensa que com taes soldados póde fazer guerra a toda a Europa.

Asseguro-vos que, por pouco que isto dure, em breve ficará desenganada. Em que abysmo ella precipitou a França!

« Minha irmã não se dirigirá a Lille, onde poderia ser incommodada na sua emigração. Prefiro que vá habitar n'uma aldéa nos arredores de Saint-Amand.

Egualdade filho. »

A leitura d'esta carta produzio um medonho rumor na Assembléa, e por proposta de Réveillère-Lépaux, deu logar a um decreto que ordenava que o duque d'Orleans e Sillery fossem guardados á vista.

Marat alcançou mais longe, pedio que se promettesse di-

nheiro a quem apresentasse a cabeça do duque de Chartres, estendendo esta moção a todos os Bourbons fugitivos.

A emenda de Marat foi regeitada, porém á noite, no momento em que o duque d'Orleans estava dando uma lição de historia ao duque de Beaujolais, entraram no seu gabinete e prenderam-no.

No dia immediato ao da prisão recebeu a Convenção o bilhete seguinte:

« Cidadãos, meus collegas, hontem foram ao meu gabinete dois particulares: um dizendo-se official de paz, o outro inspector de policia: apresentaram-me uma ordem assignada por Pache para me dirigir á *mairie*.

« Pedi-lhes que suspendessem a sua execução a meu respeito.

« Invencivelmente affeiçoado á Republica, certo da minha innocencia, e desejando vêr chegar o tempo em que os meus actos hão de ser examinados e investigados, não teria retardado a execução d'esta ordem se não julgasse que ella comprometlia o caracter de que estava revestido.

Philippe Egualdade. »

A Assembléa passou á ordem do dia, e o duque d'Orleans conduzido da *mairie* á Abbadia, foi quasi em seguida transferido da Abbadia para Marselha.

Encerrado no forte de La Garde com o conde de Beaujolais, o duque d'Orleans, que acabava de ser preso, a duqueza de Bourbon, sua irmã, e o principe de Conti, seu tio, passou algum tempo depois para o forte de Saint-Jean, onde se deslisou a maior parte do tempo do seu captiveiro.

O duque de Montpensier deixou sobre este captiveiro excellentes Memorias, cheias d'essa suave e juvenil tristeza que se conhece não ser desacompanhada de esperança.

Havia algum tempo que não era tão dura a situação dos presos.

O principe podia communicar com seus filhos, comer com elles, ler os periodicos e receber algumas cartas; além d'isso tinham morrido os seus mais encarniçados perseguidores: primeiro Marat, depois Buzot, Barbaroux, Pétion, em quanto que pelo contrario tinham sobrevivido Danton, e Camillo Desmoulins, seus amigos.

A 15 de outubro annunciaram os periodicos que a Convenção acabava de decretar o proximo julgamento de Philippe Egualdade.

O principe estava jogando as cartas com seus filhos quando lhe foi dada a noticia pelo porteiro que trazia os periodicos.

— Tanto melhor, disse elle, ao menos acabar-se-ha isto para mim de uma ou de outra fórma. Abracem-me, meus filhos, é este um dos mais bellos dias da minha vida.

Abrindo então o periodico, leu o decreto que lhe dizia respeito.

— Está bom! disse elle, o decreto não se fundamenta em coisa alguma; foi sollicitado por uns grandes malvados, mas não importa, perderão o seu tempo, desafio-os a que achem alguma coisa contra mim.

Depois, voltando-se para os filhos, continuou:

— Vamos, meus filhos, não se afflijam por isto que eu olho como uma boa nova: continuemos o nosso jogo.

No dia 23 de outubro, ás cinco horas da manhã foi o duque de Montpensier acordado por seu pae, que entrou na sua prisão acompanhado pelos comissarios que a Convenção mandava para o prender.

— Meu querido Montpensier, disse elle ao joven principe, venho dizer-te adeus; vou partir.

E como o joven principe, de tremulo que estava, lhe não

podesse responder, estreitou-o contra o seu coração, derramando amargo pranto.

— Queria partir sem te dizer adeus, acrescentou elle, porque sempre é terrivel o momento da despedida: porêm não achei meio, meu querido filho, de resistir ao desejo de te vêr. Adeus, consola-te, consola teu irmão, e pensem ambos na felicidade que sentiremos quando nos tornarmos a vêr.

O duque d'Orleans partio, e ficaram os dois irmãos procurando dar um ao outro esperanças, que nenhum d'elles tinha.

O principe ia acompanhado por um unico criado grave chamado Gamache, servo muito affeiçoado a seu amo, que já conhecemos porteiro do parque de Monceaux, e que dez vezes nos contou a nós mesmo os detalhes da viagem e da morte do principe.

Os tres commissarios da Convenção iam com o principe na carruagem, que ia escoltada por uma força de *gendarmeria*.

Viajavam lentamente; paravam á noite para dormir nas melhores estalagens, das grandes cidades; jantaram em Auxerra e os commissarios expediram uma carta para Pariz, na qual perguntavam para que prisão deviam levar o principe.

CAPITULO XVIII

Quando chegaram á barreira, acharam um homem que os esperava; era a resposta da carta; o homem subio á carruagem e indicou a Conciergerie.

A vinda do principe já era conhecida, por isso estava cheio de curiosos o pateo do Palacio da Justiça, onde se apeou; a prisão que estava reservada era proxima d'aquella que a rainha occupára; é aquella por onde se entra hoje na capella expiatoria, que fica contigua á celebre sala dos finados, que se tornou em egreja.

O criado solicitou e obteve permissão de ficar junto de seu amo.

— Então, meu querido Gamache, lhe disse o principe assim que vio só com o seu bom servo, não quizeste deixarme? Não esperava outra coisa de ti, e muito te agradeço, devemos esperar não estar aqui toda a vida.

O principe lembrou-se de escrever a seus filhos, e principalmente ao duque de Chartres e a sua filha; mas não se atreveu a fazel-o, com receio de que lhe abrissem as cartas.

Foi-lhe concedido um defensor.

Este chamava-se Voidel, e communicou em toda a liberdade com elle.

Assim como o preso, Voidel parecia convencido de que era certa a absolvição.

No dia 6 vieram annunciar-lhe que tinha chegado o cesto com vinho d'Ai, que elle tinha pedido.

Estava elle dispondo-se para o provar, quando a porta se tornou a abrir.

Vinham buscal-o para o conduzir ao tribunal revolucionario.

Foi o carcereiro que lhe veio annunciar esta noticia.

Deixou-o dar conta da commissão fatal, e apresentando-lhe um copo disse:

— Tome, meu caro, faça-me o favor de provar este vinho e de me dizer que tal o acha.

O carcereiro não ousava acceitar.

— Vamos, vamos, disse o duque, não tenha receio. Se lhe pedisse que bebesse á minha saude, então podia comprometter-se, principalmente n'este momento; mas eu só lhe peço que prove este vinho, e que me diga que tal o acha.

O guarda-chaves bebeu dois copos d'Ai. O duque d'Orleans bebeu o resto da garrafa de um trago, pôz duas garrafas de parte, distribuio as outras pelos carcereiros e dirigio-se para o tribunal.

A sua entrada produzio uma sensação profunda.

As devassidões, a fadiga, a inflammação do sangue, uma calvice precoce, faziam do principe, no momento da sua prisão, um homem em que bem pouco restava do elegante duque de Chartres, vencedor d'Ouessant.

Porém, mudança singular, um regimen são e depurativo, o ar do mar respirado pelas janellas da torre Saint-Jean, a mesma abstinencia da prisão, tinham feito do duque d'Orleans um outro homem.

O principe emmagrecera, fizera-se mais branco, as borbulhas que lhe queimavam o rosto tinham desapparecido, e na fronte uma só ruga funda indicava a presença importuna de um unico pensamento.

Acresentando a isto um grande socego, effeito do poder moral, que em face do perigo o principe tinha tomado so-

bre si, essa magestade real que a desgraça dá até áquelles que não são principes, teremos uma idéa do que era o duque d'Orleans quando se apresentou ante os juizes,

A accusação era vaga, quasi chimerica.

Se algum homem tudo tinha sacrificado á Republica, até a honra, era elle.

— Não votaste a morte do tyranno com a ambiciosa pretensão de lhe succeder? perguntou Hermann.

— Não; fil-o na minh'alma e consciencia.

D'aquillo que já lhe tinha morto a honra, faziam agora uma arma para lhe matar a vida.

As outras perguntas foram estas:

— Conheceste Brissot?

— Que posição tinha Sillery junto de vós?

— Disseste ao deputado Poulhier: «que me pedireis quando eu fôr rei?»

Á maior parte d'estas perguntas o duque encolheu os hombros.

Perguntaram-lhe tambem:

— Por que razão, durante a Republica, consentistes que vos chamassem principe, e para que fim fizeste essas grandes liberalidades durante a revolução?

— Aquelles que me chamavam principe, respondeu o duque, chamavam-me principe contra minha vontade, e eu tinha mandado pôr uma declaração á porta do meu quarto de que pagariam uma condemnação em beneficio pos pobres todos quantos me déssem similhante titulo. Á respeito das liberalidades, de que me accusaes, eu pelo contrario me vanglorio, por que com essas liberalidades, que fiz vendendo parte das minhas propriedades, soccorri os indigentes durante um inverno rigoroso.

O duque d'Orleans foi condemnado á morte.

Leram-lhe a sentença.

Um leve sorriso de ironia lhe crispou os labios a esta leitura; e, contentando-se com encolher os hombros, replicou:

— Pois que estão decididos a fazer-me morrer, deverieis ao menos ter procurado motivos mais especiosos para a minha condemnação; porque nunca sereis capazes de persuadir a quem quer que seja que me tenhaes julgado criminoso das traições de que acabaes de me declarar convencido.

Depois, volvendo um derradeiro olhar para o ex-marquez d'Antonelle, disse:

— E vós, menos do que ninguem, vós que tão bem me conheceis, peço-vos, visto que a minha sorte está decidida, que não façaes penar até ámanhã, mandae-me hoje mesmo ao cadafalso.

Eram d'essas graças que Fouquier-Tinville não recusava.

Reconduziram o principe á sua prisão.

Dois padres o aguardavam.

No intervallo que separava o tribunal revolucionario da prisão, grande mudança se operára no principe ou para melhor dizer no homem.

Prestes a entrar na escuridão da sua prisão, prestes a ficar sósinho com as suas recordações, toda a amargura e indignação que tinha concentrada no peito, d'elle se lhe ia extravazando á medida que se affastava do tribunal revolucionario.

— Malvados, exclamou elle ao entrar debaixo da alta abobada, tudo lhes dei, classe, fortuna, ambição, honra, renome da minha casa para o furturo, repugnancia mesmo da natureza e da minha consciencia em condemnar os seus inimigos, e é esta a recompensa que me dão. Ah! se eu tivesse obrado por ambição, como elles dizem, seria hoje bem desgraçado. Não, a ambição que me impellia era uma ambição mais alta do que a do throno, era a ambição da liberdade do meu paiz e da felicidade dos meus similhantes.

Não importa, repito «*viva a Republica!*» Este brado sahio do meu palacio,

Depois, do peito despedaçado, sahio-lhe este brado afflictivo:

— Oh! meus filhos, meus filhos!

Era o termo da explosão violenta, foi encostar-se ao fogão e deixou cahir a cabeça entre as mãos.

Os *gendarmes*, os carcereiros e os dois padres olhavam para elle silenciosos.

Muitas vezes tinham ouvido eguaes exclamações, porém o homem que as proferia d'esta vez era principe, e posto que se houvesse declarado que já não haviam principes, a attenção com que elles o tractavam, protestava contra a perda de tão elevado titulo.

Ergueu-se então um dos dois padres; era um sacerdote allemão chamando Lothinger, mal encarado e grosseiro. Um homem para quem a sublime missão de consolador é um estado que exerce em consciencia, é verdade, mas nada mais.

Approximou se do principe e disse.

— Vamos, vamos, basta de gemer, é preciso que se confesse.

— Retire-se... disse o duque, e deixe-me em descanso, imbecil!

— Então quer morrer como viveu? insistio obstinadamente o padre.

O duque d'Orleans não respondeu, mas o carcereiro e os *gendarmes* responderam por elle.

— Sim, sim, elle viveu bem, deixe-o morrer como viveu.

O segundo padre, pelo contrario, chamado o abbade Lambert, tinha toda a delicadeza de coração e de espirito de que o seu collega carecia: muito envergonhado com a brutalidade do abbade Lothinger e com a grosseria dos *gen-*

darmes e dos carcereiros, approximou-se do principe, e com voz suave e persuasiva, disse:

— Egualdade, venho offerecer-te os sacramentos, ou pelo menos as consolações de um ministro do céo; queres recebel-as de um homem que te faz justiça, e que tem de ti sincera commiseração?

— Quem és tu? perguntou o duque.

— Sou, respondeu o abbade Lambert, o vigario geral; se não desejas o meu ministerio como padre, posso, como homem, encarregar-me de alguma coisa que queiras para tua mulher e para a tua familia.

— Não, disse o duque, agradeço-te. Se turva está a minha consciencia, é mais uma razão para que só as minhas vistas a penetrem. Acredita-me, não preciso senão de mim para morrer como bom cidadão.

Então o principe mandou vir o almoço, comeu com appetite e bebeu as duas garrafas d'Ai, que tinha reservado.

N'este momento veio um membro do tribunal perguntar-lhe se acaso tinha que fazer alguma revelação, que fosse de interesse para a Republica.

— Se alguma coisa soubesse contra a segurança da patria, respondeu o duque, não teria esperado até agora para a revelar. Demais, eu não levo nenhum resentimento contra o tribunal, nem mesmo contra a Convenção ou contra os patriotas; não são elles que querem a minha morte, esse desejo vem de mais alto.

Ás tres horas vieram buscal-o para o conduzirem ao cadafalso.

Desceu no meio de uma ala de *gendarmes*, que estavam de sabre desembainhado.

Beaulieu, o escriptor realista, vio-o passar da janella da sua prisão.

« Eu estava então preso na Conciergerie, diz elle, vio-o

atravessar as portas e o pateo d'esta prisão; ia escoltado por meia duzia de *gendarmes* de sabres desembainhados. Cumpre dizer que, pelo seu andar firme, pelo seu ar verdadeiramente nobre, mais parecia um general commandando os seus soldados, do que um desgraçado que era conduzido para o patibulo.»

O principe, assim que chegou á porta, atirou-se rapidamente para o carro.

Ao lado d'elle subiram Coutand, esse antigo deputado da sociedade legislativa que, no terrivel 10 de agosto, tinha salvado a vida a nove officiaes suissos, e um pobre operario de camisola, cujo nome ninguem sabia.

Assim, por esta verdadeira egualdade ante o patibulo, estavam representadas as tres classes da sociedade franceza: aristocracia, burguezia e povo.

O carro pôz-se a caminho, rodando lentamente por causa do immenso ajuntamento; todos os olhos procuravam o principe; uns por vingança, outros por compaixão, muitos por simples curiosidade, para saberem como morria aquelle que tão mal tinha vivido.

Elle tornára-se altivo e ousado em frente da morte, como o deve ser um verdadeiro Bourbon.

Nunca tinha erguido tanto a cabeça como no momento em que lhe ia cahir.

O abbade Lothinger não quizera abandonal-o, mettera-se com elle no carro, e fatigava-o com as suas importunações.

O prestito parou em frente do Palais-Royal; então o duque levantou-se no carro, e por duas ou tres vezes, com certa impaciencia, mergulhou a vista na profundeza dos pateos.

O abbade Lothinger aproveitou esta paragem para tentar um derradeiro esforço, dizendo-lhe:

— Olha para este palacio, onde não has de tornar a habitar, e á vista d'estes bens morredouros, que um ou outro dia somos obrigados a deixar, arrepende-te.

O duque d'Orleans fez um gesto de impaciencia.

— Bem vês, disse o obstinado padre, que se vae abreviando o caminho, pensa bem na tua consciencia e confessa-te.

O duque bateu o pé e murmurou em voz baixa algumas palavras, que não foram ouvidas.

Ao cabo de dez minutos o prestito proseguio o seu caminho.

Muitas pessoas perguntaram d'onde provinha esta paragem; uns respondiam que era proveniente de um simples ajuntamento de carruagens, outros diziam que provinha de um requinte de crueldade.

Não proveio de nenhuma das duas coisas; qual foi o motivo, encarregou-se de o dizer nas suas Memorias, Froment, prefeito do Sena.

A demora fôra preparada simplesmente para salvar o duque d'Orleans.

Mais de cem pessoas armadas estavam no Palais-Royal, com os individuos que deviam dar o signal e dirigir o movimento.

Além d'isso, duas tabernas que ficam perto uma da outra á entrada da rua Saint-Thomas do Louvre e da de Chartres, estavam cheias de artilheiros das secções do Arsenal, dos Gravillières, e de Poissonnière.

Parte da *gendarmeria* estava comprada, emfim, mais de oitocentos homens armados acompanhavam o prestito envolvidos com o povo.

Alguns iam vestidos de mulher e admiravelmente armados.

A um signal dado, que devia partir do Palais-Royal, to-

dos esses homens, desconhecidos uns dos outros, deviam opearar simultaneamente e reconhecer-se.

Um grande movimento destrahiria a multidão, dispersar-se-ia a força armada, desarmariam os *gendarmes* e os soldados que quizessem resistir, soltariam o duque d'Orleans, dirigir-se-iam a casa de Robespierre, que morava d'ali duzentos passos, assassinal-o-iam, e levariam o principe em triumpho á Assembléa Nacional.

Eis a razão porque o duque d'Orleans volvia para o seu palacio esses olhares inquietos e impacientes.

Eis a razão porque batia o pé quando o padre lhe queria chamar a attencão para Deus, e porque tornou a cahir sobre o banco do carro, com as sobrancelhas contrahidas, mas sem empallidecer, quando vio que o prestito se punha em marcha.

Digamos agora como foi que a conjuração abortou.

Por um acaso, que ninguem tinha prévisto, Robespierre ainda não tinha voltado para casa, quando o prestito sahio da Conciergerie; esperaram dez minutos em frente do Palais Royal, porém um cordão de conjurados, que communicavam de uns para outros, continuavam a annunciar esta ausencia.

Robespierre estava no *comité* de salvação publica, e não havia meio de ir lá assassinal-o.

Estas hesitações duraram dez minutos, e foi durante este espaço de tempo que o carro esteve parado defronte do Palais-Royal.

Na altura da rua de l'Échelle, julgaram que Robespierre já tinha voltado para casa, e para se certificarem d'isso, fez-se novamente parar o prestito; porém que tivesse ou não voltado, já estavam muito longe para receberem o signal, o fio estava quebrado; o carro continuou o seu caminho; a rua ia direita ao patibulo.

Está segunda paragem despedaçára o duque, que deixou por alguns momentos pender a cabeça para o peito: ao chegar á praça da Revolução, o rufar dos tambores fez-lh'a erguer, e então vio essa multidão immensa que enchia a praça.

O padre aproveitou esta occasião para lhe dizer:

— Inclina-te perante Deus, e accusa-te dos teus peccados.

— Porventura, disse a principe, posso eu fazel-o no meio d'este ruido? Além d'isso, parece-me que tenho aqui mais precisão de coragem do que de arrependimento.

— Pois bem! insistio o sacerdote, confessa ao menos aquelle dos teus peccados que mais te pezar. Deus te tomará em conta a intenção e a impossibilidade, e eu perdoar-te-hei em seu nome o que tu confessares e o mais que me occultares por falta de espaço.

Então o principe pareceu commover-se: inclinou-se, fallou por alguns instantes a meia voz ao padre, e recebeu o perdão de Deus, poucos passos distante do cadafalso.

A confissão e a absolvição duraram apenas cinco minutos. O principe desceu lestamente do carro.

Pôde então vêr-se que ia vestido com elegancia, e segundo o seu costume, mais á ingleza do que á franceza.

Quizeram ajudal-o a subir os degráos um pouco elevados da guilhotina; elle porém affastou com os cotovelos os criados que queriam prestar-lhe este serviço; quando chegou á platafórma do patibulo, o carrasco preparou-se para lhe tirar as botas.

— Nada, não, disse o duque, depois será mais commodo; aviemo-nos!

O executor não o fez esperar mais; deitou-o sobre a prancha fatal, que balouçou, e a cabeça do principe cahio placida e serena, como se effectivamente não tivesse de que se arguir, ou o perdão do padre lhe houvesse lavado todas as maculas da alma.

Fôra uma só a sentença dada contra o desventurado duque d'Orleans.

Seria justissima por ter sido unanime?

Não o cremos.

Toda a epocha terrivel precisa do seu bode emissario, da sua victima expiatoria, que se carregue com os peccados de todos, e que se precipite para o abysmo, esperando que atraz d'essa victima o abysmo se fechará.

O duque d'Orleans seria culpado de todas as machinações de que o accusaram?

Respondemos ousadamente que não, porque não teria podido ser por espaço de seis annos a alavanca de todas as sedições sem deixar uma prova da parte que n'ellas houvesse tomado, quer no incendio de Reveillon, quer nos dias 5 e 6 de outubro, 20 de junho e 10 de agosto.

Não, o verdadeiro agente do progresso era o espirito publico; o verdadeiro mobil dos assassinatos que se commetteram, foi o oiro de Pitt, quando elle mandava gastar sem que lhe déssem contas, e tinha por fim deshonrar a revolução pelos seus proprios excessos, e tornal-a odíosa aos mesmos revolucionarios.

Mas por que era o duque d'Orleans tão odiado por todos?

É bem simples.

Era odiado pelo rei, porque os rèis odeiam sempre os chefes das raças que devem succeder á sua.

Era odiado pela rainha, porque elle dizia em voz alta nas suas orgias e nos seus festins, o que os outros só diziam em voz baixa.

Era odiado pelos montanhezes, porque estes tinham sido ingratos para com elle.

Era odiado dos girondinos por ser montanhez.

Era odiado da aristocracia por se ter feito povo.

Era odiado do povo por ter nascido principe.

Ora, parece-me que são odios bastantes para calumniarem a memoria de um homem.

CAPITULO XIX

A 6 de abril, chegou o duque de Chartres a Mons.

Viram-se os perigos que correu pelo caminho, maior perigo ainda o aguardava á sua chegada.

O principe Saxe-Cobourg offereceu-lhe para ser admittido ao serviço do imperio, com a patente que tinha no exercito francez.

O duque de Chartres recusou.

Esta recusa partio-lhe do coração ou da intelligencia? Foi negocio muito debatido. A nossa opinião é que partio de ambas as coisas.

O que adulterou o caracter do duque d'Orleans, o que perdeu o rei, foi o grande despreso que tinha pelos homens.

Na epocha de que fallamos, tinha aprendido a temel-os, mas ainda não a despresal-os.

Respondeu pois ao principe de Saxe Cobourg, que o que d'elle tão sómente desejava, era um passaporte para Cezar Ducret, seu ajudante de campo, e outro para si.

Obteve-se, e depois de ter prevenido da sua partida sua mae, que estava presa no castello do velho duque de Penthièvre, pôz-se a caminho, sob o nome de Corby, viajante inglez.

Contava dirigir-se á Suissa por Liége, Aix-la-Chapelle e pela Colonia.

N'este meio tempo, publicava Dumouriez a carta seguinte nos periodicos allemães e inglezes:

« Tendo sabido que se suscitaram algumas suspeitas contra as minhas intenções ácerca de uma pretendida ligação, que se suppõe existir entre mim e Philippe d'Orleans, principe francez, conhecido pelo nome de Egualdade; cioso de conservar a estima de que todos os dias recebo as mais honrosas provas, apresso-me a declarar que ignoro se realmente existe uma facção d'Orleans, que nunca tive a menor ligação com o principe que dizem ser seu chefe, ou que mais não é que seu pretexto. *Que nunca gostei d'elle*, e que depois da epocha funesta em que despedaçou os laços do sangue e faltou a todas as leis conhecidas, votando criminalmente a morte do desafortunado Luiz XVI, *sobre a qual pronunciou a sua opinião com uma independencia atroz, o meu despreso por elle mudou-se n'uma aversão legitima que só me permitte desejar vêl-o entregue á severidade das leis.*

« Quanto a seus filhos, julgo-os dotados de tantas virtudes quantos vicios tem o pae; serviram perfeitamente a sua patria nos exercitos que commandei, sem nunca mostrarem ambição; tenho muita amisade ao mais velho, fundada n'uma estima bem merecida; creio poder affiançar que bem *longe de aspirar a subir ao throno de França,* fugiria para o cabo do universo, se a tal se visse obrigado.

« Finalmente, declaro que se *conforme os crimes de seu pae* ou pelos atrozes resultados das facciosos e dos anarchistas, se achasse no caso de hesitar entre as virtudes que até agora tem mostrado e a baixeza de aproveitar da horrivel catastrophe que enluctou a parte sã da nação e de toda a Europa, e que então a ambição o cegasse a ponto de

aspirar á corôa, eu lhe votaria um odio eterno, e teria por elle o *mesmo desprezo* que tenho pelo pae. »

Depois de publicada esta carta, como dissemos, nos periodicos inglezes e allemães, pergunta-se como foi que continuou a subsistir essa grande intimidade entre o duque de Chartres e Dumouriez.

Ha motivos politicos tão poderosos no mundo para que um filho perdôe similhantes ultrages feitos a um pae?

Quanto a nós, não o comprehendemos.

Verdade é que tambem depois não comprehendemos a intimidade quasi terna com que a sr.ª baroneza de Fencheres foi recebida no castello de Neilly.

Mas o que provavelmente menos ainda se comprehenderá é a tendencia que vamos dar a esta primeira carta de Dumouriez.

A segunda foi escripta por Charette e encontrada entre os seus sapeis.

Reproduzil-a-hemos textualmente e veremos até que ponto houve razão para confiar nos prostestos republicanos de Dumouriez, e a que grão levou o desprezo que lhe inspirou pelo duque de Chartres a sua aspiração ao throno.

« Meu charo Charette.

« Que de acontecimentos se teem passado depois que, felizes e placidos, gosavamos ambos da vida e dos seus prazeres n'essa Vendéa, cujas grandezas nem vós, nem eu então conheciamos.

« Passei bellos dias, fui poderoso, cumpria-me fazer muitas coisas, e parei antes de tempo.

« Era mister deixar á revolução tempo para expulsar a baba. Vós e os vossos metteram-se de permeio, e o que tinha previsto, percorrendo o seu paiz, realisou-se.

« A guerra civil, tal como ahi fôra organisada, é uma

força que a Republica franceza, que tende a dissolver-se, não vencerá; mas depois dos seus triumphos é necessaria a paz, e esta, meu caro cavalheiro, não poderá fazel-a senão estabelecendo um throno.

« Conhece a sinceridade dos meus sentimentos para comsigo; soldado, admiro a sua coragem; general, admiro mais ainda os talentos que desenvolve. Pergunto-lhe porém o que fará, como, em caso de bom resultado, chegará a reconstituir a monarchia, e em presença dos obstaculos de toda a natureza que me apparecem no meu retiro, muitas vezes perturbado pelos acontecimentos (porque a minha vida é quasi tão errante como a sua, e apenas tenho mais espaço e menos gloria); não lhe vejo senão um meio grande e legitimo de se tirar de embaraços.

« Tenho reflectido muito sobre as causas que produziram, desenvolveram, amadureceram e mataram o movimento revolucionario.

« Digo mataram porque a revolução morreu no dia em que mais se não atreveu a metter medo. Pois bem, saiba onde me conduziram as minhas reflexões; ao ponto d'onde partimos em 1789.

« A França precisa de um rei; ella nada tem de republicana na indole nem nos costumes, porém é revolucionaria porque os ultimos monarchas não comprehenderam onde ella queria chegar.

« A monarchia de que se ha mister, não é a de Luiz XIV; novos interesses surgiram, o terceiro estado, por tanto tempo opprimido, conheceu a sua força, abusou d'ella; porém duplicou-a com a confiscação dos bens do clero e da nobreza; é preciso pois um rei, mas um rei que dê ao terceiro estado as garantias que os Bourbons offereciam ao clero e á nobreza. É preciso conceder sancção a tudo quanto se tem feito bom ou máo.

« Pensa que os Bourbons, pelos quaes combate, sejam homens que acceitem similhantes condições?

« Tem em tudo isto mostrado bastante sagacidade para que não esteja persuadido de que entre os Bourbons e a França ha um muro de separação.

« No homem estranho ás côrtes, nos mesmos emigrados, domina esta opinião, por que se vêem principes sem energia e sem vontade, entregues como em Versailles a aduladores, que não teem senão uma dedicação de antecamara. Estes principes são impossiveis, porém n'esta familia, bem sabe, não dependeu de mim arrancar do cadafalso a cabeça do seu chefe; existem outros ramos que não se acham tão endurecidos nas suas idéas absolutas.

« Não fallando na de Condé, cujo heroe é o duque d'Enghien, ha a familia d'Orleans; permitta, pois, meu caro Charette, que lhe falle com o coração nas mãos, porque o que lhe escrevo póde facilmente realisar-se, e proscriptos hoje ambos pela revolução, podemos ámanhã ser acceitos por ella como seus reguladores e libertadores.

« O novo duque d'Orleans, que anda errante e fugitivo, não tem nada de que se arguir em todos os acontecimentos em que, apesar de nós todos, seu infeliz pae tomou grande parte.

« Sei que este ultimo é execrado pelos exaltados do seu partido, e que nem mesmo a sua morte extinguio os odios. Que se deve concluir d'aqui? Que o joven duque d'Orleans é o unico meio de transacção possivel entre a Republica e a Monarchia. Tem idéas fixas sobre bastantes pontos e apesar dos seus poucos annos, é dotado de muito juizo.

« Era para elle que os girondinos trabalhavam sob o nome de seu pae, que era uma bandeira contra a côrte.

« Queriamos chegar aos nossos fins sem abalos e principalmente sem que se fizessem mortes.

« Os jacobinos nol-o impediram, porém os jacobinos estão anniquilados, e firmando-me em tudo quanto sei, enderesso-me a si para restituír a paz e a felicidade á França.

« O sr. duque d'Orleans, que tive debaixo das minhas ordens, e que nenhuma duvida tenho em o dizer, é o primeiro a respeitar a sua dedicação aos principios que sempre partilhou, apesar d'algumas fraquezas, concessões feitas ás exigencias da epocha; o sr. d'Orleans, digo, não foi por mim consultado sobre o que deixo dito; porém penso poder responder pela sua vontade a este respeito, e chegado que seja o dia, não me desmentirá.

« Ora eis aqui o que tenho a propor-lhe:

« Não tarda que a Convenção termine a sua carreira, e a mór parte dos seus membros vão tornar á obscuridade.

« Muitos d'aquelles com quem sempre conservei correspondencia, o que mais desejam é terminar a revolução que fizeram. Tudo está nivelado: conhecem que é mister relevar alguma coisa, portanto são nossos.

« É immensa a sua influencia sobre as secções de Pariz.

« O povo está cansado e submetter-se-ia facilmente a um rei que lisongeasse o seu orgulho, que houvesse tomado parte na sua revolução, e que não fosse para elle sempre uma censura viva; mas todas estas boas disposições que lhe indico, e as do exercito que já não são hostis, tudo isto tendendo ao mesmo fim por meios bem combinados, só com auxilio seu se podem effeituar.

« Reunir os dois partidos, reunir os dois exercitos, seria um acontecimento de uma prosperidade que de certo avalia perfeitamente.

« Conheço antecipadamente as objecções que me póde fazer.

« — O principe consente?

« — Respondo por isso corpo a côrpo.

« — Tem a maioria na Convenção?

« — Sim, e se faltassem alguns votos, poder-se-iam comprar; não falta quem se venda.

« — Está seguro a respeito do exercito?

« — O que quer é ouvir a voz do seu velho general; nós já fizemos os nossos reconhecimentos.

« — Que fará dos Bourbons?

« — O que quizerem, o senhor ou elles. Ficarão no exilio e alguns annos depois do novo reinado poderão tornar a entrar em França, porque não são para temer.

« — Que bases de governo pensa estabelecer?

« — O systema constitucional da Assembléa Nacional com as modificações que o tempo mostrar que são precisas.

« Não lhe direi agora qual seria o reconhecimento que, no estado em que as coisas estão, lhe tributaria o principe e a nação. De certo conhece que lhe seria concedido tudo quanto póde lisonjear a ambição de um homem.

« Elles fizeram-no tenente general; o duque d'Orleans, rei, melhor poderia e saberia reconhecer com generosidade o serviço que prestaria á patria.

« Quanto á Vendéa e ás suas tropas, bastariam duas palavras suas, os seus pedidos seriam ordens.

« Não é uma conspiração que lhe proponho, e ainda menos uma traição vergonhosa.

« Vejo a coisa de mais alto, como o senhor mesmo a ha de vêr: é o triumpho das nossas idéas constitucionaes cimentado pelo proprio triumpho dos seus principios monarchicos. É a Vendéa dando um rei á revolução.

« Comprehende este papel, meu querido Charette?

« É melhor do que o que Monk tinha reservado para si em Inglaterra, e o senhor é mais digno de o representar.

« Escrevo-lhe no momento em que o gabinete britannico

acaba de comprometter em Quiberon todos esses infelizes emigrados, que tem mais coragem do que tactica.

« É mister impedir que taes calamidades se renovem?

« Asseguram-me que o conde d'Artois vae tentar um desembarque nas costas d'essa terra.

Se a minha carta lhe chegar ás mãos antes da sua annunciada expedição, acredite na palavra de um amigo, — não se fie nos inglezes; perdel-o-hão por elle.

« Reflicta em tudo quanto lhe proponho.

« A unica situação possivel é a monarchia constitucional.

« Os Bourbons não a comprehendem; é mister pois que se dirija a um principe que não amedronte nenhum partido, e que possa confundir-nos n'um mesmo amor.

« Ha de certamente reconhecer que é o senhor que tem sempre o melhor logar nas suas affeições o no seu reconhecimento.

« Adeus, meu amigo. Compenetre-se bem de todas as razões que me levam a escolhel-o como o Atlas do novo reinado, e acredite que sou com todos os sentimentos de admiração e de esperança.

Seu humilissimo servo,

Dumouriez.

« P. S. Dizem me que o senhor e os seus officiaes, dispoem de mais de quarenta mil homens. É mais do que o necessario para operar.

« Se, como não duvido, acceitar as propostas que estou encarregado de lhe fazer, propostas que o tornam o segundo homem da França, empenhe-se o menos que poder com as tropas; conduza os seus soldados a idéas razoaveis.

« Escreva-me; e como não ha tempo a perder, assim que tiver a sua resposta, deixarei a hospitalidade precaria que

o estrangeiro muitas vezes me disputa; irei a Pariz, e acabar-se-ha a Revolução. »

Sabe-se qual foi a resposta de Charette.

Era curta, mas expressiva.

Infelizmente, parece-nos quasi impossivel cital-a.

CAPITULO XX

No intervallo que separou estas duas cartas, das quaes, francamente o confessamos, mais gostariamos vêr o duque de Chartres ignorar a primeira que a segunda, voltemos ao que lhe diz respeito, e acompanhemol-o na sua peregrinação, isto é, n'uma das epochas mais nobres e leaes da sua vida.

Foi em Francfort que o principe soube da prisão de seu pae e de seus dois irmãos. Sem duvida, se elles houvessem ficado em Pariz e o seu processo não tivesse sido instantaneo, o duque de Chartres tudo teria arrostado para ir defendel-os: e digamol-o, teria sido um espectaculo magnifico e digno dos dias antigos vêr esse joven vencedor correr do fundo do seu exilio para defender contra os algozes seu pae e seus irmãos.

Sabendo, pelo contrario, que seu pae e seus irmãos tinham sido enviados para Marselha, o joven principe persuadio-se certamente de que uma vontade protectora velava sobre elles, e que mão amiga os impellia para além do circulo traçado pela morte.

Vimos que se enganára.

O duque de Chartres continuou o seu caminho para Ba-

siléa, levando comsigo esta noticia, pesado e penoso fardo que lhe opprimia o coração.

O sr. de Montjoie habitava em Basiléa; o duque de Chartres ia encontrar um asylo juncto d'este amigo experimentado, quando foi reconhecido por *mademoiselle* de Condé e por um capitão do Royal-Suédois.

O conde de Montjoie aconselhou-o então a que fosse para Schaffouse, onde se tinham refugiado a princeza Adelaide e M.ma de Genlis.

Á princeza adoecera, e posto que a residencia na cidade não fosse mui segura, ahi se conservou todavia com seu irmão e a sua aia até ao dia 6 de maio.

No dia 7 partiram para Zurich; porém, sendo reconhecidos pouco depois de chegarem, viram-se obrigados a ir para Zug.

Ahi, os tres fugitivos deram-se por irlandezes, coisa que lhes era facillima, por isso que todos tres fallavam o inglez como se fôra a sua lingua materna.

A 14 de maio alugaram uma casinha isolada nas margens do lago, e n'ella foram habitar. Porém não foi de muita duração a sua tranquillidade; reconhecidos ao cabo de um mez, começaram as perseguições, e tão brutaes foram d'esta vez, que a princeza esteve a ponto de perder a vida.

Uma grande pedra lhe quebrou a janella, e tel-a-ia maltractado a ella mesma, se a tivesse alcançado.

O duque de Chartres sahio á rua com um páo na mão, que elle jogava perfeitamente, e dispersou os seis ou oito aldeãos que o tinham insultado.

Porem, com quanto d'esta vez fosse bem succedido, assim que voltou para casa, concordaram em que lhes era absolutamente necessario separarem-se para segurança de cada um d'elles.

Mas para onde iriam?

Que havia de ser d'elles?

A que cantão haviam de ir pedir asylo, expulsos como se achavam dos dois cantões mais tolerantes da Suissa?

Felizmente, o sr. de Montjoie lembrou-se então do general Montesquiou: acabava de conquistar a Saboya, e a Convenção recompensára-o conforme o seu merecimento, exilando-o. Mas, como no seu commando dos Alpes, prestára grandes serviços em Genova, a Suissa reconhecida offerecera-lhe hospitalidade.

O general Montesquiou habitava em Bremgarten.

M.ma de Genlis escreveu-lhe e expoz-lhe a situação em que se achava.

O general chamou logo para juncto de si a illustre familia exilada, e fez entrar M.ma Adelaide e M.ma de Genlis no convento de Sancta-Clara, situdo a um quarto de legua de Bremgarten.

Quanto ao duque de Chartres, o general aconselhou-o a que deixasse passar os dias tempestuosos viajando incognito, afim de que um dia tivesse esta pagina pittoresca no livro da sua vida.

Fôra esta tambem a opinião de Dumouriez.

Este vencedor exilado escrevia a est'outro vencedor tambem como elle exilado:

«Meu caro Montesquiou, abrace em meu logar o nosso bom mancebo. O que lhe faz em seu favor é digno de si.

«Elle que se aproveite da sua desventura para se instruir e fortificar.

«Esta vertigem ha de passar, e então encontrará o seu logar.

«Convide-o a escrever um diario circumstanciado da sua viagem.

«Além de ser bello vêr no diario de um Bourbon que tra-

cte de outra coisa que não seja a caça, as mulheres e a meza, muito folgo de que esta obra que elle um dia poderá publicar, lhe sirva de attestado de vida, quer seja quando voltar quer seja para fazer com que regresse ao seu paiz.

« Os principes devem escrever odysséas, e não pastoraes. »

Em consequencia d'estas duas opiniões, que eram conformes, o duque de Chartres separou-se de sua irmã e foi para Basiléa.

Ahi o aguardava o sr. de Montjoie para sómente lhe dizer adeus.

Desfez-se dos cavallos, ficando só com um.

Produzio-lhe esta venda sessenta luizes, e a 20 de junho de 1793, partio o principe com um só criado.

Era o mesmo Baudoin que, na fuga de Saint-Amand, expozera a vida para salvar a de Dumouriez.

Baudoin estava doente, mas assim mesmo não quizera deixar o seu joven amo, o qual não tendo mais do que um cavallo, como já dissemos, o deu ao seu criado, caminhando adiante d'elle a pé.

Era esta, realmente, uma boa maneira de visitar a Suissa; assim vio Neufchatel, Morat, Uri, Unterwald, Burglen, Kussnack, a casa d'Austria, Grindwald com os seus montes de gelo, Rosenlowi, onde as rosas dos Alpes crescem no meio da neve, a ponte do Diabo, onde Massena devia sepultar o exercito de Souvarov, o São-Gothard, onde russos e francezes deviam luctar no meio das nuvens e onde os religiosos recusaram receber o principe, dizendo que não agazalhariam peões da sua especie, e o mandaram para debaixo de um telheiro, onde partilhou a cêa e a cama dos arreeiros; em Gordona, onde a sua hospedeira, ao vêl-o mal trajado, o mandou para a granja onde, mui contente por achar uma cama de palha, acordou guardado pelo seu hospedeiro,

que, com uma espingarda na mão, aguardava o pagamento da sua hospitalidade em Lucerne, onde pobre como era, mas mais rico do que um pobre padre que não tinha nem um real para pagar a passagem, pagou a passagem do lago pelo homem de Deus.

Por mais economico que fosse, o duque de Chartres vio o fim ao ultimo luiz, e por grande que fosse a falta que que lhe fizesse o seu cavallo, estava para o vender, quando recebeu uma carta do sr. de Montesquiou, a quem escrevera a pedir-lhe algum dinheiro; o general estava tão pobre como o viajante, porém á falta de dinheiro offerecia-lhe um recurso.

O general de Montesquiou tinha relações intimas com o capitão Aloysio Jost de Saint-Georges, director do collegio de Reicheneau, onde estava vago um logar, do qual não viéra tomar posse a pessoa a quem fôra dado, e não se podia esperar mais tempo.

Esta pessoa, que tambem era de uma familia distincta, chamava-se Chabaut-Latour.

O principe apresentou-se debaixo d'este nome, fez os exames, e foi admittido como professor de geographia, com o ordenado de mil e quinhentos francos.

A carta era dirigida a seu filho, herdeiro presumptivo da corôa.

Continha uma triste advertencia que o tempo se encarregou de realisar.

Eis a carta:

« Senhor,

« Permitta-me que lhe escreva de um cantinho da Suissa, cujo nome, estou certo, ha de soar melhor ao seu coração do que aos seus ouvidos.

« Cheguei hontem ao meio dia a Reicheneau.

« Esta pequena aldêa do cantão dos Grisons, só tem de notavel a anecdota singular que a ella anda ligada.

« Pelo fim do ultimo seculo, o burgomestre Tcbarner de Coire, estabelecera um collegio em Reicheneau; buscava-se por todo o cantão um professor de francez, quando se apresentou um mancebo ao sr. Boul, director do estabelecimento; este mancebo era portador de uma carta de recommendação assignada pelo sr. Aloysio Jost de St.-Georges; era francez, fallava, como se fossem a sua lingua materna, o inglez e o allemão, e podia, além d'estas tres linguas, ensinar mathematica, physica e geographia.

« O achado era mui raro e mui maravilhoso para que o director os deixasse escapar; além d'isso, o mancebo era modesto nas suas pretenções.

« O sr. Boul fez preço com elle, assentando-se que lhe daria mil e quatrocentas libras por anno, e o novo professor entrou em exercicio no decurso do mez de outubro de 1793.

« Este mancebo era seu pae, Luiz-Philippe d'Orleans, outr'ora duque de Chartres, hoje rei de França.

« Confesso-lhe, senhor, que foi com uma commoção misturada de altivez, que nos mesmos logares, n'este quarto retirado no meio do corredor, com as portas lateraes pintadas de flores, os fogões collocados nos cantos, os quadros de Luiz XV rodeados de arabescos d'oiro, e o seu tecto ornamentado, foi n'este mesmo quarto, digo, onde ensinára o duque d'Orleans, seu pae, que eu pedi que me dessem esclarecimentos sobre esta singular vicissitude de uma fortuna real que, não querendo mendigar o pão do exilio, o comprára dignamente com o seu trabalho.

« Hoje só existe um professor, seu collega, e um estudante seu discipulo.

« O professor é o romanceiro Zschokk, o estudante, o burgomestre Techarner, filho do fundador da escola. »

« Quanto ao digno balio Aloysio Jost, morreu em 1827. e foi enterrado em Zitzers, sua cidade natal.

« Hoje, do collegio em Reicheneau, onde foi professor um futuro rei de França, nada resta senão a sala de estudo, que descrevemos, e a capella contigua ao corredor com a tribuna, e o altar com o seu crucifixo pintado a fresco; quanto ao resto do edeficio transformou-se em casa de recreio, que pertence ao coronel Pastaluzzi. E esta recordação tão honrosa para os francezes, que merece ser collocada entre as nossas comemorações nacionaes, ameaçaria desapparecer com a geração de velhos que se extingue, se não conhecessemos um homem de coração artista nobre e grande, que não deixará, assim o esperamos, esquecer coisa alguma do que é honroso para elle e para a França.

« Este homem, é o sr. Fernando d'Orleans, o senhor que depois de ter sido nosso camarada de collegio, ha de ser támbem nosso rei. O senhor que do throno, onde hade subir um dia, tocára com uma das mãos na antiga monarchia e com a outra na nova Republica.

« O senhor que ha de herdar galerias, onde estão encerradas as batalhas de Taillebourg e de Aboukir, d'Azincourt e de Marengo; o senhor que certamente não ignora que as flôres de liz de Luiz XIV são os ferros de lança de Clovis; o senhor que tão bem sabe que todas as glorias de um paiz são glorias, seja qual fôr o tempo que as veja nascer e o sol que as veja florescer; o senhor, emfim, que no seu diadema real poderá ligar dois mil annos de recordações e d'ellas formar as fasces consulares dos lictores que hão de caminhar adiante de si.

« Então será uma coisa digna de si, lembrar-se d'este pequeno porto isolado, onde passageiro açoitado pelas vagas do exilio, marinheiro sacudido pelo vento da proscripção, seu pae achou tão nobre abrigo contra a tempestade.

« Será digno de si, ordenar que este tecto hospitaleiro se realevante para a hospitalidade, e que no mesmo logar onde desaba o antigo edificio, levante um novo destinado a receber todo o filho de proscripto que fôr, com o bastão de exilado na mão, bater ás suas portas, como seu pae foi bater, e seja qual for a sua opinião ou a sua patria, seja ameaçado pela cholera dos povos ou perseguido pelo odio dos reis.

« Porque, senhor, o porvir sereno e azulado para a França, que executou a sua obra revolucionaria, está cheio de tempestades para o mundo.

« Temos semeado tanta liberdade nas nossas correrias atravez da Europa, que de todos os lados vemos sahir da terra como as espigas no mez de maio, e que tão fortes nascem que basta um raio do nosso sol para amadurecer as mais longinquas cearas.

Volvei os olhos para o passado, senhor, e relancei-os depois para o presente: sentio nunca tantos tremores de thronos, e encontrado pelas estradas tantos viandantes descoroados?

« Bem vê, senhor, que lhe será mister fundar um dia um asylo, ainda que não seja senão para os filhos de reis, cujos paes não poderam, como o seu, ser professores em Reicheneau.

Alexandre Dumas. »

Cumpre-nos dizer que essa estada em Reicheneau era uma das recordações que mais amorosamente afagava o duque d'Orleans e mesmo o rei.

O duque d'Orleans mandára fazer um quadro que representava essa sala de estudo de Reicheneau; ahi estava retratado em pé, dando uma lição de greographia no meio dos professores e dos discipulos.

CAPITULO XXI

N'este meio tempo chegou a grande revolução de 9 thermidor; o duque de Chartres, tornado duque d'Orleans, julgou n'isto vêr uma feliz mudança na sua situação; o vento soprava não só do moderantismo, mas até da reacção; vio n'esta mudança uma esperança de recolher alguns restos da fortuna de seu pae; resolveu pois deixar o collegio, e munido de um attestado que provava a sua aptidão para o ensino, de um passaporte em nome de Corby, assignado por todas as auctoridades de Reichenau e de Coire, pôz-se a caminho a pé, e com o sacco da roupa ás costas.

Beaudoin que fôra com elle a Reicheneau, mas que, na sua qualidade de palafreneiro só pôde exercitar-se em equitação nas montanhas onde só as cabras podiam trepar, partio adiante, e foi prevenir o sr. de Montesquiou do regresso de seu amo.

O duque d'Orleans foi encontrar-se com Beaudoin, que o esperava a meia legua de Bremgarten.

A estrada estava solitaria, e o sr. de Montesquiou, menos espionado do que o estava da outra vez que o principe passou por sua casa, estava contentissimo em o receber.

Comtudo, por excesso de prudencia, o sr. duque d'Orleans esperou a noite para entrar em Bremgarten e aproveitar-se da hospitalidade do general.

Aconteceu então uma aventura mui singular.

O nome de Corby, que o duque d'Orleans tomára, era o

de um ajudante de campo do general Montesquiou que, no momento em que o general se exilára, voltára para França; porém depois, tendo receiado as perseguições, exilára-se tambem, e fôra habitar em Bremgarten.

Porém tinha tambem tomado um nome differente, e fazia-se chamar o cavalheiro de Riosnel.

D'ahi resultou que quando vio assentar-se diante d'elle n'uma meza redonda o falso Corby, o falso Riosnel não se atreveu a dizer palavra, visto que era denunciar-se a si proprio.

O sr. de Montesquiou que confiava no verdadeiro Corby, esclareceu este negocio com uma palavra.

O joven ajudante de campo deu-se por mui feliz por emprestar por alguns mezes o seu nome ao duque d'Orleans, e certo de que, durante este emprestimo, nenhuma macula lhe poria, ficou occulto debaixo do nome de Riosnel.

O duque d'Orleans, por seu lado, tomou junto do general Montesquiou, o logar do verdadeiro Corby.

Todavia as calumnias que tinham perseguido o pae não poupavam o filho.

Dizia-se em França que o duque d'Orleans, quando deixára o exercito, levára sommas enormes, e vivia sumptuosamente em Bremgarten, n'um palacio que o general de Montesquiou mandára edificar com o oiro inglez.

O duque d'Orleans não quiz por mais tempo dar pretexto a uma calumnia que o alcançava e ao general Montesquiou ao mesmo tempo, resolveu pôr-se a caminho e internar-se mais n'essa estrada do exilio, cujo caminho tão largo é para aquelles que partem, e tão estreito para os que voltam.

D'esta vez foi uma mulher que se fez protectora do duque d'Orleans.

Foi M.^{me} de Flahaut.

À medida que vamos pronunciando certos nomes, vamos

achando a origem das influencias que acercaram o throno de 1830.

Para desmentir tão baixas calumnias, escrevera em França M.^{ma} de Flahaut as seguintes linhas:

« Vi na Suissa o joven duque d'Orleans; depois que deixou o exercito tem-se portado perfeitamente para com sua mãe. A sua maneira de viver é tal como foi a de seu avô Henrique IV: é melancholico, mas affavel e modesto.

« A sua unica ambição é ir esquecer na America a grandeza e os soffrimentos que acompanharam a sua juventude, porém nada no mundo possue. Não poderiam fazer-lhe o favor de informar sua mãe do seu nobre procedimento e da veneração que lhe consagra. »

O desejo de visitar os Estados Unidos tinha seus visos de possibilidade n'uma circumstancia que dependia da antiga fortuna do principe.

O ministro plenipotenciario dos Estados Unidos em França. de 1792 a 1794, fôra recebido no Palais-Royal nos ultimos dias do poder do principe Egualdade.

Com os seus principios de puritanismo exaltado, o diplomata americano não vira no duque d'Orleans senão o que n'elle verá talvez a posteridade, isto é, um republicano sincero que fizera todos os sacrificios ao seu paiz, desvairado talvez pelo duplice exemplo d'estes dois Brutos, cujo nome, symbolo de rigidas virtudes, tem servido de pretexto a tantos crimes; votára-lhe, pois, uma verdadeira amisade.

Conhecera principalmente a sr.^{a} duqueza d'Orleans e apreciára devidamente esta sancta senhora.

Chamava-se este ministro o sr. governador Morris.

M.^{ma} de Flahaut que, n'esta epocha, frequentava muito o Palais-Royal, ahi fizera conhecimento com o sr. Morris, e refugiada, como o joven principe, em casa do sr. de Mon-

tesquiou, lembrou-se de lhe escrever e de lhe expôr a posição em que se achava o sr. duque d'Orleans.

Na volta do correio, o principe recebeu uma carta do sr. Morris, na qual este o convidava a dirigir-se immediatamente á America; assim que tivesse posto o pé em Nova-York, estaria sob a protecção do governo, e não só não teria mais que receiar, mas não teria que se inquietar a qualquer respeito.

A esta carta vinha junta uma letra de cem luizes sobre um banqueiro de Basiléa.

Esta somma era destinada ás despezas da viagem do principe.

O principe respondeu logo:

Bremgarten, 24 de fevereiro de 1795.

« Senhor,

« Acceito com muito prazer os offerecimentos que me faz, a sua bondade é um beneficio que devo a minha mãe e á nossa amiga. Certo estou de que minha excellente mãe ha de ficar algum tanto consolada e mais desçansada, quando souber que estou perto de si. No seu afortunado paiz, estou disposto a trabalhar para me tornar independente.

Mal acabava de entrar na vida, quando fui accommettido por grandes desventuras, porém, graças a Deus, não me desanimaram.

Mui feilz fui nos meus revezes por os meus poucos annos me não terem dado tempo para me affeiçoar á minha posição, ou de contrahir habitos difficeis de quebrar, e por ter sido privado da minha fortuna antes de ter podido, quer abusar, quer mesmo usar da riqueza.

« A nossa excellente amiga teve a bondade de lhe fazer conhecer algumas particularidades concernentes á minha posição actual que é assaz deploravel, como deve saber. Es-

pero, que a minha confiança lhe dará uma prova de todos os sentimentos d'estima e de amisade que me tem inspirado.

L. Ph. d'Orleans. »

Era tempo de que este caminho fosse aberto ao illustre viajante; a perseguição que o não largava, ia estender-se ao sr. de Montesquiou.

O duque d'Orleans soube d'esta circumstancia de uma maneira indirecta, por algumas palavras surprehendidas n'uma conversação que julgaram que elle não podesse ouvir, mas que ouvio.

A sua partida foi pois immediatamente resolvida.

Tres dias depois d'aquelle em que esta revelação lhe fôra feita, isto é, a 10 de março de 1795, o principe sahio de Bremgarten.

Quanto a sua irmã, retirára-se para a Hungria, para a companhia da princeza de Conti, sua tia, e deixára o convento de Sancta Clara, a 11 de maio de 1794; isto é, quasi um anno depois.

M.ma de Genlis estava em Hamburgo com o sr. de Valence e Dumouriez.

O sr. de Montesquiou deu ao duque d'Orleans cartas para Dumouriez, o qual, longe de renunciar á sua esperança de restaurar a monarchia, para isso trabalhava mais activamente do que nunca.

A 20 de março, o duque d'Orleans chegou a Hamburgo acompanhado pelos srs. de Montjoie e de Reaudoin.

Ahi encontrou Dumouriez, que respondeu logo á carta do sr. de Montesquiou. A resposta continha a passagem seguinte, que vem em apoio do que dissemos ácerca das esperanças que nutria o vencedor de Valmy.

« Abracei, como bem deve pensar, com a maior satisfa-

ção, o meu joven amigo; achei-o resignado e corajoso; passou cinco dias comigo.

« Tel-o-ia podido conservar na minha companhia todo o verão, mas se fossemos descobertos, diziam que lhe arranjava a realeza, e que queria apanhar no visco o chefe da nova dynastia.

« Com effeito, olho desde já como acabada a dynastia de Capeto. porque nenhuma das revoluções, que se repetirem umas sobre as outras, lhe ha de ser favoravel.

« Ha de um dia haver rei de França. Não sei quando, nem quem, mas de certo não ha de vir em linha recta. »

É para notar que quasi no momento em que Dumouriez escrevia isto, este futuro rei de França se relevava pelo 13 vindemario, (5 de outubro de 1795) e devia servir ao mesmo tempo para realisar e fazer mentir a predicção de Dumouriez.

Chegando a Hamburgo, em logar de embarcar para a America, uma phantazia de mancebo se apoderou do principe; quiz visitar o Norte o mais longe possivel, até onde a terra lhe faltasse debaixo dos pés, como diz Regnard.

Sem duvida, antes de se collocar em frente da fria realidade dos Washington e dos Adam, queria vaguear um pouco atravez dos phantasticos nevoeiros d'Elsenor.

A 6 de maio de 1795 abordou á Suecia.

O rei Gustavo tinha sido assassinado por Anckarstroem, Horn e Ribing, o duque de Sudermania era regente.

O duque de Sundermania, a quem chamavam o d'Orleans da Suecia, não podia ser senão uma protecção certa para o exilado.

Provou-lhe toda a sua sympathia acolhendo-o maravilhosamente, e protegendo-o contra as perseguições do enviado de França, chamado Rivals, que havia recebido do Directo-

rio ordem de vigiar, de uma maneira particular, o joven duque d'Orleans.

CAPITULO XXII

Durante os dois mezes, que acabavam de se deslisar, o viajante percorrera todo esse paiz das velhas legendas, verdadeira patria dos espectros e dos phantasmas, que se chama a Dinamarca.

Vira o castello de Cronembourg e os jardins d'Hamlet, visitára Elsenebourge Gottembourg, subira o lago Veneo até ás cataractas do rio dos Godos em Throhalihatan, tomára a estrada da Noruega, e visitára, em Frederickshall, o logar em que jazia Carlos XII, demorára-se em Christiana, ali conhecera, debaixo do nome de Corby, o pastor protestante Monod, que tempo depois tornou a vêr em Pariz, depois tomára ao longo das costas da Noruega até ao golfo Salten, visitära o Malestroun, abysmo mui real e que parece tirado, para alguma nova viagem de Symbad o Maritimo, de um conto das *Mil e uma Noïtes*, depois, a pé com os Lapões, fôra, de montanhas em montanhas, até ao lago de Tys, chegára até ao cabo Norte, e, depois de ter passado alguns dias no meio das neves em frente de um oceano de gelo de dezoito gráos, voltára a Torneo ou ao golfo de Bothnia, onde apenas alguns francezes tinham ido depois que o rei Luiz XV lá mandára Maupertuis para medir um gráo do meridiano no circulo polar.

Emfim, voltando por Abo, percorrera a Finlandia, e depois

de ter visitado até ao rio Kimen os campos de batalha dos russos e dos suecos, entrára em Stockolmo, onde, como dissemos, a perseguição o aguardava nos limites do mundo civilisado.

Apesar do apoio que lhe offerecia o duque de Sundermania, o viandante retomou o seu bastão, e foi junctar-se, em Holstein, com Dumouriez que o aguardava com grande impaciencia.

Dumouriez tinha de lhe dar conta do que passára com Charette, Puisaye e com Beurnonville, que acabava de regressar a França, trocado elle, com os quatro commissarios da Convenção, e Drouet por M.ma Real.

No entretanto M.ma de Genlis aborrecia-se do exilio, ou porque julgasse ter algum motivo de se queixar do seu educando, ou porque esperasse que fosse meio de lhe tornar a abrir as portas de França dar ella mostras de romper com elle.

Foi então que dos confins do Holstein ella lhe escreveu a carta seguinte; carta um tanto aspera, um tanto severa talvez da parte de uma segunda mãe, tão amada, que ás vezes fôra preferida á primeira, mas que todavia muito esclarece sobre o caracter d'aquelle, cuja historia hoje escrevemos.

Eis a carta que, publicada duas vezes, a primeira em 1796 e a segunda em 1834 ou 35, foi uma duplice hostilidade contra o exilado e contra o rei.

Em Silr, Paiz de Molstens,

18 de fevereiro de 1796.

« Ignorando absolutamente, ha perto de dois annos o logar em que habita, não tendo comsigo nenhuma especie de correspondencia ha dezesete mezes, tomo o partido de fazer inserir esta carta nos papeis publicos.

« D'esta fórma, chegar-lhe-ha ás mãos em qualquer parte que esteja.

« Em quanto pude ser-lhe util, assim como á sua interessante irmã, cumpria-me conservar comsigo relações intimas.

« Foi o que fiz e o que ainda desejaria fazer, se de mim tivesse precisão.

« Na epocha em que deixei a Suissa (no mez de maio de 1794), estavamos nós separados, havia um anno; o senhor estava mui longe de mim, devia o seu asylo á recommendação de uma pessoa com quem nenhumas relações tinha.

« Um justo reconhecimento lhe inspirou por essa pessoa tanta confiança como amisade, seus conselhos podiam ser-lhe mais uteis do que os meus, pois que eu estava só com *mademoiselle* d'Orleans, mettida n'um convento, onde passei com ella um anno na mais perfeita solidão, unicamente occupada em cuidar da sua saude, e em aperfeiçoar os talentos *que eu lhe dei.*

« Quando cheguei, ha vinte mezes. a este paiz, desejava viver n'elle absolutamente ignorada; de sorte que, escrevendo-lhe raras vezes, e não querendo confiar o meu segredo do correio, não lhe mandei dizer para onde ia. Todavia, sem lhe dizer o meu nome supposto e o logar em que me achava, encontrei meios de lhe dar noticias minhas, e ao mesmo tempo indicava-lhe o endereço sob que me podia escrever.

« Foi no mez de outubro de 1794 que chegou á minha mão a ultima carta que de si tenho recebido! Não continha, assim como as precedentes, senão a expressão do seu reconhecimento e da sua amisade para comigo; e o doce nome de mãe, que n'ella sempre me dá, deve convencer-me de que, apesar do *mysterio* do seu procedimento, o seu coração continuará a ser para mim o que deve ser. Porque, depois d'essa epocha, não tendo tido nenhuma especie de

relações comvosco, não tenho podido fazer coisa que devesse produzir frieza entre nós.

« Ha perto de dez mezes que me mandaram uma carta para si, imaginando que eu saberia para onde lh'a deveria enviar.

« Todos affirmavam que estava n'este paiz, e chegavam a nomear o seu correspondente.

« Mandei-lhe perguntar o nome do sitio em que habitava, respondeu-me que com effeito o sabia, mas que não m'o podia dizer.

« Não insisti e mandei a carta; não ouvi fallar de si, e não dei passo nenhum para o vêr ou para lhe escrever; porém, repito-lhe, se tivesse a menor esperança de lhe servir de alguma utilidade, teria sido a primeira a escrever-lhe e a procural-o *com o mais vivo interesse.*

« Li nos papeis publicos d'este paiz uma carta com o seu nome, que annunciava, ha alguns mezes, que partia para a America.

« Como não contestou esta carta, devo acreditar que realmente era sua, e estou agora persuadida de que está na America.

« Felicito-o por ter tomado este partido, e deve recordar-se de que, ha tres annos, lhe disse que era o melhor que poderia tomar.

« Parece-me impossivel que não saiba que se escreveu em muitos papeis francezes que tinha um partido em França e partidarios nos paizes estrangeiros, que queriam collocal-o no throno. Se ignorasse este facto, *seria prestar-lhe um grande serviço instruil-o d'elle.*

« Durante dez annos, em que lhe consagrei todos os meus constantes desvélos, tive tempo para estudar e conhecer o seu caracter, *no qual nunca divisei o menor germen de ambição.*

« D'isso me felicitava, por ter a certeza de que por isso seria mais virtuoso e mais feliz.

« Depois de terminada a sua educação, nos tres annos *em que tivemos relações tão intimas e tão ternas*, reconheci-lhe constantemente o patriotismo mais exaltado, o desinteresse mais puro, mais verdadeiro, e uma perfeitissima rectidão de sentimentos.

« Escreveu-me volumes de cartas durante todo o tempo que estive em Ingláterra; confiei-as em Pariz a um amigo meu, que já m'as reenviou, e conservo-as todas, assim como as que me escreveu nos primeiros tempos da nossa estada na Suissa, entre outras, aquella que me dirigio, *no momento em que entrámos no convento* e em que me mostrava tão vivo reconhecimento pelo que eu havia tido a felicidade de fazer em seu proveito, e por me desvelar pela sua desventurada irmã, de quem eu era então o unico recurso.

« Hei de conservar estas cartas toda a minha vida.

« N'ellas sem duvida se vêem algumas vezes *principios exaggerados* e algumas idéas pouco reflectidas, leves defeitos tão desculpaveis na sua edade.

« N'ellas se conhece tambem que as nossas opiniões a similhante respeito se não conformam; porém, apesar d'estas pequenas differenças de opiniões, acho, ao reler estas cartas, a recompensa de tudo quanto por si tenho feito; n'ellas encontro a certeza de que é incapaz de se prestar aos designios que lhe suppõem.

« Tinha vinte annos quando escreveu as suas ultimas cartas da collecção que possuo, monumento precioso do seu reconhecimento, da *affeição filial que me dedica,* e de todos os sentimentos que podem honrar um mancebo.

« Tinha *vinte annos!* Acaso, depois, aos *vinte e tres,* se póde desmentir o que se ha dito mais cedo, a menos que não haja uma fraqueza absolutamente indesculpavel?

« Não, d'isso estou certa, os seus principios e as suas opiniões são as mesmas. Aspirar *á realeza,* aspirar *a ser um usurpador!* o senhor! para abolir uma republica que reconheceu, que estimou, e pela qual combateu com denodo, e em que momento?! quando a França se organisa, quando o governo se estabelece, quando parece fundar-se sobre as bases solidas da moral e da justiça!

« Qual seria o grão de confiança que a França poderia ceder a um rei constitucional de vinte e tres annos, que ella houvesse visto dois annos antes *ardente republicano e o partidario mais exaltado da egualdade?*

« Um tal rei não poderia tão bem como qualquer outro abolir insensivelmente a Constituição e tornar-se despota. Segundo as idéas recebidas, ha menor intervallo entre a realeza, qualquer que seja, e o despotismo, do que entre o governo democratico e a realeza mais moderada.

« Acaso poderia, subindo a esse throno sanguento e derribado, lisonjear-se de dar a paz á França?

« Não, sem duvida.

« A prolongação da guerra externa e a guerra civil em todas as partes do imperio, seriam as consequencias d'essa *usurpação funesta.*

« Retomando a França á realeza, ella propria legitíma as pretenções do irmão do desafortunado Luiz XVI.

« Se o throno fôr reerguido, é a elle que pertence: se o senhor se assentar n'elle não terá senão o mais odioso de todos os titulos, *novas facções d'elle vos derribariam* e acharia então no exilio e na proscripção, as unicas desgraças que ainda não experimentou e as unicas que são insupportaveis: a deshonra e os remorsos.

« Quando mesmo podesse legitima e razoavelmente aspirar ao throno, muita pena teria de o vêr subir a elle, porque não tem (á excepção da coragem e da probidade), *nem*

o talento, nem as qualidades necessarias para tão elevado encargo.

« Tem instrucção e mil virtudes; porém cada emprego exige qualidades particulares, e o senhor não possue aquellas que formam os *grandes reis.*

« É talhado pelo seu caracter e inclinações para a vida intima e privada, para offerecer o tocante exemplo de todas as virtudes domesticas e não para representar com esplendor, para obrar com actividade constante e para governar com firmeza um grande imperio.

« Estou certa, senhor, que pensa em tudo quanto acabo de exprimir, e lisonjeio-me de que as pessoas que o rodeiam e os amigos que escolheu são incapazes de procurar inspirar-lhe uma ambição, que seria tão absurda como criminosa a todos os respeitos.

« Emfim, estou intimamente persuadida de que se aquelles que vivem comvosco lhe déssem conselhos differentes (o que nenhuma razão tenho para suppôr), os regeitaria para só consultar o seu coração, cuja rectidão sempre o ha de guiar bem.

« Fazendo imprimir esta carta, julgo prestar-lhe um serviço, porque póde servir para dissuadir aquelles que, contra toda a apparencia, querem fazer do senhor um chefe de partido.

« Deve naturalmente acreditar-se que a sua preceptora deve, *melhor do que qualquer outra pessoa*, conhecer o seu caracter, e ouso responder que o senhor tem horror aos projectos que lhe attribuem.

« Adeus, senhor, consagre-se á feliz e doce obscuridade que convém ás suas desgraças e á sua situação: terá na solidão afflictivas recordações, mas poderá tambem traçar na sua imaginação outras bem agradaveis.

« Lembre-se de tantas acções tocantes de beneficencia e

de humanidade que, durante o curso da sua educação, honram os dias da sua vida e que fizeram tambem as delicias dos seus desventurados irmãos; lembre-se da *corôa civica de Vendôme!* Acções brilhantes illustraram os primeiros passos da sua carreira; porém, depois d'elles, não póde achar a verdadeira gloria senão n'um profundo retiro.

« Ame sempre a sua patria; console-se das suas injustiças, dando um nobre testemunho de que nunca cessou de a amar, faça não só votos pela sua prosperidade, mas deseje que ella seja feliz *do modo como ella quer ser*.

« Emfim, cumpre-lhe não viver senão para a virtude; será esta a maneira de viver para a felicidade. »

CAPITULO XXIII

Graves acontecimentos tinham occorrido na França durante esta odysséa.

Os girondinos que haviam accusado o duque, os montanhezes que o tinham entregado, haviam-se rapidamente indisposto.

Marat fôra a pedra de escandalo.

Accusado, a pedido da Gironda, pelo saque das mercearias, fôra absolvido, levado em triumpho, e tornára a entrar na Assembléa para ahi fazer (monstruosa associação) de accordo com Chaumette, Robespierre e Danton, essa celebre insurreição da communa, que produzira o 31 de maio ou antes o 2 de junho, isto é, a accusação do *comité* dos Doze, a proscripção dos girondinos e a prisão da sr.ª Roland.

Os acontecimentos que lhe seguiram tinham-se succedido rapidos como torrentes, devastadores como as massas de gelo que rolam das montanhas.

Carlota Corday assassinára Marat e fôra executada.

Maria Antonieta fôra processada, condemnada e executada.

O duque d'Orleans fôra processado, condemnado e executado.

Os vinte e um convencionaes *brissotinos*, *girondinos* ou *federalistas*, como lhes quizerem chamar, proscriptos por causa do 2 de junho, tinham sido julgados, condemnados e executados.

Outro tanto tinha acontecido e Chabot, Barrère, Lacroix, Desmoulins, Danton, Herault de Séchelles, Fabre d'Églantine, e a outros franciscanos.

Julgados, condemnados e executados tinham tambem sido Lavoisier e vinte e sete arrematantes de impostos.

A princeza Isabel, irmã de Luiz XVI, essa sancta, essa martyr, fôra processada, condemnada e executada.

Egual sorte soffreu Robespierre, Saint-Just, Lebas, Henriot, e outros desoito jacobinos.

Então começa a reacção.

Liguemos a esse sanguento periodo as metralhadas de Lyão, as afogações de Nantes, a retomada de Toulon aos inglezes, por Dugommier ou antes por Bonaparte.

Vejâmos no meio de tudo isto surgir os homens que um dia hão de fazer o Imperio, Jourdan, Kléber, Lefebvre, Bernadotte, Moncey, Augereau.

Ás execuções reaccionarias seguem-se as execuções revolucionarias; são tambem executados Carrier e Fouquier-Tinville.

Collot-d'Herbois, Billaud-Varennes, Amar, Vadier, são deportados.

Vem depois o 13 vendimario, em que Bonaparte reapparece para annunciar Napoleão.

A Convenção cede o logar ao Directorio.

Era tempo, as prisões continham nove mil presos e ameaçavam de rebentar se mais lhes mettessem.

O luiz d'oiro valia dois mil e seiscentos francos em assignados.

Mas a Vendéa estava pacificada, Bernadotte bateu os russos na Suissa; Kleber bateu os austriacos no Rheno, e Bonaparte estava em termos de pôr por obra a sua magnifica campanha de Italia.

Todavia ninguem podia antever o futuro da França. Nenhum dos directores tinha a sympathia do duque d'Orleans. Charette, com quem se tinha contado, foi fuzilado.

Sillery, o agente pariziense, foi guilhotinado com os girondinos.

O principe exilado teve pois todo o tempo para percorrer os Estados-Unidos antes que qualquer acontecimento importante viesse mudar a politica do governo francez.

Além d'isso, esta viagem, graças ao melindre do Directorio, ia-se tornar um dever para o principe, o qual, no pouco tempo que se demorou em Fredericksall. recebeu uma carta de sua mãe, datada de 27 de maio de 1796.

Eil-a:

« Meu querido filho, os acontecimentos que se accumularam sobre a cabeça da tua pobre mãe, desde o momento em que ella teve a desventura de ser privada da consolação de communicar comtigo, acabando de arruinar a sua saude, tornaram-na ainda mais sensivel a tudo quanto tem relação com os objectos da sua affeição, o seu paiz e seus filhos augmentaram ha muito tempo as suas sollicitudes!

« Não te limitarás sem duvida a partilhal-as quando sou-

beres que, mesmo nas tuas infelicidades, ainda os pódes servir.

« O interesse da tua patria e dos teus, pedem-te que ponhas entre nós a barreira dos mares.

« Estou persuadida que não hesitarás em lhe dar este testemunho de affeição, sobretudo quando souberes que teus irmãos, detidos em Marselha, partem para Philadelphia, onde o governo francez lhes fornecerá os meios de viverem decentemente.

« Devendo os revezes ter tornado mais precoce ainda amadureza de meu filho, certamente não recusará á sua boa mãe a consolação de saber que se acha junto de seus irmãos.

« Se a idéa da nossa separação é afflictiva para o meu coração, esta amargura será adoçada pela sua reunião.

« Praza a Deus que a perspectiva de alliviar os males da tua pobre mãe, de tornar a situação dos teus menos penosa, de contribuir para assegurar o socego do teu paiz, praza a Deus que esta perspectiva exalte a tua generosidade e sustente a tua lealdade.

« Não te esquecestes certamente, meu filho, de que a amisade de tua mãe não tem precisão de ser excitada por novos actos da tua parte proprios para a justificar.

« Quem me dera saber d'aqui a pouco que o meu Carlos e o meu Antonio abraçaram seu irmão mais velho, que sua mãe n'elles recebe as demonstrações e as provas dos sentimentos dos seus filhos.

« Chega a Philadelphia ao mesmo tempo que elles, ou primeiro, se poderes.

« O ministro de França em Hamburgo facilitará a tua passagem; conheça-a elle ao menos.

« Oh! não poder eu mesma estreitar contra o seio dilacerado de tua mãe tão terna aquelle que recusar-lhe não ha de a consolação que elle reclama!

« Se esta carta chegar ás mãos do meu muito amado filho, espero que não ha de recusar-se a responder á sua tão terna mãe, e a dar-lhe a consolação de endereçar a sua carta sobrescriptada ao ministro da policia geral da Republica, em Pariz.

« P. S. — Folgo em acreditar que ha tres mezes, apesar da impossibilidade em que sempre me tenho visto de te escrever, terás conhecido o extremo desejo de tua mãe de saber que te achas bem longe dos intrigantes e das intrigas de que ella não poderia affastar-te.

L. M. A. de Bourbon. »

Patenteava-se n'esta carta o intimo d'alma da boa e excellente princeza.

O coração de seu filho não deixou de lhe corresponder e escreveu-lhe:

« Fredericshall, 25 de agosto de 1796,

« Recebi com prazer e enternecimento, minha querida mãe, a carta que me escreveu de Pariz a 8 *prairial*, e que o ministro da Republica junto das cidades anseaticas me mandou por ordem do directorio executivo. Conforme o que me ordena, dirijo-lhe esta resposta sobrescriptada ao ministro da policia geral.

« Quando a minha mãe receber esta carta, achar-se-hão as suas ordens executadas, e terei partido para a America.

« Quando accusei, ao ministro de França em Breme, a recepção de sua carta e da que elle me escreveu, quando m'a enviou, julguei poder pedir-lhe, segundo o que me mandou dizer e elle me confirmou, os passaportes necessarios para a segurança da minha viagem; assim que os receber; embarcarei no primeiro navio que se fizer de véla para os Estados-Unidos.

« Certamente, quando mesmo tivesse repugnancia pela viagem que me pede que emprehenda, não empregaria menos presteza em partir, porém era justamente o que eu mais desejava poder fazer, e agora não faço mais do que accelerar a execução de um projecto que já estava definitivamente formado na minha imaginação. Até mesmo muito tempo ha que eu teria partido se não fosse constantemente retido por uma serie não interrompida de circumstancias singulares e aziagas.

« Não emprehenderei fazer-lhe d'ellas um triste e inutil detalhe, esperava que dentro em pouco se aplanassem todos os obstaculos que me empeciam, mas nenhuns ha que a sua carta não destrua.

« Vou partir sem mais demora.

« O que não faria eu depois da carta que acabo de receber.

« Já não creio ter perdido sem recurso a felicidade, pois que ainda tenho meio de adoçar os males de uma mãe querida, cuja posição e soffrimentos me tem dilacerado o coração por tanto tempo.

« Não me atrevo a examinar se posso conservar a esperança de a tornar a vêr um dia, mas estarei privado da consolação de vêr de tempos a tempos algumas linhas escriptas pela sua mão, e de saber como está?

« Julgo estar sonhando quando penso que dentro em pouco abraçarei meus irmãos e que com elles me hei de reunir, porque estou reduzido a poder apenas acreditar o que por tanto tempo me pareceu impossivel.

« Não é porque me queira queixar do meu destino; mais horrivel podia elle ser, bem o sei, agora mesmo deixarei de o considerar desgraçado, se, depois de ter tornado a encontrar meus irmãos, souber que a nossa querida mãe está tão bem quanto póde estar, se ainda uma vez eu poder ser-

vir a minha patria contribuindo para a sua tranquillidade, e por conseguinte para a sua felicidade.

« Não ha para mim sacrificio custoso em pró da minha patria; e em quanto vivo fôr, nenhum haverá que me não promptifique a fazer-lhe.

« É-me impossivel, escrevendo á minha querida mãe, não aproveitar esta occasião para lhe dizer que ha muito não tenho relações com M.ma de Genlis.

« Ella acaba de fazer imprimir em Hamburgo uma carta que me é dirigida, acompanhada de um summario muito inexacto do seu comportamento durante a revolução, e em que nem mesmo respeita a memoria de meu infeliz pae.

« Não é certamente minha intenção responder a esta carta, porém julgo do meu dever restabelecer na sua inteireza parte dos factos que ella truncou.

« Mandarei imprimir em Hamburgo este pequeno escripto, e terei cuidado em que seja dirigido um exemplar ao ministro da policia geral, esperando que elle se servirá fazer-lh'o entregar.

« Adeus, minha querida mãe, nada eguala o prazer que senti ao tornar a vêr as suas letras de que ha tanto tempo estava privado. Praza a Deus que em breve saiba que a sua saude se vae restabelecendo, e que o saiba pelas suas proprias letras.

« Desvele-se por essa saude que tão preciosa nos é, e que se não fôr para si, que seja ao menos para os seus filhos. Adeus; o seu filho abraça-a de todo o coração, e creia que mui feliz se julga por poder ainda obedecer-lhe

L. Ph. d'Orleans. »

CAPITULO XXIV

Por esta carta do duque d'Orleans, conhece-se quão funda fôra a chaga que abrira em seu coração a epistola que citámos no capitulo precedente.

Conhecemos pessoalmente M.ma de Genlis, e a ella mesma ouvimos dizer que o duque d'Orleans jamais lh'a tinha perdoado.

Isto é concebivel.

O duque d'Orleans não se tinha utilisado da carta de credito do ministro Governador Morris. A carta de credito, passada sobre o sr. Páris, banqueiro em Hamburgo, era de quatrocentos *pounds*. D'elles enviou o duque d'Orleans cem a sua irmã, guardou trezentos para si, escreveu ao seu protector annunciando-lhe a sua proxima partida para a America, e tractou de procurar navio em que podesse fazer a viagem.

Foi coisa facil; um bello navio de commercio fazia regularmente e muitas vezes por anno a viagem entre Hamburgo e Philadelphia. N'elle tomou passagem o duque d'Orleans.

O navio chamava-se *America*.

O ministro Governador Morris estava em embaixada na Allemanha, onde recebeu a carta do duque d'Orleans.

Escreveu logo aos seus correspondentes de Nova-York para abrir um credito ao principe, o qual, apesar do seu grande desejo de deixar immediatamente a Europa, não

póde partir de Hamburgo, senão a 24 de setembro de 1796, por o navio se achar demorado pelos ventos de oeste.

Uma segunda carta escripta á sr.ª duqueza d'Orleans nos dá todos estes detalhes.

A indisposição do principe com M.ma de Genlis, tinha, como acabamos de vêr, aproveitado á pobre mãe.

Restituira-se-lhe seu filho, nós mesmo vimos o duque d'Orleans, quando regressou a França, e até que morreu, tractal-a com toda a veneração e com todo o amor que ella merecia.

Eis a carta:

«Muito tempo ha, minha querida mãe, que as suas ordens se achariam executadas, e que eu teria partido para Philadelphia, se o vento d'oeste permanente nos não impedisse de sahir do Elbo.

«Como me será impossivel escrever no momento de nos fazermos de vela, deixarei esta carta a um negociante da America.

«Vou n'um bello navio americano, forrado de cobre e muito bem arranjado interiormente.

«O capitão é muito boa pessoa, e temos a seu bordo bom passadio.

«Não tenha cuidado na minha viagem, minha querida mãe.

«O ministro de França deu-me os passaportes que lhe pedi; chegou a ter a attenção de lhe acrescentar uma carta para o ministro da Republica nos Estados-Unidos.

«Póde estar descansada a todos os respeitos. Muito me tarda ter noticias de meus irmãos, das quaes ha muito estou privado.

«Não tendo as gazetas annunciado ainda a sua partida, temo que se não tenha por em quanto effectuado.

« Espero esta noticia com bem viva impaciencia.

« Junto achará um exemplar do pequeno escripto, de que lhe fallei na minha ultima.

« Adeus, minha querida mãe.

« Seu filho ama-a e abraça-a de todo o seu coração.

« É tambem de todo o seu coração que deseja que a viagem que emprehende possa ter o effeito que espera, e melhorar emfim a cruel posição dos seus, que ha tanto tempo lhe pésa sobre o coração.

L. Ph. d'Orleans. »

Emfim, como dissemos, a 24 de setembro de 1796, no momento em que Jourdan se deixava bater em Wurtzbourg, e em que Bonaparte, depois de ter derrotado o terceiro exercito austriaco enviado contra elle, obrigava Wumser a fechar-se em Mantua, o *America* sahio do Elbo e seguio viagem para os Estados-Unidos.

O duque d'Orleans tomára passagem como vassallo dinamarquez.

O seu unico companheiro de viagem, além do seu fiel e inseparavel Beaudoin, era um emigrado francez, antigo collono de S. Domingos, o qual, muito enleiado pelo pouco inglez que sabia, e vendo a facilidade com que o duque d'Orleans fallava esta lingua, pedio-lhe, n'um vasconço inintelligivel, que se dignasse servir-lhe de interprete.

Convidou-o então o duque d'Orleans a fallar-lhe em francez, dizendo-lhe que, assim mesmo estrangeiro como era, a lingua franceza lhe era familiar.

—Com effeito, respondeu este, para um dinamarquez, não o falla mal.

E contentissimo por ter encontrado, no seu unico companheiro de viagem, um homem com quem podesse conversar, o nosso emigrado não largou o duque senão na

altura de Calais, onde um acontecimento imprevisto o fez mergulhar até ao fundo do porão.

Um corsario francez, que conduzia dois navios inglezes que acabava de capturar, chamou á falla o *America,* e ordenou-lhe que se pozesse de capa e se preparasse para receber a sua visita.

O terror do emigrado foi grande; tinha muito medo de ser reconhecido e reconduzido para França.

Para elle a França continuava a estar no 93, e já lhe parecia vêr-se julgado e condemnado.

O duque d'Orleans fez diligencia por o determinar a arrostar a visita do corsario, mas não teve meio de o conseguir.

— Bem se vê, lhe disse elle, que não é francez como eu. Se o fosse, não estaria tão desembaraçado.

E precipitou-se para o fundo do porão.

Um momento depois os corsarios estavam a bordo, e o capitão mostrava-lhes os seus papeis.

O duque d'Orleans, em pé, assistia ao exame.

— Bem! disse o chefe dos visitantes, de Hamburgo a Philadelphia, isto é, de porto neutro para porto neutro. Continue a sua viagem; não temos aqui nada que fazer, sómente temos um conselho a dar-lhe, e é de que se chegue para a costa de Inglaterra; vale mais do que a terra de França.

Atraz d'elles reappareceu á escotilha a cabeça do emigrado.

— Então? perguntou elle ao duque d'Orleans.

— Então! foram-se.

— Foram-se, de certo?!

— Olhe!

O emigrado sahio da escotilha e olhou com precaução por entre a pavezada do navio.

— Ah! ah! disse elle, com effeito, partiram. O diabo os leve! sempre me metteram um susto!

A 24 de outubro seguinte, isto é, vinte e sete dias depois da partida, o navio lançava a ancora em frente de Philadelphia.

O duque d'Orleans saltou da lancha para o caes, e tirando um laço tricolor da algibeira, pôl-o no chapéo.

Acabava emfim de pôr pé em terra livre.

O emigrado approximou-se d'elle, e disse-lhe:

— Então o senhor; é francez?

— Sem duvida, respondeu o principe.

— Então, se é francez, como foi que não se escondeu dos corsarios?

— Senhor, lhe tornou o principe, se, ha quatro annos, houvesse soffrido tanto como eu, de coisa nenhuma teria receio, e seria de opinião que não ha perigo que valha a pena de descer para um porão com o fim de o evitar.

— Mas então quem é? perguntou o emigrado.

Luiz Philippe d'Orleans, cidadão dos Estados-Unidos de America.

E cortejando o emigrado, que ficou de bocca aberta, o principe entrou na cidade.

Quinze dias depois, o duque de Beaujolais e o duque de Montpensier embarcavam em Marselha.

Durante a sua detenção na torre de Saint-Jean, os dois irmãos tinham tentado evadir-se por uma janella, que tinha quasi vinte pés de altura: deviam alcançar o caes.

O duque de Beaujolais, que foi o primeiro que desceu, estava já em terra firme, quando, faltando o pé ao sr. duque Montpensier, cahio sobre as pedras e quebrou uma perna.

Vendo-o incapaz de fugir, o duque de Beaujolais foi-se entregar.

Desde muito tempo que lhes promettiam a liberdade, e tantas vezes tinham visto findar o dia que devia abrir as portas da sua prisão, que tinham cessado de esperar.

Emfim, a 2 de novembro foram-lhe dizer que seriam soltos a 5, e a 3 e 4, como elles temessem que ainda d'esta vez os enganassem, renovaram-lhe esta promessa.

O duque de Montpensier, nas suas Memorias, conta esta partida com todas as angustias que a acompanharam.

« Não dormimos toda a noite, diz elle, e logo ás sete horas da manhã fomos com o general Willot, o consul americano Cathalan, e a boa M.^ma de La Charce para bordo do navio sueco *Jupiter*.

« O povo da cidade, instruido da nossa partida, reunio-se em multidão para nos vêr.

« O porto e a aldêa visinha estavam cheios de gente. As janellas e os parapeitos do forte tambem estavam cheios de povo.

« Durante este tempo, o general Willot nos exprimia á pressa os seus sinceros votos pela nossa viagem.

« A boa M.^ma de La Charce tinha o coração despedaçado e pouco lhe faltou para desmaiar; foi obrigada a deixar o navio sem se despedir de nós.

« Levantou-se ferro, largaram-se as vellas, aquelles que deviam ficar em França desceram á pressa para os seus botes, e muitos adeus se repetiram mil vezes.

« Levantando-se um vento fresco, afastamo-nos rapidamente d'essa terra onde tão desgraçados tinhamos sido, e de que todavia não haviamos cessado de desejar a felicidade.

« Tornando-se contrario o vento pouco depois, e tendo-nos retido vinte e tres dias no Mediterraneo, vimo-nos obrigados a arribar a Gilbraltar.

« O general O'Hara que, n'esta epocha era seu governador, nos tornou extremamente agradavel a pequena demora que ahi tivemos.

« Depois de uma viagem de noventa e seis dias, não me

nos penosa do que longa, chegámos á America a 8 de fevereiro de 1797.

« Todas as nossas penas ahi foram, senão olvidadas, ao menos adoçadas pela idéa de nos acharmos de posse da nossa liberdade, e pela felicidade inapreciavel de apertarmos entre os nossos braços um irmão querido, que por tanto tempo tinhamos perdído a esperança de tornar a vêr. »

A 7 de março de 1797, os tres principes acharam-se reunidos, livres e quasi ricos, graças á carta do sr. governador Morris; resolveram pois viajar pelo interior do paiz.

Depois de terem assistido á sessão em que Washington, ufano e satisfeito por tornar á vida privada, entregava a presidencia nas mãos do sr. Adams, seu successor, partiram a cavallo, no dia 2 de abril, tão sómente acompanhados pelo seu fiel Beaudoin.

Uma carta do duque de Montpensier a sua irmã, M.^me Adelaide, resume melhor do que nós o poderiamos fazer, esta bella viagem.

Eis o que ella contém:

« Julgo que terá recebido a carta que lhe escrevemos, ha dois mezes. Estavamos então no meio de uma grande viagem que acabamos de terminar; durou quatro mezes, em cujo espaço andámos mil legoas, sempre nos mesmos cavallos, excepto as ultimas cem, que fizemos parte embarcados, parte a pé, ou em carruagem publica.

« Vimos muitos selvagens, e estivemos muitos dias no seu paiz.

« É em geral, a melhor gente do mundo, excepto quando estão embriagados ou irados.

« Receberam-nos perfeitamente, e para esta boa recepção muito contribuio a nossa qualidade de francez, porque elles gostam da França

« O que entre elles vimos de mais curioso, foi certamente a cataracta de Niagara, para a qual na minha precedente lhe disse que nos iamos dirigir: é o espectaculo mais magestoso que tenho visto; tem de altura cento e trinta e sete pés, e o volume d'agua é immenso, pois que é o rio S. Lourenço todo inteiro que se despenha n'este sitio; tirei um esboço, e espero fazer uma pintura, que a minha querida irmã verá certamente em casa da nossa terna mãe, porém ainda não está começada, e ha de levar-me muito tempo.

«Para lhe dar uma idéa da maneira agradavel como por este paiz se viaja, dir-lhe-hei, querida irmã, que passamos quatorze noites nos bosques, devorados por todas as especies de insectos, muitas vezes molhados completamente e sem nos podermos enxugar, e sem outro alimento mais do que um pouco de toucinho, e algumas vezes um bocado de cabro salgado e pão de milho.

« Além d'isto, quarenta noites em más cabanas, onde dormiamos sobre um sobrado de taboas desegiaes, não fallando no máo modo dos habitantes, que algumas vezes nos fechavam a porta na cara, e que muitas vezes nos davam bem má hospitalidade.

« Nunca aconselharei similhante viagem a quem quer que seja, no entretanto, estamos longe de nos arrependermos de a ter feito, pois que d'ella trouxemos excellente saude e necessariamente mais alguns conhecimentos.

CAPITULO XXV

Quatro annos antes, Chateaubriand, esse outro principe exilado, fizera a mesma viagem.

Não sei o que produziram ou produzirão para a França; pondo de parte a pintura promettida pelo duque de Montpensier a sua irmã, esses tantos ou quantos conhecimentos que elles tinham adquirido, porém a viagem de Chateaubriand, produzio o *Genio do Christianismo* e o *Natchez*, não fallando n'essa relação maravilhosa toda scintillante de noites estrelladas, toda murmurante de brisas silvestres, toda resplendente de lagos que reffectem o céo e de cascatas que reflectem o sol em cada gotta d'agua, que se precipita, que brilha como uma centelha, que se esvaece como um vapor.

Ó genio, unico principe de direito divino que existe no mundo, não serás tu jámais reconhecido senão pela posteridade!

Os principes voltaram a Philadelphia; a falta de dinheiro forçava-os a interromper a viagem, porém, apenas chegaram, declarou-se a febre amarella; em dois ou tres tornou-se o panico universal, todos fugiram, excepto o duque d'Orleans e seus irmãos; a mesma causa que interrompera a sua viagem os pregava em Philadelphia.

Ficaram pois, e a febre amarella passou sem os atacar nem de leve.

Esta penuria durou até ao fim de setembro, epocha em

que os exilados receberam da Europa uma grande somma, que lhes enviava sua mãe.

Esta primeira viagem, por mais fatigante que fosse, exaltára a juvenil imaginação dos tres principes a ponto de resolverem fazer segunda.

Partiram para Nova-York, visitaram Newport e Providencia, percorreram os Massachusets, o New-Hampshire, o Maine, subiram até ao Boston e encontraram talvez n'estas viagens, o joven Cooper, esse grande poeta que já phantasiava essa maravilhosa epopéa, cujos principaes personagens são caçadores, soldados e selvagens.

De repente a noticia da revolução de 18 *fructidor* chegou aos ouvidos dos jovens principes com todos os seus detalhes.

Durante a noite de 17 para o 18 *fructidor*, Augereau, chamado por Barras, tinha entrado em Pariz com dez mil homens e quarenta peças de artilheria e ás quatro horas da manhã os parizienses acordaram ao estampido do canhão.

Sabe-se como se fez essa revolução, e quaes foram os seus resultados.

As duas Assembléas, que compunham o corpo legislativo, foram cercadas; dois directores, cento e cincoenta e quatro deputados e cento e quarenta e oito cidadãos, accusados de cumplicidade com elles, foram deportados, e os padres refractarios conjunctamente com os emigrados foram novamente expulsos.

O desterro dos Bourbons tanto do ramo primogenito, como do segundo, proseguio com mais rigor do que nunca.

Emfim, o Directorio foi investido do poder dictatorial, com o direito de pôr as cidades em estado de sitio e de fazer julgar os suspeitos pelas commissões militares.

Era pouco mais ou menos um segundo terror contra os restos realistas que tinham escapado ao primeiro.

A duqueza d'Orleans, respeitada por Marat e por Robespierre, refugiada em casa do duque de Penthièvre durante os terriveis annos de 93 e 94, sem ahi ser inquietada, foi d'esta vez presa, encerrada na Force, e finalmente posta fóra de França a 26 de setembro de 1797, com uma pensão de cem mil francos, pagaveis pelos bens confiscados.

Retirou-se para a Hespanha.

Outras noticias, mais singulares ainda, chegavam ao mesmo tempo aos jovens principes; um homem, cujo nome lhes era apenas conhecido no momento em que haviam sahido de França, crescia com rapidez; este nome pronunciado em Toulon, tinha retumbado com força no 13 *vindemario*, e repetido pelos echos de Montenotte, d'Arcole e de Lodi, começava a encher o mundo.

Era o nome de Bonaparte.

Comtudo estas ultimas noticias causavam aos principes admiração, talvez, mas não inquietação. Esta fortuna rapida, tanto attribuida ao acaso como ao genio, não passava por emquanto da fortuna de um soldado, e posto que, prevendo já os acontecimentos futuros, o vencedor da Italia houvesse tirado do nome a lettra que o italianisava, só Bonaparte, suppondo mesmo que uma ponta do véo que por elle tivesse sido levantada, tinha penetrado nos futuros destinos de Napoleão.

Todavia, attrahido á Europa pelo duplo desejo de tornar a vêr sua mãe e de se approximar dos acontecimentos, em que um partido todo envolvia o seu nome, o duque d'Orleans resolveu deixar a America e ir a Hespanha.

Só uma coisa difficultava este projecto; era a guerra declarada entre a Peninsula e a Inglaterra.

Os principes, depois de fazerem conselho entre si, resolveram dirigir-se a Luiziania, da Luiziania ao Havre, e do Havre a um ponto qualquer da Europa.

Obtiveram o assentimento do ministro de Hespanha em Philadelphia, e partiram a 10 de dezembro de 1797, no mesmo dia em que Bonaparte, de volta de Rastadt, era apresentado no Directorio, e em que Pariz celebrava a paz do Campo-Formio.

Os principes tinham cavallos, mas como a jornada a cavallo era muito fatigante para os duques de Montpensier e de Beaujolais, ambos de saude fraca, compraram uma caleça, metteram-lhe os tres cavallos, e viajaram á maneira d'esses transmigrantes qne iam n'essa epocha procurar fortuna no interior das terras, e discutir com os de pelle vermelha os limites de um estabelecimento.

Larga foi a viagem, porque não podiam fazer mais de oito a dez leguas de França por dia; em Carlisle tombou-se a caleça, e o duque d'Orleans esteve quasi ficando morto; em Pittsburgo acharam o Monongahela gelado, por fortuna ainda estava livre o Alleghany: compraram um barco, como haviam comprado uma caleça, e a 3 de janeiro de 1798, os tres principes aventuraram-se intrepidamente a navegar no Ohio.

Chegados ao forte Mansac, depois de terem tido a combater quasi os mesmo perigos que n'uma navegação polar, abasteceram-se de caça e arriscaram-se no Mississipi, que desceram até á nova Orleans, onde chegaram a 17 de fevereiro; resolveram esperar n'este ponto a chegada de uma corveta hespanhola, porém, não vindo, partiram n'um navio americano, o qual, chegando ao meio do golpho do Mexico, se deixou capturar por uma fragata ingleza.

Os principes julgaram ao principio o caso mais desastroso do que realmente o era: a fragata navegava debaixo da bandeira tricolor, e pensaram ter cabido nas mãos do Directorio.

A ordem de arriar bandeira dada em inglez, tranquilli-

sou-os; todavia antes de passarem para bordo da fragata, o duque d'Orleans disse em inglez ao official:

— Sou o duque d'Orleans, os meus companheiros são meus irmãos o duque de Montpensier e o conde de Beaujolais. Vamos para a Havana, tenha a bondade de prevenir o capitão da nossa presença.

O capitão veio, correndo, assim que recebeu a noticia; era Cochrane, que depois foi almirante, e que conhecemos em Pariz em casa do duque d'Orleans, que habitava então no Palais-Royal.

Annunciou aos exilados que seriam bemvindos ao seu bordo, e mandou-lhes lançar um cabo para lhes facilitar a ascensão; porém a corda mal lançada ou mal tomada, escapou das mãos do duque d'Orleans, que cahio ao mar, mas, nadando perfeitamente, só lhe aconteceu tomar um banho, que não era nada perigoso n'aquella temperatura tropical.

O que os principes tinham primeiro olhado como um acontecimento desastroso fôra, pelo contrario, uma bea fortnna.

O capitão Cochrane pôz a sua fragata á disposição do duque d'Orleans, e tendo sabido, como dissemos, que os principes se dirigiam á Havana, quiz elle proprio conduzil-os.

Chegaram a este destino a 31 de março.

Ahi foram retidos por ordens formaes da côrte de Madrid, que prohibiam positivamente a entrada dos principes francezes na Hespanha.

A antiga inimisade entre o regente e Philippe V não tinha fenecido.

Os principes tinham sido bem recebidos na Havana, tiveram por algum tempo a idéa de ahi pararem e fundarem um estabelecimento, porém o conde de Frobert, governador geral da ilha de Cuba, recebeu, a 20 de maio de 1793, or-

dem para expulsar os principes francezes das colonias hespanholas do Novo-Mundo.

Só a Luiziania era exceptuada, e os principes tinham auctorisação para ahi residirem.

Fôra no mesmo dia em que Bonaparte levantava o sitio de Saint-Jean-d'Acre, em que o rei da Suecia entrava na coalisão, e em que Souvarov se apoderava da Alexandria.

O duque d'Orleans recusou essa singular hospitalidade, e acompanhado por seus irmãos, embarcou n'um navio hespanhol, que o conduzio ás ilhas inglezas de Bahama e de Halifax, onde o duque de Kent, filho do rei de Inglaterra e pae da rainha Victoria, os recebeu como principes, mas sem comtudo tomar sobre si o dar-lhes passagem para Inglaterra em navio do Estado.

Viram-se então os exilados forçados a voltarem para os Estados-Unidos que, menos escrupulosos, lhes facilitaram a passagem para Londres, onde chegaram em janeiro de 1800.

Havia tres mezes que Bonaparte tinha feito o 18 brumario, e se achava quasi senhor da França.

Pelo que, desembarcando em Palmouth e sabendo estas singulares noticias que da França se espalharam pela Europa, Luiz Philippe escreveu ao governador Morris, seu antigo protector, a carta que vae ler-se, que provava a sua admiração.

CAPITULO XXVI

30 de janeiro de 1800.

« Acabo de saber que vae partir um paquete para Nova-York, e aproveito esta occasião para o informar da nossa feliz chegada, depois de uma viagem de vinte e um dias, poucos d'elles de máo tempo, e sem havermos, graças a Deus, encontrado cruzeiro de especie alguma. Comtudo vimos um navio que não era inglez; mas fez-nos, por felicidade, o favor de ter medo de nós.

« É tão grande a nossa fortuna que escapámos, achando-se o mar coberto de corsarios e tendo sido tomados quatro paquetes.

« Os jornaes não fallam senão em presas e em grandes tufões.

« D'aqui a poucos dias lhe escreverei mais de espaço; por agora só tenho a annunciar-lhe o nosso bom regresso. Veja pois que nasci feliz.

« Bonaparte, primeiro consul! O abbade Sièyes seu collega!! e o bispo d'Autun, seu ministro!!! »

O decimo nono seculo abria-se para Luiz Philippe por tres pontos de admiração.

Com effeito, a vista do que se passava na Europa, essa grande reedificação do mundo moderno no seu genesis, devia admirar bastante ao filho de Philippe Egualdade, ao educando de M.^ma de Genlis, discipulo de Dumouriez, que admirado tambem do que se passava, escrevia as linhas se-

guintes, singular desmentido ao seu procedimento havia sete annos:

« Indica-me como chefe de uma facção d'Orleans, engloba-me como chefe d'essa facção, com uma dama celebre pela sua penna, que, infelizmente para ella, escreveu contra o joven principe, que se acha compromettido na accusação que me faz.

« Conheço muito pouco essa senhora, a quem só vi em 1793, quando ella acompanhava a joven e interessante princeza a quem então salvei da proscripção e da furia de Robespierre e dos Marat.

« Não tornei a vêr esta dama; eu estava mui ligado com o principe, foi em minha casa que elle deu a sua resposta ao escripto indiscreto que ella publicára contra elle. Estes dois escriptos foram impressos em Hamburgo e são-lhe conhecidos.

« Bem vê, pois, que nenhuma ligação póde existir entre nós, e muito menos ainda a união necessaria para uma facção.

« Não tenho precisão de defender os tres jovens principes do ramo desafortunado, a quem os malvados querem para sempre separar da arvore augusta que por tanto tempo honrou a nossa patria.

« Poucas palavras direi ácerca do duque d'Orleans.

« Pranteou comigo a morte de Luiz XVI, reunio-se a mim para a vingar, sahio comigo da França; desde então tem continuamente viajado pela Suissa, Dinamarca, Noruega, Laponia, Suecia, America e Havana, onde está ha um anno com seus irmãos.

« Quando, por quem, com quem, como poderia elle distante, errante e pobre, communicar, conspirar com os scelerados de Pariz, que abusam talvez do seu nome, e que elle não conhece?

« Póde, senhor, onde habita, tomar as informações precisas sobre o seu procedimento e caracter.

« Está rodeiado de homens que o conheciam particularmente.

« Por toda a parte onde tem estado, não tem mostrado senão applicação, constancia e virtudes.

« Quanto a mim, senhor, se eu fosse chefe de uma facção usurpadora teria poupado os malvados que em todos os meus escriptos tenho coberto de opprobrios. Teria reservado meios de me reconciliar para poder voltar a França e unir-me aos meus cumplices.

« Teria evitado mostrar-me realista, sempre affeiçoado á ordem natural da successão. Todos os meus testemunhos dão provas dos meus sentimentos.

« Sim, senhor, sou realista, reconheço Luiz XVIII por meu legitimo soberano.

« Toda a minha esperança da regeneração de França, reside nas suas luzes, na sua clemencia, e na conversão da nação para a razão, para o amor pela ordem, pelas suas leis e pelos seus reis.

« Taes são os sentimentos com que quero viver e morrer.

« Tenho a honra de ser, etc.

Dumouriez. »

Encontrar-se-ha esta carta no *Expectador do Norte*, do mez de outubro de 1799.

Veio depois em apoio d'esta carta de Dumouriez uma declaração dos jovens principes.

A declaração, que devia ser o pacto de reconciliação entre o ramo primogenito e o segundo, foi quasi dictada pelo sr. conde d'Artois ao sr. duque d'Orleans. D'elle foi enviado um duplicado a Luiz XVIII, que então se achava em Mit-

tau, ficando o original nos archivos do conde d'Artois em Londres.

Eis o texto d'esse manifesto que, hão de convir, se parece muito com um uma retractação:

« Declaramos que estando convencidos que a maioria do povo francez partilha todos os sentimentos que nos animam, fazemos, tanto em nome dos nossos leaes compatriotas, como no nosso proprio nome, o juramento solemne e sagrado que prestamos sobre a nossa espada, ao nosso rei, de vivermos e morrermos fieis á nossa honra e ao nosso soberano legitimo.

« Se o injusto emprego de uma força maior viesse, o que a Deus não preza, collocar, *de facto e não de direito*, sobre o throno da França, outro que não seja o nosso rei legitimo, declaramos que seguiriamos, com tanta confiança como fidelidade, a voz da honra, que nos prescréve empregar a nossa espada, por Deus, pelos francezes e pela França. »

Perguntamos como teria sido recebido no Palais-Royal o audacioso que houvesse entregado a 8 de agosto de 1830, esta declaração nas mãos do rei Luiz Philippe I.

XXVII

Graças a esta declaração, o duque d'Orleans e seus irmãos tomaram no estrangeiro a posição de *principes francezes*, e tiveram parte nas subvenções concedidas pela Inglaterra.

A sua parte foi um subsidio de cincoenta mil libras.

Esta reconciliação fôra promovida havia seis mezes pela duqueza d'Orleans, a qual escrevera a Luiz XVIII que, por esta occasião, escrevia ao duque d'Harcourt, a 27 de junho de 1799:

« Appresso-me a dar-lhe parte, sr. duque, da satisfação que experimento por ter podido exercer a minha clemencia em favor do sr. duque d'Orleans, meu primo.

« A sua respeitavel mãe, essa virtuosa princeza, tem sido mui sublime nas suas adversidades para receber da minha parte uma nova offensa que levaria o desespero e a morte ao seu coração.

« Tenho em consideração o ter sido a medianeira entre o seu rei e o seu filho.

« Recolhi com sensibilidade as lagrimas da mãe, as confissões e a submissão do joven principe, a quem a sua pouca experiencia tinha entregado ás suggestões criminosas de um pae monstruosamente criminoso.

« Esta determinação foi tomada com audiencia do meu conselho, e tenho a dulcissima satisfação de lhe annunciar

que os seus membros proclamaram a uma voz as palavras de clemencia e de perdão.

Luiz. »

Era, como se vê, um terrivel usurario este Luiz XVIII, e fazia pagar caro a clemencia e o perdão, que não dava, mas emprestava para ter direito de os retomar.

Apesar d'esta reconciliação apparente, difficeis eram as relações entre o duque d'Orleans, que proseguio o seu projecto de viagem á Hespanha.

« A duqueza viuva d'Orleans residia em Saria, junto de Barcelona.

« Os seus tres filhos embarcaram para Minorca, onde se achava uma corveta napolitana que os conduzio a Barcelona.

Porém os melindres da côrte de Hespanha eram ainda os mesmos, e os jovens principes não poderam desembarcar; viram-se pois obrigados a voltar para Inglaterra sem terem podido communicar com sua mãe senão por meio de cartas.

Esta communicação teve em resultado a reunião da princeza Adelaide com sua mãe.

Durante este tempo, Bonaparte fortalecia em Marengo o seu poder nascente, não só na França mas na Europa, e preparava-se para tomar o titulo de imperador dos francezes forçando o rei de Inglaterra a resignar o seu titulo de rei de França.

Estas noticias tinham grande influencia na Europa.

A 21 de janeiro de 1801, dia anniversario da morte de Luiz XVI, o imperador Paulo teria reflectido n'esta singular coincidencia de dacta? A 11 de janeiro de 1801, o imperador Paulo abandonou a causa dos Bourbons e convidou Luiz XVIII a sahir de Mittau e passou á Prussia.

Mas a propria Prussia não queria fazer cousa que des-

agradasse ao primeiro consul e á Republica franceza, de sorte que Luiz XVIII foi connvidado a deixar o seu titulo de rei de França. Não tinha meio de resistir. Tomou o de conde de Lille.

A fortuna de Bonaparte caminhava a passos de gigante; a felicidade que paira sobre os homens predestinados acompanhava-o por toda a parte.

Levára uma bala em Marengo, que apenas lhe fez uma arranhadura. Ameaçado pela machina infernal de Carbon e de Saint-Regent, vira a machina infernal, quando rebentou, matar em torno de si cincoenta e seis pessoas e ferir vinte e duas. Emfim escapára a Jorge Cadoudal, o mais terrivel, talvez, dos conspiradores armados contra elle, e cuja conspiração, livrando-o de Moreau e de Pichegru, seus dois inimigos, lhe forneceu tambem occasião para anniquilar esses boatos de intelligencia que diziam haver entre elle e os Bourbons.

O duque d'Enghien, preso a 15 de março de 1804 em Ettenheim, chegando a 20 a Pariz, fôra espingardiado a 21 nos fossos de Vincennes.

Emfim, a 2 de novembro do mesmo anno, o papa Pio VII partia de Roma, chegava a 25 do mesmo mez a Fontainebleau, dirigia-se a Pariz a 28 na mesma carruagem em que ia Napoleão, e a 2 de dezembro sagrava-o em Nôtre-Dame imperador dos francezes.

Eram rudes golpes dados nas esperanças dos principes exilados.

CAPITULO XXVIII.

Sigamos no futuro rei de França, que devia, por seu turno, escapar á machina infernal de Fieschi, ás balas d'Alibaud, de Meunier e de Lecomte, o effeito produzido por estes diversos acontecimentos.

Em primeiro logar, a respeito da morte do duque d'Enghien, o duque d'Orleans escrevia ao bispo de Laudaff:

« Estava certo, *Milord*, de que a sua alma elevada experimentaria uma justa indignação na occasião do assassinio atroz do meu infeliz primo.

« Sua mãe era minha tia; elle mesmo, depois de meus irmãos, era o meu parente mais proximo.

« Fomos camaradas durante os primeiros annos; veja pois quão doloroso seria para mim similhante golpe.

« A sua sorte é uma advertencia para nós todos: indica-nos que o usurpador corso nunca estará tranquillo em quanto não riscar a nossa familia toda inteira da lista dos vivos.

«Isto faz-me sentir mais vivamente o beneficio da generosa protecção que nos é concedida pela sua nação magnanima.

« Deixei a minha patria tão cedo que não tenho os habitos de francez; e posso dizer com verdade que sou affeiçoado á Inglaterra, não só pelo reconhecimento dos beneficios que lhe devo, mas por gosto e inclinação.

« É com todas as veras do meu coração que digo: *Oxalá que nunca deixe esta terra hospitaleira!*

« Não é só por causa dos meus sentimentos particulares

que por ella tenho tão vivo interesse, é tambem pela minha qualidade de homem.

« A segurança da Europa, a do mundo mesmo, a felicidade e a independencia futura do genero humano dependem da conservação e da independencia de Inglaterra: e é esta a nobre causa do ódio que *Bonaparte* e todos os seus lhe testemunham.

« Oxalá que a Providencia destrua os seus projectos iniquos e que mantenha n'este paiz uma situação feliz e prospera!

« É o desejo mais ardente do meu coração, é a minha supplica mais fervorosa.

« Deve ser egualmente instruido das minhas opiniões concernentes á dissidencia entre os christãos, em outros termos, entre os homens que professam a mesma religião.

« Penso que todos devem ser fieis aos principios em que foram creados, e penso egualmente que não é em tempos como estes em que vivemos, que similhantes dissidencias devem ser causa de discussão.

« Não se tracta de ser christão d'esta ou d'aquella maneira, mas de ser christão ou de o não ser.

« Segundo a minha humilde opinião, é d'isso só que se deve tractar n'uma epocha em que as partes vitaes da religião e da moral são atacadas de uma maneira tão terrivel, e em que a triste experiencia d'estes ultimos annos mostra com que rapidez a irreligião e a immoralidade espalham a sua funesta influencia sobre os homens.

« Bem pensava eu, *Milord*, pelo conhecimento que tinha da sua alma, que a sua opinião sobre todos os pontos seria tal como a achei; porém permitta-me que acrescente que o felicito por ter sentimentos tão dignos ao mesmo tempo de prelado inglez e de um verdadeiro christão.

« Tenha a bondade de me fazer lembrado a M.ma e *ma-*

demoiselle Watson, e de acreditar nos meus sentimentos de estima e de consideração.

L. Ph. d'Orleans. »

Twickenham, 27 de julho de 1804.

P. S. « A queda da monarchia franceza, as prisões, as confiscações, as proscripções, as mortes, a carnificina, que acompanharam esta queda, e a vergonhosa tyrannia que lhes succedeu, são acontecimentos dignos da consideração dos principes e dos seus subditos; ensinam aos principes a usar com moderação do poder arbitrario e mesmo a reflectir bem se o despotismo é conveniente aos povos illustrados que hoje habitam na Europa. Ensinam-lhes a absterem-se de sobrecarregar os seus subditos de impostos para sustentarem guerras inuteis ou o luxo e as prodigalidades das suas côrtes.

« Estes acontecimentos emfim ensinam aos seus subditos, não digo a submetterem-se a uma oppressão extrema aos seus principes, mas a supportarem com paciencia males ligeiros, com receio de que, querendo d'elles libertar-se, sejam opprimidos pelos grandes.

« Reformas feitas a proposito podem não ter perigo, porém a resistencia ás reformas, termina muitas vezes em revoluções. »

Não é curioso ter cahido o rei Luiz Philippe quarenta e quatro annos depois de ter escripto esta carta, por não ter posto em pratica a theoria emittida pelo duque d'Orleans na ultima linha do seu post-scriptum?

A morte de Jorge Cadoudal seguira de perto a execução do duque d'Enghien, parte dos conjurados tinha morrido no cadafalso, outra fôra licenciada pelo imperador; alguns tinham podido fugir e haviam-se refugiado em Inglaterra.

Já citamos o carta de Dumouriez em que nega ser chefe

do partido d'Orleans. Citamos o manifesto do joven principe em que declara *que se o injusto emprego* de uma força maior chegasse a collocar de *facto* e nunca de *direito* no throno da França, qualquer outro que não fosse o rei legitimo, appellaria até ao seu ultimo suspiro para Deus, para os francezes e para a sua espada.

São falsas estas cartas, ou é o sr. Theodoro Muret que, na sua *Historia das guerras do Occidente*, se engana quando conta a anecdota seguinte?

Deixaremos o leitor tomar livremente o seu partido pelo principe ou pelo historiador:

« D'esta vez o conde d'Artois não adormeceu n'uma confiança absoluta; mandou a sua casa um dos officiaes de Jorge Cadoudal, cuja aptidão lhe era conhecida: era Brèche que, mais feliz que o general, podéra regressar a Inglaterra depois da tentativa de Pariz.

« — Conhece Dumouriez? lhe perguntou o principe.

« — Não, senhor, respondeu Brèche.

« — Tanto peior; tambem lhe são estranhos os seus amigos?

« — Nem sequer de nome os conheço.

« — Sinto muito.

« — Porque razão, senhor?

« — Porque o convidaria a ir vêl-os.

« — Para que?

« — Para conversar.

« — A que respeito?

« — A respeito do que quizesse.

« — Se não é mais do que isso, tractarei de me pôr em relação com Dumouriez ou com os seus amigos.

« — Tracte d'isso o mais cedo possivel.

« Dumouriez morava n'uma casinha de campo ao pé de Londres.

No dia immediato Brèche para lá se dirigio e foi passear junto do jardim, fingio occupar-se tão sómente em admirar a elegancia do jardim, e as bellas flôres que continha.

« Tendo-o visto alguem de casa, convidou-o civilmente a entrar, o que acceitou.

Entabolou-se a conversação em inglez; porém d'ahi a pouco Brèche disse:

« — Julgo-o francez como eu; ser-nos-ia mais commodo fallar a nossa lingua.

« — Sou da sua opinião, respondeu o personagem.

« Tendo a conversação continuado em francez, Brèche perguntou ao seu interlocutor se era emigrado; respondeu-lhe affirmativamente, e que estava na companhia de Dumouriez, que habitava n'aquella casa, acrescentando que elle não era propriamente emigrado, mas um companheiro de Jorge o que pareceu fazer-lhe tomar mais vivo interesse na conversação.

« — E foi a Pariz com elle?

« — Fui,

« Depois entrando em casa voltou em breve da parte de Dumouriez, convidando Brèche para almoçar, o que aquelle acceitou, seguindo o seu guia, que o apresentou ao general.

« Deram mais um passeio pejo jardim.

« — Então estava em Pariz com Jorge, lhe disse o general, foi uma grande perda para o partido realista.

« — Irreparavel.

« — Ainda restam bastantes elementos.

« — De certo, mas quem saberá servir-se d'elles?

« — Oh! não faltam homens capazes.

« — Conheço um, disse o official realista.

« — Quem é?

« — É o senhor.

do partido d'Orleans. Citamos o manifesto do joven principe em que declara *que se o injusto emprego* de uma força maior chegasse a collocar de *facto* e nunca de *direito* no throno da França, qualquer outro que não fosse o rei legitimo, appellaria até ao seu ultimo suspiro para Deus, para os francezes e para a sua espada.

São falsas estas cartas, ou é o sr. Theodoro Muret que, na sua *Historia das guerras do Occidente*, se engana quando conta a anecdota seguinte?

Deixaremos o leitor tomar livremente o seu partido pelo principe ou pelo historiador:

« D'esta vez o conde d'Artois não adormeceu n'uma confiança absoluta; mandou a sua casa um dos officiaes de Jorge Cadoudal, cuja aptidão lhe era conhecida: era Brèche que, mais feliz que o general, podéra regressar a Inglaterra depois da tentativa de Pariz.

« — Conhece Dumouriez? lhe perguntou o principe.

« — Não, senhor, respondeu Brèche.

« — Tanto peior; tambem lhe são estranhos os seus amigos?

« — Nem sequer de nome os conheço.

« — Sinto muito.

« — Porque razão, senhor?

« — Porque o convidaria a ir vêl-os.

« — Para que?

« — Para conversar.

« — A que respeito?

« — A respeito do que quizesse.

« — Se não é mais do que isso, tractarei de me pôr em relação com Dumouriez ou com os seus amigos.

« — Tracte d'isso o mais cedo possivel.

« Dumouriez morava n'uma casinha de campo ao pé de Londres.

No dia immediato Brèche para lá se dirigio e foi passear junto do jardim, fingio occupar-se tão sómente em admirar a elegancia do jardim, e as bellas flôres que continha.

« Tendo-o visto alguem de casa, convidou-o civilmente a entrar, o que acceitou.

Entabolou-se a conversação em inglez; porém d'ahi a pouco Brèche disse:

« — Julgo-o francez como eu; ser-nos-ia mais commodo fallar a nossa lingua.

« — Sou da sua opinião, respondeu o personagem.

« Tendo a conversação continuado em francez, Brèche perguntou ao seu interlocutor se era emigrado; respondeu-lhe affirmativamente, e que estava na companhia de Dumouriez, que habitava n'aquella casa, acrescentando que elle não era propriamente emigrado, mas um companheiro de Jorge o que pareceu fazer-lhe tomar mais vivo interesse na conversação.

« — E foi a Pariz com elle?

« — Fui,

« Depois entrando em casa voltou em breve da parte de Dumouriez, convidando Brèche para almoçar, o que aquelle acceitou, seguindo o seu guia, que o apresentou ao general.

« Deram mais um passeio pelo jardim.

« — Então estava em Pariz com Jorge, lhe disse o general, foi uma grande perda para o partido realista.

« — Irreparavel.

« — Ainda restam bastantes elementos.

« — De certo, mas quem saberá servir-se d'elles?

« — Oh! não faltam homens capazes.

« — Conheço um, disse o official realista.

« — Quem é?

« — É o senhor.

« — Não! commandei exercitos republicanos; sem ser jacobíno, usci das suas côres. Jámais os realistas m'o perdoarão; porém ha uma outra pessoa que mais conviria.

« — Quem é?

« — O duque d'Orleans.

« — Como o senhor, commandou tropas republicanas e pertenceu á sociedade dos jacobinos.

« — É verdade, mas desculpa-se n'um principe o que se não desculpa n'um particular.

« — Resta saber se a coisa conviria ao duque d'Orleans e aos realístas do interior.

« — Pelo que toca ao principe, posso responder-lhe positivamente; quanto aos realistas, deve estar melhor informado do que eu a este respeito.

« — Mas um arranjo d'esta natureza conviria ao guverno inglez, sem a assistencia do qual nada se póde emprehender?

« — A esse respeito, posso affirmar-lhe que se não encontrarão difficuldades.

« — Só me resta uma observação a fazer, general, e vem a ser se similhante projecto receberia a approvação do ramo primogenito?

« A esta objecção, Dumouriez fez estalar no ar o dedo maximo contra o pollegar com um gesto ironico e disse:

« — Quer approve, quer desapprove, não será por isso que nós deixaremos de caminhar.

« Vendo o effeito produzido por estas palavras julgou que se tinha adiantado demasiado, e apressou-se a acrescentar como correctivo:

« — *Para interesse geral da causa realista.*

« Brèche adivinhou então sem custo para que fim o conde d'Artois o encarregára de fallar a Dumouriez, e depois de algumas phrases insignificantes, despedio-se.

« O general tomou nota da sua morada, pedindo-lhe que reflectisse no interessante objecto da sua conversação.

« No dia seguinte dava Brèche ao conde d'Artois conta do que passára com o general, e o conde d'Artois, segundo o seu costume, nos seus momentos de preoccupação, *mordia o labio inferior.* »

Bem o devia elle morder em Rambouillet, quando soube que o duque d'Orleans estava nomeado tenente general do reino, e em Cherbourg, quando soube que Luiz Philippe fôra proclamado rei.

Brèche só uma vez voltou a casa de Dumouriez, mas as mutuas declarações não continuaram.

Pelo fim de 1805, foram feitas ao duque d'Orleans pelo rei da Suecia, Gustavo IV, que acabava de adherir á coalisão, as primeiras propostas de servir contra a França.

Somos chegados á parte verdadeiramente delicada da vida do duque d'Orleans, pois que a popularidade de Luiz Philippe se firmou principalmente na sua recusa constante de servir contra a sua patria.

É pois do nosso dever de historiador caminhar passo a passo n'esta parte da vida do rei, e de não affirmar coisa alguma que não seja com os documentos na mão.

O agente de Gustavo IV e dos Bourbons era um tal Fauche Borel.

Eis aqui como elle tinha conquistado a confiança dos principes emigrados e do rei de Suecia:

Apesar do protesto de Luiz XVIII, Napoleão fizera-se imperador.

A França proclamara-o e a Europa tinha-o quasi reconhecido.

A situação era grave para o pretendente; resolveu, n'um congreso de familia, redigir com o fim de uma restauração futura, uma declaração de principios que provasse aos france-

zes, que no caso de assumir a realeza, estava prompto a fazer concessões ao espirito de liberdade que tinha expulso os Bourbons da França.

Vimos que Paulo I convidára o rei a sahir de Mittau.

Luiz XVIII retirára-se para Varsovia com auctorisação da Prussia; porém concedendo-lhe esta hospitalidade, a Prussia declarára:

« Que este asylo tinha limites determinados, que não podia ser senão para abrigar a sua cabeça proscripta, mas que em nenhum caso Varsovia podia servir de foco a um projecto da casa de Bourbon contra o governo estabelecido na França e reconhecido na Prussia. »

Pedio-se ao rei Gustavo IV uma cidade onde se reunisse o congresso, e concedeu a cidade de Calmar, pequena cidade episcopal de Noruega.

O rei Luiz XVIII e o conde d'Artois ahi se acharam a 5 de outubro de 1804.

Foi n'essa reunião que se estabeleceram as primeiras bases da Carta.

Fauche Borel fôra o medianeiro entre o principe francez e o rei da Suecia.

Fhache Borel era vassalo prussianno, achára-se compromettido nas acções praticadas por Pichegru; estivera preso, e só a muitas instancias do rei da Prussia sahio da prisão.

Foi elle tambem d'esta vez que se comprometteu reunir o exercito sueco, o duque de Berry e o duque d'Orleans.

O rei Gustavo deu-lhe todo o poder para tractar com os dois jovens principes.

Porém por maior que fosse a presteza com que obrasse Fauche-Borel, mais depressa caminhára a fortuna de Napoleão.

Da batalha de Austerlitz resultára a paz de Presbourg, e da paz de Presbourg o anniquilamento da coalisão.

O auctor da vida anecdotica do rei Luiz Philippe nega que o principe acceitasse os offerecimentos do rei da Suecia, e consentisse em se reunir á coalisão; porém affirma-o o auctor da sua vida publica e privada.

Não decidiremos entre elles, e contentar-nos-hemos em citar uma carta que o joven principe escreveu a 5 de novembro de 1806, ao sr. conde d'Entraigues, encarregado pela Inglaterra de uma missão junto da côrte da Russia.

Ahi se verá uma passagem sobre a Polonia que não deixa de ter interesse:

« Tenho muita pena, meu caro conde, de me achar compromettido para ámanhã.

« Estarei livre no domingo, e dar-me-ha muita satisfação vindo jantar comigo.

« Acompanhar-nos-ha o conde de Starhemberg, que sabe apecial-o e que deseja tornar a vêl-o e cultivar a sua amisade.

« Pensei que o dia de domingo lhe conviria mais do que qualquer outro, porque n'este paiz o domingo é um dia morto para os negocios, e que pertence de direito aos amigos que cada um tem.

« Se quizer vir antes do jantar, conversaremos á nossa vontade, e antes e depois de jantar fallaremos geralmente.

« Como o senhor, penso que tudo vae muito mal, mas que está longe de se achar perdido. Com energia e vigor tudo póde e deve ser restabelecido.

« É mister que o imperador da Russia não tolere a paz da Prussia; é necessario que, no caso d'ella se fazer, elle não a reconheça.

« Deve pôr em movimento todas as forças do seu vasto imperio para impedir a insurreição revolucionaria da Po-

lonia, e deve fazêl-o, quer a Prussia tenha a covardia de se submetter a ella, quer tenha animo para se lhe oppôr.

« A sorte do imperio da Russia, assim como a da Prussia, depende da da Polonia.

« Não creio que Buonaparte tente forçar o Oder este inverno; se o fizer e se sahir bem, penso que este movimento póde e deve fazer-lhe encontrar o seu Pultawa, e que o imperador Alexandre poderá vingar Austerlitz e reparar Auerstad.

« Fallaremos em tudo isto a fundo, e se achar que as minhas idéas o merecem, a sua penna de fogo as transmittirá.

« Receba, meu querido conde, os protestos bem sinceros da minha consideração e de todos os meus sentimentos pelo senhor.

L. Ph. d'Orleans. »

CAPITULO XXIX

Foi por este tempo qe morreu o pobre duque de Montpensier, que ficou sempre doente depois da sua prisão em Marselha.

Atacado de doença de peito foi-se a pouco e pouco definhando em Saltill, ao pé de Windsor. Foi enterrado em Westminster, onde saudámos o seu tumulo, indo depôr Luiz Philippe dentro do seu.

O conde de Beaujolais poucos mezes lhe sobreviveu. Atacado da mesma enfermidade que acabava de matar seu ir-

mão, aconselharam-lhe um clima mais ameno; os dois unicos sitios, os dois unicos portos de uma latitude temperada que o estado da Europa deixou aos proscriptos foram Malta ou a Madeira; o conde de Beaujolais escolheu Malta, por pertencer ainda a Inglaterra. O duque d'Orleans ahi o acompanhou; porém era tão forte o calor em Malta, que um medico aconselhou a que fosse para as regiões medias do Etna.

Mandou-se pedir licença ao rei Fernando IV, porém quando a licença chegou já o conde de Beaujolais tinha morrido.

O joven principe foi enterrado n'um dos primeiros dias de julho de 1808, na egreja de Saint Jean com as maiores honras.

Em 1829, o duque d'Orleans, durante uma viagem que fez a Inglaterra, mandou erigir na egreja de Westminster um monumento ao duque de Montpensier e em 1843 preencheu o mesmo piedoso dever para com o conde de Beaujolais.

Tão singular foi o destino d'este homem, que foi tambem morrer no exilio, como seus irmãos haviam morrido.

Foi do rochedo de Malta, foi da cabeceira de seu irmão moribundo que, a 17 de abril de 1808, o principe Luiz Philippe escreveu esta carta a Dumouriez:

« Oh! foi para os homens politicos sobretudo que se fez o terrivel proverbio *Scripta manent.*

« A minha singular posição apresenta algumas vantagens que posso talvez exaggerar, mas de que me parece que se poderia tirar partido, unica coisa que eu peço.

« Sou principó francez, e no entretanto sou inglez, primeiro por necessidade, porque ninguem sabe melhor do que eu que a Inglaterra é a unica potencia que quer, e que póde proteger-me; sou-o por principios, por opinião, e por todos os meus habitos.

« Na minha conversação com a rainha fomos muito mais longe do que eu quero leval-o n'uma carta, e é depois d'esta conversação que a princeza me testimunha o pezar de que eu não possa emprehender executar aquillo, cuja necessidade lhe fiz sentir; porém digo-lhe que o meu *curricule* [1] (Deus o abençoe!) me espera na estrada de Hamptoncourt, e que devo estar dentro d'elle no mez de junho, e a minha pensão e a protecção da Inglaterra, que não estou por fórma alguma disposto a abandonar... De certo ha de pensar que se a guerra se accender na Italia me offerece alguma probabilidade de *me ingerir n'ella, o curricle* esperará.

« Está aqui uma esquadra ingleza, á qual certamente não seria inutil que eu fosse napolitano; mas para que a minha cooperação lhe seja bem util, talvez mesmo para que a queira ou permitta, é mister quo o governo se explique, é precise ao menos que se digne approvar-me ou que se saiba de uma maneira cathegorica se lhe convenho ou não.

« Far-me-ia um grande favor, prestar-me-ia um grande serviço, se fizesse sentir isto ao sr. Canning, pondo-o ao facto da posição em que me acho, mostrando-lhe ao mesmo tempo que posso provavelmente prestar-lhe para alguma coisa, e que é isto que mais sincera e ardentemente desejo.

« Importa á Inglaterra arrancar as ilhas Jonias aos francezes. Ahi se encontrarão mais de seis mil homens de guarnição, dos quaes dois mil são italianos, e mil e quinhentos albanezes e epirotas, e de que se farão logo excellentes soldados por causa da sua indisposição contra os francezes. Então a Inglaterra tel-os-ha á sua disposição, e a Austria accederá á tudo, comtanto que os francezes sejam excluidos.

« Se elle me julgar uma pessoa conveniente para essas

[1] Carrinho á ingleza.

ilhas, estou prompto e com muita satisfação; affianço-lhe que ahi ajuntarei logo uma forçasinha com que farei bulha... se a Inglaterra não me quizer, terei paciencia, e irei buscar fortuna n'outra parte. Porém julgo que ella me poderia approveitar; reflecti bem n'este negocio, e estou certo de que a sua amisade para comigo o levará a fazer tudo quanto fôr possivel em meu favor. »

CAPITULO XXX

Infelizmente d'esta vez tambem, como da outra acontecera, a rapidez das victorias de Napoleão obstou a que viesse a resposta; a paz de Tilsitt destruio os projectos de 1808, como a paz de Presbourg destruira os de 1805.

No meio de tudo isto, e durante o tempo em que o duque d'Orleans esteve em Palermo, tractou-se dos preliminares de casamento entre este principe e Maria Amelia, filha de Fernando de Napoles e de Carolina d'Austria, irmã de Maria Antonieta, a qual longe estava n'essa epocha de pensar que, dois annos depois, Napoleão, esposando Maria Luiza, viria a ser seu sobrinho e de Luiz XVI.

Mas o que já não admittia duvida, era uma guerra com a Hespanha.

Napoleão, para punir João VI da sua alliança com os inglezes, ordenára a Junot que invadisse a Peninsula com vinte e quatro mil homens.

Junot entrou em Lisboa a 30 de novembro de 1807 e proclamou a queda da casa de Bragança.

A 19 de março de 1808, isto é, no momento em que o duque d'Orleans e seu irmão iam caminho de Malta, Carlos IV fôra obrigado a abdicar em Aranjuez, em favor de seu filho que, no mesmo dia, com grande satisfação do povo hespanhol, fôra proclamado rei de Hespanha e das Indías, sob o nome de Fernando VII.

O que tornava o povo hespanhol tão alegre, fôra ter-se livrado do governo de D. Manuel Godoi e da rainha Maria Luiza.

Esta abdicação não satisfazia completamente as vistas de Napoleão; o imperador dos francezes, rei de Italia, sem duvida tinha já lançado os olhos para a Hespanha, para a dar em dote a algum principe da sua familia, como fizera do throno de Napoles, e do reino da Hollanda.

Ora, um joven principe exaltado ao throno por um movimento nacional era mais difficil de desthronar do que um rei imbecil, velho e valetudinario.

Napoleão mettera-se pois de permeio entre o pae e o filho, e chamando-os ambos a Bayonna, obrigou Fernando VII a restituir a Carlos IV a corôa que lhe tirára a 19 de março, e que Carlos IV cedêra a Napoleão, pelo tractado de 5 de maio de 1808.

Houve então uma mutação nas corôas; Murat foi feito rei de Napoles e José rei de Hespanha.

Foi então que Fernando, refugiado em Palermo, resolveu mandar seu segundo filho, o principe Leopoldo, pegar em armas para sustentar a nacionalidade hespanhola.

D'esta vez o duque d'Orleans resolveu fazer quanto podesse para tomar parte activa na guerra, e damos na sua integra a carta que escreveu á sua futura sogra, em 18 de julho de 1808.

« Senhora.

« As bondades que vossa magestade acaba de me prodi-

galisar e a franqueza tão nobre e tão digna com que se servio interrogar-me sobre um ponto, relativamente ao qual me tardava poder manifestar os meus sentimentos, fazem-me esperar que me perdoará por importunal-a com uma carta em que possa repetil-os e manifestal-os da maneira mais formal, mais positiva e solemne.

« Quanto mais satisfação experimento em aproveitar da permissão que vossa magestade se dignou conceder-me, de a tornar depositaria dos sentimentos que me animam, e de que ha muito fiz profissão, mais desejo fazel-o por escripto e de fórma que desafie todas as insinuações da inveja e da calumnia, seja qual fôr o successo dos meus esforços, ou a sorte que a Providencia me destina.

« Ouso pois esperar que vossa magestade me perdoará por lhe fallar de mim tanto quanto vou ser obrigado a fazel-o para alcançar esse fim.

« Estou ligado ao rei de França, meu irmão mais velho e meu senhor, por todos os juramentos que podem ligar um homem, por todos os deveres que podem ligar um principe; não o estou menos pelo sentimento do que devo a mim proprio, do que pela maneira como encaro a minha posição e os meus interesses, e pelo genero de ambição de que estou animado.

« Não farei aqui vãos protestos: o meu fim é puro, as minhas expressões serão simples.

« *Nunca porei a corôa*, em quanto o direito do meu nascimento e a ordem da successão me não chamarem.

« Nunca me mancharei apropriando-me do que pertence *legitimamente a outro principe.*

« *Julgar-me-ia envilecido, degradado, abaixando-me a tornar-me successor de Buonaparte*, collocando-me n'uma posição que desprezo, que eu só poderia alcançar pelo *perjurio mais escandaloso*, e em que não poderia sustentar-me

algum tempo senão pela *maldade e perfidia*, de que elle nos deu tantos exemplos.

« A minha ambição é de outro genero: aspiro á honra de tomar parte na destruição do seu imperio, de ser um dos instrumentos de que a Providencia se servirá para livrar a especie humana de similhante homem, e para tornar a assentar no throno de nossos avós, meu irmão mais velho e meu senhor, e para fazer outro tanto a todos os reis que elle desthronou.

« Aspiro talvez mais ainda á honra de ser aquelle que mostre ao mundo que quando se é o que eu sou, *regeita-se*, *despreza-se* a usurpação, e só os homens tirados do nada, sem nascimento e sem brio, é que lançam mão de tudo quanto podem, ainda mesmo que a honra lh'o prohiba.

« A carreira das armas é a unica que convém ao meu nascimento, á minha posição, n'uma palavra ás minhas inclinações.

« O meu dever harmonisa-se com a minha ambição, para me tornar avido de a percorrer, e não tenho outro fim.

« Muito feliz serei se, entrando n'esta carreira, ella me fôr aberta pelas bondades de vossa magestade, e pelas do rei seu esposo, e se os meus fracos serviços poderem servir de alguma utilidade á sua causa, ouso dizer á nossa e á de todos os soberanos, de todos os principes e de toda a humanidade.

« Digne-se vossa magestade acceitar, etc. »

A carta do duque d'Orleans chegava n'um momento tanto mais opportuno, por isso que o conselho da regencia de Hespanha, presidido por Castanhos, acabava de pedir ao rei de Napoles: que um principe da sua augusta casa, se dignasse commandar um exercito hespanhol, sendo acompanhado pelo serenissimo duque d'Orleans, cuja participação

nos negocios da Peninsula não podia deixar de fomentar uma insurreição na França.

Foi pois acceite o offerecimento que o duque d'Orleans fazia da sua espada, e preparou-se para partir como mentor do seu futuro sogro.

Mas como não queria fazer coisa alguma que não fosse do agrado do chefe da familia, mandou a Luiz XVII a carta que tinha escripto á rainha Carolina, acompanhando-a da carta seguinte:

« *Sire,*

« É-me emfim permittido entregar-me á esperança de que em breve terei occasião de assignalar o meu zelo pelo serviço de vossa magestade e a minha dedicação á sua pessoa.

« Os ultimos acontecimentos que tiveram logar na Hespanha, o captiveiro dos dois reis e dos infantes, e a revolta geral de toda a nação hespanhola contra a tyrannia e usurpações de *Buonaparte*, acabam de decidir o rei das Duas Sicilias a mandar a Hespanha o seu segundo filho, principe Leopoldo, *para ahi exercer a auctoridade real*, na ausencia dos principes, seus primogenitos.

« Achando-me n'este momento na corte de suas magestades Sicilianas apresso-me a aproveitar esta occasião inesperada para sahir da penosa inacção em que temos estado por tanto tempo.

« *Sollicitei, sire*, a permissão de acompanhar a Hespanha esse joven principe que as suas qualidades pessoaes e o nobre ardor de que está animado tornam digno da grande empreza de que vae ser encarregado.

« Pedi que me fosse concedida a honra de servir nos exercitos hespanhoes contra Buonaparte e seus satellites e suas magestades dignaram-se conceder-m'a.

« Conheço que deveria ter primeiramente sollicitado o as-

sentimento de vossa magestade, porém pensei que não poderia ser duvidoso.

« Lisonjeio-me de que o meu zelo seria a minha desculpa, e de que sentiria, *sire*, que não teria podido esperal-o, sem deixar escapar uma d'essas occasiões unicas, que em geral se buscam inutilmente, quando ha a grande infelicidade de falharem.

« Não tenho expressões com que manifeste o reconhecimento que devo ás bondades com que suas magestades Sicilianas me tractam. Procuraram, *sire*, estorvar e paralysar o meu zelo, diligenciando insinuar suspeitas injuriosas ao meu caracter no animo de suas magestades; a rainha dignou-se instruir-me de tudo com a mais nobre franqueza, e não me foi difficil destruir até o menor vestigio de taes suspeitas, porque a grande alma de sua magestade sabe triumphar das suas prevenções, quando conhece que são sem fundamento. Todavia lembrando-me que *verba volant et scripta manent*, quiz entregar nas mãos da rainha o testemunho do que eu tivera a honra de lhe dizer verbalmente, e espero que vossa magestade me perdoará a liberdade que tomo de lhe mandar uma copia d'esta carta.

« *Sire*, oxalá que em breve tenha a felicidade de combater os seus inimigos, oxalá que eu tenha a felicidade maior ainda de tomar parte nos actos necessarios para os fazer submetter novamente ao governo maternal, debaixo da protecção tutelar de vossa magestade! Sei, *sire*, que o restabelecimento de vossa magestade é um dos votos mais caros que formam suas magestades Sicilianas, e o principe Leopoldo está animado dos mesmos sentimentos.

« Não podemos profundar os designios da Providencia e conhecer a sorte que nos espera na Hespanha; porém não vejo senão uma alternativa: ou a Hespanha succumbirá, ou o seu triumpho trará comsigo a queda de Bonaparte.

« Não serei mais de que um militar hespanhol em quanto as circumstancias não forem taes que desenrolem com vantagem o estandarte de vossa magestade; porém não faltará occasião; e se, antes de poder receber as suas ordens e as suas instrucções, podérmos determinar o exercito de Murat ou o de Junot a voltar-se contra o usurpador; se podermos transpôr os Pyreneos e penetrar em França, *não será nunca senão em nome de vossa magestade, proclamado á face do universo, e de maneira que, qualquer que seja* a nossa sorte, se possa sempre gravar nos nossos tumulos: *Pereceram pelo seu rei e para livrarem a Europa de todas as usurpações de que está manchada.*

« Digne-se vossa magestade receber com a sua bondade ordinaria a homenagem do meu profundo respeito e da minha inteira dedicação.

« Sou, *sire*, de vossa magestade, muito humilde obediente e fidelissimo servidor e vassallo.

L. Ph. d'Orleans.

Palermo, 19 de julho de 1808.

Porém o ministerio inglez tinha decidido este negocio de uma maneira mui diversa.

Chegando de Gibraltar, encontraram *lord* Collingwood, commandante da fortaleza, munido de uma ordem que lhes intimou.

Esta ordem retinha o principe Leopoldo prisioneiro, e determinava o regresso immediato para Inglaterra do duque d'Orleans.

O principe não fez mais do que desembarcar em Londres: sollicitou ardentemente a permissão de reunir-se a sua mãe em Port-Mahon, porém a unica coisa que pôde obter foi ser transportado a Malta, sem tocar em nenhum ponto da Hespanha.

No momento de embarcar, reunio-se-lhe sua irmã em Portsmouth; havia quinze annos que os dois pobres exilados se não viam; esta reunião foi uma grande alegria para aquelles corações repassados de dôr, foi sem duvida n'este momento que fizeram o mutuo juramento de se não tornarem a separar, juramento que sustentaram fielmente tanto n'este mundo como no outro.

Aguardava-os em Malta uma piedosa romaria ao tumulo de seu irmão.

Ah! coisa singular é a maneira como o exilio semeou pelo mundo o tumulo dos Bourbons; as irmãs de Luiz XVI em Roma e em Trieste, o conde de Beaujolais em Malta, o o duque de Montpensier em Westminster; o rei Carlos em Goritz, o rei Luiz Philippe em Claremont!

E quem sabe em que parte do mundo dormirão o ultimo somno os restos d'essa familia illustre que reinou oito secalos na França!

A recusa de Inglaterra de deixar o principe cumprir a sua missão na Hespanha, era um violento golpe dado no seu casamento com a filha de Fernando.

Luiz Philippe entendeu que a sua presença era urgente em Palermo: sahio de Malta, deixando sua irmã entregue a M.^{me} de Montjoie, e como encontrasse más disposições na côrte da Sicilia, mandou dizer a sua mãe, com quem contava para vencer as repugnancias da rainha Carolina, que viesse ter com elle a Cagliari, onde ia esperal-a; porém em balde a esperou; consentiram á mãe que fosse ter com o filho tanto como tinham consentido ao filho que fosse ter com a mãe: vio-se pois o principe obrigado a voltar para Palermo, onde soube por sua irmã, que veio correndo de Malta para lhe dar esta boa noticia, que lhe fôra levantada a interdicção do gabinete de Saint-James: o duque d'Orleans e a princeza Adelaide embarcaram logo para Mahon,

porém a este tempo a duqueza d'Orleans, desejosa de tornar a vêr seus filhos o mais cedo possivel, embarcava para a Sicilia; os dois navios desencontraram-se, e chegando a Port-Mahon, o duque d'Orleans e sua irmã souberam que sua mãe tinha partido para Palermo havía tres dias.

Voltaram para traz, e depois de uma viagem começada em 1797, e sempre inutilmente continuada para se unirem, a mãe e os filhos acharam-se reunidos a 15 de outubro no palacio de Santa-Cruz, a um quarto de legua de Palermo.

O duque d'Orleans tinha adivinhado; a presença de sua mãe aplanou todos os obstaculos, e a 25 de novembro seguinte, Luiz Philippe e Maria Amelia foram unidos na linda capellinha byzantina del Palazzo-Reale.

Sempre tive piedosa veneração pela rainha Maria Amelia, posto que a sua familia houvesse sido mortal á minha, se bem que seu pae Fernando, e sua mãe Carolina, envenenassem meu pae nas masmorras de Brendizi;[1] porém não sou d'aquelles que fazem recahir nos innocentes os crimes dos culpados, e posso dizel-o affoitamente, as virtudes da filha salvaram de sanguentas paginas ao Claudio napolitano, á Messalina vieneza; talvez que um dia a minha vingança filial evoque as duas sombras sanguentas, e as obrigue a apparecer núas e medonhas ante a posteridade, talvez que um dia o assassino de Caracciolo e a amante d'Acton tenham de me dar contas das caricias paternaes que me roubaram na edade em que mal se sabe que coisa é um pae; porém para esta terrivel execução de dois cadaveres, esperarei que a piedosa exilada, pallida e fria, esteja junto do esposo que lhe jurou fidelidade n'essa capella, que em mim acabava de despertar esta lugubre recordação.

[1] Tenho entre os papeis de meu pae uma terrivel relação d'estes nove envenenamentos successivos, a qual será encontrada na sua integra, assignada por elle, nas Memorias que estou escrevendo.

N. do A.

Ora eis aqui o que queria dizer a respeito d'esta capella.

Estava em Palermo em 1835, e visitava-a com esse religioso respeito que tenho sempre pelos logares sanctos; pareceu-me então que muito gostaria a rainha de possuir uma recordação dos seus dias de exilio, e que entre as recordações d'esses dias a mais agradavel seria uma copia d'essa capella em que haviam sido trocados juramentos tão castamente pronunciados. Pedi pois a Jadin, meu companheiro de viagem, que a desenhasse, empregando n'esse trabalho o seu talento e o seu engenho.

Jadin metteu mãos á obra, e passou oito dias debaixo d'esssas abobadas scintillantes de mosaicos, que passaram para o papel nos seus menores detalhes.

Trouxemos o desenho para França. e o nosso primeiro cuidado, ao chegar a Pariz, foi mandal-o á rainha, acompanhado de uma carta, em que tentamos fazer-lhe comprehender quanto havia de piedosa veneração na remessa que nos atreviamos a fazer-lhe.

Oito dias depois, veio um criado da casa perguntar a Jadin quanto se lhe devia; Jadin balbuciou, por julgar que aquella obra não tinha paga.

Dois dias depois mandaram-lhe cem escudos.

A soberana ficava quite com o pintor.

Ah! pobres principes da terra, sabem o que de tão alto os precipita nas revoluções? São os seus corações seccos e fatigados pela lisonja, não terem nunca sabido bater conforme batem os corações leaes e generosos que tinham compaixão da sua grandeza, e que procuravam consolal-os; de sorte que, no dia da queda, não os podendo segurar, porque a parte alguma se haviam segurado, rolam para o fundo do precipicio, com as mãos despedaçadas pelas silvas e espinhos, as unicas coisas, que em torno de si tinham brotado.

Este casamento tão desejado pelo duque d'Orleans pare-

ceu trazer-lhe a duplicada realisação dos seus desejos; nos primeiros dias de maio de 1810, veio uma fragata hespanhola pedir ao duque d'Orleans, em nome da regencia de Cadiz, *que se pozesse á frente dos exercitos victoriosos da Hespanha, promettendo a liberdade á França oppressa, libertar o throno dos seus antepassados que se achava usurpado, e restabelecer a ordem na Europa, proclamando o triumpho da virtude sobre a tyrannia e a immoralidade.*

Como este pedido da regencia correspondesse aos mais ardentes desejos do duque d'Orleans, apressou-se a acceitar, e respondeu a 7 de maio, por um manifesto, em que lembrava os serviços que seu avô, o regente, tinha prestado ao throno de Hespanha, e em que promettia fazer quanto podesse para seguir o exemplo dado um seculo antes.

Por consequencia, a 22 de maio, o principe embarcou na fragata *Vingança.*

O nome do navio promettia e concordava com a situação.

Mas estava decidido nos decretos da Providencia que Deus, que sem duvida tinha suas vistas sobre elle, não permittiria que o duque d'Orleans servisse contra a França.

Quando chegou a Tarragona, o governador declarou-lhe que não podia entregar-lhe o commando.

Pela viagem recebera o principe novas ordens, as quaes, se fossem executadas rigorosamente, forçavam o duque d'Orleans a voltar á Sicilia, sem mesmo tocar em terra de Hespanha.

O principe, desesperado, tornou para o mar, mas não quiz deixar a Peninsula sem tentar um derradeiro e supremo esforço; mandou metter a prôa para Cadiz, onde chegou a 20 de junho.

No mesmo dia visitou os membros da regencia, aquelles mesmos que lhe tinham escripto, e pôz-se logo á sua disposição.

Era d'esta vez tambem a Inglaterra que obstava á satisfação dos desejos do principe francez: o seu embaixador declarára que se ao duque d'Orleans fosse dado qualquer commando, as tropas inglezas evacuariam immediatamente o territorio hespanhol.

Luiz Philippe tentou appellar para as côrtes d'esta decisão; a 30 de novembro, apresentou-se á porta da sala das sessões, que tinham logar na ilha de Leon, porém essa porta foi-lhe fechada.

Não tendo mais que luctar contra uma má vontade tão geral, o duque d'Orleans tornou a embarcar para a Sicilia, e chegando a Palermo, achou sua mulher de parto de um principe que recebeu sobre a pia do baptismo, onde o sustentaram o rei da Sicilia, e a duqueza viuva d'Orleans, os nomes de Fernando Phillippe Luiz Carlos Henrique José d'Orleans, duque de Chartres.

Foi d'este mesmo que elle, trinta e dois annos depois, a 13 de julho de 1842, recebeu o ultimo suspiro.

Morte terrivel, inesperada, cheia de lagrimas, mas providencial; morte que supprimia o unico obstaculo que existia entre a monarchia e a republica.

Quando o principe tornou a entrar em Palermo achou a Sicilia toda prompta para uma revolução; o despotismo da rainha Maria Carolina, a indolencia do rei Fernando tinham exasperado os sicilianos; por toda a parte rebentavam sedições; interveio *lord* Bentinck e os seus vinte e cinco mil homens, Fernando abdicou em favor de seu filho, e Maria Carolina, perseguida pelo odio dos seus antigos vassallos, voltou para a Austria, onde morreu ao pé de Vienna, no palacio de Melzendorff, a 7 de setembro de 1814, envenenada n'um gelado, conforme toda a probabilidade.

Durante este tempo, cumpriam-se os destinos de Napoleão: a mão do Senhor ia pouco a pouco retirando-se d'a-

quelle que tão milagrosamente sustentára; o frio ajudava a coalisão vencida; a traição acabava a obra do frio; o boletim de Leipzig levára o terror a Pariz, a campanha de 1814 brilhára como um derradeiro reflexo do genio do vencedor d'Arcole, das Pyramides e d'Austerlitz.

Finalmente, a 3 de abril, um decreto do senado proclamára a decadencia, não só de Napoleão, mas da sua dinastia.

A 3 de maio, ás seis da tarde, desembarcava Napoleão na ilha d'Elba, cuja soberania lhe era garantida pelo tractado de Fontainebleau com uma pensão de dois milhões e um exercito de quatrocentos homens.

Havia já algum tempo que o duque d'Orleans tinha escripto esta carta ao rei Luiz XVIII:

« Sire,

« É possivel que um melhor futuro se prepare, que a vossa estrella se desembarace emfim das nuvens que a encobrem, que a do *monstro* que opprime a França se offusque por seu turno.

« Quão admiravel é o que agora se passa! *Quanto sou feliz pelo successo da coalisão! É tempo de se completar a ruina da revolução e dos revolucionarios.*

« O meu vivo pezar é o rei não me ter *auctorisado, segundo o meu desejo, a ir pedir serviço aos soberanos. Quereria, em desconto dos meus erros,* contribuir com a minha pessoa para abrir ao rei o caminho de Pariz.

« Os meus votos, pelo menos, apressam a queda de Bonaparte que odeio tanto quanto desprezo.

« Quem é que nos tem feito peior do que elle, quem assassinou o nosso pobre primo, o duque d'Enghien, quem é o usurpador da vossa corôa que mancha com os seus crimes?

« Deus queira que a sua queda seja proxima e todos os dias a peço a Deus nas minhas orações. »

É curioso comparar esta carta do duque d'Orleans, escripta em 1814, com esse decreto com que Luiz Philippe procurava, em 1840, reavivar a sua popularidade, que começava a declinar.

A 12 de maio de 1840 foi esta grande resolução annunciada n'estes termos ás camaras francezas:

« Senhores, el-rei ordenou a S. A. R. o sr. principe de Joinville que se dirigisse com a sua fragata á ilha de Santa Helena para alli receber os restos mortaes do imperador Napoleão...

« A fragata portadora dos restos mortaes de Napoleão se apresentará, na volta, na embocadura do Sena, um e outro navio os levará a Pariz.

« Serão depositados nos Invalidos.

« Uma ceremonia solemne, uma grande pompa religiosa e militar, inaugurrá o tumulo que os deve conservar para sempre.

« Importa com effeito, á magestade de tal recordação, que esta sepultura augusta não fique exposta n'uma praça publica, no centro de uma multidão ruidosa e distrahida; convém que seja collocada n'um logar silencioso e sagrado, onde possam visital-a com recolhimento todos aquelles que respeitam a gloria e o genio, a grandeza e o infortunio.

« Foi imperador e rei, foi soberano legitimo do nosso paiz. Por este titulo, poderia ser inhumado em Saint-Denis; porém Napoleão não deve ter a sepultura ordinaria dos reis. É mister que reine e governe ainda no recinto onde vão repousar os soldados da patria e onde se irão sempre inspirar aquelles que foram chamados a defendel-a.

« A sua espada será posta sobre o seu tumulo.

« A arte erguerá no meio do templo consagrado pela religião ao Deus dos exercitos, um tumulo digno, se digno o poderem fazer, do nome que n'elle deve ser indelevelmente gravado.

« Este monumento deve ter uma belleza simples, fórmas grandiosas, e esse aspecto de solidez inabalavel que parece arrostar com a acção do tempo.

« É mister a Napoleão um monumento duraidoiro como a sua memoria...

« D'ora ávante a França e só a França, possuirá tudo quanto resta de Napoleão; o seu tumulo, como o seu renome, não pertencerá a ninguem senão ao seu paiz.

« A monarchia de mil e oitocentos e trinta é a unica e legitima herdeira de todos os soberanos de que a França se ensoberbece.

« Pertencia sem duvida a essa monarchia, que foi a primeira que reunio todas as forças e conciliou todos os votos da Revolução Franceza, erigir e tributar respeitos, sem temor, á estatua e ao tumulo de um heroe popular: porque uma coisa ha, uma só, que não teme a comparação com a gloria: é a liberdade. »

CAPITULO XXXI

Luiz XVIII, chamado ao throno de França, deixou Hartwelle a 18 de abril, fez a sua entrada em Londres a 20, atravessou o estreito n'um hiate real, desembarcou em Calais, e dirigio-se directamente a Saint-Ouen, onde *outorgou* a carta constitucional.

A 23 de abril, o duque d'Orleans, que tinha ficado em Palermo no meio das discordias que acabavam de agitar a Sicilia, ainda ignorava a abdicação do imperador e a exaltação ao throno de Luiz XVIII, quando de repente se annunciou a entrada de um navio inglez portador de noticias de França.

Immediatamente o duque d'Orleans correu ao palacio da marinha, onde estava alojado o embaixador.

Este tinha o *Moniteur* na mão, e apresentando-o ao principe, disse:

— Recebei os meus cumprimentos, senhor; Napoleão cahio e os Bourbons estão reintegrados ao throno de seus paes.

Duas horas depois toda a artilheria de Palermo troava em honra d'este acontecimento.

O capitão do navio inglez tinha ordem da parte de lord Williams Bentinck de se pôr á disposição do principe, se quizesse regressar a França.

O principe acceitou sem hesitar, e no dia immediato, isto é, a 24 de abril, sahio de Palermo acompanhado de um

unico criado, e chegando a Pariz nos primeiros dias de maio, apeou-se incognito n'uma hospedaria da rua Grange-Batelière, e no mesmo instante, sem mudar de fato, tão poderosa é a attracção da casa natal, se encaminhou para o Palais-Royal pela rua de Richelieu, entrou no jardim, percorreu-o em todos os sentidos, e apresentou-se á porta da escada principal.

A porta estava aberta.

O duque d'Orleans entrou no vestibulo, e apesar da resistencia do porteiro, que o tomára por um louco, correu para a escada, mas assim que chegou ao primeiro degráo, cahio de joelhos, e soluçando, beijou-o.

Foi então que o porteiro desconfiou que este desconhecido era ao mesmo tempo o antigo e o novo amo.

Depois, como era importante tomar informações antes de se apresentar ao rei, cuja benevolencia era duvidosa, cujo acolhimento era incerto, o duque d'Orleans começou por visitar os seus antigos amigos Valence, Macdonald e Beurnonville.

Em seguida foi visitar M.[ma] de Genlis.

Informára-se e soubera que M.[ma] de Genlis fôra alojada no Arsenal pelo governo do imperador, o qual lhe dava uma pensão, e lhe concedia afóra d'isso este alojamento em virtude da complacencia que tinha de se corresponder directamente com elle.

Sobre que versava esta correspondencia, não o poderemos dizer; era *mui particular* para que fosse publica.

— Ah! é o senhor! exclamou M.[ma] de Genlis, quando avistou o seu antigo educando, *espero que não pense em ser rei!*

O duque respondeu por um gesto ambiguo, que nem era affirmativo nem negativo.

O duque d'Orleans esteve quasi uma hora com aquella a

quem tantas vezes tinha chamado sua *verdadeira mãe e sua unica amiga*, mas a quem tinha algum rancor pela celebre carta que ella escreveu em 1796, e que nós trasladámos.

No dia seguinte o duque d'Orleans dirigio-se ás Tuileries.

Luiz XVIII não acreditava, no intimo do coração, na sinceridade de seu primo, porém os seus principios politicos sobre este ponto eram os de Fox: — recusar tudo aos amigos, conceder tudo aos inimigos.

Por consequencia, recebeu perfeitamente o duque d'Orleans, dizendo-lhe:

— Ha vinte e cinco annos, era logar tenente general, nada se acha mudado, ainda o é.

— *Sire*, respondeu o duque, será d'ora ávante com esse uniforme que me apresentarei diante de vossa magestade.

Além d'isso, a 15 de maio seguinte, o rei deu-lhe o titulo de coronel general dos hussards, que seu pae tivera, conferio-lhe a cruz de S. Luiz com todo o ceremonial da ordem, isto é, com juramento e golpe, e finalmente fez o favor muito mais importante de lhe restituir, além dos seus apanagios, os bens de seu pae, mesmo aquelles que, tendo sido por elle alienados, tinham sahido de casa para serem dominios *do Estado*, o qual tendo-lhe pago as dividas, se tornára seu legitimo proprietario.

Os primeiros cuidados consagrados á sua posição politica, que tractava de reconquistar, e á sua fortuna que ia fundar de novo, occuparam o principe desde o mez de maio até ao mez de julho, epocha em que tornou a embarcar com os srs. Athalin e de Saint-Aldegonde, para ir ter a Palermo com a sua familia, que ahi o esperava com impaciencia.

O navio *Cidade de Marselha* fôra com effeito posto á sua disposição pelo governo.

No mez de setembro achava-se de volta no Palais-Royal.

Se a liberalidade de Luiz XVIII restituira ao duque d'Orleans até mesmo os bens a que não tinha direito, esta liberalidade, já se vê, não obstou a que a duqueza viuva tornasse á posse da immensa fortuna do duque de Penthièvre, seu pae, fortuna que fôra confiscada pelo governo revolucionario e que montava a perto de cem mil milhões, tanto em bens de raiz, como em palacios, parques e castellos.

A' 25 de outubro, a duqueza d'Orleans deu á luz segundo filho, que recebeu na pia baptismal os nomes de Luiz Carlos Philippe Raphael d'Orleans, duque de Nemours.

Ainda que eu era muito novo n'essa epocha, lembro-me todavia do espanto das povoações, quando se foram successivamente revocando todas essas usanças do regimen, esquecidas por espaço de vinte e dois annos; primeiro a bandeira branca e o laço branco, côr desconhecida a toda a geração de vinte a trinta annos; fecharem-se as lojas e os armazens nos domingos, dias sanctificados, de guarda e dispensados; a ceremonia do voto de XVIII; a missa expiatoria de 21 de janeiro; soltaram-se algumas palavras imprudentes (as ameaças mais graves que até ahi se tinham feito) soltaram-se ao mesmo tempo, dizemos, algumas palavras imprudentes a respeito da venda dos bens dos emigrados, cuja validade fallavam em contestar. Houve emfim uma indisposição geral espalhada na sociedade que sentia toda a communicação sympathica rompida entre ella e essa côrte gothica, que não tinham servido contra a França ou concorrido para o seu aviltamento; houve, emfim, apenas ao cabo de tres mezes, uma divisão bem conhecida entre as opiniões que se dividiram em quatro campos: ultra, napoleano, constitucional e republicano.

O duque d'Orleans comprehendeu no mesmo instante o papel que tinha a representar, e collocou-se entre os constitucionaes.

« A maneira como o sr. duque d'Orleans pedio noticias minhas a meu filho, a quem fallára nos Estados-Unidos, diz Lafayette nas suas Memorias, me obrigou a ir a sua casa; testemunhou-me quanto me ficava agradecido por este passo, fazendo sem duvida allusão ás minhas antigas disputas contra o seu ramo; fallou dos nossos tempos de proscripção, da communidade das nossas opiniões, da consideração em que me tem, e expressou-se em termos mui superiores aos prejuizos de sua familia, para que eu deixasse de reconhecer n'elle o unico Bourbon compativel com uma constituição livre. »

Quem sabe se as palavras que o duque d'Orleans soltou n'este dia não foram as primeiras sementes que fizeram germinar em 1830 a melhor das republicas!

CAPITULO XXXII

Todavia a Restauração continuava com encarniçamento a obra fatal do seu proprio suicidio, tractava-se nada menos do que de um S. Bartholomeu napoleano, em que devia desapparecer toda a opposição imperial; havia probabilidade, haveria mesmo possibilidade da execução de similhante projecto?

Ah! meu Deus! que importa isso? Ha nas nações epochas de descontentamento em que se acredita em tudo quanto póde augmentar o descontentamento; quanto mais absurda é a atoarda que se espalha, mais corpo toma; quanto mais impossivel ella é, mais se popularisa.

Popularisou-se pois o boato d'esse S. Bartholomeu, porém, cento e cincoenta mil soldados velhos, dos quaes uns tinham ficado nas fileiras do novo exercito, outros haviam voltado para saus casas, não se deixam, nem mesmo de palavra, assassinar facilmente.

Organisou-se uma contra-liga, e os officiaes ameaçados em sonho ou realmente, começaram a reunir-se e a tramar.

O governo resolveu dissolver estas reuniões.

Por conseguinte, prohibio a todos os officiaes, desde os tenentes até aos generaes, que residissem em Pariz sem auctorisação, e ordenou áquelles que não eram filhos da capital que fossem para as suas terras.

Era esta ordem tão singular que todos olharam pasmados uns para os outros; Pariz, esse grande centro de civilisação, essa Thebas de cem portas abertas para os seus cem departamentos, ia tornar-se uma cidade privilegiada, permittida a uns, negada a outros.

A datar d'este momento começaram todos a animarem-se mutuamente á desobediencia.

Officiaes collocados entre a obediencia a esta ordem e o seu meio soldo, que era a sua unica fortuna, renunciaram ao meio soldo, e mortos de fome mas livres, ficaram em Pariz para zombarem do governo. Resolveram dar um exemplo.

Uma carta escripta pelo general Excelmans ao rei de Napoles, para o felicitar sobre a sustenção do throno, cahio nas mãos da policia; o marechal Soult, antigo companheiro de Murat, cuja grande fortuna por espaço de dez annos invejára, pôz o general Excelmans na inactividade, e mandou-o para sessenta leguas de Pariz.

Excelmans firmou-se n'estes principios, de que o ministerio da guerra não tinha mando algum nos officiaes em inactividade, e deixou-se ficar descansado em casa.

Foram prendel-o, porém o general declarou que desfe-

charia sobre o primeiro que levantasse a mão para elle; depois de proferir esta ameaça, sahio com a cabeça levantada sem que ninguem se atrevesse a oppôr-se á sua sahida.

Passavam-se estes acontecimentos no decurso do mez de dezembro de 1814.

Uma ordem regia, datada de dezembro, mandou apresentar o general Excelmans, perante o conselho de guerra da 16.ª divisão militar, que se reunia em Lille; era accusado:

1.º De haver entretido correspondencias com o inimigo Joaquim Murat, não estando o rei de Napoles reconhecido pelo governo francez;

2.º De ter commettido um acto de espionagem escrevendo para Napoles;

3.º De ter escripto coisas offensivas para a pessoa e poder do rei;

4.º De ter desobedecido ás ordens dadas pelo ministro da guerra;

5.º Emfim, de haver violado o seu juramento como cavalheiro de S. Luiz.

A 14 de janeiro de 1815, o general Excelmans metteu-se como preso na cidadella de Lille.

A 23 de janeiro seguinte, o general Excelmans foi absolvido por unanimidade de votos.

Esta absolvição foi um triumpho, e veio em má hora para o governo.

A 15, isto é, oito dias antes, tivera logar uma especie de sedição, suscitada pela recusa do enterramento de *mademoiselle* Raucourt.

No mesmo dia o general Heudelet, commandante da 18.ª divisão militar, publicára a seguinte ordem do dia, que resumia as instrucções dadas para todo o reino:

«Os senhores bispos tomarão as medidas necessarias para

fazerem endereçar a Deus, no dia 21 de janeiro, orações solemnes que provem qual o horror que todos os verdadeiros francezes conceberam pelo crime que em tal dia cobrio de lucto toda a França.

« O exercito, em todos os tempos, testemunhou a sua indignação, e será com afan que elle se reunirá n'este acto religioso e nacional.

Assim se achava meio:

Com a duvida lançada na venda dos bens dos emigrados, de ferir os interesses de todos os compradores dos bens nacionaes;

Com a perseguição dos officiaes, de offender todo o exercito;

Com a recusa da sepultura, de ferir todos os philosophos;

Com a ordem do dia 21 de janeiro, de atacar todos os republicanos..

Depois vinha o ridiculo junctar-se ao odioso.

Não era certamente culpa de Luiz XVIII usar de cabelleira de aza de pombo, e de rabicho, trazer dragonas sobre uma casaca á paizana em logar de as trazer sobre uma farda, ter pernas de hypopotamo, cobertas de polainas pretas, em logar de ter uma perna bem feita mettida n'uma bota de polimento; não era culpa d'elle arrastar-se n'uma poltrona em logar de correr n'um cavallo, passar revistas do alto de uma varanda em logar de as passar no campo da batalha; porém o odio que elle excitava sempre, contava-lhe todas as suas enfermidades p r crimes, escarneciam até da sua instrucção, o commentador de Horacio fôra mettido a ridiculo, a sua glotoneria, tornada proverbial, dava origem a anecdotas, ora finas, ora grosseiras, sempre fataes porque fazem nascer o riso, quando deve manifestar-se en-

thusiasmo; emfim, afóra os raros e debeis sustentaculos d'este rei fraco, nem um interesse, nem uma opinião se apresentava que não fosse hostil á Restauração.

Se passarmos do rei a seu irmão, de seu irmão a seus filhos, dos homens ás mulheres emfim, veremos que nenhuma das pessoas que rodeiavam Luiz XVIII era propria para combater o máo effeito produzido pelo chefe da familia.

Com effeito, depois do rei seguia-se o conde d'Artois, seu irmão.

O conde d'Artois fòra joven, fòra bello, fôra até espirituoso, segundo diziam, porém já nada d'isto era, em troca fizera-se devoto, o que era um ridiculo; o olhar estupido, labio descahido, andar balanceado, a esterilidade da conversação, sempre prestes a findar, quando se não tractava de cavallos, de espingardas ou de caça, faziam completamente esquecer um certo cavalheirismo, que recordava, como a sombra lembra o corpo, que era o successor de Francisco I e o descendente de Henrique IV; além d'isso, aos olhos do povo, tinha uma falta imperdoavel, promettera a abolição dos direitos reunidos, e sustentára a sua palavra substituindo-os pelos impostos indirectos.

Seguia se o duque d'Angoulême, coração honrado leal e forte, porém intelligencia infima, animo inepto, organisação doentia, cheia de birras, de manias, de inepcias que divertiam os proprios cortezãos, e com maior razão aquelles que nenhum motivo tinham para poetisar esta pobre materia que, senão fosse o direito divino que a fizera o que era, bem pouca coisa teria sido.

O duque de Berry, ao contrario de seu irmão, era de natureza forte, exuberante, cheia de vida e saude, mas cheia tambem de terriveis defeitos: era um singular mixto da brutalidade dos campos com a dissolução da côrte: sempre envolvido com os officiaes e o ssoldados, achava meio a todo

o momento de offender uns e de irritar outros; todos os dias se contava do principe alguma nova anecdota offensiva para o exercito: umas vezes dizia-se que tinha arrancado com as suas proprias mãos as dragonas de algum coronel, outras que havia recusado uma condecoração a algum soldado velho, com palavras ultrajantes; verdade é que, ou a reconsideração partisse d'elle, ou fosse por que lhe transmittissem ordem para reparar a sua falta, no dia seguinte, restituia as dragonas de general em logar das de coronel, que tinha arrancado, dava a condecoração recusada com uma gratificação inesperada; porém no coração do offendido restava a offensa, a reparação, qualquer que fosse, não lavava o ultrage.

Quanto á duqueza d'Angoulême, quanto a essa martyr de 1793, que passára a vida no lucto, nas prisões e no exilio, a calumnia mais encarniçada não podéra atacar o seu procedimento. Era uma sancta, mas uma d'essas sanctas de rosto severo, de voz aspera, de devoção rigida que inspiram quasi terror, tão superior se conhece a sua virtude ás fraquezas da pobre humanidade.

Restavam os dois Condé, essas derradeiras vergonteas de uma raça de aguias, que se ia extinguindo n'elles e com elles, cujas recordações se reportavam todas á emigração, isto é, á epocha em que serviam contra a França; que passavam o tempo a diligenciarem inutilmente reconhecer essa nuvem de gentishomens que pretendiam ter servido sob as suas ordens.

O pae ali morreu de pena, e é sabido como morreu o filho.

CAPITULO XXXIII

A posição era admiravel para o duque d'Orleans; moço ainda, apenas tinha quarenta e um annos, bello de rosto, destro em todos os exercicios de corpo; valente, espirituoso, instruido, podendo fallar de tudo com os homens especiaes, casto na sua vida conjugal, vivendo no meio dos seus quatro ou cinco filhos, lindo ninho de esperança; tendo achado meio, desde os primeiros dias da sua chegada, de fazer espalhar entre os seus partidarios que não só nunca servira contra a França, mas que recusára todos os offerecimentos que a este respeito lhe tinham sido feitos; a sua popularidade começava a lançar essas poderosas raizes que fizeram d'elle o eleito de 1830.

É verdade que aquelles que o tivessem examinado com o espirito da critica, teriam encontrado na sua coragem um sentimento mais physico do que moral; no seu espirito uma especie de inundação que perdia em profundeza o que ganhava na superficie; no seu coração um profundo desprezo pela humanidade; e na sua intelligencia partidos tomados d'antemão, contra os quaes nenhum poder tinham os esclarecimentos da historia, cujas datas e factos elle conhecia muito bem, mas de que ignorava completamente a philosophia.

Por isso o duque d'Orleans operava sobre tudo na classe burgueza; os financeiros, os advogados, os especuladores, os negociantes, os manufactores tinham uma profunda ad-

miração pela sua sciencia em economia politica, pelos seus conhecimentos industriaes, pelas suas subtilezas legaes.

Pelo contrario os poetas, os historiadores, os pintores, os estatuarios, todas as naturezas artisticas emfim tinham por elle repulsão instinctiva; convinham que em architectura, este homem que devia mover tantas pedras, não passava de um pedreiro; que em pintura, em estatuaria e em poesia, o sentimento vulgar n'elle venceria sempre o sentimento elevado; emfim os historiadores não gostavam d'elle, por se reunir n'elle um grande numero de razões para que não gostasse dos historiadores.

Seja como fôr, a destreza do duque d'Orleans, a sua linguagem cheia de afagos, as suas meias palavras sobre a politica da côrte: a opinião expressada a respeito d'elle por Alexandre nas salas de M.^ma^ de Stael; [1] a sua fortuna immensa, esse iman das almas inferiores, tudo fazia do duque d'Orleans, apenas seis mezes depois do seu regresso a França, o chefe da opposição e a esperança de todos os descontentes.

Por isso, no mez de fevereiro, se formava uma conjuração em favor do duque d'Orleans.

Esta conjuração tinha por chefes:

O conde Drouet d'Erlons commandante da divisão militar de Lille;

O conde Lefébvre Desnouettes, commandante do antigo regimento dos caçadores de guarda imperial.

Emfim, os dois irmãos Lallemand, um general de artilheria, o outro commandante de Aisne.

O duque d'Orleans tomava parte n'esta conjuração ou organisára-se sem elle saber?

[1] «O duque d'Orleans é o unico membro da sua familia que tem idéas liberaes; quanto aos outros, nunca o esperem.»

N. do A.

É o que se teria certamente conhecido se não fosse o acontecimento de 20 de março; porém foi o que este acontecimento, absorvendo a attenção de toda a França, tornou impossivel adivinhar.

Além d'isso este movimento, combinando-se por acaso com o movimento napoleano, fundio-se n'um só.

Não conseguiram comtudo illudir Napoleão, conforme haviam tentado.

— Tornando a entrar na França, disse elle, não foi a Luiz XVIII que eu desthronei, foi ao duque d'Orleans.

Eis aqui a maneira como a conspiração se devia effectuar; é singela, quasi infantil, e é isso o que nos faria acreditar que o duque d'Orleans tomou parte n'ella.

Os conjurados que, conforme dissemos, tinham todos um commando militar, deviam marchar sobre Pariz com as suas tropas, apoderar-se do rei Luiz XVIII, impôr-lhe uma constituição, e se se recusasse a concedel-a, conduzil-o para fóra do reino, e *obrigar* o duque d'Orleans a subir ao throno.

Além d'esta conjuração haviam outras duas.

A que tractava da volta de Napoleão;

A que no 1.º de maio, isto é, na reabertura das camaras, se devia manifestar no corpo legislativo, e que tinha por fim assegurar os interesses materiaes provenientes da revolução, por uma declaração positiva do rei; e no caso de que o rei se recusasse, pela substituição do ramo segundo ao primogenito.

Vê-se que duas d'estas conspirações facilmente se teriam podido fundir n'uma só, se não fosse a repugnancia que sempre tiveram a conspirar juntos militares e os advogados.

Havia um homem que pertencia a estas tres conjurações: era Fouché.

Foi só no dia 5 de março que o rei soube do desembarque do imperador; n'essa mesma noite, começou essa noticia a transpirar nos salões de M.ma de Vaudemont-Lorraine, onde se achava Fouché.

Fouché, entrando em sua casa, mandou chamar um dos dois irmãos Lallemand.

— Senhor, lhe disse elle, a côrte tem desconfianças, mas ainda não tem certeza; não póde perder um momento, è preciso que tracte já de pôr o seu projecto em execução; parta immediatamente e vá dizer ao general Drouet, seu irmão, e a Lefebvre Desnouettes que se ponham em marcha com a sua gente para Pariz.

Lallemand partio a 6 de março para Lille

A 7 do mesmo mez, lia-se no *Moniteur* o decreto seguinte:

« Tendo ouvido o nosso presado e fiel cavalheiro chanceller de França, o sr. Dambray, commendador das nossas ordens, ordenámos e ordenamos, declarámos e declaramos o que se segue:

« Artigo 1.º Napoleão Bonaparte é declarado traidor e rebelde por se haver introduzido com mão armada no departamento do Var; ordena-se a todos os governadores, commandantes da força armada, guardas nacionaes, auctoridades civis e mesmo aos simples cidadãos; que corram sobre elle, que o prendam e conduzam immediatamente perante um conselho de guerra que, depois de ter reconhecido a sua identidade, pronunciará contra elle a applicação das penas impostas pela lei.

« Art. 2.º Serão punidos com as mesmas penas e como réos dos mesmos crimes:

« Os militares e empregados de qualquer repartição que tiverem seguido e acompanhado o dito Bonaparte, se den-

tro de oito dias da publicação d'este se não vierem apresentar.

« Art. 3.º Serão egualmente perseguidos e punidos como fautores e cumplices de rebellião todos os administradores civis e militares chefes ou empregrados, pagadores ou recebedores dos dinheiros publicos, mesmo os simples cidadãos que prestarem directamente auxillo ou soccorro a Bonaparte.

Art. 4.º Incorrerão nas mesmas penas aquelles que, por fallas feitas em logares ou reuniões publicas, por manuscriptos ou impressos affixados nas esquinas, ou publicados por qualquer fórma, tomarem parte, ou induzirem os cidadãos a tomar parte na revolta ou a abstar-se de a debellar.

« Dado no palacio das Tuileries, a 6 de março de 1815, e de nosso reinado e vigesimo.

(Assignado) *Luiz.* »

Precedia uma proclamação que annunciava a reunião das camaras, e seguia-se-lhe esta simples linha, unica que proclamava a verdadeira situação das coisas:

« *Monsieur* partio esta manhã para Lyão. »

É verdade que o periodico da côrte acrescentou n'esse bello estylo que sempre fez a sua reputação:

« Arrastado pelo seu *negro* destino, Bonaparte evadio-se da ilha d'Elba, onde a imprudente magnanimidade dos soberanos alliados lhe tinham dado uma soberania em premio da devastação que elle levou aos seus estados.

« Este homem que, abdicando o poder, nunca abdicou a sua ambição e os seus furores; este homem coberto do sangue das gerações, vem, ao cabo de um anno, passado na apparencia em apathia, tentar disputar, em nome da usurpação e da carnificina, a legitima e benigna auctoridade do rei de França.

« Alguns tramas tenebrosos, alguns movimentos na Italia, excitados pelo seu cego cunhado, ensoberbeceram o *covarde* guerreiro de Fontainebleau; expõe-se a morrer a morte dos *heroes*, Deus permittirá talvez que elle morra da morte dos *traidores;* a terra de França repelle-o, e elle volta, a terra de França o devorará. »

Que infelicidade foi similhante artigo não ser assignado, não se poder dar o louvor devido ao homem politico que sabia fazer tão habil emprego do epitheto e da antithese!

A noticia do desembarque do imperador foi sabida em Pariz a 7, 8, 9 e 10 por toda a França, e chegou a 11 a Vienna, onde surprehendeu o congresso valsando em casa do principe de Metternich: já se vê que a valsa parou assim que se ouviram estas palavras: Napoleão sahio da ilha d'Elba e desembarcou em Cannes.

— Bem lhe tinha eu dito que isto não durava, disse o imperador Alexandre, approximando-se do sr. de Talleygrand.

— Veja, sire, disse o imperador d'Austria, o que resulta de ter protegido os seus jacobinos de Pariz!

— É verdade, replicou o czar, mas para reparar as minhas faltas, ponho os meus exercitos e a minha pessoa á disposição de vossa magestade.

Assim é que foi resolvida a liga de 1815.

Aos decrectos de Luiz XVIII, nos artigos do *jornal dos Debates*, ás decisões do congresso de Vienna, Napoleão respondia com a proclamação seguinte:

« Ao exercito.

« Soldados! não fomos vencidos; dois homens, sahidos das nossas fileiras, trahiram os seus louros, o seu bemfeitor.

« Aquelles que vimos por espaço de vinte e cinco annos percorrer a Europa para nos promoverem inimigos que passaram a vida a combater contra nós nas fileiras dos exercitos estrangeiros, amaldiçoando a nossa bella França, pretenderiam commandar e agrilhoar as nossas aguias, elles que nunca lhe poderam supportar o olhar? Sóffreremos que herdem o fructo dos nossos gloriosos trabalhos? Que se apoderem das nossas honras, dos nossos bens? Que calumniem a nossa gloria? Se o seu reinado durasse, tudo ficaria perdido, até mesmo a memoria das nossas batalhas immortaes.

« Com que encarniçamento as desnaturam elles! Procuram envenenar o que o mundo admira, e se ainda restam defensores da nossa gloria, é entre esses mesmos inimigos que combatemos no campo da batalha.

« Soldados! no meu exilio ouvi a vossa voz, vim atravez de todos os obstaculos e de todos os perigos.

« O vosso general, chamado ao throno pelo voto do povo e elevado sobre os vossos broqueis, vos é restituido, vinde ter com elle.

« Arrancarei essas côres que a nação proscreveu, e que por espaço de vinte e cinco annos serviram para reunir todos os inimigos da França.

« Ponde esse laço tricolor que trazieis nas nossas grandes batalhas.

« Devemos esquecer que fomos senhores das nações, mas não devemos soffrer que ninguem se metta nos nossos negocios.

« Quem pretenderia ser senhor em nossa casa?

« Retomae essas aguias que tinheis em Ulm, em Austerlitz, em Jena, em Eyleau, em Friedland, em Tudela, em Echkmulh, em Essling, em Wagram, em Smolensk, na Moskowa, em Lutzen, em Wurtschen, em Montmirail.

« Pensaes que este punhado de francezes, hoje tão arrogantes, possa sustentar a vista das aguias?

« Hão de tornar para o logar d'onde veem, e ahi, se quizerem, reinarão como dizem ter feito ha dezoito annos.

« Os vossos empregos, bens e gloria, os empregos e a gloria dos vossos filhos não tem maiores inimigos do que esses principes que os estrangeiros vos impozeram; são inimigos da gloria, pois que a narração de tantos feitos historicos, que teem illustrado o povo francez, combatendo contra elle para se subtrahir ao seu jugo, é a sua condemnação.

Os veteranos dos exercitos de Sambre-et-Meuse, do Rheno, da Italia, do Egypto, do Occidente, do grande exercito, estão humilhados; as suas honrosas cicatrizes estão manchadas, as suas victorias seriam crimes, os nossos bravos seriam rebeldes, se como querem os inimigos do povo, os soberanos legitimos estivessem no meio do inimigo; as honras, as recompensas, a sua affeição são para aquelles que serviram contra a patria e contra nós.

« Soldados! vinde formar-vos junto das bandeiras do vosso chefe.

« A sua existencia só da vossa se compõe: os seus direitos não são senão os do povo e os vossos; o seu interesse, honra e gloria não são senão tambem o vosso interesse, honra e gloria.

« A victoria marchará accelerada; a aguia, com as côres nacionaes, voará de torre em torre, até ás de Nôtre-Dâme! então podereis ensoberbecer-vos do que houverdes feito; sereis os libertadores da patria.

« Na vossa velhice, rodeiados e respeitados pelos vossos concidadãos, ouvir-vos-hão com respeito contar os vossos altos feitos; podereis dizer com orgulho:

« Tambem eu fiz parte d'esse grande exercito que entrou

duas vezes nos muros de Vienna, de Berlin, de Madrid, de Moscou, e que livrou Pariz da deshonra que a traição e a presença do inimigo lhe lançaram. »

« Honra a esses bravos soldados, gloria da patria; e vergonha eterna aos francezes criminosos, em quolquer classe que a fortuna os tenha feito nascer, que combateram vinte e cinco annos com o estrangeiro para despedaçarem o seio da patria!

CAPITULO XXXIV

A pedido do rei, dirigira-se o duque d'Orleans, na noite de 5, ás Tuileries.

Ahi recebeu ordem de acompanhar o conde d'Artois a Lyão; todavia deixou partir *Monsieur* sósinho, ainda passou o dia 6 em Pariz, voltou ás Tuileries á noite, insistio com o rei para ficar n'este palacio como commandante da sua guarda de honra, e só partio no dia seguinte, por Luiz XVIII lhe haver dado ordem formal de ir ter com o sr. conde d'Artois.

Porém antes de partir, dispoz tudo para que a sua familia podesse ir para Inglaterra, se as coisas corressem mal para a causa real.

Todos sabem os detalhes d'esta marcha triumphal, que nem um só obstaculo encontrou no caminho.

Em frente de Vizille, Napoleão encontrou o 5.º de linha e o 2.º de engenharia, que se lhe reuniram entre Vizille e Grenoble e La Bédoyère com o seu regimento.

Em Gaenoble trouxeram-lhe as chaves das portas da cidade que lhe tinham recusado.

O conde d'Artois, o duque d'Orleans, o duque de Tarente estavam em Lyão e passavam revista ás tropas que este ultimo lhes acabava de entregar.

Porém facil era vêr, pelo espirito que as animava, o partido que tomariam quando se achassem em frente d'aquelle que lhes queriam inutilmente fazer encarar como inimigo.

A 9 sahio Napoleão de Grenoble, a 10 pernoitou em Bourgoin.

No mesmo dias, ás cinco da tarde, entrava em Lyão, pela ponte da Guillotière, ao mesmo tempo que o sr. duque d'Orleans fugia pela ponte opposta, indo apenas acompanhado por um *gendarme* que se lhe tinha conservado fiel.

No dia seguinte um official da casa real apparecia na varanda das Tuileries e annunciava, agitando o chapéo, que sua magestade acabava de receber a noticia official de que o sr. duque d'Orleans, á frente de vinte mil homens da guarda nacional de Lyão, tinha atacado o usurpador na direcção de Bourgoin e o havia completamente derrotado.

Á noite chegava o principe a Pariz, e os periodicos annunciavam o seu regresso.

No dia immediato o duque d'Orleans mandou partir toda a sua familia para Inglaterra.

M.^{ma} Aledaide declarou qne ficaria com seu irmão.

A duqueza d'Orleans, viuva, estava decidida a não sahir de Pariz.

A 16, o duque d'Orleans, encarregado do commando superior dos departamentos do Norte, partio para Peronne, chegou a 17 a Cambrai e a 19 a Lille.

A 19, á meia noite, sahio o rei das Tuileries, levando os diamantes da corôa.

Uma hora depois, o conde d'Artois e o duque de Berry tomavam por seu turno a estrada de Flandres.

A 22, ao meio dia, chegou o rei a Lille, onde o esperava o duque d'Orleans.

A 23 sahio da cidade, separando-se seu primo, sem lhe deixar nenhumas instrucções.

— Que ordena vossa magestade? perguntára o duque d'Orleans.

— Faça o que quizer, respondera o rei.

No mesmo dia o principe escreveu ao marechal Mortier:

« Lille, 23 de março de 1815.

« Vou, meu caro marechal, entregar-lhe o commando que teria tido a satisfação de exercer comvosco nos departamentos do Norte.

« Sou muito bom francez para que sacrifique os interesses da França, por novas infelicidades me obrigarem a deixal-a.

« Parto para me sepultar no retiro e no esquecimento.

« Não estando já o rei em Pariz, não posso transmittir-lhe ordens em seu nome; só me resta allivial-o do cumprimento de todas as ordens que lhe tinha transmittido e recommendar lhe que faça tudo quanto o seu excellente pensar e o seu patriotismo tão puro, lhe suggerirem de melhor para os interesses da França e de mais conforme com todos os deveres que terá a cumprir.

« Adeus, meu caro marechal: aperta-se-me o coração ao escrever esta palavra de despedida.

« Conserve-me a sua amisade; em qualquer logar onde a fortuna me conduza, conte para sempre com a minha.

« Nunca esquecerei as acções nobres que lhe vi praticar, durante o curto lapso de tempo que estivemos juntos.

« Admiro a sua lealdade e o seu bello caracter, tanto

quanto o estimo, e é de todo o meu coração, meu caro marechal, que lhe desejo todas as prosperidades de que é digno.

L. Ph. d'Orleans. »

Sabendo que a mãe do duque d'Orleans tinha ficado em Pariz, o imperador, que ainda tinha na mão a carta que acabamos de transcrever, declarou que seria tractado com todas as attenções que a sua edade e o seu caracter mereciam.

E como lhe fossem os bens novamente confiscados, conferio-lhe uma pensão annual de trezentos mil francos, paga pelo thesouro publico.

O duque d'Orleans foi ter com a sua familia a Inglaterra, e ahi esperou Waterloo no seu retiro de Twickenham.

Porém assim mesmo exilado como se fizera por segunda vez, o duque d'Orleans tinha os seus representantes em França.

A 22 de junho, quatro dias depois da batalha, o marechal Soult mandava a Napoleão uma participação em que se liam estas linhas:

« O nome d'Orleans anda no bocca da maior parte dos generaes e dos chefes: pareceu-me isto de mui grande importancia para me demorar em o communicar a vossa magestade, pelo que pedi ao general Dejean que fosse directamente dar-lhe esta noticia, assim como que lhe prestasse os esclarecimentos que elle proprio obteve. »

Tres dias depois foram reveladas á camara, pelo sr. Boulay de la Meurthe, algumas noticias parecidas com as precedentes.

« Vejo, dizia elle, que estamos rodeados de intrigantes e de facciosos que querem fazer declarar o throno vago afim

de conseguirem os seus intentos e de collocarem n'elle os Bourbons.

« Coisa nenhuma poderá desviar-me de dizer a verdade, quero pôr o dedo sobre a ferida: existe uma facção d'Orleans.

« Em presença de certos esclarecimentos, sei que esta facção é puramente realista; que o seu fim secreto é manter relações até mesmo entre os patriotas.

« Finalmente, é coisa duvidosa se o duque d'Orleans quererá ou não acceitar a corôa, mas se a acceitasse seria certamente para a restituir a Luiz XVIII. »

O imperador que tinha deixado o campo de batalha de Waterloo, pelas oito horas da noite de 18 de junho, tomava a 19, nos Quatro-Braços, a posta para Laon; abdicava no palacio das Tuileries a 21, e a 25 começava em Malmaison essa agonia de tres dias em que a sua dôr mais aguda devia certamente ter sido duvidar pela primeira vez do seu genio.

Napoleão, n'essa epocha, estava ainda longe de comprehender essa missão em que Deus o tinha empregado; mais tarde, em Sancta Helena, iniciado n'uma parte d'esse grande segredo pela solidão, pela infelicidade e pelo exilio avistou no horisonte europeu a obra que fizera e deixou escapar estas palavras propheticas:

« Antes de cinco annos, a Europa será republicana ou cossaca. »

Republicana, *sire*, a questão está a esta hora decidida, porque, no coração da França, esse Prometheu das nações, vive o fogo divino, inextinguivel, eterno.

Em quanto estiveste pregado no vosso rochedo transatlantico, tambem ella tinha seus trabalhos, tinha esse triplice abutre que lhe consumia as entranhas.

Mas n'esse alimento generoso, os povos, (nossos inimigos então, hoje nossos irmãos,) sentiram filtrar-se-lhes no sangue um ardor desconhecido: é porque tinha extrahido de nós essa substancia de leão que se chama liberdade.

Vêde, *sire*, d'esse Hotel dos Invalidos onde vosso irmão vos retem, vêde toda a Europa abrazada, a Sicilia fazendo-se independente, Florença, Roma, Berlin, Vienna, proclamando a Republica, a Hungria com os braços cruzados, clamando vingança aos povos no seu ultimo suspiro, e a propria Polonia, que mais não é do que um phantasma, sahindo do tumulo, como um espectro do passado.

Sim, sem duvida, a Sicilia tornou a cahir no poder do neto de Fernando e de Carolina. Sim, sem duvida, Florença voltou para o poder do grão-duque, e Roma para o de papa. Sim, certamente, Berlin tem um rei e Vienna um imperador. Sim, sem duvida, como Christo, a Hungria, ferida nos pés e nas mãos, ferida no lado, inclinou sobre o hombro direito, ao expirar, a cabeça coroada de espinhos. Sim, sem duvida, a sombra da Polonia, como a do velho rei de Dinamarca, tornou para a humida cama sepulchral sem estar vingada. Porém o grande drama europeu apenas está no segundo acto.

Os povos que uma vez se não tomaram, pelo menos provaram o gosto acre da independencia, d'elle ficaram sequiosos para sempre, e a França é a fonte predestinada para um dia lhes ministrar a bebida pela qual os povos morrem com tanto prazer, por que essa bebida é que dá vida.

Luiz Philippe entrou novamente em Pariz a 29 de julho de 1815.

CAPITULO XXXV.

Depois de tudo quanto se passára, depois de ter visto o seu nome pronunciado como chefe de partido, Luiz Philippe nada podia antevêr do accolhimento que o esperava nas Tuileries.

Ali se apresentou ousadamente e testemunhou ao rei toda a sua indignação pelas calumnias de que era alvo.

Luiz XVIII deixou-o fallar, e quando terminou respondeu-lhe:

— Meu primo, como é a pessoa mais proxima do throno depois de Berry, estou descansado, porque creio nas suas boas intenções, assim como no seu bom coração.

Confirmou-o novamente na posse do seu apanagio, porém continuou a recusar-lhe o titulo de alteza real, dizendo:

— Demais está elle proximo do throno!

Como indemnisação, o principe, da mesma fórma que os demais membros da familia real, teve o direito de occupar uma cadeira na camara dos pares.

Seria um favor ou um laço?

Era difficil, nos tempos de agitação em que então se estava, entrar na camara dos pares sem tomar um partido; apresentou-se logo um ensejo para o duque d'Orleans ahi arvorar a bandeira sob a qual tencionava marchar.

No seu requerimento ao rei, a commissão da camara de 1815, d'essa camara que devia declarar réo o general Bey,

mas protegido pela capitulação de Pariz, introduzira esta phrase:

« Sem tirarmos ao throno os beneficios da clemencia, ousaremos sollicitar humildemente da sua equidade a retribuição necessaria das recompensas e dos castigos, e a escolha dos funccionarios publicos. »

Já se vê que, por mais reaccionaria que fosse a maioria da camara, similhante paragrapho não podia passar desapercebido; a discussão foi acalorada, todo o partido moderado se inscreveu e fallou contra o paragrapho, que todavia ia psssar; todas as emendas propostas se achavam rejeitadas, quando o duque d'Orleans pedio a palavra.

Todos se calaram, por julgarem que era o programma da sua vida futura, que o duque d'Orleans ia dar a publico.

« Senhores, disse elle, tudo quanto acabo de ouvir me confirma da opinião de que convém propôr á camara um partido mais decisivo do que as emendas que até agora lhe teem sido apresentadas.

« Proponho pois a suppressão total do paragrapho; deixemos ao rei o cuidado de tomar constitucionalmente as precauções necessarias para a manutenção da ordem publica, e não formemos pedidos de que a malevolencia possa fazer armas para perturbar a tranquillidade do Estado; a nossa qualidade de juizes eventuaes n'aquelle para com quem se nos recommenda mais justiça do que clemencia, nos impõe um silencio absoluto; toda a enunciação anterior de opinião me parece uma verdadeira prevaricação no exercicio das nossas funcções judiciarias, tornando-nos ao mesmo tempo accusadores e juizes! »

Um longo rumor acolheu esta profissão de fé.

Nenhuma duvida restava de que o duque d'Orleans estava alistado entre os constitucionaes.

A punição seguio rapidamente a falta: o rei retirou o decreto que auctorisava os principes a tomarem assento na camara dos pares, e o duque d'Orleans foi exilado para Londres, onde encontrou sua familia, que ainda não tinha julgado conveniente mandar vir para França, como se houvera previsto que pouco ahi se demoraria.

Comtudo o principe não queria indispor-se irrevogavelmente com o rei; por isso apenas chegou a Londres, publicou o seguinte protesto:

« Francezes!

« Obrigam-me a romper o silencio que a mim proprio impuz; e pois que se atrevem a envolver o meu nome com desejos criminosos e perfidas insinuações, a minha honra dicta-me á face da Europa inteira um protesto solemne, que os meus deveres me prescrevem.

« Francezes! enganam-vos, desvairam-vos; mas enganam-se sobre tudo aquelles de entre vós que se arrogam o direito de escolher *um senhor*, e que no seu pensamento ultrajam com sediciosas esperanças, um principe, *o mais fiel vassallo do rei de França, Luiz XVIII.*

« O principio *irrevogavel* da legitimidade é a unica garantia da paz na França e na Europa, as revoluções não teem feito senão fazer-lhe conhecer melhor a sua força e importancia; consagrado por uma liga guerreira e por um congresso pacifico de todos os soberanos, este principio se tornará a regra invariavel dos reinados e das successões.

« Sim, francezes! teria grande ufania em vos governar, porém só *quando eu tivesse a infelicidade de que a extincção de um tronco illustre marcasse o meu logar no throno.* Só então é que eu faria conhecer tambem intenções talvez distantes d'aquellas que me suppõe, e que quereriam suggerir-me.

« Francezes! dirijo-me apenas a alguns homens desvairados, tornae em vós, e proclamae-vos fieis subditos de Luiz XVIII e de seus herdeiros naturaes, junctamente com um dos vossos principes e de vossos concidadãos.

L. Ph. duque d'Orleans. »

Apesar d'esta profissão de fé, tornada pelo principe exilado tão explicita quanto possivel, o principe só voltou a França no começo de 1817.

Na sua ausencia, graves acontecimentos tinham passado antes do seu exilio.

Por aquelles que se tinham passado antes do exilio, entendemos o assassinato do marechal Brune em Avinhão, o assassinato do general Ramel em Tolosa, a execução de la Bédoyère em Pariz e a morte de Murat em Pizzo.

Por aquelles que tiveram logar na sua ausencia, entendemos a execução do marechal Ney e a de Paulo Didier.

Diremos uma palavra sómente ácerca d'essa primeira execução, porém espraiar-nos-hemos largamente sobre a segunda.

O marechal Ney, accusado de traição e de lesa-magestade foi entregue ao tribunal dos pares.

Sua mulher comprehendeu desde o primeiro momento que estava perdido, e antes de ser julgado tractou de implorar o seu perdão.

Por consequencia, escreveu para Inglaterra ao duque d'Orleans, afim de interessar o regente na sua morte.

O duque d'Orleans escreveu com empenho á alteza, porém a carta foi inutil, e a 7 de dezembro ás nove horas da manhã, Ney foi espingardeado a alguns passos do Observatorio.

Ao mesmo tempo, Luiz XVIII fazia par de França o principe Hohenlohe, e marechal o duque de Wellington.

Hão de convir que era levar longe a impudicicia politica.

Todos se lembram da conspiração orleanista dos generaes Drouet-d'Erlon, Lallemand e Lefèvre, Desnouettes; abortou, como já contámos, e fundio-se no grande acontecimento do regresso da ilha d'Elba; mas cahindo Napoleão, e avançando a Restauração cada vez mais no caminho fatal das reacções, os partidarios do duque d'Orleans tomaram animo novamente e recomeçaram as conspirações.

XXXVI

Nos primeiros dias de fevereiro de 1816 foi creada uma commissão directora; o logar das suas sessões era na rua Cassette. Compunha-se de sete commissarios, ou antes de sete apostolos peregrinos; Paulo Didier era um d'estes commissarios.

Paulo Didier nascera em Upie, em 1758; tinha pois perto de cincoenta annos na epocha a que somos chegados.

Era um homem de imaginação arrebatada e de coragem; educado por um cura de aldêa, a sua educação fôra monarchica e religiosa. Comtudo a onda revolucionaria arrastou-o em 1788 e 1789, mas parou no 10 de agosto, e lançou-se nas fileiras d'aquelles que pretendiam que a revolução tinha trabalhado bastante e que mais nada lhe restava a fazer senão regularisar a posição social.

Estava em Lyão entre os realistas quando Lyão se revoltou; combateu com os assediados, e quando a cidade foi tomada, depois de sessenta e dois dias de assedio, foi in-

scripto nas sanguentas listas de Dubois Crancé e de Collot-d'Herbois, fugio debaixo de um nome supposto, chegou a Marselha, unio-se aos confederados do Meiod-ia, e d'ahi passou á Suissa e á Allemanha, onde durante cinco annos, se tornou um dos homens mais notavéis da pequena côrte do conde de Provença.

O governo directorial reabrio a Paulo Didier as portas da França; voltou a Pariz, e ahi encontrou os seus camaradas de emigração, os srs. de Juigné, du Bouchage, du Belloy, de Marieux, de Precontat, de Dreux-Brézé, e fiel aos seus antecedentes realístas publicou, em 1799, um opusculo anonymo, que tinha por titulo: *O Espirito e o voto dos francezes*, e em 1802, um outro opusculo intitulado: *Da conversão á religião*.

Cambacèrés, Fouché e o sr. de Montalivet, eram aquelles que Didier via mais familiarmente n'esta epocha.

Appareceu um decreto que instituio uma escola de direito em Grenoble.

Didier foi um dos primeiros inscriptos na lista dos professores; as contestações que anteriormente tinha tido com o sr. Pal, seu collega, fizeram-lhe dar a sua demissão quando em 1810 este ultimo foi nomeado reitor.

De 1810 a 1814, Didier lançou-se na especulação; já se vê que um homem d'este caracter não fazia coisa alguma senão em ponto grande; metteu-se em combinações gigantescas, falharam, e que o deixaram quasi arruinado por occasião da segunda restauração.

Uma d'esta especulações tinha sido a collocação de Luiz Philippe no throno; ia partir para Palermo quando Napoleão cahio e quando o duque d'Orleans tornou a entrar mui naturalmente em França.

Didier lembrou-se então de reclamar do conde de Provença, tornado rei, o premio do seu antigo realismo; para

dar mais peso ainda ás suas pretenções, publicou então terceiro opusculo: *O espirito e o voto dos francezes*, que não era outra coisa senão uma segunda edição revista e correcta d'aquelle que quinze annos antes tinha publicado.

O conde de Provença não se esqueceu: Didier foi nomeado referendario e cavalleiro da Legião d'Honra.

Didier desejava uma cadeira no tribunal da Cassação: sollicitou-a inutilmente: descontente com o que elle chamava ingratidão dos Bourbons, foi um dos primeiros a alistar-se no partido de Napoleão, quando Napoleão sahio da ilha d'Elba e desembarcou no golfo Juan.

Napoleão cahio tão rapidamente, que não teve tempo para apreciar Didier devidamente: sahio de França sem ter feito coisa alguma em seu beneficio, e Didier achou-se quasi sem recursos quando Luiz XVIII voltou.

Tanto mais sem recursos que acabava de se comprometter ligando-se á fortuna do usurpador.

Um unico recurso restava para Didier; o partido do duque d'Orleans; além de que, unir-se a este partido, era tornar aos seus primeiros projectos.

O duque d'Orleans recebeu pois a visita de Didier, logo depois da sua chegada, estando ainda na hospedaria da *Grange-Batelière*, onde se apeou, antes de ir para o Palais-Royal.

Emfim, por occasião da organisação do *comité* director da rua Cassette, Paulo Didier, como dissemos, tornou-se um dos principaes agentes da *Sociedade da independencia nacional*, titulo elastico que tomára o *comité* director.

Cahira o ministerio Talleyrand e succedera-lhe o ministerio Richelieu.

— O sr. de Richelieu, dissera Talleyrand, era o homem de França que melhor conhecia a Criméa.

Com effeito o sr. de Richelieu passára no seu governo

da Crimea todo o tempo que não passára em França, de sorte que a França, e sobre tudo o espirito francez, eram tão desconhecidos do sr. de Richelieu, chamado para dirigir o espirito francez e para governar a França, como se fosse nascido n'essas longinquas regiões, onde passára parte da vida.

Os seus collegas no ministerio eram os srs. Blavet, Corvette, Dubouchage, Decazes e Vaublanc.

A primeira tentativa do *comité* director foi sobre Leão.

Os conjurados eram:

Nos primeiros logares, Talleyrand e Fouché.

No centro, Paulo Didier, Jacquemet, coronel na inactividade; Lavalette, antigo recebedor geral dos Baixos Alpes; Montain, doutor em medicina; Rosset, fabricante de papeis pintados; emfim os ultimos logares eram occupados por homens desconhecidos, no meio dos quaes era olhado como um personagem, um tal Rosa, sargento da legião do Rheno.

Eis o plano dos conjurados:

Alguns officiaes de policia demittidos deviam apresentar-se na casa da camara conduzindo um malfeitor.

Servindo-se d'este estratagema, approximar-se-iam sem difficuldade da sentinella e desarmal-a-iam.

Ao mesmo tempo, a um signal dado, Rosset sahiria de uma rua visinha com uns cem homens dedicados á causa, os quaes desarmariam a guarda, trariam peças da casa da camara para a praça de Luiz-o-Grande, e estava dado o signal da insurreição.

Fixou-se a execução d'este plano para o dia 21 de janeiro de 1816.

A 19 o general Maringone, commandante do departamento, recebeu duas cartas que lhe denunciavam a conspiração.

Simão, Jacquemet, Lavalette, Montain, Rosa e Rosset fóram presos; Paulo Didier fugio.

Era a segunda vez que Paulo Didier sahia de Lyão como fugitivo, com vinte annos de intervallo; realista da primeira vez fugindo dos jacobinos; liberal da segunda fugindo dos realistas.

Seis mezes depois foram os presos conduzidos perante o tribunal d'Assisas; Jacquemet, Rosa e Simão foram condemnados a dez annos de prisão, e Montain apenas em cinco annos.

Esta primeira conspiração fôra descoberta por uma d'essas singulares combinações do acaso, que fazem abortar de respente as emprezas mais bem conhecidas e mais habilmente conduzidas.

No numero dos conjurados subalternos, figurava um pobre moço, magro, pallido, miseravel, doente do peito: tomando parte na conjuração, afim de ter mais liberdade em seus trabalhos, mudou-se, e foi morar para o sexto andar de uma casa n'um bairro distante d'aquelle em que d'antes habitava.

Na agua-furtada que pegava com a sua, morava uma joven chamada Paula, formosa e casta.

Resistira a todas as seducções da mocidade e do luxo, mas deixou-se senhorear pela do soffrimento.

André, assim se chamava o fabricante de seda, padecia do peito, como dissemos; ella ouvio-o offegar subindo os seis andares, queixar-se e tossir, assim que entrou no quarto, e soube que estava só, offereceu-lhe os desvelos de uma amante.

Uma noite adormecera André, em quanto Paula velava junto d'elle: bateram á porta, e duas vozes desconhecidas se fizeram ouvir.

Envergonhada por ser surprehendida tão tarde junto da cama de um mancebo, Paula foi-se metter n'um gabinete contiguo ao quarto de dormir; continuaram a bater.

André acordou, julgou que Paula tinha ido para casa em quanto dormira, e foi abrir.

Era Didier e outro conjurado.

— Para affastar os sabujos da policia, disse elle, mandei vir a sua casa um enviado do *comité* de Pariz.

André mandou-os entrar para o seu pobre quarto e ahi os conjurados, fallando em liberdade, mudaram de palavra quanto ao governo da França, derribaram Luiz XVIII do throno, collocaram n'elle o duque d'Orleans, e substituindo o calvinismo ao catholicismo, d'elle fizeram a religião do Estado.

Paula ouvio tudo, e aterrada com o que ouvira, deixou o seu amante tornar a adormecer, e quando a sua respiração tornada mais egual lhe deu a conhecer que se achava todo entregue ao somno, sahio, entrou em sua casa, pedio de joelhos conselho a Deus, e atormentada sobre tudo por esta conjuração contra a religião catholica, foi no dia seguinte declarar tudo ao seu confessor, deixando-lhe a liberdade de dizer tudo á auctoridade, com tanto que poupasse a vida e a liberdade de André.

O confessor denunciou o trama, porém não cumprio as promessas que fizera relativamente a André; Paula teve o desgosto de vêr prender o seu amante denunciado por ella mesma; e tendo os rigores de uma prisão de seis mezes apressado os progressos do mal, André morreu na prisão antes do julgamento.

Paula, desesperada, cheia de remorsos, precedera-o oito dias na sepultura.

Didier teria sido preso como os outros, se por felicidade o *gendarme* encarregado de o prender não fizesse parte da conspiração; fel-o prevenir pela sua amante, e só se apresentou em sua casa quando teve a certeza de não o encontrar.

Paulo Didier fugio, como dissemos, e chegou ás fronteiras da Saboia.

Os conjurados não se deram por derrotados; decidiram que mudariam o local da execução dos seus planos para os departamentos mais distantes: o que se mallográra em Lyão devia sortir effeito em Grenoble.

O prefeito do departamento era o conde de Montleveau, homem de uma coragem experimentada, de uma inteireza reconhecida.

O commandante do departamento era o generel Donnadieu, valente soldado bourbonnez desde os pés até á cabeça, posto que calvinista de religião.

Didier levou tres mezes a organisar a sua insurreição nos diversos pontos do departamento; logo á primeira vista explorára o terreno e reconhecera que, esteril a qualquer outro nome só a semente napoleanna ali germinaria facilmente.

Era pois ostensivamente e para o vulgo, em nome do imperador, que elle operava, mas para Fouché, para os chefes superiores emfim era em proveito do duque d'Orleans que trabalhava.

Foi em Quaix, pequena aldêa situada ao norte de Grenoble que estabeleceu o seu quartel general em casa de um official do imperio, chamado Bruno e cognominado o Dromedario, por ter feito a campanha do Egypto e servido no corpo de cavallaria organisado por Bonaparte, em que os os dromedarios substituiam os cavallos.

A primeira reunião teve logar em Buisserate, aldêa que fica junto das portas de Grenoble, na estrada de Lyão; d'ella fallou Didier com toda a vehemencia do seu caracter, porém assim como no seu discurso e na sua proclamação, nem uma palavra dissêra a respeito do imperador, nem de Napoleão II.

— Que nos está ahi prégando? bradou Bruno, a sua proclamação nem sequer falla no imperador; marchamos em nome de Napoleão, quando não, pelo que me toca, advirto-o de que não marcho.

Em razão d'este incidente, foi quasi perdido o fructo d'esta reunião.

Era sobre tudo nas montanhas de Oisans que a iusurreição tinha as suas raizes mais fortes; dois homens se tinham feito chefes secundarios debaixo das ordens de Didier: Dussert, antigo guia do exercito dos Alpes e Durif: ambos tinham sido *maires*, um d'Allemont, outro de Vaujamy e ambos tinham sido demittidos: era d'ahi que o odio dimanava.

Confiado n'estes dois agentes, Didier desceu para o lado de Lamure.

Lamure estava ainda cheio das recordações enthusiastas de Napoleão, que, apenas um anno antes, ahi tinha com uma unica palavra reunido a si as tropas enviadas de Grenoble para o combater.

Por isso o numero das recrutas tinha crescido: a lista dos conjurados foi augmentada com os nomes de Drevet, antigo soldado da guarda, de Buisson e de seu irmão, um pharmaceutico, outro merceeiro; de Genevois, proprietario; dos dois irmãos Guittot, e dos officiaes Dufresne e Dumoulin, que estavam a meio soldo.

Ahi, como nas montanhas d'Oisans, Paulo Didier deixou dois chefes: Biolett, chefe de batalhão reformado, e Pelissier, capitão.

Por elles, em menos de seis semanas, mais de trezentos officiaes superiores e inferiores foram associados á conspiração.

Uma carta falsa do sr. de Metternich promettia o apoio d'Austria a Napoleão II.

Quanto á Inglaterra, diziam os chefes, para que se conservasse tranquilla, deixar-lhe-iam crêr que o movimento se operava em favor do duque d'Orleans.

CAPITULO XXXVII

Por esta epocha procuravam tambem associar á conspiração os estudantes e os professsores da Escola de direito de Grenoble.

O sr. Gros, advogado do tribunal real de Pariz, publicou em 1841 uma carta dirigida ao sr. redactor da *Gazeta do Delphinado:*

Esta carta tinha por titulo:

De Dedier e dos outros conspiradores
no tempo da Restauração.

«Estudava direito em Grenoble, diz o sr. Gros, quando a conspiração de Didier rebentou.

«Fui então objecto de vivissimas observações entre os chefes d'esta conspiração, á qual me queriam associar a todo o transe.

«Joannini, antigo official de *gendarmeria*, foi quem mais particularmente me instigou a que tomasse parte n'ella; antes de me compromettér quiz conhecer o chefe e o fim da empreza.

«Interroguei Joannini, para o fazer sahir do vago onde até ali se tinha entrincheirado; confessou-me que a conspiração tinha por objecto *collocar o duque d'Orleans no thro-*

no, e tomando a frieza que lhe testemunhava por incredulidade, mostrou-me uma carta em que este principe estava designado de maneira que era absolutamente impossivel não o conhecer.

«Um principe, dizia-se n'ella, que logo nos primeiros annos deu penhores á liberdade, que combateu com valentia nas nossas fileiras, e que possue taes sentimentos liberaes que, não podendo deixar de os manifestar, fazem com que os outros membros da sua familia desconfiem d'elle.

« Com vinte e dois annos de edade, continúa o sr. Gros, affeiçoado ao imperador, a quem devia a minha educação n'um lyceu, e a minha patente de official, recusei claramente tomar parte n'uma conspiração em que um dos membros d'esta familia poderia achar-se compromettido. »

O general Donnadieu ouvia de quando em quando alguns boatos vagos sobre estas reuniões e sobre este recrutamento clandestino e ardiloso; informava-se então, mandava tambem os seus agentes, e pouco a pouco, se ia convencendo de que se tramava alguma coisa grave no departamento e que não tardaria a rebentar.

Escrevia então para Pariz designava Didier como chefe do conluio; porém respondiam-lhe d'ali, que Didier estava fóra de França e que o departamento de Isére era o mais tranquillo dos oitonta e seis departamentos.

O duque de Berry esposava a filha do rei de Napoles, a qual devia desembarcar em Marselha e tomar a estrada de Lyão.

A 2 de maio, as tropas da guarnição de Grenoble e dos arredores, deixavam os seus quarteis respectivos para irem tomar posições na estrada da Saint-Vallier, Vienna e Lyão.

Foi esta mesma noite que Didier escolheu para a execução do conluio.

Coisa singular, a duqueza de Berry entrando em França,

era ahi recebida por uma conjuração, e alguns mezes mais tarde era testemunha de um horrivel assassinato.

Rebentou a conspiração, porém as tropas, em logar de se unirem ao partido dos conjurados, conservaram-se firmes; vieram ás mãos; depois de uma lucta encarniçada, terrivel, desesperada, os conjurados foram derrotados, e o coronel Vautré entrava n'essa mesma noite em Grenoble, seguido de tres carros cheios de prisioneiros.

Didier batera-se na frente como desesperado, porém conhecendo que a causa que representava estava perdida, vendo dois terços da sua força morta ou aprisionada, fugio para os mattos de Saint-Martin-d'Heres.

O processo começava a 6 de maio: de cento e vinte prisioneiros, quatro foram logo escolhidos, na mesma noite foram condemnados tres, e o quarto absolvido.

Os tres condemnados foram: Drevet, antigo soldado da guarda imperial; Buisson, merceeiro, e David.

Todos tres eram de Lamure.

David foi recommendado á clemencia do rei.

A 8, ás quatro horas da tarde, achando-se levantado o cadafalso, estando as avenidas da praça de Santo André, a rua larga e a praça Grenette cheias de povo, abriram-se as portas da prisão, e appareceram primeiro os *gendarmes*, depois dois padres, cada um dos quaes dava o braço a um condemnado.

Quando se acharam em frente da multidão, Drevet e Buisson bradaram com uma voz instantanea: «viva o imperador!»

Julgariam realmente ter conspirado em favor d'elle ou julgariam que este grito, mais do que outro qualquer, despertaria a sympathia do povo?

A maior parte ficou silenciosa, só algumas vozes responderam: *viva o rei!*

Ao pé do cadafalso, Drevet e Buisson bradaram novamente: « *viva o imperador!* »

Ambos estavam pallidos, mas perfeitamente socegados; subiram friamente os degráos do cadafalso e morreram como homens perfeitamente convencidos da justiça da sua causa.

Na vespera da execução, o general Donnadieu e o prefeito tinham recebido uma circular ministerial que punha o departamento em estado de sitio, e que dava um poder discricionario ás auctoridades civis e militares.

A 9 de maio o tribunal prebostal entregava os seus poderes á justiça militar.

No mesmo dia da sua formação, reunio-se o conselho de guerra, e ás onze horas da manhã foram apresentados perante elle trinta accusados.

A sessão durou oito horas, depois das quaes, dos trinta accusados, vinte e um se achavam condemnados á pena de morte.

A sentença fôra dada por unanimidade.

Na sexta feira, 10 de maio, ao tintinar funebre do sino de Santo André, quatorze condemnados sahiram, um a um, da prisão, situada em frente da egreja; o povo amontoado na praça contava-os com terror, quatorze padres os acompanhavam.

O prestito encaminhou-se lentamente para a esplanada de porta de França, que é um terreno vasto que fica ao norte da cidade, banhado de um lado pelo Isère e do outro guarnecido por uma sebe gigantesca de pantanos e de sycomoros.

Era o logar marcado para a execução.

Os condemnados ajoelharam junto de um fosso, n'uma só linha, os padres fizeram-lhes beijar uma ultima vez o crucifixo e affastaram-se; os commandantes militares repetiram

no mais profundo silencio a palavra *fogo!* ouvio-se uma detonação horrivel, e cem balas passaram os condemnados.

Pedidos de perdão, supplicas de commutação de pena tinham sido endereçadas ao rei, pelo general Donnadieu, em favor dos outros condemnados.

A 14 de maio de 1816, ás onze horas da noite, recebeu-se em resposta a estas supplicas o seguinte despacho telegraphico:

Despacho telegraphico de 14 de maio de 1816.

Ás quatro da tarde.

Linha do telegrapro de Lyão.

O ministro da policia geral, ao general Donnadieu, commandante da 7.ª divisão militar.

« Declaro-lhe, em nome d'el-rei, que só se deve conceder perdão áquelles que revelarem coisas importantes; os vinte e um condemnados devem ser executados assim como David; o decreto de 9, relativo aos que derem asylo e refugio, não póde ser executado á lettra; promette-se vinte mil francos a quem entregar Didier. »

Foi mister obedecer.

O despacho chegára na noite de 14 para 15, a execução foi destinada para o dia seguinte.

Ás quatro horas da tarde do seguinte dia 15, Mauricio Miard, mancebo de dezeseis annos; João Baptista Alloard, ancião de sessenta e cinco annos; Claudio, Piot, Bellin, Mary, Hussard e Bard, tomavam o mesmo caminho que haviam tomado os seus companheiros e ajoelhavam-se junto do mesmo fosso, ainda tinto do sangue derramado cinco dias antes.

Miard não morreu logo; o pobre moço era tão novo que

não queria morrer; levantou a cabeça no meio dos cadaveres, e segunda descarga o acabou.

No dia seguinte, David morreu no cadafalso.

Pertencendo David á primeira condemnação Buisson e Drevet, pronunciada pelo tribunal prebostal, não tinha direito ao beneficio de ser espingardeado.

O procedimento do general Donnadieu, tão fortemente calumniado pelas folhas liberaes, que não conheciam este profundo mysterio, foi admiravel; não só dirigio ao ministro da guerra uma carta cheia de energia, em que protestava contra esta execução, mas tambem, sabendo que esta conspiração tinha sido toda conduzida pelo conde Drouet-d'Erlon, seu antigo companheiro d'armas, e deque o general estaza escondido em Grenoble em casa um tabellião seu amigo, mandou-o vir para sua casa, e no momento em que o general se julgava perdido, vestio-lhe o fato de um dos seus criados, e fel-o subir á taboa da carruagem de sua mulher, que assim o conduzio para fóra da cidade.

Chegado fóra da cidade, o general d'Erlon, graças a um salvo-conducto que ainda conservava, passado pelo general Donnadieu, chegou á fronteira da Saboya, e assim se salvou.

CAPITULO XXXVIII

O duque d'Orleans, tornado rei, não se esqueceu dos perigos que por sua causa correu o conde d'Erlon, em 1815, em La Fére, e em 1816, em Grenoble: fel-o marechal de França.

Quanto a Didier, escondido por algum tempo nas collinas e nos bosques de Saint-Martin-d'Heres, entendeu que a retirada era pouco segura, e dirigio-se, pela margem esquerda do Isére, ás montanhas que se alongam até Turin, e depois guiado por pobres camponezes que, de noite o gasalhavam e de dia lhes serviam de guias. transpôz a garganta da Coche, situada entre a Saboya e o vale do Isére.

Ahi se reuniram tres dos seus companheiros, proscriptos como elle.

Dussert, Eurif e Cousseux.

Porém logo que se viram reunidos os tres conjurados pediram ao seu chefe uma explicação sobre essa empreza, onde os tinha arrastado em nome do imperador.

Com effeito os fugitivos tinham á sua custa adquirido a prova de que Maria Luiza não estava em Eybaies, como lhe tinham dito, e de que o conde Bertrand, de cuja assignatura Didier se servia, nada era n'esta conspiração.

Então Didier confessou que o trama tinha por fim exaltar o duque d'Orleans ao throno.

— Porém, exclamou Dussert, a França não teria querido o duque d'Orleans!

— Então, respondeu Didier, teriamos proclamado a Republica.

Desde então os tres cumplices de Didier deixaram de se considerar comprometlidos para com um homem que os tinha enganado.

Á noite pararam em Saint-Sorlin d'Arves, pequena aldêa da Maurienne, em casa de um estalajadeiro chamado Balmain.

Didier estava fatigadissimo, e além d'isso soffria horrivelmente de uma ferida que recebera; lançou-se sobre um feixe de palha transformado em cama e adormeceu.

Durif e Dussert ficaram em pé aquecendo-se á chaminé e depois, quando se certificaram de que Didier dormia, fizeram conhecer ao seu hospedeiro quem era o homem que em sua casa tinha recebido, e o preço que valia a sua cabeça.

No dia immediato, ao alvorecer, Durif, Dussert e Balmain sahiam da estalagem.

Didier continuava a dormir; por mais miseravel que fosse a cama em que estava deitado, havia muito tempo que não tinha achado outra tão boa.

Quando acordou não vio na estalagem senão a mulher de Balmain; interrogou-a sobre a desapparição de Durif e de Dussert, e ella começou por balbuciar, depois, impellida pela consciencia, lançou-se-lhe aos pés, dizendo-lhe:

— Fuja, fuja! está trahido!

Estas palavras diziam tudo; esmagado pela fadiga, soffrendo da ferida, com os pés ensanguentados, Didier alevantou-se; e com essa coragem admiravel que nem um segundo o abandonou foi para os bosques visinhos, e guiado por um cabreiro, chegou á garganta de um vale que se abria para a França.

Ahi faltaram-lhe as forças e cahio no chão.

Ahi esteve uma hora; hora terrivel, hora de angustia e de agonia peior do que a que precede a morte, por que era aquella que precedia a perda de toda a esperança; era aquella, durante a qual o condemnado começa por duvidar dos homens e acaba por duvidar de Deus.

Emfim, resignado a tudo, alevantou-se, retomou o caminho de Saint-Sorlin, e chegou diante de uma casa isolada da peqnena aldêa de Saint-Jean d'Arves.

Diante d'esta casa estava uma velha assentada n'um banco, aquecendo-se aos derradeiros raios do sol no seu occaso.

Didier parou ante ella e pedio-lhe hospitalidade.

A velha ergeu a cabeça.

— É aquelle que conspirou contra o rei, disse ella, e que é procurado em todo o paiz?

Didier fixou por um momento os seus olhos penetrantes nas feições da uelha, e atravez das suas rugas buscou inutilmente ler-lhe na physionomia a expressão da compaixão ou do odio.

A physionomia não exprimia senão a atonia da velhice.

Didier tinha as forças exhaustas.

— Pois bem! sou, sim, disse elle, sou Didier; entregueme á justiça se quizer, mas primeiro dê-me pão e uma cama onde esperarei os *gendarmes*.

— Entregal-o! exclamou a velha, não senhor; não ha em todo o paiz senão um miseravel capaz de trahir o seu hospede, esse miseravel é Balmain! Entre.

Didier entrou.

Estava para molhar um pedaço de pão n'uma chavena de leite, quando o dono da casa entrou; perguntou quem era este hospede desconhecido, e Didier disse-lhe o seu nome.

O homem foi menos corajoso do que a mulher, e declarou a Didier que não podia conserval-o em sua casa, por

isso que desde pela manhã a policia piemonteza dava busca por todas as casas do vale.

Ao mesmo tempo, chamou um de seus filhos.

— Venha, disse elle a Didier, este rapaz vae conduzil-o a uma granja isolada no meio dos bosques, e conserve-se ali bem escondido, e todas as noites lhe levaremos comida até que esteja em estado de continuar o seu caminho.

Não havia outro partido a tomar, o perigo ia-se approximando passo a passo.

Didier seguio o filho do seu hospedeiro.

Balmain era quem dirigia os carabineiros piemontezes. que andavam pelas casas em busca de Didier; vindo com elles a Saint-Sorlin, sua mulher vira-se obrigada a confessar-lhe a fuga de Didier e as causas d'essa fuga; furioso por se ter tornado traidor sem receber o premio da sua traição, pozera-se á testa dos investigadores.

Avisinhava-se a noite, o dia deslisára-se em buscas inuteis, quando um de seus filhos, ameaçado por elle, lhe conta que vindo de apascentar o gado, vio de longe *um senhor* conduzido por um rapaz, e que se dirigia para a granja dos bosques.

Esta noticia foi um raio de luz para Balmain; conhecia a tal granja isolada, e sem duvida alguma Didier foi n'ella procurar refugio.

Balmain poz-se a caminho immediatamente levando os carabineiros atraz de si; começava a noite a estender o seu manto, era a hora placida e solemne em que o silencio que se espalha sobre toda a natureza parece mais profundo ainda no meio dos bosques.

Mais tarde, o proprio Balmain contou que, n'essa hora em que o homem se torna mais fraco, como se as trevas fossem ao mesmo tempo um perigo e uma religião, se lhe enfraqueceu o coração por um momento, ao avistar n'um

ponto distante e escuro em outro mais opaco, ao reconhecer a granja em que o desaventurado refugiado dormia sem duvida sob as vistas de Deus, esse guarda dos proscriptos, sentio enfraquecer-se-lhe o animo, passou a mão pela fronte e parou cambaleando.

— Que tem, sr. estalajadeiro, e em que está a pensar? perguntou o official de carabineiros; está perdido, e não sabe que caminho ha de tomar?

— Não, respondeu Balmain, tornando a si por esta voz, buscava meio de cercar a granja de modo mais seguro.

Depois, como por instincto, sentindo allivio em retardar a hora da traição, acrescentou:

— Julgo que seria melhor esperar que sahisse o luar.

— Não, respondeu o official, marchemos.

Não havia que recuar, Balmain dirigio os carabineiros para a granja, fêl-a cercar pelos soldados e entrou com o official e dois carabineiros.

Didier estava deitado sobre a palha e dormia; antes de acordar já estava preso.

Então este homem tão fraco, tão doente, tão desalentado uma hora antes, recuperou instantaneamente toda a sua energia. Caminhou com a cabeça levantada, e elle que viéra para ali quasi de rastos, caminhou depressa para não demorar a marcha d'aquelles que o conduziam.

Fecharam-no na casa do tabellião de Saint-Sorlin.

D'ahi o conduziram a Turin, onde esperou o processo.

Passava-se isto a 17, isto é, dois dias depois d'aquelle em que cahiam espingardeados Miart, Piot, Alloart, Belin, Hussart, Bard e Mary; no dia seguinte áquelle em que fôra executado David.

A 18, Sert, cunhado de Dussert, apresentava-se no palacio da prefeitura de Grenoble, e entregava ao sr. de Montleveau, um certificado do quartel mestre dos carabineiros

em como Didier fôra preso pelos esclarecimentos que elle e o estalajeiro Balmain tinham prestado.

Os vinte mil francos foram por consequencia divididos entre Sert e Balmain.

Didier, entregue pelo Píemonte á França, chegou no dia da Ascensão, ás tres da tarde a Grenoble, conduzido n'uma carruagem, por um official superior de artilheria, um official e um sargento de gendarmeria, e parou no caes do Isère, em frente do palacio Belmont, habitado pelo general Donnadieu.

Uma carta inserta pelo general *na Gazeta dos Tribunaes*, em 1840, dá n'estes termos os detalhes da entrevista:

« Depois de lhe ter mandado servir o jantar passei duas horas a conversar com elle sobre a grande empreza á testa da qual se tinha posto.

« Explicou-me como partira de Pariz, elle decimo setimo dos commissarios enviados para revolucionarem a França, depois de terem assistido a uma reunião de personagens muito influentes, onde recebera instrucções e o dinheiro necessario para as suas operações.

« Assim que Grenoble se achasse occupada, era d'essa cidade que devia partir o signal do movimento geral em toda a França.

« Elle, Didier, marcharia sobre Lyão, onde era esperado no dia immediato ao da occupação de Grenoble, com todo o material de artilharia.

« Disse-me que, se não se sahira bem da sua empreza, fôra pelo accidente providencial que me fizera encontrar o tenente Aribert: que eu devia ser preso por elle ás dez horas e meia precisas; e que elle, ás onze horas, sem falta, estaria senhor da cidade, onde as correspondencias que existiam entre os habitantes e a tropa, lhe asseguravam o bom

resultado do seu projecto; que assistira, na vanguarda, a uma inspecção que eu passára ao batalhão do Hérault; que ali estava com um capitão em actividade, de quem acalmou o ardor, certo como estava, me disse elle, de ter bom resultado, e sobre tudo de evitar a effusão de sangue e a desordem. senhoreando e dominando o movimento.

« Disse-me muitas outras coisas sobre as suas relações em Pariz, que não posso repetir.

« Conduzido da minha casa á prisão, só o tornei o vêr alguns minutos antes dos seus ultimos momentos, na sua prisão, onde fui para lhe perguntar se, n'aquelle instante supremo, teria alguma revelação a fazer.

« Achei-o tão socegado quanto resignado: fallei-lhe do rei, de quem não tinha que se queixar: disse-me então, cheio de commoção, palavras muito memoraveis, tomando por testemunha o Juiz eterno, perante o qual ia comparecer, palavras que, segundo os seus desejos, me appressei a communicar ao rei n'um despacho extraordinario, que deve existir nos archivos; as leis actuaes não me permittem revelal-as.

«Retirei-me cheio da mais dolorosa commoção, lastimando que tão bello caracter, que similhante coragem tivessem sido empregados em fins tão deploraveis. »

O general Donnadieu fez reconduzir Didier á sua prisão e mandou os seus despachos ao rei.

O processo foi curto, Didier não procurou sophismar a sua vida, além d'isso, a derradeira experiencia que dos homens fizera, tinha-o, pelo desgosto, preparado para a morte.

No sabbado 8, pelas nove horas da manhã, compareceu no tribunal prebostal; a defeza foi uma esplendida justificação do seu caracter, nenhum dos altos personagens implicados n'este negocio foi por elle nomeado; defendido pelo sr. Motte, que, na peroração da sua defeza supplicava ao

tribunal que recommendasse o seu constituinte á clemencia do rei, o proprio Didier o interrompeu, e rasgando a folha de um livro, escreveu n'ella:

« Fiz o meu sacrificio, a minha familia saberá fazer o seu.

« Agradeço ao meu defensor as suas generosas palavras, mas peço á justiça que não lhes preste attenção, não peço coisa alguma a el-rei. »

O tribunal retirou-se para deliberar e uma hora depois voltou para pronunciar a sentença de morte.

Didier escutou-a com esse inalteravel socego e serenidade que depois da sua prisão nem por um momento o tinham abandonado.

A execução devia ter logar no dia 10 de julho, ás onze horas da manhã.

Ás nove horas, o general Donnadieu entrou na prisão; queria vêr uma ultima vez Didier, fallar uma ultima vez com esse homem de quem, a seu pezar, tinha formado tão alta opinião.

Quem quizer formar uma idéa exacta d'esta conversação, basta que leia a obra que o general Donnadieu publicou em 1837, sob o titulo de *Velha Europa dos reis e dos povos.*

Ahi se acharão textualmente reproduzidas as phrases seguintes:

O general Donnadieu impellia Didier a fazer declarações, promettia-lhe dilação ou perdão talvez.

Didier sorrio-se tristemente.

— Que lhe hei de confessar, eu que d'aqui a uma hora já não serei d'este mundo; no entretanto diga ao rei que desconfie dos homens que o cercam e que teem dois juramentos na bocca.

Depois acrescentou:

— Diga tambem a el-rei que o seu maior inimigo faz parte da sua familia.

Duas hora depois, Didier fôra prevenido pelo executor de que era chegado o momento de caminhar para o cadafalso.

Levantou-se e poz-se logo a caminho, sem mudar de vestuario.

Trajava calça azul, chambre de fustão branco, e levava na cabeça um barrete de dormir.

O trajecto fez-se a pé; um padre chamado o abbade Toscano, caminhava ao lado d'elle; o seu andar foi socegado, sem pressa, sem vagar, parecia que ia para casa de um amigo e não para o logar da morte.

Chegando ao pé do patibulo, Didier beijou humildemente o crucifixo, fez signal ao padre para que se deixasse estar onde estava, e subio com passo firme os degrâos da plata-fórma; assim que lá chegou, o algoz quiz lançar-lhe a mão, porém elle afastou-o, deitou-se sobre a prancha fatal, murmurou algumas palavras, despedidas ou orações... um segundo depois já não existia.,.

Batiam onze horas e um quarto na egreja de S. Luiz.

N'uma viagem que fiz a Grenoble em 1836, pedi que me mostrassem no cemiterio o tumulo do condemnado de 1816,

Tem esta simples inscripção:

Paulo Didier.

CAPITULO XXXIX

As conspirações succediam-se rapidamente: pode-se vêr na admiravel obra de Luiz Blanc, a quem não se póde censurar senão ser um tanto systematico, a historia do carbonarismo; talvez que um dia tenhamos occasião de escrever mais largamente de que hoje o podemos fazer, a historia d'esta epocha, e de acrescentar alguns novos documentos áquelles que nos dá o proscripto de 15 de maio e de 13 de julho; por agora, contentar-nos-hemos com indicar estas conspirações.

Depois da conspiração de Didier, seguio-se a de Pleignies, Tolleron e Carbonneau, depois a do Alfinete Preto, do Petardo, do Coronel Caron, de Berton e dos quatro sargentos da Rochella, que foram executados no mesmo dia em que houve uma festa nas Tuileries, em cujas paredes no dia seguinte se lia este distico:

> Querendo ao rei Luiz dar duas festas.
> Na Grève degolam, dançam no paço.

. . . .

Seguio-se a conspiração Louvel, que sortio effeito porque não tinha cumplices.

Acha-se a respeito d'esta conspiração, que se liga á nossa historia pela mudança que a morte do duque de Berry operava na fortuna do duque d'Orleans, uma anecdocta singular nas *Memorias historicas da policia.*

Dois ou tres dias antes do assassinato na praça Louvois, Luiz XVIII, segundo o archivista Peuchet, mandou chamar o sr. Decaze muito antes da hora em que o costumava receber.

Assim que este chegou ao palacio, foi logo conduzido á presença de Luiz XVIII (conforme o dizer das *Memorias* que citamos), o qual lhe ordenou que descesse á egreja subterranea de Sancta Genoveva, e que lhe trouxesse o objecto que encontrasse sobre o tumulo do cardeal Caprara.

A commissão era singular, porém Luiz XVIII tinha ás vezes caprichos singulares, e o favorito conhecia melhor do que ninguem o genio um tanto caprichoso do rei; obedeceu e trouxe-lhe um fragmento de alabastro oriental; foi a unica coisa que achou sobre o tumulo designado.

Com grande espanto seu, Luiz XVIII mostrou-se satisfeito.

— Agora, disse o rei, depois de haver examinado o fragmento com a mais escrupulosa attenção, mande alguem á bibliotheca buscar as obras in-folio de Sancto Agostinho, edição de 1669, e no tomo VII, entre as paginas 404 e 405, ha de achar-se uma folha de papel. D'essa folha de papel é que eu preciso: comtudo para maior segurança mande trazer não a folha, mas o volume.

O duque Decaze offereceu-se para executar esta ultima commissão como fizera com a primeira, porém Luiz XVIII suspendeu-o, dizendo-lhe que as duas mensagens não podiam ser desempenhadas pela mesma pessoa.

O ministro contentou-se pois em enviar um dos seus secretarios á bibliotheca real; um quarto de hora depois o volume indicado estava na mão do rei que, entre as paginas 404 e 405, achou com effeito a folha de papel apontada.

O rei agradeceu ao seu ministro, e despedio-o com a mão.

O sr. Decaze sahio.

O rei, ficando só, tirou de uma carteira outra folha de papel cheia de caracteres sem ordem, e applicando sobre esta ultima o que tinha achado dentro do livro, conseguio então, com auxilio de certos golpes dados na folha de papel sobreposta, ler a phrase seguinte:

« Rei, ės trahido pelo teu ministro e pelo p... p... de t.. s...; só eu te posso salvar. »

Mariani. »

No dia seguinte toda a policia andava inutilmente em busca do sobredito Mariani.

No domingo seguinte, Luiz XVIII achou no seu livro de missa um bilhete assim concebido:

«Surprehenderam-me o que estava escrevendo, andam em minha procura: apressa-te a fallar-me se queres evitar grandes desgraças na tua casa. Saberei se queres receber-me por meio de tres obreias que pregarás interiormente nos vidros da janella do teu quarto de dormir. »

O rei hesitou; o signal não foi dado, e na mesma noite rebentou em Pariz esta terrivel nova: o duque de Berry foi assassinado!

Cumpre-nos dizer que na nossa profunda convicção, e na de todo o coração honrado, o duque d'Orleans foi completamente estranho a esta sanguenta catastrophe; uma amisade profunda, real, uma amísade de que pessoalmente tive exuberantes provas, que apresentarei em tempo e logar opportuno, ligava a duqueza d'Orleans a sua sobrinha, a duqueza de Berry.

O duque d'Orleans estava na Opera na mesma noite em que o duque de Berry foi assassinado, a 13 de fevereiro de 1820; sua mulher e sua irmã reconduziram a duqueza

de Berry a sua casa; o duque entrou no Palais-Royal repassado de dôr.

Um mez depois os periodicos annunciavam officialmente a gravidez da duqueza de Berry.

Hoje que as paixões que agitavam esta epocha estão acalmadas, nenhuma duvida resta, excepto nos animos perversos, da realidade d'esta gravidez, porém assim não aconteceu n'esta epocha, e ouvimos dizer mui seriamente a homens serios e desinteressados na questão, que o duque de Bordeaux, cognominado por Alexandre, o Filho da Europa, era um filho substituido.

A singular inepcia dos periodicos officiaes que contaram os detalhes do parto não contribuiram pouco para dar voga a uma cantiga, muito cantada n'essa epocha, a qual falsamente attribuida a Béranger, lhe chamava uma *Pellotica*.

Por maior que fosse a dôr que sentisse o duque d'Orleans, presenciando quasi o assassinato do principe, seu primo, é certo que, depois de morto o principe, o duque no socego da sua consciencia, na innocencia do seu coração devia naturalmente pensar com prazer na differença que esta catastrophe produzia na sua posição.

A corôa em que havia duzentos annos tinham a mira os d'Orleans, a corôa que esteve quasi sendo herança do regente, já não podia escapar, senão ao duque d'Orleans que podia morrer primeiro do que o duque d'Angoulême, ao menos a um dos seus tres filhos.

A noticia da gravidez da duqueza de Berry achou-o pois irritado, e o seu parto encontrou-o incredulo.

Negou a realidade do parto.

Quem teria então dito ao principe que doze annos depois faria de uma maneira tão cruel provar, em Blaye, o terceiro parto official d'esta pobre princeza?

O duque d'Orleans, desappossado da corôa e abalado na

sua convicção por uma burla, protestou no *Morning-Chronicle*, o qual em novembro de 1820 inserio o protesto seguinte, datado de 30 de setembro do mesmo anno.

Protesto de S. A. S. o sr. duque d'Orleans contra o nascimento do sr. duque de Bordeaux.

« S. A. R. declara pelo presente que protesta formalmente contra o auto datado de 29 de setembro ultimo, em que se pretende estabelecer que o menino chamado Carlos-Fernando-Deodato é filho legitimo de sua alteza real, a sr.ª duqueza de Berry.

« O duque d'Orleans apresentará em tempo e logar opportuno as testemunhas que podem fazer conhecer a origem do filho e da mãe, apresentará os documentos necessarios para tornar manifesto que a duqueza de Berry ficou gravida pela morte do seu infeliz esposo, e indicará os auctores do trama de que esta mui fragil princeza foi instrumento.

« Em quanto não chega o momento favoravel para desmascarar esta intriga, o duque d'Orleans não póde deixar de chamar a attenção sobre a scena phantastica que, segundo o sobredito auto foi representada no pavilhão Marsan. »

O *Journal de Paris*, que todos sabem que é um periodico confidencial, annunciou a 20 de agosto, ultimo, o proximo parto nos termos seguintes :

« Pessoas, que teem a honra de ter entrada em casa da princeza, nos asseguram que o parto de S. A. R. não terá logar senão de 20 para 28 de setembro.

« Quando chegou o dia 28 de setembro, o que se passou nos aposentos da duqueza ?

« Ás duas horas da noite de 28 para 29, todos no palacio estavam deitados, e as luzes achavam-se apagadas ; ás

duas e meia, a princeza chamou, porém a dama Vathaire, sua primeira criada grave, e a dama Lemoine, sua criada particular, estavam ausentes, e o sr. Deneux, parteiro, tinha-se despido.

« Então a scena mudou: M.ma Bourgeois accendeu uma luz, e todas as pessoas que entraram no quarto da duqueza viram uma creança que não estava ainda desprendida de sua mãe.

« Mas como estava collocada essa creança?

« O medico Baron declara que vio a creança ainda não solta de sua mãe.

« O cirurgião Bonhon declara que a creança ainda estava presa pelo cordão umbilical.

« Estes dois facultativos sabem quão importante é não explicarem mais particularmente a fórma porque a creança estava.

« A sr.a duqueza de Reggio faz a declaração seguinte:

« Fui immediatamente informada de que S. A. R. se achava com as dores de parto. Dirigi-me logo ao seu quarto, vi o recem-nascido sobre a cama e não solto ainda de sua mãe.

« Então a creança estava sobre a cama, a duqueza sobre a cama, e o cordão umbilical estava introduzido debaixo da roupa?

« Notem o que observára o sr. Deneux, parteiro, o qual ás duas horas e meia foi advertido de que a duqueza sentia as dores do parto, que correu immediatamente ao quarto d'ella, sem ter tempo para se vestir inteiramente, que a achou na cama e ouvio chorar a creança.

« Notem o que diz M.ma de Goulard que, ás duas horas e meia, foi informada de que a duqueza estava com as dores de parto, que immediatamente se dirigio para o quarto e ouvio chorar a creança.

« Notem o que vio o sr. Franque, guarda do corpo de *Monsieur*, que estava de sentinella á porta de S. A. R. e que foi a primeira pessoa informada do acontecimento por uma dama que lhe pedio que entrasse.

« Notem o que vio o sr. Lainé, guarda nacional, que estava de sentinella á porta do pavilhão Marsan; foi introduzido no quarto da duqueza, onde não estava senão o sr. Deneux e outra pessoa, e no momento em que entrou, observou que a pendula marcava duas horas e trinta e cinco minutos.

« Notem o que vio o medico Baron, que chegou ás duas horas e trinta e cinco minutos, e o cirurgião Bougon que chegou alguns instantes depois.

« Notem o que vio o marechal Sachet, que estava alojado por ordem do rei no pavilhão de Flora, e que, ao primeiro aviso de que S. A. R. sentia as dores de parto, se dirigio a toda a pressa ao quarto, mas só chegou ás duas horas e quarenta e cinco minutos, e que foi chamado para assistir ao corte do cordão umbilical alguns minutos depois.

« Notem o que deve ter sido visto pelo marechal de Coigny, que estava alojado nas Tuileries por ordem do rei, e que foi chamado quando S. A. R. se achava partejada, que se dirigio á pressa ao seu quarto, mas que chegou um momento depois do corte do cordão umbilical.

« Notem emfim o que foi visto por todas as pessoas que foram introduzidas no quarto desde as duas e meia até no momento do corte do cordão umbilical, que teve logar alguns minutos depois das duas horas e tres quartos.

« Mas onde estavam então os parentes da princeza durante esta scena, que durou pelo menos vinte minutos?

« Porque razão, durante tão longo espaço affectaram abandonal-a ás mãos de pessoas estranhas, de sentinellas e de militares de todas as patentes?

« Este abandono não é precisamente a prova mais completa de uma fraude grosseira e manifesta?

« Não é evidente que depois de terem arranjado a peça, se retiraram ás duas horas e meia, e que mettidos n'um quarto proximo, esperaram o momento de entrarem em scena e de representarem os papeis que cada um d'elles tinha tomado?

« Vio-se nunca quando uma mulher, seja de que classe fôr, que está para ter o seu successo, de noite, estarem as luzes apagadas e as criadas a dormir?

« Vio-se nunca que á mulher mais especialmente encarregada de tractar da parturiente, se affastasse, que o parteiro se despisse, que a sua familia que habitava na mesma casa, estivesse mais de vinte minutos sem dar signal de vida?

« S. A. R. o duque d'Orleans está convencido de que a nação franceza e todos os soberanos da Europa sentirão todas as consequencias d'esta fraude tão audaciosa e tão contraria aos principios da monarchia hereditaria e legitima.

« Já a França e a Europa foram victimas da usurpação de Bonaparte. Certamente, uma nova usurpação da parte de um falso Henrique V traria as mesmas desgraças sobre a França e sobre a Europa.

« Feito em Pariz aos 30 de setembro de 1820. »

Já se vê que este protesto havia de fazer bulha nas Tuileries; o duque d'Orleans ahi se apresentou immediatamente, desmentio-o e protestou contra elle; em 1830, não só o confessou, mas até o mandou inserir nos periodicos officiaes.

CAPITULO XL

Comtudo a Europa momentaneamente affastada pela França da questão do progresso universal, mettia a passo e preparava ou fazia as suas revoluções parciaes, que deviam pouco a pouco substituir os governos absolutos; a Hespanha, Portugal, a Sicilia, o Piemonte, a Allemanha, estavam em ebullição; de todos os lados os soberanos sentiam tremer a terra e abalarem-se os thronos.

Subito despertou a Grecia.

A França tinha tão grande precisão de se apaixonar por uma insurreição qualquer, que se apaixonou pela insurreição grega.

N'este meio tempo, foi decidida a campanha de Hespanha, e o duque d'Angoulême tomou o commando do exercito que devia intervir.

Á medida que o ramo primogenito se precipitava na reacção, o duque d'Orleans aproveitando o caminho que abriam, dava penhores á opinião liberal.

Ligava-se cada vez mais com Benjamin Constant, Manuel Laffite, Estanisláo Girardin, o duque d'Auberg e Foy, sustentaculos do partido liberal.

Eu mesmo devo a minha entrada em casa do principe, entrada que fiz sob a protecção do general Foy, ao titulo de filho de um general republicano.

Finalmente era a epocha em que todos representavam o seu papel na famosa comedia de quinze annos; estava-se

no fim do segundo acto, e os homens dotados de sagacidade podiam d'ante-mão prevêr o desenlace.

— Em eu sendo rei, bem sei que é um sonho, dizia um dia o duque d'Orleans ao sr. Laffiitte, mas emfim em sendo rei, que quer que faça em seu beneficio?

— Nomear-me-ha seu bobo, respondeu o sr. Laffite, bobo do rei afim de poder dizer-lhe as verdades.

— Boa lembrança, respondeu Luiz Philippe.

E com os olhos fechados procurava vêr os contornos sumidos d'essa mysteriosa região em que se perdia em esperança, a que se chama futuro.

N'outro dia meio deitado n'um canapé do palacio Laffite, e tendo junto de si o banqueiro confidente, disse:

— Se algum dia vier a ser rei, teria o mais profundo pezar, se chegasse a suppor que a isso me decidio a ambição ou o interresse pessoal. Consistiria a minha maior felicidade em que a França fosse o paiz mais livre do mundo; os povos, meu caro Laffite, se odeiam os reis, é porque os reis os enganaram.

Voltando-se depois para Manuel:

— No entretanto, accrescentava elle como duvidando de si mesmo, e com um certo sorriso que lhe era particular, no entretanto se me levarem ao throno, bem tolos serão se não tomarem as suas precauções amarrando-me.

O sr. Laffite recrutava por toda a parte a causa orleanista; um dia que elle conversava com Royer Colard e Benjamin Constant, que ainda não estavam alliciados, disse:

— Por mais que diga, isto não póde acabar de outra fórma senão pondo no throno o sr. duque d'Orleans.

— O duque d'Orleans, disse Royer Collard, sempre sceptico e espirituoso, safa! ainda não está enfastiado!

— O duque d'Orleans é Bourbon, accrescentou Benjamin Constant com desconfiança.

— Pois sim, bem sei, murmurou Laffite com ar pezaroso, mas porventura se parece elle com os Bourbons? Ainda esta manhã me repetio o que acábava de dizer a Luiz XVIII: « Se quereis perder-vos, não estou obrigado á seguir-vos. » Além d'isso, acrescentou o banqueiro optimista, se é Bourbon, não se póde fazer Valois? Thiers diz que é possivel.

Esta ultima proposição explica os papeis que appareceram affixados nos dias 4 e 5 de agosto de 1830, em que se annunciava á população pariziense que o duque d'Orleans era Valois e não Bourbon.

Singulares historiadores que preferiam Henrique III á Luiz XVI, Carlos IX a Luiz XV, Francisco II á Luiz XIV, Henrique II a Luiz XIII, e Francisco I a Henrique IV!

Porém julgavam não ter nada feito em quanto não conquistassem o sr. de Talleyrand, o qual, como já vimos no processo de Didier, estava conquistado depois da sua sahida do ministerio, por isso o sr. Laffite, encontrando-o um dia no Palais-Royal, chamou-o de parte e disse-lhe para se tirar de duvidas:

— O que existe desapparece; se em logar do que desapparece tivermos a republica, ficam perdidos; se tivermos o imperio, são espingardeados, só o duque d'Orleans os póde salvar; querem fallar n'este negocio? Nem vós nem eu devemos obrar como cabos de esquadra; bem sei que para ganharmos a partida precisámos de todos os matadores, pois havemos de têl-os; officiaes, soldados, operarios, tudo está prompto, vós, eu e elle. Se lhe fallar, está o negocio feito.

— Como assim, vejamos?

— Oh! é bem simples: tres milhões, dois regimentos, doze mil operarios de roda da Camara, *viva o duque d'Orleans;* vós n'uma tribuna, eu n'outra, e os primogenitos descampam.

O principe sem responder olhava para Laffite que continuou:

—Nem uma gotta de sangue, nem uma prisão, nem uma loja fechada, ámanhã todos trabalham e passeiam como se nada tivesse havido; é uma revolução primorosa.

—Bem, veremos, disse o principe.

O sr. de Talleyrand fallou com effeito com Luiz Philippe, mas a similhante respeito o sr. de Talleyrand e Luiz Philippe não tinham mais que dizer havia muito tempo.

N'aquella occasião não se fez nada do que desejava o sr. Laffite. O sr. Sarrans, que contava a anecdota, diz que foi por causa dos tres milhões que era necessario desembolsar, e nós julgamos que foi por os dois conspiradores não julgarem a hora ainda chegada.

Luiz Philippe deveu a maior parte da sua força a *saber esperar*.

N'este meio tempo morreu Luiz XVIII.

Na vespera da sua morte, assentado n'essa grande poltrona que, havia muito, não deixava. acercado dos principes da sua familia, dos grandes dignitarios do Estado, e dos seus familiares, que choravam e se desviavam para esconderem as lagrimas, mandou que lhe trouxessem o duquezinho de Bordeus, fragil esperança d'essa monarchia tantas vezes abalada por tão terriveis golpes.

Dirigio-se então a seu irmão, disse-lhe:

—Meu iımão, bordejei entre os partidos como Henrique IV, e a elle me avantajo em morrer na minha cama, nas Tuileries; opre como eu, e chegará a este fim de paz e de tranquillidadade; perdôo-lhe os desgostos que me tem causado como principe, pela esperança que faz nascer no meu espirito o seu futuro proceder de rei.

Depois acrescentou com um olhar melancholico; estendendo a mão sobre a cabeça de seu sobrinho:

— Meu irmão, tenha bastante cuidado na corôa d'este menino.

No dia seguinte morreu.

Luiz XVIII dissera a verdade, o seu reinado, como a passagem do Piloto, de Cooper; no Devil's Gripp, não fôra senão uma navegação por entre cachopos.

Era comtudo o caracter de que carecia a situação.

Canteloso, dissimulado, sem força, de instrucção falsa, sem coração, implacavel, Luiz XVIII em todo o curso do seu reinado não teve uma amisade real, nem um impulso de sensibilidade verdadeira, nem um erro sympathico; os seus favoritos, o duque Decaze, M.ma de Cayla, do sr. de Avaray, foram os escolhidos do seu egoismo, e não da sua affeição; proscripto durante vinte e tres annos, o seu orgulho não quiz acceitar essa proscripção de que fez um reinado *in partibus*.

Napoleão que elle negava, datando o seu reinado do dia da morte de Luiz XVII, deu lhe um terrivel signal de existencia no dia 23 de março de 1814:; esta queda em que elle todavia podéra ter visto as pequenas raizes que os Bourbons tinham lançado em França, não foi para elle mais do que meia lição: se bordejou, como diz nas suas ultimas palavras a seu irmão, não foi por intelligencia, mas por gostar mais da linha curva do que da linha recta, por proferir as travessas ás ruas direitas, cada concessão que fez desde o ministerio Chateaubriand, fêl-a não por uma apreciação mas por uma exigencia.

Um só dito basta para fazer conhecer o homem e o rei: na sua fuga com o duque d'Avaray, fuga parallela á de Varennes, recebido por uma pobre viuva, agasalhado por uma mulher que arriscou a sua cabeça e despendeu o seu ultimo luiz para lhe dar de jantar, que recordação julgam que elle conservou d'esta dedicação?

— O jantar era detestavel, disse elle.

Quando appareceu o pequeno volume que contém a descripção d'esta fuga, foi unanime o sentimento de repulsão que inspirou.

— Se é do rei, diz um celebre aristarco da epocha, está acima de toda a critica; se não é do rei está abaixo d'ella.

Aquelle que lhe succedia recebera da natureza, não diremos da educação, porque da educação nada recebera, um caracter inteiramente opposto, era generoso até á prodigalidade, religioso até á beatice, gentilhomem até á cavallaria, teimoso como todas as naturezas fraças que persistem, porque tendo-lhes custado a tomar uma resolução, não se querem dar ao incommodo de tomar outra.

Todavia era bom principe, amigo fiel, desejoso de praticar o bem, mas não via o bem onde estava, era leviano, futil, esquecido: o que tanto mais fazia sobresahir a unica memorias a memoria que tinha do coração.

Logico na idéa instinctiva que formára da monarchia, convencido da solidariedade que existe entre o altar e o throno, devoto fervoroso como a maior parte dos libertinos envelhecidos, Carlos X quiz combater depois de sessenta annos a obra do sr. de Choiseul.

Não só os jesuitas expulsos pelos parlamentos foram tolerados pelas camaras, mas até mesmo lhes foi confiada a educação da mocidade, tanto quanto estava no poder da realeza.

Por toda a parte se viam erguer e florescer os seus estabelecimentos, em Billon, em Montrouge, em Saint-Acheul; em Sanct'Anna d'Auray, em Bordeus.

Além d'isso espalharam-se missões por todas as estradas de França, cada aldêa teve a sua cruz expiatoria, que quasi sempre se erguia no logar de alguma arvore da liberdade derribada: emfim o *Miserere*, vasto cantico de dôr, se ale-

vantou da superficie da França, e subio lamentosamente para o céo.

Os francezes gostam de cantar, mas não vesperas; o cantochão parece-lhes monotono, e preferem ao *Deus iræ*, *o Deus da boa gente*, e ao *Kyrie eleison*, *o Velho Soldado;* Béranger ganhou reputação, e Debreaux popularidade.

O duque d'Orleans com o seu olhar fino, espirito sagaz comprehendia que, visto que aquelles se iam perdendo, era mister para colher bom resultado, fazer o contrario do que elles faziam.

Mandou os seus filhos ao collegio de Henrique IV, e não desprezou uma occasião de cobrir senão com a sua protecção ao menos com a sua sympathia, os perseguidos pelo poder.

Por isso os articulistas da Restauração lhe pagavam em dinheiro de contado o preço da sua opposição.

Escutem Paulo Luiz Courrier:

« A mocidade cresce entre nós e comsigo vê crescer os principes.

« Digo que crescem com ella e bem sei o que digo.

« Nossos filhos, mais felizes do que nós, vão conhecer os seus principes creados com elles, e d'elles serão bem conhecidos.

« Ahi está o filho mais velho do duque d'Orleans, sei isto de boa parte e affiança-lh'o com mais certeza do que se todas as gazetas lh'o dissessem; ahi está o duque de Chartres no collegio de Pariz, coisa muito simples, dirão, se está na edade de estudar, simples, sem duvida, mas nova para as pessoas d'esta classe.

« Ainda ninguem vio principes no collegio, este depois que ha collegios e principes, é o primeiro que é educado d'esta sorte, e aproveita do beneficio da Instrucção publica e commum; e de tantas novidades, que teem apparecido

em nossos dias, esta não é d'aquellas que menos deve surprehender: um principe estudar, ir á classe, um principe ter camaradas.

Os principes até aqui haviam tido servos e nunca outra escola senão a da adversidade, cujas rudes lições eram muitas vezes perdidas.

«Isolados de toda a verdade, ignorando as coisas e os homens, nasciam, morriam nos laços da etiqueta e do ceremonial, sem terem visto senão o rebique e as côres postiças; caminhavam sobre nossas cabeças, e não avistavam senão quando por acaso cabiam.

« Hoje, conhecendo o erro que os separava das nações, como se a chave de uma abobada, para usar d'esta comparação, podesse estar fóra d'ella e sem se prender a ella, querem vêr os homens, saber o que se sabe, e não ter precisão de desgraças para se instruirem.

« Tardia resolução, que, só mais cedo tivesse sido tomada, quantas faltas lhe teria poupado a elles, e quantos males nos teria poupado a nós!

O duque de Chartres no collegio, educado christã e monarchicamente, e penso que tambem um tanto constitucionalmente, cedo aprenderá o que por nossa desgraça ignoravam seus avós; e não quero dizer que a côrte quizesse tirar aos principes o latim, mas tirava-lhes essas simples noções de verdades communs, noções que lhes evitariam errar á nossa custa!

« Acabar-se-hão as *dragonadas* e os S. Bartolomeu quando os reis, creados no meio dos seus povos, fallarem a mesma lingua, se entenderem com elles, sem interprete nem medianeiro, acabar-se-ha e *jacqueria*, acabar-se-hão as ligas e as barricadas.

« Os herdeiros dos thronos hão de sem duvida aproveitar do exemplo que lhes dá o joven duque de Chartres, exem-

plo tão feliz como novo! Que de mudanças, que de transtornos foram precisos para levarem a isto este joven!

« E que diria o grande rei, Luiz o Soberbo, que não pôde soffrer confundidos com a nobreza do reino nem os seus bastardos, tal era o temor que tinha de envilecer a menor parte do seu sangue! Que diria este archetypo do orgulho monarchico se visse nas escolas, com todos os filhos da raça sujeita, um dos seus segundos sobrinhos, e disputar os premios, ora vencedor, ora vencido: jamais, segundo dizem, favorecido nem lisonjeado por qualquer fórma, coisa admiravel para o mesmo collegio, (porque, onde é que não entra a peste da adulação!) acreditavel todavia se pensarmos que a publicidade dos tribunaes torna a injustiça difficil, que entre si os estudantes usam de pouca complacencia, e cedem a honra com pouca vontade, por que ainda não estão affeitos aos fingimentos que fóra d'elles se chamam deferencias, attenções, e que produzem o horror pela verdade.

« Ali, pelo contrario, tudo se diz, todas as coisas teem o seu verdadeiro nome, e o mesmo nome para todos; ali, tudo é materia de instrucção, e as melhores lições não são as dos mestres.

Não ha nenhum abbade Dubois nenhum Meniers, ninguem emfim que diga ao principe: Tudo é vosso; podeis tudo; é a hora que vós quizerdes que seja.

« N'uma palavra, o ruido que além se alevante, é o dos estudantes, das creanças da edade do seu condiscipulo duque de Chartres; sem differença, sem distincção, e os filhos de banqueiros, de negociantes, de juizes não teem nenhuma vantagem sobre o principe, mas quando elle d'ahi sahir, muita supremacia terá sobre todos quantos não tiveram recebido esta educação do que a das escolas, nem peior do que a das côrtes. »

Certamente n'esta epocha similhante elogio não deixava de ter valor: bem o sabia o habil discipulo de M.^ma^ de Genlis, e era com taes paginas na mão que elle refutava detractores, que sobre outro que não fosse elle teriam tido influencia fatal.

O que sobre tudo fazia mal ao sr. duque d'Orleans era o seu genio demandista e parcimonioso.

O duque d'Orleans nomeára um conselho para si entre os melhores advogados de Pariz; porém, na realidade, era elle que aconselhava o seu conselho.

Todas as memorias assignadas por Dupin eram não só inspiradas mas até mesmo muitas vezes redigidas pelo principe.

No numero dos processos, promovidos pelo principe, havia um contra o duque de Baseano, que teria em qualquer outra posição despopularisado a propria popularidade.

Em 1815, Maret recebera de Napoleão a titulo de deposito de penhores certo numero de acções de canaes provenientes do apanagio d'Orleans.

O meio que Luiz Phillippe fez valer foi que não sendo o governo imperial senão um governo *de facto*, senão um governo illegitimo, este governo não tinha direito para dispor d'estas acções.

O duque d'Orleans ganhou a sua demanda perante os juizes, mas perdeu-a na opinião publica.

Outra demanda mais grave ainda se ligava ao mesmo tempo.

Dizemos mais grave, porque se pleiteava n'um tribunal mais elevado do que os outros; queremos fallar das pretenções de Maria Stella, de quem dissemos algumas palavras no começo d'esta historia.

CAPITULO XLI

Corria o anno de 1825 quando Maria Stella veio a Pariz com uma sentença do tribunal de Faenza, datada de 29 de maio de 1824, que estabelecia como facto que ella não era filha do carcereiro Chiappani, mas sim do conde de Joinville.

Esta accusação, por mais falsa e absurda que fosse, inquietava todavia o principe a ponto que respondeu por uma Memoria ás Memorias da baroneza de Sternberg, *Joinville de nascimento.*

Esta Memoria levou-me pela primeira vez, como empregado da secretaria, á presença do sr. duque d'Orleans.

O sr. duque d'Orleans, depois de me ter em 1823, pela recommendação do sr. general Foy, concedido um logar de mil e duzentos francos na sua secretaria, nunca mais tractou de mim, e bem natural teria sido elevar-me um anno depois este vencimento a mil e quinhentos francos.

Todavia como nada passava desapercebido ante este espirito investigador notára, entre os papeis que lhe mandavam á assignatura, alguns escriptos por mão desconhecida.

A letra parecera-lhe boa, facil de ler, correcta, perguntára o nome do novo amanuense, e tinham-lhe respondido que era o protegido do general Foy, o filho do general Alexandre Dumas.

Depois d'isto vieram muitas minutas ao sr. Oudard, chefe da nossa secretaria com estas palavras da mão do principe:

« Para serem expedidas por Dumas. »

Quando o duque d'Orleans tractou de refutar as Memorias da baroneza Sternberg, desejou dictar *as notas* a alguem, e, como dissemos, estas notas eram o verdadeiro original; desejou, digo, dictar a alguem as notas de que o sr. Dupin devia tirar a substancia para o seu arrasoado.

Pedio um amanuense para escrever sob o seu dictado. Como sabiam a predilecção que elle tinha pela minha letra, escolheram-me a mim.

Achei-me pois pela primeira vez em frente do principe.

Nas suas relações de familia ou domesticas, o duque de Orleans não tinha nada de imponente, mas em desforra era impossivel ser mais affavel, mais lhano, parecia um banqueiro espirituoso no dia em que uma especulação lhe sáhe bem.

Fui pois bem recebido por elle, animado com a voz e o gesto, e como se apercebesse de que a minha mão tremia algum tanto, indicou-me a meza, e antes de me empregar na missão séria que me valia a honra d'este contacto real, indicou-me uma ou duas cartas para pôr a limpo e fechar.

O duque d'Orleans tinha em si o seu tanto de professor, gostava de demonstrar, era mesmo nas pequenas coisas amigo de estabelecer a sua superioridade.

Apressemo-nos a acrescentar que demonstrava bem, e que juntava sempre o exemplo ao preceito.

O duque d'Orleans sabia senão tudo, ao menos um pouco de tudo.

N'este dia, demonstrou me a maneira de dobrar os sobrescriptos e de os fechar.

Se o duque d'Orleans tinha a pretenção de ser um bom professor, eu tenho a de ser um bom discipulo: mui desgeitoso no dia em que a lição que me foi dada, tornei-me mais tarde de uma força superior nos sobrescriptos, quer quadrados, quer inglezes, e sobre tudo em pôr os sellos coisa mais difficil de fazer do que se julga, e a que o du-

que d'Orleans, homem de ordem e de aceio, ligava grande importancia.

Por isso devo confessar com toda a humildade da minha alma, foi a unica coisa pela qual teve pena de mim quando depois de rei, acceitou a minha demissão.

— Pois vae-se! deixa-me! exclamou elle: que pena! fechava tão bem uma carta!..

Foi a minha oração funebre; acrescentemos que durante mais de um anno, o meu nome se conservou inscripto nas relações dos seus empregados e que tinha a concessão para voltar quando quizesse.

O nome só foi riscado em 1833, na epocha em que publiquei *Gallia e França.*

Voltemos ao dia em que comecei o meu tirocinio.

O duque d'Orleans, perfeitamente affavel como era sempre, começou pois a dictar-me a sua Memoria.

Era uma refutação completa e perfeitamente logica, mesmo no ponto de vista demandista, de todas as asserções da baroneza de Sternberg.

Já se vê que não conto tudo isto para dizer pura e simplesmente ao publico que tive a honra de escrever sob o dictado do principe, mas para contar ao leitor um facto caracteristico.

Na resposta do duque ao libello de Maria Stella, havia no meio das provas de legitimidade dadas por elle, esta phrase:

« E quando só houvesse essa similhança notavel que existe entre o sr. duque d'Orleans e o seu augusto avô Luiz XIV. »

Era eu n'essa epocha mais franco em historia do que o sou hoje, de sorte que este facto do sr. duque d'Orleans, fez-me, sem eu querer, levantar vivamente a cabeça.

Elle conheceu o meu espanto, e com um sorriso acompanhado de um leve franzir de sobrancelhas, disse:

— Sim, sr. Dumas, *de seu augusto avô Luiz XIV*, ainda que não descendesse de Luiz XIV senão por bastardia, é, *ao menos aos meus olhos*, uma honra muito grande para que eu deixe de ter por ella grande vangloria.

Em vista d'esta resposta, é permittido acreditar que o duque d'Orleans ignorava que os srs. Thiers e Laffite quizessem fazel-o descender dos Valois.

Aconteceu ás pretenções de Maria Stella, menos a prisão, o que tinha acontecido ás de Mathurino Bruno.

Fallou-se n'ellas por um momento, depois nunca mais se tractou d'isso, e deixaram a baroneza de Stérnberg dar em paz a comida a todos os pardaes das Tuileries, unicos cortezãos da sua solidão, e que por muito tempo depois da sua morte, que teve logar em 1845, ainda povoavam a varanda que se estendia, na rua de Rivoli, diante das janellas do seu quarto.

Voltemos aos acontecimentos politicos de que nos desviou por um instante esta vista d'olhos que lançamos sobre a vida privada.

Depois da morte de Luiz XVIII, Carlos X, principe cavalleiro, quiz ser sagrado segundo as usanças dos seus ascendentes: a Luiz XVIII, principe sceptico, bastára a consagração de quinhentas mil bayonetas.

Foi no mez de maio de 1825 que Carlos X foi sagrado, e foi por essa occasião, segundo creio, que o duque d'Orleans recebeu o titulo de alteza real, sempre por elle ambicionado, e tão inutilmente sollicitado durante o reinado de Luiz XVIII.

Quasi ao mesmo tempo o duque d'Orleans tomou posse de uma somma de dezeseis milhões, que lhe foi expressamente abonada como indemnisação do milhar de milhões dos emigrados.

Gritou-se muito, porque o duque d'Orleans já tinha toma-

do posse dos seus bens pela munificencia de Luiz XVIII, porém o duque d'Orleans deixou gritar.

A popularidade de Laffite, de Lafayette, de Foy, de Manuel, e de Paulo Luiz Courrier servia de salvaguarda á sua popularidade.

O duque d'Orleans com effeito era de tal modo economico que chegava a ser avaro; sem duvida os habitos que vamos aqui consignar foram habitos contrahidos nos dias de desgraça e de exilio.

Diremos mais, talvez que para qualquer outro que não fosse um principe que tinha seis milhões de renda, talvez mesmo que para esse principe carregado de numerosa familia esta economia fosse uma virtude; porém, com razão ou sem ella, lembramo-nos que não era olhada como tal, e que ere um dos defeitos de que os seus inimigos o censuravam, sem que essas censuras, acerbas que fossem, tivessem podido nunca corrigil-o.

Em casa do duque d'Orleans quasi todas as coisas precisas para o consumo diario estavam ajustadas por determinadas quantias com differentes individuos; quem fornecia a comida era um tal Uginet, a quem davam doze mil francos por mez, cento e quarenta e quatro mil francos por anno, abatendo d'esta quantia a caça que vinha duas vezes por semana das numerosas mattas do sr. duque d'Orleans, e aquella que sobrava era vendida a Chevet pelo despenseiro.

Todas estas contas eram revistas, annotadas e approvadas pelo sr. duque d'Orleans.

Um dia passando-as á limpo, achei esta nota escripta pela propria mão do principe.

« Quatro soldos de leite para M.ma Dolomieu. »

A duqueza seguia este exemplo.

O sr. Oudart, seu secretario. repassava as sommas, mui-

tas das quaes eram feitas nos roes da roupa da lavadeira, escriptos pelo proprio punho de Maria Amelia, e como a duqueza d'Orleans tinha n'esta epocha filhos muito novos, os detalhes d'estes roes de lavadeira provavam victoriosamente que por serem principes, as altezas reaes de seis mezes não deixavam de ser sujeitas a todas as pequenas miserias da humanidade.

Emquanto a sr.ª duqueza d'Orleans fazia as contas do despendido com o prato do sr. duque de Montpensier, e com o enxoval da princeza Clementina, o rei regulava a despeza dos seus filhos mais velhos.

Permittam-nos que apresentemos aos nossos leitores um pequeno trabalho do sr. duque d'Orleans, que chegou ás nossas mãos no dia 28 de fevereire de 1848, no momento em que pela segunda vez, com a fronte inclinada e pensativa visitavamos as Tuileries invadidas pelo povo.

A primeira vez foi a 29 de julho de 1830.

Entre os papeis rasgados, atirados para o chão, jazia este pedaço: reconheci a lettra do rei, apanhei-o, e é d'esse bocado de papel que copio as linhas seguintes:

1828, Março, — Nova lista da comida dos principes incluindo os menores, com designação dos preços.

ALMOÇO.

		f.	c.
Principes e aios	6 pratos diversos a 90 c.	5	40
	7 pães a 20 c.	1	40
Princezas Luiza e Maria e M.^me Angelet	Sopa e 2 pratos differentes.	1	80
	2 pães	»	40
Princeza Clementina e M.^me Angelet	Sopa	1	50
	Mais 1 pratinho	»	90
		11	40

	Transporte........	11 40
Duque de Nemonrs e o sr. de Lornac, comida mandada para o collegio; o assucar pago á parte..	Dois pães...........	» 40
	Carne...........	1 50
	Prato do meio........	1 50
	Outros 2 pratos........	1 80
	Dois pães...........	» 40
		17 »

Menos o café que é pago em separado.	
Mais 10 cent. por cada differente pratinho......	1 50
	18 50

Portanto o almoço dos dois jovens principes e de seus aios;

Das princezas Luiza e Maria e de M.ma de Mallet;

Da princeza Clementina e de M.ma Angelet;

Doduque de Nemours e do sr. de Lornac, isto é, de onze pessoas, estava calculado em dezoito francos e meio no orçamento real do sr. duque d'Orleans.

Talvez se pense que os desgraçados principes, obrigados a ficarem com appettie ao almoço se desforravam o jantar:

Vamos vêr:

ALMOÇO OU JANTAR.

	f. c.
Sopa..............................	2 50
Entradas..........................	4 50
Assados..........................	6
Prato do meio.....................	2 50
Sobremeza........................	1 50
	17 »

Pão, chá e café como acima.

Como custará a acreditar o que aqui contamos, convida-

mos os nossos editores a darem um *fac simile* das tres notas que estão em nosso poder.

A par d'isto, apressemo-nos a dizel-o, o duque d'Orleans fazia sem ostentação excellentes coisas; haviam tres caixas de soccorros, uma do bolsinho do duque dirigida pelo sr. de Broval. outra da rainha, administrada pelo sr. Nudart, e finalmente uma terceira do bolsinho de M.^me^ Adelaide, dirigida pelo sr. Lamy.

Estas tres caixas distribuiam de quinhentos a setecentos francos por dia.

Por muito tempo tive a meu cargo fazer as listas que deviam ser presentes ao duque d'Orleans, e entregar-lhe os pedidos de soccorros; posso pois dizer em voz bem alta que sempre obtive em favor dos pobres tudo quanto pude pedir sem medianeiro ao duque d'Orleans; a diminuição das cifras nunca provinha senão das pessoas que o rodeiavam; sabiam que elle era parcimonioso, e faziam-lhe a côrte adulando uma fraqueza; ainda mesmo depois de rei, ainda mesmo depois de me ter demittido, posto que elle por isso me ficasse com certo rancôr, mais de uma vez recorri a elle para que valesse a muitas infelizes; nunca repellio o meu pedido, e mal o acabava de fazer, era a pessoa soccorrida.

Um dia que lhe escrevi a pedir-lhe a favor de uma das nossas poetisas mais distinctas.

« *Sire*,

« M.^me^ *** jaz na mais profunda miseria e encarrega-me de ser seu medianeiro para com vossa magestade; apressae-vos a socorrêl-a, *sire*, nem todos os dias encontrareis no vosso caminho similhante musa pedindo esmola. »

Na volta do correio recebi mil francos.

Outro dia, que me dirigi á rainha, tractava-se de uma das

nossas pianistas mais distinctas, cujos moveis iam ser vendidos.

Veio ter comigo; eu mandei a sua carta á rainha, escrevendo por baixo da exposição os quatro versos seguintes, que não valem senão pela intenção.

> Recebei, senhora, este pedido
> Que ante vós presento n'esta hora,
> Qual a agulha qu'ao norte só s'inclina
> Só a vós pede o pobre, só implora.

Atrevia-me a fazer-lhe estas especies de pedidos, porque nunca pedira coisa alguma para mim, nem para os meus.

Além d'isso o duque d'Orleans, ou por calculo, ou por sympathia, favorecia muito as artes, recolhera na sua bibliotheca Casimiro Delavigne, despedido da sua secretaria, comprava o couraceiro e o hussaro de Gericault, encommendava a Vernet não só as batalhas de Jemmapes e de Valmy, mas tambem as de Champaubert e de Montmirail, subscrevia para os monumentos de Abatucci e de Kleber, mandava pôr á sua custa, na nave de S. Roque, uma lapida de marmore sobre a sepultura do velho Corneille, emfim, de tempos a tempos entregava aos comicos francezes os quarenta e cinco mil francos em que tinham estimado o aluguer da sua sala.

Vê-se a que ponto procuro ser imparcial, e com que sollicitude opponho o bom ao mão, se acaso ao ponto de vista historico tenho formado uma opinião a respeito do rei, não tenho nenhuma contra ou a favor do homem, e por conseguinte, a este respeito, escrevo para contar e não para provar, *ad narrandum non ad probandum.*

CAPITULO XLII

A historia dos cinco annos, que separam a exaltação ao throno de Carlos X da sua queda, não é outra coisa senão o registo das faltas do rei e da habilidade do duque d'Orleans.

E quando dizemos *falta do rei*, dizemol-o em relação aos acontecimentos, porém a nossa convicção pessoal é de que quando uma catastrophe prevista desde muito tempo é necessaria ás vistas da Providencia, as *faltas dos reis* entram na categoria das coisas absolutas, e que *estas faltas* devem fatalmente ser commettidas.

Carlos X estreou-se com uma medida liberal, a abolição da censura; quem foi que lhe deu este conselho, e a que proposito vinha esta abolição da censura como primeiro acto do seu reinado, a não ser uma pedra atirada d'ante mão para o caminho onde se devia, a 29 de julho de 1830, tombar a carruagem da sagração, que levava a realeza do direito divino?

A segunda medida adoptada foi o milhar de milhões de indemnisações.

Este acto que em logar de ser anti-liberal tinha ao mesmo tempo a vantagem de ser equitativo e progressivo, por isso que consagrava a venda dos bens nacionaes, e lhes dava um valor egual ao dos outros bens, foi vivamente atacado pela opposição, e começou esta lucta encarniçada que teve em resultado a queda do tronco primogenito.

Coisa singular, a distribuição d'esse milhar de milhões enriquecia talvez mais ainda os liberaes do que os realistas.

O duque d'Orleans recebia dezeseis milhões, o duque de Liancourt um milhão e cem mil francos, o sr. de Lafayette, quatrocentos cincoenta mil seiscentos oitenta e dois francos, o sr. Caetano de La Rochefoucauld quatrocentos vinte e oito mil duzentos e seis francos, o sr. de Thiers trezentos cincoenta e sete mil oitocentos e cincoenta francos, emfim o sr. Carlos Lameth duzentos e um mil seiscentos noventa e seis francos.

D'ahi proveio a longanimidade de que o partido liberal usava n'esta occasião para com o duque d'Orleans.

Em breve se apresentou ensejo para a França se pronunciar; o general Foy morreu, victima d'essas luctas de tribuna que sete annos mais tarde deviam matar Lamarque, e dois annos depois de Lamarque, a Casimiro Pérrier.

O funeral do general foi magnifico, cem mil homens seguiam o ataúde, tiraram os cavallos da sege em que ia o féretro e puxaram-a á mão.

O sr. duque d'Orleans mandou a sua carruagem.

Uma carruagem vazia, seis cavallos e tres lacaios, são, aos olhos da philosophia, bem mesquinha homenagem prestada por um principe a um grande cidadão, porém não foi assim aos olhos da opinião publica, que a considerou um penhor dado pelo duque d'Orleans á nação.

Assim é que o tomaram na côrte; na primeira entrevista que teve com o rei, o duque d'Orleans foi vivamente interpelado por elle a este respeito.

O principe inclinou-se, e respondeu n'um tom mais firme do que até ali talvez havia empregado.

— *Sire*, ninguem reparou na minha carruagem senão por ser a unica.

O general Foy era pobre. Laffite, seu amigo, abrio uma subscripção nacional em favor da familia do general tribuno, e inscreveu-se na frente com cincoenta mil francos.

Produzio um milhão.

Apesar da admoestação real, o duque d'Orleans inscreveu-se com dez mil francos.

Justamente uma quantia egual áquella com que subscrevera Casimiro Pérrier, e quatro vezes menos que Laffite, porém o valor da acção não estava na quantia dada, mas no facto da propria acção.

A datar, pois, d'este momento, os escriptores liberaes não hesitaram mais, fizeram do duque d'Orleans não só a sua esperança, mas a sua bandeira.

Clauchois Lemaire publicou uma obra intitulada: Carta ao sr. duque d'Orleans.

« Vamos, principe, lhe diz elle, tomae um pouco de animo; trocae as vossas armarias ducaes pela corôa civica, — resta na vossa monarchia um bello logar a tomar, aquelle que occuparia Lafayette n'uma Republica, — o de primeiro cidadão de França, o vosso principado não passa de uma mesquinha conezia ao pé d'esta realeza moral; o povo francez é como um rapaz que só precisa de um tutor.

« Sede-o vós para que elle não cáhia em ruins mãos, afim de que o carro tão mal conduzido se não tombe; fizemos de nosso lado todos os esforços, fazei tambem vós da vossa parte quanto poderdes, seguremos ambos a roda inclinada para o precipicio. »

Quanto a Paulo Luiz Courrier, fizera melhor desde 1823, escrevia, em resposta a um supposto correspondente anonymo que, dizia elle, o accusava de um odio systematico contra os principes:

« Não sei nem adivinho o que vos póde fazer acreditar que não gostava do duque d'Orleans nem de nenhum prin-

cipe: nada ha realmente mais distante da verdade, gosto pelo contrario de todos os principes, de todos em geral, e do duque d'Orleans em particular (vêde como vos enganaveis); porque tendo nascido principe, se digna ser homem; pelo menos não oiço dizer que allicie ninguem; é verdade que nunca tivemos nem pacto nem contracto, não me prometteu nada, nada me jurou perante Deus, porém, dando-se occasião, fiar-me-ia n'elle, posto que já me tenha dado mal com outros.

« Se comtudo fôr preciso confiar em alguem, segundo me parece, nenhuma difficuldade haveria em nos entendermos; e feito o accordo, penso que o sustentaria sem fraude, sem chicana, sem altercação, sem deliberar com os visinhos velhos, gentis-homens e outras pessoas, que me não querem bem, e tambem sem consultar os jesuitas.

« Eis aqui o que d'elle me dá esta opinião: é do vosso tempo, d'este seculo, não do outro, e vio pouco, penso eu, do que se chama antigo regimen; combateu ao nosso lado, d'onde vem, segundo dizem, não ter medo dos officiaes inferiores, e depois, emigrado contra sua vontade, nunca combateu contra nós, sabendo demasiado quanto devia á terra natal, e que ninguem póde ter razão contra o seu paiz.

« Elle sabe isto e outras coisas que se não aprendem na posição em que está; a sua felicidade quiz que d'ella podesse descer, e novo ainda, viver como nós: de principe fez-se homem.

Em França combatia os nossos communs inimigos; fóra de França, as sciencias occupavam as suas horas vagas; d'elle não se póde dizer:

« Nada esqueceu nem aprendeu.

« Os estrangeiros viram-o instruir-se e não mendigar.

« Não pedio a Pitt, não supplicou a Cobourg que devastasse os nossos campos, que queimasse as nossas aldêas

para vingar os palacios; em compensação, não estabeleceu missas, não fundou seminarios para dotar conventos á nossa custa; porèm modesto na sua vida, nos seus costumes, dá um exemplo, qne préga melhor do que os missionarios; em summa é um homem de bem.

« Quereria, quanto a mim, que todos os principes se parecessem com elle, nenhum d'elles com isso perderia, e nós ganhariamos, ou, quereria que fosse *maire* da *communa*, já se vê, se podesse ser (é uma pura hypothese), sem tirar o logar a ninguem; odeio as demissões.

« Arranjaria bastantes coisas, não só por essa sabedoria que Deus lhe deu, mas por uma virtude não menos consideravel e pouco conhecida; é a sua economia, qualidade burgueza, se assim o querem, que a côrte aborrece n'um principe, e que não é materia para elogios academicos, nem para oração funebre, porém que para nós é tão preciosa, e para os nossos administrados, que é tão bella n'um *maire*, tanto... como é que hei de dizer?.. adivinhae, tanto que com ella quasi o dispensaria de todas as outras.

« Se assim fallo não é por que o conheça mais do que vós, nem talvez tanto, porque nunca o vi.

« Não sei senão o que oiço dizer; porém o publico não é tolo, e póde avaliar os principes, porque elles vivem em publico.

« Não é porque eu queira ser empregado seu, no caso de que elle venha a ser *maire*.

« Não tenho prestimo para nenhum emprego; sou capaz, quando muito, de amanhar a minha vinha quando não estou preso.

« Penso que d'aqui em diante menos vezes o hei de estar, porém não sendo isto certo, posso dizer que toda a mudança na *maire* e nos adjunctos, pelo que me tóca, me é indifferente: finalmente, o que d'elle pensam geralmente, teem-no

podido vêr ou saber estes dias, quando appareceu no theatro com a sua familia.

« Não o esperavam; a assembléa não estava composta, preparada, como se pratica para com os grandes... era o publico! e não havia nada que se podesse suspeitar que estivesse arranjado d'antemão.

A policia não teve parte nas demonstrações de affeição que n'esta occasião lhe foram dadas; ou se, de facto ella lá estava, como facilmente se póde julgar, porque a sua presença é inevitavel em toda a parte, não era para receber o duque d'Orleans.

« Este entrou, viram-no, e com as mãos e as vozes applaudiram-no de todos os lados.

« Não metteram, que eu saiba, toda a platéa em processo, nem levaram a assembléa á sala Saint-Martin. Por isso, eu que o não louvei tanto quanto a merece, não julgo ser por esta causa que me tornaram a metter na prisão; comtudo vós podeis estar a este respeito muito melhor informado do que eu.

« D'esta fórma, contra a vossa opinião, estimo o duque d'Orleans, porém não sou seu amigo como essa gente crê, dizeis vós; tamanha honra não me cabe a mim, e sem querer examinar aquillo de que algumas vezes se tem duvidado, se os principes tem ou não amigos, ou se elle, menos principe do que qualquer outro, não poderia ser uma excepção; dir vos-hei: que sempre tenho rido de João Jacques Rousseau, philosopho, que não podia soffrer os seus eguaes, nem fazer com que elles o supportassem, e toda a sua vida, julgou não ter outro amigo senão o principe de Conti.

« Tanto não sou seu partidario que em primeiro logar nem partido ha.

« Já lá vae o tempo em que cada principe tinha o seu; e nunca hei de ser do partido de ninguem.

« Não seguirei um homem, não buscando fortuna nas revoluções nem nas contra revoluções, que se fazem em proveito de alguns.

« Primeiro, fiquei no povo por escolha.

« Se quizesse sahia do povo como muitos outros, que pensando ennobrecer-se de facto, degeneraram.

« Quando fôr preciso optar, seguindo as leis de Solon, serei do partido do povo, dos burguezes como eu.

Tudo isto era, como vemos, uma preparação mais que indirecta para a candidatura do duque d'Orleans ao throno de França.

N'este meio tempo appareceram as leis do sr. de Peyronnet, sobre as substituições e sobre o direito de primogenitura: e a lei sobre a liberdade de imprensa, uma regeitada, outra repellida pela camara dos pares.

Portanto tudo faltava a Carlos X, tudo, até essa constituição aristocrata creada para sustentar o throno, e que em logar de o sustentar o abalava, falhando-lhe no momento em que n'ella se ia firmar.

Finalmente, todos se encarniçavam contra esta monarchia, por todos os meios que podiam.

Béranger com as suas cantigas, Paulo Luiz Courrier com os seus folhetins, Cauchois Lemaire com as cartas, Mery e Bartholomeu com os seus poemas.

É verdade que, de quando em quando, a monarchia cahia sobre os encarniçados e mandava Béranger para Santa-Pelagia ou Magallon para Poissy.

Porém então, levantava-se de todos os lados, nos periodicos, nos cafés, nas ruas, nos theatros, nas aulas publicas um concerto de chascos, de censuras, de ameaças que se erguia em vapor de opposição contra os perseguidores, e cahia em chuva de popularidade em redor dos perseguidos.

Esperavam-se as eleições com impaciencia, os dois partidos conheciam que n'ellas é que a lucta era real e a victoria verdadeira.

A fortuna favoreceu os liberaes.

A alegria da burguezia foi estrondosa, a ira da realeza contida a custo, só precisava de occasião para rebentar; as illuminações da rua Saint-Denis forneceram-lhe um pretexto, o joven Lallemand morreu n'esta *dragonnada*. Toda Pariz pareceu enluctar-se por um homem desconhecido e gritou vingança sobre o seu tumulo.

A maioria era conhecida d'ante-mão; era constitucional.

Os srs. de Villéle, de Corbière e de Peyronnet, retiraram-se diante d'esta maioria.

Todos tres foram nomeados pares de França.

O ministerio Martignac succedeu ao ministerio Villèle.

A primeira coisa que Carlos X disse ao seu novo ministerio foi esta:

« O systema do sr. de Villèle é o meu. »

Era uma ordem para o sr. de Martignac marchar no mesmo caminho que o seu predecessor.

Sem duvida prometteu obediencia aos desejos do rei.

Porém apenas o sr. Martignac chegou ao poder, tractou de conciliar tudo fazendo concessões ao espirito liberal.

Estas concessões foram, uma lei sobre a imprensa periodica, exclusão do ministerio do partido congreganista na pessoa do sr. Frayssinous e a sua substituição pelo abbade Feutrier. a substituição do monopolio financeiro ao monopolio politico.

A popularidade do sr. de Martignac ia caminhando tão bem que assustou Carlos X, o qual achou que o ministerio tinha feito muito pelo poder executivo já.

O sr. de Martignac apresentou dois projectos de lei, um sobre a organisação communal, outro sobre a organisação departamental, eles dois projectos desfizeram-se na mão do ministro, derribando-o.

Era o que o rei desejava; tinha pois liberdade para fazer uma escolha á sua vontade, além de que tinha uma antiga dedicação a recompensar no principe de Polignac.

Um brado de reprovação saudou os tres nomes dos srs. de Polignac, La Bourdonnaie, e Bourmont; o *Jornal dos Debates* atacou este ministerio com uma vehemencia que era fóra do seu costume, por isso pensaram adivinhar de que lado vinha o ataque.

« Coblentz, Waterloo, 1851! exclamou elle, eis aqui os tres principios, eis aqui os tres personagens do ministerio!

« Vexae-o, opprimi-o, d'elle só nascem humilhações, desgraças e perigos. »

CAPITULO XLIII

No intervallo que medeiou entre a creação d'este ministerio e a abertura das camaras, operou-se uma recomposição ministerial em consequencia do conselho.

O sr. de La Bourdonnaie deu a sua demissão e foi substituido no ministerio do interior pelo sr. de Montbel, ao mesmo tempo que o sr. Guernon de Bauville tomava posse do da Instrucção publica.

Abrio-se a camara a 2 de março de 1830.

O rei apresentou-se na Assembléa decidido a dar um golpe de Estado.

No momento em que punha o pé sobre o primeiro degráo do throno, embaraçou-se-lhe o pé no tapete de veludo que o cobria, o rei deu um passo em falso e esteve a ponto de cahir.

Cahio-lhe o chapéo ao chão.

O duque d'Orleans correu a apanhal-o e entregou-o ao rei.

Eu estava presente.

Voltei-me para o meu visinho o sr. de B... e disse-lhe:

« — Meu caro, antes de um anno, ha de acontecer-lhe outro tanto á corôa; com a differença porém que o duque d'Orleans em logar de lh'a entregar, guardal-a-ha para si-

Todos se lembram do celebre requerimento dos *Duzentos* e *vinte e um*, em que se lia este paragrapho:

« A Carta fez do concurso permanente das vistas politicas do vosso governo com os votos do vosso povo, a condição indispensavel da marcha regular dos negocios publicos. *Sire*, a nossa lealdade, a nossa dedicação condemnam-nos a dizer-vos que esse concurso não existe. »

Era uma declaração de guerra em todas as regras.

— Não soffrerei que arrastem a minha corôa pela lama! exclamou Carlos X ao ler o requerimento.

E a camara foi dissolvida.

Podia-se pois applicar esse famoso artigo 14.°, que Luiz XVIII introduzira na Carta como um punhal de misericordia, mas de que nunca se tinha querido servir.

Era n'este artigo 14.° que repoisava toda a esperança do rei e do sr. de Polignac.

Por isso quando o sr. de Peyronnet foi chamado ao ministerio, disse-lhe o sr. de Polignac:

— Lembre-se de que queremos applicar o artigo 14.º.

— É tambem essa a minha opinião, disse o sr. de Peyronnet.

Tudo caminhava bem, pois que estavam assim de accordo.

De feito, na apparencia tudo caminhava o melhor possivel: o rei acabava de fazer uma viagem á Alsacia, e poado de parte esta circumstancia que, para mudar de cavallos, o rei tinha parado em Varennes, justamente no sitio onde fôra tão fatalmente interrompida a viagem de Luiz XVI, o mais correra perfeitamente.

Verdade é tambem que em Nancy, no momento em que a familia real apparecera na varanda da prefeitura para saudar o povo, tinham-se ouvido muitos assobios, porém, como faz um auctor no dia da primeira representação, o rei não tomára isto por si.

A delphina menos cega fechára a sua janella com violencia, e voltára lacrimosa para os seus aposentos.

Porém o interior não inquietava o rei, que julgava caminhar conforme a vontade da maioria da França, e estar apenas em contradicção com alguns facciosos amotinadores, mas sem poder; no exterior tudo ia ás mil maravilhas e não havia que receiar.

Grande mudança se preparava, mudança que ia dar a Carlos X toda a popularidade perdida por Luiz XVIII, a respeito do tractado de 2 de setembro.

Iamos retomar as fronteiras do Rheno.

Carlos X no meio de todas as suas faltas, tivera a finura de comprehender que a nossa verdadeira inimiga era a Inglaterra, e que a nossa alliada natural era a Russia.

Por isso os gabinetes das Tuileries e de S. Petersburgo

acabavam de assignar um tractado de alliança especialmente dirigido contra a Inglaterra.

Permittiamos aos russos que se estabelecessem em Constantinopla, e a Russia restituia-nos as provincias do Rheno.

Restavam a indemnisar a Prussia e a Hollanda.

Nada mais facil.

De Hanover tirado á Inglaterra faziam-se duas partes: com uma d'ellas compensava-se a Prussia, com a outra a Hollanda.

Além d'isso mordia-se um bocado na Saxonia, em proveito das provincias prussianas da Silesia, e indemnisava-se a Saxonia, á custa da Polonia.

Quanto á Austria, calava-se.

Atiravam-lhe com uma parte da Dalmacia que ella não possuia, como quem atirasse um bolo a Cerbero para o impedir de morder, e até mesmo de ladrar.

Por outro lado Carlos X preparava a expedição d'Argel.

O mesmo homem abolindo o poder barbaresco, terror eterno do Mediterraneo, e restituindo á França as suas provincias do Rheno, isto é, realisando um projecto, em que fôra mal succedido Carlos Quinto, e reconquistando pela negociação o que Napoleão perdera pelas armas, era ao mesmo tempo um grande homem de guerra e um grande homem politico.

Esta gloria estava pois reservada para Carlos X, e o anno de 1830 ia vêr realisar estas duas emprezas grandiosas.

A Inglaterra queria oppôr-se um pouco a isto; mas querem saber como respondiamos á Inglaterra no tempo dos Bourbons do tronco primogenito?

Lord Stuart pedia uma explicação com esse ar arrogante, que é commum nos diplomatas inglezes.

— Se desejaes uma resposta diplomatica, lhe respondeu o sr. d'Haussez, o sr. presidente do conselho vol-a dará; se

desejaes resposta minha, como ministro da marinha, será curta e precisa: dir-vos-hei que não nos importamos com...

Lord Stuart transmittio esta resposta ao seu governo, que a teve por boa, pois que nos deixou operar.

No meio de todas estas preoccupações um acontecimento mui grave fez dirigir todas as vistas para o duque d'Orleans.

O rei e a rainha de Napoles tinham sahido do seu reino para virem visitar sua irmã e seu cunhado, a duqueza e o duque d'Orleans.

O rei de Napoles era esse ignobil Francisco que, escolhido em 1820 pelos liberaes para os representar, trahira os liberaes; que dado por tutor á revolução, suffocára a revolução.

— Bem que os viajantes coroados tivessem sido perfeitamente recebidos na côrte de Carlos X, o prefeito do Sena e da cidade de Pariz, não se atrevera a dar-lhe uma festa, tão grande era o sentimento de repulsão que elles inspiravam entre o povo.

Sustentado pela sua popularidade sempre crescente, e pela desculpa do parentesco que o ligava aos reaes viajantes, o duque d'Orleans ousou fazer aquillo a que o prefeito se não atrevera.

Deixamos de lado as discussões de etiqueta que enchiam de difficuldades o curto caminho que separa as Tuileries do Palais Royal.

O rei contravinha todas as regras de etiqueta acceitando um baile em casa de um principe de sangue: para essa contravenção havia um precedente que tinha um cento de annos de data: Luiz XV passára tres dias em casa do principe de Condé, *mas fôra no campo.*

É verdade que indo a casa do duque d'Orleans, tambem ia a casa da duqueza, e a duqueza era filha de rei, *e des*

verdadeiros Bourbons, como diz a sr.ª duqueza d'Angoulême; emfim o duque d'Orleans insistio tão respeitosamente, o rei de Napoles pedio com tantas instancias, que Carlos X prometteu ir ao baile a casa de seu primo, com a condição de que uma companhia das suas guardas occuparia o Palais-Royal uma hora antes da sua chegada.

Todas estas questões eram bem miseraveis comparadas com a questão que á mesma hora se debatia entre o povo e a realeza.

A 31 de maio, pelas dez horas da noite, o duque d'Orleans e sua familia recebiam o rei Carlos X á porta do grande vestibulo.

Chegando ás salas, o rei que dava o braço á sr.ª duqueza d'Orleans, o delphim que dava o braço a M.ma Adelaide, o duque d'Orleans que dava o braço á delphina, e o duque de Chartres á duqueza de Berry, viram sahir-lhes ao encontro o rei e a rainha de Napoles.

A funcção começou immediatamente.

O sr. de Salvandy contou, a respeito d'esta funcção, toda a conversação que tivera com Luiz Philippe, vindo a proposito do dito d'onde nasceu a fortuna politica do auctor de *Alonzo*.

— Senhor, é uma verdadeira festa napolitana, dansamos sobre um vulcão.

De feito, o vulcão que trovejava havia muito não tardou que exhalasse as suas primeiras chammas.

Partiram do Palais-Royal, cratera que se tinha julgado extincta e que apenas estava atabafada.

O jardim do Palais Royal tinha ficado aberto além da hora habitual; o duque d'Orleans quiz que o povo tivesse tambem o seu quinhão na festa; porém já o povo começava a cansar-se só de vêr da rua o interior dos palacios e as festas dos grandes; de repente ouvio-se um granderumor no

jardim, uma chamma ardente fez empallidecer a luz das dez mil velas que alumiavam o baile; mãos desconhecidas tinham posto tijellas cheias de cebo sob um montão de cadeiras; as cadeiras ardiam, o vulcão vomitava as suas chammas.

Houve um momento de tumulto e de temor nos salões do Palais-Royal: por alguns segundos o rei Carlos X julgou ter cahido n'um laço, e esteve quasi dizendo, como dizem os reis do Theatro-Francez: «Olá! guardas, vinde cá!» Porém um instante depois, tudo se explicou, e obrigaram a multidão e evacuar o jardim. A festa continuou sem interrupção e sem susto até pela manhã, e a monarchia, esta noite, não soffreu mais do que um *desaforo*.

Com este termo foi denunciado ao publico este incidente.

Cem tiros de peça annunciaram immediatamente uma grande nova; annunciavam a Pariz, á França e á Europa a tomad d'Argel.

Assim que se recebeu esta grande nova, o barão d'Haussez correu ao paço.

Carlos X, ao ouvir annunciar o seu ministro da marinha, dirigio-se para elle com os braços abertos.

O sr. d'Haussez quiz beijar-lhe a mão, porém Carlos X puxou-lh'a para sobre o peito.

— Não, senhor, não, lhe disse elle com essa graça que lhe era particular, não, hoje todos se abraçam.

O rei e o ministro abraçaram-se.

Este novo favor da fortuna augmentou mais, se era possivel, a confiança do rei e do sr. de Polignac, porque bem depressa veremos, a respeito da assignatura dos decretos, que nem todos os ministros partilhavam esta segurança.

E comtudo, esses olhares perspicazes, aquelles que vêem atravez dos vapores da effervescencia popular, esses estavam inquietos.

O sr. de Villéle, que via talvez mais porque via de lon-

ge, veio a Pariz e manifestou inutilmente os seus receios ao rei.

O sr. Beugnot exclamou qual piloto assustado:

— Tomae sentido! a monarchia vae soçobrar como um navio equipado.

O sr. de Metternick disse ao sr. de Reyneval, nosso embaixador em Vienna:

— Estaria muito menos inquieto se o principe de Polignac o estivesse mais.

De feito, que receio devia haver, quando o sr. Clapin, um dos chefes da opposição, dizia durante as discussões do requerimento:

« A base fundamental do requerimento é um profundo respeito para com a pessoa do rei; exprime no mais alto gráo a veneração por essa raça dos Bourbons; representa a *legitimidade,* não só como uma verdade legal, mas como uma necessidade social que é hoje em todos os bons espiritos o resultado da experiencia e da convicção. »

Como receiar quando a sociedade « *Trabalha que Deus te ajudará*, reunida n'um banquete nas vindimas de Borgonha, decide que o rei é o primeiro poder do Estado, e bebe á saude de Carlos X?

Como receiar quando o sr. Odilon Barrot, n'um banquete dado por seiscentos eleitores e decorado com duzentas e vinte e uma corôas symbolicas, confunde n'um mesmo brinde o rei e a lei?

Oh! homens de Estado, falsificadores das monarchias! quando é que vos hão de dar os vossos verdadeiros nomes!

A 24 de julho, os ministros fizeram conselho:

— Todos, diz o sr. de Polignac, foram de opinião unanime sobre a necessidade das leis e sobre o direito de as promulgar. Só o sr. de Ranville desejava que se addiasse a

execução para d'ali a algumas semanas; não era senão uma questão de tempo.

Foi n'este conselho do dia 24 que se decidio a assignatura dos decretos.

E entretanto, no momento da partida, o sr. de Bourmont tinha bem recommendado ao sr. de Polignac que esperasse o seu regresso.

O sr. d'Haussez lembrou ao principe esta prudente recommendação.

— Qual, respondeu o principe, não precisamos d'elle, não sou eu ministro da guerra interinamente?

— Com quantos homens póde contar em caso de resistencia? Tem pelo menos vinte e oito ou trinta mil?

— Mais, mais, respondeu o principe, tenho quarenta e dois mil.

E atirou com um papel enrolado ao ministro da marinha, que estava do outro lado da meza.

O sr. d'Haussez examinou o papel, virou-o e revirou-o, depois olhando para o principe com espanto, disse:

— Não vejo senão treze mil homens em papel; treze mil homens em papel, são sete a oito mil homens em effectivo; onde estão os outros vinte e nove mil?

— Em roda de Pariz.

E o ministro da marinha teve de se contentar com esta affirmativa.

Foi a 25 de julho que a assignatura teve logar.

Um especulador deu cincoenta mil francos pelo trabalho preparatorio das leis, e jogou na baixa de fundos.

Na noite de 25 para 26 o sr. Rosthchild, que jogava na alta de fundos, recebeu este simples bilhetinho do sr. Talleyrand.

« Estive hoje em Saint-Cloud; os fundos descem. »

Esta sentença de morte da monarchia não foi dada sem uma especie de solemnidade.

Os ministros estavam em volta da meza, que esteve a ponto, tres mezes mais tarde, de servir de prancha fatal do seu cadafalso.

O rei tinha o delphim á sua direita e o principe Polignac á esquerda.

O delphim tinha-se ao principio pronunciado contra as leis, porém a sua convicção tinha-se, á primeira palavra do rei, inclinado ante a vontade de seu pae.

O rei interrogou cada ministro em separado.

Quando tocou a vez ao sr. d'Haussez, o ministro da marinha inclinando-se, disse:

— *Sire*, a minha opinião hoje é a mesma de hontem: julgo que seria prudente esperar.

— Recusa assignar? disse Carlos X.

— *Sire*, seja-me permittido endereçar uma pergunta ao rei.

— Diga, senhor.

— Vossa magestade persistiria, no caso de que os ministros se retirassem?

— Sim, senhor, disse Carlos X, estou decidido.

O sr. d'Haussez pegou na penna e assignou.

Depois, como olhasse em torno de si com preoccupação, Carlos X perguntou-lhe:

— Que procura?

— *Sire*, respondeu o sr. d'Haussez, procuro se por acaso aqui haverá algum retrato de Straffort; e sahio.

A 26 de maio, appareceram as leis.

Eu tinha tirado o meu passaporte para Argel e devia partir na mesma noite.

Fui acordado por Achilles Comte, o qual entrou no meu quarto com um periodico na mão.

— Leia, me disse elle.

Li.

— Diabo! lhe disse eu; já não parto, querido amigo.

— Então porque?

— Porque o que se vae passar em Pariz ha de ser mais curioso do que o que se passa em Argel.

CAPITULO XLIV.

Aquelles que quizerem ler uma admiravel descripção d'estes tres dias de lucta, dos quaes tambem um dia hei de consignar alguns detalhes curiosos nas minhas Memorias, podem abrir o primeiro volume da Historia dos dez Annos, na pagina 175.

Luiz Blanc, perfeitamente collocado para tudo vêr e saber, vio tudo, até mesmo certas scenas intimas que eu julgava sepultadas entre os principes e os familiares do Palais-Royal.

A lucta do dia 26 foi mui placida, como todos se devem lembrar.

Julguei ao principio ter-me enganado e ter ficado gratuitamente em Pariz.

Os periodiqueiros, a quem a medida feria mais particularmente, correram a casa do sr. Dupin Senior; queriam saber até que ponto podiam luctar contra os decretos.

Ir em similhante occasião consultar o sr. Dupin, era perder o tempo.

Por isso o illustre defensor do marechal Ney, em logar

de satisfazer á consulta pedida, não se cansava em responder:

« — Senhores, a camara está dissolvida; eu já não sou deputado. »

Foi a resposta unica que d'elle obtiveram os consultantes.

Bem tinha informado o sr. de Talleyrand a Rotschild. O tres por cento desceu de 78 a 72.

Havia n'este dia grande sessão no Instituto; o sr. Arago ahi pronunciava o elogio de Fresnel.

No momento em que ia para entrar nas salas, foi demorado nos corredores por um homem pallido, anhelante e assustado.

Era o duque de Raguse.

— Ah! meu caro! exclamou elle; sabe o que se passa?

— Sei, appareceram os decretos.

— Desgraçados! desgraçados! continuou o duque, em que horrivel situação me pozeram!

— Ao senhor! Como assim?

— Não hei de talvez vêr-me obrigado a puxar da espada para sustentar umas medidas que detesto?

O sr. Arago reflectio por algum tempo; depois continuou:

— Com effeito, o caso é serio; e visto isso tenho grande desejo de addiar o meu discurso para outro dia.

Interveio porém Cuvier; este grande genio, cujo cerebro se tinha desenvolvido á custa do coração, não foi da opinião de Arago! Arago cedeu, mas achou meio de introduzir no seu discurso outras duas allusões, que o audictorio acco-lheu com sombrios apoiados.

Eu tinha corrido a casa de Carrel, como a um centro de noticias officiaes.

O Nacional, como se sabe, tinha sido fundado por Thiers, por Armand Carrel e pelo abbade Luiz, no palacio de Ro-

checotte, isto é, em casa de M.ma de Dino e do sr. de Talleyrand.

Fôra o duque d'Orleans quem fornecera o dinheiro e pagára, por assim dizer, os mezes da creação d'este gigante que, quinze annos mais tarde, devia agarral-o corpo a corpo, e deital-o por terra.

Encontrei Carrel almoçando com a maior tranquillidade do mundo.

A instancias minhas decidio-se a sahir, metteu nos bolsos um par de pistolas de algibeira, e desceu comigo para o lado da Bolsa.

Sem duvida, esfriado pelo seu negocio de Béfort, e da Bidassoa, Carrel hesitava em se pôr á frente, elle que vira tantas pessoas ficarem para traz.

Passeiámos até ás cinco da tarde, da praça da Bolsa para a praça das Victorias, da praça das Victorias para a ponte Sancto Eustachio, da ponte de Sancto Eustachio para o Palais-Royal.

A lucta foi senão placida, pelo menos inoffensiva, e a noite deslisou-se sem perturbação apparente.

Sabe-se a progressão que seguio a sedição para se tornar revolução.

O protesto dos jornalistas, a despedida dos impressores, a resistencia do sr. Baude defendendo as portas do periódico o *Tempo* com um Codigo na mão, rapazes correndo pelas ruas, agitando os chapéos, e gritando: Viva a Carta! designação do duque de Raguse como commandante das tropas reaes, pedras atiradas pelos rapazes contra os *gendarmes*, que estavam na praça do Palais-Royal, um homem morto na rua do Lycêo, tres feridos mortalmente na rua Saint-Honoré, uma barricada começada e interrompida ao pé do Treatro Francêz, Carras sublevando a Escola Polytechnica, um corpo de guarda incendiado na rua da Bolsa,

tal é o boletim d'esta primeira lucta de 27, em que se ensaiou a insurreição.

Comtudo, por menos pronunciada que fosse, bastava para assustar aquelles mesmo que, na vespera, eram os mais firmes a acceitar o combate.

— Nós não queriamos fazer uma revolução, dizia o sr. de Rémusat no escriptorio do *Globo*, tractava-se unicamente de uma resistencia legal.

Em 1848, o sr. Odilon Barrot quiz tambem fazer uma resistencia legal, e conheceu, como o sr. de Rémusat, que se achava excedido o fim a que se dirigia quando os gritos de *« viva a republica! »* succedendo aos de *« viva a Reforma! »* lhe mostraram onde se encaminhavam.

A noite passou-se, da parte da côrte, a regularisar o ataque, da parte da opposição a organisar a resistencia.

E quando dizemos apposição, não entendemos essa opposição da comedia de quinze annos que, uma vez feita a revolução, aproveitou a revolução.

Não entendemos os Lafayette, os Casimiro Périer, os Laffitte, os Benjamin Constant, os Guizot, os Sebastiani, os Choiseul, os Odilon Barrot; não, esses estavam em suas casas, hermetica e cuidadosamente fechados.

Charras e Lothon apresentaram-se em casa de Lafayette, ahi lhe disseram que estava fóra.

Eu mesmo me apresentei com Estevão Arago e uns vinte mancebos em casa de Casimiro Périer, e pouco faltou para nos receberem como Jorge Dandin era recebido por sua mulher.

Outros apresentarem-se em casa de Laffitte e não foram mais felizes.

Por toda a parte se tractava unicamente de resistencia legal; queriam protestar, e as palavros mesmo d'esse protesto haviam de ser bem pezadas e reflectidas.

Não; pela opposição que se creou na noite de 27 para 28, entendo a opposição que se compõe d'essa mocidade ardente do proletismo heroico, que ateia o incendio, é verdade, mas que tambem o apaga com o seu sangue; que é affastada quando a obra se acha feita; que vê da rua os convivas parasitas assentados no seu logar no festim do poder, que promette que para a outra vez não ha de ser assim, e que, chegando essa outra vez, sempre descoidosa e desinteressada, depois de ter vencido como heroe, combate e morre como martyr.

Os que fizeram a revolução de 1830 foram os mesmos homens que, pela mesma causa, dois annos mais tarde, foram victimas em Saint-Méry.

D'esta vez apenas tinham mudado de nome, justamente porque não tinham mudado de principios.

Chamavam-lhes rebeldes.

Só os renegados de todos os poderes é que nunca são rebeldes a pessoa nenhuma.

Lembro-me que depois de ter ido bater inutilmente á porta de Casimiro Périer, entrei com a espingarda em bandoleira, no n.º 216 da rua Saint-Honoré.

Eram ali as secretarias de que eu já não fazia parte desde Henrique III; depois de Henrique III fôra nomeado bibliothecario.

A secretaria estava deserta, ou quasi deserta; não encontrei senão o sr. Oudard, chefe da divisão da secretaria e secretario particular da sr.ª duqueza d'Orleans.

Recuou aterrado quando me avistou, e perguntou:

— Que diabo vem aqui fazer?

— Venho procurar o duque d'Orleans.

— Para que?

— Para lhe chamar vossa magestade.

Se a guarda não estivesse empregada em outra coisa,

Oudard tel-a-ia chamado, e ter-me-ia entregado nas suas mãos.

Recebi ordem positiva para sahir do n.º 216, e apressei-me a dar-lhe cumprimento.

Quanto aos jornaes, a *Gazetta*, a *Quotidianna* e o *Universal* tinham sahido, e haviam-se submettido aos decretos por convicção.

O Constitucional e os *Debates* tinham sahido tambem, e haviam-se submettido aos decretos por medo.

Emfim, o *Tempo*, o*Nacional* e o *Globo*, protestando, tinham apparecido, affrontando as novas leis de que estavam ameaçados, e chamavam altamente a população á resistencia.

Coisa singular e magnifica foi este dia 28.

Riscavam a palavra real das taboletas dos fornecedores da casa real; raspavam todas as flores de liz que encontravam; levantavam barricadas por toda a parte.

Era a epilogo de Waterloo.

Foi sobre uma barricada, e com uma picareta na mão, que, na esquina da rua do Bac e da Universidade, fiz conhecimento com Bixio.

Ao pôr do sol appareceu um homem no caes da Escola com uma bandeira tricolor.

É impossivel dizer a impressão que isto produzio: era um caso previsto por Béranger; todos se lembram da sua cantiga da *Velha Bandeira;* porém o que ninguem podia prevêr era o effeito produzido pela vista d'essas tres côres envoltas nos raios d'oiro e de purpura de um magnifico sol, que se ia escondendo.

Abraçavam-se todos, todos juravam deixarem-se facilmente matar do que renunciarem a este estandarte nacional, que entre nós é não só uma bandeira, mas um emblema; todos choravam emfim.

Se o homem que trazia a bandeira tivesse querido, tel-o-iam feito general.

Teria sido tanto mais facil, por isso que os generaes, tão numerosos e tão arrogantes dois dias depois do dia 30 e nos seguintes, eram mui raros a 28 de julho de 1830, pelas sete horas da tarde.

Á noite tractou-se de indagar os boatos que tinham circulado durante o dia.

A opposição aristocratica não se adiantára muito, e achava-se distanciada pela insurreição popular.

Na assembléa dos eleitores, onde se achava o sr. Thiers, tractára-se de organisar a sublevação das massas.

Um dos membros da reunião exclamára:

« É preciso pôrmos os nossos inimigos fóra da lei, rei e *gendarmes*. »

Porém interviera o sr. Thiers, e com toda a sua força, insistira para que se conservassem na resitencia legal, e sobre tudo para que se não misturasse o nome do rei n'estas discussões, muito acaloradas para que conservassem o respeito devido á realeza.

E comtudo a assembléa dos eleitores fôra audaciosa, comparada com a assembléa dos deputados.

O sr. Sebastiani limitava a sua opposição a uma carta respeitosa ao rei.

O sr. Dupin sustentára que, como já não haviam deputados, o que os deputados melhor deviam fazer, era não darem signal de existencia.

O sr. Casimiro Périer, livido de terror, aconselhava a prudencia, e queixava-se amargamente de todas estas deputações de mancebos que o compromettiam.

A assembléa dos eleitos inutilmente lhes mandou os srs. Mérilhon e Boulay (de la Meurthe) para os instigar a uma resolução qualquer; não poderam tirar nem uma acção nem

uma palavra generosa do coração de todos esses homens, nada. nem os gritos dos mancebos que lhes batiam inutilmente á porta, e que a *gendarmería* acutilava na rua, a torto e a direito.

Ao mesmo tempo, n'esse dia, os estudantes da Escola Polytechnica tinham ido bater á porta de Laffite, que se conservára fechada como a do seu collega Casimiro Périer, mas que, ao menos, se devia abrir no dia seguinte.

A *mairie* dos Petits-Pères fôra tomada e pertencia ao povo.

Os impressores tinham-se reunido e arregimentado na *passagem Dauphine*.

O *Vaudeville* entregára as armas e as fardas, que tinham servido no *sargento Matheus*, que alguns mezes antes se tinha representado.

O exercito real encontrára-se em roda das Tuileries, de morrão acceso, bayoneta armada, e Pariz estava em estado de sitio.

Fallava-se n'uma discussão vivissima que tivera logar no escriptorio do *Globo*, entre os srs. Cousin e Pedro Leroux, sobre a tendencia revolucionaria que o sr. Pedro Leroux queria dar ao periodico.

O sr. Cousin, no seu enthusiasmo realista, exclamára: « que só havia uma bandeira que a nação franceza podesse reconhecer, e que era a bandeira branca. »

Asseguravam que o sr. Thiers achando que o *horisonte se escurecia* (estylo parlamentar) tinha sahido de Pariz e se havia refugiado em Montmorency em casa de M.^ma^ de Courchant.

Felizmente não tinha contado muito com estes senhores e só julgou a sua causa perdida escutando a opinião de um, e sabendo da fuga do outro.

Grave foi a lucta para o lado da Gréve: o Hotel-de-Ville

segundo diziam, tinha sido tomado e retomado tres vezes.

Quasi todo o dia os sinos de S. Severino e de Nôtre-Dame tinham tocado a rebate.

CAPITULO XLV

Começava a não me arrepender de ter ficado.

Como tinha previsto, o que via em Pariz era mais curioso do que o que teria visto em Argel.

Contava-se uma immensidade de acções heroicas ou de lindas palavras, que tinham sido feitas ou inventadas, o que, em similhante caso, vem a dar absolutamente na mesma coisa.

Porém do duque d'Orleans, no meio de tudo isto, nem uma palavra, nem uma acção lhe notavam: não tinha fallado, nem operado.

Se quizerem saber onde estava a opposição aristocratica nos acontecimentos do dia 28, nada melhor dará a conhecer onde tinha chegado, do que *este projecto de protesto* pelo sr. Guizot:

« Os abaixo assignados, regularmente eleitos deputados pelos collegas de districto e de departamento, abaixo nomeados, em virtude do decreto real do... e conforme a Carta constitucional e as leis sobre as eleições das... e achando-se actualmente em Pariz, julgam-se absolutamente obrigados, pelo seu dever para com o rei e a França, protestar

contra as medidas que os conselheiros da corôa, enganando as intenções do monarcha, fizeram ha pouco prevalecer para a destruição do systema legal das eleições e da liberdade de imprensa.

« As ditas medidas, contidas nos decretos dos... são, ao olhos dos abaixo assignados, directamente contrarias á Carta constitucional, aos direitos constitucionaes da camara dos pares, ao direito publico dos francezes, ás attribuições e ás sentenças dos tribunaes, e proprias para lançar o Estado n'uma confusão que compromette egualmente a paz do presente e a segurança do futuro; por consequencia, os abaixo assignados, inviolavelmente fieis ao seu juramento ao rei e á carta constitucional, protestam não só contra as ditas medidas, mas contra todos os actos que d'ellas poderem resultar; e visto que, de uma parte, não tendo sido constituida a camara dos deputados, não póde ser legalmente dissolvida; e d'outra parte, que a tentativa de formar uma outra camara de deputados por um modo novo e arbitrario, está em contradicção formal com a Carta constitucional e os direitos adquiridos dos eleitores, os abaixo assignados declaram que continuam a considerar-se como legalmente eleitos pelos collegas do districto e do departamento que n'elles votarem e como só podendo ser substituidos em virtude de eleições feitas segundo os principios e as fórmas exigidas pelas leis; e se os abaixo assignados não exercem effectivamente os seus direitos e não cumprem todos os deveres que lhes resultam da sua eleição legal, é porque d'isso os impede uma violencia material contra a qual não cessarão de protestar. »

No momento em que o futuro ministro de Luiz Philippe lia esta representação, um mancebo corria pela ponte da Grève bradando:

« Se eu fôr morto, amigos, lembrem-se que me chamo d'Arcole! »

E distribuiam-se impressos em que se liam estas palavras:

« A patria tem um bastão de marechal á disposição do primeiro coronel que passar para o lado do povo. »

O passo mais ousado que se deu n'este dia foi aquelle que deram os srs. Casimiro Périer, Lobau, Mauguin, Gérard e Laffite, indo ter com o marechal Marmont.

Foram pedir ao marechal que suspendesse a effusão de sangue.

Acharam na saleta um lanceiro ferido, a quem estavam curando; ao principio julgaram que fôra ferido com escumilha, porém acabavam de reconhecer que fôra ferido com typos.

O mais que estes senhores poderam obter do marechal, foi que escreveria a el-rei.

Quanto ao principe de Polignac, recusou obstinadamente fallar-lhes.

Marmont escreveu com effeito ao rei; era a terceira carta que desde a vespera escrevia a Carlos X.

Os deputados reunidos em casa do sr. Audry de Puyraveau tinham gritado muito, discutido muito, sem concluirem coisa alguma; o sr. Laffite disse que estava prompto a entrar no movimento com a sua *pessoa e bens;* para os banqueiros, é como se elles dissessem *corpo e alma;* porém o sr. Guizot ficára silencioso e immovel; o sr. de Laborde exclamára que era mister arvorar a bandeira tricolor, porém o sr. Sebastiani respondera que a unica bandeira nacional era a bandeira branca. O sr. Audry de Puyraveau dissera: é tempo de operar, mostremo-nos ao povo e armados; porém o sr. Méchin tomára o braço do sr. Sebastiani e sahira com elle.

Quanto a Lafayette, pedira que lhe designassem um logar qualquer, declarando que estava prompto a ir occupal-o e a auxiliar a insurreição com todo o seu poder.

Separaram-se, addiando a discussão para as seis horas da manhã seguinte.

A noite deslisou-se sombria, agitada, terrivel!

Morava eu n'esta epocha á esquina da rua do Bac e da rua da Universidade, o que fez com que passasse parte da noite no caes.

De quando em quando, viam-se no céo uns clarões como meteoros; depois subito, ouviam-se descargas para o lado de Gêve ou do mercado dos Innocentes.

Os sinos tocaram a rebate parte da noite.

Pelas tres horas da manhã entrei em casa, mas ás sete já estava a pé.

Tinham-se começado as descargas, e de tempos a tempos, a artilheria com seu estampido abafava o sibilar dos tiros de espingarda, mas já começava a espalhar-se a desmoralisação pela tropa; um soldado da guarda real, com quem me encontrei frente a frente quando sahia de casa, deixou-se desarmar sem resistencia.

A cartucheira e a espingarda passaram para as mãos de um patriota desarmado, que logo correu para o lado da rua dos Pères e da ponte das Artes, onde era a lucta.

A insurreição tomára um augmento e vigor novos.

Estava um general á frente dos patriotas.

O general era Dubourg; tomára uma farda bodarda em casa de um adelo, e recebera das mãos do actor Perlet um par de dragonas, que sem duvida lhe tinham servido n'algum dos seus papeis no Gymnasio.

Dez mil vozes bradavam: — Viva o general Dubourg, que pela manhã não conheciam.

Estava-se de posse do Hôtel-de-Ville.

O general Dubourg e o sr. Baude organisaram immediatamente uma especie de governo insurreccional.

Visitaram o cofre, onde encontraram para cima de cinco milhões.

Tractaram no mesmo instante do abastecimento de Pariz convocando os syndicos dos padeiros e dos marchantes.

Ás onze horas, arvorou-se em Nôtre-Dame a bandeira tricolor.

Ao meio dia foram por seu turno os srs de Semonville e d'Argout ao estado maior: era tentar pela camara dos pares o mesmo pedido que fôra tentado pelo sr. Laffite e pelos quatro commissarios em nome da camara dos deputados.

Porém tinham decorrido vinte e quatro horas entre estas duas embaixadas, e durante estas vinte quatro horas muitas coisas se tinham passado que traziam comsigo a morte da monarchia.

Acharam o duque de Raguse, mais que inquieto, desesperado, começava a vêr a situação como realmente era; elle mesmo instou com os dois mandatarios da camara alta para que fossem a Saint-Cloud.

Chegaram ao palacio real no momento em que acabava de os preceder a noticia de que Versailles estava em plena insurreição.

O rei não sabia quem havia de mandar a este outro vulcão que rebentava e punha Saint-Cloud entre duas crateras.

O general Vicente offereceu-se, o delphim acceitou, e o general partio para Versailles, á frente de duas companhias de guardas do corpo, sustentadas por trezentos *gendarmes*.

Mas assim que chegaram a Versailles os *gendarmes* bandearam-se para o povo.

O general, duas horas depois de ter partido de Saint-

Cloud, ahi tornava a entrar com dois terços menos da força que tinha levado e sem ter podido tentar coisa alguma contra a cidade rebelde.

Os srs. Semonville e d'Argout acharam o sr. de Polygnac á porta do rei; o presidente do conselho tinha-os precedido a Saint-Cloud.

— Ah! disse o sr. de Polygnac, veem pedir a minha cabeça? Entrem, senhores, entrem.

O rei estava perfeitamente socegado; apesar dos avisos que de toda a parte recebera, não podia acreditar n'uma longa e seria resistencia da parte do povo.

Os dois pares em balde lhe disseram que desde pela manhã a resistencia se tinha mudado em aggressão.

O rei abanando a cabeça, disse:

— Senhores, enganam-se, estão tomadas todas as medidas para suffocar a insurreição, e a revolta ha de cessar por si mesma.

O sr. de Semonville não comprehendia esta segurança que tinha verdadeiramente um caracter fatal; não se pôde conter mais tempo.

— *Sire,* exclamou elle, é mister dizer-vos tudo; se dentro de uma hora não forem retirados os decretos, acabou-se rei, acabou-se realeza.

— Nem em uma, nem em duas, disse Carlos X retirando-se.

O sr. de Semonville prostrou-se aos pés do rei, e agarrou-o pela casaca; porém o rei recuou para lhe escapar.

— *Sire,* bradou o sr. de Semonville, em nome da delphina, em nome do vosso neto!..

Tudo foi inutil, Carlos X retirou-se sem ter feito uma unica concessão.

N'este meio tempo, chegou o sr. de Vitrolles.

Tambem era de opinião que se retirassem as leis e que

se agrupasse em redor do duque de Mortemart e do marechal Gérard.

Coisa singular! repetição quasi banal do destino! dezoito annos depois, em eguaes circumstancias, tambem traziam outros dois nomes ao rei Luiz Philippe, os nomes dos srs. Thiers e Odilon Barrot.

E a este outro ministerio, assim como o ministerio Mortemart e Gérard, cabia-lhe tambem a vez de só ter algumas horas de existencia.

Durante este tempo o povo, guiado por dois estudantes da Escola Polytechnica, tomava o Louvre e as Tuileries.

N'outra parte contaremos com todos os detalhes pittorescos, que se passaram á nossa vista, est'outro 10 de agosto, menos sanguinolento, mas mais decisivo do que o primeiro e que devia ser dezoito annos depois seguido por um terceiro mais decisivo ainda.

Tomadas as Tuileries, parecia morta a realeza, tomadas as Tuileries, julgaram tudo acabado; abraçaram-se, dansaram, cantaram, estendeu-se um estudante da Escola Polytechnica sobre o throno e deitaram-se na cama do rei.

As tropas reaes retiraram-se pelo jardim das Tuileries e pela rua de Rivoli.

O ultimo tiro de peça que se deu partio de uma das ruas lateraes, da que fica mais proxima do terrado dos Feuillants; a bala foi bater n'uma das columnas estriadas que ornam a fachado do palacio das Tuileries, e levou-lhe um pedaço.

Ao expirar d'esta canhonada, ao susurrar dos soldados que fugiam ou entregavam as armas, aos brados dos vencedores perseguindo-os, abrio-se uma janella do palacio do sr. de Talleyrand, á esquina da rua de Rivoli e da rua Saint-Florentin; era o mordomo do principe que, desejoso de vêr o que se passava, commettia esta imprudencia.

Uma voz socegada e timida começou a reprehendel-o:

— Sr. Kaiser, dizia esta voz, está doido? Vae fazer com que nos venham roubar e matar!

— Não tenha receio, senhor, as tropas fogem, e o povo só tracta de as perseguir.

— Deveras?

— Veja o sr. mesmo.

O principe collocou-se timidamente por detraz das taboinhas, deitou um olhar para a rua, certificou-se do estado em que as coisas se achavam, depois voltando-se para a pendula, disse:

— Sr. Kaiser, tome nota, a 29 de julho de 1830, pela uma hora, o ramo primogenito dos Bourbons cessou de reinar em França.

Dezoito annos depois, a mão de um homem do povo suspendia o movimento da pendula das Tuileries á uma hora e vinte minutos.

Era d'esta vez o ramo segundo que por seu turno cessára de reinar.

Os ultimos tiros que n'este dia memoravel se deram foram empregados em homens que foram espingardeados como ladrões.

Acabados estes, o sr. Laffite que passára todo o dia em conferencia no seu palacio, rodeiado de deputados que estavam tremendo, approxima-se coxeando do sr. Oudard; o sr. Laffite tinha torcido um pé.

— Senhor, lhe disse elle, hontem pedi-lhe que fosse a Neuilly e que prevenisse o duque d'Orleans da situação em que os negocios se achavam. Em resposta a esta advertencia contentou-se em dizer:

« Fico-lhe muito obrigado. »

— Tenha a bondade de ir hoje novamente ter com elle, e de lhe dizer que lhe peço que escolha entre uma corôa ou

um passaporte: se me sahir bem, não lhe farei pagar a minha commissão: se me sahir mal, elle me condemnará.

O sr. Oudard partio, abstendo-se de responder ao sr. Laffile o que dois dias antes me respondera a mim.

No espaço de quarenta e oito horas, as coisas tinham mudado de face.

No seguinte dia, 30 de julho, ás onze horas da noite, entrava em Pariz o duque d'Orleans, vestido de camponez e acompanhado só de tres pessoas; e depois de ter respondido ao *quem vive?* das sentinellas com a palavra da ordem: liberdade, egualdade, fraternidade, entrava no Palais-Royal, pela porta das suas secretarias, isto é, pela rua de Saint-Honoré, que tinha o numero 216.

Lancemos um golpe de vista retrospectivo sobre o que se passou em Neuilly e em Saint-Cloud durante a noite de 29 e o dia 30.

CAPITULO XLVI

Carlos X, como vimos, acceitára, com grande pezar seu, o ministerio Mortemart.

Mortemart era um d'esses grandes senhores, como a revolução nos mostrou muitos; meio aristocratas, meio liberaes, por isso era pouco estimado de Carlos X, que não comprehendendo nenhuma concessão, só acreditava nas da força, e não nas da consciencia.

Por isso, como vimos, se tinha recusado a fazer coisa alguma, durante o largo tempo em que o podéra ter feito.

« Não me tenho esquecido, dizia elle, de como as coisas se passaram de 1789 a 1793; não quero, como meu irmão, andar de carro, quero andar a cavallo. »

Havia pois vinte e quatro hóras que o sr. de Mortemart estava em Saint-Cloud, quando Carlos X o mandou chamar e lhe annunciou que o tinha nomeado primeiro ministro.

Mortemart, muito admirado da honra que lhe faziam, esquivou-se quanto pôde: declarou que em similhante situação confessava a sua incapacidade; não tinha, dizia elle, aptidão para gerir os negocios publicos, mas sim um grande desejo de descanso para o que muito contribuia uma febre que tinha apanhado nas margens do Danubio.

Então o rei impaciente com esta resistencia, replicou:

— Então, senhor, recusa salvar a minha vida e a dos meus ministros?

— Oh! respondeu vivamente o sr. de Mortmart, se é isso que vossa magestade pede...

— Sim, senhor, é isso mesmo.

Deixando se ir atraz do seu pensamento secreto, sem pensar quanto tinha de offensivo para o sr. de Mortemart, disse:

— Muito feliz serei, se não me impozeram senão vós.

Voltando-se então para o sr. de Polygnac, disse:

— Faça entrar esses senhores.

O principe de Polygnac mandou entrar os srs. de Semonville, de Vitrolles e d'Argout, que tinham voltado á carga, e que estavam á espera na sala immediata.

— Senhores, disse Carlos X, faço o que desejam, vão dizer aos parizienses que o rei revoga as leis, porém declaro-lhe que julgo isto fatal aos interesses da monarchia.

Não havia tempo a perder; metteram-se nas sêges, e tomaram a galope a estrada de Pariz.

Pelo caminho, o sr. de Semonville ia gritando:

— Meus amigos, vimos de Saint-Cloud; meus amigos, os ministros cahiram.

Chegando ao Hôtel-de-Ville, os tres medianeiros fizeram-se apresentar ao sr. de Lafayette, que regia, senão como rei de França, ao menos como rei da insurreição.

O sr. de Lafayette introduzio-os na sala, onde se reunia a commissão municipal.

Travou-se uma discussão vivisima, a qual talvez se fosse inclinaudo em pró da realeza, quando o sr. de Schouen exclamou:

— É muito tarde, senhores, o throno de Carlos X desfez-se no sangue!

O sr. de Semonville quiz insistir, porém o sr. Audry de Puyraveau, chegando á janella, disse:

— Não fallem mais em composições, senhores, senão faço subir o povo.

Esta ameaça despedaçava a derradeira esperança de realeza do direito divino.

Os embaixadores retiraram-se: porém Casimiro Périer deu-lhes um passe para o sr. Laffite, convidando-os a tentar um ultímo esforço.

O pedido foi inutil; ainda que o sr. Laffite tivesse querido sustentar o ramo primogenito, e apressemo-nos a dizer que o não queria, teria sido muito tarde para mudar de opinião.

O seu palacio estava invadido pelos homens do povo, e durante a negociação, um d'elles, abrindo subitamente a porta, e batendo no chão com a coronha da espingarda, disse:

— Quem é que aqui se atreve a fallar em negociar com Carlos X?

O sr. d'Argout entendeu que tudo estava acabado, e retomou a estrada de Saint-Cloud.

Carlôs X julgando tudo apaziguado com a concessão que fizera, estava perfeitamente descansado.

Estava jogando o *whist* com o sr. Duras, o sr. de Luxembourg e a sr.ª duqueza de Berry, quando um official das guardas voltou de uma patrulha ordenada pelo sr. de Luxembourg, e lhe disse que tinha notado grande movimento no palacio de Neuilly.

— E que pensa d'esse movimento? perguntou o sr. de Luxembourg.

— Penso que se para isso tivesse sido auctorisado, teria trazido o sr. duque d'Orleans para onde elle a estas horas devia estar, isto é, para aqui.

O rei ouvio, voltou-se vivamente e disse com muita severidade:

— Se tal coisa tivesse feito, senhor, tel-o-ia altamente reprovado.

O sr. Mortemart, impaciente, não comprehendia como assim se perdiam instantes preciosos: sollicitava do delphim licença para ir a Pariz tentar alguma coisa.

Sentia que era quasi criminoso que se conservasse occioso n'este grande naufragio, e que todos deviam metter mãos á obra, segundo o seu genio ou a sua força para salvarem a náo do Estado.

Porém tinha sido vedada a passagem de Saint-Cloud para Pariz, e o delphim não queria tomar sobre si levantar esta prohibição.

Então o sr. de Mortemart dirigio-se ao rei; porém foi inutil.

Ainda não, respondeu Carlos X, temos tempo.

E todas as vezes que o sr. de Mortemart tornava com este pedido, recebia a mesma resposta.

Á meia noite os srs. d'Argout e de Vitrolles chegaram a Saint-Cloud.

Acharam o sr. de Mortemart levantado, e o rei deitado.

— Então que está aqui fazendo? disseram elles ao sr. de Mortemart, o seu logar é em Pariz.

— Sem duvida, respondeu o sr. de Mortemart, mas não pude obter do rei nenhum poder escripto; querem que me apresente como um aventureiro?

— Pois façamos nós aquillo que outros não querem fazer, disse o sr. d'Argout.

E assentando-se todos tres a uma meza, redigiram um decreto que annulava os de 25, restabelecia a guarda nacional, entregava o commando ao marechal Maison, nomeava o sr. Casimiro Périer para as finanças e o general Gèrard para a guerra.

Redigio o decreto: restava o mais difficil, que era chegar á presença do rei: era mister vencer a resistencia dos guardas que tinham ordem para não deixarem entrar ninguem nos aposentos do rei, depois combater a resistencia do criado grave, a quem tornaram responsavel pelas consequencias da sua recusa, e que só então, consentio em abrir a porta do quarto de dormir.

O sr. de Mortemart entrou só.

O rei estava na cama e dormia.

Acordaram-no.

Carlos X alevantou-se lentamente como um homem fatigado, e reconhecendo o sr. de Mortemart, disse:

— Ah! é o senhor! O que quer?

O sr. de Mortemart apresentou-lhe os decretos.

— Esperamos ainda, disse Carlos X.

— Mas, *sire*, insistio o duque, vossa magestade ignora em que estado se acha Pariz, e o sr. d'Argout está aqui, e já lh'o vae dizer.

— Não quero vêr o sr. d'Argout, disse o rei com impaciencia.

— O barão Vitrolles está com elle, *sire*; quer que o mande entrar?

— O barão de Vitrolles, sim.

Foi introduzido o barão de Vitrolles, que se achegou ao leito do rei.

O soberano fez então signal ao sr. de Mortemart para se retirar..

Acabava de ferir mortalmente duas pessoas com dois tiros, o sr. d'Argout não o recebendo, o sr. de Mortemart affastando-o depois de o ter recebido.

Era um habil atirador Carlos X.

— Ah! murmurou o sr. de Mortemart sahindo do quarto, se se não tractasse de salvar a cabeça do rei!..

As primeiras palavras de Carlos X ao sr. de Vitrolles foram como uma reprehensão.

— Como, lhe disse elle, é o sr. Vitrolles, o senhor que me instiga o tractar com vassallos rebeldes?

— Sim, *sire*, porque não póde tornar como rei a Pariz revoltada.

— Tudo, exclamou Carlos X, menos essa bofetada dada na monarchia.

— Bem, disse o sr. de Vítrolles; quer experimentar a Vendéa? Póde contar com ella? Ahi seguirei vossa magestade, estou prompto a dedicar-me até ao fim.

— A Vendéa, murmurou Carlos X, isso será bem difficil!..

Depois, respondendo a si mesmo:

— Sim, bem difficil!

Emfim, parecendo tomar de repente o seu partido, continuou:

— Vamos, vamos, dê-me uma penna.

E assignou.

A monarchia acabava de entregar a espada; e d'esta vez,

como o rei João em Poitiers, como Francisco I em Pavia, nem mesmo tinha salvado a honra.

Os srs. de Mortemart e d'Argout partiram de *caleche;* porém no bosque de Bolonha, em virtude da ordem dada na vespera, vedaram-lhes a passagem: era-lhes preciso dar volta pelo bosque de Bolonha, o que só a pé era possivel, abandonando o caleche: chegaram ao Point-de-Jour, atravessaram a ponte de Grenelle e entraram em Pariz pela brecha de um muro destinada provavelmente a facilitar contrabando.

Ás oito horas da manhã chegava o sr. de Mortemart á Praça de Luiz XV, com o chapéo e a gravata na mão, e a casaca debaixo do braço.

A cidade estava silenciosa: as janellas estavam fechadas, e as ruas desertas só eram frequentadas por homens desconhecidos, que nos dias de revolução levantam e guardam as barricadas.

Pela mesma hora o sr. Laffite, depois de ter mandado o sr. Oudard a Neuilly, redigia com os srs. Thiers, Mignet e Larréguy, uma proclamação orleanista que devia ser publicada ao mesmo tempo pelo *Nacional*, pelo *Correio francez* e pelo *Commercio.*

Mas, força é dizel-o, esta proclamação foi mal recebida: quando á sahida dos escriptorios do Nacional, onde acabava de ser composta, os srs. Thiers e Larréguy a distribuiram ainda molhada aos combatentes da vespera, acampados na praça da Bolsa, ouvio-se um grito unanime de cholera e de ameaça.

— Se assim é, diziam de todos os lados, vamos recomeçar, vamos fundir mais balas.

O sr. Pedro Leroux ahi se achava: pegou n'um dos impressos orleanistas, e correndo, dirigio-se ao Hôtel-de-Ville, onde o entregou ao sr. de Lafayette.

O golpe foi forte.

Lafayette não julgava que os orleanistas fizessem taes diligencias; ficou prostrado, e mal pensava em responder ao sr. de Boismilon, que acabava de lhe annunciar que o sr. duque de Chartres, preso pelo sr. de Leullier, *maire* de Montrouge, pedia um passe para se ir unir ao seu regimento a Joigny.

O sr. de Lafayette ia impellido por esse primeiro movimento generoso que n'elle se manifestava, assignar o passe, quando o sr. Pedro Leroux insistio pelo contrario para que se désse ordem ao sr. de Leullier para conservar preso o duque; sempre fraco e irresoluto, o sr. de Lafayette ia para assignar, mas contra vontade, esta segunda ordem, quando Odilon Barrot entrou com farda de simples guarda nacional, chamou o sr. de Lafayette de parte, levou-o para um quarto que ficava ao lado da sala, e fez-lhe assignar a ordem de pôr o duque d'Orleans em liberdade.

Esta ordem foi entregue ao sr. Comte, que partio immediatamente para a executar.

No entretanto tinha-se espalhado o boato d'esta prisão, e houvera uma especie de alboroto na praça da Bolsa; os homens commandados por Estevão Arago gritavam:

« É um principe, é um Bourbon! é preciso espingardeal-o! »

E como n'este momento as resoluções eram rapidas, preparavam-se para pôr esta em execução.

Estevão Arago póz-se á sua frente, porém mandando prevenir o sr. de Lafayette do que se passava e assegurando-lhe que, visto o caminho que ia fazer tomar á sua força, não estaria em Montrouge antes das duas horas.

Era tres vezes mais tempo do que o preciso para prevenir o principe.

O sr. de Lafayette aproveitou o conselho; o sr. duque

d'Orleans, munido do seu passe e prevenido a tempo, tomava cavallos de posta na Cruz de Berny, no momento em que aquelles que o queriam espingardear entravam em Montrouge.

No entretanto, cobriam-se as paredes de Pariz com esta proclamação:

« Carlos X não póde tornar a Pariz; fez correr o sangue do povo.

« A Republica expôr-nos-ia a horriveis divisões: indispôr-nos-ia com a Europa.

« O principe d'Orleans é um principe dedicado á causa da revolução.

« O duque d'Orleans nunca se bateu contra nós.

« O duque d'Orleans esteve em Jemmapes.

« O duque d'Orleans é um rei cidadão.

« O duque d'Orleans usou no fogo das côres tricolores; o duque d'Orleans é o unico que as póde trazer: não queremos outro.

« O duque d'Orleans não se pronuncia, espera o nosso voto; proclamemos esse voto, e elle acceitará a Carta como sempre a entendemos e quizemos; do povo francez é que elle ha de receber a corôa. »

Esta proclamação foi lida no Hôtel-de-Ville e geralmente approvada.

Comtudo levantaram-se algumas vozes, dizendo:

— Primeiro seria necessario saber se o duque d'Orleans acceitará.

Fizeram então passar de mão em mão esta nota enviada pelo sr. Laffite, e que tinha sido escripta no palacio de Neuilly, ás tres horas e um quarto da manhã.

O sr. Laffite só a recebera ás onze horas.

« O duque d'Orleans está em Neuilly com toda a sua familia; junto d'elle, em Puteaux, estão as tropas reaes, e bastaria uma ordem da côrte para o arrebatar á nação que n'elle acharia um poderoso penhor da sua segurança futura.

« Propõem ir a casa d'elle em nome das auctoridades constituidas, convenientemente acompanhadas, e offerecer-lhe a corôa.

« Se elle apresentar escrupulos de familia e de delicadeza, dir-se-lhe-ha que a sua estada em Pariz é indispensavel para a tranquillidade da capital e da França, e que somos obrigados a pôl-o ahi em segurança.

« Póde-se contar com a infallibilidade d'esta medida; além de que póde-se ter a certeza de que o duque d'Orleans não tardará a associar-se plenamente aos votos da nação. »

CAPITULO XLVII

O sr. Thiers depois de ter sido mal succedido com as suas repetidas proclamações ao povo de Pariz; depois de ter visto pelo contrario o bom effeito que tinha produzido no Hôtel-de-Ville, voltára a casa do sr. Laffite, precisamente para acceitar, como Scheffer, a missão decisiva de ir offerecer a corôa ao duque d'Orleans.

Scheffer era amigo d'esta familia, tanto quanto um artista póde ser amigo dos principes.

Partiram ambos.

O duque d'Orleans não estava em Neuilly.

Os dois embaixadores pediram para fallar á duqueza.

A duqueza recebeu-os.

Sem duvida desconfiava do motivo que ali os trazia, por que tinha o rosto mais severo do que inquieto.

Era o sr. Thiers o encarregado de tomar a palavra.

Á medida que se ia adiantando no seu discurso ia-se carregando o rosto austero da duqueza.

Depois, quando o sr. Thiers acabou de fallar, em logar de lhe responder, voltando-se para o sr. Scheffer, que se conservára calado, disse-lhe:

— Oh! senhor, como póde encarregar-se de similhante missão? Que este senhor, acrescentou ella designando o sr. Thiers, que este senhor o tivesse feito, concedo, porque nos não conhece; mas o senhor que tem frequentado a nossa casa, que tem podido apreciar-nos! ah! é uma coisa que nunca lhe perdoaremos.

Os dois enviados cortejaram-na e iam para se retirar, quando appareceu M.^{ma} Adelaide acompanhada por M.^{ma} de Montjoie.

Só uma coisa inquietava M.^{ma} Adelaide: era o receio de no fim da sua vida, tanto ella como seu irmão, se vissem obrigados a emigrar de novo, como lhe accontecera na mocidade.

Por isso, sem acceitar nem repellir a proposta que era dirigida ao sr. duque d'Orleans, disse aos enviados:

— Façam de meu irmão um presidente, um guarda nacional, tudo quanto quizerem, menos um proscripto.

Os dois embaixadores tomaram animo, insistiram com M.^{ma} Adelaide, a qual, abandonando os melindres de familia, encetou a questão muito mais grave, ao seu vêr, escrupulos politicos.

O sr. Thiers não teve muito trabalho para a convencer, porque convencida já ella estava.

Como a rainha apresentasse novas objecções, disse:

— Eu não sou filha de Pariz, e se estes senhores o julgarem util a causa de meu irmão; estou prompta a ir para o meio dos parizienses.

Os dois embaixadores não o julgaram necessario, e ajustaram que o sr. duque d'Orleans seria advertido, o mais breve possivel, do estado dos animos na capital e do offerecimento que lhe faziam.

Partio o sr. de Montesquieu para lhe levar esta noticia ao seu retiro, o qual só era conhecido dos familiares do palacio.

Que faziam, durante este tempo, os srs. de Mortemart de um lado e os republicanos do outro?

Como uns e outros deviam encontrar-se pelo meio dia no Hôtel de Ville, no momento em que os deputados, sobre a presidencia do sr. Laffitte, se reuniam no *Palais-Bourbon*, vejâmos o que se passava no Hôtel de Ville.

Contámos o rumor produzido pela proclamação sahida do escriptorio do *Nacional*.

Os chefes do partido republicano, prevenidos do que se passava, tinham-se reunido armados em casa de Lointier.

No meio d'elles se haviam introduzido alguns emissarios do partido orleanista que, ostensivamente, pertenciam á opinião republicana.

Estes enviados apresentavam-se aos republicanos protegidos com a adhesão de Béranger.

Com effeito Béranger, cujo nome pronunciamos pela primeira vez, era talvez quem mais tinha trabalhado para o sr. duque d'Orleans.

Béranger era a alma de Laffitte.

O sr. Laffitte, homem espirituoso, cheio de graça e de cortezia quando o seu interesse ou da sua popularidade pedia que fosse engraçado ou cortez, o sr. Laffitte, abando-

nado a si mesmo, era fraco, incerto, mediocremente instruido das coisas historicas; sem o conhecimento das quaes, se póde fazer a politica do coração, mas não a do raciocinio.

Mas tudo quanto tinha o sr. de Laffitte, tinha-o tambem Béranger, e a isso juntava tudo quanto o sr. Laffitte não tinha.

Béranger comprehendera pois no fundo d'alma, que antes de se chegar á Republica tinha de se passar por outra fórma de governo; que da monarchia de direito divino á magistratura popular não ia uma ladeira que se podesse descer mas um abysmo em que se podia cahir.

Desinteressado por si como sempre tinha sido, desconfiado do sr. duque d'Orleans, mas mais desconfiado ainda d'aquelles que representavam o partido democratico, e que, quasi todos homens de convicção e de consciencia, peccavam pela educação governamental, tinha trazido ao duque d'Orleans o apoio da sua popularidade, do seu talento e da sua integridade, levada, como depois se vio, até á mania.

O sr. Laffitte tinha toda a confiança em Béranger, e o sr. Laffitte tinha razão, por que uma parte da sua popularidade, a melhor, devia-a á influencia que Béranger tinha tomado sobre elle.

Porém por mais poderoso que fosse o nome de Béranger, tinha seus differente gráos de poder, e esse poder era menor nos salões de Lointier do que no do sr. Laffitte; por isso o orador orleanista, que fallava em nome do sr. de Laffitte e que invocava a adhesão de Béranger, esteve a ponto de levar um tiro de um membro da assembléa, que, vendo n'isto uma traição, achava muito simples acabar com o traidor.

Levantaram-lhe a espingarda, e no meio de grande rumor, redigiram este requerimento, destinado ao governo provisorio do Hôtel de Ville:

« Hotem reconquistou o povo os seus direitos sagrados a custo do seu sangue; o mais precioso dos seus direitos é escolher livremente o seu governo; é mister impedir que se faça qualquer proclamação que designe um chefe quando a mesma fórma de goveruo não póde ser determinada.

« Existe uma representação provisoria da nação; fique ella subsistindo até que o voto da maioria dos francezes possa ser conhecido. »

Era mister um homem seguro para levar o requerimento ao Hôtel-de-Ville.

Escolheram Hubert, o mesmo que vimos representar um grande papel na invasão da camara em 15 de maio.

Hubert encaminhou-se para o Hôtel-de-Ville; ia com farda da guarda nacional; mas para maior segurança ainda, foi acompanhado por seis membros da reunião.

Os seis guardas da bandeira republicana, que Hubert se encarregava da desenrolar e de sustentar com a sua reconhecida coragem, eram Bestide, Hingray, Teste, Guinard, Trelat e Pouhelle.

A deputação foi admittida perante o general Lafayette.

Hubert levava o requerimento na ponta da bayoneta da espingarda: abrio-o e leu-o em voz alta, depois, quando acabou de o ler, apontando para os signaes que as balas tinham deixado no tecto, disse:

— Em nome do sangue derramado, general, peço-lhe que não deixe que nos arrebatem o premio da victoria.

O general Lafayette estava muito enleiado; ja tinha feito seus ajustes: respondeu ao discurso conciso de Hubert com um discurso prolixo em que misturou as suas recordações da França e da America.

Debatia-se n'este lago de frouxa eloquencia sobre o qual sobrenadavam algumas idéas mais constitucionaes do que re-

publicanas, quando o general Carbonnel se approxima d'elle e lhe annuncia a visita de um par de França, que, segundo dizia, lhe queria fallar em particular.

Era um golpe de fortuna, em tal momento, esta interrupção que lhe permittia não dar uma resposta positiva.

Quiz levantar-se, porém os mancebos suspenderam-no.

Sentiam que o seu Lafayette lhes escapava.

Carbonnel insistia.

— Mande entrar, disse Lafayette.

— Mas o par de França não quer fallar senão ao senhor.

— Então, disse o general, não me fallará porque estou no meio de amigos a quem não escondo nada.

E cumprimentava graciosamente os mancebos.

Havia no velho defensor das liberdades de 89 um resto de fórmas aristocraticas que influia nos animos mais rudes.

Os mancebos deram palmas, e o par de França foi introduzido.

Era o sr. de Sussy.

Vinha da camara dos deputados, onde tinham recusado recebel-o.

Era portador do decreto de Carlos X, redigido durante a noite pelos srs. d'Argout e de Vitrolles.

Recebera este decreto das mãos do sr. de Mortemart, que lhe confiára os interesses da monarchia.

Dirigira-se primeiro á camara, mas fôra bater á porta dos senhores deputados justamente no momento em que os srs. de Sebastiani e Benjamin Constant acabavam de redigir a declaração seguinte que, lida na tribuna, fora coberta de applausos:

« A reunião dos deputados actualmente em Pariz pensou que era urgente pedir a S. A. R. o sr. duque d'Orleans, que se dirigisse á capital para ahi exercer as funcções de

logar-tenente general do reino, e exprimir-lhe o desejo de conservar o laço tricolor.

« De mais tem ella sentido a necessidade de tractar sem demora de assegurar á França, na proxima sessão das camaras, todas as garantias indispensaveis para a plena e inteira execução da Carta. »

Depois d'esta leitura, adoptadas as conclusões do relatorio, nomeara-se uma commissão de doze membros para levar ao duque d'Orleans a mensagem da camara.

Eis aqui o que determinára o sr. de Sussy a dirigir-se ao general Lafayette.

O sr. de Sussy andava de mal para peior, a occasião era mal escolhida para fallar de Carlos X no Hôtel-de-Ville do que na camara.

Com effeito, apenas o general vira de que se tractava, entregou o novo decreto á commissão republicana.

Era o meio mais seguro para desviar os animos da candidatura do duque d'Orleans.

Ouvio-se um brado solto em côro pelos deputados:

— Nada de Bourbons! nada de Bourbons!

Um dos deputados chegou a levantar a mão para o sr. de Sussy.

Trélat suspendeu-o.

— Que queres? lhe perguntou elle.

— O que quero?.. pela janella fóra.

— Pois lembras-te de fazer similhante coisa a um parlamentario!

— Senhor, disse Lafayette, bem vê a disposição dos animos. O mais que lhe posso fazer é apresental-o á commissão municipial.

Achava-se presente o conde de Loban, o qual se offereceu para acompanhar o conde.

O sr. de Sussy acceitou pedindo a Lafayette que escrevesse uma carta ao sr. Mortemart em que lhe provasse que tinha instantemente tractado da sua missão.

Em quanto apresentavam o sr. de Sussy á commissão municipal, o sr. de Lafayette escrevia a carta seguinte:

« Senhor duque,

« Recebi a carta que fez a honra de me dirigir, com todos os sentimentos que o seu caracter pessoal ha muito me inspira. O sr. conde de Sussy lhe dará conta da visita que teve a bondade de me fazer: satisfiz as suas intenções lendo o que me escreve a muitas pessoas que me rodeiavam: convidei o sr. de Sussy a ir á commissão, então pouco numerosa, que se achava no Hotel de Ville.

« Fallou com o sr. Laffitte, que então estava com os seus collegas; e eu remetterei ao general Gerard os papeis de que me encarregou. Mas os deveres que aqui me retem tornam impossivel ir procural-o. Se viesse ao Hotel de Ville teria a honra de ahi o receber, porém sem utilidade para o objecto d'esta conversação, pois que já foram feitas as suas communicações aos meus collegas. »

O sr. de Lafayette mostrou esta carta á deputação republicana, que se retirou resmungando.

— Acredite-me, lhe disse o sr. Odilon Barrot, o duque d'Orleans é a melhor das republicas.

Porém, como fossem para sahir, Audry de Puyraveau metteu um papel na mão d'Hubert.

— Leia, lhe disse elle em voz baixa, leia essa proclamação.

Era aquella que ao principio fôra redigida pela commissão municipal. Eil-a aqui.

« A França é livre.

« Quer uma constituição.

« Não concede ao governo provisorio senão o direito de a consultar.

« Em quanto não exprime a sua vontade por novas eleições, respeita os principios seguintes:

« Nada de realeza;

« O governo exercido só pelos mandatarios eleitos da nação;

« Poder executivo confiado a um presidente temporario;

« O concurso mediato ou immediato de todos os cidadãos na eleição dos deputados;

« A liberdade dos cultos: nada mais de culto do Estado;

« Os empregos de terra e de mar garantidos contra toda a demissão arbitraria;

« Estabelecimento das guardas nacionaes sobre todos os pontos da França. A guarda da Constituição é-lhes confiada.

« Sustentaremos, se preciso fôr, com insurreição legal, os principios pelos quaes acabamos de expôr a nossa vida. »

Esta proclamação, que foi lida por Hubert á multidão reunida na praça do Hotel-de-Ville, é a expressão mais adiantada das opiniões republicanas de 1830.

Vê-se que 1848, logo ao primeiro golpe, deixou 1830 muito para traz.

Em quanto que o republicanismo estava ás mãos com a realeza, em quanto Hubert lia a sua proclamação fóra, e o sr. de Mortemart tentava inutilmente fazer reconhecer as suas leis dentro, vejâmos o que era feito do futuro rei de França.

Luiz Philippe passava, como se sabe, todos os verões em Neuilly com a sua familia. Foi pois em Neuilly que o

suprehendera os decretos, e que lhe chegaram as primeiras noticias da insurreição.

Grande foi a sua anciedade: era chegado o momento por elle ha tanto tempo esperado. Em quanto o phantasma estiver no horisonte, caminhára ousadamente para o phantasma; este porém, uma manhã, fizera-se realidade; a realidade viera ter com elle: esta realidade chamava-se *usurpação*.

A palavra era medonha para pronunciar; a coisa era terrivel para cumprir.

O sr. duque d'Orleans tinha coragem, mas faltava-lhe audacia.

No caminho de Pariz ou no de Saint-Cloud, temia quasi tanto os insurgentes como os guardas de corpo; uns podiam reclamal-o por chefe, os outros podiam tomal-o em refens.

Luiz Philippe escondeu-se n'um dos pequenos pavilhões do seu parque, n'aquelle que era conhecido pelo nome de *Queijaria*.

Esteve n'este pavilhão todo o dia 28 e 29, mas no dia 29, depois de ter recebido a mensagem de Laffitte, foi grande a sua inquietação que, por mais escondido que estivesse no pavilhão, não se julgou em segurança, e partio para Raincy com o sr. Oudard.

Trazia casaca côr de castanha, calça branca, e chapéo pardo com um laço tricolor feito por sua irmã.

No dia 29, pelas tres horas, soube da tomada das Tuileries e da victoria do povo.

A situação era extrema; tratava-se para elle ou do throno ou da proscripção.

Do throno, isto é, da ambição eterna da sua raça;

Do exilio, isto é, do terror constante da sua vida.

No dia 30 pela manhã, peior foi ainda: recebeu a mensa-

gem do sr. Laffitte, que lhe dava a escolher ou a corôa ou um passaporte.

Comtudo, durante todo o dia 30, o duque d'Orleans esteve no seu retiro de Raincy sem dar signal de existencia.

Durante este tempo, seu filho, o duque de Chartres, como vimos, esteve a ponto de ser espingardeado em Montrouge.

Ao mesmo tempo, a commissão da camara ia a Luxembourg pedir que fosse nomeado logar tenente general do reino o duque d'Orleans.

Ao mesmo tempo, os republicanos experimentavam as suas primeiras decepções.

Ao mesmo tempo a realeza experimentava as suas derradeiras recusas.

A deputação da camara apresentou-se no Palais-Royal; o duque não estava lá.

Apresentou-se em Neuilly, tambem lá não estava.

A declaração foi entregue a M.^{ma} Adelaide.

Não havia meio de tergiversar por mais tempo.

Á noite, o duque d'Orleans, prevenido de tudo quanto se passava, tornou a Neuilly.

A declaração foi lida no parque, pelo duque d'Orleans, rodeado da sua familia, com uma especie de solemnidade que mais tarde se traduzio por uma especie de monumento do gosto do sr. Fontaine, que foi erigido no mesmo logar em que esta declaração fôra lida.

Depois de ter abraçado sua mulher, sua irmã e seus filhos, partio para Pariz com os srs. Berthois, Heymés e Oudard.

Nós vimol-o entrar, transpor as barreiras, e penetrar no Palais-Royal pela porta do casa da rua Saint-Honoré, que tinha o n.º 216.

O seu primeiro cuidado foi mandar prevenir Laffitte da sua chegada, e cumprimentar Lafayette pela influencia que já tinha tomado sobre a tranquilidade publica.

E sabendo ao mesmo tempo que o sr. de Mortemart estava em Pariz e o fim para que lá tinha ido, mandou-lhe pedir que fosse immediatamente ao Palais-Royal.

O sr. de Mortemart ia para voltar a Saint-Cloud quando recebeu esta mensagem: porém julgou o caso muito importante para addiar o sua partida.

Seguio-se o ajudante de campo que lhe tinham mandado, chegou ao Palais-Royal pelas dez horas e meia, e foi levado á presença do principe pelo sr. d'Oudard.

O principe estava n'um pequeno gabinete, completamente separado dos aposentos habitados por elle e pela sua familia, e como o calor fosse abrasador, estava deitado meio vestido sobre um colchão estendido no chão. Do rosto corria-lhe suor que não devia ser todo attribuido ao calor, e em que as angustias da alma e as agitações do seu animo tinham uma boa parte; o seu olhar era febril, as palavras breves e entrecortadas.

Certamente. Carlos X em Saint-Cloud a ponto de perder a sua corôa, estava menos agitado do que Luiz Philippe em Pariz a ponto de lh'a tirar.

Assim que avistou o sr. de Mortemart, o principe assentou-se na cama.

— Venha, sr. duque, lhe disse elle, quero dizer-lhe, afim de que possa transmittir as minhas palavras ao rei, quanto me tem dolorosamente affectado tudo quanto tem acontecido. Vae vêr sua magestade a Saint-Cloud, não é assim?

— Sim, senhor.

— Então, continuou o duque com volubilidade, diga-lhe que me trouxeram á força para Pariz. Hontem á noite, uma multidão de homens invadio Neuilly, perguntaram por mim

em nome da reunião dos deputados, e quando souberam que estava ausente, declararam á duqueza que ia ser conduzida a Pariz com todos os seus filhos, e que ficaria sua prisioneira até que o duque d'Orleans apparecesse.

« Foi só então que, toda tremula, a duqueza d'Orleans me escreveu um bilhete a pedir-me que fosse.

« Quando li esta carta, o meu amor por minha mulher e pelos meus filhos foi sobranceiro a qualquer outro sentimento.

« Fui livrar minha familia, e trouxeram-me para aqui muito antes da noite. »

Sabe-se o que havia de verdadeiro na descripção febril que o principe acabava de fazer ao sr. de Mortemart da sua odysséa.

Por infelicidade, justamente n'este momento, os brados de *Viva o duque d'Orleans!* retumbaram na rua e echoaram no pateo do Palais-Royal.

— Ouve, senhor, disse o sr. de Mortemart.

— Sim, sim, oiço, respondeu o principe; mas diga a el-rei que mais facilmente me deixarei matar do que acceitarei a corôa.

E, como a sua simples palavra podesse não parecer sufficiente ao rei, o duque d'Orleans levantou-se, foi a uma meza, e traçou á pressa algumas linhas dirigidas a Carlos X.

Era um protesto contra os destinos que lhe reservavam a camara dos deputados e a dos pares.

O sr. de Mortemart dobrou a carta, escondeu-a nas dobras da sua gravata, cortejou o principe e sahio.

Penosa foi sem duvida para o duque d'Orleans essa noite de 30 para 31, e da qual só o duque d'Orleans poderia contar todas as angustias!

Já contámos tudo quanto transpirou; sem duvida a esta entrevista entre o principe e o sr. de Mortemart succedeu

uma entrevista entre o futuro rei de França e o sr. Laffite; porém não foram conhecidos os seus pormenores.

CAPITULO XLVIII

Durante este tempo, não fallando em Carlos X, que no meio dos terrores crescentes dos seus servidores e da sua familia, conservava a placidez do erro e da obstinação, Saint-Cloud era o theatro de scenas que, ora violentas, ora inesperadas completavam as peripecias do grande drama que n'esta hora se representava entre o povo e o rei.

Raguse, o homem fatal, o bode emissario escolhido pelo destino para supportar n'este mundo e no outro o pezo de dois imperios que sobre elle desabavam, Raguse, depois de ter disputado o terreno palmo a palmo, chorando a sua derrota menos amargamente talvez do que teria chorado a sua victoria, tinha ido ter com a familia real a Saint-Cloud.

Carlos X ainda tinha á roda de si, quando chegou o duque de Raguse, cinco a seis mil homens de que podia dispôr, e que, reunidos aos restos da tropa que acabava de sahir de Pariz podiam formar um todo de dez mil homens.

O delphim queria reunir os dez mil homens e marchar sobre Pariz.

Era excitado e sustentado na sua resolução pelo sr. de Champagny, homem animoso e resoluto, inteiramente dedicado ao principe, e que a uma palavra sua iria morrer por elle.

O sr. de Champagny estabelecera um plano de resistencia

que estava prompto a pôr em execução, e para a iniciativa do qual só lhe faltava o consentimento do rei.

O delphim pedio uma entrevista ao rei, e d'esta entrevista, o sr. de Champagny expôz a Carlos X o projecto seguinte:

O rei dirigir-se-ia immediatamente a Orleans, onde todas as tropas seriam concentradas; o marechal Oudinot e o general Gœtsgados do commando das forças de Luneville e de Saint-Omer, que suppunham em marcha sobre Pariz; apoderar-se-ia em Toulon do thesoiro do dey d'Argel que ahi acabava de chegar, e que não montava a menos de cincoenta milhões.

O marechal Bourmont, chamado d'Africa, voltava a França com todas as tropas de que julgava dispôr; marchava, atravez das provincias realistas da Vendéa, e a guerra civil estava estabelecida em França sobre bases mais solidas do que nunca o tinha sido.

Porém o rei escutou este plano com ar distrahido e impaciente. Vendo os acontecimentos agglomerarem-se como nuvens impellidas pelo vento, duvidára da sua fortuna, e por conseguinte da monarchia.

Os dias do reinado estavam acabados para a familia dos Bourbons, e não seria um sacrilegio, quando Deus mesmo lhe parecia dizer: Basta! querer proseguir a sua obra de resistencia a uma vontade que não era já a dos homens, mas a de Deus!

— Falle de tudo isso ao delphim, respondeu elle.

Era inutil fallar de tudo isto ao delphim, pois que fôra elle quem impeilira o sr. de Champagny para o quarto do rei.

Então o delphim entrou.

— *Sire*, disse elle, se é a minha approvação que vossa magestade deseja, saiba que faço mais do que approval-a, recommendo-a.

— Pois bem, então que deseja? perguntou Carlos X.

— A auctorisação formal de a pôr em execução.

O rei reflectio por um momento; depois abanando a cabeça disse:

— Não, não, não.

Estava atacado de um d'esses grandes desfallecimentos de animo que accommettem os reis no momento da sua queda: o mesmo que se tinha apoderado de Napoleão, em 1814, em Fontainebleau, e em 1815, no Elyseu; o mesmo que devia atacar Luiz Philippe, em 1848, nas Tuileries.

O delphim retirou-se furioso para o seu quarto, atirou com a espada ao chão, e estirou-se soluçando n'uma poltrona.

O sr. de Champagny tinha-o acompanhado; deixou passar esta primeira explosão de cholera, depois propoz ao delpim para operar como se tivesse auctorisação do rei.

O delphim estava n'um d'esses momentos de exaltação em que os conselhos extremos são aquelles que mais lisonjeam a dôr.

Acceitou esta meia revolta contra seu pae, e o sr. de Champagny e elle começaram a redigir uma proclamação ás tropas.

A proclamação estava redigida e ia ser lida quando annunciaram ao delphim que o general Talon lhe desejava fallar.

— O general Talon! perguntou o delphim, não é aquelle que tão bem se bateu antes de hontem no Hotel-de-Ville?

— Esse mesmo, senhor, respondeu o ajudante de campo.

— Mande entrar, disse o principe.

O general Talon appareceu no limiar da porta, com o sobrolho carregado e olhar sombrio.

— Senhor, disse elle, estou prompto a morrer pela vossa augusta familia, e não insistirei sobre uma dedicação que

póde ser apreciada, pois que assenta sobre provas irrefragaveis: porém esta dedicação tem limites e não affronta a deshonra.

— A deshonra! exclamou o delphim, que quer dizer, general?

— Quero dizer, respondeu o general Talon, que se acaba de ler ás tropas uma proclamação que lhe refere como uma feliz noticia a revogação das leis.

— Por quem é assignada essa proclamação? não é pelo rei, de certo, exclamou o delphim.

— Não, senhor, é pelo duque de Raguse.

O delphim soltou um grito de raiva, correu como um insensato para o quarto do rei, perguntando todo o caminho onde estava o marechal; depois, como á sahida do quarto de seu pae, a quem acabava de contar o que se passava, lhe dissessem que o marechal estava na sala do bilhar, para ahi se dirigio arrebatadamente.

O duque de Raguse ahi estava com effeito: o delphim ordenou-lhe que o seguisse para uma casa immediata.

A sala do bilhar estava cheia de gente.

A ordem era tão arrebatada, a voz com que fôra dada vibrava tão febril e tão agitada que todos ficaram assustados, seguindo anciosamente com a vista o marechal que ia atraz do delphim para o quarto onde este o tinha precedido.

A porta fechou-se sobre elles.

Como foi *atacado*, como se diz em termos de theatro, a scena que então se passou entre o marechal e o principe, é o que ninguem póde dizer, por que estavam sós; porém desde logo se ouvio gritar muito.

A porta abrio-se com violencia; o marechal appareceu com a cabeça descoberta, e andando para traz, seguido pelo delphim, que o insultava e ameaçava ao mesmo tempo.

E tendo-lhe o marechal respondido uma vez só a todos os insultos e a todas as ameaças, o delphim exclamou:

— É um traidor, senhor, e trahe-nos, como trahio o outro. A sua espada! a sua espada!

E corrrendo para o marechal, procurou tirar-lhe a espada, conseguindo fazel-a sahir até metade fóra da bainha.

Com um gesto rapido o marechal carregou na espada, e a folha, escorregando por entre as mãos do delphim, cortou-lhe os dedos, d'onde espirrou sangue.

Á vista do sangue o principe perdeu a cabeça.

A sala estava cheia de guardas.

— Venham! senhores, venham cá, bradou elle mostrando a mão ensanguentada.

Os guardas obedeceram e rodeiaram o marechal, verdade é que, mais talvez para o garantirem da cholera do principe do que para o prenderem.

Comtudo a ordem era formal: conduziram o marechal a um quarto, onde foi encerrado.

Apenas esta scena acabava de ter logar chegou aos ouvidos do rei o estrondo terrivel que d'ella resultou; similhante noticia tirou o nobre ancião da sua apathia.

Havia uma grande injustiça a reparar, e uma ferida dolorosa a curar.

— Diga ao marechal que lhe está levantada a ordem de prisão, bradou elle da sua porta entr'aberta, e que lhe peço que venha fallar-me immediatamente.

Um momento depois entrou o marechal no aposento regio.

Carlos X deu tres passos para o duque de Raguse, dizendo:

— Sr. marechal, estou ao facto do que acaba de se passar; receba as minhas desculpas, em quanto o delphim lhe não dá as suas.

Havia tal expressão de dôr n'este ancião, que, no momento em que perdia um throno, achava tempo para consolar um orgulho offendido, o qual se curvou; uma lagrima rolou nos olhos do marechal, e com voz suffocada, agradeceu a el-rei as suas bondades.

O rei approveitou este momento para pedir ao marechal que fosse ter com o delphim.

— Para que? perguntou o duque de Raguse.

— Para lhe pedir desculpa, meu caro marechal, respondeu o rei, mas sobre tudo para receber as d'elle.

O duque inclinou-se em signal de obediencia e foi ter com o delphim; mas quando o delphim estendeu a mão ao marechal, este deu um passo para traz, cortejou-o e sahio.

Recusára tocar na mão do principe.

Depois da proclamação do duque de Raguse, depois da scena que occorrera entre o principe e elle, não havia meio de pôr em execução o plano de resistencia apresentado pelo sr. Champagny.

Além d'isso, toda a energia do delphim se tinha esgotado n'esta lucta; todos se retiraram para os seus aposentos, onde, segundo a sua força ou a sua fraqueza, procuraram reagir contra o destino, ou se curvaram sob a mão de Deus.

Pela meia noite, isto é, quando o duque de Mortemart ia sahindo do Palais-Royal com a carta em que o duque d'Orleans protestava a sua fidelidade ao rei, a duqueza de Berry, tomada de um terror subitaneo, irresistivel, maternal, levantou-se, correu ao quarto do delphim e pedio-lhe que não teimasse em estar mais tempo em Saint-Cloud *que estava ameaçado*.

Ninguem tractou de perguntar quem era que ameaçava Saint-Cloud; a palavra: *Saint-Cloud está ameaçado* espalhou-seimmediatamente pelos corredores e pelos quartos

do palacio; no mesmo instante todos se levantaram; accordaram o rei, disseram-lhe que Saint-Cloud estava ameaçado, e pediram-lhe as suas ordens.

Duas horas depois, o rei, a duqueza de Berry e os dois infantes punham-se a caminho para Trianon escoltados por cem guardas de corpo.

O delphim ficou para dirigir o movimento de retirada das tropas.

No dia seguinte apparecia esta proclamação, assignada pelo duque d'Orleans, e que annunciava aos parizienses que elle tinha acceitado.

« Habitantes de Pariz!

« Os deputados da França, n'este momento reunidos em Pariz, exprimiram o desejo de que me dirigisse a esta capital para aqui exercer as funcções de logar-tenente general do reino.

« Não hesitei em vir partilhar os vossos perigos, em collocar-me no meio d'esta heroica povoação, e em fazer todos os meus esforços para vos preservar da guerra civil e da anarchia.

« Quando entrei na cidade de Pariz, trazia com orgulho essas côres gloriosas que vós retomastes, e que eu mesmo por muito tempo tinha usado.

« As camaras vão reunir-se: ellas tractarão dos meios necessarios para que as leis governem e a ordem se sustente.

« *Uma* Carta será d'ora ávante uma verdade.

L. Ph. d'Orleans. »

Porém, antes de redigir esta proclamação, antes de contrahir este compromisso, o duque d'Orleans, como os antigos, que não faziam coisa alguma sem consultarem o oraculo de Delphos ou de Dodona, o duque d'Orleans tinha consultado o Calchas da rua Saint-Florentin.

O sr. de Sebastiani é quem fôra encarregado pelo principe de ir recolher a voz moribunda que ainda dispunha das corôas.

Fôra apresentado ao sr. de Talleyrand, pela manhã, no momento em que se estava vestindo, e entregára-lhe a carta que o principe lhe dirigia em fórma de consulta.

— Que acceite. respondera o sr. de Talleyrand.

E o principe acceitára.

Por esta acceitação, grande revolução local se effectuára: a monarchia burgueza substituia a monarchia aristocratica.

Ella devia mui naturalmente conduzir-nos á magistratura popular, onde emfim chegámos.

CAPITULO XLIX

A proclamação do duque d'Orleans foi lida á camara e recebida com enthusiasmo.

Houve então um momento de silencio, durante o qual entraram todos a olhar para o passado e para o futuro; e todos desejaram saber onde se tinha chegado.

Benjamin Constant, os srs. Guizot, Bérard e Villemain foram encarregados de pôr n'alguma ordem este xadrez, em que tantos piões tinham sido derribados, e em que um rei, descendente de tantos reis, acabava de levar xeque e mate.

Eis aqui qual foi o trabalho d'estes senhores:

« Francezes! a França está livre! O poder absoluto er-

guia a sua bandeira; a heroica povoação de Pariz derribou-a.

« Pariz, atacada, fez triumphar pelas armas a causa sacrosanta que em balde acabava de triumphar nas eleições.

« Um poder, usurpador do nosso repoiso, ameaçava ao mesmo tempo a liberdade e a ordem, nós reentramos na posse da ordem, e da liberdade.

« Acabou-se o receio pelos nossos direitos adquiridos, acabaram-se as barreiras entre nós e os direitos que ainda nos faltam.

« Um governo que, sem demora, nos garanta estes bens é hoje a primeira necessidade da patria.

« Francezes: estão reunidos aquelles dos vossos deputados que se acham em Pariz e esperando a intervenção regular das camaras convidaram um francez, que nunca combateu senão pela França, o sr. duque d'Orleans, a exercer as funcções de logar-tenente general do reino. É, ao seu vêr, o meio de coroar promptamente pela paz o successo da mais legitima defeza.

« O duque d'Orleans é dedicado á causa nacional e constitucional; sempre defendeu os seus interesses e professou os seus principios;

« Ha de respeitar os nossos direitos, porque de nós receberá os seus;

« Faremos leis que nos dêem as garantias necessarias para tornar a liberdade forte e duradoira;

« O restabelecimento immediato da guarda nacional, com a intervenção dos guardas nacionaes na escolha dos officiaes;

« A intervenção dos cidadãos na formação das administrações municipaes e departamentaes;

« O jury para os delictos da imprensa;

« A responsabilidade legalmente organisada dos ministros e dos agentes secundarios da administração;

« As patentes dos militares legalmente garantidas;

« A reeleição dos deputados promovidos a cargos publicos;

« Daremos ás nossas instituições, de accordo com o chefe do Estado, o desenvolvimento de que ellas carecem.

« Francezes! o proprio duque d'Orleans já fallou, e a sua linguagem é aquella que convém a um paiz livre.

« Vão reunir-se as camaras, vos diz elle; estas tractarão dos meios necessarios para que as leis governem e os direitos da nação se sustentem.

« A Carta será d'ora avante uma verdade. »

Era isto mesmo, não fallando n'uma pequena mudança na ultima linha.

Esta mudança parecia pouco, mas significava muito.

« Em logar de: *uma* Carta será d'ora ávante uma verdade, estes senhores pozeram:

« A Carta será d'ora ávante uma verdade. »

Esta *errata* dispensava de se fazer uma Carta nova, e fazia com que o governo das barricadas, aproveitando-se da Carta antiga, não se obrigasse a dar ao povo mais do que a somma de liberdade promettida pelo governo derribado.

Uma deputação da camara foi dirigida ao duque d'Orleans: devia felicital-o primeiro, e acompanhal-o depois ao Hotel-de-Ville.

O duque d'Orleans tinha por si a camara dos pares e a dos deputados; restava-lhe conquistar depois a do Hotel-de-Ville.

O Hotel-de-ville, isto é, a fortaleza em que ha novecentos annos se refugia, a cada revolta, essa grande deusa popular a que chamam Revolução.

D'esta vez tambem a Revolução ahi se achava, e quando o poder ia ter com o duque d'Orleans, era mister, para que esse poder fosse consagrado, que o duque fosse ter com ella.

Pozeram-se a caminho.

O duque d'Orleans ia a cavallo, inquieto no fundo d'alma, porém tranquillo na apparencia.

Seguia-o o sr. Laffitte, e como não podia ir a pé por causa de uma pancada que tinha dado n'uma perna, como não podia ir de carruagem por estarem as ruas descalçadas, fez-se transportar n'uma cadeirinha conduzida por saboyanos.

Tudo foi bem do Palais-Royal até o caes: estavam ainda no bairro da burguezia, e esta acclamava o seu eleito: mas assim que passaram a Ponte-Nova, começaram a entrar na esphera do povo, e os signaes de enthusiasmo foram pouco a pouco diminuindo para darem logar a um signal glacial.

Chegando á praça de Gréve, achava-se ainda n'um logar em bue a revolução se conservava na sua plenitude; e á vista de homens de braços nús, á vista do acampamento sobre palha, á vista dos vestigios do combate, que conservavam com cuidado, em logar de os desviarem e de os fazerem desapparecer, como n'outra parte tinham praticado, não se diria que tudo estava acabado em outro bairro, e que para as camaras dos pares, para a dos deputados e para o Palais-Royal, o povo tinha dado a sua demissão.

Não, o povo parecia ter-se refugiado no Hotel de Ville sombrio, inquieto, vigilante.

O duque d'Orleans apeou-se; a abobada escura do Hotel de Ville abria-se diante d'elle como a garganta d'um sorvedoiro; subio, mui pallido, as escadas, e desappareceu com o seu fraco cortejo no interior do Hotel de Ville.

O acaso fez-me assistir á recepção do duque; chegava de Soissons, onde tinha ido por ordem do general Lafayette, buscar seis mil libras de polvora.

A situação era bem grave e solemne: o passo que dava o duque d'Orleans indo pedir a sancção do povo, era um rompimento completo, eterno, com a monarchia do direito divino; era a coroação de quinze annos de conspiração, era finalmente a sagração da revolta na pessoa de um principe de sangue.

E comtudo mesquinhos são os detalhes d'esta recepção, em vista da grandeza do acto; teria sido dever de Lafayette espalhar a grandeza e a solemnidade das circumstancias em que se achava, tornando-se prolixo nos detalhes.

Leu-se a declaração da camara.

Quando o leitor chegou a estas palavras:

O *Jury para os delictos de imprensa*, o homem que devia fazer as celebres leis de setembro, inclinou-se para Lafayette e disse lhe:

— Era um artigo inutil, meu caro general, porque espero que não tornarão a haver delictos de imprensa.

Acabada a leitura, pôz a mão sobre o coração e respondeu:

— Como francez, deploro o mal feito ao paiz e o sangue que tem sido derramado; como principe estou satisfeito por contribuir para a felicidade da nação.

N'este momento, um homem com farda de general, rompeu por entre a multidão e foi collocar-se em frente do principe.

Era o general Dubourg, esse homem que devia ajudar de uma maneira tão poderosa a fazer a revolução, de quem ninguem d'antes tinha fallado, de quem ninguem depois devia fallar.

— Acaba de contrahir uma obrigação sagrada, senhor,

disse o general ao principe, tractae de a sustentar; porque... (estendeu a mão para a praça cheia de povo fremente) porque se a esquecerdes, o povo que ali está na Grève vol-a saberá recordar.

O principe estremeceu, subio-lhe a cholera ao rosto, e com voz commovida respondeu:

— Não me conhece, senhor; sou um homem honrado e quando se tracta de cumprir um dever, não me deixo vencer pela supplica, nem intimidar pela ameaça.

Voltando-se depois para Lafayette, o principe disse-lhe a meia voz algumas palavras que só poderam ser ouvidas pelas pessoas que os rodeiavam.

Mas quasi no mesmo momento e para fazer diversão a esta scena que fôra revestida de alguma grandeza, Lafayette levou o duque d'Orleans para a janella, poz-lhe na mão ume bandeira tricolor, e mostrou-o ao povo abrigado pelo véo sacrosancto das côres nacionaes.

O povo rompeu em applausos.

Era a mesma scena que elle tinha representado, em circumstancias quasi similhantes, quarenta annos antes com Luiz XVI.

Sómente, pura de todo o excesso, essa revolução não devia ter nem os seus Flesselles, nem os Foulon, nem os Berthier; e em quanto a primeira, apenas em quatro annos, tinha conduzido Luiz XVI da ovação ao cadafalso, a segunda devia gastar dezoito annos em conduzir Luiz Philippe do triumpho ao exilio.

O duque d'Orleans entrou no Palais Royal, acompanhado de numerosas acclamações; nada lhe faltava, tinha recebido a sagração da camara dos pares, da camara dos deputados e do Hotel-de-Ville; dos srs. de Semonville, de Laffite, e de Lafayette.

Á noite, uma d'essas carruagens publicas a que chamam

Carolinas, reconduzio de Neuilly ao Palais-Royal, a irmã, á mulher e os filhos do logar tenente general.

Mas restava para o duque d'Orleans uma lucta mais viva a sustentar no Palais-Royal, do que a sustentada no Hotel-de-Ville: quando julgava o seu dia acabado, e abraçava a irmã, mulher e filhos, apresentou-se-lhe o sr. Thiers, coisa bem facil n'esta epocha, e annunciou-lhe os *seus* republicanos.

Os republicanos do sr. Thiers, era essa generosa mocidade do *Nacional*, que vimos gerir os negocios publicos e que n'elles infelizmente não demonstraram uma sciencia egual á sua inteireza.

Alguns martyres em 1850, d'essa causa que defendiam em 1830, estão hoje presos.

Eram emfim os srs. Boinvilliers, Godefroy, Cavaignac, Guimard, Thomaz, Bastide e Chevallon.

O principe parecia muito admirado: não tinha sido prevenido d'esta visita, e por conseguinte não tivera tempo para se preparar para ella.

Explicaram-se de parte a parte com palavras vagas, meio de ataque, meio de polidez; era a escaramuça que precedia a batalha.

Foi o sr. Boinvilliers que tomou a palavra, dizendo:

— Amanhã, principe, sereis rei.

O duque d'Orleans fez um movimento.

— Rei! senhor, quem disse isso?

— O caminho que seguem os vossos partidarios, a pressão que exercem sobre as coisas, os escriptos com que enchem as paredes, o dinheiro que espalham pelas ruas.

— Não sei o que fazem os meus partidarios, respondeu o duque, mas o que sei, é que nunca aspirei á corôa e que não a desejo, posto que muitas pessoas instem comigo para que a acceite.

— Emfim, tornou o sr. de Boinvilliers, a questão não é essa; supponhamos que venhaes a ser rei, qual é a vossa opinião sobre os tractados de 1815; não é uma revolução nacional; foi a vista da bandeira tricolor que sublevou o povo e seria mais facil ainda impellir Pariz sobre o Rheno do que sobre Saint-Cloud.

— Senhores, respondeu o duque, sou muito bom francez, sou muito patriota sobre tudo para ser partidario dos tractados de 1815; porém importa ter muita circumspecção para com as potencias estrangeiras, e ha sentimentos que se não devem exprimir em voz muito alta.

— Passemos ao pariato.

— Ao pariato? repetio o principe, no tom de um homem que diz: é um interrogatorio que me fazem.

— Haveis de vos convencer, disse o sr. de Boinvilliers, que o pariato já não tem raizes na sociadade; o codigo, abolindo os morgados e dividindo as heranças, suffocou a aristocracia no seu germen, e o principio da herança nobiliaria acabou.

— Penso, senhores, que se enganam, disse o duque, a respeito d'essa questão de herança: ao meu vêr é ella uma grande segurança para as idéas que defendem, pois que o pariato tornando-se em certa familia um direito que o filho recebe de seu pae, em logar de um favor recebido do seu rei, o principio de independencia facil de suffocar n'uma camara eleita, é mais vivaz n'uma camara hereditaria. De mais, acrescentou o principe, é uma questão que se ha de examinar, e se o pariato hereditario não poder existir, *não serei eu que o edificarei á minha custa.*

— Senhor, disse então Bastide, penso que para interesse mesmo da corôa, deverieis reunir as assembléas primarias.

O duque estremeceu como se uma serpente lhe houvesse mordido.

— As assembléas primarias! Sim, disse elle, eu sei, senhores, que estou fallando com republicanos.

Os deputados inclinaram-se: acceitavam a denominação em logar de a repellirem.

— Julgam pois a Republica possivel em França, senhores, exclamou o duque, e 93 não lhes deu uma lição bem dura?

— *Senhor*, disse Cavaignac, 93 era uma revolução e não uma republica. Além d'isso, tanto quanto me posso lembrar, republica ou revolução, os acontecimentos que passaram desde 89 até 93 obtiveram a completa adhesão. Pertencieis á sociedade dos Jacobinos.

— Sim, mas felizmente, exclamou vivamente o duque, não pertencia á convenção.

— Não, mas pertenciam vosso pae e o meu, e ambos votaram a morte do rei.

— É justamente por isso, sr. Cavaignac, que digo isto, é permittido ao filho de Phillippe Egualdade exprimir a sua opinião sobre os regicidas. Demais, meu pae foi muito calumniado; era um dos homens mais respeitaveis que tenho conhecido.»

— Senhores, tornou o sr. Boinvilliers interrompendo o duque d'Orleans na enumeração das qualidades do pae e na das calumnias de que tinha sido objecto, ainda nos resta outroreceio.

— Qual é?

— Tememos, e para isso temos nossas razões, tememos vêr os realistas e os padres encherem as avenidas do novo throno.

— Oh! quanto a esses, descansem, deram rudes golpes na minha casa; parte das calumnias de que ha pouco fallei, d'elles vieram; uma barreira eterna nos separa; isso era bom para o ramo primogenito.

E pronunciou estas ultimas palavras com um tal sentimento de animosidade, que os republicanos olharam para elle admirados.

— Pois bem, senhores, acaso avanço uma verdade desconhecida, revelando essa divisão de principios e de interesses que sempre tem separado o ramo segundo do ramo primogenito, a casa d'Orleans da casa reinante? Oh! o nosso odio não data de hontem, senhores, remonta a Philippe, irmão de Luiz XIV. É ao regente. Quem foi que o calumniou? os padres e os realistas; porque um dia, senhores, quando melhor tiverem profundado as questões historicas, melhor houverem excavado até ás raizes a arvore que querem derrubar, saberão quem era o regente: os serviços immensos que prestou á França descentralisando Versailles e fazendo passar pelo seu systema de finanças o oiro e a prata até ás ultimas arterias da sociedade. Ah! só uma coisa peço, e vem a ser que, se Deus me chamar a reinar na França, como ha pouco disseram, me seja concedida uma porção do seu genio.

Espraiou-se depois sobre a mudança que a politica do regente fizera na situação diplomatica da Europa disse algumas palavras ácerca da sua alliança com a Inglaterra, as quaes indicavam que buscaria o mesmo ponto de apoio que seu avô.

Esta digressão desviava os republicanos do verdadeiro motivo da sua visita; além d'isso sobre o assumpto que ali os conduzira, sabiam quanto tinham desejado saber, inclinaram-se pois em signal de que desejavam retirar-se.

Vendo isto, o duque d'Orleans cumprimentou-os por seu turno.

E ao cumprimental-os disse-lhes:

— Vamos, senhores, hão de tornar a vir ter comigo, e então vereis.

— Nunca! respondeu um d'elles.

— Nunca! é uma palavra muito absoluta, e nós temos um velho proverbio que diz que nunca se deve dizer d'esta agua...

Estes senhores tinham sahido, ou tinham-lhe voltado as costas antes mesmo de ter acabado o proverbio a que fazia allusão, e que pintava maravilhosamente o seu desprezo por esse sentimento intimo a que os homens chamam convicção.

No dia seguinte, o general Lafayette, á frente da commissão municipal, foi pagar ao duque d'Orleans a visita que lhe fôra fazer na vespera ao Hotel de Ville.

A commissão municipal, além do fim de pagar a visita recebida, tinha tambem o de se demittir das suas funcções ao logar-tenente general.

Eís-aqui, copiada textualmente, a demissão d'esse poder popular improvisado na noite de 30, e que, depois de ter conservado o poder por dois dias, d'elle se demittia no 1.º de agosto.

Fôra escripta d'ante mão, e era dactada do Hotel de Ville.

« Senhor, os membros da commissão municipal de Pariz têem a honra de expôr a vossa alteza real que tendo cessado as circumstancias que exigiram a creação d'este poder temporario com a vossa exaltação a logar-tenente general do reino, esperam as instrucções de vossa alteza para deporem uas mãos que se lhes servir designar, as funcções que lhes foram confiadas.

« Somos, com respeito.

De vossa alteza real,

Humilissimos e obedientissimos servos

De Schonen, Lobau, Audry Puyraveau. »

O duque d'Orleans respondeu acceitando a demissão da commissão municipal, mas pedindo-lhe que conservassem as funcções que dissessem respeito ao estado interior, á segurança e aos interesses municipaes da cidade de Pariz.

Quanto aos outros trabalhos, pedia-lhes que os remettessem aos differentes ministerios competentes.

A commissão tinha previsto este caso, e formado d'ante mão a lista ministerial, que foi submettida á approvação do logar-tenente general.

Os futuros ministros comtudo só deviam ser reconhecidos sob o nome de commissarios provisorios.

Eram os senhores:

Dupont de l'Eure para a justiça;

O barão Luiz para as finanças;

O general Gèrard para a guerra;

Casimiro Périer para o interior;

De Rigny para a marinha;

Bignon para os negocios estrangeiros;

Guizot para a instrucção publica.

CAPITULO L

Sobreveio comtudo um incidente que produzio alguma discordia na combinação.

Apenas Casimfro Périer acceitára, lançára os olhos para o lado de Versailles: Carlos X ainda não tinha passsado de Rambouillet, estava pois demasiadamente proximo para elle se declarar.

Correu ao Hotel-de-Ville, e supplicou a Bonnelier, então secretario da commissão municipal, que riscasse da lista o seu nome.

Infelizmente já a lista tinha partido; e teve de se contentar com uma *errata* no *Moniteur*.

O nome do sr. Casimiro Périer foi substituido pelo do sr. de Broglie.

Dois dos ministros inscripios n'esta primeira lista da realeza de julho eram chamados a uma singular missão no futuro.

O sr. Guizot era chamado a enterrar essa monarchia que recebia no berço.

O sr. Dupont (de l'Eure) devia ser um dos primeiros ministros do governo que lhe devia succeder.

Singular destino dos homens d'estado que em geral não chegam ao poder senão quando não teem força para o sustentar, quer nasça quer feneça.

Durante este tempo, como dissemos, Carlos X retirára-se, e depois de ter feito a 31 de julho em Trianon, uma paragem em que foi alcançado pelo delphim e pelas tropas que se lhe tinham conservado fieis, pozera-se a caminho para Rambouillet, depois de ouvir a missa que lhe foi dita n'um altar fechado n'um armario.

Em seguida haviam-se tomado as disposições seguintes:

O sr. de Bordésoulle ficava em Versailles á testa da sua divisão.

O delphim devia dormir em Trappes.

A duqueza de Berry e seus dois filhos fariam o caminho em carruagem.

Carlos X devia ir a cavallo até Rambouillet.

Chegaram a Rambouillet á meia noite do dia 31 de julho.

Carlos X estava de muito máo humor: a sua escolta, morta de fome, atrevera-se a caçar no parque.

Quando, tendo perguntado que tiros eram aquelles, lhe responderam que tinham sido disparados por caçadores, repetio:

— Por caçadores! Pois caçaram? Quem são os caçadores?

— As pessoas do sequito do rei: mas a necessidade de viver deve servir-lhes de desculpa.

— Não importa, exclamou o rei, é desattenderem-me abertamente; não poderei mais caçar n'este parque, sendo hoje devastado d'esta fórma.

Talvez que outro que não fosse Carlos X em logar de pensar na sua tapada devastada, teria pensado na sua monarchia destruida, e ter-se-ia lembrado com um suspiro que fôra n'este mesmo palacio que tinha parado, dezeseis annos antes, Maria Luiza e o rei de Roma, expulsos pelos alliados que o tinham reconduzido a França.

Quanto ao delphim, as suas idéas eram quasi as mesmas.

— Sabes tu, Guiche, do que tenho saudades na França? dizia elle.

— Não sei, senhor, respondia este, ha tantas coisas de que ter saudades.

— Pois é do meu trem de caça, era tão bonito!

Passando depois pela frente do 6.º da guarda, perguntou:

— Coronel, póde contar com a sua gente?

— Todos farão o seu dever, senhor, respondeu o coronel inclinando-se.

O principe continuou o seu caminho, e depois parando defronte de um soldado que tinha a gravata posta com negligencia, disse-lhe:

— Estás muito mal arranjado.

Os principes fugitivos foram chamados, máo grado seu, á sua posição.

Primeiro pelo regresso da sr.ª delphina, que vinha de Dijon.

Tinha encontrado no caminho o sr. duque de Chartres, o qual, posto em liberdade, se ia unir ao seu regimento em Joigny.

A duqueza reconhecera o joven principe e mandára parar a sua carruagem.

— Senhor, perguntára a delphina ao duque de Chartres, vem de Pariz?

— Sim, senhora.

— Que se passa lá de novo?

Então o duque de Chartres contára o que sabia apenas por tambem lh'o terem contado.

— E onde está o rei? continuou a delphina.

— Penso que está em Saint-Cloud.

— Pensa? pois não póde responder-me com certeza?

— Tenho estado fóra de Pariz, e o mais que vi foi a bandeira tricolor fluctuando nos monumentos publicos.

— Onde vae?

— Juntar-me ao meu regimento, que está em Joigny.

— Ha de conservar-m'o fiel, não é assim?

— Senhora, hei de fazer o meu dever.

O duque de Chartres cortejou a delphina, e os dois caleches separaram-se, seguindo cada um estrada opposta.

Carlos X ao avistar a princeza, a quem um terceiro exilio affastava da França, caminhou para ella com os braços abertos; porém suffocado pela commoção não pôde fallar.

A princeza foi mais forte.

— D'esta vez, disse ella, succeda o que succeder, estamos reunidos para sempre, assim o espero.

Pelas duas horas annunciaram ao rei uma deputação vinda de Pariz.

Perguntou o nome dos deputados.

— Os srs. de Coigny, marechal Maison, Odilon Barrot e de Schonen.

— Como é que Coigny vem com esses senhores? perguntou Carlos X admirado.

— Como representante do sr de Mortemart.

— Pois receberei Coigny, mas unicamente Coigny, respondeu o rei.

Eis aqui o que tinha acontecido:

O duque d'Orleans estava inquieto. Conciliadas as camaras, submettido o Hotel-de-Ville, reduzidos os republicanos á impotencia, restava um ultimo poder, o mais fraco de todos, mas terrivel no coração do principe por essa mesma fraqueza.

Queria Luiz Philippe que tambem este ultimo poder consagrasse o seu.

Por consequencia, mandára chamar o sr. de Mortemart, que tinha voltado a Pariz depois de ter levado ao rei, nas dobras da gravata, a carta de que o principe o havia encarregado.

— Sr. duque, lhe dissera elle, a situação da familia real inquieta-me, as noticias que recebo de Rambouillet fazem-me temer que a insurreição lavre em torno do rei.

— E então, senhor? perguntou o sr. de Mortemart.

— Então! penso que seria bom mandar-se uma deputação ao rei, afim de negociar novas concessões.

— Que concessões seriam essas?

— Seriam, por exemplo, consagrar a minha nomeação de logar-tenente general do reino. retirar as suas leis, auctorisar a abertura das camaras; isto facilitaria a minha posição e me permittiria fazer por elle mais do que me sera

permittido fazer se elle continuar a protestar contra a revolução.

— Senhor, serei até ao fim fiel servidor do rei, respondeu o sr. de Mortemart, e como creio na sinceridade de vossa alteza, ponho-me ás suas ordens.

Fôra pois designada uma deputação, que se compunha, como dissemos, dos srs. de Schonen, Maison e Odilon Barrot.

O sr. de Mortemart, que não queria affastar-se do theatro dos acontecimentos, ou que guardava talvez algum resentimento do pouco agrado com que Carlos X o nomeára ministro, fizera-se substituir pelo duque de Coigny.

O rei não quiz receber senão o duque.

A discussão foi longa; emfim, o sr. de Coigny, homem de excellentes maneiras, dotado de muita finura e resolução, convenceu Carlos X, e sahio do quarto do rei com o seguinte decreto, que foi immediatamente mandado ao duque d'Orleans:

« Querendo el-rei pôr termo ás discordias que existem na capital e em outros pontos da França, contando além d'isso com a sincera affeição de seu primo, o duque d'Orleans, nomea-o logar-tenente general do reino.

« Tendo o rei julgado conveniente retirar as suas leis de 25 de julho, approva que as camaras se reunam a 3 de agosto, e espera que ellas restabelecerão a tranquillidade da França.

« O rei esperará aqui o regresso da pessoa encarregada de levar a Pariz esta declaração.

« Se se buscasse attentar contra a vida do rei e da sua familia, ou contra a sua liberdade, defender-se-ia até á morte.

« Feito em Rambouillet, no 1.º de agosto de 1830.

Carlos. »

Esta mensagem chegou ao duque d'Orleans na manhã seguinte, pelas sete horas.

Estava com elle o sr. Dupin.

Este tornára-se mui valente depois que vira as duas Camaras e o Hotel de Ville declararem-se pelo duque d'Orleans.

Fôra tão resoluto no dia 2 de agosto, como irresoluto tinha sido nos dias 27, 28 e 29 de julho.

Por isso aconselhou ao rei que désse uma resposta energica, e para estar certo da energia d'esta resposta, elle proprio a redigio.

O duque leu-lh'a, approvou-a, copiou-a pela sua mão, e metteu-a no sobrescripto.

Depois mudando de parecer, disse:

— Meu querido sr. Dupin, tendo bem calculado, não posso mandar uma carta d'esta importancia sem consultar minha mulher.

O sr. Dupin achou o escrupulo tão justo que se inclinou ante elle.

O duque d'Orleans sahio, e um quarto de hora depois voltou com o despacho fechado no mesmo sobrescripto.

— Então? perguntou o sr. Dupin.

— Então! aqui está a resposta.

E esta resposta foi entregue ao enviado de Carlos X.

O sobrescripto era o mesmo; mas seria a resposta tambem a mesma?

A coisa não era provavel; porque, ao recebel-a, Carlos X se deixou apossar de um visivel enternecimento, e d'ahi a pouco, indo para o seu gabinete, escreveu por sua mão a carta seguinte, que encarregou o general Latour-Froissac de levar a Pariz.

Esta resposta á resposta do duque d'Orleans era um acto de abdicação, redigido nos termos seguintes:

« Rambouillet, 2 de agosto de 1830.

« Meu primo, magoam-me mui profundamente os males que poderiam ameaçar os meus povos para deixar de procurar um meio de o prevenir. Tomei pois a resolução de abdicar a minha corôa em favor de meu neto, o duque de Bordeaux.

« O delphim, que partilha os meus sentimentos, renuncia tambem aos seus direitos em favor de seu sobrinho.

« Cumpre-lhe pois, na qualidade de logar-tenente general do reino, fazer proclamar a exaltação de Henrique V á corôa.

« Tomará, além d'isso, todas as medidas que lhe respeitam para regular as fórmas do governo durante a menoridade do novo rei.

« Aqui limito-me a fazer-lhe conhecer estas disposições, que são um meio de evitar bastantes males.

« Communicará as minhas intenções ao corpo diplomatico, e far-me-ha conhecer o mais cedo possivel a proclamação pela qual meu neto será reconhecido rei, debaixo do nome de Henrique V.

Encarrego o general, visconde de Latour-Froissac, de lhe entregar esta carta: tem ordem de se entender comvosco sobre as medidas que se hão de tomar em favor das pessoas que me acompanharam, assim como sobre as disposições ácerca do que diz respeito tanto a mim como á minha familia.

« Tractaremos depois das outras medidas, que serão a consequencia da mudança do reinado.

« Renovo-lhe, meu primo, a certeza dos sentimentos com que sou seu primo affeiçoado,

Carlos *Luiz Antonio.* »

Além d'esta carta, o sr. de Latour-Froissac recebeu outras duas que se encarregou de entregar á sr.ª duqueza d'Orleans: uma era de M.ma de Gontaut, outra de *Mademoiselle*.

CAPITULO LI

O mensageiro da realeza decahida chegou ao Palais-Royal na noite de 2 de agosto.

Todas as portas estavam abertas; sobre os degráos das escadas dormiam homens do povo com as espingardas collocadas ao lado.

Os cortezãos da nova côrte circulavam algum tanto assustados, por entre estes singulares guardas de corpo, mas emfim circulavam sem senha, nem contra-senha, nem embaraço algum.

O sr. de Latour-Froissac, julgou por consequencia, que lhe seria facillimo chegar á presença do duque d'Orleans; porém grande foi o seu espanto quando o ajudante de campo de serviço lhe embargou a passagem.

—Mas, senhor, lhe disse o general, commette um erro que póde ser grave, tome sentido!

—Senhor, são as ordens que tenho.

—Sou Latour-Froissac.

—Tenho a honra de o conhecer. general.

—Sou enviado por sua magestade Carlos X, e venho encarregado de uma mensagem da mais alta importancia.

—Sr. general, d'aqui não se passa.

— Attenda, senhor, ao que já tive a honra de lhe dizer, e acrescento que venho da parte do rei vencido mas não desthronado.

— Não posso repetir-lhe, senhor, senão o que já tive a honra de lhe dizer: S. A. R. o sr. duque d'Orleans não está visivel.

O sr. de Latour-Froissac retirou-se e correu a casa do sr. de Mortemart, pedindo-lhe que o acompanhasse ao Palais-Royal para vêr se era mais feliz do que elle.

Subiram ambos para um fiacre, e fizeram-se conduzir á grade da praça.

Assim que chegaram, o sr. Latour-Froissac entregou o seu despacho ao duque de Mortemart, o qual entrou só no Palais Royal-Royal.

Sem duvida a ordem não se entendia com elle, porque foi recebido.

Um momento depois, veio ter com o sr. de Latour-Froissac; o duque d'Orleans recebera a mensagem, mas recusava absolutamente receber o mensageiro.

Então, o sr. de Latour-Froissac voltou-se para o lado da sr.ª duqueza d'Orleans a quem tinha tambem duas cartas a entregar.

Ao principio recebera d'ella a mesma recusa, que recebera do duque, porém tendo feito appellar pelo sobrinho do sr. de Mortemart, camarada do collegio do joven duque de Chartres para a lealdade d'este, o duque de Chartres acompanhou pessoalmente o sr. Latour-Froissac á presença de sua mãe.

A duqueza chorou muito ao ler a carta que *Mademoiselle* lhe dirigia, porém nada podia fazer á situação; o duque estava mui compromettido, e não queria, nem podia voltar para traz.

Comtudo a tenacidade de Carlos X em ceder a seu neto

o throno de França tinha assustado o duque d'Orleans; o pretexto que havia dado ao sr. de Mortemart, recusando encarregar-se da regencia, era fundado na historia do seu avô.

—Não, não! exclamára elle, nunca me encarregarei de uma regencia; á primeira colica que tivesse o duque de Bordeaux, todos diriam que tinha sido envenenado.

Ah! mal sabia elle que dezoito annos mais tarde resvalando por seu turno pelos degráos do throno, escorregadiços quando se descem, mal diria que tambem elle, na velhice, havia de impellir seu neto para a frente da revolta, esperando como Albuquerque conjurar a tempestade, levantando o innocente entre seus braços, e que, repellido por Lamartine, como elle repellira o duque de Bordeaux, veria por seu turno o conde de Pariz tomar o caminho do exilio, que não tem limites, e d'onde muitas vezes até se não volta.

Era mister pois a todo o transe affastar Carlos X, pôl-o fóra de Rambouillet como o tinha sido de Pariz, impellil-o para essa estrada da Normandia, que é a ladeira por onde as corôas dos nossos reis rolam até ao mar.

Começou-se por decidir que se nomeassem quatro commissarios para proteger Carlos X contra a ira do povo.

Estes quatro commissarios foram o marechal Maison, o sr. de Jacqueminot, de Schonen e Odilon Barrot.

E como se fizera da primeira vez para adoçar a aspereza da advertencia, acrescentaram-lhe o sr. de Coigny.

Todos quatro foram mandados ao Palais-Royal, Luiz Philippe recebeu-os, disse-lhes que Carlos X reclamava uma salvaguarda e explicou-lhe a sua missão.

Deviam *escoltar* o rei até que estivesse completamente fóra da França.

—Porém, disse o sr. de Schonen, é mister prevêr tudo;

se Carlos X entregasse o duque de Bordeaux nas nossas mãos, que nos cumpriria fazer?

— Como! exclamou Luiz Philippe, visivelmente contrariado com a pergunta, então o duque de Bordeaux é o seu rei!

A duqueza d'Orleans estava presente; soltou um agudo grito de alegria e lançou-se commovida nos braços de seu marido.

—Oh! senhor, disse ella soluçando, é o homem mais honrado no reino.

Partiram pois os commissarios, sabendo que o duque de Bordeaux era rei, mas ignorando o que d'elle deviam fazer, se entregassem nas suas mãos esse rei.

Ficava ao seu arbitrio.

Foi n'esse mesmo dia que o duque d'Orleans fez publicar no *Correio francez* o seu protesto contra o nascimento do duque de Bordeaux.

Além d'isso o principe mandára chamar o general Hulot e o capitão Dumont-Durville.

O primeiro fôra encarregado de apressar e segurar por todos os meios possiveis a partida do rei para Cherbourg; o segundo devia, com um navio, esperar o seu embarque em Cherbourg, e uma vez que estivesse embarcado, conduzir o rei a Inglaterra.

CAPITULO LII

Os commissarios chegaram a Rambouillet pelo meio da noite. Carlos X, que não mandára chamar ninguem, ficou muito admirado quando lhe annunciaram a visita dos quatro embaixadores que mandára chamar.

Mandou-lhes dizer que era mal escolhida a hora para uma audiencia, mas que no entretanto offerecia aos commissarios a hospitalidade no palacio de Rambouillet.

Os commissarios recusaram a hospitalidade e retomaram a estrada de Pariz.

O duque d'Orleans vio-os voltar um pouco assustados, e murmurou:

— É mister comtudo que elle parta; é preciso, é absolutamente preciso.

— Mas como determinal-o a partir? perguntou um dos commissarios.

— Assustando-o, respondeu o rei.

Depois, chamando de parte o coronel Jacqueminot, deu-lhe em voz baixa algumas ordens.

O coronel inclinou-se e sahio.

A expedição de Rambouillet estava resolvida.

No dia seguinte Pariz despertou ao rufar dos tambores, que tocavam a rebate, em quanto homens do povo. ou vestidos como *taes*, corriam pelas ruas, gritando: « Ás armas! »

Acordaram, informaram-se e souberam que Carlos X tinha

reunido doze mil homens em Rambouillet; que se preparava para marchar sobre Pariz, e que se appellava para o patriotismo dos combatentes de julho.

Muitos d'elles não tinham ainda posto a clavina ou a espingarda no armeiro; ás oito horas trinta mil homens se achavam promptos.

Pozeram-se em marcha para Rambouillet, engrossando a força com todos os patriotas das cidades e das aldêas, que iam atravessando.

Aos primeiros toques do tambor, tinham os commissarios tornado a partir para Rambouillet, mas não tão depressa que não tivessem tido tempo para apreciar o formidavel movimento que se preparava.

D'esta vez foram os commissarios apresentados a Carlos X, cujo abdicação já tinha sido enviada á camara dos pares.

O marechal Maison tomou a palavra, e expondo-lhe a missão de que iam encarregados, annunciou-lhe que eram seguidos por uma columna de cincoenta para sessenta mil homens.

— Não leu a minha abdicação, senhor? perguntou Carlos X.

— Li, *sire*.

— Então certamente vio que estava resolvido a morrer no caso de que quizessem empregar a violencia para me fazerem sahir de Rambouillet.

Tomou a palavra o sr. Odilon Barrot, dizendo:

— Não duvido, *sire*, que não estejaes prompto a fazer o sacrificio da vossa vida; porém no numero d'esses servidores que vos rodeiam, que se vos teem conservado fieis, e que por este motivo vos devem ser mais caros, evitae uma catastrophe em que elles pereceriam sem utilidade: renunciastes á corôa, vosso filho abdicou...

— Sim, mas em favor de meu neto, interrompeu viva-

mente Carlos X; reservei esses direitos, hei de sustental-os até á ultima gotta do meu sangue.

O sr. Odilon Barrot interrompeu Carlos X por seu turno, dizendo:

— Quaesquer que sejam os direitos do vosso neto, quaesquer que sejam as vossas esperanças de futuro para elle, deveis estar bem convencido de que para interresse mesmo d'essas esperanças, deveis evitar qoe o vosso nome seja manchado com o sangue francez.

Carlos X voltou-se então para o duque de Raguse que assistia á conversação e perguntou:

— O que se deve fazer?

Então o sr. Odilon Barrot pegando nas mães do ret, que, digamal-o entre parentheses, certamente ficou admirado de similhante coisa, exclamou:

— *Sire,* é mister consummar o nosso sacrificio e já.

A estas palavras Carlos X fez signal de que desejava ficar só, sem duvida para consultar sua familia e seus amigos.

Os commissarios retiraram-se.

Meia hora depois foram prevenidos de que o rei tinha sahido de Rambouillet e estava em caminho para Maintenon.

O cofre em que estavam fechados os diamantes da corôa ficára, por ordem expressa de Carlos X, no palacio de Rambouillet.

Os commissarios pozeram sellos no cofre, mandaram ordem ao general Pajol, que commandava a columna popular em marcha sobre Rambouillet, que retrogredasse sobre Pariz, e subindo para uma carruagem puxada por quatro mulas foram atraz da realeza em retirada.

Tal é a differença que existe entre as nossas duas revoluções: em 1791 Luiz XVI fugitivo em Varennes, foi acompa-

nhado por tres commissarios encarregados de velar sobre o prisioneiro do Templo e o padecente da praça da Revolução.

Em 1830, Carlos X, fugitivo em Rambouillet, foi reconduzido até Cherbourg por quatro commissarios encarregados de velarem sobre elle, e de assim que elle embarcasse o abandonarem ás ondas e á sua fortuna.

Se a clemencia é um signal de força, incontestavelmente a França de 1830 era mais forte do que a de 1791.

Além d'isso, força é dizel-o, em 1830 conhecia-se instinctivamente que a monarchia isolada dos seus sustentaculos, já não tinha no solo de França, senão bem fracas raizes. Em 1830 não se tractava senão de derribar uma arvore, em 1791 havia uma floresta para destruir.

Pelas quatro horas da tarde, a columna expedicionaria chegou a tres quartos de legoa de Rambouillet: ahi recebeu ordem para parar e soube a noticia de que Carlos X tinha sahido de Rambouillet.

Mais tarde e n'outra parte contaremos demoradamente esta singular expedição, de que fizemos parte, e que, composta como era de uns trinta mil homens, teria certamente sido batida por tres ou quatro mil homens resolutos e bem commandados.

Uns acamparam, outros acharam asylo na aldêa de Coigniers; todos morriam de fome.

Em quanto ás seis da manhã a columna expedicionaria se punha em marcha para Pariz, o povo pariziense ajuntava-se nas proximidades do Palais-Bourbon.

O logar tenente general devia assistir á abertura das camaras convocadas por elle.

Á uma hora, resoou o canhão dos Invalidos, bronze inerte e cortezão que, sempre mudo para as quedas, se dispertava para ascensões!

A deputação dos pares e dos deputados foi envolvida,

sem distincção de clásses nem de titulos, receber o duque d'Orleans á porta do palacio, onde dezoito annos depois seu neto devia vir procurar um asylo, que não foi para elle uma protecção.

De repente um porteiro annunciou com voz forte o sr. tenente general do reino.

O duque d'Orleans appareceu então fardado e com o grande cordão da legião de honra.

Vinha de chapéo na mão e cortejava para a direita e para a esquerda, com esse modo acariciador que havia tres dias estava stereotypado na sua physionomia.

Comtudo, achando-se em frente do throno vazio empallideceu.

Recordar-se-ia que fòra n'este mesmo recinto e ao pé d'este mesmo throno que Carlos X havia tropeçado, e que elle, que se preparava para subir os degráos por seu turno tinha apanhado e restituido ao rei esse chapéo com pennacho branco, symbolo da realeza, que lhe tinha cahido da cabeça.

Subio comtudo o estrado com passo firme e assentou-se n'um banco.

O duque de Nemours, á falta do duque de Chartres, então em marcha para Pariz á testa do seu regimento, occupou outro em frente do de seu pae.

Um estado maior rodeiou suas futuras magestades, já allumiadas por esse raio doirado que sempre luz por cima dos thronos que se elevam.

Oh! sr. duque de Nemours, lembrae-vos como, a 24 de fevereiro, fugindo disfarçado, abandonado ás mãos de um guarda nacional, vosso sobrinho todo assustado, deixastes este mesmo recinto?..

Porém o véo do futuro, tornado mais espesso pelos dezoito annos que se deviam seguir, estendia-se entre 1830,

e 1848, todo bordado de arabescos, d'oiro e de radiante esperança.

O duque d'Orleans tomou a palavra e disse:

« Senhores pares e senhores deputados, Pariz, perturbado no seu repoiso por uma deploravel violação da Carta e das leis, defendeu-as com uma coragem heroica. No meio d'esta lucta sanguinolenta, nenhuma das garantias da ordem social subsistia: as pessoas, as propriedades, os direitos, tudo quanto é caro aos homens e aos cidadãos, corria os maiores perigos.

« N'esta ausencia de todo o poder publico, o voto dos meus concidadãos recahio em mim, julgaram-me digno de concorrer com elles para a salvação da patria; convidaram-me a exercer as funcções do logar tenente general do reino.

« A sua causa pareceu-me justa, os perigos immensos, a necessidade imperiosa, o meu dever sagrado!

« Corri para o meio d'este povo valente, seguido da minha familia, e trazendo essas côres que, pela segunda vez, marcaram entre nós o triumpho da liberdade. Corri, resolvido a dedicar tudo quanto as circumstancias exigirem de mim na situação em que me collocarem, para restabelecer o imperio das leis, salvar a liberdade ameaçada e tornar impossivel a volta dos grandes males, assegurando para sempre o poder d'essa Carta, cujo nome invocado durante o combate, o era ainda depois da victoria.

« No cumprimento d'esta nobre tarefa, é ás camaras que pertence guiar-me. Todos os direitos devem ser solidamente garantidos, todas as instituições necessarias no seu pleno e livre exercicio devem receber o desenvolvimento de que carecem.

« Affeiçoado de coração e de convicção aos principios de

um governo livre, acceito d'ante mão todas as suas consequencias.

«Julgo dever desde hoje chamar a vossa attenção para a organisação das guardas nacionaes, para a formação das administrações departamentaes e municipaes, e primeiro que tudo, para o artigo 14.º da Carta, que tão odiosamente foi interpretado.

«É n'estes sentimentos, senhores, que venho abrir esta sessão.

«O passado é para mim doloroso; lastimo infortunios que eu quizera prevenir; porém no meio d'este magnanimo arrojo da capital e de todos os cidadãos francezes, o aspecto da ordem renascente com uma maravilhosa promptidão de uma resistencia pura de todo o excesso, um justo orgulho nacional commove o meu coração, e entrevejo com confiança o futuro da patria.

«Sim, senhores, ha de ser feliz e livre a França que nos é tão cara; mostrará á Europa, que, unicamente occupada da sua prosperidade interna, ama tanto a paz como as liberdades publicas e não quer senão a felicidade dos seus visinhos.

«O respeito de todos os direitos, o zelo por todos os interesses, a boa fé no governo, são o melhor meio de desarmar os partidos e de reconduzir a todos os animos essa confiança nas instituições, estabilidade, unicos penhores seguros da ventura dos povos e da força dos Estados.

«Senhores pares e senhores deputados, assim que as camaras estiverem constituidas, farei levar ao vosso conhecimento o acto de abdicação de sua magestade Carlos X; por esse mesmo acto, S. A. R. Luiz Antonio de França, delphim, renuncia egualmente aos seus direitos.

«Este auto foi entregue nas minhas mãos hontem, 2 de agosto, âs onze horas da noite. Vou hoje mesmo ordenar

que seja depositado na camara dos pares, e fazel-o inserir na parte official do *Moniteur*. »

Terminado este discurso no meio de acclamações, o logar tenente general declarou aberta a sessão legislativa e retirou-se para o Palais-Royal.

No caes, Luiz Philippe encontrou as carruagens da sagração e todos os coches de Carlos X cheios de homens do povo; bandeiras tricolores fluctuavam sobre elles levadas por homens assentados junto dos cocheiros e na taboa, no logar dos lacaios.

Pontas de lanças e de chuços sahiam das portinholas.

Luiz Philippe tinha muita pressa de ter noticias de Rambouillet.

As noticias eram boas, como dissemos; Carlos X tinha sahido de Rambouillet e foi para Maintenon.

Em Maintenon Carlos X licenceára a sua guarda, e conservára por escolta até Cherbourg só a sua guarda de corpo.

A 5 de agosto Carlos X estava em Verdeuil.

Foi ahi que soube da abertura das camaras e leu o discurso ali pronunciado pelo logar tenente general.

Grande foi a sua admiração quando vio que o nome de Henrique V nem sequer tinha sido pronunciado, e que nenhum dos direitos do real infante tinha sido reservado.

Comtudo nada d'isto podia fazer-lhe perder completamente a esperança que fundava no duque d'Orleans.

— Penso, disse elle, que meu primo é incapaz de pôr uma corôa que lhe não pertence.

— Não, respondera a delphina, elle não a porá, mas consentirá que lh'a ponham.

— No entretanto, redarguio o delphim, esta carruagem em que estamos encerra o qne nunca se vio, isto é, tres reis de França vivos.

— E tres reis sem corôa, respondeu a delphina suspirando.

A 7 de agosto, Luiz Philippe I foi proclamado rei dos francezes.

A 9 de agosto, a familia fugitiva soube esta noticia em Argenteuil.

— Pois é possivel ser enganado a tal ponto! exclamou Carlos X. Oh! não foi isto que me prometteram em Rambouillet.

— Bom, disse o delphim, o sr. duque de Bordeaux não terá reinado como eu, senão um dia; o futuro nos dirá quantas semanas deve reinar o duque d'Orleans.

Comtudo achavam a marcha da familia decahida muito vagarosa; resolveram então organisar um movimento na Normandia.

Rambouillet sortira effeito; destribuío-se aos emmissarios do novo governo o mesmo programma.

A 12 ainda o fugitivos não tinham passado de Saint-Lô.

Ahi souberam que as guardas nacionaes de Valognes, de Cherbourg, de Bayeux e de Carentan acabavam de se sublevar.

Carlos X, tão impassivel pelo que lhe dizia respeito, tremia pela vida do duque do Bordeaux.

Conservar esta vida parecia a ultima missão a que a Providencia o destinava.

Desde então apressaram a viagem; atravessaram Carentan sem parar e chegaram a 14 a Valognes.

Foi de Valognes que Carlos X escreveu a pedir um asylo ao rei de Inglaterra, uma carta que tinha menos elevação, mas que continha a mesma supplica que quinze annos antes Napoleão dirigira ao regente, e que, dezoito annos depois, Luiz Philippe devia dirigir á rainha Victoria.

E antes de sahir de Valognes, assim como Napoleão se vira obrigado a fazer em 1814 quando ia para a ilha d'Elba

Carlos X, temendo ser assassinado, deixou a farda e vestio uma casaca burgueza sem nenhum distinctivo.

Ficou assim disfarçado.

A precaução não era inutil nas visinhanças de Cherbourg; reunio-se povo em volta da escolta gritando: *Fóra o laço branco! Viva a liberdade!*

O 64.º de linha rodeiou logo a carruagem real e teve a honra de ser o ultimo regimento que se conservou fiel á realeza decahida.

Procedeu-se sem demora ao embarque.

Povo immenso cobria o porto, o dique, os baluartes, todas essas obras maritimas, emfim, começadas por Luiz XVI e terminadas por Napoleão.

A posição da familia real apresentava n'este momento supremo os contrastes mais singulares.

O velho rei, como sempre, mostrava dignidade e socego.

Era o que estava mais perto do tumulo, era aquélle, por conseguinte, para quem o exilio devia durar muito menos tempo.

A duqueza d'Angoulême, tão forte por habito, estava completamente abatida.

O delphim estava descuidoso até ao idiotismo.

A duqueza de Berry, furiosa e irritada, teria lançado mão, se lhe luzisse alguma esperança, das mais extremas resoluções.

Mademoiselle, que tinha pouco mais ou menos a edade em que M.ma Real, sua tia, tinha sahido de França, estava inconsolavel e chorava.

O sr. duque de Bordeaux, que tinha pouco mais ou menos a edade em que o sr. conde de Pariz a devia deixar, enviava machinalmente e por habito beijos que as turbas repelliam, mas que eram accolhidos pela patria, essa mãe

que obrigam tantas vezes a ser ingrata aos seus melhores filhos.

Dois navios receberam Carlos X e a sua comitiva.

Eram o *Great-Britain* e o *Charles-Cacoll.*

A bordo do *Great Britain*, que o devia transportar a Inglaterra, Carlos X entregou este attestado ao sr. Odilon Barrot:

« Comprazo-me em fazer aos srs. commissarios a justiça que lhe é devida, conforme o desejo que me testemunharam.

« Não tenho senão a louvar-me das suas attenções e dos seus respeitos por mim e pela minha familia. »

Finalmente, a 14 de agosto, ás duas horas e um quarto, foi dado o signal, o commandante mandou largar todas as vellas e o *Great Britain*, rebocado por um barco de vapor, tomou vento e foi-se diminuindo lentamente no horisonte, levando a realeza decahida para a bahia de Spithead, onde o aguardava a triste hospitalidade d'Holy-Rood, quasi tão deshonrosa para a Inglaterra como a prisão homicida de Santa Helena.

Por uma singular coincidencia, estes dois navios, que conduziam Carlos X e a sua comitiva, pertenciam ao sr. Patterson, cunhado de Jeronymo Bonaparte.

CAPITULO LIII

Hugo Capeto fundára a dynastia dos grandes vassallos, Francisco I a dos grandes senhores, Luiz XIV a dos aristocratas, Luiz Philippe acabava de fundar a dos grandes proprietarios.

Por isso é curioso vêr a pequena perturbação que esta monarchia, creada pela burguezia e pelas finanças, lançou nos negocios commerciaes. A 24 de julho, tres dias antes da revolução, estavam os fundos a 105,15; a 12 de agosto, tres dias depois da installação da monarchia, estão a 104,40.

A monarchia do direito divino, desmoronando-se, produzio uma baixa de 75 *centimos*.

Porém este abalo gigantesco, tão depressa serenado no interior da França, produzira uma commoção terrivel no estrangeiro.

A adhesão dos soberanos que mais preoccupava Luiz Philippe era a do imperador da Russia.

Com effeito, o imperador da Russia, prompto para assignar com o ramo primogenito um tractado que nos concedia as fronteiras do Rheno com a condição de que lhe deixariamos tomar Constantinopla, perdia pela exaltação ao throno de Luiz Philippe essa preza cubiçada havia cento e cincoenta annos pelos czares ou imperatrizes a quem succedia.

Mandou pois Luiz Philippe, como seu enviado extraordi-

nario, o sr. Athalin, encarregado de levar ao czar a carta seguinte:

« Senhor meu irmão, annuncio a minha exaltação á corôa a vossa magestade imperial pela carta que o general Athalin lhe apresentará em meu nome, mas tenho necessidade de lhe fallar com inteira confiança nas consequencias de uma catastrophe que eu muito quizera prevenir.

« Ha muito tempo que lastimava que o rei Carlos X e o seu governo não seguissem uma marcha melhor calculada para corresponder á expectativa e ao voto da nação franceza.

« Bem longe comtudo estava de prevêr os prodigiosos acontecimentos que acabam de se passar, e até mesmo julgava que teria bastado alguma prudencia e moderação para que este governo podesse caminhar como caminhava. Porém, depois de 8 de agosto de 1829, muito me inquietára a nova composição do ministerio; via a que ponto esta composição era suspeita e odiosa á nação, e partilhava a inquietação geral sobre as medidas que d'elle deviamos esperar.

« Todavia o zelo pelas leis, o amor da ordem, fizeram taes progressos em França, que a resistencia a este ministerio não haveria certamente sahido das vias parlamentares se, no seu delirio, este mesmo ministerio não tivesse dado o fatal signal pela mais audaciosa violação da Carta e pela abolição de todas as garantias das nossas liberdades nacionaes, pelas quaes não ha francez nenhum que não esteja prompto a derramar o seu sangue.

« Nenhum excesso seguio esta lucta terrivel, porém era difficil que d'ella deixasse de resultar algum abalo no nosso estado social, e essa mesma exaltação dos animos que os tinha desviado de tantas desordens, os encaminhava ao mesmo tempo para ensaios theoricos politicos que teriam

precipitado a França e talvez a Europa em terriveis calamidades.

« É n'esta situação, *sire*, que todos os olhos se dirigíram para mim. Os proprios vencidos me julgaram necessario á sua salvação.

« Mais ainda o era talvez para que os vencedores não deixassem degenerar a victoria; acceitei pois esta tarefa nobre e custosa, puz de parte todas as considerações pessoaes que se reuniram para me fazerem desejar ser dispensado de similhante coisa, porque conheci que a menor hesitação da minha parte poderia comprometter o porvir da França e o repoiso de todos os nossos visinhos.

« O titulo de logar tenente general, que deixava tudo em duvida, excitava uma disconfiança perigosa, e era mister tractar immediatamente de sahir do estado provisorio, tanto para inspirar a confiança necessaria como para salvar essa carta, que é tão essencial conservar, cuja importancia o fallecido imperador, vosso augusto irmão, tão bem conhecia, e que mui compromettida teria sido se não houvesse promptamente satisfeito e serenado todos os animos.

« Não escapará á perspicacia de vossa magestade, nem á sua alta sabedoria, que para alcançar este fim salutar, é bem para desejar que os negocios de Pariz sejam encarados sob o seu verdadeiro aspecto e que a Europa, fazendo justiça ao motivos que me dirigiram, deposite no meu governo a confiança que tem direito a inspirar.

« Digne-se vossa magestade não perder de vista que, em quanto Carlos X reinou na França, foi o mais submisso e o mais fiel dos seus subditos, e que só no momento em que vi a acção das leis paralysada, e o exercicio da auctoridade real totalmente anniquilado é que julguei do meu dever acceder ao voto nacional acceitando a corôa a que fui chamado.

« É em vós, *sire*, que a França tem os olhos fitos; ella folga de vêr na Russia o seu alliado mais natural e mais poderoso, e a sua confiança não será illudida.

« Serve-me de garantia ao que acabo de dizer o nobre caracter e todas as qualidades que distinguem vossa magestade, e pêço que acredite na alta estima e inalteravel amisade com que sou, senhor meu irmão, de vossa magestade o bom irmão,

Luiz Philippe. »

O sr. Athalin achou o imperador da Russia muito irritado. Não só, como já dissemos, com a subida de Luiz Philippe ao throno perdia o seu sonho bysantino, mas tambem conhecia que, apesar da compressão que Luiz Philippe tentaria exercer, se creava ao oeste do mundo uma machina destinada a disparzir para o exterior a liberdade que a compressão fazia extravazar dos lados, sibilando como um vapor.

Portanto, não levando a bem a Luiz Philippe o tom de baiya humildade com que lhe escrevera, recebeu mais que friamente o general Athalin, e a 19 de setembro entregou-lhe, como resposta, essa carta ambigua, que mais insolente se tornava ainda pela ausencia da qualificação de irmão, que, dada a Nicoláo por Luiz Philippe, na carta que citamos, não lhe era paga na que vamos transcrever.

« Recebi do general Athalin a carta de que foi portador. Acontecimentos para sempre deploraveis collocaram vossa magestade n'uma cruel alternativa, tomando uma determinação que lhe pareceu a unica propria para salvar a França das maiores calamidades. *Não me pronunciarei sobre as considerações que guiaram vossa magestade;* porém faço votos para que a Providencia abençõe as suas intenções e os esforços que ella vae fazer pela felicidade do povo francez.

« De accordo com os meus alliados, folgo de accolher o

desejo que vossa magestade exprimio de manter relações de paz e de amisade com todos os Estados da Europa.

«Emquanto forem baseadas sobre os tractados existentes e sobre a firme vontade de respeitar os direitos e obrigações, assim como o estado de possessão territorial que elles consagraram, a Europa n'isto achará uma garantia de paz, tão necessaria para o repoiso da propria França.

«Chamado conjunctamente com os meus alliados a cultivar com a França, sob o seu governo, estas relações conservadoras, n'isso empregarei pela minha parte toda a sollicitude que ellas reclamam, e as disposições, cuja segurança me comprazo em offerecer a vossa magestade em retribuição aos sentimentos que ella me exprimio.

Nicoláo.»

A resposta era secca; mas que importava ao novo rei? O que elle queria era paz, a paz; a todo o transe. Era promettida pela Russia com a condição de que seriam respeitados os tractados de 1815: era tudo quanto era mister a Luiz Philippe, que nunca tivera tenção de os atacar.

Depois da Russia, a potencia que mais inquietava Luiz Philippe, era a Austria; porém a Austria, com os olhos fitos de um lado sobre as invasões da Prussia, e do outro sobre o seu vulcão milanez, sempre prompto a vomitar chammas, a Austria tinha mais medo de nós do que nós d'elles.

Portanto, apenas Francisco II soube que era chegado o general Belliard, com uma carta para elle dirigida pelo novo rei, concedeu-lhe a sua audiencia, e prevenindo os seus desejos, disse-lhe:

— Reconheço o vosso rei Luiz Philippe. Tomou sobre si uma pesada tarefa; oxalá que bem a dirija! Dizei-lhe que me envie bem depressa o seu embaixador.

Quanto á Inglaterra, não dava nenhum cuidado ao eleito de julho. Ferida pelos tractados do ramo primogenito com a Russia, ferida pela campanha d'Argel, sabia que nada similhante teria a temer com um rei (como n'uma carta já citada elle proprio o dissera) que sendo francez de nome era inglez de coração.

As suas esperanças não foram baldadas: Carlos X, o duque d'Angoulême e o duque de Bordeaux não foram recebidos em Inglaterra senão como simples particulares; e, emquanto se encaminhavam tristemente para Holy-Rood, no meio dos signaes de desprezo e mesmo de odio da povoação ingleza, o general Baudraud, recebido com enthusiasmo, entregava duas cartas; uma ao rei Guilherme, outra a *lord* Wellington, e recebia de cada uma d'estas duas potencias uma resposta não só favoravel mas graciosa.

A Prussia, por sua parte, tinha com a Austria visto com certo terror a alliança do ramo primogenito com a Russia.

Esta alliança restituira-nos a margem esquerda do Rheno, e o que devia receber em troca não lhe parecera sufficiente indemnisação.

« A subida ao throno do duque d'Orleans desfazia pois todos estes receios. Por consequencia, o gabinete de Berlin, sem se tornar sympathico, prometteu não ser hostil e decidio deixar o vulcão *consumir-se por si proprio.*

Restava a Hespanha, por que das pequenas potencias, como a Saxonia, a Suecia, a Baviera, Portugal, a Sardenha e Wurtemberg, não fallamos nós; restava a Hespanha.

Como aos *seus outros irmãos*, Luiz Philippe escrevera a Fernando VII uma carta das mais conciliadoras: porém, por unica resposta, este deixou publicar em seu nome um manifesto mui pouco respeitoso para a nova realeza,

Os refugiados hespanhoes julgaram o momento favoravel. Reunio-se o seu *comité*, e delegados por elle, os srs. Mar-

chais, Dupont e Loéve Veymars apresentaram-se no Palais-Royal para solicitarem do rei uma intervenção na Hespanha.

Esta intervenção já tinha sido debatida no conselho.

A maioria dos ministros, e o proprio sr. Guizot opinaram energicamente pelo contrario; e como Luiz Philippe nada temía tanto como uma guerra que podia accender algum rastilho de polvora na Europa, inclinára-se ao voto do sr. Sebastiani.

Os delegados do *comité* hespanhol ignoravam esta dicisão e apresentavam-se cheios de esperança.

Offereciam ao duque d'Orleans, se pela sua intervenção a causa nacional thriumphasse na Europa, dar ao duque de Nemours a mão de D. María e o throno de Hespanha.

Era propôr simplesmente um impossivel.

Luiz Phillippe recusou, promettendo comtudo deixar aos refugiados hespanhoes inteira liberdade de acção.

— Ide para diante, senhores, disse elle; e quanto a Fernando podem enforcal-o: é o maior velhaco que tem havido no mundo.

Animados por esta neutralidade, os refugiados fizeram sobre a Hespanha uma tentativa de que se não sahiram bem, mas que bastou para assustar a côrte de Madrid, que reconheceu a nova dynastia.

Só o duque de Modena se conservou na mesma, não reconhecendo Luiz Philippe.

N'este meio tempo, espalhou-se uma noticia tão triste como inesperada.

A 26 de agosto de 1830, achou-se o príncipe de Bourbon enforcado no fecho da janella.

Não consignamos aqui esta triste catastrophe para evocar o escandalo de uma infame accusação.

Ainda que M.ma de Feuchére tivesse sido convencida do crime de que a sciencia e a lei a declararam innocente, não

fariamos volitar em torno da familia real nem a sombra de uma suspeita.

Desgraçados dos partidos que se servem de simulhantes armas para atacarem os seus inimigos!

Como aconteceu ao delphim quando tirou a espada ao duque de Ragusе, ferem-se a si mesmos, e só ensanguentam as suas proprias mãos.

De todo este processo tira-se unicamente uma lição deploravel; uma mulher nobre e sancta como a rainha, póde, por uma herança de sessenta milhões, familiarisar-se com uma mulher como M.ma de Feuchère.

Infeliz reinado é aquelle que está intercalado entre o suicidio do duque de Bourbon e o assassinato de M.ma de Praslin.

Passem adiante depressa, e abstenhamo-nos sobre tudo de fazer responsavel da fortuna de que hoje gosa o joven e nobre heroe da Smala.

Finalmente, os olhos desviaram-se facilmente do castello de Saint-Leu, armado de luto para se dirigirem para Bruxellas que, justamente no momento em que o principe tomava a fatal resolução de deixar o mundo, tomava a resolução heroica de se libertar do jugo da Hollanda.

Bruxellas, habituada ás contrafacções francezas, teve a sua dynastia nova: sómente, em logar de ter um rei belga, teve um rei anglo-allemão, que nem por isso é máo rei.

Os alborotos de Bruxellas estenderam-se a toda a Confederação do Rheno; Aix-la-Chapelle, Cologne e Hamburgo sublevaram-se: a propria Vienna, a tranquilla Vienna que dezoito annos mais tarde devia ouvir proclamar a Republica, teve a sua revolução; a Polonia e a Italia bradaram ás armas: porém, excepto em Bruxellas, a revolta foi comprimida em toda a parte.

Vienna, Hamburgo, Colonia, e Aix-la-Chapelle retomaram

o jugo acostumado: a Italia foi novamente ligada ao poste infame; a voz da Polonia foi suffocada no sangue, o sr. de Sebastiani veio annunciar á camara que a *tranquillidade reinava em Varsovia.*

— Á tranquillidade dos tumulos! bradou uma voz.

Só a França se conservou febricitante e agitada; o vulcão, consumindo-se, devia mais de uma vez agitar todo o mundo.

No meio de todos os poderes aristocraticos e populares destruidos, e sobre os destroços dos quaes se levantára o throno de Luiz Philippe, um só poder, mixto singular de povo e de aristocracia, se conservára de pé; era o de Lafayette.

O phantasma da liberdade vivia n'elle.

Investido do commando geral das guardas nacionaes do reino, Lafayette tinha sobre as milicias cidadãs essa influencia que dá uma velha reputação, um grande nome, uma lealdade a toda a prova e mais que tudo isto o prestigio que se liga aos homens que viram succederem-se muitas coisas em França.

De feito, Lafayette vira cahir o throno de Luiz XVI, que em balde tentára sustentar e tinha ajudado, empuxando-os no momento em que estavam abalados, a fazer cahir os thronos de Napoleão e de Carlos X.

Ainda isto não era tudo: durante a Restauração, Lafayette recebido no carbonarismo, tomára parte em todas as conspirações militares.

Colmar, Belfort, La Rochelle, tinham ouvido pronunciar em voz baixa o seu nome, que nunca foi pronunciado em voz alta.

Lafayette era pois uma força incommoda para Luiz Philippe; havia além d'isso entre o rei da burguezia e esta especie de dictador do povo uma especie de promessa de-

signada sob o nome de programma do Hotel de Ville, a que o rei contava não se sujeitar.

A cada desvio do principio que o fizera eleger, incommodava-se horrivelmente ao vêr Lafayette apparecer, aconselhando-o, ameaçando-o quasi.

O rei resolveu desembaraçar-se de Lafayette.

Collocado em condições quasi identicas ás que tinham conduzido Octavio e Henrique IV ao throno, Luiz Philippe tinha muito da astucia do primeiro Cesar, e a falsa bonhomia do fundador da dynastia borboniana.

Um subira á custa dos cesarianos, e a primeira coisa que fizera fôra sacrificar Antonio; o outro subira á custa dos protestantes, e a primeira coisa que fizera fôra sacrificar Biron; Luiz Philippe subira pelos republicanos, e o seu primeiro pensamento era sacrificar Lafayette.

Depressa se apresentou occasião: uma manhã soube-se que o sr. de Polignac fôra preso n'uma pequena taberna no porto de Grandville, que o sr. de Peyronnet, denunciado por um antigo funccionario, e os srs. de Chantelauze e de Guernon-Ranville tinham sido presos em Tours; que todos quatro, emfim acabavam de ser transferidos para Vincennes.

Era a segunda vez que o sr. de Polignac estava preso n'este mesmo castello que a primeira vez se abrira para elle por causa da conspiração de Jorge Cadoudal.

Grande foi a commoção que causou esta prisão, e embaraçava muito os primeiros passos da realeza nascente.

Iria ella dar um desmentido á sua origem não partilhando a cholera do povo contra os signatarios dos decretos? Iria, no começo do seu governo, usar de rigor e expôr-se a escorregar no sangue?

Tres commissarios foram nomeados para interrogar os ministros: O sr. Bèranger (não se confunda com o poeta,

já tornado á sua obscuridade, e que d'ella só devia sahir para atacar o rei com as cantigas que tinha feito) o sr. Béranger, e os sr. Madier de Montjau e de Maugnin.

CAPITULO LIV

O aspecto dos quatro ministros presos, (os outros tres, os srs. de Monthel Cappede, e d'Haussez, tinham conseguido esconder se a todas as pesquizas) o aspecto dos quatro ministros era tão differente que nunca se poderia ter julgado, á primeira vista, que estavam presos pela mesma causa e representavam o mesmo principio.

O sr de Polignac estava socegado, risonho; olhava a sua prisão como um gracejo de máo gosto, que um ou outro dia devia acabar; não comprehendia a responsabilidade do ministro desde o momento em que se tinham vingado no rei.

A inviolabilidade real devia, ao seu vêr, arrastar a responsabilidade ministerial.

Quanto ao sr. de Peyronnet, a sua attitude apresentava mais insolencia do que socego, mais teima do que convicção.

Devia tudo ao rei, dizia elle; o rei tinha direito para dispôr inteiramente de mim. Pedio-me que assignasse os decretos, assignei; se mais me tivesse pedido, mais teria feito.

O sr. de Guernon Ranville tinha conservado essa alegria do misanthropo que mal cobre as inquietações do animo ou as angustias da alma; entendia-se que, na solidão e no

silencio da sua prisão, as suas meditações sobre a situação em que se achava deviam ser longas e amargas.

O sr. do Chantelauze estava abatido e não procurava esconder o seu abatimento: pallido e doente, cada palavra parecia ser para elle uma fadiga, cada passo um soffrimento.

O rei já tinha sacudido certa porção de responsabilidade fazendo nomear para o interrogatorio dos presos uma commissão na camara. Do dia em que se estava ao dia do julgamento, esperava-se, além d'isso, obter a abolição da pena de morte em materia politica.

Por esta fórma, este grande triumpho da philosophia legal, a abolição da pena de morte em materia politica, produzia-se não a proposito de uma grande convicção philantropica ou de um grande progresso social, porém a proposito de um pequeno interesse de conservação pessoal.

Se este projecto falhasse, se a pena de morte fosse sustentada, seria o processo remettido para a camara dos pares, que sempre estaria debaixo de mão.

Tinham-lhe feito condemnar o marechal Nery em 1815, far-lhe-iam absolver os srs. de Polignac, de Peyronnet, de Chantelauze e de Guernon-Ranville em 1830.

Para começar, toda a execução fôra suspensa.

Inutilmente o austero Dupont (de l'Eure) reclamára duas ou tres vezes a applicação da pena de morte. A respeito da execução de um parricida, sobre que o instavam o rei para a auctorisar, inclinando-se para o sr. Laffite, dissera:

« Meu pae morreu n'um cadafalso! »

Este horror pelo cadafalso existia em toda a familia.

O sr. duque de Montpensier esteve a ponto de se achar incommodado um dia que eu contava diante d'elle a historia da guilhotina.

A abolição da pena de morte foi proposta na sessão de 17 de agosto pelo sr. Victor de Tracy.

A 6 de outubro, o sr. Béranger leu sobre esta proposta um relatorio que concluia com o addiamento, porém, contra este relatorio levantaram-se successivamente o sr. de Kératry e o sr. de Lafayette.

Sob esta duplicada influencia, a camara votou um requerimento ao rei, tendo por objecto a suppressão, *em certos casos*, da pena de morte.

Nomeou-se uma commissão para redigir este requerimento.

Ás oito horas da noite estava prompto.

A resposta do rei era facil de adivinhar, por que tudo fôra feito sob a sua inspiração.

— Senhores, disse elle, o voto que exprimis existia ha muito tempo na minha mente.

Comtudo, bem sabia que o povo não se illudiria com esta falsa philanthropia, que bem depressa lhe reconheceriam a causa, e que, em *certos casos* reservados, veria uma porta aberta para a impunidade.

Em consequencia d'isto, leu-se no dia seguinte na tribunal uma proposta, que tendia a conceder ás viuvas dos cidadãos mortos durante os tres dias, uma pensão de 500 francos, aos orphãos uma somma annual de 250 francos, até que chegassem á edade de sete annos; emfim aos feridos, a sua admissão no palacio dos Invalidos.

E comtudo, apesar de todas estas precauções, diremos mais, quasi apesar de todas estas artimanhas o povo não se illudio.

Surda cholera refervia no fundo da sociedade e de quando em quando subia á superficie em fervidas ebullições.

A 18 de outubro, pasquins affixados durante a noite cobriam de ameaças as paredes do Luxemburgo: dois ou tres bandos d'esses homens, que só se encontram nos dias malditos, sahiram das catacumbas da sociedade e sulcaram

as ruas da capital cantando a Pariziense, e gritando: morram os ministros!

Estes bandos dirigiram-se para Vincennes, porém repellidos pela ameaça que lhes fez o general Daumesnil de os metralhar, retrocederam sobre o Palais-Royal, justamente na occasião em que ahi havia conselho de ministros.

O rei andava a passeiar no terrado com Odilon Barrot; os amotinados avistaram o prefeito do Sena, e fingindo que não viam o rei, gritaram: « Viva Barrot! »

Odilon Barrot quiz arengar, mas o rei suspendeu-o:

—Deixe-os, tambem eu ha quarenta annos ouvi gritar: « Viva Péthion. »

O prefeito do Sena mordeu os labios e voltou para o conselho de ministros.

A guarda do Palais-Royal foi sufficiente para dispersar os amotinados.

No dia seguinte fazia o sr. Odilon Barrot uma proclamação.

A proclamação é a mania dos homens de Estado; todo o homem que faz a aua proclamação, é um homem de Estado; fazer a sua proclamação, é receber do povo que a lê a sancção de um poder qualquer.

Consignemos aqui a proclamação do sr. Odilon Barrot, a qual explicará como julgando elle consolidar o seu poder preparava a sua queda.

« Cidadãos! dizia o prefeito do Sena, os vossos magistrados estão profundamente afflictos com as desordens que acabam de perturbar a tranquillidade publica no momento em que o commercio e a industria, que tanto carecem de segurança, íam sahir d'essa crise já demasiadamente prolongada.

Não é vingança que pede o povo de Pariz, que é ainda o

povo dos tres grandes dias, o povo mais valente e mais generoso da terra, é justiça.

« A justiça é com effeito a necessidade, o direito dos homens fortes e corajosos; a vingança é o prazer dos fracos e dos covardes.

« Um passo inopportuno, (a proposta da camara) póde fazer suppôr que havia um accordo para interromper o curso ordinario da justiça a respeito dos antigos ministros; delongas que outra coisa não são senão o cumprimento das formulas, que dão á justiça um caracter mais solemne, vieram fazer acreditar e fortificar essa opinião que os nossos intractaveis inimigos sempre de atalaya para nos desunirem, exquadrinham com afinco.

« D'ahi nasceu essa commoção popular que, para os homens de boa fé, para os bons cidadãos, não tem outra causa senão um verdadeiro equivoco.

« Declaro-vos com toda a certeza, meus concidadãos, que o andamento da justiça nem foi suspenso, nem interrompido, e que não o ha de ser; a instrucção da accusação feita contra os antigos ministros continua; pertencem á lei, e só a lei é que ha de regular os seus destinos.

« Os bons cidadãos não podem pedir, nem desejar outra coisa, e comtudo os brados de morte soltados nas nossas ruas, nas nossas praças publicas, essas provocações, esses pasquins, que são, senão violencias feitas á justiça?

« Queremos para outrem o que queriamos para nós, juizes rectos e imparciaes; alguns homens desvairados ou malevolos ameaçam os juizes antes mesmo de se começar o debate.

« Povo de Pariz não sancciones estas violencias; accusados são coisas sagradas para ti; estão collocados debaixo da salva-guarda da lei; insultal-os, embaraçar a sua defeza antecipar as sentenças da justiça, é violar as leis de toda a

sociedade civilisada, é faltar ao primeiro dever da liberdade; é mais que um crime, é uma covardia,

« Não ha nem um cidadão d'esta nobre e gloriosa povoação que não sinta que é da sua honra e do seu dever impedir um attentado que mancharia a nossa revolução.

« Faça-se justiça, mas violencia não é justiça!

« Tal é o brado de todos os homens de bem, tal será o principio da conducta dos vossos magistrados.

« N'estas graves circumstancias contam com o concurso e auxilio de todos os verdadeiros patriotas para assegurar força ás medidas tomadas, para assegurar a ordem publica.»

O sr. Odilon Barrot acabava, aos olhos do rei, de commetter uma falta que não devia perdoar-lhe, acabava no requerimento da camara sobre a abolição da pena de morte em *certos casos*, de censurar o pensamento secreto do homem.

A datar d'este momento foi decidida a quéda do sr. Odilon Barrot.

Luiz Philippe obteve facilmente do conselho que fosse da sua opinião a respeito da demissão do prefeito do Sena.

Singular composição apresentava o ministerio; a revolução de 1830 acabava de entregar os seus interesses ao sr. de Broglie, transfuga do campo realista, ao sr. Guizot, o homem de Gand, ao sr. Périer que até á ultima tinha luctado com a revolução; ao sr. Sebastiani que, na quinta feira pela manhã, declarava que a bandeira branca era a sua bandeira: emfim, ao general Gérard, ultimo ministro de Carlos X, e que lhe bastára para ficar no poder fazer assignar pelo ramo segundo o decreto do ramo primogenito.

Nenhum d'estes homens devia gostar d'Odilon Barrot.

por isso quando o rei propôz a sua demissão, só Dupont (de l'Eure) se lhe oppôz.

Era inscrever-se para uma proxima demissão.

Fóra do ministerio, Odilon Barrot era ainda sustentado por Laffitte e por Lafayette.

A coisa era espinhosa: o sr. Sebastiani propôz que se fizesse diligencia para decidir o prefeito do Sena a pedir a sua demissão; o conselho interrompido devia continuar á noite a sessão.

Á noite reuniram-se os ministros: só o rei, contra o seu costume, se fez esperar.

De repente abrio-se a porta e appareceu o rei satisfeito e risonho.

— Senhôres, disse elle, annuncio-lhes que está já decidida a demissão do prefeito do Sena, e que o general Lafayette, comprehendendo a opportunidade d'esta demissão, está de accordo.

— O sr. de Lafayette concorda na demissão do sr. Odilon Barrot! exclamou Dupont (de l'Eure). *Sire*, isso que vossa magestade diz é impossivel!

— Ouvio o eu, senhor, respondeu vivamente o rei.

— Permitta-me, *sire*, que acredite n'um engano da vossa parte, insistio Dupont (de l'Eure) inclinando-se; o general fallando comigo, empregou uma linguagem mui differente, e não o julgo capaz de se contradizer a esse ponto.

O rei córou ligeiramente, porém calou-se.

— Comtudo, continuou Dupont (de l'Eure), não fallemos senão de mim; como o sr. Barrot se retira, reitero a vossa magestade que se sirva acceitar a minha demissão.

— Porém esta manhã, senhor, prometteu me ficar até ao processo dos ministros.

— Sim, porém com a condição de que o sr. Barrot se conservaria no seu logar.

— Sem condição, senhor.

— D'esta vez, *sire*, affirmo que vossa magestade está enganado.

— Que! senhor, desmente-me? Isso é muito e todos ficarão sabendo que me faltou ao respeito.

— *Sire*, respondeu o guarda-sellos, quando o rei disser sim, e Dupont (de l'Eure) disser não, não sei a qual dos dois a França dará credito.

E o guarda-sellos cortejou o rei e dirigio-se para a porta da sahida.

No limiar encontrou o sr. duque d'Orleans, que lhe embargou a passagem, pegou-lhe nas mãos e reconduzio-o á presença do rei.

— *Sire*, disse o joven principe, o sr. Dupont é um homem tão honrado que em tudo isto não póde senão haver algum equivoco.

O rei abraçou Dupont, e o sr. Dupont prometteu ficar.

Mas tudo isto não passava de um palliativo vão, sem nenhuma consistencia; se o sr. Dupont (de l'Eure) consentia em ficar com os srs. de Broglie, Guizot, Molé, Casimiro Périer, Dupin e Bignon, estes não consentiram em ficar com o sr. Dupont (de l'Eure).

Os doctrinarios, dando a sua demissão, forçaram Luiz Philippe a formar um novo gabinete.

Foi o sr. Laffitte o encarregado d'esta difficil operação; ao cabo de dois ou tres dias de *fallatorios* o *Moniteur* proclamou, a 2 de novembro, a lista dos novos nomeados.

Eram os senhores:

Laffitte para as finanças e presidente do conselho.

Dupont (de l'Eure) para a justiça.

Gérard para a guerra,

Sebastiani para a marinha.

Maison para os negocios estrangeiros.

Montalivet para o interior.

Merilhou para a instrucção publica.

Os tres ministros sem pasta, Dupin, Casimiro Périer e Bignon, tinham dado a sua demissão.

Alguns dias depois houve uma recomposição ministerial, entrando o marechal Soult para a guerra, o sr. d'Argout para a marinha, e passando o sr. Sebastiani para os negocios estrangeiros.

Iam correndo os dias, avisinhava-se a epocha fatal, isto é, a data fixada para a instrucção do processo dos ministros.

A 4 de outubro a camara dos pares constituira-se em tribunal de justiça, ordenára a trasladação dos ministros para o pequeno Luxemburgo e fixára a abertura dos debates para o dia 15 de dezembro.

O rei mudando o ministerio, chegára ao seu fim, que era salvar os ministros; a camara dos pares era sua.

No novo ministerio, dispunha de Laffite *seu amigo*, de Sebastiani e de Montalivet seus aduladores, de Gérard e de Maison, seus affeiçoados; quanto ao sr. Marilhou, era uma conquista facil de fazer; restava Dupont (de l'Eure) que faria o que fizesse Lafayette, e este, proscripto pelo sr. de Polignac, queria vingar-se á sua moda, salvando-o.

Comtudo, no intervallo que separava a formação do novo ministerio da abertura do processo, o sr. Laffitte recebeu da mão d'aquelle que tinha feito rei uma primeira ferida tanto mais dolorosa, por isso que era inesperada.

CAPITULO LV

Talvez porque o abalo produzido na França pela quéda do governo de Carlos X tivesse sido mais profundo na realidade do que o parecera na superficie, as bancarrotas tinham-se multiplicado, as casas mais solidas estavam abaladas no seu credito, e o proprio sr. Laffite começava a receiar que, lançando-se, como dissera, em corpo e bens na revolução, embora salvasse o corpo, teria arriscado muito os bens.

Sentindo que não tardaria a achar-se embaraçado nos seus negocios, o sr. Laffite propozera ao rei vender-lhe a sua matta de Bréteuil, o que o rei acceitára; mas para que o maior segredo encobrisse esta venda, ajustára com o rei que o contracto seria assignado com a rubrica particular, e que não seria registrado.

O sr. Laffite ficou pois muito admirado, quando uma manhã, a 18 de novembro, recebeu do rei a carta seguinte:

« Meu caro sr. Laffite,

« Pelo que me disse um amigo commum, de quem mais nada lhe digo, bem deve saber porque aproveitei a ausencia do sr. Jamet, director da contabilidade da minha casa, que não devia saber da compra para fazer registrar o contracto o mais secretamente possivel. »

Esta carta, mui pouco comprehensivel para o publico não o era mais para o sr. Laffite. Quem era esse amigo commum que o rei não nomeava, e para que tinha elle

aproveitado a ausencia do sr. Jamet para fazer uma coisa que promettera não fazer?

O unico facto claro, positivo, incontestavel, é que o contracto fôra registrado o mais secretamente possivel.

Ora, bem se sabe o que é o segredo do registro, sobre tudo quando se tracta de uma venda de oito a dez milhões.

Era um golpe terrivel dado no credito do sr. Laffitte, e o primeiro agradecimento de Luiz Philippe áquelle que o fizera rei.

Acaso não era para esperar que Luiz Philippe destruisse um após os outros aquelles que o tinham elevado?

O sr. Laffitte tinha na mão uma vingança facil, era dar a sua demissão, que arrastava comsigo a de Dupont (de l'Eure) do ministerio, a de Lafayette do commando da guarda nacional, a d'Odilon Barrot da prefeitura do Sena.

Deixaria então Luiz Philippe nú e desarmado diante da irritação popular excitada pelo processo dos ministros.

Teve a generosidade de se calar, e dissimulando os seus receios do futuro, receios que o futuro prova serem bem fundados, fechou a ferida toda ensanguentada no mais profundo do seu coração.

Resolveu pois prestar o seu auxilio e o dos seus amigos, Dupont (de l'Eure), Lafayette e Odilon Barrot, ao processo dos ministros, grande pedra de escandalo em que podia tropeçar, depois de cinco mezes de existencia, a realeza de julho.

Havia a luctar contra tres partidos:

O partido legitimista.

O partido bonapartista.

O partido republicano.

O partido legitimista era conhecido, e já se tinha visto quão pouco era para temer, quando se tratára de defender Carlos X.

Além d'isso, o que lhe dava certa importancia, era a sua fortuna; ora, n'um movimento popular, as fortunas podiam ser compromettidas. Porventura não se tinha apregoado bem alto que se a revolução de julho tivesse durado quatro dias, em logar de tres, no quarto dia o povo daria um saque?

Pobre povo! não bastava destituil-o, tambem o calumniavam!

O partido bonapartista:

O nome de Napoleão II mal tinha sido pronunciado por occasião da revolução de julho, no meio da surpreza geral que tinha *empalmado* a corôa em proveito do duque d'Orleans.

Mas depois tinha angariado proselytos, e comtudo comsigo mesmo, vira pelas raizes que tinha no povo, no exercito, na administração, nos pares, e até na côrte, que era mais forte que elle proprio pensára. O seu candidato porém estava longe, fóra do seu poder, e ainda que os seus partidarios tivessem um throno para offerecer a Napoleão II, não era provavel que a Austria lhe permittisse acceitar similhante offerta.

O partido republicano:

Ah! esse era o mais serio.

Menos consideravel talvez que os outros dois no momento em que a revolução de julho tinha rebentado, angariára depois muitos partidarios, e começava a sentir-se com força bastante para pedir que se contasse com elle.

Além d'isso a sua força provinha da sua convicção: certa voz interior lhe dizia que o futuro estava n'elle.

Era puro dos excessos de 93, puro das perseguições da camara não achavel. Careciam de experiencia, é verdade, mas que importa! se estavam promptos a morrer para destruirem os obstaculos que a sua propria inexperiencia lhes podia suscitar? Tinham coragem, dedicação, probida-

de; que mais se podia exigir de homens que não pediam nem empregos, nem dinheiro, nem honras?

O nucleo mais poderoso do partido republicano estava na artilheria da guarda nacional.

A artilheria da guarda nacional compunha-se de quatro baterias.

A segunda, sob as ordens de Guinard e Cavaignac, e a terceira sob o commando de Bastide e Thomaz, pertenciam inteiramente ao partido republicano.

O sr. duque d'Orleans, alistado como simples artilheiro na primeira, n'ella espalhára, assim como na quarta, alguns principios, não de reacção, mas de dedicação ao rei.

E comtudo, apesar da presença do principe, podiamos contar quasi com um terço das praças que compunham estas duas baterias.

Além d'isso, a artilheria era notavel pelo seu garbo militar e pelo ardor que empregava em fazer os seus exercicios.

Ás seis horas da manhã no inverno, fazia as manobras no pateo do Louvre, onde estavam collocadas as peças, e muitas vezes em Vincennes, tinhamos luctado em diligencia e destreza com os artilheiros de linha.

Era pois sobre tudo na artilheria que o governo tinha os olhos fitos.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME DA QUINTA PARTE.

INDICE DOS CAPITULOS

DO

PRIMEIRO VOLUME DA QUINTA PARTE.

O ARCHIVO ROMANTICO

MEMORIAS D'UM MEDICO

XX

O ARCHIVO ROMANTICO

MEMORIAS D'UM MEDICO

POR

ALEXANDRE DUMAS

TRADUCÇÃO DE

F. M. PINTO DA SILVA

QUINTA PARTE

O ULTIMO REI DOS FRANCEZES

VOLUME II

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE J. C. A. ALMEIDA
63, Rua da Vinha, 63.
1876

O ULTIMO REI DOS FRANCEZES

CAPITULO I

N'este meio tempo morreu Benjamin Constant, a respeito de quem se tinham contado coisas singulares nos seus ultimos dias.

Tinham espalhado que a sua adhesão ao governo de julho fôra paga com quatrocentos mil francos.

Seria verdade, ou seria obra da calumnia, que empregava os dentes mordazes n'um renome bello e grandioso?

A realidade é que Benjamin Constant morrera na miseria mais profunda, e que nos derradeiros dias da sua vida mais de uma vez se vira obrigado a buscar no pão desdenhosamente repellido na vespera o sustento do dia seguinte.

Benjamin Constant tivera o defeito, com que um homem nunca está seguro nem da sua honra, nem da sua consciencia, nem da sua vida: era jogador.

Porém no dia em que em Pariz se espalhou a noticia da sua morte aconteceu o mesmo que no dia em que morreu Mirabeau: esqueceu-se tudo. Cem mil homens acompanharam o prestito funebre. Tiraram as parelhas ao carro funerario: uma chusma de mancebos enthusiastas bradaram: Ao Panthéon! e foi mister nada menos que a intervenção da

força armada para que o prestito retomasse o caminho do cemiterio, d'onde já o haviam desviado.

Todos estes acontecimentos eram outros tantos vapores isolados que vinham engrossar a tempestade amontoada sobre o Luxemburgo.

A 15 de dezembro abriram-se os debates; ás oito horas da manhã já estava cheia a sala das sessões, e as proximidades do palacio não estavam menos atulhadas de povo do que a camara.

É que o povo comprehendia instinctivamente o processo dos ministros, era a sua propria causa que se julgava; se os ministros fossem absolvidos ou condemnados a outra qualquer pena que não fosse a de morte, a revolução de julho era renegada aos olhos da Europa pelo rei das barricadas.

Era a opinião do sr. Maugoin, um dos juizes instructores.

Interrogado sobre o genero de castigo que devia ser infligido aos réos, respondera: A morte!

Era mister que o sentimento de uma grande questão vital para a Revolução estivesse occulto n'esta palavra — morte — para que tantas boccas jovens e generosas a repetissem com ameaças e maldições.

São conhecidos os pormenores d'este processo, durante o qual mais de uma vez os gritos soltados na rua fizeram estremecer nas cadeiras juizes e accusados.

O processo durou desde 15 até 21; e apesar das precauções tomadas, apesar de se reforçarem as tropas, todos os dias a multidão augmentava.

A sentença não devia ser lida diante dos accusados; fizeram-nos sahir e annunciaram-lhe que os iam reconduzir a Vincennes.

A este annuncio, olharam-se como perdidos.

Durante este ultimo dia, em redor de Luxemburgo não ces-

sára o tambor de tocar, nem brados de morte de retumbar.

O sr. de Montalivet, ministro do interior, tinha recebido do rei a missão de fazer reconduzir os prisioneiros, sãos e salvos, a Vincennes; escolhera o coronel Ladvocat para partilhar com elle esta honra perigosa.

— Senhor, lhe disse elle, quando fôr chegado o momento de operar, vamos fazer historia; façamos a diligencia para que ella seja honrosa para a França.

O sr. Ladvocat recebeu os presos das mãos do carcereiro.

Uma carruagem os esperava á portinha do pequeno Luxemburgo.

No momento em que se apresentavam á porta corriam homens pelas outras sahidas do palacio, bradando:

— Está dada a sentença: os ministros estão condemnados *á morte.*

Eu estava no meio d'essa multidão fremente, e ainda me recordo da explosão de triumpho que entre as massas rebentou a estas palavras terriveis:

— Á morte!

Foi um brado immenso que retumbou por toda Pariz augmentando-se sem cessar, como repetido pelos echos, recresce, n'um vale suisso, o ribombar do trovão.

Durante este tempo, a carruagem em que iam os prisioneiros chegava á rua *Madama,* onde, sob o commando do coronel Febvier, a esperava um destacamento de cem cavallos.

A carruagem era leve; partio a galope.

As ruas tremeram sob os pés dos cavallos: e esta caravana, similhante a um vulcão, correu para os boulevards exteriores e desappareceu.

De repente, no meio da multidão, espalhou-se o boato de

que os ministros não tinham sido condemnados á morte, porém tão sómente a prisão perpetua, e que, por ordem do rei, acabava de lhes favorecer a fuga.

A mudança foi rapida: aos brados de triumpho succederam gritos de raiva, e com um movimento violento, a multidão dirigio-se contra as bayonetas da guarda nacional, que defendia o palacio.

Durante este tempo, da barreira do throno, o sr. de Montalivet enviava ao rei este bilhete:

« *Sire*, já transpozemos metade do espaço; com mais alguns instantes de perigos, estamos em Vincennes, e tudo está salvo. »

Era justamente no momento em que vinham ás mãos na rua de Tournou, na rua Dauphine, e na praça do Panthéon.

Era tal o tumulto que os pares, a este motim, tomados de medo, fugiram cada um por seu lado.

Ás dez horas, o sr. Pasquier entrou na sala da audiencia; achou-a deserta, e foi á luz de um lustre meio apagado, e aos bancos sem ninguem que elle leu a sentença dada pelo tribunal.

Pelas dez horas ouvio-se um tiro de peça.

Annunciava ao rei que os presos tinham entrado, sãos e salvos, em Vincennes.

Mas nós que ignoravamos a causa d'este tiro, tomamol-o dor um signal.

Desde logo o brado: « ás armas! » retumbou, e tudo quanto trazia a farda de artilheiro correu immediatamente para o Louvre.

Na nossa corrida, avistámos Lafayette que luctava inutilmente contra um grupo de povo.

Este grupo uivava e pedia com imprecações terriveis a morte dos ministros.

— Meus amigos, meus amigos, dizia Lafayette, não reconheço em vós os combatentes de junho.

— Assim o penso, replicou um homem do povo, vós não estaveis com elles.

Esta palavra devia parecer dura ao pobre commandante geral; era a segunda revolução no meio da qual via soçobrar a sua popularidade.

Fizemos-lhe roda; o nosso uniforme impunha respeito; a artilheria passava por ser republicana, e tiramol-o d'entre a multidão, depois do que continuámos o nosso caminho para o Louvre.

Ali chegámos no momento em que acabava de chegar ordem para fechar as grades; ainda podémos entrar, porém fecharam-se atraz de nós.

Achámos os nossos camaradas na mais viva agitação: tractava-se nada menos que de um movimento sobre o Palais-Royal.

Tinhamos vinte mil tiros para atirar, e estavamos a trezentos passos apenas do castello.

O povo estava furioso, a guarda nacional exasperada; tinhamos encontrado homens lançando as espingardas pelas ruas, outros quebrando as espadas nos marcos.

Certamente não podia haver melhor occasião para um golpe de vígor, e esse golpe parecia decidido.

De repente achega-se de nós um artilheiro e diz-nos que haviam tirado os SS das peças.

Corremos para o parque, pozemos uma peça em movimento; com effeito desprende-se uma das rodas e a peça cáhe.

Cem vezes perguntam ao mesmo tempo quem fez similhante coisa?

Tres ou quatro vozes respondem que foi o commandante Barré.

Immediatamente correm para elle; para a quarta bateria e para a primeira, orleanista, como se sabe; Bastide faz um signal e toda a terceira bateria desembainha a espada. Bastide e o commandante Barré estão a ponto de se travarem em combate particular.

O commandante cede e declara que vae restituir os SS nos seus logares.

Com effeito, um quarto de hora depois estão postos os SS.

Entraram então em tumulto no corpo da guarda.

Ajuntam-se em torno de uma meza sobre a qual o quartel mestre, chefe da segunda bateria, redige uma proclamação; redigida ella, um artilheiro sobe a uma meza e começa a lêl-a, quando um outro artilheiro, Grille de Beuzelin, lh'a arranca das mãos e a rasga.

Segue-se uma scena de tumulto onde se fazem muitos desafios.

Ficaram para o dia seguinte.

Porém o golpe falhou, e a artilheria, em estado de suspeição, vê ajuntar-se sobre o caes, na praça Saint-l'Auxerrois, na rua do Coq e na praça de Carroussel, tres ou quatro mil homens entre guarda nacional e linha, cercando o Louvre.

Distribuem-se cartuchos e esperam.

Toda a noite do dia seguinte esteve prisioneira a artilheria.

No dia 23 pela manhã estava tudo acabado; a hora da realeza de julho não era ainda chegada: e sem muita lucta, pela influencia da guarda nacional, que o seu commandante geral tinha feito entrar na ordem, os ajuntamentos estavam dissipados.

Na noite de 23, o sr. Dupin pedia á camara que votasse agradecimentos á guarda nacional de Pariz.

No dia seguinte achava-se abolido pela camara dos deputados o titulo de commandante geral das guardas nacionáes.

Lafayette estava demittido como um subprefeito.

É verdade que o ministerio pedia que deixassem ao rei a liberdade de lhe conservar o titulo de commandante honorario.

O que n'isto havia mais singular, é que a camara, para demittir Lafayette, tinha escolhido o momento em que se velava sobre a tranquillidade que acabava de restabelecer.

Na vespera tinha-lhe o rei escripto:

« É ao senhor que me dirijo, meu caro general, para transmittir á nossa valente e sempre infatigavel guarda nacional a expressão da minha admiração pelo zelo, dedicação e energia com que sustentou a ordem publica e prevenio todas as desordens; porém é primeiro ao senhor que devo agradecer, meu general, que acaba de dar de novo, n'esses dias de crise, o exemplo da coragem, do patriotismo e do respeito pelas leis, como tantas vezes tem dado no curso da sua longa e nobre carreira.

« Exprima em meu nome quanto folgo de ter visto renascer esta bella instituição da guarda nacional, que nos tinha sido quasi inteiramente tirada, e que se reergueu brilhante de força e de patriotismo, mais bella e mais numerosa do que nunca, assim que os gloriosos dias de junho quebraram os obstaculos, com que em balde se jactavam de a aniquillar. É esta bella instituição que nos ha de assegurar o triumpho da causa sagrada da liberdade, quer fazendo respeitar no estrangeiro a nossa independencia nacional, quer preservando a acção das leis de qualquer ataque no interior do reino.

« Não esqueçamos que sem lei não ha liberdade, e que

não ha lei quando uma força qualquer chega a paralysar-lhe a acção e a sobrepujal-a.

« Taes são, meu caro general, os sentimentos que lhe peço que manifeste da minha parte á guarda nacional.

« Conto com a continuaçao dos seus esforços e com os da força sob o seu commando para que não seja perturbada a tranquillidade, de que Pariz e a França hão mister e que tão essencial é sustentar.

« Receba ao mesmo tempo, meu caro general, os protestos da sincera amisade que por si me conhece.

Luiz Philippe. »

Ha pessoas a quem se deve tanto, diz M.ma Sévigné, que só se lhes póde pagar com a ingratidão.

A monarchia acabava de recompensar os favores que devia a Lafayette.

Lafayette assim que soube o voto da camara enviou a sua demissão ao rei.

A sua demissão era concebida n'estes termos:

« 25 de dezembro de 1830.

« *Sire*, a resolução tomada hontem pela camara dos deputados com o assentimento dos ministros do rei, para a suppressão do commando geral das guardas nacionaes, no mesmo instante em que se vae votar a lei, exprime já o sentimento de dois ramos do poder legislativo, sobre tudo d'aquelle de que tenho a honra de ser membro.

« Julgaria faltar-lhe ao respeito se esperasse outra qualquer formalidade para mandar ao rei, como mando, a minha demissão dos poderes que me tinha conferido.

« Vossa magestade sabe, e a correspondencia do estado maior general provaria se preciso fosse, que o seu exercicio não tem sido illusorio até ao presente, como se disse na tribuna.

« A patriotica sollicitude do rei proverá ao que fôr mister, e será importante reparar, pelas ordens que a lei deixa á sua disposição, a inquietação que produzio o fraccionamento dos batalhões ruraes e o receio de vêr reduzir ás cidades de guerra ou ás costas, a utilissima instituição da artilheria cidadã.

« O presidente do conselho dignou-se prepôr-me e dar-lhe o titulo de commandante honorario; elle proprio reconhecerá e vossa magestade julgará, que estas honrarias nominaes não convèm nem ás instituições de um paiz livre, nem a mim.

« Entregando com respeito e reconhecimento nas mãos do rei o unico decreto que me dá auctoridade sobre as guardas nacionaes tomei, precauções para que o serviço não soffresse.

« O general Dumas receberá as ordens do ministro do interior, o general Carbonnel distribuirá o serviço da capital até que vossa magestade se sirva prover á sua substituição.

« Peço a vossa magestade que receba a homenagem bem cordial da minha affeição e do meu respeito.

Lafayette. »

No dia seguinte, recebeu do rei esta carta, que emparelhava dignamente com a carta a Laffite:

« Acabo de receber, meu caro general, a sua carta, que me causou tanto desgosto como surpreza, *pela decisão que tomou. Ainda não tive tempo de ler os jornaes!* O conselho de ministros reune-se á uma hora, ficarei livre depois, isto è, entre as quatro e as cinco horas espero vêl-o e fazel-o mudar de tenção. »

O rei não tinha tido tempo de ler os jornaes, estava sur-

prehendido e magoado pela decisão do general, quando essa decisão lhe fôra ordenada pela Camara.

Esta carta era uma fria insolencia ou uma singular distracção.

No dia 26 de dezembro, isto é, no dia immediato, foi publicada nos jornaes e affixada nas esquinas a seguinte proclamação:

« Valentes guardas nacionaes, meus caros compatriotas, partilhareis o meu pezar sabendo que o general Lafayette julgou dever dar a sua demissão.

« Lisonjeava-me de o vêr mais tempo á vossa frente, animando o vosso zelo com o seu exemplo e pela rememoração dos grandes serviços que elle prestou á causa da liberdade.

« A sua demissão é para mim tanto mais sensivel, por isso que ainda ha poucos dias este digno general tomava uma parte gloriosa na manutenção da ordem publica que vós tão nobre e tão efficazmente protegestes durante as ultimas agitações.

« Resta-me a consolação de pensar que nada desprezei para poupar á guarda nacional o que para ella será motivo de vivo pezar e para mim de pena verdadeira.

Luiz Philippe. »

A camara de uma cacheirada matára dois coelhos: tendo a demissão de Lafayette, Dupont (de l'Eure) deu a sua.

D'esta vez não lhe contestaram o direito de a dar, porém pelo contrario apressaram-se a acceital-a.

Cinco dias depois, *lord* Huart, embaixador de Inglaterra, indo dia de anno bom fazer a sua visita diplomatica ao rei, e como o felicitasse pela maneira habil como se tinha sahido dos differentes embaraços que o anno de 1830 lhe tinha suscitado, Luiz Philippe respondeu:

— Sim, as coisas realmente não sahiram mal.

Depois, acrescentou em voz baixa e sorrindo:

— Ainda me restam duas doenças a curar, e depois tudo ficará concluido.

Estas duas doenças eram Laffitte e Odilon Barrot, os unicos representantes da revolução de julho que ainda se conservavam no poder.

Foi assim que cahio no golfo boqui-aberto da eternidade este memoravel anno de 1830.

CAPITULO II

Novos motins presidiram ao começo do anno de 1831; um officio funebre, anniversario do duque de Berry, servio de pretexto a alborotos que duraram tres dias, e que tiveram em resultado a devastação da egreja de Saint-Germain l'Auxerrois, o saque do Arcerbispado, e a desapparição das flôres de liz das armas reaes.

A devastação da egreja de Saint-Germain l'Auxerrois e o roubo do Arcebispado, foram um sacrilegio; a desapparição das flôres de liz, raspados das carruagens do rei, foi uma vergonha.

Já Luiz Philippe tinha querido fazer acreditar que era Valois e não Bourbon.

Passavam-se estas coisas sob um novo ministerio.

Luiz Philippe curára a sua primeira doença o sr. Laffitte.

Eis como as coisas se passaram, e porque o proprietario

da floresta de Bréteuil déra a sua demissão de presidente do conselho.

A França tinha do alto da tribuna, e pelo orgão do seu presidente do conselho, proclamado o systema da não intrevenção n'estes termos:

« A França não permittirá que o principio da não intervenção seja violado; porém tambem se ha de esforçar para impedir que se compromettа uma paz que poderia ter sido conservada: se a guerra se tornar inevitavel é mister que se prove á face do mundo que não a quizemos, e que se a fizemos foi por nos terem collocado entre a guerra e o abandono dos nossos principios; mais fortes seremos quando, ao poder das nossas armas junctarmos a convicção do nosso direito.

Continuaremos a negociar; porém negociando fortificarnos-hemos.

« Dentro de pouco tempo teremos, além das nossas praças fortes, quinhentos mil homens promptos para a guerra, bem armados, bem commandados: um milhão de guardas nacionaes os appoiarão, e o rei, se tanto fôr preciso, pôr-se-ha á sua frente.

« Marchariamos unidos, fortalecidos pelo nosso direito e pelo poder dos nossos principios, se as tempestades rebentassem á vista das tres côres e se se tornassem nossos auxiliares, nós não seriamos por isso responsaveis ao universo. »

Esta declaração de principios feita com o consentimento do rei, fôra naturalmente muito applaudida na camara e sobre tudo fóra da camara.

De repente rebentou a revolução de Modena, a que estavam associados o proprio principe reinante, que queria fazer-se rei da Italia unitaria, e o duque d'Orleans, filho do rei.

Comprimida a revolução, a Austria tomou a resolução de intervir.

Em consequencia da proclamação feita na tribuna, o marechal Maison, nosso embaixador em Vienna, foi encarregado de apresentar ao gabinete austriaco uma declaração formal que lhe vedava a entrada nos estados romanos.

Porém o gabinete austriaco respondeu a esta declaração com uma simples nota sahida, não da tribuna, mas da bocca do sr. Metternich:

« Até aqui deixámos a França apresentar o principio da não intervenção; porém é tempo que se saiba que não queremos reconhecel-a no que diz respeito á Italia; estamos promptos a empregar as armas em toda a parte por onde a insurreição se estander. Se d'esta intervenção deve resultar a guerra, venha embora a guerra, preferimos correr os riscos que d'ella resultam a estarmos expostos a morrer no meio das revoluções. »

Era o marechal Maison que transmittia esta nota ao sr. de Sebastiani, ministro dos negocios estrangeiros: acrescentava que não havia um momento a perder, que era mister tomar a iniciativa e mandar um exercito para além dos Alpes.

O despacho, chegado ás mãos do sr. Sebastiani, em logar de ser communicado ao sr. Laffitte, presidente do conselho, foi communicado ao rei, o qual prohibio que d'elle se désse conhecimento ao sr. Laffitte.

O sr. Laffitte leu-o a 8 no *Nacional;* tinha chegado a Pariz a 4.

Similhante procedimento da parte do ministro dos negocios estrangeiros era incomprehensivel; por isso o sr. Laffitte pedio explicações ao sr. de Sebastiani que, acossado nos

seus ultimos entrincheiramentos, se vio obrigado a confessar que tinha obedecido a ordens superiores.

O sr. Laffitte foi ter com o rei, que o recebeu como o tinha recebido depois do registro da venda da floresta de Bréteuil, como recebera Lafayette depois de demittido pela camara, isto é, com muitos protestos de amisade.

Depois, como Laffitte insistisse em sustentar o programma bellicioso que tinha lido na camara, o rei entrincheirou-se atraz do seu titulo de rei constitucional, e convidou o presidente do conselho a entender-se com os seus collegas.

Havia conselho no dia 8. O sr. Laffitte apresentou-se no conselho; todos os votos eram para reprovar o programma e sustentar a paz.

O sr. Laffitte deu a sua demissão, que foi recebida sem difficuldade.

O gabinete Casimiro Périer já estava formado e aguardava esta demissão.

Por isso se constituia n'um dia.

O marechal Soult foi para a pasta da guerra.

O sr. de Sebastiani ficou nos estrangeiros.

O barão Luiz installou-se nas finanças;

O sr. Barthe na justiça;

O sr. de Montalivet nos cultos e na instrucção publica;

O sr. d'Argout nas obras publicas e no commercio;

O sr. de Rigny na marinha.

Todos vimos o sr. Casimiro Périer: o melindre do general Lamarque, o orgulho do sr. Guizot nada eram em comparação do seu melindre e do seu orgulho. Uma cholera immensa, sempre prompta a trasbordar, e a derramar-se em ondas de amargura, enchia a alma d'este homem que não aspirava a chegar ao poder senão para que o ministro po-

desse vingar-se do povo que, tantas vezes tinha feito tremer o banqueiro.

Desde o dia da sua nomeação, esteve a ponto de dar a sua exoneração.

Casimiro Périer era odiado; por isso, quando entrou na camara com a pasta debaixo do braço, vio poucos rostos risonhos.

Da camara foi ao Palais-Royal; ahi aconteceu-lhe peior ainda.

As antecamaras do rei eram n'esta epocha todas militares, estes detestavam o novo ministro, por instincto sem duvida, e porque adivinhavam a que grão de intimidade a França desceria debaixo da sua mão.

Voltaram as costas ao presidente do conselho, que continuou o seu caminho para os aposentos do rei.

O rei esperava-o, rodeiado pela sua familia.

Luiz Philippe tinha nos labios esse encantador sorriso que tinha seduzido Laffite, Dupont (de l'Eure) e Lafayette; a rainha apresentava-se com seberania, mas com civilidade.

Quanto a M.ma Adelaide, todo o seu aspecto era glacial.

Casimiro Périer voltou-se para o duque d'Orleans; era mais do que glacial, era desdenhoso.

O ministro empallideceu ou antes amareleceu, e voltando-se para o rei, disse:

— *Sire*, peço-vos uma conferencia secreta.

O rei passou para o seu gabinete e fez-lhe signal para que o seguisse.

Apenas a porta se fechou, Casimiro Perier, com voz tremula de cholera, bradou:

— *Sire*, dou a minha demissão.

Esta resolução era tão inesperada que Luiz Philippe ficou fulminado.

— A vossa demissão, porque?

— *Sire*, inimigos na Camara, inimigos nos *clubs*, inimigos na côrte, é muito, e não me encarrego de fazer frente a tantos odios ao mesmo tempo.

O rei pedio, supplicou; porém tudo foi inutil. Vio-se obrigado a appellar para sua irmã e seu filho, e Casimiro Périer sahio dando as suas desculpas.

Logo á primeira entrevista com este homem, o rei tinha-se curvado.

Restava a camara.

A 18 de março o novo ministro subio á tribuna e apresentou o seu programma politico.

A partir d'este momento não houvera maia circumlocuções nem ambages; Casimiro Périer proclamou altamente este duplicado principio:

« Paz a todo o preço com as potencias alliadas;

« Guerra encarniçada á Revolução;

« O sangue francez não pertence senão á França! exclamou elle.

« Este axioma impio foi coberto de applausos.»

Engana-se muito, pobre homem de estado de arribação, o sangue da França, como o de Christo, pertence ao mundo, e quanto mais sangue a França derramar pelos outros povos, mais a sua religião se estenderá.

E comtudo este banqueiro egoista tinha palavras de desprezo para Luiz Philippe.

— É um homem em casa de quem, dizia elle, um ministro nunca deve entrar sem ter a pasta sempre prompta para lh'a atirar á cara.

Depois, quando o rei mandou tirar as flôres de liz das suas armas, exclamou:

— Covarde! sacrifica os seus brazões porque tem medo

foi no dia seguinte ao da revolução que elle mandou fazer isto, aconselhei-o, mas não fez caso.

D'esta fórma, Casimiro Périer que deixava riscar, com a espada russa e o sabre austriaco, o nome da França da lista das grandes nações, chamava covarde ao homem que deixava riscar pelo povo os brazões de Luiz XIV da sua carruagem.

O resultado d'esta politica foi a consolidação de Leopoldo no throno da Belgica, e o abandono da Polonia e da Italia á Russia e á Austria.

A diplomacia europea acabava de nos cuspir no rosto o sangue de tres povos.

Mas a datar d'este momento o governo ficou tranquillo com o que dizia respeito ás potencias estrangeiras, e toda a questão foi entre a monarchia moribunda e a republica nascente.

A unica infelicidade do partido republicano, representado do lado visivel pela *Sociedade dos Amigos do povo*, era a ignorancia historica.

Para elles a França datava de 1789; o seu olhar não via além da fumarada do canhão da Bastilha.

Para elles a democracia não era uma corrente d'agua immensa e regular, tendo a sua nascente nas Communas, fazendo-se regato com a Jacqueria, ribeira com a Liga, rio com a Fronde, lago com a Revolução, e devendo fazer-se oceano quando todas as phazes do poder monarchico estivessem esgotadas; mas só então.

Não, era uma torrente que tinha brotado de repente do rochedo, e que, como o Rhône, se perdera nas sombrias cavernas do Imperio.

Esta ignorancia que exaltava talvez mais ainda o lado cavalleiroso do seu caracter, tornava-os promptos para as emprezas arrojadas, como cavalleiros da edade media; inspi-

rava-lhes grande necessidade de operar, tornava-os impacientes, amargurados, inquietos.

Teria sido seu inimigo aquelle que fosse predizer o triumpho da sua causa d'ahi a vinte, quinze, ou dez annos.

Não, o triumpho a seus olhos não era nada, se não triumphavam hoje. Amanhã! no meio d'essas dissenções que todos os dias renasciam, vêr-se-ia o dia seguinte?

CAPITULO III

Começaram as perseguições.

Dezenove entre nós tinham sido presos depois do processo dos ministros.

Segundo toda a probabilidade, devi o não ser preso com elles á demissão que mandei ao rei e que n'esta epocha publiquei nos periodicos; a minha prisão teria parecido uma vingança.

No numero dos accusados estavam tres dos chefes do partido, Godefroy Cavaignac, filho do convencional que foi representante do povo em 1793, irmão do general que foi dictador em 1848.

Tinha um genio serio e original, um coração terno e valoroso.

Conheci-o muito, tive muitas relações com elle, estimei-o muito.

Teve a felicidade de morrer.

Guinard, menos seductor de espirito de que Cavaignac, era seu egual no coração e na coragem.

Não havia belleza como a sua quando, no momento do perigo, sacudia a sua cabeça de leão.

Com elle podia-se emitir qualquer proposição que lembrasse, e quanto mais arriscada fosse maior certeza havia de que era acceita.

Ainda vive e está preso.

Quanto a Trélat, mal o conhecia.

Entrando no ministerio em 1848 mostrou um espirito recto mas acanhado, um coração honrado, mas pouco energico.

O seu processo foi um triumpho para a causa republicana.

Como toda a idéa justa, a de que elles eram apostolos tão dedicados devia crescer e popularisar-se pela perseguição.

Foram absolvidos, sahiram no meio dos bravos de dez mil homens do povo, estudantes e alumnos das escólas, que os levaram nos braços até á porta de Trélat.

Guinard e Cavaignac tinham conseguido subtrahir-se á ovação.

Era o primeiro revez que soffria o poder; não tardou que recebesse segundo.

Como se vê, a lucta annunciava-se ardente.

Se o ataque era vivo, a defeza ia ser pertinaz; finalmente, o geverno devia lançar mão de todo o motivo de contenda, e a opposição devia acceital-o.

A cruz de julho foi o terreno onde se deu a segunda batalha.

Em seguida á revolução, uma lei publicada a 13 de dezembro de 1830 instituira uma condecoração especial, que devia ser concedida aos combatentes que se tinham distinguido durante os tres dias; em consequencia d'isto, a commissão das recompensas nacionaes foi encarregada de for-

mar a lista dos cidadãos a quem esta condecoração devia ser conferida.

N'esta epocha, sendo ministro Laffitte e debaixo da influencia de Lafayette, o rei procurava ainda popularisar-se; desejou receber esta cruz, e segundo penso, mandou lembrar isto á commissão pelo sr. de Rumigny.

A commissão respondeu simplesmente que esta condecoração fôra instituida para aquelles que combateram durante os dias 27, 28 e 29; que o duque d'Orleans só tornára a entrar em Pariz na noite de 30 para 31; que, por conseguinte, por nenhum titulo podia receber similhante condecoração.

Então o rei decidio que a daria, visto não poder recebel-a.

Dicidio-se, no Palais-Royal, que a cruz de junho teria esta legenda: *Dada pelo rei*, e exigíria a formalidade do juramento.

Além d'isso, tinham mudado em fita azul e encarnada a fita que a commissão decidira que fosse encarnada e preta, côr de sangue e de lucto.

Dada pelo rei era um dizer absurdo.

Na epocha em que esta cruz fôra conquistada, só um reí havia em França, e esse era aquelle contra quem combatiam.

O *juramento* illogico.

Como podiam fazer juramento de fidelidade e de obediencia a um rei, esses homens que acabavam, com a espingarda na mão, de proclamar a soberania do povo?

Resolvemos resistir.

Uma circular de Garnier-Pages nos reunio na *passagem* do *Saumon*; a questão foi assim estabelecida:

Admittir-se-ha a legenda: *Dada pelo rei*?

Sujeitar-nos-hemos ao *juramento?*

Acceitar-se-ha a fita *azul e encarnada* em logar da encarnada a preta?

As duas primeiras propostas foram regeitadas por unanimidade.

A terceira foi objecto de viva discussão.

Em fim decidio-se que a côr da fita era indifferente: que a questão séria era o juramento e a legenda, e adoptou-se a fita azul e encarnada em logar da fita azul e preta.

No mesmo instante foram postos na meza do presidente muitos metros de fita azul e encarnada; cada um cortou um pedaço, que pôz na casaca, e sahiram em boa ordem.

Muitos cidadãos foram levados perante o jury por trazerem illegalmente a condecoração.

Foram absolvidos.

O tribunal declarou-se vencido, o *Moniteur* publicou a relação dos condecorados, e nunca mais se tractou nem da legenda, nem do juramento.

Mas ajustaram ridicularisar a condecoração de julho: infelizmente aquelles que a traziam não eram homens que se deixassem escarnecer.

A 24 de março de 1831 foi publicada a lei sobre a exclusão de Carlos X e de sua familia.

Seguio-se a proposta do sr. de Bricqueville tendente a fazer revogar a lei relativa a Napoleão.

Esta proposta foi regeitada.

Seguio-se a lei eleitoral.

Sob a Restauração, para ser eleitor era preciso pagar tresentos francos de contribuições directas, e para ser elegivel mil francos.

O ministerio propôz á camara abaixar o censo de elegibilidade de mil a quinhentos francos e o censo para eleitor a duzentos francos.

Esta lei não só foi adoptada, mas até alcançou mais lon-

ge do que a proposta do ministerio, excluindo certo numero de cidadãos que o ministerio propunha ajuntar aos censuarios como capacidades.

Esta lei trazia em si a revolução de 1848.

Effectuada assim esta obra de tempestade, a camara nascida no meio de uma tempestade, prorogada a 20 de abril, foi dissolvida a 31 de maio.

O rei aproveitou d'esta especie de ferias para fazer uma viagem á provincia; era um sueto que tomava.

Esta tyrannia de Casimiro Périer era-lhe insupportavel, e comtudo a necessidade fazia-lh'a soffrer.

Partio, visitou primeiro a Normandia, depois regressou a Pariz, que tornou a deixar, a 6 de junho de 1831, para visitar os departamentos de leste.

O campo de batalha de Valmy estava mui naturalmente incluido no itinerario real. Luiz Philippe visitou esse local, onde cada arvore, cada barranco, cada monticulo, tinha uma voz para lhe contar ao cabo de quarenta annos essa gloriosa epopéa da sua mocidade republicana: da pyramide erguida no proprio campo da batalha em memoria de Kellermann, encontrou um veterano a quem, em Valmy, um tiro de peça levára um braço.

Tirou do peito a cruz e deu-lh'a.

Em Metz é que fôra redigido o primeiro plano de associação-nacional.

O *maire*, o sr. Rouchotte: o presidente do tribunal regio; o sr. Voirhaye, e o sr. Dornes, tinham sido os seus redactores.

Aos olhos do sr. Casimiro Périer, esta associação era um crime, e tinha demittido, com grande irritação dos patriotas, os srs. Rouchotte e Voirhaye.

O discurso do conselho municipal ao rei resentia-se d'esta má disposição.

«*Sire*, dizia este discurso, monumentos immoredoiros da vontade nacional e da vossa dedicação pela patria, os acontecimentos de julho, consagram os direitos de primeiro rei cidadão á fidelidade e ao amor dos francezes.

«Eis o que proclamaram os conselhos municipaes de França, porém a Carta deixou no nosso governo interno um ponto importante a regular; o da herança do pariato.

«Esperamos que na proxima sessão o poder legislativo fará desapparecer das nossas leis um privilegio d'ora ávante altamente incompativel com os nossos costumes nacionaes.

Oxalá que a influencia de vossa magestade assegure a esta generosa nação uma sorte digna da bella causa que ella defende!»

CAPITULO IV

Difficil era ir mais completamente de encontro ás idéas fixadas na mente do rei e do seu ministerio, por isso Luiz Philippe replicou:

«Falláes-me de tudo quanto os conselhos municipaes de França proclamaram; elles não proclamaram coisa alguma. Não cabe nas suas attribuições fazer nem tomar deliberações sobre assumptos de alta politica; este direito é reservado ás camaras; portanto não tenho que responder a esta parte do vosso discurso: isto applica-se egualmente ao que dizeis das relações diplomaticas da França com as potencias

estrangeiras, sobre as quaes os conselhos municipaes tambem não têem direito de deilberar.»

Era um máo precedente para a guarda nacional, que vinha logo atraz do conselho municipal.

O sr. Voirhaye, era justamente capitão, dirigio-se ao rei, levando na mão um discurso escripto.

— É o commandante da guarda nacional?

— Não, *sire,* respondeu o sr. Voirhaye, mas sou delegado do commandante.

— Falle!

O capitão desdobrou o papel e começou a ler:

« *Sire,* já mais de uma vez, depois da revolução de julho, a guarda nacional de Metz endereçou a vossa magestade a expressão da sua dedicação ao throno do rei cidadão e os seus votos pelas instituições que devem sustental-o.

« Cedo recolhereis das nossas fileiras uma nova manifestação da nossa affeição.

« Sim, temos na nossa bandeira a divisa: *liberdade, ordem publica.*

« Aos nossos olhos estas duas idéas são inseparaveis: se a ordem é uma condição indispensavel da liberdade, não tem a experiencia mostrado que o mais seguro meio de assegurar a ordem, é satisfazer as necessidades progressivas da situação por meio de leis liberaes populares.

« Entre estas leis, a mais decisiva para o futuro da França, é aquella que deve organisar o segundo ramo do poder legislativo... »

Eram muitos conselhos n'um dia: o rei impaciente, arrancou o discurso das mãos do orador e disse seccamente:

— A guarda nacional não deve tractar de questões politicas: são coisas que lhe são alheias.

— *Sire*, respondeu o sr. Voirhaye, ella não dá um conselho, exprime um voto.

— A guarda nacional, respondeu vivamente o rei, não tem voto para formar; as deliberações são-lhe interdictas. Já não é orgão da guarda nacional: por isso não devo continuar a ouvil-o.

Portanto, tres mezes depois de proclamado na tribuna o principio da não intervenção, intervinham os austriacos impunemente em Modena e em todos os estados romanos.

Portanto, dez mezes depois que a guarda das liberdades francezas foi entregue ás guardas nacionaes do reino, a guarda não tem direito nem ao menos para exprimir um voto.

Portanto, este assomo de um homem de ordinario tão prudente, pôz toda a cidade de Metz em movimento.

Todos os officiaes superiores tinham sido convidados para jantar em casa do rei: só um acceitou o convite.

A este insulto feito á realeza, Luiz Philippe declarou não querer estar mais uma hora na cidade, que tão criminosa se tinha tornado: e immediatamente, apesar de cahir copiosa chuva, sahio de Metz.

Não foi comtudo Metz a unica cidade que se achou em opposição com a realeza; o tribunal de Belfort, representado pelo seu presidente, dissera ao rei:

«Leis sabias, instituições apropriadas ás necessidades do paiz, taes são as primeiras condições da prosperidade social: a França já para ella possue os primeiros elementos essenciaes nos Codigos e na Carta, que não tardará a receber os desenvolvimentos legislativos que ella comporta.»

O rei respondeu:

« Não dou menos apreço do que o senhor, a que as nossas instituições sejam consolidadas; porém confesso-lhe que ouvi com espanto qualifical-as como elementos de instituições; isto não passa certamente de uma inadvertencia, e d'isso é prova o resto do seu discurso. As nossas instituições estão tão desenvolvidas, que o que resta a fazer parece-me nada em comparação com o que está feito. São estas instituições as que foram defendidas em julho, são estas instituições as que a nação quer conservar taes como foram consagradas pela Carta de 1830.

Havia já muito que o rei tinha feito o seu programma do Hotel de Ville.

Fôra por occasião de se lhe apresentar no mez de agosto a deputação de Gaillac, dizendo:

« Fóra, a França quer ser independente do estrangeiro; dentro, quer ser das facções. »

O rei respondera:

« A revolução de julho deve produzir os seus fructos, sim, sem duvida, porém esta expressão não é muitas vezes empregada senão n'um sentido que não corresponde nem ao espirito nacional, nem ás necessidades do seculo, nem á manutenção da ordem publica. É isto comtudo que deve regular o seu procedimento; procuremos conservar-nos no meio termo egualmente distante dos abusos do poder real e dos excessos do poder popular. »

Desde então o governo de julho teve a sua denominação; chama-se o governo do meio termo.

A viagem de Luiz Philippe teve pois logar no meio d'esse

enthusiasmo banal que sempre excita a presença de um soberano. Certa amargura que deixou no animo do rei uma somma de resentimento, que se ia azedando cada vez mais, produzio leis de repressão que em 1848 se tornaram por seu turno uma arma nas mãos do povo.

O resto do anno passou-se para a França a escutar o canhão da Vistula, a associar-se ás victorias de Dwernicki; a tirar esmolas e a dar bailes e representações em beneficio d'esses desventurados polacos condemnados d'ante-mão pela diplomacia européa, e que davam á europa maravilhada o espectaculo de martyres descidos voluntariamente a um circo.

Um bello dia chegou a noticia de duas mortes; tinham morrido Diebytch e Constantino.

As noticias officiaes fallavam em cholera.

As noticías particulares fallavam em veneno.

No meio de tudo isto a França preparava uma expedição, mas era tal a sympathia que os polacos inspiravam que, para que os olhos n'elles se fixassem, se desviavam das margens do Tejo.

Ia comtudo effectuar-se um dos mais bellos feitos d'armas que até então tentára a marinha franceza.

D. Miguel reinava em Lisboa, e vendo o nosso avillar mento perante a Russia, Austria e Inglaterra, tambem elle nos havia tomado em desprezo; e se, diplomaticamente mais polido que o duque de Modena, nos houvera reconhecido, era para que o nosso consul fosse testemunha persencial das humilções sob que fazia gemer os seus compatriotas.

Mas ahi devia acontecer o que acontecera em Argel; uma ultima humilhação faria trasbordar em cholera o vaso muito cheio de vergonha.

Dois francezes foram, por delictos imaginarios, condem-

nados, um a ser açoitado na praça publica de Lisboa, e outro a ser deportado para a costa d'Africa.

O primeiro era o sr. Bonhomme, estudante de Coimbra.

O segundo, o sr Sauvinet, negociante em Lisboa.

O consul francez queixou-se: não lhe responderam; ameaçou: fizeram escarneo d'elle.

O consul sahio de Lisboa.

O sr. Rabaudy, capitão de mar e guerra da marinha franceza, recebeu ordem para bloquear a barra do Tejo com a pequena flotilha que trazia debaixo do seu commando.

A sua missão era reclamar, em nome do governo de Luiz Philippe, reparação e indemnisação para os francezes maltratados ou arruinados pelas ordens de D. Miguel.

Pedio-se permissão a Inglaterra; e concedida ella, resolveu-se dar uma lição a este pequeno Caligula.

Pelo começo de junho, o almirante Roussin partía de Brest na náo *Suffren*, e ia tomar o commando de uma esquadra que, partida de Toulon, devia alcançal-o no cabo de Santa Maria.

A 25 de julho chegava á vista do cabo da Roca.

A 6 de julho reunia a esquadra.

Esta esquadra compunha-se de cinco náos, duas fragatas e duas corvetas.

Commandava-a o contr'almirante Hugon.

O sr. Rabaudy, que acabava de mandar para Brest a decima sexta vela portugueza por elle capturada, junctou-se a esta formidavel expedição, que se apresentou magestosamente na foz do Tejo no dia 11 de julho.

O Tejo era considerado como inexpugnavel pelo lado do mar.

Note-se bem, que por espaço de trezentos annos as potencias européas tinham dito outro tanto de Argel.

A 11 de julho, pelas quatro horas, a *Suffren* e a esqua-

dra que ella coduzia, tinham transposto, em cicoenta minutos, essa barra que julgavam inexpugnavel, e uma hora depois, toda a esquadra estava ancorada a trezentas toezas de Lisboa.

A 14 estava tudo concluido: a França estava vingada, estavam dadas as reparações e a esquadra portugueza prisioneira de guerra, era enviada prisioneira para Brest.

Desgraçadamente, era pelo mesmo tempo que a França assignava o tractado dos vinte e quatro artigos, que fazia a Belgica provincia ingleza.

Foi pelo fim d'este mesmo anno de 1831, que se liga ao escandaloso negocio das espingardas Gisquet, em que o chefe do gabinete e o marechal Soult estavam gravemente compromettidos.

Como em quasi todos os negocios d'esta natureza, foram dadas duas sentenças; uma pelo tribunal que sentenciava o sr. Marrat, auctor do artigo condemnado a seis mezes de prisão e a tres mil francos de multa; o outro pela opinião publica, que condemnava a pena bem diversa os ministros e fornecedor.

O julgamento da opinião publica é o unico de que restou recordação.

Fôra, senão para a França, ao menos para a Inglaterra, Prussia, Austria e Russia, um bello anno o de 1831, que acabava de se deslisar.

A Inglaterra acabava de se assegurar da Belgica, fazendo nomear Leopoldo I rei dos belgas.

A Prussia acabava de consolidar o seu poder sobre as provincias do Rheno, que tinham podido certificar-se do pouco caso que d'ellas faziamos.

A Austria tinha provado que, na classe das grandes potencias, era na vanguarda e não na rectaguarda da França que ella caminhava.

Apesar do principio da não intervenção proclamado pela França, interviera em Parma, em Modena e Bolonha; que seria se ella nunca interviesse em Milão?

Quanto á Russia, tinha d'esta vez matado bem a Polonia e se ainda esta se agitava, não devia ser senão como Encelado, no fundo do seu tumulo.

A paz estava pois restabelecida por toda a parte, excepto em França.

A canhão troava do lado de Lyão.

Depois da guerra civil a guerra servil.

A Lyão! a Lyão! pobre cidade de lama e de fumo, montão de riquezas e de miserias, onde o rico se não atreve a metter cavallos na sua carruagem, com receio de insultar o pobre; onde para quarenta mil desgraçados, as vinte e quatro horas do dia teem dezoito de estertor e de fadiga!

Imagine-se uma espiral composta de tres andares:

No cume, oitocentos fabricantes;

No meio, oito a dez mil chefes de officinas;

Na baze, isto é, supportando este pezo immenso, quarenta mil companheiros;

Depois, como zangãos em redor de um cortiço de abelhas, os commissarios parasitas dos fabricantes e fornecedores das materias primas.

Ora, como é bem notorio, os commissarios viviam dos fabricantes.

Os fabricantes viviam dos chefes de officinas.

Os chefes d'officinas viviam dos companheiros.

E comtudo isso, a industria lyonneza era atacada em todos os pontos pela concurrencia.

A Inglaterra produzira por seu turno e abestecia Lyão pelo seu retiro.

Zurich, Basilea, Colonia e Berne faziam-se rivaes da segunda cidde da França.

Ha quarenta annos, em Lyão, isto é, durante os bellos dias do Imperio, o operario ganhava de quatro a seis francos: então sustentava com facilidade sua mulher e essa numerosa familia que sempre nasce do matrimonio imprevidente dos desgraçados!

Mas pouco a pouco o salario tinha descido para o operario de quatro francos a quarenta soldos, depois a trinta e cinco, depois a trinta, depois a vinte e cinco, emfim, na epocha a que somos chegados, o simples tecelão ganhava dezoito soldos por dia por um trabalho de dezoito horas.

Assim era impossivel viver.

Quando estes desgraçados se aperceberam de que depois de dezoito horas de trabalho restava a fome para elles e suas familias, alevantou-se da Croix-Rousse, isto é, da cidade operaria, um immenso soluço, composto dos queixumes de cem mil martyres.

Esta dolorosa lamentação ferio ao mesmo tempo, mas de uma maneira bem differente, os dois homens que governavam em Lyão:

O sr. Bouvier-Dumolard, prefeito;

O general Roguet, commandante militar.

O primeiro, nas suas funcções civis, podera estudar e lamentar esta miseria, tanto mais terrivel por isso que todos os dias se augmentava, sem que se conhecesse nenhum meio de a fazer cessar.

O segundo, bom e esforçado soldado, estranho a todas estas questões sociaes suspensas ainda sobre o futuro, não via n'uma queixa qualquer senão uma infracção á disciplina; e a seus olhos, toda a infracção á disciplina era castigavel, quer essa infracção tivesse logar em face da disciplina militar, quer da civil.

Os operarios pediam uma taxa.

O general Roguet reunio os peritos para d'elles obter uma

medida de compressão; porém estes, pelo contrario, por instigação do sr. Dumolard, discutiram a taxa pedida, e publicaram uma especie de ordenação, concebida n'estes termos:

« Considerando que é de notoriedade publica que muitos fabricantes pagam realmente uma insignificancia pela mão d'obra, é util taxar o *minimum* preço das mãos d'obra.»

As bases d'esta taxa deviam ser discutidas contradictoriamente entre vinte e dois operarios, doze dos quaes eram delegados pelos seus camaradas, e vinte e dois fabricantes designados pela camara de commercio.

Reuniram-se pois a 21 de outubro, no palacio da prefeitura.

N'esta reunião, porém, os fabricantes, menos sollicitos do que os operarios, porque do augmento d'estes devia resultar perda para elles, declararam que sendo nomeados de officio, não podiam comprometter os seus confrades.

CAPITULO V

Decidio-se por conseguinte que os fabricantes se reuniriam e nomeariam procuradores.

A taxa fôra ainda addiada.

Durante este tempo os operarios morriam de fome.

A terceira reunião fôra fixada para o dia 25 de outubro,

A vida e a morte de quarenta mil desgraçados ia discutir-se n'esta sessão.

Vimos depois alguma coisa similhante, mas então este espectaculo era desconhecido; pelas dez horas da manhã e essa chusma de desgraçados se encaminhava para alli aguardar a sua sentença.

Entre esses trinta mil suppiicantes, não havia uma arma; uma supplica commum, e nada mais.

E comtudo o sr. Bouvier-Dumolard assustou-se; um ajuntamento popular, ainda que seja para pedir, assusta; comprehende-se que trinta mil homens que pedem poderiam ordenar.

O prefeito encaminhou-se para elle e disse-lhe:

— Meus amigos, se aqui se conservarem, a taxa terá ar de ser imposta pela violencia; retirem-se afim de que a deliberação seja livre; os trinta mil operarios bradaram a uma voz: viva o prefeito! e retiraram-se.

A taxa foi assignada de uma e de outra parte.

Havia um augmento de tres ou quatro soldos para os operarios; tres ou quatro soldos, era a vida de dois filhos.

Os operarios alegres illuminaram as suas pobres janellas; alta ia essa noite feliz, e seus canticos e dansas não eram ainda terminados.

Bem innocente era esta alegria, e comtudo pareceu um insulto aos fabricantes.

Alguns recusaram executar a taxa.

O conselho dos peritos condemnou-os.

A 10 de novembro, cento e quatro fabricantes se reuniram e protestaram contra a taxa. Não estavam obrigados, diziam elles, a soccorrer operarios que tinham creado necessidades facticias.

Que Sybaritas! necessidades facticias com dezoito soldos por dia!

A reunião dos fabricantes, este protesto contra uma coisa decidida, uma carta do prefeito que dizia que a taxa não era

obrigatoria mas facultativa, espantaram os operarios, que começaram a reunir-se, e que vendo que appellavam inutilmente para os peritos, e que estes por seu turno começavam a não olhar a taxa como obrigatoria, resolveram parar todo o trabalho e passeiar pela cidade, supplicantes e com as mãos desarmadas.

Á medida que os operarios se tornavam mais humildes, os fabricantes tornavam-se mais insolentes: um d'elles recebeu aquelles com quem tinha de tractar, com pistolas sobre a meza; um outro disse:

« Elles não precisam pão para a barriga... o que precisam são bayonetas. »

Era um dito muito engraçado para um fabricante, mas não tinha nada de philantropico.

Por sua parte o general Roguet, cujo máo humor era exaltado pela má saude, mandou affixar a lei contra os ajuntamentos tumultuosos.

A tropa de linha recebeu ordem para ficar nos quarteis.

A 20 de novembro, sob pretexto da recepção do general Ordesmeau, teve logar uma revista na praça Bellecourt.

Era uma ameaça; infelizmente aquelles a quem era dirigida já tinham a paciencia apurada.

Na segunda feira 21 de novembro, quatrocentos obreiros que trabalhavam em seda, reuniam-se na Croix Rousse.

Tinham os seus syndicos á frente, e traziam páos na mão.

O seu fim era irem de officina em officina, e decidirem os seus camaradas a cessar todo o trabalho até que a taxa fosse adoptada.

Uma patrulha de sessenta guardas nacionaes, apresentou-se de repente no outro lado da rua.

Tinham ordem para isso, ou cederam ao seu natural bellicoso, quando exclamaram:

— Meu amigos, vamos varrer esta canalha?

Depois avançaram de bayoneta calada.

Os sessenta guardas nacionaes foram desarmados n'um momento, e os operarios começaram o seu passeio todo pacifico.

Uma columna de guardas nacionaes marchou contra elles, fez fogo, e oito operarios cahiram mortos ou mortalmente feridos.

Correra sangue, seguia-se uma guerra de exterminio.

Sabe-se como o povo se bate por uma idéa; é muito differente quando se bate por pão.

Á noite os quarenta mil operarios estavam armados e marchavam sob bandeiras, nas quaes estavam inscriptas estas palavras, a mais sombria divisa que talvez tenha feito levantar a guerra civil:

« *Viver trabalhando ou morrer combatendo.* »

Durante toda a noite de 21, durante todo o dia 22, a lucta cresceu.

Ás sete horas da noite estava tudo concluido, e a tropa batia-se em retirada diante do povo vencedor em todos os pontos.

Á meia noite o general Roguet içado á força de braços para um cavallo, onde o sacudia a febre, sahia da cidade, onde lhe era impossivel conservar-se mais tempo.

Duas horas depois, o prefeito e os membros da municipalidade lyonneza se retiraram por seu turno, e se dirigiam ao palacio da prefeitura, onde assignavam a declaração seguinte:

« Aos vinte e tres dias do mez de novembro de 1831, pelas duas horas da manhã.

« Nós abaixo assignados, reunidos no palacio da prefeitura, declaramos e certificamos os factos seguintes:

1.º Que em consequencia dos acontecimentos funestos que tiveram logar n'esta cidade, durante os dias 21 e 22 d'este mez, todas as forças militares de todas as armas, as da *gendarmeria* e da guarda nacional, sob o commando do general conde Roguet, foram obrigadas, afim de evitarem a effusão de sangue e os horrores da guerra civil, a evacuar ás duas horas a casa da camara, o arsenal e a casa da polvora, posições que ellas occupavam ainda, e a retirar-se para fóra da cidade pelo arrabalde Saint-Clair.

« 2.º Que nós abaixo assignados, fomos egualmente compellidos a deixar occupar a casa da camara pelas tropas da insurreição que estavam senhoras de todos os pontos.

« 3.º Que n'este momento a desorganisação mais completa reina na cidade, que a insurreição domina todos os poderes e que as leis e os magistrados estão sem força.

Feito no palacio da prefeitura, á hora e dia acima designados:

« Assignados; *Dumolard, Roinet, E. Gauthier, Duplan.* »

Porém aconteceu o que acontece sempre ao povo nas suas primeiras victorias; vencedor espanta-se do seu triumpho, e busca mãos a quem entregue a arma que conquistou.

O povo estimava o seu prefeito; foi ter com elle.

O sr. Dumolard ficou mais poderoso depois da victoria do povo do que o era d'antes.

A 3 de dezembro ao meio dia, o principe real, acompanhado pelo marechal Soult, retomava posse da cidade de Lyão, onde entrou ao toque dos tambores e de morrão acceso.

Os operarios foram desarmados, a guarda nacional licenciada, e a cidade de Lyão posta em estado de sitio.

Quanto ao sr. Dumolard, que tinha salvado a cidade, foi demittido, e recebeu, assim mesmo doente como estava, ordem para sahir da cidade, *ainda que mais não fosse para duas leguas de distancia*, para ahi esperar achar-se mais restabelecido.

Os desventurados operarios tornaram a dezoito soldos por dia, para fazerem face ás suas necessidades e ás precisões facticias que se tinham creado.

Que fazia o rei durante este tempo?

Preparava uma nota em que pedia á camara dezoito milhões para a lista civil, um milhão e quinhentos mil francos por mez, cincoenta mil francos por dia.

Não fallando nos cinco milhões de renda da sua fortuna particular, e em dois ou tres milhões de rendimentos das emprezas industriaes.

Bem alegre ficou a côrte quando soube que a revolta de Lyão não tinha nenhum caracter politico, e que os *canutos* só se tinham revoltado por terem fome.

E a camara? Oh! na camara ainda foi melhor: por proposta do sr. Agostinho Giraud apresentou-se ao rei uma representação assim concebida:

« *Sire.*

« Ouvimos com reconhecimento, e ao mesmo tempo com desprazer, as communicações francas e completas que nos fizeram os ministros de vossa magestade, sobre os motins que tiveram logar na cidade de Lyão; louvamos o patriotico impulso que levou o principe vosso filho a apresentar-se oo meio dos francezes para suspender a effusão do sangue. Apressamo-nos a expôr a vossa magestade o voto unanime dos deputados da França, para que o seu governo *opponha a estes deploraveis excessos todo o poder das leis.*

« A segurança das pessoas tem sido violentamente ataca-

da; a propriedade tem sido ameaçada de destruição, as vozes dos magistrados não teem sido escutadas; é mister que estas desordens cessem promptamente, é mister que taes attentados sejam energicamente reprimidos: toda a França está ferida n'este ataque feito aos direitos de todos nas pessoas de alguns cidadãos; ella deve-lhes uma protecção manifesta.

« As medidas já tomadas pelo governo de vossa magestade fazem com que nós confiemos em que o restabelecimento da ordem não se fará por muito tempo esperar; a firme união das guardas nacionaes e das topas de linha tranquillisa todos os bons cidadãos. Vossa magestade póde contar com a harmonia dos poderes.

« Somos felizes, *sire*, por vos offerecermos, em nome da França, o concurso dos seus deputados para restabelecer a paz por toda a parte onde ella se achar perturbada, suffocar todos os germens de anarchia, fortalecer os principios sãos em que descança a propria existencia da nação, manter a obra gloriosa da revolução de julho e assegurar por toda a parte força e justiça á lei. »

A camara dos pares fez uma representação quasi similhante, e apoiado *na harmonia dos dois poderes*, Luiz Philippe entrou desassombrado no anno de 1832 que lhe trazia a guerra da Vendéa e a insurreição de junho.

CAPITULO VI

O negocio que n'esta epocha, como já deixámos dito, preoccupava Luiz Philippe, era o da lista civil.

Já no tempo do sr. Laffitte elle tinha feito chegar ao conhecimento da commissão uma nota tendente a fazer elevar esta lista civil a dezoito milhões; porém a commissão por tal fórma se assustára com esta cifra, que se ajuntou para paralysar o máo effeito que tinha produzido, que o rei escreveria ao banqueiro ministro uma carta confidencial em que daria esta exorhitante pretenção como filha do zelo dos cortezãos, que teriam ultrapassado os desejos do rei.

A carta *confidencial* foi *confidencialmente* mostrada á commissão, e o máo effeito produzido pelo pedido foi destruido por esta communicação.

Porém publicada a lei do pariato, comprimida Lyão, Luiz Philippe bem e devidamente declarado rei da burguezia, olhado como necessario á salvação do Estado, á tranquillidade da França, não hesitou mais em pedir os dezoito milhões, que já uma vez lhe tinham escapado.

Luiz Philippe pedia trinta e sete vezes mais do que tinha pedido Bonaparte, primeiro consul, depois das suas duas magnificas campanhas de Italia e da sua campanha do Egypto, e cento e quarenta vezes mais do que rcebe o presidente dos Estados Unidos.

O ensejo era tão mal escolhido que no 1.° de janeiro de

1832, a commissão de beneficencia do duodecimo districto publicava a circular seguinte:

« Vinte e quatro mil pessoas inscriptas nos registros do duodecimo districto de Pariz carecem de pão e de vestidos. Muitos sollicitom alguns feixes de palha para se deitarem. »

Vejâmos quaes eram certas necessidades da côrte burgueza do Palais-Royal, em quanto cinco ou seis mil desgraçados só do duodecimo districto sollicitavam da commiseração publica *alguns mólhos de palha para se deitarem.*

O rei pedia oitenta mil francos para remedios necessarios á sua saude.

O rei pedia para o seu serviço pessoal tres milhões setecentos setenta e tres mil e quinhentos francos.

O rei pedia um milhão e duzentos mil francos para aquecer os fornos subterraneos da sua cosinha.

Hão de convir que eram muitos remedios para um rei, cuja boa suade se tinha tornado proverbial.

Era um grande luxo para um rei sem estribeiro-mór, nem monteiro-mór, nem grão-mestre de cerimonias, nem pagens, mas uma pequena côrte meio burgueza, meio militar.

Emfim era muita lenha e carvão dado a um rei que possuia quer como propriedade pessoal, quer como apanagio, as mais bellas mattas do Estado.

É verdade que se calculou que a venda da lenha que fazia annualmente o rei, e que bastava para aquecer um decimo da França, não bastava para aquentar os fornos subterraneos do Palais-Royal.

Ainda se calculou outra coisa.

Calculou-se que dezoito milhões da lista civil era:

A quinta parte do orçamento da França;

O que produz a contribuição dos tres departamentos mais

populosos da França, o departamento do Sena-Inferior e do Norte:

O que pagavam ao Estado de imposto territorial dezoito outros departamentos;

Quatro vezes mais do que deitam nos cofres do Estado o Calaisci, o Boulonnais e o Artois e seus seiscentos e quarenta mil habitantes por contribuição de toda a especie, n'um anno.

Tres vezes mais do que produz o imposto do sal;

Duas vezes mais do que o ganho do ministerio na loteria;

Metade do que se abona annualmente para despezas das nossas pontes, estradas, portos e barcas, em que se empregam mais de quinze mil pessoas;

Nove vezes mais do que todo o orçamento da instrucção publica, com as suas gratificações, subvenções collegiaes e pensões reaes;

O dobro da despeza do ministerio dos negocios estrangeiros, que paga a trinta embaixadores e ministros plenipotenciarios, cincoenta secretarios de embaixada e de legação, cento e cincoenta consules geraes, consules, vice-consules, droguemans e agentes consulares, noventa chefes de divisão, officiaes de secretaria, sub-chefes, empregados, traductores, moços, etc.;

O soldo de um exercito de cincoenta e cinco mil homens, officiaes de todas as patentes, officiaes inferiores, cabos e soldados;

Um terço mais do que custa o pessoal de toda a administração da justiça.

Em fim uma quantia sufficiente para dar trabalho a sessenta e um mil seiscentos quarenta e tres trabalhadores do campo.

Foi o sr. Cormenin quem debaixo do nome de Simão o

minsantropo, fez todos estes calculos, que não deixaram de fazer reflectir a burguezia, por mais enthusiasta que fosse pelo seu rei.

Mas, como se todas as desgraças devessem perseguir esta fatal lista civil de dezoito milhões, o sr. de Montalivet, encarregado de procurar boas razões para a fazer passar, lembra-se de dizer em plena camara:

« Se o luxo fôr banido do palacio do rei, sel-o-ha desde logo das casas dos seus *vassallos.* »

A esta palavra a explosão foi prompta e immensa.

« Os homens que fazem os reis não são vassallos dos reis que fazem, exclamou o sr. Marchal; já não ha vassallos em França. »

« Comtudo ha um rei, respondeu o sr. Dupin, que ha trinta annos empregava o seu espirito no serviço de todas as reacções.

« Já não ha vassallos, exclamou o sr. Leclerc Lasalle: — Á ordem! á ordem! »

« Não comprehendo o valor da interrupção, exclamou o sr. de Montalivet. »

« Em França não ha senão cidadãos, repetio o sr. de Ludre. »

« Se o luxo fôr banido do palacio do rei, sel-o-ha desde logo das casas dos seus vassallos, tornou o sr. de Montalivet. »

« É um grande insulto feito á camara! exclamou o sr. de Laboissière.

Depois sahiram de todos os lados gritos: *á ordem!* e o presidente não podendo manter a ordem, agitando a campainha, cobrindo-se, vio-se obrigado a levantar a sessão.

Tudo isto era mais grave do que á primeira vista se teria podido julgar: eram ataques feitos a esse renome burguez, que fizera Luiz Philippe rei de França.

No mesmo dia, sob a presidencia do sr. Barrot, cento e sessenta e sete membros assignaram um protesto contra a palavra « vassallo. »

A commissão adoptou as bases do pedido real, reduzindo a cifra a quatorze milhões.

Até ali, tinham-lhe pago na razão de dezoito milhões.

As quantias já cobradas foram-lhe julgadas boas.

Foi concedida uma pensão á rainha, por morte do rei.

Foi tambem concedida uma dotação annual de um milhão ao duque d'Orleans.

Porém este triumpho tinha a sua face humilhante; os debates na camara sobre a palavra vassallo, as cartas do sr. Cormenin; a censura do sr. Dupont (de l'Eure), o escandalo da pretenção, os chasques das folhas republicanas; tudo isto substituira grandemente essa voz do escravo antigo, que bradava atraz dos imperadores triumphantes:

— Cesar, lembra-te que és mortal!

O futuro de 1832 apparecia carregado e tempestuoso; os herdeiros do principe de Condé intentavam um processo, processo terrivel, em que todas as questões julgadas pela justiça e pela sciencia eram de novo cruelmente tractadas; processo em que o nome veneravel da rainha se achava unido ao nome mais que impopular de M.^ma^ de Feuchéres; sem duvida o processo foi ganho por M.^ma^ de Feuchéres, mas sombria alegria é a que emana de tal victoria.

Além d'isso, a todo o momento rebentavam novas conspirações.

A conspiração mysteriosa das Torres de Notre-Dame: conspiração Considère.

A conspiração realista da rua des Prouvaires: conspiração Poncelet.

Depois a Tribuna, provando que se Luiz Philippe não servira contra a França, não fôra por falta de vontade; re-

produzindo as suas cartas á junta hespanhola, reimprimindo a sua proclamação de Tarragona.

Depois, essa nova edição do seu diario de quando era moço, em que se felicitava dos bons officios para com elle, do sr. *Collot d'Herbois*, em que elle confessava ter escripto no *Amigo do Povo*, o periodico do sr. Marat.

Depois, de repente, uma carta de Carrel, que teria podido ser assignada com o nome de Thraseas, ou Cocceius Nerva, tal era o heroismo antigo que ella respirava.

Tractava das prisões illegaes dos gazeteiros:

« Um tal regimen, dizia o illustre publicista, nunca por consentimento nosso se chamará liberdade de imprensa; uma usurpação tão monstruosa não vingará; seriamos culpados se a soffressemos.

« É mister que este ministerio saiba que um só homem valoroso, tendo por si a lei, póde jogar a vida, não só contra a de sete ou oito ministros, mas contra todos os interesses grandes ou pequenos que imprudentemente se tivessem ligado ao destino de um tal ministerio.

« É pouco a vida de um homem morto furtivamente á esquina de uma rua no meio do tumulto; mas é muito a vida de um homem de honra, que fosse assassinado em sua casa pelos esbirros do sr. Périer, resistindo em nome da lei; o seu sangue pediria vingança; ouse o ministerio tentar similhante jogo, e talvez que não ganhe a partida; o mandado de deposito, sob pretexto de flagrante delicto, não póde ser decretado legalmente contra os escriptores da imprensa periodica, e todo o escriptor compenetrado da sua dignidade de cidadão, opporá a lei á illegalidade, e a força á força; é um dever, succeda o que succeder.

Armand Carrel. »

Era um d'esses duelos gigantescos, que agradavam á he-

roica imaginação do illustre escriptor; porém em vão tocou o escudo do ministerio com a ponta da penna e com a ponta da espada, o ministerio não acceitou o desafio.

No meio de todos estes acontecimentos espalhára-se uma noticia, que preoccupou todos os animos generosos.

O commandante Valois, por um arrojo admiravel, acabava de se apoderar de Ancona, e a bandeira tricolor se mirava nas aguas do Adriatico.

Porém, pouco a pouco, reduzida a noticia ás suas proporções verdadeiras, fôra despojada d'essa auréola de audacia, assaz incomprehensivel, comparada á marcha timida que seguia havia dois annos; o commandante Gallois, que devia para operar aguardar a permissão do Padre Santo, tinha operado sem permissão; o Padre-Santo, em logar de nos agradecer a intenção, estava furioso, e o cardeal Bernetti dissera:

— Depois dos Sarracenos, nunca se tentou coisa assim contra um papa.

Além d'isso, esta carta escripta pelo commandante Gallois a seu irmão, o coronel Gallois, circulava no partido republicano, e sujeitava o governo a esse plano de meio termo, que nem por um instante tivera de deixar:

« Meu caro Augusto.

« Em quanto me julgas em Toulon, escrevo-te d'Ancona, onde acabo de conduzir, em quatorze dias, uma divisão de duas fragatas e de uma náo de noventa peças, transportando o 66.º regimento de linha.

« Tinha ordem para aqui esperar um delegado, o sr. Saint-Aulaitre, embaixador de França em Roma, porém não se tendo este apresentado, julguei conveniente desembarcar sem elle, o que se operou á noite, escalando o baluarte e arrombando uma das portas da marinha.

« Bella coisa era vêr teu irmão, ás tres horas da manhã, ir com uma companhia de granadeiros, prender á cama o delegado do papa, que parecia mais agastado por o terem ido acordar, do que pela tomada da cidade, de que elle não desconfiava, pedindo-lhe ao mesmo tempo que lhe desculpasse o *atrevimento*.

« O desarmamento dos portos da cidade fez-se sem resistencia, e nem uma escorva se queimou.

« A fortaleza foi tomada por capitulação.

« O segredo foi tão bem guardado que estavamos a cinco leguas d'Ancona, e ninguem sabia onde iamos, nem mesmo o coronel do 66.º que mais tarde teve a pretenção de dizer que a expedição estava debaixo das suas ordens, posto que me escrevesse dando-me o titulo de *commandante das forças francezas*.

« O amor proprio de nós ambos esteve a ponto de nos fazer cortar a cabeça um ao outro, mas emfim o general Cubières, chegado de Roma para tomar o commando superior, nos congraçou um pouco.

« Ainda não tive noticias de França. Escrevi pelo estafeta, pelo sr. Bertin de Vaux, filho, que está com o sr. Sebastiani, e entreguei-lhe um despacho telegraphico, pedindo-lhe que o fizesse transmittir para Pariz pelo telegrapho de Lyão.

« Penso que o governo me agradecerá por lhe ter dado a iniciativa, sem responsabilidade, porque póde reprovar ou acceitar a operação e as suas consequencias.

« Os habitantes de toda a Romagne gostam e desejam que o governo papal se emende um pouco; é tempo d'estes desgraçados povos respirarem com alguma liberdade, porque até hoje teem sido opprimidos sem cessar.

« Julgo que deves estar curado das tuas honrosas feridas, meu caro amigo, e que se não tenho a felicidade de

te abraçar, como desejava, terei ao menos a de saber que estás em França.

« Teu irmão, que muito te preza,

Gallois.

Commandante da divisão naval em Ancona. »

Toda a honra da expedição cabe pois ao capitão Gallois e ao coronel Comité, o mesmo que um pouco mais tarde devia achar tão bella morte sob as muralhas de Constantina.

CAPITULO VII

Emquanto que os officiaes desempenhavam estas bellas missões, em que tão suave parece a morte, porque ella é de todos os prestigios da victoria, Casimiro Périer ia emmagrecendo, com a alma repassada de dôr, no leito de tortura do poder.

Ó Dante Alighieri, grande inventor de supplicios, ha coisa peior no teu sublime poema, do que esta pagina que tiramos da obra de Luiz Blanc?

« Seja como fôr, a repetição de ataques a que expunham as mesmas medidas em que melhores esperanças fundava, lançára Casimiro Périer n'um estado de exasperação que o tornava para todos os seus um objecto de compaixão ou de terror; ora abatido, mal podendo arrastar-se, ora exaltado até ao delirio, parecia só viver para o odio; coisa alguma pôde matar a sede de despotismo que elle tinha, nem a

humildade de seus collegas, que fazia mover com um signal, nem o seu imperio sobre a camara, cujas paixões acalmava ou despertava com a sua voz, nem a insolencia dos cortezãos por elle agrilhoada, nem os olhares do proprio rei, forçado soffrer em silencio a injuria da sua dedicação.

« Martyr do seu orgulho, aconteceu-lhe muitas vezes dar áquelles que d'elle se achegavam espectaculos singulares e terriveis.

« Uma noite, chamado por elle secretamente, o sr. doutor de Laberge correu ao ministerio do interior. Casimiro Périer estava na cama, ardiam velas no aposento do ministro, e allumiavam-lhe o rosto profundamente alterado. »

— Leia, disse elle ao sr. de Laberge apresentando-lhe um caderno, aqui está a minha resposta aos ataques dirigidos hontem contra mim pelo sr. Laffitte; Leia e diga-me a sua opinião.

O sr. de Laberge achou o discurso cheio de animosidade censuravel, explicou-se a este respeito francamente, e foi rogado pelo ministro para adoçar o demasiado azedume que podessem ter as expressões escapadas no meio da cholera.

De repente, abre-se a porta, appparece um official de dragões, que trazia uma carta do rei; Casimiro Périer lança mão da carta, lê-a rapidamente, amarrota-a entre as mãos, e atirando-a para longe de si com violencia, brada para o official:

— Não tem resposta.

O official retirou-se interdicto.

— Julgam doido o presidente do conselho? diz o sr. Laberge; aqui está um homem que poderá certificar o contrario.

Casimiro Périer não se offendeu da aspereza d'estas pala-

vras e voltando-se para o sr. Laberge, cujo patriotismo e franqueza respeitava, disse:

«—Se soubesse o que contém esta carta? Apanhe-a e leia-a.

«—Deus me defenda, respondeu o doutor que conhecia o animo desconfiado do ministro. No estado de irritação em que está, poderia confiar este segredo a outras pessoas e imputar-me depois a sua violação.

Então Casimiro Périer fallou dos desgostos amargos e mysteriosos de que a sua vida estava cheia.

—A camara ignora, disse elle, com quem tenho de tractar?

E depois de alguns instantes de silencio ajuntou:

—Não ter eu dragonas!

—Que precisão tendes vós de dragonas! exclamou, o sr. Laberge.

A estas palavras Casimiro Périer assenta-se na cama com os labios descórados, o olhar inflammado, levanta vivamente a roupa da cama, e mostrando as pernas emmagrecidas, cuja pelle rasgava com os dedos, disse:

—Não vê que não sou mais do que um cadaver!

Lembraes-vos de Mazarino mostrando as pernas de esqueleto a Anna d'Austria, e morrendo de desalento um anno depois das conferencias de Hespanha.

E em que epocha se passava isto? Antes da noticia dos levantamentos de Nimes, d'Alais, de Clermont, de Carcássona e Grenoble; em que se revelava o sr. Mauricio Duval, cuja impopularidade devia ser rematada com a prisão da duqueza de Berry.

Sabe-se o que se passou em Grenoble por uma brincadeira de carnaval, por uma algazarra da prefeitura, foram feridas vinte e cinco ou trinta pessoas.

Tres ou quatro dias de sedição se terminaram pela sahi-

da do 35.º de linha, tornado responsavel pela cidade, por ter que executar as ordens do prefeito.

Era uma desfeita para Casimiro Périer, o qual não admittia desfeitas.

O sr. logar tenente general Saint-Clair, que tinha auctorisado, recuando diante da effusão de sangue, a restituição dos postos á guarda nacional, foi demittido.

O sr. Lespinasse, commandante da praça, foi passado á disponibilidade.

O coronel de artilheria Chautron foi substituido.

Emfim, o tenente general Hulot, o homem da confiança do rei em Cherbourg, aquelle que fôra encarregado de sublevar a Normandia e de tractar de promover a sahida de Carlos X, sem que tornasse a terras de França; o logar tenente general Hulot, por ter dado ordem ao 35.º de linha para sahir de Grenoble, foi enviado para Metz, mudança que equivalia a ter cahido no desagrado.

Pelo contrario, o sr. Mauricio Duval foi directamente felicitado por Luiz Philippe, e o marechal Soult n'uma ordem do dia dirigida ao exercito, agradeceu ao 35.º em nome do rei e da França.

Depois d'isto admirem-se d'esse furor do 35.º na rua Transuonain; são similhantes ordens de dia que fazem as carnificinas e não as bayonetas.

Houve grande alboroto na camara; Casimiro Périer sustentou que o motim tinha augmentado em consequencia de um ajuntamento, representando o assassinato do rei;

Que os grupos tinham gritado: *abaixo o governo, e viva a Republica!*

O sr. Dupin, senior, apoiando o ministro, sustentou que os soldados tinham sido insultados, e que só na ultima extremidade tinham feito uso das armas, e no momento em que iam para lhas tirar.

Pelo contrario, Barnier Pagés, melhor informado, affirmou que os soldados tinham calado bayoneta contra os cidadãos, sem fazerem as intimações preliminares, e que, por conseguinte, os cidadãos tinham sido assassinados.

Ignorava-se de que lado estava a verdade: os mais ardentes hesitavam em accusar de mentira o primeiro ministro e o presidente da camara, quando foi publicado um relatorio da administração municipal de Grenoble, provando:

« Que a mascarada de 11, em nada figurava no assassinato do rei;

« Que em parte nenhuma se pronunciára o grito de *viva a Republica!* e *abaixo o governo!*

« Que o prefeito, o sr. Mauricio Duval, tinha dado ordem para cercar o ajuntamento;

« Que se não fizera nenhuma intimação legal;

« Que só um militar do 35.º tinha entrado para o hospital do 16.º, em consequencia de uma inflammação procedida de um pontapé que lhe tinham dado;

« Que o logar do ajuntamento não tinha pedras que se podessem atirar aos soldados;

« Que dos ferimentos feitos nos cidadãos, quatorze tinham sido recebidos pelas costas;

« Finalmente, que os acontecimentos do dia 13 tinham sido o resultado inevitavel da exasperação dos animos, causado por uma flagante violação das leis. »

O que não impedio o 35.º de tornar a entrar em Grenoble, rufando os tambores, musica á frente, peças no centro e morrão acceso.

No meio d'esta preoccupação, uma noticia ainda mais terrivel fez abalar a capital.

O cholera, o filho do Ganges, depois de se ter estendido no Oriente até Pekin, no sul até Timor, no norte até ás fronteiras da Siberia; depois de ter invadido Moscou e S. Pe-

tersburgo, depois de ter dizimado a Bohemia e a Hungria, depois de ter estacionado em Londres, o cholera acabava de descer sobre Pariz e atacára, na rua Mazarine, a sua primeira victima.

A data é precisa e terrivel, foi a 26 de março de 1832, que se soltou o primeiro grito de agonia no meio dos folguedos do carnaval.

D'esta vez a molestia foi imparcial; subio rapidamente do pobre ao rico, e no entretanto, quando se fez a estatistica mortuaria, os bairros das Tuileries, da Praça Vendôme, e da Calçada d'Autin, contaram oito mortos por mil vivos, os bairros de Hotel de Ville e da *Cité* contaram cincoenta mortos.

Todos se recordam d'esta epocha de lucto, em que as casas fechadas, as ruas desertas, pizadas sómente de dia pelos sahimentos dos ricos, de noite pelos enterros dos pobres, apresentando a imagem não de uma capital viva, mas de uma sombria necropole, cujas carruagens mortuarias só á sua parte, levavam mais de setecentas pessoas por dia.

Depois, como se não fosse bastante uma causa de lucto, veio a sedição juntar-se ao flagello.

Um dia espalhou-se um boato entre o povo; ha certas horas de desespero em que o povo é accessivel a todas as atoardas; espalhou-se entre o povo o boato de que o cholera não existia, que era uma ficção dos periodicos e que tinha sido organisado um vasto trama por malvados que envenenavam as fontes.

Em todas as epochas em que esta grande calamidade, vinda do Oriente, e que designa sob o nome de peste, atacou a França, o povo que poderia acreditar n'um contagio impalpavel, n'um flagello invisivel, accolheu e repetio esta horrivel fabula do envenenamento das fontes.

Todavia tal boato ia talvez para cahir ou desapparecer

por si mesmo, quando o sr. Gisquet, creatura do sr. Casimiro Périer, publicou uma circular, em que se liam estas palavras:

« Estou informado que, para dar voga a atrozes supposições, alguns miseraveis teem formado o projecto de percorrer as tabernas e os açougues com frasquinhos e embrulhos com venenos para os lançar nas fontes, nos cantaros, ou na carne, quer mesmo para o fingirem, e fazerem-se prender em flagrante delicto por cumplices que, depois de os terem indicado como ligados á policia, favoreciam a sua evasão, e punham tudo por obra para demonstrarem a realidade da odiosa accusação feita contra a auctoridade. »

D'esta fórma era a opposição que se encarregava gratuitamente d'este crime sem nome.

Quando os governos comprehendem nos seus recursos similhantes meios, estão na situação d'esses doentes que, abandonados pelos medicos appellam para os empiricos e para os charlatães.

A imprudencia do prefeito de policia produzio os seus fructos.

Um homem foi estrangulado sem motivo perto da *passagem* do Caire, unicamente porque uma pessoa gritou: *É envenenador!*

Um outro foi morto ás facadas, na rua do Ponceau, por ter parado á porta de um vendedor de vinho, perguntando que horas eram.

Outro tambem foi feito pedaços por um outro motivo tão frivolo, no arrabalde Saint-Germain; este, segundo diziam, tinha olhado para um poço.

Emfim, um judeu foi morto na praça do mercado, por ter rido ao comprar peixe.

Um desgraçado, accusado do mesmo crime, fôra subtrahido á ira do povo e conduzido ao corpo da guarda do Ho-

tel de Ville, quando d'ali foi arrancado por instigação d'algumas mulheres e feito pedaços como nos tempos dos Foulon e dos Berthier; a unica differença era que em 89, o proprio povo comia os pedaços de carne dos cadaveres, e em 1832, um carvoeiro deu os restos do cadaver a comer ao seu cão.

E comtudo, é o mesmo povo que, nas revoluções, põe sentinellas ás portas do Banco e do Thesouro e arcabuza aquelles que são apanhados levando um castiçal ou um talher de prata.

Sublime ou medonho, conforme a inspiração boa ou má que lhe vem á mente.

Só durante o mez de abril succumbiram doze mil e setecentas pessoas.

A duração total da epidemia foi de cento oitenta e nove dias.

A cifra dos mortos conhecida administrativamente foi de dezoito mil quatrocentos e dois.

É quasi dois terços da cifra real.

O cholera morbus, sem atacar Casimiro Périer, tinha-lhe comtudo dado um golpe terrivel; Casimiro Périer tinha acompanhado o rei na sua visita aos hospitaes, e a vista dos moribundos e dos mortos tinha produzido uma impressão terrivel no ministro moribundo.

Um debate com o embaixador da Russia, o sr. Pozzo di Borgo, acabou de o matar.

— O imperador, meu amo, *não quer*, dissera este n'uma discussão com o ministro.

— *Não quer*, exclamára Casimiro Périer; diga a seu amo que a França não recebe ordens, e que em quanto Casimiro Périer viver, não receberá conselhos para operar senão de si e da sua honra.

Um dos amigos de Casimiro Périer, o sr. Milleret, en-

trava justamente em casa do ministro no momento em que o sr. Pozzo di Borgo d'ahi sahia muito agitado.

Achou o ministro livido e escumante.

Assustado, parou, olhando para Casimiro Périer com inquietação.

— Oh! sim, olhe para mim! olhe para mim! estou perdido, mataram-me!

Com effeito, a 16 de maio de 1832 Casimiro Périer estava morto.

— Casimiro Périer morreu, repetio o rei quando lhe deram esta noticia; será um bem ou um mal? O futuro nol-o mostrará!

Na antevespera tinha morrido Cuvier, nascido no mesmo anno que Napoleão, e que deixava nas sciencias um nome tão immortal como Napoleão na guerra.

CAPITULO VIII

A herança de Casimiro Périer era pezada para ser transportada. Compunha-se de duas guerras civis.

Da guerra civil realista, da guerra civil republicana.

Comecemos pela primeira: vejamol-a deixar a Inglaterra, atravessar a Allemanha, transpor a Suissa, fazer alto nas Margens do mediterraneo, desembarcar em Marselha, abrir um sulco atravez do meio dia, e vir trovejar e extinguir-se no poente.

Em Saint-Cloud, a duqueza de Berry propozera a Carlos X tomar o duque de Bordeaux nos braços; e precedida pelo

primeiro general que quizesse servir-lhe de guia, ir á capital entregar seu filho nos braços dos parizienses.

O rei regeitára esta proposta.

Dezoito annos mais tarde, em circumstancias eguaes, a duqueza d'Orleans devia fazer a Luiz Philippe egual proposta, e Luiz Philippe devia recusar, como recusára Carlos X.

Chegando a Inglaterra, Carlos X fez alto em Lulworth, e ahi assignára e redigira um auto que ratificava as abdicações de Rambouillet.

Foi ahi, e quando se leu o auto, que a duqueza de Berry deu parte ao rei dos seus projectos sobre a Vendéa.

Carlos X meneou a cabeça: a desgraça tinha-o tornado incredulo.

Comtudo, não julgou dever regeitar este ultimo caminho aberto á fortuna de seu neto. Nomeou regente a duqueza de Berry.

A duqueza de Berry embarcou assim que recebeu os seus poderes, atravesssou a Hollanda, subio o Rheno até Mayence, entrou em Genova, onde o rei Carlos Alberto lhe emprestou um milhão, passou do Piemonte aos Estados do duque de Modena, onde o principe regente, que tinha recusado reconhecer Luiz Philippe, lhe offereceu para residencia o seu palacio de Massa.

Foi em Massa que se preparou a expedição da Vendéa.

Tres opiniões dividiam o partido legitimista.

Os srs. de Chateaubriand e de Bellune, chefes da primeira, julgavam que nada havia a fazer pelas vias parlamentares e legaes.

O rei Carlos X e o sr. Blacar estavam á frente da segunda: esperavam tudo da intervenção das potencias.

A terceira, que tinha por orgão os srs. de Bourmont, o onde de Kergorlay, o duque d'Escars e o visconde de Saint-

Priest, adoptava, por temerarios que fossem, todos os projectos da duqueza de Berry.

Resolvera-se, finalmente, tentar tudo com os francezes e pelos francezes.

Comtudo, como se deve suppôr, a policia de França não perdera de vista Maria Carolina: com os olhos fixos na pequena côrte de Massa, Luiz Philippe dava as ordens mais terminantes; estas ordens eram de sustentar um cruzeiro no Mediterraneo para vigiar as tentativas da duqueza de Berry.

Se apparecesse algum navio suspeito, tinham ordem para lhe dar caça, e se se apoderassem da duqueza, deviam conduzil-a á Corsega, onde esperariam as instrucções do governo.

Pelo começo do anno de 1832, a duqueza de Berry recebia uma carta do sr. Metternich. O principe annunciava-lhe que a sua presença em Massa era perigosa, que o governo francez tinha os olhos fitos n'ella e que devia empregar a maior prudencia nos seus projectos.

Depois de ter redigido uma proclamação ao exercito, um decreto para a organisação de um governo provisorio, um outro decreto sobre os vinhos e sobre o sal, a duqueza de Berry decidio que a partida teria logar a 24 de abril.

A 22 o duque de Modena foi prevenido d'esta partida.

Deviam sahir de Massa sob pretexto de fazerem uma viagem a Florença; as pessoas que deviam embarcar com Maria Carolina já tinham partido para Livourne.

Madama sahio do palacio de Massa a 21 ás *Ave-Marias*, n'uma carruagem puxada por quatro cavallos, em que iam tambem M.ma de Podenas, mademoisselle Le Berchu e o sr. de Brissac.

Chegando a alguma distancia da porta de Massa, o postilhão recebeu ordem para parar.

Era n'um sitio em que a sombra, projectada pela parede, tornava a escuridão mais espessa ainda; o postilhão aproveitou esta paragem para arranjar os tirantes dos cavallos.

Durante este tempo, um criado de pé abria a portinhola, e a duqueza de Berry, o sr. de Brissac e mademoisselle Le Berchu apearam-se.

Uma criada grave de M.ᵐᵃ de Podenas as substituio juncto de sua ama, que ficára no caleche; o postilhão não deu pela substituição, montou a cavallo e continuou o seu caminho, em quanto que a princeza chegava a toda a pressa ao logar fixado para o embarque.

Uma chalupa recebeu a princeza, com ordem de se fazer ao largo; devendo a uma legua de mar encontrar *Carlos Alberto.*

Tudo se passou conforme se tinha convencionado, e pelas onze horas da noite, vio-se brilhar uma luz que ia crescendo.

Era o pharol de *Carlos Alberto.*

Á meia noite, a duqueza de Berry, mademoiselle Le Berchu, o marechal Bourmont, seu filho Adolpho Bourmont, os srs. de Saint-Priest, de Mesnars e de Brissac, foram para bordo do pequeno vapor, onde acharam os srs. Kergolay, pae e filho, o sr. Carlos de Bourmont, e os srs Ledhuy, Sabbatier e Sala.

Foi a 28, á meia noite, que se teve conhecimento do pharol de Planier, onde era o logar marcado para o encontro.

O mar estava agitado, mas nem por isso a duqueza deixou de se resolver a desembarcar, inquieta como estava por causa de um navio que vigiava a costa de Carry.

Fez-se o signal ajustado, que era içar duas lanternas: um quarto de hora depois, uma barca conduzida pelo sr. Spitalier, recebia a duqueza de Berry, depois de ter cambiado com o *Carlos Alberto* a senha ajustada.

N'uma outra epocha e sob o dictado do homem que desenvolveu este drama, e que era um antigo ajudante de campo de meu pae, contei com todos os seus pormenores, e sob o titulo de: A Vendéa e Madama, esta temeraria odysséa.

Disse como a duqueza de Berry, depois de ter sido mal succedida na sua tentativa sobre Marselha, pedira hospitalidade a um republicano que lh'a concedera; depois de castellos em castellos, parando de dia, viajando de noite, atravessára o Meio dia e chegára ao Occidente.

Disse como, chegando sem embaraços ao castello de Pianac, junto de Saintes, ahi marcára o dia 24 de maio para se lançar mão das armas.

Disse como, disfarçada em camponez e debaixo do nome de Pedrico, foi procurar um asylo no cazal dos Meslier.

Disse como o sr. Berryer a foi encontrar no cazal e fatigou inutilmente a sua eloquencia a supplicar á princeza que deixasse a Vendéa.

Contei os combates que foram a consequencia d'esta resolução, o combate da Pénissière, onde quarenta e cinco vendianos se defenderam com tanta valentia contra um batalhão, que foi necessario um incendio para os pôr fóra da sua fortaleza improvisada.

Contei o assassinato de Cathelineau, a execução de Barcher, a morte do Bonnechose, meu pobre camarada dos banhos de Trouville; segui a duqueza fugindo de asylo em asylo, emfim entrando em Nantes, vestida de camponeza e acompanhada por *mademoiselle* de Kersabiec.

A entrada em Nantes teve logar na noite de 9 para 10 de junho, por occasião da chegada a esta cidade dos detalhes do funeral do general Lamarque, e da sanguenta collisão a que elle déra origem.

Tornemos a este sahimento, em que, delegado pela familia, estava encarregado de fazer tomar á artilheria da guar-

da nacional o logar que lhe estava assignalado no programma da funebre cerimonia.

O general Lamarque estava morto; ter-se-ia podido dizer que n'este grande duello da opposição e do governo, Casimiro Périer e elle se tinham travado corpo a corpo.

Os dois implacaveis adversarios tinham morrido com dezeseis dias de intervallo de um ao outro.

Nos dias de revolução tudo serve de pretexto, não só ao odio mas ao orgulho dos partidos: a côrte tivera o seu dia de triumpho no funeral de Casimiro Périer, a opposição ia ter o seu funeral do general Lamarque.

Este nobre soldado morrera, como vivera, com a espada na mão e a palavra patria na bocca; essa espada que elle tinha apertado contra os labios, na hora da morte, era a mesma que os officiaes dos Cem-dias lhe tinham dado.

Por isso tres partidos se reuniram em torno do ataude illustre: os liberaes, os bonapartistas e os republicanos.

Durante o anno que acabava de se deslisar, o partido republicano tinha feito enormes progressos; ninguem tinha semeado a palavra e já o fructo tinha brotado.

A artilheria particularmente, tão dividida na epocha do processo dos ministros, era, no dia 5 de julho de 1832, quasi inteiramente republicana.

Todavia, poucos progressos tinha o partido feito na burguezia e no povo.

A burguezia não via na Republica senão um barrete vermelho na ponta de um chuço e a guilhotina na praça de Luiz XV.

O povo ainda n'ella não via coisa alguma, e a palavra era destituida de sentido.

Era pois entre as intelligencias que estava a verdadeira força do partido a que se uniam, e além d'isso, entre alguns officiaes superiores e subalternos do exercito, arrasta-

dos instinctivamente pelas tradições do carbonarismo de 1821.

Os quatro sargentos da Rochella eram martyres, mas apostolos.

As sociedades republicanas tinham-se multiplicado: a sociedade dos Amigos do Povo, sociedade-mãe, unica que existia na epocha do processo dos ministros, tinha visto nascer junto de si a sociedade dos Direitos do Homem, a sociedade Gauleza e o *Comité* organisados pelas municipalidades.

É verdade que todas estas sociedades, carecendo de chefe poderoso e mal unidas entre si, mui poderosas pela iniciativa, eram bem fracas pela direcção.

Pelo contrario, o governo, prevenido do perigo que o ameaçava pelas explosões quotidianas que fazia o espirito publico, tinha d'antemão o seu plano bem regulado, e para não ser apanhado desprevenido, como Carlos X, tinha sempre debaixo de mão, tanto em Pariz como nos arrabaldes, quarenta a cincoenta mil homens.

Desde o dia 4, posto que nenhuma medida houvesse sido tomada pelo partido republicano, posto que nenhum plano tivesse sido combinado, adivinhava-se por esses atomos ardentes que passam no ar precedendo as tempestades politicas, como precedem as tempestades do céo, que o dia seguinte teria a sua data entre os dias terriveis.

Á noite reuniram-se; procuraram ajustar algum sitio para se ajuntarem, e adoptarem alguma direcção: porém Carrel, o maior sceptico que tenho conhecido em emprezas revolucionarias, prégava o socego e a prudencia; e Bastide-Guinard, e Cavaignac não ousavam tomar coisa alguma sobre si, com receio de acarretar todo o partido a uma tentativa inconsiderada.

Nada se decidio, senão que se começaria o ataque, mas que estariam na defensiva.

O logar marcado para a reunião foi a praça de Luiz XV.

Quando chegaram á praça de Luiz XV, acharam-na guardada por quatro esquadrões de carabineiros.

Encaminharam-se para a casa mortuaria, situada na rua Saint-Honoré.

A rua estava cheia; dos andares superiores das casas via-se de um lado a populaça estender-se, espessa, até ao Palais-Royal; do outro, ia-se sempre augmentando pela rua Real, arrabalde Saint-Honoré e praça da Magdalena.

Este ajuntamento compunha-se de estudantes, de homens do povo, de antigos soldados, de deputados, de corporações dos differentes officios de Pariz e de refugiados.

Inutilmente procuravam os estudantes da Eschola polythecnica, que tinham sido retidos na Eschola pelo general Tholozé.

Toda esta multidão estava fremente de paixões, cheia de perturbações subitas, de boatos confusos; parecia que o corpo social experimentava esse tremor que agita os membros do febricitante um momento antes do accesso.

Homens que vinham de todos os bairros de Pariz diziam as precauções tomadas pelo governo em todos os pontos.

Estava um esquadrão no Mercado dos Vinhos: um batalhão do 3.º ligeiro na praça de Grève; o 13.º todo estava estacionado, esperando o prestito na praça da Bastilha; o pateo do Louvre estava cheio de soldados.

Todo o bairro que se estende da Prefeitura de policia até ao Panthéon estava entregue aos municipaes, um forte destacamento protegia o Jardim das Plantas: emfim, no quartel dos Celestinos todo o 6.º regimento de dragões estava prompto a montar a cavallo.

Em toda a linha dos *boulevards* em que devia passar o enterro estavam postados meirinhos!

No momento em que o coche mortuario chegou defronte da porta do general, tiraram-lhe os cavallos; metteram-se

alguns mancebos ás varas, outros substituindo os empregados das pompas funebres, pozeram o cadaver no coche.

Só quando se chegou ao *boulevard* é que se pôde restabelecer alguma ordem no prestito.

Os quatro cordões eram levados pelo general Lafayette, pelo marechal Clausel e pelos srs. Laffite e Maugum.

O coche ia ornado com bandeiras tricolores e coberto de corôas de perpetuas.

Logo atraz do coche iam os membros das duas camaras.

Seguiam-se: os guardas nacionaes armados com sabres:

Os artilheiros, com os seus pequenos mosquetes, mas sem cartuxos; só os guardas da bandeira levavam cartuxame;

Os refugiados, de todas as nações, com as suas bandeiras;

A sociedade da União de Julho, com uma bandeira enluctada e enfeitada com perpetuas;

As escolas de direito, de medicina, de pharmacia, de commercio, d'Alfort; cada uma com a sua bandeira, com esta legenda: *ao general Lamarque.*

Tudo isto se estendeu no *boulevurd*, sem confusão, em boa ordem, mas sombrio como um exercito que marcha para o combate.

O tempo estava incerto, quasi chuvoso; a athmosphera era sulcada por èças de ar quente, que parecem relampagos invisiveis e dizem ás organisações nervosas: Ahi vem a tempestade!

Foi na altura da rua da Paz que o sahimento do general experimentou a sua primeira perturbação.

Os mancebos que iam adiante do coche bradaram para aquelles que o puxavam:

— Á praça Vendôme!

Este desvvio não estava previsto, lançou em toda esta im-

mensa serpente, que com seus anneis enchia o *boulevard* e tocava com a cauda na rua Saint-Honoré, uma agitação e uma inquietação que desde logo se acalmou, assim que se soube a causa que fazia tomar ao coche a rua da Paz.

Queriam que o veterano désse volta em torno da columna, para a qual, elle sem duvida tinha á sua parte trazido algum canhão inimigo.

Mas á vista d'esta multidão, que se approximava em desordem, a guarda do Estado Maior julgou que era uma aggressão: mui fraca para resistir, metteu-se da parte de dentro e fechou as portas do palacio.

Aquelles que guiavam o prestito viram n'esta retirada não a sua verdadeira causa, mas um meio de não prestarem as honras funebres ao illustre finado.

Immediatamente a multidão agglomerou-se diante da porta, gritando ameaçadora:

— As honras ao ataude, as honras militares! as honras ao general Lamarque!

Os soldados sahiram e apresentaram as armas, o povo acalmou-se.

O coche, puxado pelos mancebos, deu volta em roda da Columna Vendôme e foi retomar o seu logar na frente do prestito.

Tinha-se obtido o que se pretendera da auctoridade militar, e esta concessão produzira o seu effeito, isto é, exaltára os animos.

O prestito retomou pois a sua marcha com esse ar victorioso de uma multidão que crê em obstaculos e que acaba de vencer o primeiro que se lhe oppõe.

Ao virar da rua de Grammont, ouvio-se de repente alboroto e gritos, causados pela apparição do duque de Fitz-James, que estava a vêr passar o prestito de chapéo na cabeça.

Era uma singular provocação da parte de um homem tão intelligente como o duque; ainda que não fosse senão por essa religião do ataude que sobrevive a todas as outras, por que tem a sua origem no egoismo humano deveria ter-se descoberto ao passar o ataude.

A explosão foi tal, que o duque de Fitz-James teve de se retirar.

A retirada do ex-par foi acompanhada dos gritos de: *Viva a republica!* sahidos das fileiras da artilheria e dos corpos dos officios.

Á porta Saint-Denis, um meirinho que quizera fazer uma prisão, e que ferido no rosto era perseguido por cinco ou seis homens armados com espadas e pistolas, correu para as fileiras da artilheria.

A artilheria tomou-o debaixo da sua guarda e salvou-lhe a vida.

Um pouco mais longe, um outro meirinho rompeu as filas do prestito e levantou a mão para um homem, que acabava de gritar: *Viva a republica!*

Immediatamente um antigo official, que ia ao pé d'este homem, mette mão á espada: o meirinho fez outro tanto, e travou-se um duello com cem mil testemunhas.

Correram para o velho official que tinha levantado a espada para o seu adversario, trouxeram-no para o seu logar e no entretanto evadio-se o meirinho.

Eram estes os differentes prologos do drama terrivel que se preparava.

Vi muitos homens intelligentes, n'este momento, não darem vinte e quatro horas de existencia ao throno de julho.

Um mancebo, que sem duvida comprehendia isto, exclamou no meio de um grupo de estudantes:

— Mas, emfim, onde nos levam?

— Á Republica! respondeu o condecorado de julho que conduzia este grupo.

Depois um pouco mais baixo:

— Meu caro amigo, fica convidado para ceiar esta noite nas Tuileries.

O pobre rapaz poderia ter dito como Epaminondas: casa de Plutão.

Não se teria enganado.

CAPITULO IX

A idéa do combate, a partir d'este momento, era manifesta; homens que paseiavam perto de suas casas deixavam de repente o prestito, e dez minutos depois voltavam para o seu logar com alguma pistola, cuja coronha lhe sahia ameaçadora da algibera, ou alguma espada, cujos copos lhe serviam de alfinete de peito.

A partir do *boulevard* do Templo, foi evidente que se marchava para uma batalha.

Assim se chegou á praça da Bastilha, que estava cheia de bayonetas, entre as quaes se achava o 12.º ligeiro.

Porém, no momento em que a artilheria passou, um official sahia da fileira, sem duvida sob pretexto de apertar a mão a algum amigo, e disse em voz baixa:

— Cidadãos, sou republicano, póde contar sempre comigo.

E com esta promessa de um homem isolado espalhou-se a noticia de que se acabava de adquirir a certeza de que

não só o exercito não faria fogo, mas que até se passaria para o povo.

Um momento depois, levanta-se grande rumor para o lado da rua de Saint-Antoine.

Sessenta estudantes da Eschola Polytechnica foram tómar logar entre os refugiados e apertar a mão aos artilheiros.

Metade d'estes estudantes tinham perdido os chapéos, e algums d'elles traziam na mão uma espada desembainhada.

Tinham desobedecido á ordem que os retinha na Eschola, e requeimados por uma corrida longa e rapida, corriam promptos para a insurreição.

Assim que os avistou, a musica que ia á frente do prestito, pôz-se a tocar de seu motu proprio a *Marselheza*.

É preciso ter ouvido esta musica incendiaria para comprehender qual foi o éstremecimento que correu pelas veias dos assistentes.

Tomaram o caminho do *boulevard* Bourdon: o prestito, que por um momento parára na Bastilha, tornava-se a pôr em marcha.

A testa da columna fez alto na ponte de Austerlitz.

Ahi deviam, sobre um estrado, ser pronunciados os discursos da despedida.

Os primeiros foram pronunciados pelo general Lafayette, pelo marechal Clauzel, pelo sr. Mauguín e pelos generaes refugiados Saldanha e Serrognani.

Coisa alguma n'estes discursos, feitos de ante-mão, correspondia á exaltação do momento; pòr isso foram escutados no meio de sombrio silencio.

Não era de taes discursos que carecia esta multidão febricitante e irritada.

Mas depois d'estes oradores, outros se apoderaram do es-

trado: estes não eram oradores de tribuna de fria rhetorica, eram tribunos de rua, de ardente inspiração, que apanhavam todas as questões nacionaes calcadas aos pés havia dois annos, e que as expunham aos olhos do publico, ensanguentadas quaes cadaveres de suppliciados. Estes eram a exaltação viva, a insurreição, a ameaça.

Estes eram applaudidos freneticamente.

De repente, no meio d'estes gritos, d'estes clamores, d'estas armas patentes agitadas no ar, d'essas armas occultas até ali e que appareciam agora, uma apparição terrivel, uma especie de cavalleiro do Apocalypse appareceu, vestido de preto; montava um cavallo preto, que a custo se movia porentre a multidão.

Na mão trazia uma bandeira vermelha, cujas dobras o encobriam, e no alto da bandeira vinha pregado um barrete phrygio.

Dez mil homens, que marchassem sobre os republicanos, tel-os-iam atterrado menos do que este homem, que era o espectro da primeira republica: 93 evocado todo ensanguentado da praça da Revolução: era o 10 de agosto; eram os 2 e 3 de setembro; era o 21 de janeiro.

Comprehenderam que á vista do espectro, a burguezia ia dar um passo á rectaguarda, e que elles ficariam isolados, apoiados unicamente na sua convicção.

Porém como a sua convicção era grande não hesitaram.

Começou então essa lucta terrivel que, n'uma hora, cobrio metade de Pariz de fogo e de fumo.

Os detalhes d'estes terriveis combates dos dias 5 e 6 de junho ficarão como uma d'essas paginas ensanguentadas escriptas pela mão das guerras civis.

Nunca houve heroismo de partido que mais longe alcançasse: durante trinta horas, sessenta homens fizeram frente

a um exercito, a flamma apagou-se quando o canhão cessou de troar, acharam-se vinte ou vinte cinco mortos e vinte e dois prisioneiros: o resto dos combatentes, oito ou dez talvez, tinham aberto caminho á bayoneta e desapparecido.

Emquanto os republicanos consagravam com o seu sangue, na rua Saint-Méry, a nova religião de que se faziam ao mesmo tempo apostolos e martyres, os deputados da opposição deliberavam em casa do sr. Laffitte.

Seria uma descripção curiosa a d'esta deliberação fluctuando entre o desejo de recuperarem o poder e o temor de se comprometterem.

Emfim, como sempre, deixaram escapar o momento. Passado elle, conheceu-se que era mui tarde, e resolveu-se praticar em 5 de junho para com Luiz Philippe o mesmo que em 28 de junho se tinha praticado para com Carlos X.

Os srs. Arago, Odilon Barrot e Laffitte foram nomeados para esta embaixada.

O rei acabava de voltar ás Tuileries.

Foi pelas cinco horas e meia da tarde que o rei soube em Saint-Cloud o que se passava em Pariz.

O seu primeiro movimento foi caminhar direito ao perigo para o avaliar devidamente; foi a casa da rainha, contou-lhe tudo, e perguntou-lhe o que contava fazer.

— O que o senhor fizer, respondeu a rainha.

— Parto para Pariz.

— Então parto comsigo.

E ambos com effeito partiram.

Ás nove horas estavam nas Tuileries.

Os ministros estavam reunidos no Estado Maior; o rei mandou-os chamar.

Reunio-se o conselho: propoz-se pôr Pariz em estado de sitio; porém a proposta pareceu prematura e addiaram-na para o dia seguinte.

Era uma hora da manhã.

Tomaram algum descanço nas Tuileries; ás seis horas estava o rei a cavallo.

Visitou differentes postos, e passou revista á guarda nacional do districto entre os brados de: *Abaixo os carlistas! abaixo os republicanos!*

De sorte que o governo não só chegára a fazer acreditar n'uma insurreição jacobina, mas tambem a insurreição jacobina era combinada com uma insurreição carlista.

Esta estupida accusação tomou força, e foi até repetida por pessoas sérias.

É verdade tambem que, aquelles que mais positivamente a affirmavam, eram talvez aquelles que menos a acreditavam.

Ao meio dia os republicanos estavam concentrados no convento de S. Mery, cercados por todos os lados; não era mais do que uma questão de tempo e de cadaveres.

O rei resolveu percorrer os *boulevards* e os caes.

Sahio das Tuileries acompanhado do duque de Nemours, do marechal Gérard, dos ministros da guerra, do interior e do commercio, seus ajudantes d'ordens e de campo que o acompanhavam, differentes pelotões de carabineiros, de dragões e de guardas nacionaes a cavallo o precediam ou seguiam.

Começou por passar revista ás tropas concentradas na praça da Concordia e nos Campos Elyseos; depois tomando a linha dos *boulevards*, e em seguida o arrabalde Saint-Antoine até á barreira do Throno, voltou ás Tuileries pelos caes.

Foi na volta d'este passeio, e ainda no fervor da exaltação, que o acharam os tres deputados.

No momento em que chegaram ás Tuileries, o sr. Guizot estava com o rei.

Os tres deputados vinham em caleche descoberto, de sorte que todos os pediam vêr. Mas já havia um abysmo entre o 29 de julho e o 6 de junho, de sorte que tantas acclamações tinha produzido a passagem do rei, como de frieza demonstraram quando passaram os deputados.

No momento em que entravam no pateo das Tuileries, um homem fez parar o caleche, pondo-se na frente dos cavallos, dizendo:

— Senhores, tomem sentido! Guizot está com o rei e arriscam a sua cabeça.

Depois desappareceu.

Nem por isso deixaram de se apear, e mandaram pedir audiencia ao rei, o qual, ao cabo de alguns minutos, lhes mandou dizer que estava prompto para os receber.

Á porta, o sr. Laffitte fez parar os seus dois collegas, e disse-lhe:

— Mostreme-nos firmes, senhores, elle vae fazer a diligencia por nos fazer rir.

A porta abrio-se.

Os srs. Laffitte, Odilon Barrot e Arago foram introduzidos.

Larga conferencia teve logar entre o rei e os tres deputados.

Expozeram-lhe que a sua victoria sendo legal e devendo ser decisiva devia ao mesmo tempo ser clemente. Que se havia dezoito mezes a ordem era assim violentamente perturbada, não só em Pariz, mas tambem em diversos pontos da França, isto provinha do fatal systema do 13 de março adoptado pelo rei.

« — Ides triumphar em nome das leis, acrescentou o sr. Barrot, e comtudo este triumpho será cruel, porque será comprado pelo sangue francez.

« — De quem é a culpa? disse o rei; alguns miseraveis atacaram o meu governo, não me devo defender? Não sei,

afinal, quaes são os esclarecimentos que póde recolher; quanto a mim creio que a resistencia vae cessar. O tiro de peça que ouvi é aquelle que n'este momento força o convento de Saint-Méry, em que os facciosos estão fechados.

— Sois vencedor, *sire*, replicou o sr. Odilon Barrot, não consinta que se abuse da victoria: a violencia depois do combate poderia trazer comsigo novas catastrophes.

« — Acabo de percorrer Pariz, disse o rei, e durante o meu passeio, só duas coisas ouvi: *Viva o rei!* e, *sire*, *prompta justiça*. Quando voltei a casa, informei o sr. Barthe d'este desejo da população. Respondeu-me que fazendo assisas extraordinarias, os accusados poderiam comparecer perante o jury em menos de quinze dias. Isto basta, penso eu: a justiça fará o seu andamento regular sem violencia d'alguma especie.

« — Não basta punir, *sire*, respondeu vivamente o sr. Laffitte, é mister tractar do meio de acalmar a irritação geral; não é só pela força material que um governo póde marchar, é sobre tudo pela força moral, pela affeição da nação. O paiz não está contente com a marcha dos negocios; eis aqui todas as causas da desordem.

« — Engana-se, senhor, respondeu o rei, nada tem podido fazer-me perder a affeição do paiz. É por mentiras e calumnias que a imprensa trabalha todos os dias *para me demolir*.

— É o systema do governo que causa todo o mal, replicou o sr. Arago, é o systema que se deve mudar. A França acceitára todas as consequencias da revolução. Quasi todos os membros da opposição queriam uma monarchia popular.

— Diga todos, interrompeu o sr. Laffitte; a opposição inteira está de accordo em que a realeza de julho deve ser conservada.

« — Muito folgo sabêr, acrescentou o rei com ironia, que os srs. Cabet Garnier Pages pensam d'essa fórma.

« — Hoje, respondeu o sr. Arago, existem tres partidos; porém é o systema ministerial que dá força ao partido republicano, e d'isso accuso o ministerio. É preciso um systema mais liberal no interior, menos fraqueza e condescendencia para com o estrangeiro. Então o povo e o principe serão solidamente unidos. O systema actual é perigoso para o seu paiz.

« — Ha um tanto de verdadeiro no que diz; a minha popularidade está quasi abalada, mas não é culpa do meu governo, é resultado das columnias e das manobras abominaveis com que os republicanos e os carlistas me querem derribar. A imprensa ataca-me com uma violencia inaudita.

« Sou atrozmente ultrajado e pouco ou mal defendido. Tomei o meu partido forte como estou do testemunho da minha consciencia. Não chegaram a dizer que sympathisava com os carlistas! Remontem á origem da casa d'Orleans, e acharão entre os seus inimigos constantes os antepassados d'aquelles que, hoje, são os agentes do partido carlista.

« Digam que sou ambicioso, insaciavel de riquezas, e que quero uma côrte brilhante! Mas eu tenho passado por todos os degráos da vida, e poderia dizer:

« Feliz quem, satisfeito da sua humilde fortuna...

« Tornei-me rei porque só eu podia salvar a França do despotismo e da anarchia. Sempre tenho sido opposto aos Bourbons do ramo primogenito; ninguem é mais seu inimigo do que eu. É pois uma loucura suppôr que tenha o pensamento de transigir com elles.

« O programma do Hotel de Ville é uma infame mentira; appello para o sr. Laffitte. N'um discurso pronunciado sobre o ataúde de Lamarque, alguem que não conheço, fallou dos compromissos solemnemente acceitos, e depois co-

vardemente esquecidos; é falso, estou indignado. Não fiz nenhuma promessa. Por direito, nada tinha que prometter: de facto nada tenho promettido.

« A Revolução foi feita ao grito de *Viva a Carta!* O povo pedia-a; foi melhorada pela suppressão do artigo 14.º

« Logo que subi ao throno adoptei o systema que me pareceu, e que ainda hoje me parece bom. Provem que me engano, e mudarei; d'outra sorte persistirei, porque sou homem de consciencia e de convicção: seria mais facil cortarem-me em pedaços do que fazerem-me operar contra a minha opinião.

« Não tenho *ilhargas:* é talvez amor proprio: mas não estou submettido a nenhuma influencia. O meu systema parece-me excellente, provem-me o contrario.

« — Provou-o a experiencia, disse o sr. Arago; a ousadia dos carlistas, os odios politicos, a guerra civil na Vendéa e em Pariz são a condemnação do systema do 13 de março. A nossa posição peiorou; alguns mancebos acabam de procurar derribar o vosso governo, porque contavam com o descontentamento do povo; ha quinze mezes não teriam praticado similhante coisa.

« — Acabo de atravessar Pariz; assevero-lhe que nunca ouvi *vivas*... ao rei mais unanimes, nem mais enthusiastas; nunca a guarda nacional me mostrou tanta dedicação.

« — Vi a guarda nacional, redarguio o sr. Arago; queria combater a anarchia, mas desejava uma mudança de systema. É verdade que a minha opinião não passa da de um simples guarda nacional, e por conseguinte, tem pouco pezo; mais teria na bocca de um coronel.

« — Entendo... Nunca adivinhei porque capricho Casimiro Périer se obstinou a repellir o voto da duodecima legião.

« Quanto ao systema que denomina de 13 de março, não

é de 13 de março; adoptei-o depois de maduras reflexões, quando subi ao throno, é sempre foi seguido, mesmo no tempo do sr. Laffitte.

« — Vossa magestade está enganado, disse este; regeito toda a assimilhação com o ministerio Périer. Verdade é que, contra minha vontade, as medidas teem tido mais similhança do que eu desejava; porém invoco os discursos que pronunciei com a vossa approvação.

« — As vistas eram identicas, respondeu o rei. O governo caminhou sempre na mesma linha, porque, esta linha fôra adoptada depois de maduras reflexões. Mostre-me os seus inconvenientes; porque, no seu relatorio não achei coisa alguma.

« — Pequenas causas teriam produzido bem grandes effeitos: porque foram as faltas assignaladas que produziram o desamor do paiz. Por exemplo, o licenciamento systematico das guardas nacionaes das cidades mais patriotas, das cidades fronteiras, destruio muitas sympathias. Em Perpignan não havia para isso nenhum pretexto. Foi um capricho do prefeito, que queria lisonjear os sentimentos de Casimiro Périer.

« — Em Grenoble, acrescentou o sr. Odilon Barrot, as faltas do governo teem sido numerosas e indesculpaveis.

« — Espalharam-se a esse respeito as mais injustas observações; calumniaram a auctoridade e o 35.º regimento. Era mister, não é assim, deixar aviltar o poder! era mister soffrer que trouxessem impunemente pela rua a figura do rei sob a fórma de um animal que esquartejavam! E porque valentes soldados tomaram a defeza do rei, das leis e da ordem publica, foram censurados e tractados como assassinos!

« — Pouparam os carlistas, replicou o sr. Odilon Barrot, transigiram com elles; é uma falta grave. Pedimos muitas vezes que fossem applicadas as leis aos carlistas insurgidos

no Occidente, que fossem expurgadas as administrações dos carlistas que n'ellas estavam. Longe d'isso; deram-se salvos-conductos aos chefes das forças carlistas.

« — Nunca! exclamou o rei.

« — Os vossos ministros o confessaram na tribuna, affirmou o sr. Odilon Barrot.

« — Elles disseram o que quizeram; porém persisto em sustentar que os salvos-conductos foram recusados.

« — Ter-se-ia evitado o estado de sitio nos quatro departamentos e grandes despezas.

« — Nunca me oppuz ás medidas apresentadas contra os carlistas; Dupont (de l'Eure) não os poupou. Julgo que não os ha no exercito. Ha alguns nas finanças, porém o sr. Laffitte sabe quão perigosas e difficeis são as mudanças d'esta administração. A accusação de favorecer os carlistas foi a que mais me surprehendeu, porque a emigração nunca me perdoou ter-me recusado a pegar em armas contra a França. Demorei-me em approvar a proposta Bricqueville, é verdade, convenho n'isso; porém era a confiscação de *seiscentos mil francos* de renda pertencentes á familia proscripta, e repugnava-me assignal-a. A honra da França exige que esta familia não seja reduzida á esmola do estrangeiro. Comtudo, posto que a duqueza de Berry seja sobrinha da rainha, dei ordem para que fosse presa; porém não quero sangue. Lembrem-se do que dizia um membro da Convenção:

« — Cortaram a cabeça a Carlos I, voltaram os Stuards; contentaram-se com banir Jacques II, um dos Stuards desappareceu para sempre da Inglaterra.

« — Meu pae, apesar das minhas supplicas, commetteu a falta, votando a morte de Luiz XVI, de querer dar penhores sanguentos á revolução; não quero imital-os.

« — O que mais indispoz a nação, redarguio o sr. Arago, foi a falta de dignidade para com o estrangeiro, foi a pusil-

lanimidade do ministerio, foi o seu pouco cuidado na honra nacional. Os prussianos teriam sido suspendidos com palavras firmes; os austriacos não teriam invadido a Italia, se para com elles tivessem sustentado a mesma linguagem.

« — Fallam das nossas ameaças para com a Belgica, porém estas ameaças não podiam ter grande effeito, porquê, sabem quanta tropa tinhamos então? Tinhamos setenta e oito mil homens só; queriam fazer a guerra com esta gente?

« — Era quanto então bastava, com o enthusiasmo que o povo tinha, continuou o sr. Arago. Quando o governo de França tem a confiança do povo, póde sempre fallar com energia. A linguagem inqualificavel do sr. de Saint-Aulaire excitou um descontentamento unanime. Pedio graça para o rei dos francezes!... e pedio-a ao papa!

« — Mais baixo, sr. Arago... Parecia haver alguma coisa a criticar na linguagem do sr. de Saint-Aulaire; porém quando lhe fizeram esta observação, respondeu que de outra sorte não se podia colher bom resultado. Finalmente, não fomos nós que fizemos concessões, a nós é que nol-as fizeram. Concederam-nos tudo quanto pediamos, e tudo quanto ao principio nos não queriam conceder; levámos o estrangeiro a fazer o que não queria fazer. Por exemplo, os negocios da Belgica vão ser completamente terminados em poucos dias, o rei de Hollanda não terá remedio senão prestar-lhes o seu assentimento. Levámos o imperador da Russia a subscrever á separação da Belgica; e comtudo, no começo, tinha mui de positivo declarado que nunca consentiria em similhante coisa.

« — Essa vantagem foi obtida a custo de...

« — D'esta sorte, disse Luiz Philippe interrompendo o sr. Arago, o negocio da Belgica está como concluido. Não vejo tão claro no da Italia, nem mesmo sei como se terminará, porque não é coisa facil tornar um papa rasoavel. Fi-

nalmente, de todas as nações da Europa é a França que se acha na situação mais favoravel, porque as outras teem todos os elementos de revolução, e não tiveram, nem teem lá um homem da laia do duque d'Orleans. A França e a Inglaterra não podem ser governadas senão com a imprensa livre. Conheço os seus inconvenientes: sei que a indulgencia do jury faz muito mal, mas não lhe vejo remedio. Por isso, quando nos seus accessos de cholera, Casimiro Périer propunha medidas excepcionaes, sempre me oppuz. Os principes d'Allemanha querem a censura: esperem-lhe pelo resultado.

— « Receiamos, disse então o sr. Odilon Barrot, abusar do tempo de vossa magestade.

— « Sou um rei constitucional, e devo ouvir a todos, é o meu dever; tambem dei audiencia aos srs. Mauguin e Cabet! Não posso senão vêr com prazer tres pessoas com quem tive relações intimas, e que podem fazer-me conhecer a verdade com menos amargura.

« — Vossa magestade acha o systema perfeito, e nós pensamos o contrario; é pois inutil prolongar esta conversação.

« — Julgo o systema excellente, e não o mudarei em quanto não tiver provas em contrario. As minhas intenções são puras, quero a felicidade da França; nunca peguei em armas contra ella. Toda a difficuldade nasce de me não fazerem justiça e da malevolencia e a calumnia procurarem derribar-me. Se assisto ao conselho, os jornalistas gritam que se acabou o governo constitucional. Comtudo, não serei eu que farei tomar determinações illiberaes. Por exemplo. esta manhã propozeram-me o sitio, eu não quiz: bastam as leis, não quero reinar senão pelas leis, nunca me farão desviar d'esta regra.

« — D'isso felicitamos vossa magestade, disseram os tres deputados.

« — No vosso relatorio accusam-me de ser insaciavel de riquezas.

« — *Sire*, responderam juntos os srs. Arago e Odilon Barrot, estamos certos de que similhante coisa não se encontra no seu relatorio.

« — Senhores, não insistam, n'elle encontra-se essa accusação, lhe disse o sr. Laffitte.

« — Bem vêem que o sr. Laffitte se recorda de lá estarem escriptas simillhantes palavras. Accnsarem-me de querer amontoar riquezas sobre riquezas! os senhores!

« — Só dissemos, respondeu o sr. Arago, que os ministros tinham pedido para vossa magestade uma lista civil mui pesada; eis a nossa intenção.

« — Não conheço as intenções, conheço os factos.

« — Do lado dos patriotas, redarguio o sr. Barrot, ha irritação, desaffeição e desalento, emquanto que os carlistas estão cheios de audacia. Supplicamos a vossa magestade que investigue a causa d'isto e que lhe dê remedio. É talvez tempo ainda. A occasião é opportuna, pois que acaba de vencer a rebellião. Vossa magestade póde ter confiança em nós, porque todos tres não somos inspirados senão pela França e por vossa magestade. O sr. Arago só aspira a deixar a politica pelas sciencias que o teem illustrado, o sr. Laffite está infastiado do poder; e eu estou prompto a assignar com o meu sangue, que nenhum logar quero do vosso governo, dando-me por mui feliz por voltar ao meu gabinete, e entregar-me sem distracção aos trabalhos que me deram a independencia e a felicidade.

« — Sr. Barrot, não acceito a renuncia que me offerece, disse o rei batendo-lhe no hombro.

« — *Sire*, não vê em nós senão homens desinteresados, que vos exprimem a opinião dos patriotas sinceros e moderados. Está obrigado a governar pela liberdade, e com

a liberdade, acceite todas as consequencias d'esta posição.

«—É a minha intenção, é o que faço. Não mudarei, por que nunca mudo de systema senão depois de me mostrarem que estou enganado. Affastei-me uma unica vez d'este habito! foi a respeito do meu brazão. Eu queria as flôres de liz, porque eram minhas, porque eram minha propriedade, tanto como o eram do ramo primogenito, porque em todo o tempo teem sido o ornamento dos nossos escudos. Quizeram a sua suppressão; era uma loucura. Resisti por muito tempo, mesmo ás sollicitações do sr. Laffitte; acabei por ceder á violencia. Mas, finalmente, senhores, o que querem propôr-me?

«—Um meio termo entre o systema de 13 de março e a Republica, respondeu o sr. Arago.

«—Uma proclamação, continuou o sr. Barrot, em que vossa magestade, dando parte á França dos graves acontecimentos d'estes dois dias, exprima de novo e com franquêza as suas sympathias pelos principios de julho; parece-me que deveria produzir um excellente effeito.

«—Um rei constitucional não póde infelizmente ir explicar-se á tribuna. Não posso fazer conhecer pessoalmente os meus sentimentos senão quando viajo; e hão de ter notado que nunca deixo passar nenhuma d'essas occasiões sem as aproveitar.

«—Retiro-me repassado do mais profundo sentimento, disse então o sr. Laffitte, porque creio na sinceridade de convicções que tornam inevitaveis maiores desgraças. Temo-as pela França, e mais ainda pelo rei. O mal vem da differente maneira de avaliar a revolução de julho.

«Uns só viram n'ella a carta de 1814 um pouco melhorada, e uma simples mudança de pessoas; o maior numero, os homens energicos pelo menos, viram n'ella o triumpho

do systema popular e o anniquilamento completo da Restauração. Ha muito que a imprensa protestou contra o systema de 13 de março, assim como com a sua presença tambem contra elle protestou essa multidão immensa que foi ao funeral do general Lamarque; essa multidão composta de todas as classes, de todas as fortunas, de militares, burguezes, mocidade, povo, guarda nacional; e se no dia seguinte quinze ou vinte mil homens d'esses soldados cidadãos vieram prestar o seu apoio ao governo, foi porque a sua propria existencia estava ameaçada. Esqueceu-se o systema de 13 de março para tractar da realeza de julho.

« — Sr. Laffitte, creio-o de boa fé, porém engana-se, o systema de 13 de março, como persiste em lhe chamar, não tem contra si senão os republicanos e os carlistas.

« — Esse systema, disse terminando o sr. Laffitte, conduzio-nos á guerra civil. Quando mesmo os seus adversarios fossem em minoria no paiz, essa minoria tem tanta energia, que não é para desprezar. A força moral vale mais que o canhão e as bayonetas. Os bons cidadãos não podem deixar de se possuir das mais vivas inquietações pela realeza, que lhes é cara e que se acha compromettida com os francezes por um systema antipathico.

« — Luiz Philippe, disse emfim o sr. Odilon Barrot, é rei quasi legitimo, ou rei legitimado pelo voto nacional? Foi escolhido como Bourbon ou posto que Bourbon? Eis aqui a questão. Se em logar de seguirem os passos da Restauração, quizesse que todas as instituições tivessem a mesma origem que vós, haveria casamento entre a França e a vossa dynastia, sem divorcio possivel. Mas como pensa de outra fórma, continuarei a experiencia, a que os amigos do paiz e de vossa magestade não podem assistir senão com anciedade.

« Persistirei pois no que julgo ser o bem do meu paiz,

respondeu o rei, e tenho a firme convicção de que quando as paixões estiverem acalmadas, hão de reconhecer que estou no caminho justo e verdadeiro. A minha vida é do meu paiz, sei o que lhe devo e o que lhe prometti, e os senhores sabem se costumo faltar ás minhas promessas e aos meus juramentos.»

CAPITULO X

Como o rei dissera, a justiça foi prompta; os accusados, porém, não foram julgados por tribunaes d'*assisas*, mas sim por conselhos de guerra.

Um joven pintor chamado Geoffroy, foi condemnado á morte; porém appellando para o tribunal, em presença das razões apresentadas em defeza do accusado por Odilon Barrot, declarou que o conselho de guerra da primeira divisão militar tinha commettido um excesso de poder.

Grande foi a satisfação que em toda Pariz produzio a rapida promulgação d'esta sentença, tão fóra estava já dos nossos costumes a pena de morte em materia politica em quanto não estava fóra das nossas leis.

O governo foi obrigado a inclinar-se ante esta magestade da justiça mais poderosa do que a sua, e reconheceu-se que elle tinha commettido o mesmo delicto que Carlos X, sem soffrer a mesma pena.

Os accusados foram pois levados perante o jury.

Em todas as insurreições politicas que repoisam sobre uma convicção, raro é que o combate não apresente em re-

levo alguma coragem maravilhosa, e a derrota algum caracter sublime.

Aquelle que teve todas as honras da admiração publica pela sua coragem no combate, pelo seu caracter ante os juizes, foi um chamado Jeanne.

Por um acaso singular, Jeanne, o homem das barricadas de Saint-Méry, o homem das assisas, o republicano, era irmão de Jeanne o carlista, dono da loja de papel da *passage* Choiseul, em cujas vidraças se póde vêr, a pé, a cavallo, em busto, em medalhas de toda á sorte emfim, a effigie do sr. conde de Chambord.

O interrogatorio de Jeanne é um modelo de franqueza, de coragem e de concisão.

P. No dia 5 d'este mez, assistio ao funeral?

R. Sim, senhor.

P. Não esteve pelas cinco horas no becco Saint-Méry?

R. Estive.

P. Armado?

R. Com uma espingarda que tinha ido buscar a minha casa.

P. Trabalhou na barricada?

R. Trabalhei: tinham sido mortos ao pé de mim, no *boulevard*, dois guardas nacionaes; tinham feito fogo sobre nós sem que nós os provocassemos, pareceu-me que, sendo atacados, tinhamos direito de nos defendermos.

P. Não commandou o fogo?

R. Não, senhor, uma bala acabava de me bater nas costas, deitando-me por terra; levantei-me, e dei um tiro, um só, porque elles tinham fugido.

P. Sim, mas voltaram e encontraram-no no mesmo posto?

R. Não quiz abandonar os meus camaradas.

P. E esteve toda a noite atraz da barricada?

R. Estive, sim, senhor.

P. Fazendo fogo?

R. Sim, senhor.

P. Não distribuio cartuxos?

R. Sim, senhor.

P. Onde ia buscal-os?

R. Ás cartuxeiras dos soldados mortos.

P. No dia seguinte esteve todo o dia fazendo fogo?

R. Sim, senhor.

P. Não foi d'aquelles que no fim do ataque, fizeram fogo das janellas da casa n.º 30?

R. Fui: quando se apoderaram da barricada, já nós não tinhamos cartuxos, se assim não fosse, teriamos lá ficado: retiramo-nos abrindo caminho á bayoneta por entre as fileiras da tropa de linha.

Cumpre dizer que Jeanne era maravilhosamente sustentado por sua mãe; este outro Graccho encontrára uma outra Cornelia, não de uma familia nobre como a Cornelia antiga, mas de uma alma nobre.

Transcrevemos a carta que ella escreveu a seu filho e que Luiz Blanc, esse grande historiador da nossa epocha, nos conservou.

Esta carta foi entregue a Jeanne na vespera do julgamento.

« Tua mãe vae ouvir-te hoje, e os de mais dias que o processo durar; tu ainda não pedistes a ninguem que te ensinasse o que havias de dizer; quem estuda um discurso não póde possuir-se da commoção que sente no fundo d'alma o que só falla segundo as suas convicções; faço a maior justiçaás boas intenções do sr. P. e de outros; o temor de te vêr vacillar fal-o duvidar dos teus recursos, porém eu conheço-os ao menos tanto quanto é necessario para saber do que tu és capaz; uma injusta desconfiança de ti mesmo n'es-

te mamento supremo, seria uma nodoa em tão bella reputação; defende o direito que te assiste, faze conhecer, tanto quanto couber no teu poder, que estavas em legitima defeza; sê simples e generoso; poupa os teus inimigos o mais que te fôr possivel, põe o cumulo á minha ventura; que eu oiça a opinião publica dizer: foi tão grande na derrota como valente no perigo, que a tua alma se eleve á altura das tuas acções. Ah! se tu soubesses qual é o orgulho que tenho por te haver dado a vida? Não receies fraqueza da minha parte, a tua grande alma tem o dom de elevar a minha.

« Adeus; posto que separada de ti, a minha alma não te larga. »

O jury pronunciou a sua sentença.

Jeanne foi condemnado a deportação;

Roussignol a oito annos de reclusão;

Goujon e Vigouroux, a seis annos da mesma pena;

Roujon a dez annos de trabalhos forçados sem exposição;

E Fourcade a cinco annos de prisão.

Eisa qui os nomes dos que foram absolvidos:

Leclerc, Jules Jouanne, Fradelle, Faley, Metiger, Bouley, Couilleau, Dumíneray, Mutelle, Marei, Geurillon, Fournier, Luiza Antoinette Alexandre.

Quanto a nós, que tinhamos sahido de Pariz depois d'aquelle terrivel dia, vamos repetir o que em 1833 escrevemos em seguida a uma conversação que tivemos com a rainha Hortense, mãe do presidente actual. Vêr-se-ha que no espaço de dezoito annos as nossas opiniões não variaram nem sobre os homens, nem sobre as coisas. [1]

[1] Esta conversação foi impressa em 1833, algum tempo depois da apparição da minha obra de « Gallia e França. »

«A sr.ª duqueza de Saint-Leu tinha-me convidado para almoçar no dia seguinte, ás dez horas: como tinha passado parte da noite a escrever as minhas notas, cheguei alguns minutos depois da hora indicada; ia para me desculpar de a ter feito esperar, o que era tanto menos perdoavel, por isso que ella já não era rainha; porém tranquillisou-me com a maior bondade, dizendo-me que o almoço era ao meio dia, e que se me tinha convidado para as dez horas, era afim de ter vagar de conversar comigo; ao mesmo tempo propoz-me um passeio pelo parque; respondi-lhe offerecendo-lhe o meu braço.

«Andámos quasi cem passos em silencio; fui eu o primeiro a tomar a palavra, perguntando:

«— Tinha alguma coisa para me dizer, sr.ª duqueza?

«— É verdade, respondeu ella, queria fallar-lhe de Pariz. Que havia de novo quando de lá sahio?

«— Muito sangue pelas ruas, muitos feridos nos hospitaes, poucas prisões para tantos presos.

«— Presenciou os 5 e 6 de junho?

«— Sim, senhora.

«— Perdão, vou talvez ser bem indiscreta; pelas palavras que hontem lhe ouvi, julguei conhecer que era republicano.

«— Não se enganou, sr.ª duqueza, comtudo, graças á côr e ao sentido que os periodicos que representam o partido a que pertenço e de que partilho todas as sympathias, mas não todos os systemas, fizeram tomar a esta palavra, antes de acceitar a qualificação que me dá, pedir-lhe-hei licença para fazer uma exposição de principios. A qualquer outra senhora similhante profissão de fé seria ridicula, mas á sr.ª duqueza que, como rainha, deve ter ouvido tantas palavras austeras como de palavras frivolas na sua qualidade de mulher, não insistirei em dizer por que ponto toco

no republicanismo social, e porque dissidencia me affasto do republicanismo revolucionario.

« — Então não estão de accordo entre si, senhores?

« — A nossa esperança, senhora, é a mesma; porém os meios pelos quaes cada um quer proceder são differentes. Ha quem falle em cortar cabeças e em dividir propriedades; estes são os ignorantes e os loucos.

« Não se admire, sr.ª duqueza se, para os designar, me não sirvo de um nome mais energico, é inutil; nem são temidos, nem para temer; julgam-se muito adiantados, e estão atrazadissimos; datam de 93, e estamos em 1832. O governo finge temel-os muito, e se affligiria se não existissem, porque as suas theorias são a aljava onde vae buscar as armas; estes não são republicanos, são *republicanisadores*.

« Ha outros que se esquecem de que a França é á irmã mais velha das nações, que o seu passado é rico de recordações, e que vão buscar entre as constituições suissa, ingleza e americana, a que mais applicavel seja ao nosso paiz. Estes são os vizionarios, os utopistas, todos entregues ás suas theorias de gabinete; não conhecem nas suas theorias imaginarias, que a constituição de um povo não póde ser duradoura senão sendo filha da situação geographica, sahida da nacionalidade e harmonisando-se com os seus costumes. D'ahi resulta que, como ha debaixo da abobada celeste dois povos, cuja situação geographica, nacionalidade e costumes sejam identicos, quanto mais perfeita é uma constituição, mais individual é, e menos, por conseguinte, applicavel a outra localidade que não seja a que lhe deu nascimento: estes tambem não são republicanos, são *republiquistas*.

« Ha outros que julgam que uma opinião é uma casaca azul, um collete com grandes bandas, uma gravata fluctuante, e um chápéo agudo; estes são os parodistas e os gritado-

res: excitam os motins, mas absteem-se de tomar parte n'elles; levantam barricadas e deixam que outros se deixem matar atraz d'ellas; compromettem os seus amigos e vão-se escondendo como se elles fossem os compromettidos; estes tambem não são republicanos, são *republicanosinhos*.

«Mas ha outros, senhora, para quem a honra da França é coisa sancta e em que não querem que se toque; para quem a palavra dada é um compromisso sagrado, e a que não podem soffrer vêr faltar, mesmo de rei para povo, cuja vasta e nobre fraternidade se estende a todo o paiz que soffre e a toda a nação que se desperta; foram derramar o seu sangue na Belgica, na Italaia e na Polonia, e vieram fazer-se matar ou aprisionar no convento de Saint-Méry; estes, senhora, são os puritanos e os martyres.

«Um dia virá em que, não só serão chamados aquelles que estão exilados, em que, não só serão abertas as prisões áquelles que estão captivos, mas tambem serão procurados os cadaveres d'aquelles que estão mortos para lhes erigirem tumulos.

«O mal de que podem ser arguidos, é de terem antecipado a sua epocha e de terem nascido trinta annos mais cedo; estes, senhora, são os verdadeiros republicanos.

«— Não tenho precisão de lhe perguntar, me disse a rainha, se é a esses que pertence.

«— Ah! senhora, lhe respondi eu, não posso inteiramente lisonjear-me d'essa honra; sim, certamente, a esses pertencem todas as minhas sympathias; porém em logar de me deixar vencer pelo meu sentimento, appellei para a minha razão; quiz fazer pela politica o mesmo que Fausto fez pela sciencia, descer e tocar no fundo.

«Estive um anno engolphado nos abysmos do passado; n'elles entrára com uma opinião instinctiva, d'elles sahi com uma convicção filha do raciocinio.

« Vi que a revolução de 1830 nos tinha feito dar um passo, é verdade, mas que nos conduzira simplesmente da monarchia aristocratica á monarchia burgueza, a qual marcava uma era que cumpria esgotar antes de chegar á magistratura popular.

« Desde então, senhora, sem procurar approximar-me do governo de que me tinha affastado, cessei de ser seu inimigo; vejo-o tranquillamente proseguir o seu periodo, de que não verei talvez o fim; approvo as coisas boas que faz, protesto contra as más, porém tudo isto sem enthusiasmo e sem odio: não o acceito, nem o recuso, soffro-o; não o considero como uma felicidade, mas julgo-o como uma necessidade.

« — Por essas palavras, parece que não ha probabilidade do governo mudar de direcção?

« — Não, senhora.

« — Se comtudo o duque de Reichstadt não tivesse morrido e houvesse feito uma tentativa?

« — Teria sido mal succedido, pelo menos eu assim o penso.

« É verdade, esquecia-me de que com as suas opiniões republicanas, Napoleão deve não ser para o senhor um tyranno.

« — Peço-lhe perdão, senhora, encarro-o debaixo de um outro ponto de vista: segundo a minha opinião, Napoleão é um d'esses homens eleitos desde o começo dos tempos e que receberam de Deus uma missão provindencial. Estes homens, senhora, são julgados, não segundo a vontade humana que os faz operar, mas segundo a sabedoria divina que os inspirou; não segundo a obra que fizeram, mas segundo o resultado que produzio. Quando a sua missão está terminada, Deus chama-os a si; elles julgam morrer, mas vão dar contas.

« — E segundo a sua opinião, qual era a missão do imperador?

« — Uma missão de liberdade.

« — Sabe que qualquer outra que não fosse eu lhe pediria a prova d'isso?

« — E dal-a-ia mesmo á senhora.

« — Vejamos qual ella é: não sabe a que ponto isto me interessa.

« — Quando Napoleão, ou antes Bonaparte appareceu a nossos paes, senhora, a França sahia não de uma republica mas de uma revolução.

« N'um dos accessos de febre politica, adiantára-se tanto ás outras nações, que tinha quebrado o equilibrio do mundo. Era preciso um Alexandre a este Bucephalo, um Androcles a este leão; o 13 *vindemario* pôl-os face a face, a Revolução foi vencida; os reis, que deveriam ter reconhecido um irmão no canhão da rua Saint-Honoré, julgaram ter um inimigo no dictador de 18 *brumario*; tomaram para consul de uma republica aquelle que já era chefe de uma monarchia, e estes insensatos, em logar de o prenderem n'uma paz geral, fizeram-lhe uma guerra européa.

« Então, Napoleão chamou quantos mancebos esforçados e intelligentes tinha a França, e espalhou-os pelo mundo.

« Homem de reacção para nós, foi homem de progresso para os outros; por toda a parte por onde passou, padejou o trigo das revoluções: a Italia, a Prussia, a Hespanha, Portugal, a Polonia, a Belgica, a propria Russia, chamaram alternadamente seus filhos á ceara sagrada, e elle como um agricultor fatigado no fim do seu dia de trabalho, cruzou os braços e olhou para elles do alto da sua rocha de Sancta Helena; foi então que elle teve uma revelação da sua missão divina e que deixou sahir de seus labios a prophecia de uma Europa republicana.

« — E julga, tornou a rainha, que se o duque de Reichstadt não tivesse morrido, teria continuado a obra de seu pae?

« — Segundo a minha opinião, senhora, os homens como Napoleão não teem pae nem filhos, nascem como meteoros, no crepusculo da manhã, atravessam de um horisonte para o outro o céo que illuminam, e vão perder-se no crepusculo da tarde.

« — Sabe que o que acaba de dizer é pouco consolador para as pessoas da sua familia que ainda conservassem algumas esperanças?

« — Assim é, senhora, porque não lhe devemos um logar no nosso céo senão com a condição de que não deixaria herdeiro sobre a terra.

« — E comtudo, legou a espada a seu filho.

« — Esse dom foi-lhe fatal, senhora, e Deus abolio o testamento.

« — Assusta-me, senhor, porque seu filho por seu turno o legou ao meu.

« — Ha de ser pezado para um simples official da Confederação suissa.

« — Sim, tem razão, porque essa espada é realmente um sceptro.

« — Tome sentido, senhora, não se desvaríe, tenho muito receio de que viva n'essa atmosphera fallaz e inebriante que levam comsigo os exilados; o tempo, que continua a caminhar para o resto dos homens, parece parar para os proscriptos: vêem sempre os homens e as coisas como elles as deixaram, e comtudo os homens mudam de face e as coisas de aspecto.

« A geração que vio passar Napoleão ao voltar da ilha de Elba vae-se dia a dia extinguindo, senhora, e essa marcha milagrosa, já não é uma recordação, é um facto historico.

« — Então julga que se acabou a esperança para a familia Napoleão de voltar a França?

« — Se eu fosse rei, chamal-a-ia ámanhã.

« — Não é assim que quero dizer.

« — D'outra sorte, ha pouca probabilidade.

« — Então que conselho daria a um membro d'essa familia que sonhasse a resurreição da gloria e do poder napoleano?

« — Dar-lhe-ia de conselho que acordasse.

« — E se persistisse, apesar d'este primeiro conselho, que, a meu vêr, é o melhor, se lhe pedisse segundo?

« — Então, senhora, dir-lhe-ia que obtivesse que fosse levantado o seu exilio, que comprasse uma terra na França, que se fizesse eleger deputado, que procurasse, por seu talento, dispôr a maioria da camara e servir-se d'ella para depôr Luiz Philippe, e fazer-se rei em seu logar.

« — E pensa, retorquio a duqueza de Saint-Leu, que qualquer outro meio falharia?

« — Estou convencido d'isso.

A duqueza suspirou.

N'este momento, o sino tocou ao almoço; encaminhamonos para o palacio, pensativos e silenciosos. Durante o caminho, a duqueza não me dirigio uma unica palavra, porém quando chegámos ao pé da porta, parou e olhou para mim com uma expressão indifinivel.

« — Ah! me disse ella, quem me déra que meu filho aqui estivesse ouvindo o que o senhor acabou de dizer!..

CAPITULO XI

A morte do duque de Reichstadt, que mencionei na minha conversação com a duqueza de Saint-Leu, tivera logar a 22 de julho de 1832.

Sabe-se quaes são os boatos que sempre se espalham em torno dos ataudes dos pretendentes; havia muito que os homens politicos, com razão ou sem ella, estavam convencidos de que o herdeiro de Napoleão devia morrer moço; e quando se espalhou a noticia d'esta morte contentaram-se em abanar a cabeça dizendo:

—Tinha um nome mui grande para viver.

Um dia, em memorias particulares, talvez nos espraiaremos mais sobre esta morte, e diremos qual era a princeza da côrte d'Austria a quem se devia recorrer para descobrir o segredo d'esse desfallecimento que conduzio ao tumulo Napoleão II.

Finalmente, o echo que noticiou similhante morte na França, foi surdo e em breve extincto. Os partidarios mais ardentes do imperador teriam temido a vinda de um mancebo educado na escola do sr. Metternich. Nos cabellos loiros e feições effeminadas, o duque de Reichstadt tinha mais da mãe do que do pae, mais de Maria Luiza do que de Napoleão. Não era para temer que acontecesse outro tanto quanto á moral, e que tivesse o coração mais austriaco do que francez.

Em summa, morreu: onze annos bastaram ao anjo fune-

bre para sclar o tumulo do pae e do filho; e como já se não temesse a volta nem do exilado de Sancta Helena, nem do pretendente de Schœnbrum, a estatua do imperador tinha, um anno e seis dias depois d'esta morte, retomado o seu logar no alto da columna da praça Vendôme.

Digamos rapidamente o que se passou durante este intervallo, cujos maiores acontecimentos foram a morte da religião *Saint-simonienne* e o nascimento da filha da duqueza de Berry.

É-nos impossivel seguir aqui a religião *saint-simonienne* em todos os detalhes do seu nascimento, desenvolvimento e morte; nascida no leito da agonia de Saint-Simon, cresceu na rua Monsigny, agonisou em Ménilmontant e morreu perante o tribunal d'*assisas*.

Ahi compareceram a 27 de agosto o padre Enfantin, Miguel Chevalier, Barrault, Duverryer e Olindo Rodrigues.

Accusavam-nos:

1.º Do delicto previsto pelo artigo 291.º do Codigo penal, o qual prohibe as reuniões de mais de vinte pessoas.

2.º Do delicto de ultrage á moral publica e aos bons costumes.

Os srs. Enfantin, Duverryer e Miguel Chevalier foram condemnados cada um a um anno de prisão e cincoenta francos de mulcta.

Os srs. Rodrigues e Barrault, a cincoenta francos de mulcta unicamente.

Não julguem que somos do partido dos juizes contra os accusados; não, o julgamento foi parcial, ou antes cego; os homens que eram chamados a sentenciar eram de boa fé, mas de vista curta.

Não viram senão um delicto n'uma doctrina, ridicula em certos pontos, como são quasi todas as doctrinas no seu nascimento, porém cheia de futuro n'outros pontos.

O evangelho que resumia a religião era curto e preciso: *A cada um segundo a sua capacidade, a cada capacidade segundo ás suas obras.*

Talvez que o principio carecesse de caridade, e só teria ficado o céo para esses pobres de espirito para quem Christo era tão cheio de doce piedade; porém, certamente, não tinha carencia de logica.

Depois, era a primeira vez que se prestava uma grande homenagem ao que a merecia de direito: o *trabalho*, esse escravo dos seculos passados, tornava-se rei dos seculos vindouros.

Por isso, se não fosse a communidade da mulher e a abolição da herança, ao governo, note que não dizemos á justiça, ao governo não teria sabido por tão baixo preço a religião *simonianna*.

Quanto a nós, que assistimos como ouvintes e como amigo á maior parte das conferencias do padre, repetimol-o, sem que á nossa parte estivessemos possuidos do fanatismo que elle inspirava aos apostolos, comprehendiamol-o e julgavamol-o sincero e logico.

Voltemos ao governo, que reprimio o republicanismo social na pessoa do padre Enfantin, e o republicanismo revolucionario na pessoa de Jeannes.

Tres homens se apresentaram, reclamando a herança mortal de Casimiro Périer:

Os srs. Dupin, Guizot e Thiers.

Era entre estes tres homens que Luiz Philippe devia escolher.

As sympathias eram pelo sr. Dupin.

Havia muito que o sr. Dupin estava á testa dos negocios contenciosos do sr. duque d'Orleans, e como o rei não via na administração da França senão um grande negocio contencioso a manejar, esperava que o sr. Dupin lhe ganharia

as suas damandas com os reis seus visinhos, como lhe tinha ganho as suas demandas com os proprietarios das suas propriedades á borda d'agua.

Porém, contra toda a expectativa, o sr. Dupin foi menos facil a respeito dos negocios publicos do que o não era a respeito dos particulares.

A conversação entre o futuro ministro e o rei foi subindo de ambos os lados, na escala da tenacidade, até ao tom da discussão mais acalorada. Emfim, perdendo as estribeiras, o sr. Dupin exclamou:

— Olhe, *sire*, já vejo que nunca nos poderemos entender.

— Como o senhor tambem eu o via, senhor, respondeu o rei com uma suprema aristocracia, mas não me atrevia a dizer-lh'o.

Estas palavras, que com bastante dureza reenviavam o sr. Dupin para o seu logar, d'onde o rei pensava que elle não deveria ter sahido, terminaram a entrevista.

Restavam os srs. Guizot e Thiers.

Se o merito de um primeiro ministro se mede pela sua impopularidade, ninguem, mais do que o sr. Guizot, tinha direito á impopular herança de Casimiro Périer; porém na occasião em que se achavam havia talvez algum perigo em arrostar com a desaffeição geral que andava ligada ao homem de Gand.

Affastado o sr. Guizot, achava-se em frente do sr. Thiers?

Sim, mas o rei desconfiava do sr. Thiers; havia no fundo d'essa leviandade, d'essa loquacidade, de todos esses defeitos, emfim, com o auxilio dos quaes o sr. Thiers fazia com que lhe perdoassem as suas qualidades, um fundo de nacionalidade que não deixava de inquietar infinitamente o homem que tinha deixado fazer as expedições russas de

Varsovia, as expedições austriacas de Modena e de Bolonha, e que se dispunha a fazer a expedição d'Anvers.

Além d'isso, sabia-se que o sr. Thiers, grande estrategista na sua Historia da Revolução, tinha um desejo secreto de passar da theoria á practica.

O sr. Thiers foi pois repellido.

Atraz d'estes candidatos se conservava, em pé, direito, immovel, incapaz de dar um passo para a pasta em letigio, o sr. de Broglie, que era na escola doctrinaria o que o padre Enfantin era na escola *saint-simonienne.*

O rei voltou-se para o sr. de Broglie.

D'esta maneira e sob a protecção do primeiro ministro, aproveitar-se-ia dos srs. Guizot e Thiers.

O sr. de Remusat, um dos adeptos da escola, encarregou-se da negociação.

O sr. de Broglie apresentou as suas condições, que foram acceitas, e a França teve um ministerio que recebeu o nome de ministerio de 11 de outubro.

Compunha-se:

Do sr. de Broglie nos negocios entrangeiros;

Do sr. Thiers no interior;

Do sr. Guizot na instrucção publica;

Do sr. Humann nas finanças;

Do marechal Soult na guerra;

Do sr. Barthe no ministerio da justiça.

O marechal Soult conservou o titulo de presidente do conselho, posto que, na realidade, o sr. Broglie fosse o chefe do gabinete.

Finalmente, para *papularisar* este ministerio, tinham-lhe preparado um grande acto:

A prisão da duqueza Berry.

Vimos que, em a noite de 9 para 10 de junho, a duqueza de Berry tinha entrado em Nantes disfarçada em aldeã.

Um asylo a esperava na casa de *mademoiselle* Duguigny.

Este asylo era uma mansarda no terceiro andar, situada directamente debaixo do tecto; á direita, entrando, havia uma janella que allumiava o quarto e que dava para um pateo interior; no angulo do mesmo lado que a janella tinham praticado, de proposito para este caso, uma chaminé, cujo frontal se abria da direita para a esquerda, e dava uma passagem de pé e meio de altura.

Era o ultimo retiro preparado para a duqueza, no caso de que a casa fosse invadida.

Duas camas de lona eram destinadas, uma para a duqueza, e a outra, sem duvida, para *mademoiselle* de Kersabiec.

Ahi, ao facto de tudo quanto se passava, aguardava os acontecimentos e se conservava prompta para os aproveitar.

Sem saber em que casa estava, a côrte sabia perfeitamente que *Madama* estava em Nantes; além d'isso, na occasião do processo dos vinte e dois vendeanos [1] a duqueza tinha escripto esta carta a sua tia Maria Amelia:

« Quaesquer que sejam para mim as consequencias que podem resultar da posição em que me colloquei, cumprindo os meus deveres de mãe, nunca lhe fallarei do meu interesse, senhora, porém houveram homens esforçados que se comprometteram pela causa de meu filho, e não poderia recusar-me a tentar para os salvar o que com honra se póde fazer.

« Peço pois a minha tia, porque conheço o seu bom coração, que empregue todo o seu credito em favor d'elles.

O portador d'esta dará os detalhes sobre a sua situação;

[1] O numero 22 parece cabalistico em materia de processo. Tinha havido, como já dissemos, dois mezes antes, o processo dos 22 republicanos, e 22 eram tambem esses girondinos de quem Marat pedio e obteve as cabeças em 1793!

dirá que os juizes que lhes dão são os homens contra quem se bateram.

« Apesar da differença das nossas situações, sob os seus passos está tambem um vulcão, como a senhora sabe.

« Conheci os seus terrores, bem naturaes n'uma epocha em que eu estava em segurança, e não lhes fui insensivel. Só Deus sabe o que nos destina, e talvez que um dia me agradeça ter tido confiança na sua bondade e haver-lhe fornecido occasião de fazer uso d'ella em favor dos meus infelizes amigos.

« Acredite no meu reconhecimento.

« Desejo-lhe felicidades, senhora, porque formo de si a melhor opinião, e por isso acredito que seja feliz na sua situação.

Maria Carolina »

Como *Madama* o dizia n'esta carta cheia de tristeza e de dignidade, o seu portador, official realista mui dedicado ao seu partido, estava prompto a dar todos os esclarecimentos pedidos: porém a rainha Maria Amelia estava n'uma posição mui embaraçosa para acceitar o mandato que lhe era confiado.

O sr. de Montalivet abrio a carta, leu-a, esteve ahi um quarto de hora, desceu e entregou a carta ao official, dizendo-lhe que sua magestade não a podia receber.

Com effeito, suppondo a rainha iniciada nos segredos de seu marido, a coisa era difficil.

O rei dispunha-se a fazer prender sua sobrinha, servindo de intermedario n'este caso um judeu renegado.

Deutz (ha nomes que se tornam injurias mortaes), Deutz era o nome do judeu.

Deutz tinha acompanhado a Londres e a Italia M.^me de Bourmont: vira madama pela primeira vez indo para Roma, tornára a vêl-a segunda vez ao voltar de Roma.

Madama podia pois ter n'elle alguma confiança.

Deutz apresentou-se ao sr. Thiers, exagerando esta confiança; porém comprometlia-se a entregar a sr.ª duqueza de Berry; os traidores são mais raros em França do que se pensa; apresentava-se um, não era para desprezar.

Discutio-se a quantia; foi fixada em cem mil francos, e Deutz partio para Nantes acompanhado pelo commissario Joly, o mesmo que, por occasião do assasinato do duque de Berry, tinha prendido Louvel.

D'esta vez ia desempenhar contra a mulher a mesma missão que havia desempenhado contra o assassino do marido.

Coisa singular é o que se chama *dever* dos homens no seu emprego!

De resto, a Restauração tinha dado esse fatal exemplo de premiar a traição.

Didier não tinha sido trahido por Balmain por um premio de vinte mil francos?

Deutz chegou a Nantes, fez-se reconhecer pelos legitimistas, disse-se encarregado de despachos importantes, e declarou que não queria confiar similhantes despachos senão nas mãos da pessoa a quem eram destinados, isto é, a *madama* em pessoa.

Madama foi prevenida do que se passava e não concebeu a menor desconfiança.

A 30 de outubro deu ordem ao sr. Dugnigny que fosse ao *hotel* de França, que ahi perguntasse pelo sr. Gonzaga, que lhe dirigisse estas palavras: *Senhor, chega de Hespanha*, e que lhe apresentasse metade de uma carta recortada.

Se o sr. Gonzaga apresentasse a outra metade e se os recortes de dois pedaços encazassem, o sr. Duguigny devia trazer comsigo o mensageiro.

O sr. Duguigny foi ao *hotel* de França, ahi achou o sr.

Gonzaga, que não era outro senão Deutz. Este cumprio a condição indicada, e certo de que tinha bem realmente encontrado a pessoa a quem *madama* queria fallar, o sr. Duguigny offereceu-se para lhe servir de guia.

No caminho, Deutz parou; parecia inquieto e quiz saber de uma maneira precisa onde o conduziam.

— Conduzo-o, disse o sr. Duguigny, a uma casa em que *madama* está para lhe dar audiencia, e que logo em seguida deixará.

Deutz não quiz saber mais nada, e deixou-se introduzir n'um quarto, onde se achavam as duas meninas Duguigny, *mademoiselle* Stilyte de Kersabiec e o sr. Guibourg.

— *Madama* já chegou? perguntou o sr. Duguigny, para fazer acreditar a Deutz que *madama* não morava n'aquella casa.

— Julgo que sim, respondeu *mademoiselle* de Kersabiec, porque acabamos de ouvir motim no quarto visinho.

N'este momento entrou o sr. Mesnars.

Deutz estremeceu; posto que tivesse visto o sr. de Mesnars na Italia, não o reconheceu.

— Que é isto! onde estou! exclamou elle.

O sr. de Mesnars deu-se a conhecer, e Deutz tranquillisou-se.

Atraz do sr. de Mesnars entrou *madama;* então Deutz declarou querer fallar só á duqueza.

Madama teve a imprudencia de o fazer subir para a mansarda que descrevemos, e que, como dissemos, era o escondrijo da princeza.

Madama e Deutz estiveram em conferencia até ás oito horas da noite.

Fixou-se segunda entrevista para o dia 6 de novembro e no mesmo sitio.

CAPITULO XII

No dia 6 pela manhã foi Deutz ter com o sr. de Bourmont, annunciou-lhe que devia á noite vêr a duqueza, e insistio fortemente para que elle estivesse presente á entrevista.

Deutz queria fazer prender o marechal ao mesmo tempo que a duqueza, porém o sr. de Bourmont tinha tomado a resolução de sahír de Nantes; e sem ter, por felicidade sua, dito nada dos seus projectos a Deutz, sahio da cidade pelas cinco horas da tarde, posto que estivesse entregue a uma febre ardente e que para se sustentar em pé carecesse do braço de um amigo.

Durante este tempo, a auctoridade tomava todas as suas medidas, porque era n'essa mesma noite que devia ser presa a dequeza de Berry.

Á hora convencionada, Deutz foi apresentado á princeza.

D'esta vez estava perfeitamente socegado, e a duqueza não vio n'elle nenhuma perturbação.

No meio da entrevista entrou um mancebo e entregou á duqueza uma carta, em que lhe annunciavam que era trahida.

A duqueza passou a carta ás mãos de Deutz.

O miseravel estava tão senhor de si, que nenhuma mudança se lhe operou na physionomia, e retirou-se protestando a sua dedicação e fidelidade.

Porém a casa estava cercada, e a porta da rua, fechada atraz de Deutz, tornou-se immediatamente a abrir para dar entrada a soldados precedidos dos commissarios de policia, que se espalharam pela casa de pistola na mão.

Comtudo, a casa não foi tão rapidamente invadida que *Madama, mademoiselle* Stylite de Kersabiec, o sr. de Mesnars e o sr. Guibourg não tivessem tempo de se refugiar no seu escondrijo.

Quando os *gendarmes* entraram no quarto, todos quatro tinham desapparecido.

A casa, na apparencia, só estava occupada pelas duas meninas Duguigny, *madama* de Charette e *mademoiselle* Stylite de Kersabiec.

Immediatamente, o sr. Mauricio Duval ordenou as mais minuciosas pesquizas.

A casa designada por Deutz como o salão de recepção da duqueza, foi aquella em que se empregaram as mais constantes investigações.

Não se achou nada; porém, como tinham a certeza de que a duqueza não tinha sahido de casa, decidio-se que a casa seria occupada militarmente em quanto a duqueza não fosse descoberta.

Dois *gendarmes* foram collocados na mansarda; o general Dermoncourt, commandante militar da cidade de Nantes, o seu secretario Rusconi e o prefeito, o sr. Mauricio Duval, tomaram posse do primeiro andar.

A duqueza de Berry e os seus companheiros, separados por um simples tabique d'aquelles que os procuravam, tinham assistido, invisiveis, ao conselho que estes tinham feito entre si, e ouviram com um verdadeiro desespero a determinação tomada.

Desde logo um calor insupportavel invadio o escondrijo. Os dois *gendarmes*, que tinham ficado de guarda no quar-

to, haviam procurado, para combater o frio que d'elles se ia senhoreando, accender lume com uns maços do periodico *Quotidienne* que tinham achado n'uma pequena meza, que estava perto da janella.

Os presos sustentaram-se ainda algum tempo; respiravam com o auxilio de uma pequena abertura, á qual cada um por sua vez vinha applicar a bocca; emfim não lhes foi possivel resistir mais tempo, o fogo tinha-se communicado em braza da corrediça da chaminé á fimbria do vestido de *Madama*.

Mademoiselle Stylite de Kersabiec foi a primeira que gritou:

— Vamos sahir, tirem o lume!

O espanto dos *gendarmes* foi grande: d'onde vinha esta voz?

Comtudo obedeceram, tiraram o lume para o quarto e a corrediça da chaminé abrio-se repellida por um pontapé dado pelo sr. Guibourg.

Cinco minutos depois, estariam os presos asphyxiados.

Foram, correndo, prevenir o general Dermoncourt, em quanto os presos sahiam arrastando-se por sobre o lar ardente.

Quando o general Dermoncourt entrou, já todos quatro estavam fóra do escondrijo.

Madama trazia um vestido de lã verde chamada napolitana; a parte inferior do vestido, como dissemos, estava inteiramente queimada.

Sobre o vestido tinha um avental de seda preta. Nas algibeiras do avental e do vestido, trazia treze mil e quinhentos francos em oiro, que se apresson a dar aos *gendarmes*.

Estava calçada com sapatos de ourellos.

Havia dezeseis horas que estava n'este escondrijo.

Quando avistou o general encaminhou-se para elle:

— General, exclamou ella, entrego-me á sua lealdade!

— *Madama*, respondeu o general, está sob a salvaguarda da honra franceza.

Dois dias depois embarcava n'um pequeno brigue de guerra, commandado pelo capitão Mollien.

Acompanhavam-na o sr. de Mesnars e *mademoiselle* de Kersabiec.

Levava n'um lenço d'algibeira tudo quanto possuia.

Ó rainha Maria Amelia! quão amargas foram as lagrimas que de certo derramastes quando soubestes que, insultada por um prefeito que se conservára diante d'ella com o chapéo na cabeça, vossa sobrinha, a nora de Carlos X, por sollicitação da qual vosso marido recebera o titulo de alteza real fôra assim conduzida á prisão para essa cidadella de Blaye, onde para ella se preparava a deshonra de um parto publico.

E assim mesmo, ainda devia haver para a duqueza doces momentos n'esta cidadella de Blaye, onde recebeu tantas provas de dedicação.

De Genova, o sr. de Chateaubriand escreveu-lhe:

« Senhora.

« Achar-me-ia bem temerario em importunal-a em tal occasião para lhe supplicar que me conceda um favor, derradeira ambição da minha vida: desejaria ardentemente ser por si escolhido no numero dos seus defensores.

« Não tenho nenhum titulo ao favor que sollicito ante as suas novas grandezas, porém ouso pedil-o em memoria de um principe de quem se dignou nomear-me historiador.

« Espero-o tambem como premio do sangue da minha familia. Meu irmão teve a gloria de morrer com seu illustre avô, o sr. de Malesherbes, defensor de Luiz XVI, no mesmo dia, á mesma hora, pela mesma causa e no mesmo cadafalso. »

Estes testemunhos de dedicação eram tanto mais preciosos para ella, por isso que acabavam de lhe tirar os seus dois bons amigos, o sr. de Mesnars e *mademoiselle* Stylite de Kersabiec, e substituindo-lh'os pelo sr. de Brissac e *madama* de Hautefort, ambos zelosos realistas, ambos servidores dedicados da princeza, porém que menos possuiam a sua intimidade do que aquelles de quem a tinham separado.

A prisão da duqueza de Berry produzio immensa sensação em Pariz e pôz no maior embaraço o governo que acabava de operar.

Com effeito, que faria o rei? Mandaria a princeza aos tribunaes? Chamaria sobre a sua cabeça, ré do mesmo crime, o mesmo castigo que fizera cahir sobre as cabeças republicanas?

Ou então cedendo a considerações de familia, a laços de parentesco, contentar-se-ia com fazer lançar impune sobre as costas da Italia a mulher que acabava de sublevar a Vendéa?

No caso de entregar a princeza a um processo publico, indispunha-se com todos os soberanos da Europa.

No caso de que a reenviasse sã e salva, expunha-se ás justas accusações não só do partido republicano, mas tambem do lado da camara.

Teve logar na camara uma sessão acalorada, que mais não produzio que um augmento de odio entre os partidos, ameaças entre os adversarios.

De repente chega ás Tuileries uma noticia telegraphica; foi a 17 de janeiro, de dia.

« Na noite de 16 para 17, dizia este boletim. a sr.ª duqueza de Berry foi atacada de vomitos.

« Julga-se que sua alteza real está gravida. »

Era um meio bem triste, um meio quasi vergonhoso de

sahir do embaraço em que se estava; mas emfim era um meio.

A noticia foi recebida com satisfação.

A 22 de janeiro, pela manhã, os periodicos ministeriaes annunciaram que os srs. Orfila e Auvity acabavam de partir para Blaye, onde eram chamados por um caso de medicina legal.

A commoção foi grande á leitura da terrivel rede.

Que caso era este de medicina legal de que iam tractar estes dois illustres interpretes da sciencia?

A 24 de janeiro os srs. Orfila e Auvity chegaram a Blaye, foram recebidos pela princeza, e declararam n'um relatorio feito de accordo com os srs. Cintrac e Berthe:

« Que a princeza, nascida de paes phthisicos, apresentava symptomas de uma affecção pulmonar, que era sujeita a inflammações de peito e de entranhas, que quasi sempre depois dos seus passeios pela praça, era accommettida por uma tossesinha secca, cujo caracter era assustador, que a sua saude reclamava sérias precauções, que se devia emfim sujeitar a não sahir senão pela hora do meio dia, subre tudo n'uma cidadella em que o frio era vivo e as cerrações causadas pela visinhança do rio eram espessas e insalubres. »

Não era esta a participação que o governo esperava; por isso foi immediatamente sepultada nos archivos do ministerio do interior, onde o sr. d'Argout acabava de substituir o sr. Thiers.

No entretanto, a celebre phrase dos periodicos ministeriaes: *para resolver um caso de medicina legal*, fazia o seu effeito. *O Corsario*, na sua qualidade de descobridor, julgou ser o primeiro que havia descoberto o mysterio que se occultava debaixo d'esta phrase, e deixou entrevér que este caso de medicina legal poderia muito bem ser uma gravidez.

No dia seguinte o sr. Eugenio Briffaut batia-se com um realista, e recebia uma bala no braço.

Dois dias depois, o *Corsario* reproduzia uma accusação mais affirmativa e recebia nova provocação.

Era máo meio de fazer calar o partido republicano, esta politica de intimidação, um partido que se distinguia sobre tudo por essa coragem insensata que o impellia para a frente.

Por isso, no mesmo dia, o *Nacional* e a *Tribuna* lançavam desdenhosamente a luva aos legitimistas.

Armand Carrel, que era sempre o primeiro que subia á brecha n'estes ataques, escrevia no *Nacional:*

« Parece que é chegado o momento de achar a famosa alliança carlo-republicana: não importa, digam os senhores cavalheiros serventees quantos são; saiba-se isso por uma vez e nunca mais se tracte d'isso; não iremos buscar os homens de meio termo para nos ajudarem. »

Ao mesmo tempo, Godefroy Cavaignac, Marrast e Garderin, em nome do partido republicano, dirigiam este desafio ao periodico *le Revenant* (o Espectro).

« Enviamos-vos uma primeira lista de doze pessoas: pedimos-vos não doze duellos simultaneos, porém doze duellos successivos, nos logares e com as fórmas que facilmente ajustaremos; nada de desculpas, nada de pretextos que não vos salvariam de uma covardia, e principalmente das consequencias que ella traz comsigo; entre o vosso partido e o nosso, está travada a guerra d'ora ávante; nada de mais tregoas em quanto um dos dois não ceder ante o outro. »

A 2 de fevereiro, teve logar o encontro entre os srs. Roux Laborie e Armand Carrel; sempre cavalheiresco até á

exaggeração, Armand Carrel não tinha querido ceder a prioridade a ninguem.

O combate durou mais de tres minutos; o sr. Roux Laborie recebeu duas leves feridas no braço, o sr. Armand Carrel uma ferida grave no lado direito.

A espada tinha-lhe atravessado o figado.

É difficil formar uma idéa da sensação que produzio este primeiro encontro; o sr. de Chateaubriand e o sr. Dupin encontraram-se á porta do ferido, indo ambos informar-se do seu estado.

Decidio-se que os encontros continuariam e reuniram-se para ajustarem o logar e armas.

CAPITULO XIII

Porém o governo, que havia talvez sentido certa alegria vendo os seus inimigos prestes a destruirem-se uns aos outros, ficou verdadeiramente aterrado com o effeito produzido pelo primeiro sangue derramado: tomou todas as medidas para se tornar senhor da situação: tiveram logar algumas prisões, e os republicanos e os realistas foram tão vigiados que os dois desafios ajustados ficaram de nenhum effeito, pela presença de *gendarmes* no sitio designado.

Emfim, a 26 de fevereiro, leu-se no *Moniteur* esta declaração, deposta pela sr.ª duqueza de Berry nas mãos do general Bugeaud, governador da cidadella de Blaye.

« Obrigada pelas circumstancias e pelas medidas ordena-

das pelo governo, posto que tivesse os mais graves motivos para conservar occulto o meu casamento, julgo dever por mim mesma, assim como por meus filhos, declarar terme casado secretamente durante a minha estada na Italia.

Maria Carolina. »

Esta declaração, que não era ainda o annuncio official da gravidez, mas que era uma preparação visivel para esse annuncio, consternou o partido legitimista, que não achou outro meio senão negar resolutamente que esta declaração fosse da duqueza de Berry.

Aquelles que mais larga concessão faziam ao governo de Luiz Philippe consentiam em reconhecer que esta declaração partia d'ella effectivamente, mas diziam que não a tinha assignado senão constrangida e forçada.

O governo decidio pois que, para impôr silencio aos mais incredulos, a duqueza de Berry reconhecida decididamente gravida, pariría publicamente, e que d'este parto se lavraria um auto.

Em consequencia d'isto, o sr. Deneux, o parteiro da duqueza, foi mandado a Blaye, onde chegou a 23 de março de 1833.

A difficuldade era obter da prisioneira o seu assentimento a este parto publico.

Duas coisas a retinham:

Primeiro a vergonha, o golpe mortal que esta vergonha dava no seu partido.

Depois, coisa custosa de dizer, o temor de que, tornada publica esta vergonha, lhe escapasse o premio d'ella, isto é, a liberdade.

N'este ponto o general Bugeaud fez diligencia por a tranquillisar; empenhou a sua palavra, á qual se sabia que nunca tinha faltado, e declarou que, se o rei não susten-

tasse a sua promessa, sustentaria elle a sua, abrindo-lhe as portas da cidadella, apoderando-se da corveta *Caprichosa*, e codnzindo-a de sua propria auctoridade á Sicilia...

Apesar d'esta promessa a duqueza recusando todas as medidas que lhe eram propostas, escreveu ao general a carta seguinte:

« Não posso deixar de lhe agradecer, general, os motivos que lhe dictaram as propostas que me submette : assim que as li, decidi-me a responder negativamente ; reflectindo depois, as minhas idéas não mudaram : decididamente não farei nenhum pedido ao governo; se elle julga dever pôr condições á minha liberdade, tão necessaria á minha saude totalmente arruinada, *que m'as faça conhecer por escripto*, se ellas forem compativeis com a minha dignidade, julgarei, em todo o caso, se posso acceital-as.

« Não posso, general, esquecer que tem em toda a occasião sabido casar o respeito e as attenções devidas ao infortunio, com os deveres que lhe eram impostos.

« Folgo muito de lhe testemunhar o meu reconhecimento.

Maria Carolina. »

Comprehende-se o motivo por que a prisioneira exigia que o governo lhe fizesse conhecer por escripto as condições que lhe impunha.

Resolveram então passar sem o consentimento da presa.

A 24 de abril, pela manhã, o general Bugeaud entrou no seu quarto : trazia na mão uma especie de auto de que lhe deu conhecimento ; tinha-se decidido que o parto seria publico.

As pessoas que a elle deviam assistir eram:

Primeiro o sub-prefeito de Blaye;

Depois o *maire*, um dos seus adjunctos, o procuradro

regio, o presidente do tribunal, o juiz de paz, o commandante da guarda nacional, e dois cirurgiões, os srs. Dubois e Menière.

Todas estas testemunhas deviam entrar no quarto da princeza aos primeiros gritos que ella soltasse; provariam a identidade da princeza, seriam consignadas as suas respostas, assim como o seu silencio; no caso de que ella gritasse durante o parto, tomariam nota dos seus gritos; nem os vagidos da creança, a que se concedia importancia, deviam deixar de ser mencionados no auto; além d'isso, as testemunhas visitariam o quarto, os gabinetes, os armarios, as secretárias, as gavetas das commodas, e até o leito da princeza, para se certificarem de que não existia em casa nenhuma creança recem-nascida.

A esta longa enumeração, cada palavra fazia subir novo rubor ao rosto da princeza, a qual ficou quasi impassivel, porém quando o general acrescentou que dois guardas seriam collocados na sala que pegava com o quarto de dormir da princeza, o qual ficaria aberto, a duqueza não se pôde conter, exclamando:

— Oh! senhor, é de mais! Retire-se!

E da sala em que se achava, correndo para o seu quarto, fechou a porta com violencia.

Dez minutos depois a princeza mettia-se na cama com as faces roxeadas, os labios contrahidos e todo o corpo agitado pela febre.

Quasi um dia inteiro, a creança cessou de se mover, julgaram-na morta.

Fallaram muito dos soffrimentos de Maria Antonetta no Templo; só disputava a sua vida; Maria Carolina em Blaye disputava a sua honra.

Qual d'ellas soffria mais, Maria Antonieta ou Maria Carolina?

Depois de tres dias de doença a presa vencida começou a parlamentar.

Fez-se uma convenção debaixo d'estas bases, em que a duqueza de Berry consentio:

1.º Em mandar prevenir o general Bugeaud, assim que sentisse dores;

2.º Em responder affirmativamente a esta pergunta que lhe fosse dirigida: É a duqueza de Berry?

3.º Finalmente, se as pessoas que deviam estar presentes ao parto na qualidade de testemunhas só chegassem depois do parto, em as receber quando o sr. Leneux o julgasse conveniente.

Em replica a estas concessões o general promettia em nome do governo:

1.º Que o sr. Dubois, a quem a duqueza de Berry não podia vêr, não entraria, sob qualquer pretexto, no quarto d'ella;

2.º Que a poriam em liberdade assim que o sr. Deneux a julgasse em estado de supportar a viagem;

3.º Que esta promessa seria deliberada em conselho, feita e assignada por cinco ministros ao menos;

4.º Que o original ou uma copia, assignada pelos ministros, seria entregue ao general que a conservaria em seu poder;

5.º Que finalmente, a propria presa teria uma copia authenticada d'esta promessa.

Esta ultima clausula, em que a duqueza *absolutamente* insistia, esteve quasi produzindo o rompimento das negociações que se faziam pelo telegrapho; foram emfim acceitas de parte a parte, e podéram finalmente dormir tranquillos nas Tuileries.

A duquêza de Berry, regente de França, acabava de abdicar em Blaye, de uma maneira muito mais absoluta do que tinha feito Carlos X em Rambouillet.

Este tractado, no que dizia respeito a *Madama*, devia ter a sua execução na noite de 9 de maio.

A 9 de maio, ás tres horas da manhã, *madama* sentio as primeiras dores e soltou os primeiros gritos.

Ninguem julgava o acontecimento tão proximo, pelo que foram apanhados desprevenidos.

Os srs. Deneux e Menière dormiam na sala, transformada por elles em quarto de cama, quando o seu ministerio se tornasse urgente.

De repente, abrio-se a porta, e *madama* Hansler, que dormia ao pé da princeza, entrou gritando: venha, venha, sr. Deneux, *madama* está com as dores.

O sr. Deneux correu para o quarto da duqueza, ao mesmo tempo que o sr. Menière foi correndo acordar o general.

O general ordenou logo que se désse signal para chamar as testemunhas.

O signal consistia em tres tiros de peça.

Agora deixemos fallar o auto: não ha nada, ás vezes, mais eloquentemente terrivel do que a fria rigidez de uma peça official.

É uma historia que pelo menos tem a triste vantagem de ser irrecusavel.

Auto do parto da duqueza de Berry.

« No anno de mil oitocentos trinta e tres, aos dez dias de de maio, pelas tres horas e meia da manhã:

« Nós abaixo assignados: Thomaz Roberto Bugeaud, membro da camara dos deputados, marechal de campo, commandante superior de Blaye;

« Antonio Dubois, professor honorario da faculdade de medicina de Pariz;

« Carlos Francisco Marchand Dubreuil, sub-prefeito do districto de Blaye;

« Daniel Théotime Pastoureau, presidente do tribunal de primeira instancia de Blaye;

« Pedro Nadaud, procurador regio junto ao mesmo tribunal;

« Guilherme Bellon, presidente do tribunal de commercio, adjuncto ao *maire* de Blaye;

« Carlos Bordes, commandante da guarda nacional de Blaye;

« Elias Descrambres, cura de Blaye;

« Pedro Camillo Delord, commandante da praça de Blaye;

« Claudio Olivier Dufresne, commissario civil do governo da cidadella;

« Testemunhas chamadas a pedido do marechal Bugeaud, afim de assistirem ao parto de sua alteza real, Maria Carolina, princeza das Duas Sicilias, duqueza de Berry.

« O sr. Merlet, *maire* de Blaye, e o sr. Réguier, juiz de paz, testemunhas egualmente designadas, achando-se momentaneamente no campo, não poderam ser prevenidos a tempo.

« Fomos transportados para a cidadella de Blaye e para a casa habitada por sua alteza real, e fomos introduzidos n'uma sala que precede o quarto em que a princeza se achava deitada.

« O sr. doutor Dubois, o sr. general Bugeaud e o sr. Delord, commandante, estavam na sala desde as primeiras dores.

« Declararam ás outras testemunhas que a sr.ª duqueza de Berry acabava de dar á luz uma creança pelas tres horas e vinte minutos, depois de curtissimas dores; que tinham presenciado o parto sendo a parturiente assistida pelos srs.

doutores Deneux e Menière e tendo o sr. Dubois estado no quarto até á sahida da creança.

« O sr. general entrou e perguntou á duqueza se queria receber as testemunhas.

« Ella respondeu: sim, logo que a creança esteja lavada e vestida.

« Alguns minutos depois M.ma d'Hautefort apresentou-se na sala convidando, da parte da duqueza, as testemunhas a entrar, e immediatamente entrámos;

« Achámos a duqueza de Berry deitada na cama, com uma creança recemnascida á sua esquerda. Ao pé do leito estavam assentadas M.ma d'Hautefort e M.ma Hansler.

« Os srs. Deneux e Menière estavam em pé á cabeceira do leito.

« O sr. presidente Pastoureau approximou-se da princeza e dirigio-lhe em voz alta as perguntas seguintes:

« — É á senhora duqueza de Berry que tenho a honra de fallar?

« — Sim.

« — É realmente a sr.ª duqueza de Berry.

« — Sim, senhor.

« — A creança recemnascida que está ao pé de si é sua?

« — Sim, senhor.

« — De que sexo é?

« — Do sexo feminino. Já tinha encarregado o sr. Deneux de o declarar.

« E immediatamente, Luiz Carlos Deneux, doutor em medicina, ex-professor de clinica de partos, da faculdade de Pariz, membro da academia real de medicina, fez a seguinte declaração:

« — Acabo de partejar a sr.ª duqueza de Berry, que aqui está presente, esposa em legitimo consorcio do conde Heitor Lucchesi Palli, irmão dos principes de Campo Franco,

gentil-homem da camara do rei das Duas Sicilias, domiciliado em Palermo.

« O sr. conde de Brissac, a sr.ª condessa d'Hautefort, interpelados por nós sobre se assignariam o auto de que eram testemunhas, responderam que tinham vindo prestar os seus serviços á duqueza de Berry, como amigos, mas não para assignarem um auto qualquer.

« De tudo isto assignámos o presente auto em triplicado, um dos quaes foi, na nossa presença, depositado nos archivos da cidadella; os outros dois foram entregues ao sr. general Bugeaud, governador a quem encaregámos de os dirigir ao governo. e assignamos, depois de lido, no dia, mez e anno, como acima;

(Assignados) *Deneux*, *A. Dubois*, *P. Menière D. M. R. Bugeaud*, *Descrambes*, *cura de Blaye*, *Marchand*, *Dubeuil*, *Bellon*, *Pastoureau*, *Nadaud*, *Bondes*, *Delord e O. Dufresne.* »

Que differença entre este parto de 10 de maio de 1833, na cidadella de Blaye, e o de 22 de setembro de 1820 no palacio das Tuileries!

O parto da duqueza de Berry foi annunciado ao governo pelo telegrapho.

Tinha pressa de saber tão boa nova.

O governo sustentou fielmente a sua palavra: nenhum dos partidos oppostos ao partido carlista, por mais cruel e encarniçado que fosse, teve animo para pedir que lhe fosse applicada outra punição além da que seu tio lhe infligia.

A 8 de junho, Maria Carolina sahia da sua prisão; um barco a vapor, que estava ancorado diante da cidadella, devia conduzil-a á corveta *Agatha*, que a aguardava na bahia de Richard.

Algumas pessoas esperavam a princeza a bordo do vapor: eram o marquez e a marqueza de Dampierre, a princeza de

Baufremont, o marquez de Barbansoir, o visconde de Menars, o conde Luiz de Calvimont e o abbade Sabattier, que recentemente tinha sido nomeado esmoler da princeza.

Ás nove horas e um quarto, a duqueza transpoz o limiar da prisão; juncto d'ella vinha a ama, que trazia ao collo a princeza Anna Maria Rosalia, que, nascida n'uma prisão, devia apenas deixal-a para se deitar n'um tumulo.

Atraz da duqueza e da ama seguiam-se os srs. de Menars, M.[ma] d'Hautefort, o sr. Deneux, o sr. de Saint-Arnaud, ajudante de campo do general, *mademoiselle* Le Beschu e M.[ma] Hansler.

Ás dez horas menos um quarto, a princeza estava a bordo do vapor que, ás dez horas, levantava ferro e se fazia ao largo.

Pela uma hora, fez-se a passagem para a *Agatha*, sem accidente, e *madama* ficou a bordo da corveta só com as pessoas que a deviam acompanhar até Palermo.

Eram o sr. de Menars, o principe e a princeza de Beaufremont, o sr. Deneux, o sr. Menière, o general Bugeaud e o seu ajudante de campo.

Mademoiselle Le Beschu e M.[ma] Hansler iam empregadas no serviço da princeza.

A 9 de junho, a *Agatha* fazia-se de vela para Palermo, onde lançou ferro depois de uma feliz viagem.

Assim terminou esta tentativa de revolta, fatal ao partido vencido, mas mais fatal para o partido vencedor.

CAPITULO XIV

Ás tentativas de revolta seguiram-se as de assassinato.

Póde julgar-se, pelos assassinatos politicos, a que gráo é chegada a civilisação de um povo.

Nas sociedades primitivas, nas nações que se constituem, o assassinato existe na familia; é filho que quer succeder ao pae, o irmão ao irmão, a mulher ao marido; assim morreram Paulo I, Pedro III e Pedro I.

Nas sociedades chegadas ao segundo gráo da civilisação, o assassinio desce um degráo e passa da familia para a aristocracia: o que o veneno, o punhal ou a pistola vem consagrar não é a successão do filho ao pae, do irmão ao irmão, da mulher ao marido, mas sim a substituição no poder de uma raça por outra raça; assim pereceram Carlos XII e Gustavo IV.

Nas sociedades chegadas ao terceiro gráo o assassinato desce até ao povo: é a destruição pura e simples da realeza, é a negação da monarchia; assim morreram, entre nós, Henrique III, Henrique IV, mortos por Jacques Clemente e Ravaillac; assim esteve a ponto de morrer Luiz XV, assassinado por Damião.

As differentes tentativas de assassinato feitas sobre Luiz Philippe tiveram por fim a destruição não só do rei, mas da realeza, era um só e unico principio operando pelas mãos de diversos assassinos. Fieschi, Alibaud, Mercier, Lecomte são os continuadores de Louvel.

O primeiro assassinato tentado sobre Luiz Philippe foi aquelle que tomou logar na historia, sob o nome de assassinato de Pont-Royal ou do tiro de pistola.

N'esta tentativa não houve coisa séria, e ninguem lhe prestou grande attenção.

Uma rapariga, chamada Bury, representou n'ella um papel que muitas pessoas julgaram mais do dominio do romance do que do da historia.

Os srs. Bergeron e Benedicto foram mettidos em processo e absolvidos.

Foi real o attentado, ou o poder, como houve quem o accusasse, representou n'este caso o papel que o franciscano Chabot queria fazer representar a Grangeneuve?

A unica differença seria ter dito Chabot a Grangeneuve: « Mata-me! » e o poder ter talvez dito ao autor desconhecido do attentado de 19 de novembro: « Erra-me! »

Seguío-se a campanha da Belgica e o cerco d'Anvers, campanha singular em que a França fez guerra contra si mesma, cerco em que o principe real se estreou de uma maneira tão gloriosa na carreira das armas.

No entretanto a irritação ia augmentando: um dia, a *Tribuna* accusou o governo de querer cercar Pariz de fortificações; porém, ao contrario das fortificações ordinarias, estas seriam destinadas, como as de Gand, não a defender a cidade, mas a comprimil-a.

Havia muito que o governo tinha adoptado o systema fatal de chamar a imprensa aos tribunaes.

Não se arruinam os periodicos por meio de mulctas; exasperam-se os homens com a prisão.

Toda a camara se levantou contra a *Tribuna;* duzentos e cinco votos contra noventa e dois decidiram que a *Tribuna* fosse citada perante a camara; e o administrador do periodico, o sr. Lionne, a quem davam, como a Carlos I,

um parlamento por juiz, foi condemnado a tres annos de prisão e a dez mil francos de mulcta.

Seguia-se d'ahi em diante um duello entre a imprensa e a camara.

A *Tribuna* offendida, replicou, e d'esta vez profundou o negocio.

Havia na camara cento e vinte e dois deputados funccionarios publicos; estes cento e vinte e dois deputados recebiam entre si dois milhões de ordenados por empregos que não serviam; por exemplo, um d'elles, o sr. Destournnel, deputado do Norte, era ministro na Colombia.

Existia sobre o ferro um imposto de tres milhões trezentos e oitenta mil francos; a *Tribuna* affirmou que este imposto teria sido abolido se vinte e seis deputados ministeriaes não tivessem interesse em que fosse sustentado.

A *Tribuna* sustentou tambem que, havia muito, a lista civil devia ao thesoiro uma somma de tres milhões quinhentos tres mil seiscentos e sete francos, e emprazou o ministro para que fizesse entrar esta somma nos cofres do Estado.

Emfim provou este facto singular que, não só com desprezo das leis francezas, Luiz Philippe, subindo ao throno, fizera doação dos seus bens a seus filhos, coisa que não tinha direito para fazer, mas tambem que o registro d'esta doação, registro pagavel adiantado nos termos da lei, não se achava ainda integralmente pago ao cabo de tres annos.

Espalhou-se depois repentinamente o boato de que no palacio Laffitte, os transeuntes podiam ler um annuncio que continha estas palavras: *Vende-se este palacio.*

O golpe dado por Luiz Philippe no seu amigo, no homem que o fizera rei, fôra bem mortal; a venda da floresta de Bréteuil, conhecida pelo registro, cortára pela raiz o credito do sr. Laffitte: o sr. Laffitte estava arruinado.

Abrio-se uma subscripção nacional para se comprar esse palacio, onde se havia, não feito, mas desenvolvido a revolução de 1830.

Notou-se que a côrte não subscreveu.

Era todavia bella occasião para empregar um milhão ; e digamos mais, teria sido um milhão que produziria bons interesses.

N'este meio tempo, promulgou-se uma lei que fazia bem realçar a situação bastarda d'esta monarchia que, nascida de uma revolução, renegava sua mãe.

A lei de 19 de janeiro de 1816, relativa ao anniversario *do dia funesto e para sempre deploravel* de 21 de janeiro de 1793, foi abolida.

Se o anniversario de 21 de janeiro era *um dia funesto e para sempre deploravel*, para que se abolia a lei que fazia d'este dia um dia de lucto?

Tudo isto lançava nos animos uma desconfiança amarga; aquelles mesmos que defendiam em voz alta a marcha do governo, inquietavam-se lá comsigo do assustador declivio do caminho por onde se ia escorregando; o rei julgou que era mister dar um golpe mestre para conquistar a sua popularidade, e a 29 de julho de 1833, olvidando a carta que tinha escripto a Luiz XVIII em 1814, e em que se liam estas palavras:

« Os meus desejos, pelo menos, apressam a queda de Bonaparte, que aborreço tanto quanto desprezo. »

O rei ordenou que a estatua do homem odiado e desprezado por elle reapparecesse no alto da columna da praça Vendôme.

Depois, ainda fez mais; sentindo a sua popularidade cahir mais e mais, mandou o seu proprio filho buscar a Sancta Helena os ossos d'esse homem, que já por elle não era abor-

recido nem odiado, depois que conhecera quanta popularidade se podia fazer suar do seu cadaver.

Voltemos a essa inquietação que agitava a sociedade, e que parecia sustentada de preposito pelas reacções do governo e pelas violencias da policia.

Era o sr. Gisquet quem n'esta epocha tinha o ministerio da rua de Jerusalem; achou engenhoso estender ás brochuras a obrigação do sello.

Era um negocio de monta a applicação do sello nas brochuras, cuja venda no dia chegava ás vezes a cincoenta mil.

Como não havia lei que sujeitasse ao sello estas brochuras, o periodico *Bon Sens* que, de per sí só, espalhava mais de tres quartas partes d'aquellas que se vendiam, o periodico *Bon Sens* continuou a imprimir as suas brochuras e os vendedores ambulantes continuaram a vendel-as.

Prenderam os vendedores.

Os periodicos conduziram os agentes da auctoridade perante os tribunaes, e foram condemnados.

A policia nem por isso deixou de continuar as suas prisões.

Então o sr. Rodde, que com Cauchois Lemaire redigia o *Bon Sens*, resolveu dirigir um desafio directo á policia: o sr. Rodde escreveu a todos os periodicos, a 5 de outubro de 1833, que no domingo seguinte, elle proprio iria distribuir as brochuras patrioticas do *Bon Sens;* a distribuição devia ter logar na praça da Bolsa.

Se a policia tentasse prendel-o, defender-se-ia até á morte.

Cumpre dizer que parte da população pariziense concorreu ao local designado. O sr. Rodde devia apparecer ás duas horas; pelo meio dia já a praça da Bolsa estava cheia, e as janellas estavam atulhadas de espectadores, como nos camarotes superpostos de um immenso circo.

Ás duas horas ouvio-se um grande rumor entre a multidão; era o sr. Rodde que acabava de entrar na liça.

Trajava como os vendedores ambulantes, isto é, *bluza* côr de amarantho e chapéo d'oleado com esta inscripção:

Publicações patrioticas.

Da caixa que trazia pendurada ao lado, e em que vinham as brochuras, sahiam as coronhas de duas pistolas.

Alevantou-se um grande grito: *Viva Rodde! viva* o *defensor da liberdade! respeito á lei!*

A policia recuou diante d'esta vigorosa demonstração, como já tinha recuado diante do manifesto de Carrel, e o sr. Rodde entrou em sua casa sem ter sido incommodado.

Resultava d'estas differentes derrotas do governo uma viva irritação, e a promessa que entre si faziam os chefes do poder de tomarem a sua desforra na primeira occasião que se apresentasse.

CAPITULO XV

Esta primeira occasião não se fez esperar; segunda revolta rebentou em Lyão, porém foi comprimida pelo sr. de Gasparin e pelo general Aymar.

A *Tribuna* então imprimio esta noticia:

« A Republica e um governo provisorio são proclamados em Lyão; a insurreição estende-se por toda a parte: Saint-Étienne manda dez mil operarios armados; em Dijon, apo-

deraram-se da correspondencia official, em Béfort um regimento proclamou a Republica. »

No dia seguinte, 13 de abril, estava affixado na porta Saint-Martin o seguinte pasquim :

« Quebrou-se emfim essa mui longa cadêa de tyrannias humilhantes, de perfidias infames, de traições criminosas; os nossos irmãos de Lyão comprehenderam quão ephemera é a força brutal dos tyrannos contra o patriotismo republicano. O que estes mutuellistas começaram com tanto successo, os vencedores de julho hesitariam em o acabar? Deixariam escapar uma occasião tão bella de reconquistar essa liberdade querida, pela qual o sangue francez por tanto tempo tem corrido? Cidadãos, tantos e tão generosos sacrificios não se tornarão infructuosos por uma covardia indigna. *Ás armas! ás armas!* »

N'esta epocha de exasperação mutua, em que se respirava, por assim dizer, o odio com uma atmosphera carregada de paixões, mais não era preciso para produzir uma collisão.

De feito, uma hora depois de postos estes pasquins, um bando de homens armados se dirigio para o *boulevard* Saint-Martin, quebrou os candieiros, descalçou as ruas, e construio barricadas.

Á mesma hora, um movimento egual se manifestava nas ruas Grénier-Saint-Lazare, Beaubourg, Transnonain, e Michel-Lecomte.

Este movimento vinha de longe: nascido na Saboya, partira de Genova, chegára á Italia, e comprimido por Carlos Alberto, o rei carbonario, voltava por Lyão a Pariz.

Eram o Vesuvio e o Etna, com os seus mysteriosos ca-

naes, com os seus fogos subterraneos e crateras abertas de repente.

A insurreição foi comprimida em Lyão e em Pariz, mas de que maneira e por que meios!

Lede alguns dos certificados passados em Lyão, depois vos mostraremos alguns depoimentos feitos em Pariz.

Estes certificados, compilados pelo sr. Charnier, simples particular que, sem dar por isso, fazia historia, são por nós copiados da *Historia Dos dez Annos*, sem nada lhes mudarmos do estylo, nem da orthographia:

« No primeiro dia do mez de maio de mil e oitocentos trinta e quatro, nós abaixo assignados Bonnavanture Gallant, estanceiro na estrada real de Pariz, e Barthelemy Duperas, proprietario, fabricante negociante, na rua Projetée n.º 8, e Honorato e Picotin, mercador de vinho na estrada velha de Pariz, tambem proprietario, taberneiro, na rua Projetée, n.º 9, attestamos em testemunho da verdade, que Maria Grisot, mulher de Luiz Saugnier, fabricante de caças, morador em Vaise, na rua Projetée n.º 14. Tendo a sobredita fugido do seu domicilio para se refugiar em casa do sr. Coquet, serralheiro, morador na estrada do Bourbonnais, onde se julgou em mais segurança, por estar mais affastada do arrabalde, foi arcabuzada, sem que por fórma alguma tivesse dado causa a similhante tractamento: deixou seu esposo, homem de uma probidade intacta, pae de quatro filhos, dos quaes tres são de menor edade, em fé do que lhe passámos o presente, que assignamos para valer onde de direiro fôr.

« Em Vaise no 1.º de maio de 1834.

Picotin, Duperay, Charnier, Galland. »

« Visto na *mairie* de Vaise, no 1.º de maio de 1834. para legalisação das assignaturas supra, em numero de 4.

O Maire — Erhard, adjuncto. »

« Nós abaixo assignados, todos habitantes da communa de Vaise, attestamos, em testemunho da verdade, que o chamado Claudio Sève, ancião de setenta annos, morador em casa de sua filha, chamada Maria Sève, lavadeira, estrada do Bourbonnais e rua Projetée, na casa Bourdillon, no segundo andar, foi, aos 12 de abril de 1834, arcabuzado e traspassado ás bayonetadas na cama, e atirado depois pela janella fóra, pelos soldados do 28.º regimento de linha.

« Acrescentemos que quebraram, despedaçaram e atiraram pela janella toda a roupa e mobilia de sua filha, que n'este momento se achava ausente.

« Em fé do que assignamos o presente para servir se preciso fôr.

« Vaise. 28 de abril de 1834.

Cimetier, *Simonaud*, *Benoit*, *Novel*, *Charnier*, *Plagne*, *Antonio Verne*.

O maire,

Erhard, adjuncto.»

« Nós abaixo assignados, attestamos que o sr. Francisco Lauvergnat Cadet, fabricante de seda, morador em Vaise, na rua de Projetée, foi arrancado do domicilio do sr. Vèron fabricante de cobertores, seu visinho (onde estava socegado e inoffensivo), por soldados do 15.º regimento ligeiro, para ser arcabuzado, sem que lhe fosse possivel fazer ouvir a menor explicação, que nenhuma duvida teria deixado na sua justificação. Em fé do que assignamos o presente para servir á sua viuva.

« Vaise, arrabalde de Lyão, 29 de abril de 1834.

J. Pelugaud, *Damet*, *Golland*, *Berthaud*. »

« Visto na *mairie* de Vaise a 30 de abril de 1834, para

reconhecimento das asignaturas supra, em numero de quatro,

O maire.

Erhard, adjuncto. »

« Nós abaixo assignado, attestamos que o sr. Estevão Juliano, de profissão fabricante de seda, morador em Vaise, na rua Projetée, na casa Magny, n.° 7, foi arrancado do seu domicilio, onde estava socegado e inoffensivo, por soldados do 28.° e d'outros regimentos para ser arcabuzado, o que vimos executar no mesmo instante, sem que lhe fosse possivel fazer ouvir a menor explicação, que teria sido sincera e justificativa o mais possivel. Em fé do que assignamos a presente, a 26 de abril de 1834.

Tridon Escoffier. »

« Nós abaixo assignado, habitante da comuna de Vaise, attestamos que o sr. Benedicto Hérault, da profissão de pedreiro, morador em Vaise, na rua Projetée, casa Magny, n.° 7, foi arrancado do seu domicilio, onde estava socegado e inoffensivo, por soldados do 28.° de linha e de outros regimentos, sem que lhe fosse possivel fazer ouvir a menor explicação que teria sido sincera e justificativa. Além d'isto, os soldados quebraram-lhe toda a louça e o armario.

« Deixou sua mulher gravida e dois filhinhos. o mais velho dos quaes apenas tem cinco annos; esta pobre familia, em consequencia d'este acontecimento, acha-se reduzida á maior misesia, se não houver quem a soccorra. Em fé do que, e em testemunho da verdade, assignamos o presente.

« Vaise, 28 de abril de 1834.

Antonio Verne Charnier. »

« Visto na *mairie* de Vaise, em 29 de abril de 1734, para reconhecimento das assignaturas supra, em numero de duas.

O maire de Vaise.

Erhard, adjuncto. »

« Nós abaixo assignados, todos habitantes da communa de Vaise, attestamos, em testemunho da verdade, que José Nandry, segeiro, morador em Vaise, na estrada de Bourbonnais, na casa de Guilherme Laroche, estalajadeiro, foi a 12 de abril de 1834 arrancado do seu domicilio, onde estava socegado e de uma maneira inoffensiva, por soldados do 28.º regimento de linha, que o arrancaram dos braços de sua mulher e o arcabuzaram á porta do seu domicilio, sem que elle podesse prestar a sua justificação, deixando um filho de dois annos e uma viuva sem recursos, tendo-lhe quebrado a mobilia e roubado a roupa; em fé do que assignamos o presente para servir se preciso fôr.

« Vaise, 28 de abril de 1834.

Laroche, *Bento*, *Noel-Martin*, *Simonand*, *Barcel*. »

« Visto na *mairie* de Vaise, em 28 de abril de 1834, para reconhecimento das assignaturas supra, em numero de cinco.

O Maire.

Erhard, adjuncto. »

« Nós abaixo assignados, attestamos que Pedro Véron-Lacroix, de edade de 27 annos, morador em Vaise, na casa Magni, rua Projetée, n.º 7, foi arrancado do seu domicilio, onde estava socegado e inoffensivo, por soldados de differentes corpos, para ser arcabuzado, sem que lhe fosse possivel fazer

ouvir a menor explicação, que teria sido sincera e mais que justificativa, em fé do que assignamos o presente.

Vaise, 27 de abril de 1834.

Antonio Verne, Planche.

J. Pelugaud, Duperay »

« Reconheço os signaes supra.

Rossignol filho, adjuncto. »

O assassinio d'este ultimo torna-se ainda mais terrivel pelos detalhes de que foi acercado.

Quando os soldados se apresentaram em casa do desgraçado Véron, elle fel-os assentar á meza; estes beberam e comeram e depois d'esta refeição, conduziram-no ao seu official, que o mandou arcabuzar, como vimos, sem mesmo lhe dar tempo de mostrar a sua baixa.

O pae do desgraçado Lauvergnat dirigio ao rei uma petição que, bem entendido, ficou sem resposta.

Eil-a:

« *Sire*, o reinado da justiça é o dos grandes reis. Eleito da nação, rei das barricadas, peço-vos justiça em nome do meu infeliz filho, peço-a, em nome de cem pessoas victimas, como elle, da mais criminosa atrocidade.

« No sabbado 12 de abril, do meio dia para a uma hora, meu filho veio buscar algum dinheiro, e dispunha-se a ir ter com sua mãe e com meu filho mais velho que tinham partido para a aldêa de Écally.

« Alguns visinhos e amigos demoram-no, perguntando-lhe onde ia. Entrou um momento em casa dos srs. Véron e Nérard, na rua Projetée, n.° 7, onde se achava um outro amigo, o sr. Prost; estes senhores estavam acompanhados de suas esposas.

Durante este tempo entraram as tropas em Vaise; tornaram-se immediatamente senhoras de todas as sahidas da communa, então os soldados do 28.º de linha, do 13.º ligeiro, e dos sapadores arrombaram as portas e penetraram nas casas.

« Meu filho, Véron e Prost, levaram muitas bayonetadas e tiros; expiraram nos corredores e no fundo da escada, o sr. Nérard, salvou-se, como por milagre; no mesmo instante morreram na visinhaça immensas pessoas inoffensivas.

« O sr. Loquet, mestre serralheiro, morador na estrada Tarare, n.º 7, foi morto em sua casa com a sr.ª Saunier; era um velho de sessenta e dois annos.

« Vaise, arrabalde de Lyão, 12 de maio de 1834.

Lauvergnat, fabricante de cobertores. »

Uma outra petição foi dirigida pelos proprietarios lyonnezes ao rei da grande propriedade, e a esta fez-se justiça; é verdade que n'ella se lia esta phrase que resume uma epocha inteira:

« O governo não quererá que o triumpho da ordem custe lagrimas e pezares. Sabe que o tempo, que insensivelmente vae apagando a dôr que causam as *perdas pessoaes*, não póde comtudo fazer esquecer *as perdas da fortuna*, as devastações materiaes.

« O rei foi d'esta opinião; a morte da princeza Maria e do duque d'Orleans puniram o pae. »

CAPITULO XVI

Em Pariz a carnificina não foi menos terrivel. Depois de terem destruido as barricadas da porta Saint-Martin e dispersado os seus defensores, as forças militares concentraramse nas ruas Beaubourg, Transnonain, Grénier, Saint-Lazare e Michel-le-Comte.

As barricadas que obstruiam estas ruas foram tomadas depois de vigorosa resistencia; em seguida começou a carnificina.

A carnificina deu logar a um inquerito judicial, que nos não atrevemos a comentar, citalmol-o apenas.

M.^ma^ d'Aubigny foi introduzida; depois das formalidades do costume:

« — Conte o que vio, disse o presidente.

M.^ma^ d'Aubigny. « — Pelas cinco horas chegou a tropa, vindo pela rua de Motmorency: fez um fogo bem sustentado e apoderou-se da barricada.

« Pouco depois veio um pelotão de caçadores pela rua Transnonain, com sapadores na frente; procuravam despedaçar a porta da nossa casa que é de uma extrema solidez.

« — É a linha! exclamaram em casa; ahi vem os nossos libertadores, estamos salvos!

« O sr. Guitard, meu marido e eu, corremos então a abrir a porta: descemos a escada n'um instante. Mais lesta do que estes dois senhores, corro ao cubiculo da porteira

e puxo a corda; a porta abre-se; os soldados correm para o pateo, fazem meia volta á direita, dão pancadas em meu marido e no sr. Guitard.

«No momento em que estes chegam ao ultimo degráo da escada, cahem sob uma saraivada de balas; a explosão é tal que os vidros da casinha da porteira voam em pedaços. Tive então um momento de vertigem, que me não largou senão para me deixar vêr o corpo inanimado de meu marido, estendido ao pé do sr. Guitard, cuja cabeça estava quasi separada do corpo pelos numerosos tiros que o tinham alcançado.

«Alguns soldados, com um official á frente, subiram ao segundo andar com a rapidez do raio; a primeira porta cedeu aos seus esforços, ainda resiste uma outra com vidraças, apresenta-se um ancião, que a abre: era o sr. Bréffort pae, que disse, dirigindo-se ao official:

«—Somos homens socegados e sem armas, não nos assassinem!

«Ainda não tinha acabado, quando cahio com tres bayonetadas. Grita, chama por soccorro.

«—Maroto! lhe diz o official, se te não calas, mando-te acabar!

«Aos gritos do sr. Bréffort, Anna Brenon corre de um quarto immediato para o soccorrer, porém um soldado volta-se de repente, enterra-lhe a bayoneta por baixo dos queixos, e n'esta posição, dá-lhe um tiro, cuja explosão lhe arremessa os fragmentos da cabeça contra a parede. Um mancebo a seguia, o sr. Henrique Larivière; deram-lhe um tiro tão proximo que em quanto a bala lhe penetra no fundo dos pulmões, pega-lhe fogo no fato; porém, como apenas está mortalmente ferido, o soldado enfurece-se, e com uma bayonetada divide-lhe transversalmente a pelle da fronte e põe-lhe o craneo a descoberto; ao mesmo tempo é ferido

em vinte partes differentes do corpo. O quarto era um lago de sangue.

« O sr. Bréffort, que apesar das suas feridas tivera força para se refugiar na alcova, era perseguido pelos soldados; M.^ma^ Bonneville cobria-a com o seu corpo, e com os pés mettidos no sangue e as mãos levantadas para o céo, bradava:

« — Toda a minha familia está estendida aos seus pés; não ha mais ninguem para matar, ninguem, só eu!

« Immediatamente cinco bayonetadas lhe furaram os braços e despedaçaram as mãos.

« No quarto andar, os soldados que acabavam de matar o sr. Lepine e o sr. de Ropiquet, diziam a suas mulheres:

« — Minhas pobres senhoras! são bem para lastimar, assim como seus maridos, mas somos mandados, somos forçados a obedecer ás ordens: somos tão infelizes como as senhoras. »

Então quem foi que deu estas ordens terriveis?

Talvez que se julgue que M.^me^ d'Aubigny empregou exaggeração, *poesia*, como diziam os juizes, *enthusiasmo*, como diziam os cortezãos.

« Escutemos outra testemunha:

Anna Vachée. Ás dez horas e meia da noite, Luiz Bréffort veio deitar-se ao pé de mim. A nossa noite foi agitada. Ás cinco horas da manhã, o sr. de Larivière, que tinha passado a noite no segundo andar, em casa do sr. Bréffort pae, subio a dar-nos os bons dias. Disse-nos que tinha dormido muito mal e ouvido gritar toda a noite.

De baixo uma voz chamou Luiz; era seu pae. O sr. Larivière desceu e disse que não tardava. Luiz estava para se vestir; eu mesma, mal me tinha acabado de vestir, quando, ouvindo grande motim na escada, a curiosidade me attrahio para o quarto andar.

« — Onde vae? me bradaram os soldados.

« Assustada, não tive força para responder.

« — Abre o chale, grita um d'elles.

« Abro o chale; dão-me um tiro e erram-me; então fujo.

« — Pára! me dizem novamente, e atiram segundo tiro; solto um grito agudo e chego com custo á porta de Luiz.

« — Estás ferida? me pergunta elle fechando a porta sobre mim.

« — Julgo que não; desfecharam sobre mim de tão perto, que me não teriam errado; penso que não teem balas nas espingardas; teem polvora só.

« — Como polvora só, se tens o chale furado em muitos sitios.

« — Ah! meu Deus, vão-nos matar! Luiz! Luiz! escondamo-nos; olha, olha, vamos fazer a diligencia de subir para o telhado; nós nos ajudaremos um ao outro.

« Descansa, disse Luiz, não se mata assim; vou já fallar-lhes.

« Já os soldados batiam á porta.

« Luiz abre-lh'a.

« — Senhores, exclama elle, que querem? não nos matem; estou com minha mulher; acabamos de nos levantar; deem busca á casa e verão que não sou nenhum malfeitor.

« Um soldado fez pontaria e atira: Luiz cahio de bruços.

« Solta um longo grito: Ah!

« O soldado dá-lhe duas ou tres coronhadas na cabeça; com o pé vira-o de costas para se certificar se estava bem morto. Lanço-me sobre o corpo do meu amante.

« — Luiz! Luiz! exclamei eu; ah! não me ouves!..

« Um soldado deita-me ao chão; quando me levantei, os soldados tinham desapparecido; appliquei o ouvido, ouvi de novo passos pelo quarto; tive medo, metti-me debaixo dos colchões.

« — Haverá aqui mais alguem para matar? dizia uma voz; procura ahi debaixo dos colchões.

« — Não ha, respondeu outra voz, já lá fui vêr: bem sabes que só ha uma pessoa, e essa está bem morta. »

Porém, talvez que Anna Vachée, exasperada pela perda do seu amante, exaggerasse um pouco o seu depoimento.

Vejamos o que diz M.ma Hue.

Disse: « Desde a vespora, tinhamos chegado a estar dezeseis pessoas, homens e mulheres, no gabinete occupado por M.ma Bouton; tinhamo-nos ahi refugiado assim que os sitiados tinham ameaçado de invadir a casa, porque era só a elles que nós temiamos.

« Não podiamos temer a tropa; e porque a temeriamos? Estavamos uns em cima dos outros.

« O sr. Bouton tinha-nos tantas vezes fallado das suas campanhas, dos perigos porque tinha passado, que nos julgavamos mais seguros em sua casa; era bem natural. Ainda eramos treze quando as tropas procuraram arrombar a porta; n'este momento não tinhamos gotta de sangue nas veias, M.ma Godferoy era quem mais perto estava da porta; tinha nos braços um filhinho de quinze mezes; a ella seguia-se o sr. Hue, meu marido, que tambem tinha o nosso filho ao colo. M.ma Godefroy não queria abrir.

« — Abra! abra! disse meu marido, para que esses senhores vejam.

« Apresenta na frente uma creança.

« Abre-se a porta.

« — Bem vê, disse elle, que todas as pessoas que aqui se acham são paes e mães que estão pacificamente reunidas; tenho um irmão que é tambem soldado debaixo das bandeiras d'Argel.

« Ainda não tinha acabado quando M.am Godefroy foi puxada para o corredor; o sr. Hue, ferido mortalmente, cahio

com seu filho sobre o lado direito; a creança ficou com o braço fracturado por uma bala; uma inspiração de mãe m'o fez arrancar dos braços de meu marido, e, deitando-me para traz, cahi desmaiada sobre uma grade.

« N'este momento, meu marido, já estendido no chão, foi ferido nas costas com vinte e duas bayonetadas; ainda se lhe póde vêr o fato; está tão despedaçado que não apresenta mais do que farrapos cheios de sangue resequido. O sr. Thierry foi morto; Loisillon, filho da porteira, succumbio aos golpes; muitas pessoas cahem feridas; Loisillon solta um grito de agonia.

« — Ah! maroto! dizem os soldados, ainda não morrestes?

« Abaixam-se e acabam de o matar.

« É então que avistam o sr. Bouton, mettido debaixo de uma meza; como não tinham as espingardas carregadas, picaram-no com as bayonetas.

O barulho era tal, que me parece estar ainda a ouvil-o; emfim, entraram outros soldados que fizeram fogo sobre elle.

Não se dirá que se acaba de ler uma d'essas paginas arrancadas do livro do terror, e salpicadas do sangue de setembro?

Estes acontecimentos deixaram profunda impressão de terror na alma da burguezia que estremeceu do seu proprio triumpho: impressão de odio na alma do povo, que prometteu tirar a sua desforra.

No entretanto, o poder estava na melhor disposição.

CAPITULO XVII

A 20 de maio de 1834, cinco semanas depois da carnificina de Lyão e de Pariz, Lafayette exhalava o derradeiro suspiro.

Dizem que fôra terrivel a hora extrema d'este eleito de 1789 e de 1830; dizem que recordando-se d'estas duas revoluções, das quaes a primeira lhe tinha escorregado das mãos para cahir no sangue, e a segunda para cahir na lama, duvidou de si mesmo, e não se julgou verdadeiramente digno do nome de republicano que lhe fôra dado.

Quanto ao partido, a sua dôr foi grande: posto que bem soubesse que não perdia um chefe, perdia comtudo um nome.

Quanto á França, perdia um dos seus mais valentes filhos, um dos seus mais leaes cidadãos.

Comtudo, este duplicado triumpho da realeza, em Lyão e em Pariz, produzia coisa mais terrivel ainda talvez do que os acontecimentos já realisados, produzia o processo de abril.

Por uma simples ordem do rei, a camara dos pares, encarregada do processo de abril, constituio-se em tribunal de justiça.

Era violar a carta de uma maneira mais impudente do que nunca o fizera Carlos X.

A carta dizia:

« *Ninguem poderá ser distrahido dos seus juizes naturaes.* »

E como se sabe que não ha nada claro para os governos que teem interesse em não entender as coisas, os legisladores tinham acrescentado:

« *Não poderão por conseguinte, ser creadas commissões e tribunaes extraordinarios, por qualquer titulo e sob qualquer denominação que ser possa.* »

Era formal, não é assim? Mas não ha nada formal com os animos subtis.

Descobrio-se no artigo um paragrapho assim concebido:

« A camara dos pares conhece dos crimes de alta traição e dos attentados contra a segurança do Estado, *que forem* definidos pela lei. »

Esta lei não existia; o decreto do rei violava impudentemente a carta.

Mas ha momentos em que os governos pódem ousar tudo, não porque os amem ou estimem, mas porque são amparados por certa coisa desconhecida que aterra.

Mas tempo vem em que essa tal coisa desconhecida rebenta sob o nome terrivel de revolução; então os governos procuram um apoio; pedem esse apoio ás leis; as leis, despedaçadas por elles, não são mais do que pó, e caem por seu turno, ultimo destroço, sobre os destroços que elles fizeram.

A 6 de fevereiro de 1835, assignaram os membros do tribnnal o libello de accusação.

Cento e trinta e duas assignaturas declaravam connexos todos os factos que se tinham passado em Lyão, Pariz, Besançon, Marselha, Saint-Étienne, Arbois, Chalons, Epinal, Lunéville, e no Isère.

O presidente do tribunal devia ulteriormente fixar o dia da abertura dos debates.

Os accusados presos preventivamente estavam detidos em Sancta-Pelagia.

Para darem á defeza um caracter conjuncto, elegaram um *comité* que se compunha dos senhores:

Guinard, Godefroy, Cavaignac, Armand Marrast, Lebon, Vignerte, Laudolphe, Chilmann, Granger e Puhonnier.

Depois de tomada esta precaução, escreveram aos seus co-réos que tomassem a mesma medida.

Estes acceitaram o conselho, e seguindo o exemplo, nomearam os srs. Baume, Lagrange, Martin-Maillefer, Tiphaine e Caussidière.

D'est'arte, o que ao principio só apresentava o aspecto de um processo judiciario, subio á altura de uma lucta politica.

Já nao era só alguns accusados que se levavam perante a camara dos pares, era um partido inteiro.

Por isso o governo ficou assustado: a acção e a reacção, a velhice e a virilidade iam achar-se frente a frente; o presente ia chamar o futuro em seu auxilio contra o passado.

Eram mais que simples cabeças que os defensores dos accusados iam ter a defender; era esse immenso principio pelo qual o povo lucta desde as communas, isto é, ha mil annos.

O governo comprehendeu a estensão do perigo e ficou assustado.

A 20 de março de 1835, o sr. Pasquier, presidente do tribunal dos pares, decidio que se imporiam aos accusados advogados de profissão.

Os accusados protestaram contra esta decisão.

Tres mandatarios foram nomeados *para irem tomar contas* ao sr. Pasquier d'esta decisão.

Eram os srs. Armand Marrast, Lébon e Landolphe.

Coisa singular! apresentaram-se no Luxemburgo e foram recebidos.

Apresentaram-se ameaçadores; levantaram, aos olhos admirados do presidente, esse véo que esconde aos homens d'Estado as revoluções que preparam; occeano que fazem agitar, e em que se submergem.

Nada obtiveram; não tinham ido ali para obter, já o dissemos, tinham ido para ameaçar.

Subsistio a ordem relativa aos advogados.

Os advogados recusaram.

A 3 de março de 1835 um decreto inserto no *Moniteur* investio o tribunal dos pares dos poderes discricionarios, só concedidos aos tribunaes d'assisas e aos seus presidentes.

Os advogados gritaram. De accordo commum achavam a ordem illegal.

Fizeram mais ainda.

A 6 de abril de 1835, reunio-se o conselho da ordem, e redigio-se uma deliberação concebida n'estes termos:

« Sem tractarem da illegallidade da ordem, sem examinarem se o mandado que lhes é dado é obrigatorio, os advogados devem persistir em declarar que nunca em vão lhe será dirigida uma appellação para a sua humanidade, para o cumprimento dos deveres da sua profissão; que sempre, se os accusados consentirem ou retractarem a sua recusa, estarão promptos a pagar o seu tributo á desgraça; porém se os accusados persistirem na sua resistencia, é impossivel travar com elles uma lucta sem decencia nem dignidade.

« N'estas circumstancias, o conselho, procedendo em fórma de simples conselho, julga que o partido mais conveniente que os advogados devem tomar é certificarem-se da

disposição dos accusados, e no caso de recusa, escreverem ao sr. presidente do tribunal dos pares que se apressariam a acceitar a missão que lhes fôra confiada, se a resolução dos accusados não lhe impozesse o dever de se absterem de praticar similhante coisa. »

Esta deliberação continha as assignaturas dos senhores:

Philippe Dupin, presidente; Archambault, decano, Parquin, Mauguin, Thévenin, Couture, Colmet d'Age, Gaubert, Hennequin, Berryer filho, Lavaux, Delangle. Maria, Chaix-d'Est-Ange, Duvergier, Grouve, Paillet, Odilon Barrot, Le Roy e Frédérich, membros do conselho.

Ao mesmo tempo apparecia em Ruão, emanado dos advogados d'esta cidade, um protesto assignado por Senart e Dussaux.

Senart como presidente, Dussaux como secretario.

Era o mesmo Senart que, depois, foi deputado e ministro.

O exemplo estava dado; quasi todos os advogados de França protestaram.

Era assim como que uma d'essas antigas revoltas parlamentares que agitavam a França, de Marselha a Cherbourg, de Strasbourg a Brest.

Estes debates engrandeciam consideravelmente os accusados.

« — Condemnar-nos-heis mas não nos heis de julgar, haviam elles dito. »

É uma coisa singular estas situações extremas que rebentam de repente n'um paiz, e em que todos os animos corajosos são do partido do opprimido contra o oppressor, em que todos os corações generosos reclamam o titulo de accusados e recusam o de juiz.

Estava n'esta epocha na Italia; lembro-me quanta pena

tive não só de não estar em França, mas tambem de não fazer parte dos accusados.

Quando a 5 de maio, dia da abertura dos debates, se fez a chamada dos juizes, de duzentos e cincoenta pares, oitenta e seis não responderam.

Era mais de um terço.

O tribunal tinha já declarado que não obrigaria ninguem a advogar de officio.

Os accusados eram em numero de cento e vinte e um.

A França inteira tinha fornecido o seu contingente para o nobre grupo.

Pariz quarenta e um.

Os departamentos oitenta.

Tinha-se recusado aos parentes permissão para assistirem aos debates.

O sr. Baune levantou-se e disse:

« — Peço a palavra para me queixar das ordens severas que foram dadas; nossas mulheres, nossas mães e nossas irmãs estão privadas dos logares que lhes deviam pertencer. Peço-vos que considereis que, nos tempos mais tempestuosos da revolução, as familias dos accusados foram sempre admittidas no recinto dos tribunaes criminaes; o privilegio da classe e do nascimento deve ceder ao da desgraça e da natureza. Peço que minha mulher seja immediatamente admittida; andou cento e vinte leguas para partilhar os meus perigos e o meu captiveiro. Dirijo a minha reclamação á imparcialidade dos nossos juizes, ou á generosidade dos meus inimigos. »

Era impossivel, não pedir um favor, mas reclamar um direito com mais finura e dignidade.

O sr. Parquier levantou-se e respondeu:

« — O pedido que faz é estranho á sua defeza; não vem *ad rem.* »

Eis aqui os homens que, por espaço de dezoito annos, foram os senhores mais poderosos na França.

Seguio-se a discussão sobre os advogados.

Os defensores escolhidos pelos accusados eram:

Os srs. Voyer-d'Argenson, Audry de Puyraveau, o general Tarayre, Lammenais, Trélat, Raspail, Carnot, Carrel, Bouchotte, Pedro Leroux, Reinaud, Degeorge e de Cormenin.

Depois de duas horas de deliberação, o sr. Pasquier pronunciou uma sentença que registava os defensores propostos, sob pretexto de que não estavam inscriptos no quadro dos advogados.

No dia seguinte appareceu este protesto:

« Considerando que o direito de defeza foi violado com ultrage, e approvando altamente a resolução dos accusados que fanaram com o seu silencio todo o principio de jurisdicção prebostal; os defensores abaixo assignados sentem a necessidade de exprimir publicamente quanto sentem não ter podido ser uteis aos seus amigos e protestam com toda a energia da sua consciencia contra a abominavel iniquidade que vae ser consummada á face da nação. »

Seguiam-se as assignaturas.

Entre as assignaturas figuravam as de Voyer, d'Argenson, de Cormenin, de Lammenais, d'Audry de Puyraveau, do general Tarayre.

Seria mister ter visto estas scenas de lucta que chegaram ao pugilato estas scenas de ameaça que chegaram ao anathema; seria mister ouvir o requerimento do procurador geral e o protesto dos accusados; seria mister ter ouvido o sr. Martin (do No norte) dizendo:

« — Requeiro que o tribunal, estatuido sobre o poder discricionario, indispensavel ao andamento e direcção dos de-

bates, se sirva auctorisar o sr. presidente a fazer sahir da audiencia e reconduzir á prisão todo o accusado que perturbar a ordem, tomando o escrivão nota dos debates para depois os commmunicar ao accusado expulso, no fim da audiencia, para que d'esta fórma a audiencia continue sem interrupção, tanto a bem dos accusados presentes como dos que pelas suas violencias forem expulsos. »

Seria mister ter ouvido o sr. Baune responder:

« — Os accusados assignados declaram que, na ausencia da defeza, desapparecem as proprias apparencias da justiça; que os actos do tribunal dos pares não são aos seus olhos senão medidas de força, das quaes toda a sancção se acha nas bayonetas com que se rodeia.

« Por consequencia, recusam-se d'ora ávante á participar pela sua presença dos debates em que a palavra é interdicta aos defensores e aos accusados, e convencidos de que o unico recurso dos homens livres consiste n'uma inabalavel firmeza, declaram que não tornarão a apresentar-se perante o tribunal dos pares, e que o tornam pessoalmente responsavel por tudo quanto poder acontecer em vista d'esta resolução. »

No tribunal revolucionario e no processo de Danton e de Camillo Desmoulins não se passou coisa assim, só se atreveram a pedir a sentença pelas peças do processo.

No mesmo dia do requerimento feito pelo sr. Martin (do Norte), dois pares se levantaram e sahiram da audiencia; eram os srs. de Talhouet e de Noailles.

No dia seguinte, o sr. de Noailles escrevia ao sr. Pasquier:

« Sr. presidente,

« Peço-lhe que se digne apresentar ao tribunal as minhas desculpas por não poder continuar a tomar parte no processo que tem actualmente entre mãos. O que dá causa a

isto é a sentença que o tribunal acaba de dar; sem duvida é mister que se conserve a força á justiça, mas não é só a força que triumpha, quando, pela ausencia das fórmulas, realmente não existe a justiça regular! Não é fraqueza ao meu vêr, parar, quando se não caminha com a lei. »

Nada suspendeu o sr. Pasquier.

No dia 9 começou-se a leitura do libello de accusação, porém esta leitura não chegou a um terço: os accusados protestaram.

A guarda municipal fel-os sahir todos.

De cento e vinte e um presos, só vinte e nove tornaram a entrar.

Pertenciam á categoria de Lyão.

Tinha-se visto n'elles homens mais doceis do que os outros e promptos para sanccionarem a sentença com o seu silencio.

Enganavam-se: entre elles estava Lagrange.

Apenas foi reconduzido, apenas o fizeram assentar com os seus companheiros, levantou-se, dizendo:

« — Peço a palavra para protestar.

O sr. Pasquier recusou-lh'a.

« — Ah! recusaes-m'a, exclamou Lagrange, pois tomo-a eu! Sim, protestamos ante a parodia dos seus requerimentos, como fizemos diante da metralha: protestamos sem medo, como homens fieis aos nossos juramentos, que procedem de uma maneira que o condemna, ao senhor, que tantos juramentos tem feito e trahido. »

A esta violenta apostrophe, o presidente empallideceu.

— Guardas, exclamou elle, levem d'aqui o accusado!

Porém debatendo-se:

« — Façam o que quizer, senhores, gritou Lagrange, condemnae-nos sem nos ouvir; mandae matar sem ter ouvido

os nossos defensores, os esteios de cento e cincoenta familias de homens do povo. Eu condemno-os a viver, porque o seu sangue não lavará nas suas frontes os estygmas deixados pelo sangue do bravo dos bravos! »

Levaram Lagrange á força e a leitura do libello continuou.

Então a violencia foi levada aos ultimos excessos. Alguns accusados tinham cedido ás ameaças e consentido em se defenderem, porém os outros continuavam a protestar: a estes procuraram despedaçal-os por todas as sortes de mãos tractos.

Muitos, quando chegavam ao banco dos réos, vinham cheios de sangue: tinham-os arrastado pelos degráos, batendo com as cabeças descobertas contra os angulos das escadas; aqui se levantavam, além ameaçavam, e como o ultimo dos Gracchos, que atirou ao ar esse pó de que devia nascer Mario, assim lançavam elles ao rosto dos seus juizes esses sanguentos anathemas sob os quaes, quatorze annos depois, devia morrer o pariato.

Foi então que o tribunal, renunciando a fazer vergar estas implacaveis coragens, pronunciou a disjuncção das causas, e por sentença de 11 de julho, decidio que se procederia ao julgamento dos réos que pertenciam á categoria de Lyão.

O tribunal sentia a necessidade que tinha de tomar folego; além d'isso, separando os accusados, punha por obra a moral da fabula dos vimes.

Esperavam abater a força de cada categoria separadamente.

Na noite de 11 de julho retiraram-se do tribunal mais tres pares.

Foram o sr. conde Molé, e os srs. marquezes d'Aix e de Crillon.

No dia seguinte soube-se que todos os presos parizienses á excepção de dez ou de doze, se tinham evadido.

Tinham cavado um subterraneo que ia dar ao jardim da rua Copeau.

Este subterraneo estava prompto havia muito, mas nenhum dos presos tinha querido fugir em quanto lhe restasse alguma esperança de se defender.

A sentença de disjuncção resolveu-os a aproveitarem-se do trabalho feito.

A evasão teve finalmente logar a 12, pelas nove horas da noite.

De quarenta e tres presos evadiram-se vinte e oito.

A 13, publicou-se a sentença concernente aos accusados de Lyão.

No dia 15 decidio-se que, visto a resistencia dos demais accusados, seriam julgados pelas peças do processo.

A 7 de dezembro, foi publicada a sentença contra os accusados de Lunéville.

A 28 de dezembro, contra os de Saint-Étienne, de Grenoble, de Marselha, d'Arbois e de Besançon.

A 23 de janeiro de 1836, contra os de Pariz.

D'estes accusados, treze estavam presentes, vinte e sete eram condemnados á revelia.

No entretanto, um terrivel acontecimento veio fazer diversão ao processo.

CAPITULO XVIII

O anniversario dos dias de Julho avisinhava-se, triste e sombrio.

Era o quinto; e em cinco annos tinha-se feito tanto caminho para traz, que se apresentava um phenomeno singular; parte d'aquelles que tinham sido condecorados com a fita azul e encarnada, por occasião d'esses dias, eram accusados perante a camara dos pares, por se terem conservado fieis ao espirito de liberdade que lhes tinha feito pegar em armas cinco annos antes.

Por sua parte, o homem que d'estes dias tinha aproveitado, preparava-se para os celebrar este anno com mais solemnidade do que de costume, como se, com demonstrações apparentes, com revistas, com fogos d'artificio, podesse illudir a opinião publica e fazer olvidar que se passava no mesmo momento na camara dos pares um d'esses actos de violencia e de oppressão, como a historia não tinha a censurar ás monarchias precedentes.

Depois, a essa tristeza geral, que sempre peza sobre uma cidade testemunha de similhantes reacções, se junctavam alguns d'esses boatos vagos que procedem as grandes catastrophes.

O correspondente de Hamburgo, no dia 25 de julho, tinha annunciado que os dias 27, 28 e 29 seriam ensanguentados por uma grande conspiração.

Escreviam de Berlin:

« Corre aqui geralmente o boato de que haverá uma catastrophe durante o anniversario dos tres dias. »

Emfim, dois viajantes tinham escripto n'um registo, na Suissa, em seguida aos nomes do rei Luiz Philippe e de seus filhos:

« Descansem em paz. »

Finalmente, facto mais preciso, indicação mais segura, o prefeito de policia, o sr. Gisquet, tinha recebido do sr. Dyonnot, commissario do bairro da Chaussée-d'Antin, os seguintes esclarecimentos:

« Sr. prefeito,

« Um honrado fabricante, eleitor, pae de familia, e que deseja não ser nomeado, veio hontem á noite ter comigo ao theatro, onde estava assistindo ao ensaio da *Ilha dos Piratas*, e disse-me que se tinha preparado nova machina infernal para se attentar ámanhã contra os dias do rei, durante a revista nos *boulevards*, e que a machina está collocada na altura do *Ambigu*.

« Julga-se que se tracta de um subterraneo praticado n'uma adega que dá para os *boulevards*, e onde foram introduzidos toneis de polvora.

Estes esclarecimentos parecem-nos importantes, e apressamo-nos a transmittil-os ao sr. prefeito, acrescentando que ámanhã ás sete horas devem os conjurados reunir-se n'um logar que só d'elles é conhecido. »

O prefeito da policia, como dissemos, era o sr. Gisquet.

Era um homem de caracter mui leviano. Mui fraco, em muitos pontos, muito accessivel ao ataque, não deu a este aviso toda a attenção que merecia; no entretanto mandou dar busca a algumas casas nos arredores do theatro do *Am-*

bigu. Porém estas buscas foram interrompidas por causa das reclamações que fizeram os proprietarios e das queixas dos jornaes.

Acreditava-se pois simplesmente em alguma manifestação, no genero d'aquella que tivera logar na ultima revista, e em que se tinha gritado quando o rei passára: *Abaixo os grandes!*

D'esta vez, porém, dizia-se que só pediriam uma amnistia.

Foi n'esta crença que o rei sahio das Tuileries a 28 de julho, pelas dez horas da manhã, acompanhado dos seus tres filhos, o duque d'Orleans, o duque de Nemours e o principe de Joinville, dos marechaes Mortier e Lobau, do seu estado maior, do prefeito do Sena, do sr. de Broglie, do marechal Maison e do sr. Thiers.

O rei, como sempre, ia precedido por certo numero de agentes de policia, encarregados de explorar d'ante-mão a sua passagem approximando-se do *boulevard* do Templo, logar designado como futuro theatro da catastrophe desconhecida que ameaçava a familia real.

Estas patrulhas tornavam-se cada vez mais numerosas; mas nada se tinha descoberto, e tudo fazia presumir, diziam as informações que chegavam successivamente, que tinham sido inquietados por falsos esclarecimentos.

E comtudo uma inquietação visivel pairava no povo, mais silencioso que habitualmente, e nas fileiras da guarda nacional, mais fracas do que de costume.

Ao meio dia e alguns minutos, o cortejo real marchando a passo, chegava defronte do jardim Turco.

Ali um guarda nacional sahio da fileira, avançou para o rei e apresentou-lhe uma petição.

O rei abaixou-se sobre o cavallo para lhe pegar.

Fazendo este movimento, avista algum fumo na janella do segundo andar da casa n.º 50.

— Ah! disse elle, isto, é para nós, Joinville.

Mal tinha acabado, ouvio-se uma detonação, assim como quefogo de pelotão, e em torno do rei cobrio-se a terra de sangue, de feridos e de mortos.

O rei olhou successivamente para cada um dos seus tres filhos.

Elle recebeu um choque violento no braço esquerdo e o principe real uma contusão n'uma perna; o cavallo do principe de Joinville cahio ferido na garupa; o duque de Nemours não teve nada.

Porém em torno da familia real, tão milagrosamente conservada, a carnificina foi grande.

O marechal Mortier e o general Lachasse de Vérigny foram mortos.

O sr. de Villate, official d'artilheria, escorregou para traz no cavallo e cahio, com os braços estendidos, ferido por uma bala na testa. O coronel de *gendarmeria* Raffé, o sr. Rieussec, tenente coronel da 8.ª legião, os guardas nacionaes Prudhomme, Benetter, Ruard e Léger, uma rapariga chamada Laugerey, que trabalhava em franja, um ancião septuagenario, o sr. Labrouste, e uma rapariga chamada Sophia Remy, foram feridos mortalmente.

Sete ou oito pessoas, feridas mais ou menos gravemente, foram transportadas para as casas visinhas ou para o jardim do café, para ali serem curadas.

Dois ajudantes de campo receberam ordem para partir immediatamente, afim de irem socegar a rainha e as princezas que estavam no palacio do ministro da justiça na praça Vendôme e partiram a galope.

De repente retubaram gritos: o *assassino está apanhado, está apanhado o assassino!*

E o povo correu para as casas numeros 48, 50 e 52 do *boulevard*.

Foi com effeito no segundo andar do numero 50, na janella de esquina, que o rei vio o fumo, que foi seguido d'essa terrivel e mortal detonação.

Isto é negocio entre agentes de policia, juizes e carrasco, negocio em que o rei nem mesmo poderia intervir para perdoar.

Continuou pois o seu caminho no meio dos *vivas* enthusiastas, reacção natural da terrivel catastrophe que acabava de succeder.

No entretanto, nunca a mão de Deus se estendeu mais visivelmente sobre uma familia predestinada.

Sim, predestinada para dar um grande exemplo.

Deixae passar sete annos, e a 13 d'esse mesmo mez de junho, fatal ás monarchias, o filho mais velho quebrará a cabeça nas pedras de uma estrada chamada estrada da Revolta.

Deixae passar quatorze annos e o pae fugitivo, sahindo das Tuileries a pé, irá escorregar na praça da Revolução, no mesmo sitio em que, em 1793, se decidio o grande duello entre uma nação e um rei.

Deixae passar dezoito annos, e o duque de Aumale, proscripto em Inglaterra, enviará as chaves do seu pavilhão de Chantilly para que em 1851 se fizesem as honras d'esta casa ao *chefe do Estado*.

E este chefe do Estado será então um Napoleão, que Luiz Philippe terá tido quatro annos preso na fortaleza de Ham!

Tornemos ao assassino.

Um vaso de flôres cahido aos pés de um agente de policia fez-lhe levantar os olhos.

Um homem, pendurado a uma corda, pela qual se deixava escorregar todo cheio de sangue, saltava de uma janella para o telhado.

— Lá se safa o assassino, gritou o agente de policia.

Ao mesmo tempo um guarda nacional fazia pontaria gritando:

— Pára, senão mato-te.

Porém o homem continuava a fugir, enchugando ora com uma mão, ora com a outra, o sangue que corria abundantemente de duas feridas, recebidas uma na testa, outra na face.

O assassino desappareceu por uma trapeira, desceu rapidamente uma escada, deitando por terra uma mulher que encontrou na passagem, e correu para um pateo.

O pateo não tinha sahida, e já estava cheio de guardas nacionaes e de beleguins.

Ahi foi preso.

Foi então, e dez minutos depois do assassinato, que se ouviram estas palavras: o assassino está apanhado.

Ao principio enganaram-se no nome.

Os agentes de policia tinham-se apressado a entrar no quarto d'onde tinha sahido a detonação fatal, e no meio da fumarada que ainda o escurecia, avistaram a machina infernal, que acabava de lançar a morte para o *boulevard*. Compunha-se de vinte e cinco espingardas descansadas em travessas, e que apresentavam a apparencia de uma grande flauta de Pan, cujos canudos fossem do mesmo tamanho.

As culatras das espingardas descansavam a extremidade sobre uma travessa, que estava collocada oito pollegadas mais acima, afim de que esta inclinação fizesse lançar os projectis diagonalmente de cima para baixo.

Todas as escorvas estavam na mesma altura, e podiam-se inflammar por um só rastilho de polvora. Comtudo duas espingardas tinham ficado carregadas, e por essas se póde vêr que a carga era quadrupla. Quatro tinham rebentado, e foram os seus estilhaços que feriram o assassino no rosto.

As seis espingardas eram provavelmente as que se achavam na direcção do rei e dos principes.

N'esta casa havia uma alcova, na qual estava um colchão dobrado em duas partes com um papel pregado n'um dos cantos, em que se lia o nome de Girard.

Era este o mesmo nome com que se inscrevera o locatario da casa.

O locatario dera-se por mecanico, e nunca deixára entrar o porteiro no seu quarto, e depois que tinha alugado a casa só recebera um homem a quem chamava seu tio, e tres mulheres que dizia serem suas amantes.

No dia 28, parecera muito agitado, subira e descera muitas vezes a escada, e contra o seu costume, entrára no café, onde tomára um copo de aguardente.

Conduzido ao corpo da guarda depois de prezo, recusára responder a um guarda nacional.

— Quem é? lhe perguntára este.

— Isso não é comvosco, disse o assassino desdenhosamente; responderei quando estiver diante dos meus juizes.

Pariz inteiro, que se occupava d'este sinistro acontecimento, pôde pois acreditar que o assassino se chamava Girard.

Comtudo o rei tinha acabado a sua revista e voltára ás Tuileries, onde depois de tranquilisadas a rainha e as princezas, o seu primeiro cuidado foi escrever esta carta aos bispos:

« Srs. bispos, mal eram terminadas as orações pelas victimas de julho, novo objecto de lucto se dava á França.

« A Providencia desviou os golpes que nos estavam destinados, a mim e a meus filhos, mas se devemos agradecer a Deus ter conservado os nossos dias desfazendo os

projectos dos assassinos, quantos pezares, quantas lagrimas não devemos a esse illustre marechal, aos seus nobres companheiros d'armas, e a esses generosos cidadãos que a morte ceifou em torno de nós!

« Tenho pois a reclamar em seu favor os suffragios que a Egreja concede a todos os christãos mortos no seu gremio.

« D'esta forma celebrareis, com esta intenção, um officio funebre em todas as egrejas da vossa diocesse e um *Te Deum* em acção de graças pela protecção manifesta que Deus nos concedeu.

Vosso affeiçoado,

Luiz Philippe. »

As exequias tiveram logar a 5 de agosto.

Quatorze coches, no primeiro dos quaes ia o corpo do joven e no ultimo o do velho marechal, seguiram solemnemente, ao triste rufar dos tambores, toda a linha do *borlevard*, que se estende da rua de Saint-Antoine, onde os cádaveres tinham sido expostos na egreja de Saint-Paul e Saint-Antoine, nos Invalidos; era ahi o termo do cortejo funebre.

« Ahí, o rei e seus filhos esperavam aquelles que a morte tinha ferido em seu logar; elle e os principes deitaram agua benta sobre os corpos, e foram depois para as Tuileries, pensar no proveito que se poderia *politicamente* tirar d'esta catastrophe.

Nós dizemos politicamente, outros acrescentariam *pecuniariamente*. O marechal Maison repetio n'esta epocha umas palavras que disse ter ouvido, mas que nós nos não atrevemos a acreditar.

— Agora, dissera o rei entrando nas Tuileries, temos certos os nossos apanagios.

Que oração funebre para quatorze cadaveres!

O que é incontestavel, é que a *opportunidade* politica foi largamente explorada: ainda se ignorava o nome do homem que tinha commettido o attentado; ignorava-se a que partido pertencia; mas já accusavam os republicanos.

Era ao mesmo tempo uma tradição do Jmperio ã de realeza.

Depois da machina infernal que lhe fôra destinada, Bonaparte tinha tambem accusado os republicanos.

Depois do assassinato do duque de Berry, o punhal de Louvel tinha sido chamado uma idéa liberal.

Havia mais, o sr. Thiers mandára prender Armand Carrel.

Armand Carrel, preso pelo sr. Thiers, como cumplice de um assassinato!

Certamente, quando estes dois homens, sete annos antes se tinham ligado em estreita amisade, um d'elles não conhecia o outro.

Achára-se em casa do assassino um retrato do duque de Bordéos: mas desde logo, nas Tuileries repelliram a idéa, e certamente com razão, de que o assassino podesse sér legitimista; julgando justissimo accusal-o logo de republicano.

— Sabemos d'onde o golpe partio, diziam os cortezãos, os legitimistas não entraram no negocio.

E ao ponto de vista da politica, a esse ponto de vista que não admitte justo nem injusto, mas só a razão d'Estado, aquelle a quem estas palavras soprava tinha razão.

Não havia nada a temer dos realistas, que representavam o passado; pelo contrario, havia muito para receiar dos republicanos, que eram o futuro.

Quando os reis teem taes intuições, e certamente que lhes

não faltaram, de Luiz XVI a Luiz Philippe, por que razão em logar de guiarem para esse futuro o carro ou carroça que dirigem, procuram suspendel-o pelos raios lançando-se sobre as rodas.

A 5 de agosto de 1835 não se tinha perdido tempo, porque n'esse mesmo dia 5, em que se tractava de enterrar os mortos, o sr. Perril apresentava á camara tres projectos de lei.

Estas leis foram as que depois se designaram ao odio publico sob o nome de leis de setembro.

A primeira dava ao ministro da justiça todo o poder nos casos de processos de rebellião, para formarem tantos tribunaes d'assisas quantos fossem precisos; a cada procurador geral, o direito de abreviar, em caso de necessidade, as formalidades da justiça; emfim, para que a camara dos pares não fosse a unica privilegiada, o direito que acabava de lhe ser concedido de fazer retirar á força os accusados que perturbassem a audiencia, estendia-se aos presidentes de tribunaes d'assisas.

A segunda lei concedida ao jury o voto secreto, decidia que a maioria dos votos necessarios para a condemnação seria reduzida de oito a sete, e emfim aggravava a pena da deportação.

A terceira, e essa era a principal, porque por mais terriveis que fossem as outras duas não passavam de um corollario da lei sobre a imprensa, a terceira declarava castigavel com detenção e muleta de dez mil a quarenta mil francos, a offensa á pessoa do rei e todo o ataque contra os principios do governo commettido por meio de publicação.

Oh! bem principal era esta, repetimos, e para d'isso se ter certeza, como nós temos, basta lel-a.

E que espanto não causa vêr que toda esta artilheria mi-

nisterial, assestada contra o que deveria haver de mais sagrado no mundo para os soberanos, contra o pensamento humano, tinha por pretexto o crime solitario de um miseravel de quem nem se quer mesmo sabia o verdadeiro nome!

A camara que põe em commum as irritações individuaes, sempre que se tracta de fazer calar, de pôr mordaça na imprensa, apressou-se a dar a mão ao rei; nomeou tres relatores: o sr. Héber para a lei sobre os tribunaes d'assisas; o sr. Parent, sobre a lei do jury; o sr. Sauzet, sobre a lei da imprensa.

Parece incrivel o ardor que os advogados, que julgam poder dizer tudo, empregam para que os outros não escrevam.

O sr. Sauzet empregou n'isto uma verdadeira paixão; a commissão da sua presidencia pedio que a caução dos jornaes fosse elevada de quarenta e oito mil a duzentos mil francos, depositados em numerario; e que o governo não acceitasse editor que não provasse possuir em bens seus o terço d'esta caução.

É verdade que a Camara diminuio a cifra de duzentos mil francos a cem mil.

Portanto, não fallando n'esta pequena diminuição, o governo devia estar satisfeito.

E parece que estava.

CAPITULO XIX

A 30 de janeiro de 1836, sete dias depois da sentença dada contra os condemnados de Pariz, e como se os dois casos tivessem alguma relação entre si, o assassíno de 28 de junho compareceu perante a camara dos pares.

No intervallo que se deslisára; chegára-se a saber o seu verdadeiro nome.

Chamava-se José Fieschi, nascera no cantão de Vico na Corsega, a 3 de setembro de 1790, cansado de sér pastor, como seu pae, alistára-se aos dezoito annos voluntariamente n'um batalhão que ia para Toscana, d'ahi passára a Napoles, onde fôra encorporado na legião corsa; fizera a campanha da Russia, e era sargento d'um regimento commandado pelo general Franceschetti; licenciado em 1814, voltára á Corsega e entrára n'um regimento provincial, que foi dissolvido depois dos Cem-Dias; n'este meio tempo, Murat preparava a sua expedição da Calabria, Franceschetti seguio o antigo rei de Napoles, e Fieschi seguio o general.

Aportando a expedição de Calabria, Fieschi voltou á Corsega, e não sabendo o que havia de fazer, dedicou-se ao roubo, pelo que foi condemnado em 1816, a dez annos de trabalhos forçados sem exposição.

Chegado o anno de 1830, Fieschi, que havia quatro annos tinha sahido da prisão, fez-se passar por condemnado politico, solicitou e obteve n'esta qualidade uma pensão, veio a Pariz, foi admittido na policia do sr. Baude, e encarregado

de vigiar as sociedades politicas, nomeado contra mestre das obras que se faziam no aqueducto d'Arcueil, desviou o dinheiro dos operarios, fez dinheiro falso para o substituir, mudou de nome para se subtrahir ás pesquizas da policia, e debaixo do nome de Girard, que ao principio tinham julgado ser verdadeiro, foi alugar o quarto da casa do *boulevard* do Templo, n.º 50, onde o crime de 28 de julho fôra perpetrado.

Graças a Deus, similhante miseravel não pertencia a nenhum partido.

Dava-se n'elle tambem uma circumstancia que muito honra a natureza humana; era um homem de aspecto medonho: seria difficil encontrar n'outro homem mais audacia, astucia, cupidez, artificio baixo e servil do que n'este rosto coberto de cicatrizes, e junctando o accento esganiçado da linguagem corsa a uma agitação eterna, teremos uma idéa do aspecto que Fieschi apresentava quando o conduziram perante os seus juizes.

Dois homens se assentavam a seu lado, accusados de cumplicidade na perpetração do crime, servindo-nos da linguagem da justiça.

Outros, acurvados por accusações menos graves, pareciam dever ser simplesmente accusados de não revelação.

Os dois cumplices de Fieschi, Morey e Pépin, apresentavam dois typos bem differentes.

Morey era um velho de sessenta e oito annos, de cabellos brancos, fronte pallida, rosto impassivel.

No meio do rosto, que parecia ser já de um cadaver, só os olhos fixos, sombrios, cheios de chammas, se conservavam animados.

Sob o exterior simples e fraco, sentia-se viver uma vontade implacavel; revolucionario em 1793, era-o ainda em 1835; n'elle não havia mudado senão o exterior, a alma

conservára-se a mesma, e não falhou um momento a este corpo decrepito.

Fôra compromettido pela amante de Fieschi, Nina Lassave, e quando voltou da Salpétrière, vendo a casa do seu amante invadida, refugiára-se em casa de Morey; porém o velho conspirador respondera com tanto socego ás perguntas que lhe dirigiram, que fôra posto em liberdade.

Uma mala que Fieschi tinha mandado levar para casa d'elle, duas horas antes da execução do crime, veio causar novas suspeitas á policia. Preso segunda vez não tornou a sahir da prisão senão para comparecer perante a camara dos pares, e caminhar para o cadafalso.

Pépin era pelo contrario fraco e pusillanime em excesso, era a expressão do pequeno commercio pariziense; pela primeira vez, Pépin elevava o merceeiro ao papel de conspirador, e deshonrava-o pela sua covardia.

Compromettido nos acontecimentos de junho, fôra absolvido; havendo novas desconfianças d'elle a respeito do attentado de 28 de julho, conseguira sahir de Pariz; julgavam-o no estrangeiro, e estavam para pedir a sua entrega, quando a policia foi avisada de que um homem se escondia na floresta de Crécy.

O sr. Gisquet expedio as suas ordens, e Pépin foi preso em Magny, n'um armario, onde se refugiára em camisa, no momento em que os agentes lhe tinham batido á porta.

Ambos faziam parte da sociedade dos Direitos do Homem, Pépin como chefe de secção, Morey como simples membro.

Os outros dois, Boireau e Bescher, eram simples operarios: Boireau sabia que existia uma conspiração, mas, confessado por Fieschi, não sabia outra coisa; quanto a Bescher, reconheceu-se que o seu unico crime era ter, a pedido de Morey, emprestado o seu libreto a Fieschi.

Mas como foi que levaram Fieschi não só a confessar tudo, mas tambem a representar esse papel de assassino e espadachim, que lhe valeu por um momento a curiosidade dos ineptos e para sempre o desprezo e a repulsão dos homens de bem.

O sr. Dufresne, inspector das prisões, julgára reconhecer Fieschi, por o ter visto na fabrica de manafacturas dos Gobelins, que era dirigida pelo sr. coronel Ladvocat.

O sr. Ladvocat foi introduzido na prisão de Fieschi e reconheceu-o.

Desde então, Fieschi não mais occultou nem o seu verdadeiro nome, nem a sua verdadeira condição; acabava de adoptar novo systema de defeza.

Esperava, fazendo declarações e interessando o sr. Ladvocat na sua causa, fazer commutar a pena, e escapar assim á morte.

Tudo pois era vil e calculado n'este homem, até esse falso sentimento de reconhecimento que exprimia para com o seu antigo patrão tornado seu protector.

Cumpre dizer que Fieschi foi animado n'esta crença de impunidade pelos mais altos personagens: esperavam que o circulo das suas revelações não se limitasse a um pobre albardeiro e a um obscuro merceeiro; ter-lhes-ia sido agradavel envolver inimigos na rede infame de um assassinato.

Infelizmente Fieschi não podia dizer senão o que realmente era; accusou Morey, que o escutou impassivel, sem que movesse uma só linha da sua estoica physionomia; accusou Pépin, que o escutou pallido de terror, defendendo-se por convulsas negativas, porém aqui parou, como dissemos, o circulo das denuncias.

Durante todo o tempo que levou este medonho processo, deu-se á França e ao mundo um espectaculo humilhante; os

mais altos personagens do governo pozeram-se em relação com Fieschi, uns levando-lhe dinheiro, outros escrevendo-lhe; por algum tempo os autographos de Fieschi foram quasi tão procurados como mais tarde o foram os de Lacenaire; pouco faltou que os não cotassem na Bolsa, fazendo-os subir e descer de preço, quaes fundos publicos.

O sr. Pasquier sobre tudo pôde fazer d'elles uma preciosa collecção.

Depois de um processo, que durou quinze dias, no fim do qual Pépin pareceu tomar alguma firmeza, e no decurso do qual nem por um momento se desmentio a impassibilidade de Morey, o tribunal dos pares condemnou Fieschi, Pépin e Boireau a vinte annos de detenção; quanto a Bescher foi absolvido.

Os tres cumplices receberam a sentença, segundo a sua maneira de experimentar e de sentir: Fieschi com uma risadinha nervosa, Morey com a sua impassibilidade habitual, Pépin com uma resignação que não deixava de ter sua grandeza.

Pépin já vestido com um collete de forças e no meio dos guardas, pareceu, fallando aos seus defensores, só pensar em sua mulher e em seus filhos.

Morey, a quem offereciam veneno, depois de reflectir por um momento, disse:

— Não, antes quero que o meu sangue lhes cáhia sobre a cabeça.

Quanto a Fieschi, impudente até ao fim, escreveu ao arcebispo da Pariz pedindo-lhe licença para ouvir missa.

Acrescentava: « Não vos esqueçaes, monsenhor, que a primeira missa foi ajudada pelo ladrão penitente.»

A 19 de fevereiro, ao despontar do dia, o abbade Grivel entrou no carcere de Fieschi e prevenio-o de que era chegada a hora de se preparar para a morte.

— É impossivel! exclamou Fieschi olhando para o confessor com olhos desvairados.

Na vespera affirmára elle ao seu advogado, que não só lhe tinham promettido a vida, mas até que se tinham compromettido a mandal-o para a America com uma porção de fazendas para negocio.

Então, o advogado abanára a cabeça, dizendo-lhe:

— Não se embale n'essa esperança, Fieschi, porque póde a desillusão fazer com que não ache a sua coragem no momento em que d'ella tiver precisão.

— Em todo o caso, respondeu Fieschi, se me não faltarem á palavra, Nina Lassave irá lançar-se aos pés da sr.ª marechala Mortier, a qual intercederá por mim para com o rei, e o rei me perdoará!

— Tudo é possivel, sem duvida, disse o sr. Patorny, porém, não conte muito com isso.

— Escute, disse então Fieschi, emprestou-me livros, não é assim?

— Emprestei.

— Pois bem, se me executarem, mandará buscal-os, e n'um d'elles achará escriptos e detalhados os compromissos a que se haviam obrigado para comigo.

Depois da morte de Fieschi, o sr. Patorny procurou inutilmente nos livros os taes compromissos; não achou nada.

Na noite de 18 para 19 foi armado o cadafalso na barreira de Saint-Jacques, e ao romper do dia 19, como dissemos, entrára o abbade Grivel no carcere de Fieschi para lhe pedir que se preparasse para a morte.

Fieschi retomou pouco a pouco toda a sua jactancia, porque ainda tinha esperança; no numero das attenções que tinham tido para com elle contava-se a remessa de excellentes charutos; Morey fumava, Fieschi pegou n'um charuto e mandou-lh'o em signal de reconciliação.

Morey recusou: Pépin pegou n'elle e fumou-o.

Abrío-se a sala onde, quando ha muitos condemnados, se fazem os *preparativos* communs. Pépin soffreu com resignação a terrivel prova, Morey ficou impassivel como sempre, Fieschi não cessou de repetir olhando para a porta:

— O sr. Ladvocat, então o sr. Ladvocat não vem?

Depois rangendo os dentes:

— Oh! meu padre, disse elle ao abbade Grivel, se elle não vier, vou para o inferno.

Finalmente, annunciaram aos condemnados que era mister descer; tres carros os esperavam ao fundo da escada, e cada um subio para o seu.

— De facto, disse Fieschi assentando-se ao pé do padre, não me devo admirar do que me acontece.

— Porque?

— Porque, por occasião da minha expedição á Calabria, uma feiticeira prognosticou-me que morreria guilhotinado e com a alma satisfeita, e não me enganou.

Ás oito horas em ponto, o funebre cortejo chegou á barreira Saint-Jacques; tres fileiras de soldados rodeiavam o cadafalso, a muralha viva abrio-se, e pela brecha passaram os tres condemnados.

Depois, fechou-se a brecha sobre elles.

Os carros pararam. Fieschi, sempre agitado, sempre impaciente, saltou abaixo do seu; Pépin apeou-se com o socego que o não tinha desamparado desde que parecera conformado. Quanto a Morey, viram-se obrigados a pegar n'elle e a pôl-o no chão.

Então este, com um sorriso, o primeiro que lhe desabrochou nos labios, disse:

— Não é o animo que me falta, são as pernas.

Todos tres, com as mãos atadas atraz das costas, foram encostar-se ao cadafalso.

Ahi os padres, no meio das derradeiras exhortações, chegaram-lhes o crucifixo aos labios.

Pépin, que todo o caminho tinha fumado, deitou o charuto fóra para beijar o Christo.

N'este momento chegou-se a Pépin um commissario de policia.

— Se quizer fazer revelações, lhe disse elle, será sustada a execução.

— Não tenho que revelar, disse Pépin, e como me julgo bem preparado para morrer, se ha de ser logo, é melhor que seja já.

O commissario retirou-se.

Os executores approximaram-se de Pépin e disseram-lhe:

— Venha.

— Ah! é por mim que começam, disse Pépin, e cortejando Morey com a cabeca, deu um passo para a frente.

Lançaram-lhe uma capa amarella sobre os hombros, e com passo firme subio os degráos do cadafalso.

Chegando á plataforma, parou; vio-se que queria fallar, e os espectadores guardaram o mais profundo silencio.

— Morro innocente, senhores, morro victima, bradou Pepin, adeus!..

E depois de um ultimo olhar para o céo, entregou-se elle mesmo ás mãos dos executores.

Seguio-se Morey; chegando ao pé do alçapão da guilhotina, o executor levantou a mão para elle com certa violencia e rasgou-lhe o alto do collete de flanella.

Então, voltando-se para este homem, disse-lhe em voz baixa:

— Para que estraga este collete? Se o despreza, poderá servir para algum pobre.

Quando terminou estas palavras, tiraram-lhe o barrete de seda preta, e os cabellos brancos fluctuaram ao vento.

Aquella cabeça branca produzio grande effeito na multidão: levantou-se um rumor surdo, que só se extinguio quando a cabeça do ancião cahio debaixo do cutello.

Tocava a Fieschi subir ao cadafalso.

— Não me deixe senão o mais perto possivel da eternidade, dissera elle ao abbade Grivel; e este, fiel á sua missão, subio com elle á platafórma.

O padre fez-lhe beijar uma ultima vez o crucifixo.

— Quem me déra, para lhe agradecer, que me fosse permittido d'aqui a cinco minutos, vir dar-lhe noticias do outro mundo.

Foram estas as suas derradeiras palavras. Elle proprio se deitou sôbre o alçapão, como se tivesse pressa de acabar com a vida.

Era evidente que era o menos corajoso dos tres.

Eis aqui a parte que cada um d'elles tinha no crime.

Pépin déra o dinheiro para alugar a casa.

Morey fabricára a machina infernal e carregára as espingardas.

Fieschi lançára-lhe fogo.

Dois dias depois, a praça da Bolsa estava cheia de curiosos parados á porta de um café chamado o *Café da Renascença*, e que depois desappareceu: o dono do estabelecimento tomára Nina Lassave, amante de Fieschi para lhe servir ao balcão.

Um dos caracteres do reinado de Luiz Philippe, é a especulação impudente, da qual o facto que aqui citamos, não é talvez um dos mais tristes exemplos.

CAPITULO XX

Em quanto se passavam os acontecimentos que acabamos de contar, tinha o sr. Thiers rompido com o sr. Guizot, e chegára á presidencia do conselho.

No entretanto o primeiro ministerio, como estabelecera o sr. Thiers, fôra despedaçado por uma imprudencia do sr. Humann que, de repente, em contrario á resolução tomada em pleno conselho, viera propôr a reducção da divida.

Dois dias depois da morte de Fieschi e dos seus cumplices, isto é, a 22 de fevereiro de 1836, o ministerio reconstituira-se nas seguintes condições:

O sr. Thiers, ministro dos negocios estrangeiros e presidente do conselho;

O sr. Sauzet, guarda sellos, ministro da justiça;

O sr. conde de Montalivet, ministro do interior;

O sr. Passy, ministro do commercio e das obras publicas;

O sr. Pelet, ministro da instrucção publica;

O sr. Argout, ministro das finanças;

O sr. almirante Duperré, ministro da marinha;

O sr. marechal Maison, ministro da guerra.

Entrando nos negocios estrangeiros, a primeira noticia que ahi soube o sr. Thiers foi a violação dos tractados de Vienna a respeito da Cracovia.

Cracovia, cidade livre, independente, strictamente neu-

tra, onde, sob qualquer pretexto, nenhuma força militar podia ser introduzida. acabava de ser primeiro invadida pelos austriacos, em seguida pelos russos, e depois pelos prussianos.

A occupação tivera logar a 17: o sr. Thiers entrava no ministerio dos negocios estrangeiros a 22.

O sr. Thiers deixou occupar Cracovia.

N'este meio tempo, *lord* Palmerston convidava o sr. Thiers a intervir ao menos na Hespanha, pois que não intervinha na Polonia.

O sr. Thiers nunca tivera um desejo tamanho como o de realisar esta intervenção. O sr. Thiers ia pois apressar-se a intervir.

O espanto de *lord* Palmerston deveu pois chegar até á stupefacção, quando o sr. Thiers respondeu ao seu convite com uma recusa.

O sr. Thiers pertencia em corpo e alma d'ora ávante á politica continental.

D'onde vinha esta mudança?

Vamos dizel-o:

Queriam seguir o exemplo de Napoleão, no que perdera Napoleão.

Queriam casar o duque d'Orleans com uma archiduqueza.

Fallou-se aos srs. de Werther e d'Apponi de uma viagem dos principes á Allemanha, e não lhe disseram mais nada; porém os embaixadores comprehendem sempre meia palavra.

Respondeu-se que o duque d'Orleans seria perfeitamente recebido, e partio com o duque de Nemours, levando uma caixa cheia de retratos e de caixas de rapé; as caixas com as firmas, e os retratos rodeados de diamantes.

Antes da sua partida, tive a honra de estar uma hora

com elle, e mostrou-me todas estas maravilhas que acabava de lhe trazer Bapst, seu joalheiro.

Os dois principes começaram pela Prussia, onde foram admiravelmente recebidos. Isto era mui simples.

Aos cortezãos, traziam diamantes e cruzes.

Aos povos, mostravam nas suas pessoas a imagem viva da Revolução.

De Berlin passaram a Vienna.

Todos se lembram de que o duque d'Orleans era bello, espirituoso, affavel, cheio de encanto quando queria agradar, familiar com todas as litteraturas, e fallando, como o francez, quatro ou cinco linguas vivas.

Todas as senhoras de Berlin estavam doidas por elle, todas as senhoras de Vienna assim ficaram tambem.

A escolha do duque d'Orleans fixou-se na princeza Thereza, filha do archiduque Carlos.

O archiduque Carlos tem sido tão batido por nós, que é quasi popular em França.

Um dia, n'um canto do salão imperial, os filhos do archiduque-Carlos estavam de roda do joven duque de Reichstadt dando grandes gargalhadas.

— Que estão ahi fazendo, rapazes, gritou de uma para outra extremidade da sala o archiduque Carlos aos jovens folgasões.

— Oh! *papá*, respondeu o mais velho dos filhos do archiduque, é Reichstadt que nos está contando como seu pae lhe batia sempre; é muito divertido.

Era muito divertido, sem duvida, mas isto indicava que o duque de Reichstadt sabia mais historia do que se pensava.

Pobre duquezinho, talvez que pagasse bem caro as gargalhadas dos seus primos.

O duque d'Orleans tinha pois lançado os olhos para a

princeza Thereza, filha do archiduque Carlos. Por sua parte tinha agradado á princeza, e até mesmo ao archiduque.

Infelizmente, a pessoa a quem era mister agradar primeiro do que a qualquer outra, era á archiduqueza Sophia, e o meio de agradar a esta não era agradar á princeza Threza.

O casamento frustrou-se.

O sr. de Metternich foi encarregado de achar a esta recusa uma boa razão.

— É impossivel, disse elle, expôr uma princeza austriaca a subir para uma carruagem atravez da qual passam a cada momento tiros de pistola!

Os jovens principes partiram para a Italia, onde contaram demorar-se alguns mezes, quando lhes chegou a noticia de que o rei acabava de escapar com a sua felicidade habitual a uma tentativa de assassinato.

O tiro tinha sido dado de tão perto que tinha ficado a buxa nos cabellos do rei.

A duvida sobre a identidade do assassino não foi longa.

Um guarda nacional vira fazer pontaria ao rei, e levantára o cano da espingarda.

Este guarda nacional, era o armeiro Devisme: a bengala-espingarda de que o assassino acabava de servir-se, sahira da sua loja.

Alèm d'isso, o assassino nem mesmo procurára fugir.

Devisme saltou-lhe ao pescoço e reconheceu-o.

— Oh! desgraçado! exclamou elle; conheço-o: chama-se Luiz Alibaud; foi em minha casa que comprou a arma de que acaba de servir-se.

Aquelle, cujo nome Devisme acabava de denunciar, era um mancebo de vinte e seis annos, o qual, por um contraste singular, quasi incrivel, se offerecia sob um aspecto cheio de graça e de doçura.

O rosto era bello, elegantemente ornado pelos cabellos

fluctuantes e pela barba preta; os olhos azues offereciam um singular mixto de força e de melancholia; e longe de parecer commovido n'este momento terrivel, nem as pancadas, nem as ameaças, nem as injurias lhe poderam expellir dos labios o sorriso grave e desdenhoso que os entr'abria.

Um agente de policia lançou-se sobre elle, e posto que por fórma alguma se defendesse, arrancou-lhe um punhado de cabellos.

— Ah! disse elle amargamente, aqui está o que eu chamo coragem. Meu amigo, é um bravo!

Apalparam-no: não tinha comsigo senão um pente, dois cachimbos, um maço de tabaco de fumo e vinte e tres soldos.

Vendo o pouco dinheiro que trazia, um coronel pensou sem duvida que a necessidade tinha por alguma sorte contribuido para o crime.

— Monstro, lhe disse elle, se tinhas precisão de dinheiro, dissesses-m'o, porque t'o daria.

— De dinheiro, respondeu Alibaud, eu não mendigo: ganho-o, e aquelle que me impede de o ganhar, mato-o!

É uma designação fatal ás monarchias de que é chegada a sua hora, quando homens como Morey ou Alibaud se fazem assassinos.

Alibaud nascera a 4 de março de 1810, em Reims; era filho de Bartholomeu Alibaud, segeiro, e de Thereza Magdalena Barrière.

Na revolução de Julho, estava no 15.º regimento de infanteria, de guarnição em Pariz.

Deixou o serviço em 1832, e viajou, perseguido pelo terrivel pensamento de matar o rei.

Por espaço de tres annos, que duraram as suas viagens, em logar de lhe sahir da idéa este projecto, cada vez tomou mais raizes no seu pensamento.

A 17 de novembro de 1835 entrou novamente em Pariz.

Tudo estava resolvido.

Porém estava tão pobre, que não tinha dinheiro para comprar a arma com que devia executar o crime.

Foi então que se apresentou como caixeiro em casa do sr. Devisme, que lhe confiou duas duzias de bengalas-espingardas; quinze dias depois reenviou-lh'as todas, á excepção de uma, que conservára, e de que se reconhecia devedor.

Isto passava-se pelo fim de fevereiro.

A 27 do mesmo mez, entrava por criado em casa de um mercador de vinho, com uma soldada de quatrocentos francos por anno, casa, cama e meza.

A 23 de maio seguinte sahio d'esta casa e foi para uma hospedaria da rua Marais-Saint-Germain, onde ainda morava a 25 de junho, dia em que o attentado foi commettido.

Durante a sua viagem, Alibaud assignalára a sua coragem, incontestavel, de uma maneira singular.

N'uma desordem que tivera em Perpignan recebera uma bofetada: os seus amigos, que lhe conheciam a bravura, não duvidavam que se batesse, quando elle, abanando a cabeça, disse:

— Bater-me! não tenho mais que fazer!

Tres dias depois, com effeito, partia para Pariz, onde o crime que tentou dava a explicação d'essa missão sinistra em que proseguia, sahindo de Perpignan.

Comprehenderam logo que era preciso acabar depressa com um homem assim, e que quanto menos o mostrassem ao publico, melhor seria.

A 25 de junho, no mesmo dia do attentado, a camara dos pares constituio se em tribunal de justiça.

Disseram-lhe que nomeasse os chefes e os membros da conspiração.

— O chefe é a minha cabeça, disse elle, os membros são os meus braços.

— Mas, emfim, desde que epocha, lhe perguntaram, concebe este projecto fatal na sua imaginação?

— Desde que o rei pôz Pariz em estado de sitio, desde que quiz governar em logar de reinar, desde que fez assassinar os cidadãos nas ruas de Lyão e no convento Saint-Méry; o seu reinado é um reinado de sangue, um reinado infame. Quiz matar o rei.

Alibaud escolhera ou recebera por advogado Carlos Ledru.

Não havia outro meio de defender um homem que confessava o seu crime, que até mesmo d'elle se glorificava, senão appellar para a clemencia do rei.

Carlos Ledru citou a clemencia d'Augusto para com Cinna.

A estas palavras do seu defensor, Alibaud levantou-se vivamente e disse:

— Senhores, agradeço ao meu advogado as suas boas intenções, porém nunca tive desejo nem vontade de defender a minha cabeça: a minha intenção era, como já se vio, poisque nem sequer procurei fugir, era trazer-lh'a lealmente, julgando que da mesma fórma a teria tomado; um conspirador ou triumpha ou morre! Tinha a respeito de Luiz Philippe o mesmo direito que Bruto tinha contra Cesar.

Interrompido pelos rumores da Camara:

— O regicidio, continuou elle levantando a voz, o regicidio é o direito do homem que não póde obter justiça senão pelas suas mãos.

Não era similhante defeza que queria o sr. Pasquier, nem a Camara alta. Impozeram silencio a Alibaud.

Não admittia duvida a natureza da sentença que se daria. Alibaud foi condemnado á pena dos parricidas.

Alibaud recusou dirigir-se ao poder moderador.

Porém Carlos, esse homem que tem a alma cheia de imaginação, e por isso sem duvida tem sido muito calumniado, Carlos Ludre escreveu ao rei:

« *Sire*,

Alibaud está decidido a morrer, a despeito da necessidade de consolar seu edoso pae; vou pois cumprir uma missão sancta, pedindo-vos que volvaes um olhar de clemencia sobre o condemnado, cuja inabalavel resolução tornará mais grandioso ainda o perdão que vossa magestade deixar cahir do alto do seu throno. Era impossivel, *sire*, vencer a obstinação de um homem mui desdenhoso da vida para a querer prolongar um dia que seja. Pareceu-me que, se é dever de todo o cidadão perdoar ao seu inimigo, é digno do primeiro cidadão do Estado perdoar ao seu assassino. »

O pedido não foi attendido.

Foi n'um domingo, pela manhã, que Carlos Ledru recebeu esta noticia.

Correu a casa do sr. Sauzet para appellar.

O sr. Sauzet respondeu que se não appellava de uma sentença dada pela camara dos pares.

— Então porque? exclamou Carlos Ledru.

— Porque *isso seria inconveniente*, respondeu o sr. Sauzet.

Alibaud passou o domingo, ora meditando, ora cantando cantigas da sua terra; as primeiras recordações da mocidade é aquillo de que o homem que vae morrer mais se lembra e com mais prazer.

Na segunda feira, ao despontar do dia, o abbade Grivel entrou na prisão do condemnado.

Dormia com a mais profunda tranquillidade.

A luz do candieiro, que ainda ardia diante d'elle, reflectia-se em seu bello rosto, ao mesmo tempo sereno e firme.

Parecia já morto, e morto sorrindo.

Que differença entre este homem e Fieschi, cuja prisão elle occupava.

O abbade Grivel acordou-o.

Então o confessor e o padecente trocaram as palavras supremas.

Porém foi em vão que o homem de Deus quiz conduzir Alibaud ao arrependimento.

— Meu padre, lhe disse elle, se me arrependesse seria de me ter enganado.

Como ainda não tivesse comido, nem bebido, nem se quer manifestado desejo de o fazer antes da execução, o abbade Grivel offereceu a Alibaud um copo de vinho da sua terra.

Alibaud acceitou; porém, apenas chegou o copo aos labios, retirou-o logo.

Acabava de lhe vir ao pensamento a idéa de que teriam deitado no vinho alguns pós enervantes que, no momento de morrer, lhe tirasse ou a força physica, ou a coragem moral.

O digno padre adivinhou-lhe o pensamento, pegou no copo, bebeu metade, e passou-o ás mãos de Alibaud, que bebeu o resto.

Ás quatro horas da manhã chegou o executor.

Fizeram descer Alibaud para uma pequena casa contigua ao cartorio.

O rosto era sempre o mesmo, pallido e altivo.

O unico calefrío que lhe correu nas veias, foi quando a tesoura, com que lhe cortaram o cabello, lhe tocou no pescoço.

Porém este calefrio foi rapido e substituido por um sorriso.

Deitaram-lhe então nos hombros um penteador branco e depois sobre a cabeça um véo preto.

Depois d'estes preparativos pozeram-se a caminho para a praça Saint-Jacques.

Apenas eram cinco horas da manhã.

Se as ruas já não estavam escuras, estavam solitarias; só na visinhança do cadafalso, n'este ponto especial, a cidade parecia viver e agitar-se.

Um regimento inteiro cercava o cadafalso, junto ao qual Alibaud se apeou.

Immediatamente o executor lhe tirou o vèo negro que o cobria, e povo e soldados poderam então destinguir-lhe a cabeça direita e altiva.

Leram-lhe a sentença, que ouvio com a maior tranquillidade.

Em seguida subio, sem ser ajudado, os degráos do cadafalso.

Chegando á platafórma, caminhou até a extremidade, exclamando:

— Francezes, morro pela liberdade!

Alguns segundos depois tinha a cabeça separada do corpo.

No momento de dar á terra os restos mortaes d'Alibaud, o coveiro do sombrio cemiterio pegou na cabeça pelos compridos cabellos pretos e mostrou-a ao povo, dizendo aos raros espectadores que até ali tinham seguido o carro mortuario:

— Esta cabeça, como vêem, é realmente d'Alibaud.

CAPITULO XXI

Fatal nos nossos fastos historicos foi este anno de 1836 preenchido inteiramente pela execução de Fieschi, pelo attentado d'Alibaud, pelo duello de Carrel, pela conspiração de Strasbourg e pela morte de Carlos X.

São conhecidos os detalhes da morte de Carrel.

Ferido mortalmente n'um combate leal com o sr. Emilio de Girardin, expirou na manhã de 24 de julho, pronunciando estas tres palavras:

— França, — amigo, — Republica.

Estas tres palavras resumiam a sua vida inteira.

Em todas as occasiões, tinha offerecido a vida á *França*, aos seus amigos, e á Republica.

A infelicidade de Carrel foi morrer fóra da politica.

Mas para chefe de partido, digamol-o tristemente, porque triste é dizel-o, era tempo de que Carrel morresse.

Vivendo, não teria perdido a sua reputação de lealdade, o que era impossivel, mas talvez que houvesse perdido a sua reputação de habilidade.

Nem todos têem a fortuna de morrer a tempo: vêde Lafayette e Luiz Philippe, quando a respeito de ambos a morte errou.

Lafayette devia morrer no dia 5 de junho de 1832.

Luiz Philippe devia morrer no dia 28 de julho de 1835.

Não esqueçamos, comtudo, entre os acontecimentos importantes do anno, as perseguições do ministerio contra a

intervenção na Hespanha, ao principio recusada a lord Palmerston, depois auctorisada secretamente pelo rei, com auxilio das legiões estrangeiras, e emfim recusada em seguida a uma viva altercação, entre o sr. Thiers e o sr. de Montalivet, e contra a opinião do duque d'Orleans.

Faziamos mal em nos esquecermos do motivo que causou a queda do sr. Thiers.

O seu ministerio de sete mezes tivera duas phases bem distinctas.

Durante a primeira, esperando uma alliança matrimonial com a causa da Prussia ou da Austria, o sr. Thiers affastára-se da alliança politíca da Inglaterra e approximára-se da alliança continental.

Durante a segunda, tendo perdido a esperança da alliança matrimonial com a Prussia ou com a Austria, voltára á alliança politica com lord Palmerston.

Dada e acceite a sua demissão, o sr. Thiers partio para a Italia, deixando o logar ao sr. Molé.

Eis aqui como, por essa occasião, se organisou o ministerio:

Presidencia do conselho e negocios estrangeiros, o sr. Molé;

Justiça e cultos, o sr. Perril;

Interior, o sr. Gasparin;

Marinha, o sr. Rosamel;

Finanças, o sr. Duchâtel;

Instrucção publica, o sr. Guizot;

Guerra, o sr. Bernard;

Commercio e obras publicas, o sr. Martin.

Foi no tempo d'este ministerio que teve logar a tentativa de Strasbourg.

A 2 de novembro de 1836, leu-se no *Moniteur* que, durante o dia da vespera, a guarnição da cidade tinha feito

uma tentativa de rebellião em favor do principe Luiz Napoleão Bonaparte; porém esta tentativa não vingára.

Havia muito que esta tentativa se preparava.

Disse nas minhas *Impressões de viagem á Suissa*, e imprimi em 1834 as esperanças da familia exilada, e a conversa que tive com a rainha Hortense, a respeito d'estas esperanças.

Mal sabia eu n'essa epocha que essas esperanças se viriam a traduzir pelo que depois chamaram emprezas mallogradas de Strasbourg e de Bolonha.

Todos estes detalhes são mais do dominio das *Memorias* particulares do que da historia. Estas Memorias pessoaes, estou escrevendo-as n'este momento, e obrigamo-nos a consignar n'ellas, sobre os homens e sobre as coisas, curiosos documentos.

Tornemos ao principe Luiz e a essa tentativa, de que o *Moniteur* annunciava ao mesmo tempo o brilhante principio e o triste fim.

Eisaqui como as coisas se passaram:

Havia muito tempo, já o disse, e podem-se certificar da verdade do que avanço lendo, nas minhas *Impressões de viagem á Suissa*, o que escrevi em 1834, isto é, dois annos antes da execução dos projectos do principe; havia muito tempo, digo, que o principe sustentava relações na França,

Uma vez, em quanto vivo Lafayette, viera por inglaterra conferenciar com elle; porém a entrevista não tivera resultado.

Mais tarde passára o Rheno, fôra a Strasbourg, e reunindo um conselho de amigos, apalpára o terreno em que se ia arriscar. Os seus amigos, ainda os mais temerarios, ainda os mais interessados no successo da empreza, tinham-lhe apresentado o exito como incerto, e voltára a Arenemberg, addiando sim, porém não renunciando os seus projectos.

Um dos caracteres particulares do temperamento do principe Luiz é essa tenacidade que, nos homens superiores, se torna genio, e nos homens inferiores, teima e obstinação.

Não se deu por derrotado.

Escreveu ao general Voirol, commandante do departamento do Baixo-Rheno, pedindo-lhe uma conferencia.

O general Voirol não lhe respondeu, porém abstendo-se de responder, guardou a carta.

No entretanto fallou ao prefeito do Baixo-Rheno, o sr. Coppin d'Arnouville, dos projectos que suppunha ao joven principe.

— Tenho alguem ao lado d'elle, respondeu o prefeito, e não dá um passo que eu não saiba.

Ainda aqui não fica, o principe não se contentára com escrever ao general Voirol; abrira-se a respeito dos seus projectos com um capitão chamado Rauedre, o qual déra parte d'esta communicação ao seu commandante, o sr. de Franqueville.

O sr. de Franqueville passára-o immediatamente ao general Voirol.

Desde então parecera o caso tomar alguma gravidade aos olhos d'este ultimo, e tinha enviado ao ministro a carta do principe Luiz, juncta com a sua exposição.

Era a epocha em que se nutriam as conspirações em logar de as prevenirem, e em que se preferia suffocar a creança á nascença a fazel-a abortar.

O ministro deixou o negocio seguir o seu andamento.

A 25 de outubro de 1836 o principe sahia do palacio de Arenemberg sob pretexto de uma caçada, e dirigira-se ao ducado de Baden, onde se deviam achar alguns personagens importantes, com o auxilio de quem elle julgava poder contar.

Aquelles que esperava não vieram.

Tres dias esperou em vão, e depois de passados esses tres dias, partio para Strasbourg.

Os dois homens em quem Luiz Napoleão mais esperanças fundava eram o coronel Vaudrey e o commandante Parquin.

O coronel Vaudrey fizera tudo quanto podéra para affastar esta perigosa fortuna.

Então o principe julgára subjugal-o mostrando-lhe um contracto, pelo qual assegurava dez mil francos de renda a cada um de seus filhos.

Em vista d'isto o coronel rasgára o contracto, dizendo ao principe:

— Senhor, eu dou o meu sangue, não o vendo.

E offerecido e acceite o seu sangue *gratis*, mais nenhuma objecção apresentára o coronel d'ahi em diante.

O coronel Parquin fôra menos difficil de decidir. Conheci-o muito pessoalmente; era um d'esses homens do Imperio, todo dedicado ás tradições imperiaes, firme e leal como a sua espada; porém como a sua espada, bom para instrumento e nada mais.

Publicou depois na prisão dois volumes de Memorias, que me mandou e em que esse espirito dos acampamentos, o unico que elle teve, está desenvolvido em alto grão.

A 27 de outubro de 1836, pelas oito horas da noite, o principe reunio o seu conselho, e decidio-se que o movimento teria logar a 30.

Contavam servir-se do prestigio do nome napoleano; era pois sobre os soldados que se tornava mister operar.

Os soldados que compunham a guarnição de Strasbourg eram tres regimentos d'artilheria e um batalhão de sapadores.

Os artilheiros estavam certos.

O coronel da 4.º d'artilheria era da conspiração.

Contavam com os portageiros, porque tinham entre elles gente sua.

A infanteria era a menos certa.

Alèm d'isso o coronel Vaudrey tinha as chaves do arsenal.

Por conseguinte, propoz-se:

Sublevar primeiro a artilheria, marchar para a praça d'Armas e assestar as peças sobre o quartel da infanteria.

A infanteria ou se unia á insurreição ou era esmagada.

A proposta foi regeitada.

Eis aqui o plano que prevaleceu:

Iriam primeiro ao 4 d'artilheria, aquartelado no bairro d'Austerlitz, sublеval-o-iam, o que era coisa facil, e até certissima.

D'ahi passariam ao quartel Finkmatt, afim de fazerem uma tentativa no 46.º de linha.

Dirigindo-se ao quartel Finkmatt, apoderar-se-iam da casa da camara, da prefeitura e da divisão militar.

Quem fez esta proposta? Não se sabe.

Se foi o principe, como a fez elle?

Se não foi, como a acceitou?

Quando se é sobrinho de Napoleão e quando se aspira á successão do primeiro estrategista do mundo, deve-se saber que as primeiras leis de tactica militar ordenam que se reuna a maioria de que se está certo, e que se marche com ella contra a minoria de que se duvida.

Era o plano contrario que se acabava de adoptar.

A tentativa mollogrou-se no quartel de infanteria, antes que o movimento tomasse na cidade a importancia que devia tomar, e que teria tomado, se a cidade tivesse despertado ao estrondo da artilheria, rodando pelas ruas e pondo se em bateria nas praças, em logar de accordar ao simples grito de *viva o Imperador!*

Um simples tenente fez frustrar a tentativa, grão d'areia de que falla a Escriptura, e que faz parar e tombar o carro do conquistador.

Um tenente chamado Pleignier correu para o principe, e levantando a mão para elle, disse:

— Não é Luiz Napoleão, é apenas sobrinho do coronel Vaudrey, usurpa um nome que não tem direito de usar; está preso.

Não é Luiz Napoleão! Quem dirá o alcance d'esta duvida, lançada na alma do soldado em tal momento?

O tenente Pleignier cria realmente no que dizia, ou derrubava com uma só palavra todo este apparato construido sobre as recordações do Imperio?

No ultimo caso, era bem feito, e o acaso tinha-se enganado fazendo d'este homem apenas um tenente.

Outro boato se espelhára ao mesmo tempo de que o movimento era legitimista.

Contra esta triplice resistencia não tinha elle nada que fazer.

Em primeiro logar, o nome do principe Luiz não tinha feito adherir o regimento.

Depois, o homem que se apresentava em nome do principe Luiz, não era o principe Luiz.

Finalmente, este homem que não era o principe Luiz, era um agente realista.

O principe não tinha, na verdade, senão um meio de provar a falsidade de similhantes accusações, era entregar-se, e assim o fez.

Outro tanto esteve para acontecer a Bonaparte no 18 brumario, e se não fosse Luciano, de certo que estava perdido.

Luiz Bonaparte não tinha Luciano, foi preso e conduzido á fortaleza.

Ao mesmo tempo, no mesmo dia, um sargento, chamado Bruyant, fazia revoltar o seu regimento dos hussards de Chartres, que pertencera ao duque d'Orleans.

Foi condemnado a ser arcabuzado.

Fui eu que lhe salvei a vida, por intervenção do duque d'Orleans; n'outra parte direi como esta graça me foi concedida.

Quanto ao principe Luiz, a unica punição que lhe foi infligida, foi fazerem-lhe atravessar a França, sem duvida para lhe mostrarem o pouco que a França se occupava a seu respeito.

Até aqui bem ia, mas o que foi mal, foi mandal-o para a America; era mister reconduzil-o á Suissa, e deixal-o ali perfeitamente tranquillo.

Por um momento, teve receio de que o tractassem com pouca importancia.

O sr. Gabriel Delessert tranquillisou-o quando elle passou por Pariz.

Foi sem duvida quando soube que o tractavam como verdadeiro conspirador que escreveu, mesmo da prefeitura da policia, uma carta de agradecimento ao rei.

A 21 de novembro, o principe Luiz sahio de França.

Havia dezesete dias que Carlos X tinha morrido; no dia do sancto do seu nome cahira doente em Goritz, na Styria, e no dia 6, pela uma hora e um quarto da manhã, entregava a Deus a alma do ultimo Bourbon que tinha reinado em França.

E nós aqui o dizemos, na nossa convicção, a alma do ultimo Bourbon que em França reinará.

O corpo de Carlos X repoisa no convento dos franciscanos Graffenberg (montanha dos condes) n'um sepulchro da maior simplicidade.

A lousa que cobre este principe, desherdado ao mesmo

tempo do throno e do tumulo de seus paes, tem esta simples inscripção:

AQUI JAZ

O muito alto, muito poderoso e muito excellente
principe Carlos, decimo do nome,
por graça de Deus, rei de França e de Navarra.

Falleceu em Goritz, a 6 de novembro de 1836,
com 79 annos e 28 dias de edade.

Esta morte produzio pouca sensação na França; Carlos X ahi passára da impopularidade ao esquecimento; só uma voz se fez ouvir carpindo sobre o seu tumulo, como David sobre o cadaver de Saul.

Os versos são bellos, a acção era corajosa. Uma e outra coisa são de Victor Hugo.

Eis aqui alguns d'esses versos:[1]

« Em quanto vós calais, eu, cujo cantar plangente
nunca saúda a aurora, antes saúda o poente,
eu, que já fui. em Reims, hospede do meu rei,
eu, que chorei por elle e as faltas lhe increpei,
não guardarei silencio! irei, fronte inclinada,
d'aquelle extincto rei á ultima morada;
hei de lá pendurar na abóboda sem luz
a lyra que, fiel, as máguas me traduz;
e, á memória do rei votando triste pranto,
hei de, em que pése ao mundo, erguer piedoso canto
á beira do que dorme! E que me importa a mim,

[1] A traducção é devida ao obsequio do nosso estimavel poeta, o Ex.mo sr. Candido de Figueiredo.

— a mim, que azas desprendo em páramos sem fim,
a mim, que nunca amei senão o campo e os mares,
e tudo o que me exprime ou dores ou pezares,
exceptuando os maus; a mim, cuja afflicção
sóbe de ponto, ao ver, do mar na vastidão,
o marinheiro audaz, guiando fragil barca;
e que entre os ais do povo e os prantos do monarca
hesito muita vez; — que importa, digo eu,
que, ao termo de annos seis, baixasse do apogeu
da realeza doirada aquelle soberano,
que é hoje uma ruina ao pé de um torvo oceano,
mudo fantasma a ver o que se passa aqui!
que importa que jamais desinvolvesse em si
a força que transforma aos seculos a face!
que a sua ingloria fronte em sombras mergulhasse!
que soffresse do exilio os momentos crueis,
que são primeira morte aos que já foram reis,
elle, já velho e só, sem purpura e sem nada!
Que importa? embora surja a ira suffocada,
direi que em Saint-Rémy entrámos, elle e eu,
ambos, no mesmo dia; e lá nos acolheu
a acclamação que eu guardo ainda na lembrança.
E então era elle velho, e eu quasi uma criança.
Poeta que elle amou, eu não consentirei
que em nua e erma campa escondam o meu rei.
Em quanto ao longe a turba enche de clamor o espaço,
a sublime Piedade, em amoroso abraço,
os proscriptos involve em manto de alva côr;
e em cada noite, a que ella empresta o seu fulgor,
não pedirá debalde ao meu triste alaúde
um luctuoso véu para o real ataúde!»

CAPITULO XXII

Como se vê, tudo favorecia o prospero caminho da familia real para o apogeo do poder absoluto, alvo constante de todos os desejos do seu chefe.

E, forçoso é dizel-o, como rei, era poderosamente favorecido pela protecção providencial.

Como pae, era summamente abençoado pela bondade divina.

Como rei, a invulnerabilidade mais completa: escapára á pistola anonyma, que primeiro fizera fogo sobre elle, á machina infernal de Fieschi, á espingarda d'Alibaud.

Como rei, vira cahir successivamente os seus amigos e inimigos mais temiveis: Lafayette e Casimiro Périer, Carrel e Carlos X.

Como rei, tinha, senão anniquilado, pelo menos dispersado o partido republicano; havia-se quasi reconciliado com a Europa continental, sem se indispôr com a Inglaterra.

Como rei, emfim, tornára-se o chefe, o typo, o emblema, o heroe, o idolo d'essa burguezia ambiciosa, que, depois de haver desthronado a aristocracia, opprimia o povo e aspirava a substituir a nobreza de dinheiro á nobreza militar de Napoleão, á nobreza cortezã de Luiz XV, e á nobreza feudal de Luiz XIII e de Henrique IV.

Como pae, que maravilhosa dilatação de familia nobre e vigorosa: cinco principes, todos bellos, todos esforçados, possuidores dos mais illustres e mais antigos nomes da

chistandade, todos subordinados a um irmão mais velho, a quem os seus mais implacaveis inimigos não tinham que arguir senão de uma formosura quasi feminina, e os seus amigos, senão de sua coragem quasi insensata.

Tres princezas, nas quaes a belleza, essa corôa das mulheres, não era senão uma qualidade secundaria; tres princezas das quaes a mais velha, a princeza Luiza, era citada pela sua religiosa bondade; a segunda, a princeza Maria, era illustre entre os artistas; a terceira, a princeza Clementina, era quasi celebre pelo seu talento.

Que mais teria ousado pedir ao céo o pae e o rei com este bello grupo de oito filhos jovens e contentes; o rei, com esse throno, o mais bello dos thronos do mundo, com uma fortuna pessoal collossal; doze milhões de lista civil, os mais bellos palacios da França, as Tuileries, Versailles, Saint-Cloud, Fontainebleau, Compiègne, Rambouillet?

O que ousou elle pedir? Foi dinheiro, sempre, sempre dinheiro.

De quando em quando, pedia tambem mais algum despotismo.

Mas o despotismo não custava nada á burguezia; além de que não desgostava de vêr o seu representante dar no povo que ella sentia mover-se sob seus pés, e na intelligencia que ella sentia trovejar por cima da cabeça.

A 27 de dezembro, facto que nos esquecemos de consignar no anno de 1836, o seu rei estivera quasi sendo assassinado; um miseravel, chamado Meunier, fizera fogo sobre elle, porém como era um assassino vulgar, como chorou, como implorou o seu perdão, o rei perdoou-lhe.

A burguezia applaudio o perdão de Meunier como applaudira o supplicio d'Alibaud.

Até ali, o seu rei tinha recebido do céo o dom da infallibilidade.

Mais ainda, as noticias eram boas: a filha mais velha de Luiz Philippe esposou o rei dos belgas.

É verdade que era um rei de creação mais nova ainda que Luiz Philippe; é verdade que reinava n'um pequeno reino, mas emfim era um rei.

O duque d'Orleans esposava a princeza Helena de Meck-lembourg-Schwérin!

É verdade que esposava esta princeza contra vontade de seu irmão, que não achava de casa sufficientemente boa para elle um Bourbon, um d'Orleans, um descendente de S. Luiz, e que fôra mister a influencia da Prussia para contrabalançar n'este negocio a influencia da Russia.

A burguezia alliva-se pois, na pessoa dos seus principes, aos Coburg e aos Schwérin, o que era muito honroso para ella.

Esta pobre burguezia julgou-se enobrecida pela pancada.

Porém não tinha pensado n'uma coisa, não tinha pensado que os casamentos custam caros.

Porque o rei pedio dinheiro.

Pedio um milhão de dote, por uma vez sómente, para sua filha mais velha, a princeza Luiza, que acabava de se casar.

Pedio um milhão mais de dotação por anno para seu filho mais velho, que se ia casar.

Emfim, pedio, a titulo de apanagio annual, cincoenta mil francos para o duque de Nemours, que se podia casar.

Ah! d'esta vez, a burguezia ficou inquieta.

Em quanto só tinham tocado na sua honra, isto é, na da França, não dissera nada.

Mas como lhe tocavam na bolsa, murmurava.

E em que epocha pedia o rei este augmento de dote, de dotações e de apanagios; quando um triste queixume, uma longa lamentação se elevava de todos os pontos da França.

Escutem as cidades, os departamentos, as provincias; por toda a parte se solta o mesmo grito de miseria, de angustia e de fome.

É Ruão que começa esta serie de dores.

Em Ruão, as fabricas de fiação decahem, os tintureiros não tem obra; diminuiram o salario dos tecelões de maneira que já lhes não chega para viver; uns teem levado os seus libretos á *mairie*, aquelles dirigem-se á caridade publica, outros fazem-se varredores, ganhando apenas doze soldos por dia.

No departamento Aude ha penuria, ha fome.

Em Arriége andam os pobres em bandos, quaes pastores da edade media, esmolando com o alforge ás costas.

No districto de Limoux emigraram os habitantes dos dois cantões, e pedindo pão, ameaçando de o tirar se lh'o não déssem, espalharam-se pelo Baixo-Languedoc e pelo Roussillon.

Na Nomardia, é o vento do nordeste que atira obstinadamente o mar para além dos limites marcados; são as aguas da Vire, engrossadas pelas neves derretidas e pelas chuvas incessantes, que inundam os paizes e afogam o gado.

É finalmente em Lyão, a segunda capital do reino, dilacerada e abatida por duas revoltas, que se queixa de não poder morrer tão depressa de fome como se morre de um tiro de peça, de espingarda ou de uma bayonetada; Lyão, que acaba de assistir a este espectaculo terrivel de uma mãe que, durante seis dias, seis compridos dias, sustentou seu filho sem se alimentar a si, e que, no setimo, sentindo vir a morte e seccar-se-lhe o leite, reunio as poucas forças que lhe restavam, e com o filho nos braços foi cahir na praça Bellecourt, e ahi morreu de fome! recommendando seu filho á compaixão dos transeuntes.

E accusavam-nos de exaggeração quando deixavam mor-

rer de fome o pae de Dantes no quinto andar da casa das ruas d'arvoredo de Meillan!

É verdade que nos accusavam tambem de exaggeração quando conduziamos o conde de Morcerf perante a camara dos pares, e quando salvavamos, pelo veneno, M.^ma de Villefort do cadafalso.

É verdade que um anno depois, o processo Teste e o envenenamento Praslin trasformavam o poeta em adivinho e mostravam que a realidade vae sempre além da imaginação.

E era n'esse momento, dizemos, que se pedia um milhão por uma só vez para a rainha dos belgas, um augmento de renda de um milhão para o principe real, emfim, um apanagio annual de quinhentos mil francos para o duque de Nemours.

Por isso todos se reuniram em torno do sr. de Cormenin Timon, quando fez apparecer o novo pamphleto sobre o apanagio do duque de Nemours.

O pamphleto tem vinte e quatro edições, mais duas do que tivera, no tempo da Restauração, a *Villeliade* dos srs. Barthelémy e Méry.

O pamphleto em fórma de carta. Ah! é quasi sempre assim que se reproduzem os pamphletos. Vêde Paulo Luiz Courrier demolindo a realeza de 1815, como o sr. Cormenin demolio a realeza de 1830: cartas, sempre cartas.

Ora, esta era dirigida ao duque de Nemours, a esse pobre principe, cheio de honra, de delicadeza e de desinteresse, que se oppozera com todo o seu poder a que se fizesse em seu nome este pedido, e nas costas de quem fustigavam o pae.

«Confessae, senhor, de que é uma nação bem generosa, a nação franceza, e que a vossa familia lhe deve um reconhecimento sem limites, pelos ganhos, lucros, proveitos e

vantagens, de que em todo o tempo a encheu: em primeiro logar, senhor, os edictos de 1661, 1672 e 1692 tomaram do Estado e deram a vosso avô um apanagio composto de tantos feudos, terras, casas, cidades, palacios, castellos, quintas, governos, principados, ducados, marquezados, condados, baronias, immunidades, jugadas, foros, prados, canaes, bosques e florestas, que me levaria cem paginas a enumeral-as. A vossa casa, senhor, passava em 1789 pela casa de principe não reinante mais rica da Europa, pois que o seu capital era avaliado em cento e doze milhões, quantia enorme que representa duzentos milhões dos nossos dias, quantia muito grande de toda a maneira entre as mãos e á disposição de um só homem, seja o principe que fôr, e segundo os tempos, ameaçadora quer para a liberdade, quer para o proprio poder, porque a historia não será senão justa, senhor, quando disser que o emprego revolucionario que o vosso avô fez da sua prodigiosa fortuna contribuio, mais que qualquer outra coisa, para a desthronisação de Luiz XVI, seu parente e seu senhor...

« Esta fatalidade de felicidade pecuniaria, que se liga obstinadamente aos seus passos, persegue a vossa familia até no exilio; porque, em quanto os outros emigrados morriam de fome no estrangeiro, a duqueza d'Orleans, vossa avó, recebia uma grande pensão da Republica franceza, e pelo mesmo tempo, o thesoiro pagava, para descargo de vosso pae emigrado, mais de quarenta milhões de dividas.

« Quarenta milhões! Que brilhante antecipação da lista civil!

« Ainda aqui não fica: Luiz XVIII, apenas desembarcou em Inglaterra, entregou-vos, pelas vossas vivas sollicitações, o que restava entre as mãos da nação dos bens não vendidos do apanagio d'Orleans, apanagio irrevogavelmente abolido, não pela lei de 1793 sobre a emigração, não pela lei

de 1793 sobre a emigração, mas pelo artigo 2.º da lei de 21 de dezembro de 1790 sobre os apanagios.

« Para desculpar esta insigne violação das leis, disse-se que Luiz XVIII era então omnipotente, mas com esta bella razão ter-se-ia podido despojar para vos enriquecer o primeiro cidadão que apparecesse, como se despojava o Estado.

« A lei sobre a indemnisação dos emigrados, que parece ter sido feita pára a vossa feliz familia, veio augmentar-lhe mais ainda as suas commodidades, lucros e proveitos, fornecendo-lhe occasião de repudiar a herança paterna, que estava crivada de dividas, para acceitar a herança materna, cheia d'oiro e de prata; o que lhes valeu, por meio d'esta engenhosa divisão dos patrimonios, subtilmente admittida por conselheiros d'Estado amoviveis, um accrescimo de doze milhões de escudos bem pezados, bem contados, e bem guardados. . . . .

« Emfim, independentemente da joia da corôa de França, que é do universo a joia mais brilhante, as camaras, querendo encher d'oiro a vossa familia, como ellas as enchiam de poder, acrescentaram ás immensas riquezas de vosso pae os moveis e immoveis da dotação real de Carlos X.

« Muitas vezes tenho feito a vossa conta, senhor, para que tenha precisão de aqui lembrar que vós e os vossos, gosaes do Louvre, das Tuileries e do Elyseo Bourbon, assim como das suas dependencias, dos palacios de Marly, Saint-Cloud, Meudon, Saint-Germain, Compiègne, Foitanebléau e Pau, assim como das casas, edificios, fabricas, terras, prados, quintas, bosques de Bolonha e de Vincennes e da floresta de Sénart; diamantes, perolas, pedrarias, estatuas, quadros, pedras gravadas, museus, bibliothecas e outros monumentos das artes antigas, dos moveis contidos no palacio do guarda-moveis, e dos diversos palacios e estabelecimentos reaes.

CAPITULO XXIII

Ora, como estes quinhentos mil francos de apanagio pedidos pelo sr. de Nemours eram representados pela propriedade de Rambouillet, pelas florestas de Senonches, de Château-Neuf e de Montereau, o sr. de Cormenin entregava-se a calculos terriveis, que demonstravam que as avaliações feitas eram falsas e que só a propriedade Rambouillet valia quarenta milhões.

Ora, com os quarenta milhões de Rambouillet, tinha elle demonstrado quanto bem o duque de Nemours podia fazer.

Com os quarenta milhões de Rambouillet, podia dar bibliothecas populares ás trinta e oito mil communas de França;

Podia instituir doze mil escolas de costura para as pobres raparigas do campo;

Podia custear as despezas de dez mil casas d'asylo para creanças;

Podia abrir em trezentas e cincoenta cidades asylo para as pessoas edosas de ambos os sexos:

Podia impedir de morrerem de fome, durante dois mezes de inverno, trinta mil operarios que não tinham que fazer;

Podia fornecer, durante cinco annos, n'uma pensão de cem francos a cinco mil soldados feridos, estropiados ou valetudinarios.

Terriveis ataques soffria a realeza, quando a praça do Châtelet se achava coberta de moveis vendidos pela auctoridade da justiça, o que acontecia todos os dias;

Quando a praça do Hotel-de-Ville se achava todos os dias atulhada de obreiros sem trabalho;

Quando a Caixa economica embolsava n'uma só semana a primeira de abril, a somma de um milhão setecentos e setenta mil francos.

De sorte que, no fundo da sociedade, um povo inteiro gritando com fome pedia pão.

No alto da sociedade, um rei trasbordando em riquezas pedia oiro; depois entre o povo e a realeza, inclinado sobre esse abysmo de miseria em que o rico não pensa senão quando está prestes a engolir a sociedade, o sr. Cormenin, esse sombrio Democrito ria de tudo com um riso amargo e as lagrimas nos olhos.

D'esta vez, a camara teve medo: recusou.

O ministerio, já ferido pela regeição da lei de disjuncção, foi ferido mortalmente pela recusa do apanagio.

Uma manhã foram os ministros obrigados a enviar a sua demissão, e o rei encarregou o sr. Guizot de formar um novo gabinete.

O sr. Guizot, esse homem que julgaram capaz, até ao dia em que a monarchia com elle se submergio no abysmo por elle cavado; esse homem que chegou a fazer acreditar durante dezoito annos que o orgulho era geral; esse homem que, emfim, mostrou a sua capacidade n'esse livro incrivel intitulado: *da Democracia em França*, livro que parece feito ao mesmo tempo para um cego e para um surdo. O sr. Guizot achou-se tão embaraçado com esta missão, que foi ter com o sr. Thiers, afim de o convidar a ajudal-o na tarefa de que acabava de ser encarregado pelo rei.

O sr. Thiers, á testa de um partido, que acabava de for-

mar na esquerda, com os animos exacerbados, as ambições não satisfeitas, os odios sopeados, e que se chamava centro esquerdo, o sr. Thiers recusou.

O sr. Guizot foi obrigado a entrar em concurrencia com o sr. Molé, não podendo entrar em partilha com o sr. Thiers.

Mandou a lista ao rei.

Ao mesmo tempo, o sr. Molé mandava egualmente a sua.

A lista do sr. Guizot compunha-se:

Dos srs. Guizot, de Montebello, de Remusat e de Dumont.

A lista do sr. Molé compunha-se:

Do sr. Molé, negocios estrangeiros e presidencia;

Do sr. Barthé, justiça e cultos;

Do sr. de Montalivet para o interior;

Do sr. de Salvandy para a instrucção publica;

Do sr. Lacave — Laplagne para as finanças;

N'um ou n'outro caso o sr. Martin ficava nas obras publicas;

E o sr. Rosamel na marinha.

O rei optou pela lista do sr. Molé e formou-se um ministerio *pasteleiro*.

Foi um ministerio que teve as honras do casamento do duque d'Orleans com a princeza Helena.

Ah! pobre senhora, quem lhe diria, quando em cada muda, assim que passou a fronteira, achou flôres ás mãos cheias, açafates cheios de fructos, quem lhe diria que caminhava para uma tão prompta viuvez e para um lucto tão longo!

Foi a 24 de maio que a princeza passou a fronteira, foi a 29 que entrou em Foitainebleau.

No dia seguinte, 30 de maio, celebrou-se o casamento na galeria de Henrique II.

N'outra parte daremos os detalhes curiosos, e que mui-

lo honram a cortezia do duque d'Orleans, por occasião do primeiro encontro entre os dois futuros esposos.

Seguiram-se as festas da abertura do Museo de Versailles, d'esse museu promettido ás glorias da França, e em que tudo está sacrificado á gloria militar.

Emfim, a serie dos festejos populares foi fechada, como para Maria Antonieta, por uma grande desgraça: no dia 14 de julho simulava-se na escola militar a tomada da cidadella d'Anvers e Pariz inteira se dirigira ao Campo de Marte; tudo correu bem em quanto durou o espectaculo; porém, depois de acabado, cada um, segundo o costume, teve pressa de sahir, e a multidão, como uma immensa corrente, dirigio-se para as duas sahidas, que reconduzem para Pariz. Sabe-se o que é o povo, torrente que uma vez se solta não pára; foi despedaçar-se contra as grades de ferro, e desde logo se ouviram gemidos lamentosos misturados com gritos de raiva; toda esta multidão pizava e era pizada.

Na mesma noite, um lucto immenso se espalhou em Pariz, crepe negro que a fatalidade atava ao ramo de noiva d'essa pobre princeza real que um ministro insolente — a seus pés em quanto viveu seu marido — devia, depois da morte de seu esposo, tractar de estrangeira e comparar por essa designação á rainha de infame memoria que entregou a corôa de seu filho aos inglezes.

No dia seguinte, 15 de junho, havia baile no Hotel de Ville; os cortezãos insistiam para que o principe lá fosse, como se nenhum accidente tivesse acontecido; que importava aos cortezãos os que tinham perecido, se eram quasi todos homens do povo! porém o nobre mancebo indignou-se perante tanta impudencia.

— Oh! senhores, disse elle, esperamos ao menos para dansar que os cadaveres sejam reconhecidos e enterrados.

O baile foi addiado e só se realisou, penso, a 19 ou 20.

Alguns dias depois do casamento de seu irmão, o duque do Nemours partio para Africa; tinha uma grande desforra a tomar.

A desforra foi estrondosa; Constantina tomada de assalto, cahio nas nossas mãos n'uma sexta feira de outubro de 1837.

Esta tomada custava-nos o general Danrémont, o general Perégaux e o coronel Combe, o mesmo que tinha tomado Ancona, n'essa ousada empreza que dissemos.

Achmet vio do alto de uma montanha visinha cahir a sua cidade muito amada, e com ella desmoronar-se o seu poder; uma lagrima se lhe deslisou das palpebras quando volveu á rectaguarda, e enterrou os acicates no ventre do cavallo; por não lhe poder dizer o que se disse a Boabdil, fugindo de Granada:

« Chora como uma mulher esta cidade que não soubestes defender como um homem. »

O bey Achmeth defendera-se com valentia, e nos seus dois sitios, Constantina custavá-nos mais de tres mil homens.

O sr. duque de Nemours estava ao pé do general Danrémont, quando uma bala de artilheria, batendo-lhe no lado, o estendeu morto aos pés do principe.

Os soldados admiraram muito o sangue frio do joven chefe n'esta occasião, e citaram como um modelo de disciplina militar, as palavras que então lhe sahiram dos labios.

— Senhores, disse elle, sem sahir d'este sitio em que as balas sibilavam, já o caso estava previsto, o general Vallée é que é o governador general d'Argelia.

Não sei o que teria dito o duque d'Orleans no logar de seu irmão, porém, estou certo que, ao mesmo tempo que proclamasse o general vivo, teria achado uma palavra de pezar para o morto.

Foi á essa rigidez de fórmas, que é talvez uma virtude,

que o sr. duque de Nemours deveu a impopularidade, que rebentou de toda a parte, quando a morte de seu irmão, rei, o fez nomear regente.

Ao lado d'esta victoria militar se erguia o começo de uma lucta politica; o partido republicano, que se julgava morto, tinha sido mal esmagado pelo processo de abril; o acontecimento que o tinha privado de um chefe activo na pessoa de Carrel tinha-lhe feito dar para a frente esse passo immenso que se chama revolução; ora, o partido republicano reflectira que se não toma á força um paiz como a França, e que é mister fazer entrar idéas na fortaleza por essa brecha que se chama convicção; desde então, o partido republicano teve a unica força que lhe faltava, a prudencia, que dá a opportunidade ao ataque e a unidade ao movimento: com effeito, desde o momento em que abandonou a violencia, devia contar-se com elle pelo raciocinio, e desde o momento em que a discussão se fazia publica, legal, quasi constitucional, como fallava em nome de todos os sentimentos honrosos, tinha probabilidade, dado mesmo o caso de que os seus oradores fossem menos habeis do que os do partido opposto, de alcançar o seu fim, fazendo mover a democracia, essa força immensa de que parecia não se fazer caso, havia quarenta annos.

O partido republicano começou por escolher um chefe.

D'esta vez, afim de que não podesse ser arguido de leviandade, foi buscar esse chefe á mais alta posição em que o talento do homem o póde collocar.

N'isto havia um grande calculo; não era a democracia que ia por violentos esforços elevar o seu chefe á altura das fortunas mais elevadas; era esse chefe que, collocado n'um logar eminente, ia estender-lhe a mão e, sem esforço, sem abalo, sem contestação, eleval-o até si.

Este chefe era o sr. Jacques Arago, isto é, um homem

cujo nome era conhecido, admirado, respeitado pelo mundo inteiro.

Com o sr. Arago conquistava-se o sr. Laffitte e conservava-se o sr. Dupont (de l'Eure).

Hão de convir que os srs. Arago, Laffitte e Dupont (de l'Eure), formavam uma terrivel trindade politica, operando mesmo individualmente.

Mas se agrupasse em torno a si uma commissão eleitoral, composta dos nomes dos srs. Mauguin, Matheus, Larabit, Ernesto, Girardin, marechal Clauseu, Garnier Pagès, Cormenin, Salverte, Thiers, Chatelain, Cauchois-Lemaire, Berth, Luiz Blanc, Frederico Lacroix, Durand, Thomaz Dubosc, Goudchaux, Viardot, Dornès, Nepomuceno Lemercier, Rostan, Felix Desportes, Mario, Ledru-Rollin, Dupont, Sarrans, Guilbert e David d'Angers, então era um governo fóra do governo, uma força democratica opposta á força burgueza, e chamando-o d'esta vez a um campo de batalha muito mais mortal do que o outro, pois que d'esta vez era, não essa guerra material que consiste em matar e ser morto com projectis, mas pelo contrario, essa guerra fulgurante que nasce do choque das idéas, do desenvolvimento das theorias, e que em logar de ser visivel aos olhos, perceptivel aos ouvidos só de alguns, circumscripta n'um espaço maior ou menor, rebenta magestosa por toda a terra e não tem outros limites senão os que o proprio Deus lhe marcou.

Foi então que o sr. Odilon Barrot, ministro obstinado da Republica em 1849, declarou que devia como chefe da opposição constitucional, separar-se de um *comité* em que o partido republicano acabava de arvorar a sua bandeira.

Era um golpe terrivel dado no rei, a formação d'este *comité*, que tornava todo o *comité* liberal ou constitucional impossivel junto d'elle, porisso que reunia os nomes mais respeitaveis da opposição.

Foi por esta epocha que Deus pôz fim a est'outra comedia de Fausto, que nós lhe vimos emprehender, em concurrencia com Goëthe.

Havia já dezoito annos que Fausto Napoleão era morto, quando Deus foi servido chamar a si Mephistopheles Talleyrand.

Falta-nos o espaço para fazermos aqui uma exacta apreciação d'este homem.

Poder diabolico, vulgar, demonio de segunda ordem, a quem todos os homens de talento de uma epocha prestaram o talento de immoralidade e de cynismo que elles mesmos não ousavam ter.

Nas nossas Memorias particulares poderemos espraiar-nos mais largamente sobre este objecto e apreciar a vida e a morte d'este famoso comico, que constantemente fez os papeis de traidor n'este longo drama, começado em 1789 e terminado para elle em 1838.

Como Voltaire, o sr. de Talleyrand, no leito de morte, renegou o passado.

Sem duvida, estes dois illustres materialistas, para quem todos os exemplos eram bons, se basearam no de S. Pedro, que tres vezes renegou Jesus.

Embora, senhores, mas S. Pedro renegando o seu Deus não se renegava a si mesmo.

O sr. de Talleyrand morreu a 17 de maio de 1838, dizendo n'uma palavra, o que tinha sido a occupação de toda a sua vida.

Tendo-lhe o sr. abbade Dupanloup repetido estas palavras do sr. de Quelen:

— Pelo sr. de Talleyrand daria eu a minha vida.

— Poderia fazer melhor uso d'ella, respondeu o moribundo e expirou.

Este dito era bem proprio d'elle.

Este anno de 1838 é o fastigio do poder do rei Luiz Philippe.

Foi n'esse anno que a prosperidade da sua casa chegou ao seu auge pelo nascimento do conde de Pariz, e que, com os primeiros dias do anno seguinte, os infortunios lhe começaram pela morte da princeza Maria.

O conde de Pariz nasceu a 24 de agosto de 1838.

A princeza Maria morreu a 2 de janeiro de 1839.

Certamente, o terreno que o rei pizou entre estas duas datas deveu parecer-lhe solido para construir uma nova monarchia, tão solida e tão douradoira como o fôra a dos Valois e dos Bourbons.

Duas cartas chegaram juntas ás Tuileries: uma fechada de encarnado, vinda do Mexico, a outra fechada de preto, vinda de Pisa.

Era a 10 de janeiro de 1839 e assentava-se a familia real á meza para almoçar.

Uma annunciava a tomada de S. João d'Ulloa pelo principe de Joinville.

A outra annunciava a morte da princeza Maria.

Um acaso singular fez cahir nas nossas mãos as cartas dos differentes membros da familia d'Orleans, que foram escriptas por occasião da perda que acabava de ter.

Um dia teremos occasião de apresentar estas cartar aos nossos leitores, e então poderão elles avaliar pela maior ou menor profundidade da ferida, a maior ou menor affeição que a natureza pozera n'esses corações de principes.

A carta do rei teve por fim consolar o seu genro, o duque de Wertemberg.

Foi o contrario de Rachel, que não queria ser consolada senão por seus filhos que já não existiam.

Deus faz corações particulares para os principes e para os reis.

Sabe-se o talento de que era dotada a princeza Maria discipula de Schoffer, ou antes do seu proprio talento.

A unica estatua d'ella, que está acabada, acha-se em Versailles.

É Joanna d'Arc.

Doce e piedosa rehabilitação da joven heroina por uma donzella, da pastora pela princeza.

No decurso do anno de 1838 tivera logar o processo de Huber, um dos mais terriveis escandalos do reinado de Luiz Philippe.

Uma carteira cahida a 8 de dezembro de 1837 da algibeira de um passageiro vindo d'Inglaterra, e achada no caes de Bollonha por um empregado da alfandega chamado Pauchet, foi a base da accusação.

A carteira continha:

Um quadrado de palpel cheio de caracteres allemães.

Um livrinho cheio de algarismos, que nem exprimiam nenhum calculo, nem produziam nenhum resultado.

E uma carta com estas palavras:

«Todo o material está concentrado em Pariz; trago o plano exigido.»

O dono da carteira, preso duas horas depois n'uma hospedaria de Bolonha, era portador de um passaporte com o nome de Stieger; porém o passaporte não servio muito tempo para cobrir a sua identidade.

Reconheceu-se no falso Stieger Luiz Huber, um dos mais ardentes republicanos de todos esses acontecimentos fataes e sanguentos em que os republicanos haviam inscripto o seu nome.

Além d'isso, no forro do chapéo de Huber, os *gendarmes* acharam o plano colorido de uma machina que se julgou ser uma nova machina infernal.

O processo foi activamente instaurado, e o ministerio publico, auxiliado pelas denuncias de um homem miseravel, Valentim, deshonrado por falsario, conduzio, pelo mez de maio de 1838, perante o tribunal d'assisas do Sena *mademoiselle* Laura Growelle, os srs. Luiz Huber, Jacob Steuble, Luiz Arnoult, Martin Leproux, Vicente Giraud, de Vauquelin, Leão Didier, Valentin e Annat.

Se podessemos n'este livro, que está sobriamente medido, espraiarmo-nos largamente sobre certos caracteres, diriamos o que era como virtude, como fé, como coragem, essa pobre Laura Growelle, que conhecemos pessoalmente, e a quem a solidez da sua masmorra tornou louca.

Ó liberdade! tão caro comprada, por tantas vezes retomada, que de coisas tens a fazer pelos teus filhos se quizeres restituir-lhe apenas metade do que elles teem feito por ti!...

Huber foi condemnado a deportação.

Laura Growelle, Steuble e Annat a cinco annos de prisão.

Vicente Giraud a tres.

Hugo Steuble já não existe, degolou-se.

E depois de tres annos de prisão, Vicente Giraud sahio com os cabellos brancos como os de um velho.

Durante este tempo coroava-se rainha de Inglaterra, a princeza Victoria, e o marechal Soult, o vencedor de Tolosa, assistia à coroação como representante da França.

CAPITULO XIV

Dissemos como se tinha formado o *comité* eleitoral republicano.

A sua influencia tivera por fim fazer uma camara, não republicana, mas uma camara em que, pela fusão pelo menos, prevalecesse o espirito constitucional.

A camara, contra a nomeação da qual se empregaram os mais infames meios de corrupção, arrastou naturalmente a quéda do ministro Molé, o qual se retirou deixando o exemplo de um ministerio que tinha avançado mais em cynismo de conservação do que nenhum dos que o tinha precedido.

Era com o mais profundo pezar que o rei via cahir esse ministerio.

Tres chefes tinham commandado as columnas da liga victoriosa; o sr. Odilon Barrot, o sr. Thiers, o sr. Guizot; era muito para esperar que o futuro ministerio reunisse os srs. Thiers e Guizot, e levasse o sr. Odilon Barrot á presidencia da camara.

E comtudo, graças á influencia manejada occultamente pelo rei, a combinação não vingou.

Houve mais, seis outras combinações propostas falharam successivamente, e a França esteve desde 8 de março até 12 de maio sem ministerio.

Só uma crise violenta devia chegar a resolver esta questão, que se olhava como insoluvel.

Nem todos os republicanos tinham adoptado a lucta par-

lamentar, nem todos se haviam ligado á combinação que pozera á frente do *comité* eleitoral o sr. Arago, o sr. Dupont (de l'Eure) e o sr. Laffite.

Formára-se uma sociedade dos restos da sociedade dos Direitos do Homem, de 1836 a 1837; reapparecera sob o nome de Sociedade das Familias, depois finalmente transformára-se debaixo do titulo de Sociedade das Estações.

Os chefes d'esta sociedade eram Barbés, Martin, Bernard, Blanqui, Guignot, Nêtre e Meillard.

Resolveu-se aproveitar d'este estado de perturbação em que a ausencia de um ministerio punha Pariz e tentar um movimento insurreccional no dia 12 de maio.

Nunca houve plano que com maior exactidão fosse tractado.

Blanqui tinha feito este plano com o Manual militar na mão.

Começariam por se apoderarem da prefeitura de policia, e ahi se entrencheirariam como n'uma fortaleza.

Os pontos que deviam occupar estavam d'antemão designados; o sitio onde se deviam fazer as barricadas estava marcado desde a vespera; o numero dos homens que se deviam mandar para os differentes pontos estava marcado, e cada um recebeu no domicilio um bilhete.

Foram d'antemão redigidas proclamações assignadas por Barbés e Martin Bernard.

Julgavam poder contar com mil homens, pouco mais ou menos.

Afóra estes mil homens, julgavam-se, como no dia 5 de julho, seguros da sympathia de grande numero de cidadãos que, sem que pertencessem á sociedade, se reuniriam comtudo á conspiração.

N'um domingo, 12 de maio, pelas tres horas e meia da tarde, rebentou o movimento; os conjurados desembocaram

pela rua Bourg-l'Abbé, e o grito « Ás armas! » retumbou o prolongou-se de um lado até ao Palais-Royal, do outro até ao Hotel de Ville.

Ás forças dos seccionarios eram divididas em tres columnas: uma commandada por Martin Bernard e Guignot, outra por Barbés, Meillard e Nêtre.

A columna de Barbés, e foi sobre tudo n'essa que se fixou a attenção, atravessou a ponte Notre-Dame, passou o caes das Flores e dirigio-se para a guarda do Palacio da Justiça.

O official, surprehendido, chamou logo a sua gente ás armas.

— Entreguem-se, lhe gritou Barbés.

— Antes morrer! respondeu o official; depois voltando-se:

— Fogo, soldados, fogo! bradou elle.

Porém os soldados não estavam promptos, em quanto que os outros o estavam.

Dois tiros partiram de suas fileiras, e um d'elles matou o tenente.

Esta morte foi attribuida a Barbés; foi um erro.

Barbés não tinha disparado o tiro que matára o tenente, porém d'isso era accusado; era mister nomear aquelle que tinha dado este tiro, e quem o déra morrera quasi ao mesmo tempo que matára.

Julgou-se pois que Barbés pretendia declinar o seu crime para um cadaver.

Mas não foi assim.

Sabe-se como falhou esta insurreição, e como d'ella sahio um ministerio.

Este ministerio era assim composto: o marechal Soult, com a presidencia do conselho e a pasta dos negocios estrangeiros;

O sr. Teste, na justiça.

O sr. Sehneider, na guerra;

O sr. Duperré, na marinha;

O sr. Duchâtel, no interior;

O sr. Cunin-Gridanie, no commercio;

O sr. Desfaure, nas obras publicas;

O sr. Villemain, na instrucção publica;

O sr. Passy, nas finanças.

O rei sendo-lhe apresentados estes dois ultimos n'uma precedente combinação, dissera:

— O primeiro é inimigo da minha casa, e o segundo é meu inimigo pessoal.

Tornára-se pois tão feia a crise que, para a fazer cessar, o rei se decidira a acceitar, n'uma combinação ministerial, um homem que elle olhava como *inimigo da sua casa*; e outro que olhava como *seu inimigo pessoal.*

É verdade que o rei contava tanto com a seducção das suas maneiras, que estava convencido de que approximando-se d'elle qualquer pessoa, não só não podia ficar sua inimiga, mas que um inimigo, por mais encarniçado que fosse, não podia deixar de se tornar sua creatura.

Assim tinha feito a muitos; assim esperava fazer a todos; assim com effeito fez aos srs. Villemain e Passy.

O tribunal dos pares foi de novo convocado.

Barbés, com essa coragem e essa generosidade que lhe são proprias, assumio a si toda a responsabilidade da empreza.

Accusado de ter assassinado o tenente Drouineau, Barbés fez signal de que queria fallar, e disse:

« Não me levanto para responder á sua accusação; não estou disposto a responder a nenhuma das suas perguntas. Se fosse só eu interessado no negocio, nem mesmo tomaria a palavra. Se appellasse para as suas consciencias, re-

conheceria que não são juizes que veem condemnar accusados, mas homens politicos que veem dispôr da sorte dos seus inimigos politicos. Tendo-lhe dado muitos prisioneiros a peleja de 12 de maio, tenho um dever a cumprir.

« Declaro pois que todos estes cidadãos, no dia 12 de maio, pelas tres horas, ignoravam o nosso projecto de atacar o seu governo.

« Haviam sido convocados pelo *comité*, sem serem advertidos do motivo da convocação, julgavam assistir apenas a uma revista; quando chegaram ao sitio para onde tinhamos tido o cuidado de mandar munições, e onde sabiamos que encontrariamos armas, é que dei o signal, que lhes puz as armas na mão, e que lhes dei ordem de marcha.

Estes cidadãos foram pois arrastados, forçados por uma violencia moral a executar esta ordem. Segundo a minha opinião, estão innocentes.

« Penso que esta declaração deve ter um certo valor perante os senhores, porque, pelo que me diz respeito, não espero que ella me approveite. Declaro que era um dos chefes da associação, declaro que fui eu que dei o signal do combate, fui eu que preparei todos os meios de execução; declaro que n'ella tomei parte, que me bati contra as suas tropas; porém tomo sobre mim a responsabilidade de certos factos que nem aconselhei, nem approvei; quero fallar de actos de crueldade que a moral reprova; entre estes actos, cito a morte dada ao tenente Drouineau, que o libello de accusação diz ter sido commettido por mim, com premeditação e cilada.

« Não é para os senhores que eu digo isto, porque não estão dispostos a acreditar-me e são meus inimigos, digo-o para que o meu paiz me oiça.

« É um acto este que não commetti. Se tivesse morto este militar, tel-o-ia feito n'um combate com armas eguaes.

Não assassinei, e a accusação que me fazem é uma calumnia com que querem manchar um soldado da causa do povo. Não matei o tenente Drouineau; eis aqui o que tinha a dizer. »

Feita esta declaração, Barbés tornou a assentar-se e recusou responder ás outras perguntas; comtudo, instado pelo presidente, disse sem se levantar:

« — Quando o indio é vencido, quando a sorte da guerra o faz cahir nas mãos do seu inimigo, não tracta de se defender, não recorre a palavras vãs, resigna-se e entrega a cabeça ao escalpello.

« — Sim, disse o sr. Pasquier, o réo tem razão em se comparar com um selvagem, e com o mais deshumano dos selvagens.

« — O selvagem deshumano, disse Barbés, não é aquelle que entrega a cabeça ao escalpello, é aquelle que as escalpella »

Com similhante genero de defeza não entrava em duvida que Barbés seria condemnado.

Assim aconteceu.

A 12 de julho de 1839, o tribunal dos pares publicou a sentença.

Bonnet, Lesdazzic, Dugas e Gregorio foram absolvidos;

Barbés foi condemnado á pena de morte;

Martin Bernard a deportação;

Mialon, a trabalhos forçados por toda a vida;

Delsade e Austen a quinze annos de detenção;

Roudil, Guilbert e Lemière a cinco annos de detenção;

Martin e Longuet a cinco annos de prisão.

Marescal a tres annos de prisão;

Walsh e Pierné a dois annos de prisão.

Seis mezes depois seguio-se a segunda cathegoria.

A condemnação de Barbés á morte produzio profunda sensação em Pariz. Tres mil estudantes, sem armas, silenciosos e com a cabeça descoberta, foram pedir ao guarda-sellos a abolição da pena de morte em materia politica, e a commutação da pena de Barbés.

Segunda columna, composta de mancebos e de operarios, se dirigio ao Palais-Bourbon; porém esta foi menos feliz: foi dispersada por uma carga de cavallaria quando chegou á ponte de Luiz XV.

Um dia contarei como, apesar da resolução obstinada do conselho de deixar a justiça seguir o seu curso, o rei perdoou a Barbés, e direi ao mesmo tempo a parte que tiveram n'esta boa acção o duque d'Orleans, a princeza Clementina, Hugo e eu.

Eis aqui a supplica de Hugo; hão de convir que raras vezes se pedio perdão em versos mais tocantes e mais bellos: [1]

« Pelo anjo que dos braços
vos fugio sem esperança,
voando pelos espaços;
por essa gentil criança,
flor que aspiraes em botão;
por quem na tumba descança,
e por quem sorri no berço...
perdão! »

Uma grande questão veio n'este meio tempo attrahir os olhares da França para o lado do Oriente.

Tractava-se da Syria, que Mahmoud queria retomar, e que Mehemet-Ali queria conservar.

Mehemet-Ali, o soldado lacedemonio tornado vice-rei,

[1] A traducção é devida ao obsequio do nosso estimavel poeta, o Ex.mo sr. Candido de Figueiredo.

proclamára a sua independencia e invadira, como se sabe, a Syria até ao Taurus.

D'esta sorte o imperio russo ia-se pedaço a pedaço.

Mehemet-Ali, como acabamos de dizer, não só se tinha proclamado independente, mas tinha, por intermedio d'Ibrahim, seu filho muito amado, ou talvez simplesmente filho da sua concubina, porque o nascimento d'Ibrahim é mysterioso como o de um principe dos contos arabes; mas por intermedio de seu filho, batera os generaes do sultão em Moms, em Beylan e em Kouian.

O pachá de Tunes ameaçava fazer outro tanto, e fallava em não tornar a mandar o seu tributo á Porta; e, como para se preparar para o que podesse succeder, organisava o seu exercito á franceza.

A Servia insurgira-se e ficára victoriosa.

A Moldavia e a Valachia dependiam agora do Czar.

A batalha de Navarin tirára a Grecia a Mahmoud.

Occupavamos Argel desde 1830.

O imperio turco não era, pois, mais do que uma fachada sem fundo, atravez das brechas da qual, dos Dardanellos se viam os russos, e d'Odessa os egypcios.

Mahmoud debatia-se, suffocando entre os russos que o protegiam, e Ibrahim Pachá que o atacava.

Depois, como esses imperadores da antiga Roma, que a sua omnipotencia tornava loucos, o sultão foi atacado de vertigens e perseguido por presagios e predicções.

E razão tinha para endoidecer, collocado como estava entre este deploravel passado e um futuro ainda mais deploravel, não tendo mesmo debaixo da cabeceira as chaves da sua cidade imperial, entregues á Russia pelo tractado d'Unkiar-Skelessi.

Isto é quanto ás vertigens.

Agora fallemos de presagios.

Eram terriveis.

Um dia, como passasse pela nova ponte que acabava de fazer construir em Galata, um derviche chamado o Cherik de cabellos compridos, e que era mui nomeado por causa da sua santidade, correra a tomar-lhe a frente. e agarrando-lhe nas redeas do cavallo, gritára:

— Pára, sultão Giaour!

Algum tempo depois, isto é, no mez de janeiro de 1839, tinha pegado fogo no mesmo logar onde se faziam as deliberações do Divan, esse logar que se chama *Porta*, era quasi olhado como sagrado, e o susto que tinha inspirado este accidente se duplicava com este facto, certamente de máo agoiro: O retrato de Mahmoud fôra preza das chammas.

Emfim, os acontecimentos encarregaram-se de justificar os receios do sultão, conduzindo Ibrahim ao pé do Taurus.

Agora abandonaremos o nosso antigo alliado Mehemet-Ali, o homem que fez a colheita da civilisação que semeámos nas margens do Nilo, durante a campanha do Egypto para Mahmoud o novo alliado da Russia; renunciaremos á nossa influencia sobre o Egypto para deixar a Inglaterra tomar o nosso logar na Alexandria, no Cairo e em Suez?

Não, de certo, segundo todas as leis, não só da dignidade, mas do interesse, porque, possuidores d'Argel, protectores de Tunes, alliados de Mehemet-Ali, patronos da Syria, credores d'Othão, tio do rei de Napoles, banqueiros da Hespanha, em dinheiro e em homens, o nosso interesse bem positivo, bem real, é que nenhum poder contrabalance o nosso no Mediterraneo e que o interior seja, segundo a expressão de Napoleão, um lago francez.

Era a opinião do duque d'Orleans, foi a segunda lucta politica séria que elle teve a sustentar contra seu pae.

No entretanto, a politica europea fluctuava ainda indecisa,

e dos dois inimigos collocados em frente um do outro, os soberanos tinham declarado que o primeiro aggressor seria tido por elle como criminoso.

Mehemet-Ali e Mahmoud tinham acceitado esta decisão, e esperavam que o imperador da Russia, o rei de França, a rainha de Inglaterra e o rei da Prussia, decidissem da sua sorte.

Foi então que lord Ponsomby, promettendo ao sultão o apoio da Inglaterra, o determinou a quebrar o armisticio.

A 21 de abril de 1839, a vanguarda turca passava o Euphrates a trinta leguas de Alep, pouco mais ou menos.

Immediatamente, correios enviados por Ibrahim levaram ás tropas egypcias a ordem de se pôrem em marcha e de se encontrarem sobre Alep.

O almirante Roussin, que respondera ao governo francez que as tregoas não seriam quebradas por Mahmoud, soube de repente que a vanguarda do general turco chegára até Nerib, e que tinham sido occupadas quatorze aldeias no districto de Anitat.

Pedio immediatamente uma explicação ao ministro e ao capitão pachá, e como procurassem negar, mostrou-lhes o despacho official que acabava de receber, e escreveu directamente para França.

Mehemet-Ali, por sua parte, fôra prevenido d'esta infracção ás convenções ajustadas, e como não desejasse outra coisa senão um rompimento:

— Gloria a Deus! exclamára elle; a Deus que permitte ao seu velho servidor terminar os trabalhos pela sorte das armas.

Depois enviou immediatamente a Ibrahim ordem de pôr os corpos avançados turcos fóra dos postos que occupavam, de marchar direito ao exercito e de lhe dar batalha: no caso de que Ibrahim ficasse victorioso, não faria mais do

que acampar no meio dos mortos, e continuaria a sua marcha sobre Malatia, Carfout, Orfa e Diarbelhir.

A batalha ordenada por Mehemet-Ali a seu filho, foi a de Nézib; tres pachás mortos, cento e quatro peça de artilheria, vinte mil espingardas e nove mil prisioneiros foram o seu resultado.

Na vespera, o coronel Selves, nosso bravo compatriota, dissera aos soldados d'Ibrahim, que elle tinha formado:

— Até ámanhã, na tenda d'Hafitz!

E Hafitz, o vencedor dos albanezes, o vencedor dos Kurus, o crente fiel, perante quem devia empallidecer a estrella do rebelde Mehemet-Ali, Hafitz tinha abandonado tão depressa esta tenda, que ahi deixára por esquecimento o seu *nicham* de diamantes.

Seis dias depois, como Mahmoud expirasse no kiosco Tchamlidja, como Ibrahim Pachá dobrasse a sua tenda para atravessar o Taurus, um ajudante de campo do marechal Soult, presidente do conselho, se apresentava ao vencedor com uma carta de Mehemet-Ali.

Esta carta prohibia a seu filho de atacar, se ainda o não tivesse feito, e de ir mais longe se tivesse vencido.

Em troca d'esta condescendencia aos desejos do conclave europeu, a França promettia ao pachá do Egypto a sua poderosa intervenção.

No dia da batalha, a camara dos deputados ouvira uma moção do sr. Jouffroy, para que se abonasse ao ministerio uma somma de dez milhões, que seria consagrada ao augmento das nossas forças no Levante.

Os dez milhões foram concedidos.

O rei vendo esta concessão, tornou á sua dotação do duque de Nemours.

D'esta vez já não era a propriedade de Rambouillet, já não eram as florestas de Senonche, de Château-Neuf e de

Montereau, já não eram, emfim, quarenta milhões que o rei pedia, era a insignificancia de meio milhão de renda annual, e quinhentos mil francos por uma vez, para as despezas do casamento de seu filho com o princeza Victoria de Saxe-Cobourg.

Comtudo, apesar da modicidade da pretensão, a Camara novamente se agastou; o sr. de Cormenin tornou a pegar na penna, duzentas e vinte e seis espheras pretas mostraram ao rei que era mister renunciar a fazer dotar o duque de Nemours pela nação.

O ministerio morreu de repente.

CAPITULO XXV

Houve um momento de esperança; um outro ministerio que se ligasse menos ao pensamento do rei, levantaria talvez o nosso nome no Oriente, aproveitaria talvez da morte de Mahmoud, da defecção da sua esquadra, da victoria d'Ibrahim; um outro ministerio acceitaria talvez a proposta feita por lord Palmerston de reunir a esquadra ingleza á esquafranceza, de forçar o estreito dos Dardanellos, e de ir ao encontro dos russos até ao Corno d'Oiro.

Saudaram pois com um brado de alegria, não só a regeição da dotação, mas tambem o annuncio official, de que no dia 26 de fevereiro o sr. Thiers fôra chamado ao palacio.

Effectivamente, o sr. Thiers tornára-se o homem necessario.

Foi pois mister passar por tudo quanto elle quizesse, e deixar-lhe fazer um ministerio á sua vontade.

Este ministerio descontentou a todos, começando pelo rei.

O centro esquerdo, que acabava de regeitar a dotação e que deixára escapar esta insolente apostrophe, é uma questão de alta mendicidade: o centro esquerdo victorioso, só era ali representado pelo sr. Pelet (de la Lozère) e pelo sr. Vivien; o centro esquerdo pois estava descontente.

Os doctrinarios representados sómente pelo sr. de Remusat e pelo sr. Jaubert, estavam tambem descontentes.

Finalmente, os democratas puros que tinham a arguir o sr. Thiers das leis de setembro, do privilegio eleitoral, do monopolio e da exclusão; os democratas que viam nos tres annos de opposição do sr. Thiers mais a expressão de rancôr do que uma verdadeira mudança a sentimentos populares; os democratas, dizemos, estavam, e com mais justo titulo ainda, mais descontentes do que o centro esquerdo e os doctrinarios.

Notavam-se, além d'isto, aquelles que tinham sympathias pelo pachá do Egypto, e na França não era pequeno o numero d'elles; notavam-se, além d'isto, que se tinha justamente chamado ao ministerio da marinha o almirante Roussin, nosso embaixador em Constantinopla, isto é, o homem que mais provas tinha dado de hostilidade contra Mehemet-Ali.

Quanto ao sr. Guizot, era ainda embaixador em Londres.

Havia de notavel na posição do sr. Guizót, que tinha conquistado, como de costume se conquista, o logar na Academia, por quédas.

Por isso, em logar de vir dizer como o cardeal de Richelieu aos embaixadores do mundo: Senhores, a politica está

mudada: o sr. Thiers contentou-se com dizer-lhes: Senhores, a politica continúa a mesma.

Por isso, depois de ter desde o dia immediato ao da sua entrada no poder escorregado a ponto que todos pediam acreditar que ia cahir, o sr. Thiers, que não se tinha levantado senão para se arrastar atravez das questões secundarias, da lei sobre a conversão dos fundos adoptada pela camara dos deputados, regeitada pela camara dos pares; sobre a questão do assucar, sobre a lei a respeito das salinas de Leste, sobre a lei da navegação interior, o sr. Thiers sentio de repente, no momento em que a sua popularidade vacillava, que lhe era mister buscar um apoio fóra, não só da situação e dos acontecimentos, mas fóra da epocha.

Por isso, de repente, na sessão de 12 de maio, no meio da discussão sobre o assucar, o sr. de Remusat subindo á tribuna, sem que coisa alguma fizesse presentir a communicação que ia fazer, pronunciou as palavras seguintes:

« Senhores, o rei ordenou a S. A. R. o sr. principe de Joinville que fosse com a sua fragata á ilha de Sancta-Helena, para n'ella receber os restos mortaes do imperador Napoleão.

« Vimos pedir-vos meios para os receber dignamente na terra de França.

« O governo, desejoso de cumprir um dever nacional, dirigio-se a Inglaterra e pedio-lhe o precioso deposito que a fortuna pôz entre as suas mãos. Apenas a França exprimio este pensamento, foi immediatamente acceite. Eis a resposta do nosso magnanimo alliado.

« O governo de sua magestade britannica espera que a promptidão da sua resposta seja considerada pela França como uma prova do seu desejo de destruir até ao derradeiro vestigio essas animosidades nacionaes que, durante a vida

do Imperador, armaram uma contra a outra a França e a Inglaterra.

« O governo de sua magestade britannica folga de acreditar que se taes sentimentos existem ainda em alguma parte serão encerrados no tumulo, onde vão ser depositados os restos de Napoleão. »

E depois de ter parado para vêr o effeito que produzia na França estupefacta com a generosa resposta da Inglaterra, o sr. de Remusat continuou:

« A Inglaterra tem razão, senhores, esta nobre restituição estreita mais e mais os laços que nos unem; acaba de fazer desapparecer os vestigios dolorosos do passado. Chegou o tempo em que as duas nações mais senão devem recordar senão da sua gloria.

« A fragata conductora dos restos mortaes de Napoleão ha de apresentar-se na foz do Sena; uma outra embarcação os trará para Pariz; hão de ser depositados nos Invalidos; uma ceremonia solemne, uma grande pompa religiosa e militar inaugurará o tumulo que os deve encerrar para sempre.

« Importa com effeito, senhores, á magestade de tal recordação, que esta sepultura augusta não fique exposta n'uma praça publica, no meio de uma multidão ruidosa e distrahida; é mister que seja collocada n'um logar silencioso e sagrado, onde possam visital-a com recolhimento todos quantos respeitam a gloria e o genio, a grandeza e o infortunio.

« Foi imperador e rei, *foi soberano legitimo* do nosso paiz; por este titulo poderia ser enterrado em Saint-Denis; mas a Napoleão não convém a sepultura ordinaria dos reis, é mister que reine e governe ainda no recinto, onde se irão sempre inspirar aquelles que forem chamados a defendel-a. A sua espada será posta sobre o tumulo.

« A arte erigirá no meio do templo consagrado pela religião ao Deus dos exercitos um tumulo digno, se digno o poder fazer, do nome que n'elle deve ser gravado. O monumento deve ter uma belleza simples, fórmas grandiosas e esse aspecto de solidez inabalavel que parece arrostar a acção do tempo. Napoleão carece de um monumento duradoiro como a sua memoria.

« O credito que vimos pedir ás Camaras tem por objecto a trasladação para os Invalidos, a ceremonia funebre e a construcção do tumulo.

« Não duvídamos, senhores, que a Camara se associe com uma commoção patriotica ao regio pensamento que perante ella acabamos de exprimir. D'ora ávante a França, e só a França possuirá tudo quanto resta de Napoleão. O seu tumulo como o seu renome só pertencerão ao seu paiz.

« A monarchia de 1830, com effeito, é a unica e legitima herdeira de todas as recordações de que a França se ensoberbece: cabia sem duvida a esta monarchia, que foi a primeira que reunio todas as forças e conciliou todos os votos da Revolução franceza, erigir e honrar sem temor a estatua e o tumulo de um heroe popular; porque ha uma coisa, uma unica, que não teme a comparação com a gloria:

« É a liberdade. »

Não se póde fazer idéa do effeito que produzio esta communicação.

Um estremecimento electrico correu por toda a Assembléa, que prorompeu em repetidos applausos.

Em logar de um milhão que o ministerio pedia, a Camara votou dois.

Agora talvez que seja curioso para os nossos leitores comparar a opinião de Luiz Philippe, rei de França, sobre Napoleão, com a de Luiz Philippe, exilado.

Não fazemos senão reproduzir aqui uma carta já citada no começo d'esta obra.

Foi escripta pelo duque d'Orleans a Luiz XVIII.

« *Sire*, é possivel que um melhor futuro se prepare, que a vosssa estrella se desembarace emfim das nuvens que a cobrem, que a *do monstro que opprime a França* pereça por seu turno.

« Quão admiravel é o que se passa! *Quão feliz sou pelo bom exito da coalisão; é tempo de se acabar a ruina da Revolução e dos revolucionarios.*

« Tenho um vivo pezar de não ter sido auctorisado por el-rei, conforme o meu desejo, a ir pedir serviço aos soberanos. Quereria, para expiação dos meus erros, contribuir com a minha pessoa para abrir ao rei o caminho de Paríz.

« Os meus votos apressam pelo menos a quéda de Bonaparte, *que odeio tanto quanto desprezo.* Quem é que maior mal nos tem feito do que elle, *assassino do nosso pobre primo, o duque d'Enghien, usurpador da vossa corôa, que mancha com os seus crimes!*

« Deus queira que a sua quéda seja proxima; assim o peço a Deus todos os dias nas minhas orações. »

Era mister que Luiz Philippe se sentisse bem despojado d'essa lisonjeira capa de popularidade, que tanto aquece os hombros dos reis, para se cobrir com a sobrecasaca parda d'esse *monstro, que odeiava tanto quanto desprezava.*

Por isso as pessoas sérias não viram logo de principio n'esta vinda dos restos mortaes de Napoleão senão uma imprudente especulação, tornada mais imprudente ainda pela escolha do homem que fizera o pedido a lord Palmerston:

O sr. Guizot, isto é, o homem de Gand, o homem que fôra obrigado a atravessar o campo de batalha de Waterloo para entrar em França; o homem que, para se fazer receber bem por lord Wellington, podéra ir enchugar sobre os seus tapetes os ultimos vestigios do sangue francez que lhe tinham ficado nas solas das botas.

Por isso procuraram a causa real d'esta communicação, porque não se podia acreditar que fosse devida, como dizia o relatorio, a uma inspiração franceza.

Eis aqui o que n'essa epocha se contou:

Um dos parentes do imperador, não diremos um dos herdeiros, os homens da tempera de Napoleão teem parentes, nada mais; um dos parentes do imperador obtivera de O'Connell, esse grande agitador irlandez, interessado em agitar a França, que apresentasse na camara dos communs uma moção tendente a restituir-nos os restos mortaes de Napoleão. Com effeito, que precisão tinha agora a Inglaterra d'esses restos mortaes, d'essa especie de tumulo de Mahomet suspenso entre a agua e o céo, e para o qual tendia a peregrinação incessante do mundo inteiro?

Não era um insulto feito aos vencedores d'este homem, alguns dos quaes, ainda vivos, estavam completamente esquecidos, esta homenagem quasi divina prestada ao vencido?

Por isso, quando O'Connell se abrio com lord Palmerston a respeito da sua intenção:

— Diabo! lhe disse este, tomae sentido. Em logar de dar satisfação ao governo francez, vae talvez embaraçal-o muito.

— A questão não é essa, respondeu O'Connell; a questão é para mim de fazer o que julgo dever fazer. Ora, o meu dever é propôr aos communs de restituir á França os restos mortaes do seu imperador; o dever da Inglaterra é de aco-

lher a minha moção. Portanto, hei de propôl-a, sem me importar que offenda ou lisonjeie.

— Pois bem, disse lord Palmerston, só lhe peço quinze dias.

— Concedo-lh'os, respondeu O'Connell.

Asseguram, comtudo, que no mesmo dia, lord Palmerston escrevera ao sr. Thiers para o avisar de que ia, pelas interpellações do sr. O'Connell, ser obrigado a confessar que a Inglaterra nunca se recusára a restituir á França os restos mortaes de Napoleão, e que ha muito os teria restituido se a França os houvesse reclamado.

O sr. Thiers teria communicado o despacho ao rei, e estes dois grandes artistas teriam preparado em collaboração a comedia que acabava de ser representada perante a camara, e que ahi obtivera tão grande successo?

Porém, como de todas as falsas especulações, se d'esta resultava não um bem, mas uma attenuação ao mal no presente, resultavam ao mesmo tempo graves inconvenientes para o futuro.

Este discurso tão pomposamente preparado, tão acaloradamente applaudido pela camara, tinha, penetrando da superficie até ao fundo da sociedade, ferido quasi todos os partidos.

Tinha ferido o *partido legitimista* fazendo de Napoleão, a seus olhos usurpador e soldado de fortuna, um *soberano legitimo* da França, com direito para ser enterrado em Saint-Denis como um Bourbon ou um Valois.

Tinha ferido o partido orleanista puro estabelecendo para a familia de Napoleão esperanças no futuro á successão d'este soberano legitimo, e creando um direito egual aos filhos de Luiz, de Luciano e de Jeronymo, aos direitos do conde de Chambord.

Tinha ferido os republicanos que, mal esclarecidos sobre

a missão desempenhada por Napoleão, e de que havia resahido esse grande principio de egualdade que eleva, substituido á egualdade que abaixa, não viam, em Napoleão, senão o homem do 13 *vindemario* e do 18 *brumario*.

Tinha finalmente ferido os proprios bonapartistas, que achavam que as honras prestadas ao seu imperador não passavam talvez de uma especulação, não chegando a uma rehabilitação. Para elles, os restos do vencedor d'Arcole, das Pyramides, de Morengo, d'Austerlitz, de Friedland e de Moskow deviam ser, não mercadejados com lord Palmerston, mas retomados á viva força aos inglezes.

Não era uma simples fragata, commandada pelo capitão mais moderno da armada, que devia transportal-os para França; porém um navio de mais alto bordo, capitaneando uma esquadra composta de navios commandados pelos nossos mais illustres e mais antigos almirantes.

O ataúde não devia ter vindo por mar do Havre a Pariz; devia atravessar a França inteira, na sua maior extensão. Emfim, devia ter sido sepultado debaixo da columna, conforme pedira no seu testamento, afim de que o monumento fosse digno do unico homem digno de monumento, e não debaixo do zimborio dos Invalidos, confundido com as victimas do attentado Fieschi, como um simples marechal do imperio, como Catinat ou como Villars.

Não era isto o que a poesia tinha promettido á gloria, quando lhe dissera: [1]

> « Descança! Um dia chegará talvez
> em que iremos matar esta saudade;
> porque tu, para nós és divindade,
> déspota nunca o foste; o teu revez

[1] A traducção é devida ao obsequio do nosso estimavel poeta, o Ex.mo sr. Candido de Figueiredo.

em nossa face lagrimas derrama;
e, á sombra da bandeira tricolor,
como á sombra da esplendida oriflamma,
afastamos os olhos, com horror,
da torpe villania
que do teu pedestal te distancia.

Sim, pomposas exequias te faremos;
e talvez feriremos
tambem nossa batalha:
ladear-te-hemos a funebre jazida;
e, ao pé d'essa mortalha,
hemos de ver reunida
a Europa á Asia e á Africa; e a poesia,
a deusa da perpétua mocidade,
havemos de leval-a n'esse dia,
para cantar a joven liberdade.

Has de sentir-te bem, ao nosso lado,
sob a tua columna sepultado,
n'este Pariz que ferve e que fermenta,
debaixo d'este céu em que se agita
tantas vezes o genio da tormenta;
debaixo d'este sólo que palpita,
que estremece, que vive, e em que trovejam
as bocas dos canhões,
e que sente passar,
de hora em hora, aguerridas legiões!..
Tambem o povo é um mar!

Abysmos, tempestades,
é quanto guarda em si para o tyrano;
mas, nos degráus de um tumulo,

(unica, para ell', das magestades)
é sempre bom e humano;
seus prantos atravessam as idades,
e não te deixarão sentir saudades
do murmurar do oceano!

Cumpre dizer que estes versos são de Victor Hugo, e que foram feitos quando a Camara dos deputados regeitou, em 1760, a proposta de pedir o corpo de Napoleão á Inglaterra e de o sepultar debaixo da columna.

No entretanto, aconteceu o que era facil de prevér depois de tal communicação feita á Camara em similhantes termos.

CAPITULO XXVI

O principe Luiz Napoleão, transportado para a America por ordem de Luiz Philippe, voltára para Inglaterra, e de Inglaterra ouvira a proposta de sr. de Rémusat e os applausos da Camara.

Então perguntára elle a si mesmo, como é que para o sobrinho havia de ser crime voltar a França, quando ahi reconduziam triumphalmente o cadaver do tio.

Já dissemos que, em 1832 ou 1833, o principe Luiz tivera uma ëntrevista com o general Lafayette.

Esta entrevista não tivera nenhum resultado senão provar a differença de opinião que existia entre o principe Luiz e os radicaes.

Interrompidas estas negociações, o principe Luiz, passa dos sete annos, falhando a tentativa de Strasburgo, resolveu tornar ás negociações com os democratas de 1839.

O partido tinha por muito tempo repellido estas propostas, porém quiz emfim vêr se d'ellas se podia tirar alguma coisa.

Mandaram ao principe Luiz o sr. Degeorges, redactor em chefe do *Progresso du Pas de Calais.*

O sr. Degeorges fallou com o principe e achou-o disposto a recomeçar a sua tentativa de Strasburgo.

A conferencia durou muitas horas.

Em logar de achar no principe Luiz as idéas do progresso que o tempo e os acontecimentos devia ter feito germinar na cabeça do mancebo, o sr. Degeorges não achou senão as velhas tradições napoleanas, e convencido de que todo o genio do pretendente se limitaria a um plagiato do Imperio, recusou, em nome do partido republicano, qualquer pacto com elle.

Ou, para melhor dizer, a conferencia deu n'um rompimento completo.

« Havemos de vos receber com tiros de espingarda, disse o sr. Degeorges ao principe, ao depedir-se, e no momento em que este lhe estendia a mão. »

Com effeito, nenhuma razão havia para preferir uma contrefacção do imperio a uma contrafacção de realeza.

No entretanto, o principe, n'essa epocha, não fazia mysterio das suas pretensões; publicava brochuras em que comparava seu tio a Cezar e se comprava a si mesmo com Octavio.

Nenhuma das esperanças do principe, nenhum dos seus passos em Londres, nenhuma das suas entrevistas com os representantes dos differentes partidos, e mesmo das differentes potencias, era ignorada pelo governo francez.

Pelo fim do anno de 1839 fallei a respeito do principe Luiz com o duque de Orleans.

— Ah! é verdade, me disse elle, conhece-o pessoalmente?

— A elle, não, senhor, conheço sua mãe.

— Pois bem, n'esse caso, mande-lhe dizer que sabemos não só tudo quanto elles fazem, mas tambem tudo quanto dizem; não só tudo quanto dizem, mas *tudo quanto pensam.*

Eu não tinha a honra de estar em relação assaz directa com este ramo da familia de Napoleão para me atrever a dar-lhe qualquer conselho. Todavia, tendo tido occasião de ir a Londres alguns dias depois, encontrei n'um barco de vapor um de meus amigos, o sr. de Aneberg, que eu sabia que se achava ligado á fortuna do principe: elle sabia que, por occasião da captura do principe em Strasburgo, a duqueza de Saint-Leu, julgando dever-me alguma fineza, me enviára um pedra gravada, achada por Napoleão no Egypto e trazida por elle com um bilhetinho concebido n'estes termos:

« Áquelle que deu um bom conselho, que não foi seguido. »

D'Aneberg convidou-me pois a aproveitar da minha estada em Londres para ir visitar o principe.

Abanei a cabeça.

— Porque recusa? me perguntou elle, o principe ha de recebel-o admiravelmente.

— Não duvido.

— E então?

— Não irei fallar ao principe.

— Tem de certo alguma razão para isso?

— Tenho duas.

— Quaes são?

— Eil-as: A primeira é não ter nenhuma razão para ser bonapartista, e não o ser.

— Mas o principe não recebe senão bonapartistas.

— Bem sei.

— Então essa primeira razão não seria sufficiente para o prender.

— Por isso, já lhe disse que tinha duas.

— Qual é então a segunda?

— A segunda, eil-a: é que antes de tres mezes o principe ha de fazer alguma nova tentativa, da qual se ha de sahir tão mal como da primeira; é que, como a policia tem os olhos fitos n'elle e em todos quantos os vão visitar, na epocha em que fizer a tentativa, aquelles que lhe tiverem ido fallar hão de ser incommodados, e eu não gosto de soffrer um martyrio, por mais leve que seja, por uma religião que não é a minha.

D'Aneberg insistio, porém inutilmente.

Ainda vive; recorda-se d'este incidente, e póde dizer se mudo uma só palavra da conversa que tivemos a este respeito.

O principe Luiz verificou o meu dito; nos periodicos de agosto de 1840 póde ler-se que, na vespera, pelas seis horas da manhã, o principe Luiz Bonoparte desembarcára em Boulogne-sur-Mer, com uns sessenta companheiros, fizera inutilmente um chamamento á população, e tres ou quatro horas depois estava em poder das auctoridades francezas.

Cincoenta e duas pessoas estavam presas com elle.

Póde ler-se nos jornaes do tempo a historia da miseravel empreza do principe Luiz, que teria produzido no povo mais repugnancia do que ira, se um valente soldado não houvesse sido victima da sua dedicação.

D'esta vez não houve tentativa de disjuncção; o governo annunciou que o principe e seus cumplices seriam julgados n'um processo commum.

O governo estava decidido d'esta vez a levar os réos perante a justiça, desde o principe até ao simples soldado.

A camara dos pares foi convocada.

O principe Luiz, transportado para o castello de Ham, ahi esteve até 12 de agosto, e n'este dia foi reconduzido para Pariz e alojado no Palacio da Justiça, na prisão das mulheres, no mesmo quarto onde tinham estado Fieschi e Alibaud.

O ex-rei de Hollanda residia em Florença havia muito tempo, e tinha constantemente recusado vêr seu filho; todavia, n'estas circumstancias, não hesitou em lhe dar uma prova de interesse paternal.

Os jornaes publicaram uma carta d'elle, em que se achava o seguinte paragrapho:

«Declaro sobre tudo com um sancto horror, que a injuria que se faz a meu filho, encerrando-o no quarto de um infame assassino, é uma crueldade monstruosa, anti-franceza, um ultrage tão vil como insidioso.»

Os jornaes do governo responderam a este paragrapho com a nota seguinte:

«Alguns jornaes conteem no seu numero de hoje uma carta do conde de Saint-Leu, ex-rei de Hollanda, pae de Luiz Bonaparte, que declara olhar como uma injuria ter-se dado a seu filho para prisão o quarto que fôra occupado por Fieschi.

«O quarto onde Luiz Bonaparte está preso, na casa de justiça, servio com effeito a Fieschi, mas deve notar-se que erradamente se procura n'essa coincidencia uma censura á auctoridade; o quarto de que se tracta, soffreu ha alguns mezes uma transformação completa, por ter sido dado como alojamento particular á inspectora da cadêa das mulheres, que foi obrigada a deixal-o á chegada de Luiz Bonaparte.»

O principe Luiz tomou por defensores Berriyer e Mario Maria.

A 6 de outubro, sem que o processo de que elle acabava de ser objecto suscitasse o menor interesse no publico, o principe Luiz foi condemnado a prisão perpetua.

— Quanto tempo dura a perpetuidade na França? perguntou o principe Luiz quando lhe leram a sentença.

O preso foi reconduzido ao castello d'Ham, onde devia cumprir a sentença.

Os ministros de Carlos X, postos em liberdade havia tres annos, deixavam-lhe o logar livre.

A 8 de outubro, isto é, dois dias depois da condemnação do principe Luiz a uma prisão perpetua, o *Belle-Poule*, que ia triumphalmente buscar os restos do Imperador, abordava a James-Town.

Sete dias depois, isto é, a 15, era o vigesimo quinto anniversario da chegada de Napoleão ao logar do seu exilio.

Foi este o dia escolhido para a ceremonia da trasladação.

Os srs. Bertrand, Las Casas, Gourgaud e Moutholon assistiram á exhumação.

O filho do general Bertrand, Arthur, nascido em Sancta-Helena, e que sua mãe apresentou ao imperador *como o primeiro francez* entrado em Longwood, sem licença do governo, escreveu uma simples mas excellente relação d'esta viagem.

Ahi se acharão todos os detalhes d'esta ceremonia.

No domingo 18 de outubro, pelas oito horas da manhã, fazia-se a *Belle-Poule* de vela, levando a seu bordo a sua illustre carregação.

No meio do Atlantico, o principe de Joinville foi avisado por um navio mercante que encontrou, de que provavelmente áquella hora se acharia declarada a guerra entre a França e a Inglaterra.

No mesmo instante, o joven principe reunio a tripulação e fez jurar a todos, officiaes e marinheiros, que, no caso de encontrarem fosse um navio de alto bordo inglez, fosse uma esquadra ingleza, mais depressa se metteriam a pique antes do que deixariam cahir nas mãos do inimigo o glorioso cadaver que conduziam.

Depois direi quaes foram os sacrificios que se fizeram para que esta guerra não tivesse logar.

A 8 de dezembro foi o feretro passado da fragata *Belle-Poule* para o barco a vapor *Normandia*.

A 14 chegou a Courbevoie.

A 15 fez a sua entrada em Pariz.

O rei esperava-o na capella mór dos Invalidos.

O ataúde parou á entrada da nave.

O rei dirigio-se a elle.

— *Sire*, disse o principe de Joinville inclinando-se e tocando no chão com a ponta da espada, apresento-vos o corpo do imperador Napoleão.

O rei respondeu:

— Recebo-o em nome da França.

Que pena não ser vivo o sr. de Talleyrand! Se o fosse, de certo teria sollicitado e obtido a honra de dizer a missa.

Na sua falta, disse-a o arcebispo de Pariz.

N'isso perdeu o diabo alguma coisa, mas Napoleão não perdeu nada.

CAPITULO XXVII

Para seguirmos o principe Luiz Bonaparte de Bolonha á camara dos pares e da camara dos pares ao Castello de Ham, fomos obrigados a passar por cima de certos acontecimentos que podem parecer de grande importancia áquelles que pensam que é importante para a honra dos francezes que a honra da França não seja aviltada.

Digamos primeiro que essa honra fôra gloriosamente sustentada pelo filho primogenito do rei, duque d'Orleans.

Todos se lembram da expedição do desfiladeiro de Mouzaia; é d'esta expedição que vamos dizer algumas palavras.

O tractado da Tafua cedera ao emir as duas praças de Milianah a de Medeah. D'esta sorte, o emir achava-se acampado no meio das possessões francezas, que se estendiam de Bône a Chercheil, e formavam um circulo que se alargava pelo interior das terras como um arco, cuja corda era formada pelo mar.

Abd-el-Kader fizera de Medeah o centros das suas operações militares, e a guerra tinha-se accendido com mais encarniçamento do que nunca.

O marechal Valleé resolvera desalojar o emir d'esta formidavel posição.

Formidavel é a palavra propria, porque, durante seis mezes, o emir mandára fortificar o desfiladeiro de Mouzaia.

Todos os pontos salientes da posição tinham sido coroa-

dos com reductos ligados entre si com ramos de entrincheiramentos.

Obras em que se reconhecia a mão de algum renegado francez desenvolviam-se sobre a crista até á passagem entre as duas montanhas.

Cada aresta contornada pela estrada era uma fortificação quasi inexpugnavel, e dominava o estreito caminho que devia seguir a columna de ataque.

N'este ponto estavam reunidas todas as tropas que o emir tinha; os batalhões de Medeah, de Milianah, de Mascara e de Sebaou tambem ahi se achavam reunidos aos Kabilas de todas as tribus das provincias d'Argel e de Tittery.

Por seu lado, o marechal Valleé fizera grandes preparativos. Um corpo expedicionario de dez mil homens fôra reunido, e nas suas fileiras militavam os duques de Orleans e de Aumale.

A 25 de abril, o corpo expedicionario tomou posição sobre a Chiffa de Coleah.

A 27 atravessava a Chiffa, e nas margens do Oued Yer, estreiava-se por um combate serio com a cavallaria de Kalifah de Milianah.

São conhecidos os detalhes d'esta maravilhosa expedição, que recorda as batalhas de Massena no meio das nuvens.

No Atlas, como nos Alpes, o pé do soldado francez foi procurar escarpas, onde se julgaria que só o camello poderia chegar.

Combatiam entre o céo e o abysmo; o ferido era morto, o morto era reduzido a pó.

O marechal fizera todas as honras ao duque de Orleans; encarregára-o de tomar a posição.

Foi tomada pelo 23.º e 48.º

N'um livro desconhecido, que fiz para o exercito, escrevi

os detalhes d'este prodigioso combate, que nos entregou as duas cidades do emir, Milianah e Medeah.

Durante este tempo parecia preparar-se uma guerra européa. A attitude dos soberanos era tão aggressiva que a vergonha exigia apparencias de preparativos: mas a Europa conhecia muito bem a nossa falta de recursos.

Os nossos arsenaes estavam vazios, a nossa cavallaria apeada, quatrocentos milhões, votados todos os annos no nosso orçamento para a marinha e para a guerra, não tinham sido sufficientes para nos darem armas e vazos de guerra.

Não se ousava convocar as Camaras, por pouco que fossem para temer, porque suppondo-lhes, o que todavia não era para suppôr, um pensamento bellicoso, ter-se-ia o governo visto obrigado a responder que não estava prompto, á primeira pergunta que ellas lhe dirigissem.

No entretanto, á falta de uma actividade real, havia-a na apparecencia; os engenheiros trabalhavam em todas as nossas costas da Mancha; Vincennes mandava para os diversos pontos da França cem mil espingardas, estabelecera-se uma especie de agitação nos nossos portos, e faziam-se levas para a marinha em que eram comprehendidos homens de quarenta a cincoenta annos.

Em Brest estavam armadas cinco grandes fragatas, e estavam outras tantas em construcção: o ministerio tractava altamente de recrutar cento e cincoenta mil homens, de organisar uma reserva de trezentos mil, e fallava-se em se reorganisar a guarda nacional em todas as cidades do reino.

Porém, se estes preparativos illudiam na França alguns animos felizes, dispostos a acreditarem tudo, não eram tão credulos no estrangeiro.

A Inglaterra e a Allemanha escarneciam dos suppostos armamentos, e annunciava-se que n'um momento dado, o rei

Luiz Philippe, depois de haver feito inutilmente todo este estrondo, abandonaria o seu alliado Mehemet-Ali.

É verdade que se faziam duas partes, uma para o ministro, outra para o rei.

Era o sr. Thiers que fazia o estrondo, que se collocava á frente, que armava, fortificava, ameaçava; porém seria o rei que tomaria a resolução final, e essa resolução toda pacifica.

O *Mercurio de Souabe* a *Gazeta universal de Leipzig* e a folha politica e hebdomadaria de Berlin sobre tudo, diziam os mais chistosos gracejos sobre esta miseravel politica.

Tinha-se enviado o sr. de Saint-Aulaire em missão secreta ao sr. de Metternich.

«O conde de Saint-Aulaire é amigo intimo do rei Luiz Philippe, dizia o *Mercurio de Souabe*, e é provavel que esteja iniciado nas suas mais secretas intenções, dizia a *Gazeta Universal de Leipzig:* Não se pensa que o sr. de Saint-Aulaire haja recebido uma missão ameaçadora, e quando mesmo o sr. Thiers se deixasse arrastar mui longe, é provavel que o embaixador tenha instrucções moderadas emanadas de uma auctoridade superior.»

«Tudo quanto se faz e se diz em Pariz virá a dar em coisa nenhuma,» dizia emfim a folha politica e hebdomadaria de Berlin. Os cento e cincoenta mil homens serão chamados ás armas, construir-se-hão alguns navios, far-se-hão emfim despezas que virão augmentar o orçamento; depois, dois ou tres regimentos manobrarão nas fronteiras do Norte e de Leste, como quando se tractou da questão belga, e o governo, julgando ter satisfeito o orgulho nacional, deixará operar e metterá depois com valentia a sua espada na bainha.

E eram os homens de Iena que tinham chegado, não só a pensar, mas a escrever estas coisas de nós!

Talvez que se pergunte por que razão Luiz Philippe deixava o sr. Thiers representar esta comedia para o vir tão cruelmente desmentir n'um momento dado á face da Europa.

Luiz Philippe queria os seus fortes desembaraçados, por que os considerava como a melhor garantia e salvaguarda da sua corôa.

Além d'isso, o sr. Thiers não devia cahir diante da von tade real, o sr. Guizot, o rei Leopoldo, o duque d'Wellington e a rainha Victoria tinham arranjado todo este negociosinho em Londres. O sr. de Metternich fazia adoptar a mediação da França para com Mehemet-Ali. Ao mesmo tempo derribar-se-ia lord Palmerston; far-se-iam subir sir Roberto e os *torys*. O sr. Thiers cahiria perante um voto da Camara, promovido pelos srs. Molé e Pasquier. Substituil-o-ia o sr. Guizot.

Não havia nada mais constitucional; não seria preciso dizer uma palavra a Luiz Philippe, e então todas estas concessões seriam feitas pelo novo ministerio em pró de Mehemet-Ali.

Mas não era do agrado do imperador da Russia, que a França se ligasse de novo tão estreitamente com a Inglaterra.

Esta alliança destruia os seus projectos sobre Constantinopla.

Com o auxilio da Prussia repellio a meditação franceza, e o sr. Thiers, sem saber que tinha dormido um mez á beira de um precipicio, ficou no poder.

A este tempo, a rainha Victoria, presidindo á prorogação da sessão parlamentar, fez um discurso em que o nome da França nem sequer era pronunciado.

Por isso a França já não contava com os conselhos britannicos.

Durante este tempo, as quatro potencias decidiam da sorte do Egypto, sem convocar a França, que outr'ora o tinha conquistado, que ahi tinha deixado os germens de civilisação, depois desenvolvidos por Mehemet-Ali, sem chamar, dizemos, a França a esta deliberação.

A 14 de agosto, o comodoro Napier, commandante da esquadra ingleza, dirigia ao consul inglez, em Beyrouth, a nota seguinte:

« Tenho a honra de vos prevenir de que a Inglaterra, a Austria e a Russia resolveram que a Syria fosse entregue á Porta.

« Prevenireis as auctoridades egypcias d'esta resolução, pedindo-lhes a evacuação immediata da cidade e a restituição dos soldados turcos.

« Communicareis esta carta aos negociantes britannicos para seu governo. »

Esta nota era enviada a Mehemet-Ali dois dias antes da notificação do tractado.

Como se vê, nenhumas attenções tinham havido.

Que importava ás potencias que a França fosse a unica alliada de Mehemet-Ali, se a França tinha o costume, desde 1830, de se deixar esbofetear na face dos seus alliados?

CAPITULO XXVIII

A 19 de agosto, os consules das quatro potencias apresentaram ao vice-rei do Egypto uma notificação, que podia equivaler a uma ordem.

A nota era intitulada:

« Reflecções sobre a posição actual do vice-rei do Egypto. »

Eis a copia da nota:

« Mehemet-Ali não poderia ignorar o grande alcance e a força de uma convenção solemne.

« O systema politico da Europa só descança sobre a fé e sobre a execução religiosa dos tractados.

« É assim que, apesar das difficuldades bem graves que acercavam as questões da Grecia, da Belgica e da Hespanha, as convenções que lhes são relativas receberam a sua completa execução, bem que os interesses de todas as potencias europeas a respeito d'estas questões não tenham sido sempre identicos.

« Acreditar ainda na possibilidade de uma mudança ou de uma modificação das condições da Convenção de 15 de julho, seria embalar-se n'uma esperança vã.

« Estas estipulações são inalteraveis e irrevogaveis: os termos peremptorios que foram marcados para a sua acceitação são uma prova clara da impossibilidade de quaesquer mudanças ulteriores. »

As potencias, depois de algumas considerações, que tinham por fim determinar Mehemet-Ali á submissão, acrescentavam:

« A consequencia immediata de tal recusa seria o emprego de medidas coercitivas; o vice-rei é muito illustrado e conhece muito bem os meios e os recursos de que as quatro grandes potencias podem dispôr, para por um só momento se lisonjearem de poder, pelos seus fracos meios, resistir mesmo a uma ou a outra que seja; seria embalar-se n'uma esperança bem funesta, contar, nas circumstancias actuaes, sobre um apoio do estrangeiro. Quem poderia impedir as decisões das quatro grandes potencias? Quem ousaria arrastal-as? Longe de lhe ser favoravel, tal intervenção em seu favor não faria senão apressar a sua perda, então tornada certa.

« As quatro grandes potencias desenvolveram forças mais que sufficientes para combater tudo quanto podesse oppôr-se á execução da convenção; levar-se-ha onde o caso o exigir uma força sufficiente para tornar qualquer resistencia impossivel e anniquilal-a com um só golpe.

« Alexandria, 19 de agosto de 1840.

Laurin, Hodge, Wagner, Conde Medem.

Esta nota, notificação ou ameaça, como se quizer, era muito mais dirigida a Luiz Philippe do que a Mehemet-Ali.

Porém, quer se dirigisse ao Egypto, quer se dirigisse á França, a ameaça não tardou a ter o seu effeito.

Os inglezes apoderaram-se de doze navios egypcios que estavam ancorados no porto de Beyrouth.

Era o commodoro de Napier que estava encarregado d'esta execução, e que não teve trabalho, visto a não declaração das hostilidades, em a conduzir a bom fim.

Conhece-se o comodoro de Napier; era justamente o homem preciso para similhante expedição. Capitão de mar e guerra, o commodoro de Napier habitou no Havre por algum tempo, com o fim de vigiar o serviço dos barcos de vapor de ferro que estabelecera no Sena.

Era uma má especulação, que arrastou comsigo a dissolução da sociedade que tinha fundado.

N'este meio tempo a Grecia sublevou-se; o capitão Napier correu á Grecia, pôz a sua experiencia, a sua coragem e a sua arrojada imaginação á disposição dos hellenos.

Mais feliz que Byron, assistio á pacificação da Grecia; e como se tinha tornado notavel n'esta prodigiosa guerra, foi offerecida, na marinha real, a posição que lhe tinha sido conservada.

Ao cabo de algumas expedições. sempre felizes, passou, com o consentimento da Inglaterra, com a patente de capitão de mar e guerra, ao serviço de D. Pedro, tomou o commando da sua esquadra, e com ella bateu a esquadra de D. Miguel, no cabo de S. Vicente.

D'ahi lhe veio o titulo do conde de S. Vicente que lhe foi concedido por D. Pedro.

Depois d'esta brilhante campanha, o capitão Napier tornára a entrar ao serviço da marinha ingleza com o titulo de commodoro.

Em Beyrouth commandava uma divisão da esquadra ingleza sob as ordens do almirante Stopfort.

Ao mesmo tempo que o commodoro Napier se apoderava dos navios egypcios, publicava estas duas proclamações:

« Habitantes de Liban, vós que estaes mais directamente sob as minhas vistas, levantae-vos e quebrae emfim o jugo sob que gemeis.

« Qualquer dia chegam de Constantinopla tropas, armas

e munições, e d'ora ávante os navios egypcios não mais insultarão as vossas costas. »

Dizemos duas *proclamações* porque se dirigiam a duas porções bem distinctas de subditos ao poder de Mehemet-Ali.

Primeiro, aos habitantes do Liban.

E depois aos soldados do seu exercito.

Eis aqui a passagem que se dirigio aos soldados;

« Soldados do Sultão, vós que fostes arrancados das vossas aldêas pela traição, para serdes arrastados por sobre as areias ardentes do Egypto, e que depois fostes transportados á Syria, recommendo-vos em nome do Grã-Turco — que volteis para debaixo do seu dominio.

« Puz duas náos de linha ao pé do lazareto, onde estaes acampados para receberem aquelles de vós que se pozerem sob a minha protecção.

« Um inteiro esquecimento de todo o passado, o pagamento dos vossos vencimentos atrasados são assegurados pelo Sultão, assim como tudo quanto é devido aos soldados que voltarem para as suas bandeiras. »

Justamente, no momento em que o commodoro se apoderava das náos egypcias, chamando á revolta os montanhezes do Liban e os soldados de Mehemet-Ali, o sr. de Pontois, nosso embaixador em Constantinopla, orgão do sr. Thiers, protestava, em nome da França, contra toda a medida coercitiva.

A 26 de agosto, Mehemet-Ali recebeu os conselhos das quatro potencias acompanhados de Rifaat-Bey.

Havia tres dias que Mehemet-Ali sabia do acontecido em Beyrouth.

Mehemet-Ali estava decidido a arriscar tudo. Antes que-

ria perder a sua vice-realeza e a vida, do que fazer uma concessão.

Escutou o discurso dos consules e contentou-se com responder:

— Deus dá a terra e tira-a; confio-me á Providencia.

— Se assim é, respondeu o enviado do Sultão, não tenho aqui mais que fazer, retiro-me.

— Retire-se, se lhe apraz, respondeu Mehemet-Ali; porém n'esse caso espero que estes senhores o acompanharão.

E indicava os quatro consules.

— Não temos instrucções para abondonarmos os nossos postos, responderam elles.

— Embora, replicou o vice-rei, porém, depois do que se passou, facilmente comprehendem que não tenho mais confiança nos senhores, além d'isso, não está em costume nas nações, penso eu, que uma potencia conserve em si os agentes das potencias com quem tem guerra.

E como os consules sabiam d'ante-mão que a França deixaria despojar o pachá sem dizer uma palavra, induziram-no a que se não fiasse muito no apoio do rei Luiz Philippe.

Mehemet-Ali encolheu os hombros e disse:

— Sei que a França não dará um tiro por mim, mas conto com as suas sympathias e boas intenções. Devo áquelles que servem a minha causa acceitar o opoio benevolo que ella me offerece, e assim o fiz.

No dia seguinte, os consules apresentaram-se novamente; porém acharam Mehemet-Ali mais irado do que nunca, e declarou que, se as hostilidades continuassem, mandaria ordem a seu filho para marchar sobre Constantinopla.

Tres dias antes, e assim que soube a noticia da tomada da esquadra egypcia, o sr. Waleski, nosso enviado extraordinario juncto a Mehemet-Ali, partira para Constantinopla,

julgando que eramos tidos n'alguma conta para o equilibrio europeu, e ia offerecer ao divan a mediação da França.

Não era uma coisa algum tanto extraordinaria vêr um filho de Napoleão, enviado de Luiz Philippe juncto de Mehemet-Ali?

É verdade que, por Maria Luiza, Napoleão sobrinho de Luiz XVI, era primo de Luiz Philippe.

Porém tinha-se presumido esta chegada do nosso honrado embaixador, e no momento mesmo em que o sr. Waleski desembarcava em Galata, Abdul-Medjid, successor do sultão Mahmoud, publicava um manifesto em que declarava que a cessão do Egypto a titulo hereditario e do unico pachalick d'Acre vitalicio, eram decisões immutaveis, e que, apesar da intervenção de qualquer potencia que fosse, Mehemet-Ali não devia esperar outra coisa d'elle.

Em nenhum coração podia a ferida ser mais grave do que no do sr. Waleski, porque nenhum coração havia mais francez do que o seu.

Foi então que teve logar no gabinete das Tuileries esta grave e prolongada discussão entre o sr. duque d'Orleans e o rei.

— É a guerra com a Europa, exclamou o rei respondendo a seu filho, que não queria que se abandonasse Mehemet-Ali.

— A guerra com a Europa, embora! respondeu o duque d'Orleans. Quanto a mim, antes quero ser morto nas margens do Rheno ou do Danubio, do que n'um rego da rua Saint-Denis.

— Ah! pobre principe! Dois annos mais tarde, devias cahir para te não tornares a levantar, não n'um rego da rua Saint-Denis, mas no caminho da *Revolta*, que Luiz XV mandára fazer para não ser obrigado a atravessar Pariz.

A 11 de setembro, o commodoro Napier, alcançado nas

aguas de Beyrouth pelo almirante Stopfort, desembarcava dez mil homens.

Os dez mil homens compunham-se:

De uma companhia de desembarque de cada uma das doze náos inglezas ou austriacas, isto é, quinhentos ou seiscentos homens;

De mil e quinhentos homens de infanteria ingleza;

De tres mil turcos;

E de quatro a cinco mil albanezes.

O desembarque operou-se em Djounis, bahia situada a meia legoa de Beyrouth.

O desembarque não soffreu nenhuma opposição.

Os inglezes, os austriacos e os turcos atacaram então simultaneamente Caiffa, pequena cidade edificada ao pé do monte Carmel, e que foi reduzida a pó; e o forte Djebail que, defendido por albanezes, só foi tomado depois de vigorosa resistencia.

Então começou por seis navios inglezes atravessados em frente de Beyrouth, o bombardeamento da cidade, que ao cabo de tres dias não era mais do que um montão de ruinas.

O bombardeamento retumbou no coração da França: todos perguntavam onde estava a nossa esquadra e o que fazia; para que tinham servido esses milhões pedidos e concedidos para a nossa marinha em estado de luctar com a marinha ingleza.

O ministerio tinha ordenado á nossa esquadra que se retirasse, que fugisse, que se escondesse bem longe do motim; estava na bahia de Salamina de gloriosa memoria, e bem tinha ella feito, porque, assim como dizia um almirante, se a nossa esquadra tivesse sido testemunha da injuria feita á França, as suas peças teriam feito fogo por si mesmas.

Portanto, estava declarada a guerra apesar da França, e por conseguinte contra a França.

O sr. Thiers ficou espantado do descredito em que a França tinha cahido, e a 7 de outubro o gabinete inteiro deu a demissão.

Porém Philippe recusou-se obstinadamente a acceitar esta demissão.

O sr. Thiers, completamente despopularisado, por ter sahido bem do negocio das fortificações de Pariz, e mal nos negocios do Oriente, retomava uma posição por essa retirada que tinha a sua significação; a retirada do sr. Thiers lançava-o no partido revolucionario; conheciam-se os odios do deputado de Aix, ao contrario d'Achilles retirando-se pára a sua tenda, o sr. Thiers, amuando-se, tornava-se um agitador encarniçado; o rei embaido pela rainha e pelas princezas, dirigio-se áquelle a quem detestava tão cordealmente do fundo d'alma, para que renunciasse á sua decisão e se conservasse no ministerio.

Além d'isso, o duque d'Orleans que, apesar dos desenganos de todos os dias a respeito do sr. Thiers, ainda n'elle via esse sentimento de nacionalidade, mais vivo do que no sr. Guizot, o sr, duque d'Orleans reunio-se ao rei para obter do sr. Thiers que desistisse da decisão que lançava a perturbação nas Tuileries.

N'outra parte explicaremos e quando chegar a occasião de contarmos as nossas relações pessoaes com o principe real, como, sem ser por fórma alguma republicano, nem mesmo liberal, o sr. duque d'Orleans, espirito francez, coração nacional em toda a força do termo, se achava, em todas as questões de preeminencia nacional, do partido da França contra o rei, que não amava, nem admirava senão a Inglaterra.

Porém o sr. Thiers recusou-se.

D'esta vez foi experto, e parecia decidido a resistir a todas as blandicias.

Luiz Philippe empregou os grandes meios, fez com que Maria Amelia se mettesse no negocio.

A rainha Maria Amelia, rigida estatua da honra, da religião e da aristocracia, que nunca tinha feito uma rogativa ao sr. Thiers, consentio em abaixar a sua altivez perante o ministro *revolucionario*, como no palacio chamavam ao sr. Thiers, e, o que ha de parecer singular, chamavam-lhe assim seriamente.

O sr. Thiers foi desarmado por esta real intervenção; retomou a sua pasta, contentando-se com significar ás quatro potencias um ultimatum que continha um *casus belli.*

O *casus belli* fez rir muito todas as potencias estransgeiras.

Porém, accommodando os seus negocios com o estrangeiro, Luiz Philippe indispunha-se com o interior.

Esse espirito revolucionario, que se julgava comprimido em França, surgia muito mais desenvolvido e ameaçador do que no animo do sr. Thiers.

O povo não deixava passar nenhuma occasião de fazer comprehender á côrte quão pezada era á nação esta humilhação em face do estrangeiro.

Em todas as representações extraordinarias pedia-se a *Marselheza*; cantico sempre extincto, sempre renascente, que cada vez que filtra atravez dos poros da sociedade, indica que a machina aristocratica ou real está muito carregada e que é tempo de abrir as valvulas de segurança para que rebente.

Emfim, a propria guarda nacional, essa fidelíssima alliada de Luiz Philippe, começava a trahil-o, como elle trahia Mehemet-Ali, e apesar da ordem do dia do marechal Gérard que, sob pretexto de ataque á legalidade, tinha prohibido qualquer manifestação, a guarda nacional enviou aos jornaes da opposição a seguinte declaração:

« Considerando:

« Que a expressão dos votos dos cidadãos é perfeitamente legal;

« Que este direito, que tem a sua origem na soberania popular, dogma fundamental de todas as instituições, tem de mais sido consagrado em termos formaes pelos artigos 66.° da Carta;

« Que este artigo não póde ser destruido por tal ou tal disposição de uma lei regulamentar sobre a guarda nacional;

Que se se tinham podido suscitar duvidas a este respeito seriam esclarecidas pelo proprio procedimento dos chefes das legiões, que, em differentes circumtancias, se teem servido da opinião que diziam emanada d'ella para exercer influencia sob a direcção da poder;

« Que os principios e os factos estabelecem com evidencia o direito que teem os cidadãos de protestar publicamente contra o procedimento do governo, e que importa mais que nunca sustentar esse direito;

« Comtudo, nas circumstacias em que nos achamos, não importa menos evitar com o maior cuidado dar *a um poder covarde fóra*, occasião de se mostrar *brutal dentro;*

« Por consequencia, os officiaes, guardas nacionaes e cidadãos julgam que é do seu dever fazer ouvir ao governo, assim como fóra do reino, o brado de indignação de toda a população pariziense contra a politica deshonrosa que se segue para a alliança, porém, desejando ao mesmo tempo não darem o menor pretexto a coalisões violentas resolveram:

« 1.° Encarregar uma deputação de officiaes e de delegados da guarda nacional, de protestar perante o presidente do conselho de ministros contra a ordem do dia do marechal Gérard, e contra a vergonhosa inacção do governo em face do estrangeiro.

« 2.º Que o protesto seria dirigido em fórma de petição á camara, depois de ter recebido a assignatura de todos os cidadãos, que deviam formar o manifesto. »

O *Morning-Chronicle*, jornal do ministerio inglez, encarregou-se de responder a este manifesto.

« Pelo 1.º de novembro, disse elle, isto é, antes que a Camara franceza tivesse podido começar os seus debates, a França mais nada terá que impedir no Levante, porque a Syria não mais pertencerá ao Pachá e será d'elle que dependerá a questão de saber se o deixaremos ou não tranquillo no Egypto.

« O tractado de 13 de julho já recebeu a sua execução. »

Portanto, o povo protestava, protestava a guarda nacional, restava o protesto dos poetas.

Victor Hugo d'elle se encarregou.

Escreveu estes versos: [1]

« Suspende, ó musa, a tua voz energica,
a voz que ha descantado quanto é justo,
a austera lei, como o direito augusto;
tu, em cuja palavra incendiada
scintilla o fogo que te inunda o espirito,
musa, não digas nada!
deixa-os passar avante, espera a hora
em que possas fallar, e soffre agora
este espectac'lo, virgem resignada.
Basta que um movimento de teus labios
revele a indignação
e a cólera que te enche o coração,
por estes tempos em que toda a gente,

[1] A traducção é devida ao obsequio do nosso estimavel poeta, o Ex.mo sr. Candido de Figueiredo.

ou alague ou fecunde, se extravia
como aguas que trasbordam da torrente;
tempos de odio, impotencia, e teimosia
em supportar os fardos mais inuteis;
tempos, em que o mais forte
é quem sabe conter-se, sem deixar
que o tome acaso a morte
sob aquillo que vê esboroar;
até que chegue o dia desejado,
mais proximo talvez do que se pensa,
sabe conter-te, e em força crescerás;
ergue o semblante altivo e illuminado
em meio d'isto tudo, e ostentarás
o aspecto de uma deusa, em cuja mão
pende o açoite fatal da punição;
deusa que, reservando
dentro em si uma força sublimada,
podia muito e ainda não quer nada.
Ergue entretanto o rosto venerando,
e fixa os olhos teus
em todo o mundo e céus:
aquelles que tressuam na maldade,
os que vendem o brio por dinheiro,
todos os que atraiçoam a verdade
com voz mentida e rosto prazenteiro,
almas hypocritas que um falso mérito
envolve e doira com um véu-enigma;
todos aquelles, grandes ou pequenos,
que têm na fronte um indelevel stigma;
o bastardo invejoso; o cortezão
que foi tribuno, e é vil e effeminado,
e vende a esmo o infame frascado,
disposto sempre a levantar a mão

contra a face sagrada do direito,
e contra o altar da lei,
se o tenta o oiro a subverter as turbas,
ou injuriar o rei;
o falso amigo que semeia odios;
e todos os que passam noite e dia
entre o motim e a orgia:
vejam-te elles passar
tranquilla por entre elles, gravemente
cortejando uma fronte reverente
que possas encontrar;
sempre em silencio, mas com olhos cheios
de estranha austeridade.
Devassa aquelles seios
com teu olhar, de ardente claridade;
e quando alguem disser a sós comsigo:
— « D'entre nós sobre quem virá cair
o raio do castigo,
suspenso em seu olhar? » — possas ouvir
a cada um, que mire as suas obras,
dizer estremecendo:
— « É talvez sobre mim! » —
Mas, por em quanto, musa, aguarda assim,
impassivel, serena. Ao lodo immundo
em que elles se rebolcam, não abeires
tuas vestes; e, quanto n'este mundo
ha de perverso, trema
ao ver sobre uma fronte constellada
as garras do leão,
e a tua soberana indignação
a teus pés reprimida, encadeada. »

É um signal fatal para os reis quando os poetas envolvem

as suas vozes com o clamor universal; os latinos não tinham senão uma palavra para o *poeta* e para o *adivinho*.

VATES!

CAPITULO XXIX

Bebida esta ultima affronta, cahido o ministerio Thiers em tempo util para o rei, tudo ficou tranquillo na apparencia, senão no fundo, adormecido, senão esquecido, e Luiz Philippe, no dia do discurso do dia de anno bom, não receiou dizer, em resposta ao discurso do sr. Sauzet:

«Temos a esperança de que esta longa carreira de paz que temos percorrido tão honrosamente não será interrompida; porém, que, ao contrario, será continuada, sem que a patria nada tenha a lastimar, nem na sua honra nem na sua dignidade.»

Então desce-se das altas regiões politicas, onde se tinha elevado o anno de 1840; o anno de 1841 arrasta-se nas questões legislativas de ordem secundaria; vota-se um credito para os refugiados estraugeiros; discute-se a lei sobre as fortificações de Pariz; interpellam-se as duas camaras sobre o tractado de 29 de outubro de 1840 com Buenos-Ayres; publica-se uma petição dos habitantes das margens do Plata; fazem-se leis sobre a propriedade em geral, e sobre a expropriação por causa de utilidade publica; dão-se de esmola aos homens de lettras trinta annos de propriedade

litteraria; tracta-se, e aqui torna-se a questão mais séria sem ser profundada no seu ponto, do trabalho das creanças nas fabricas; faz-se remonta para a cavallaria; faz-se um tractado com a Hollanda; votam-se os creditos supplementares e o orçamento.

Todavia, no meio de tudo isto, continua a lucta entre o espirito da opposição e o governo.

Lamartine volta para o opposição, Quinet e Lamennais continuam e sustentam a lucta emprehendida.

Os processos contra a imprensa tornam-se mais encarniçados do que nunca.

Um dia a *Gazeta de França* publicou as cartas do duque d'Orleans durante a emigração, cartas que citâmos no seu competente logar, cartas em que o principe proscripto pede a Hespanha serviço contra a França, exprime a Luiz XVIII a sua opinião sobre Napoleão, opinião bem differente da que manisfestára na tribuna, no dia em que se annunciou a trasladação das cinzas.

A 23 de fevereiro, a *França*, por seu turno, publicou um artigo intitulado a *Politica de Luiz Philippe explicada por elle mesmo.*

D'esta vez não são cartas do principe proscripto pedindo serviço contra a França ou exprimindo a sua opinião sobre o Imperador prestes a cahir, são cartas do rei Luiz Philippe, que indicam uma inteira dedicação á Inglaterra, cartas em que se lê a seguinte passagem:

« Em these geral, a minha resolução mais sincera e mais firme é manter inviolaveis todos os tractados que teem sido concluidos ha quinze annos entre as potencias da Europa e da França.

« Quanto ao que diz respeito á occupação d'Argel, tenho motivos mais particulares e mais poderosos ainda para cum-

prir fielmente as obrigações que a minha familia tomou para com a Grã-Bretanha.

« Estes motivos são o vivo desejo que sinto de ser grato a sua magestade britannica e a minha convicção profunda de que é necessaria uma alliança intima entre dois paizes, não só para os seus interesses reciprocos, mas tambem para interesse da civilisação da Europa.

« Podeis, pois, sr. embaixador, affirmar ao vosso governo que o meu se conformará pontualmente com todas as obrigações contrahidas por sua magestade Carlos X, relativamente ao negocio d'Argel.

« Porém peço-vos que chameis a attenção do gabinete britannico sobre o estado actual dos animos na França, que lhe façaes observar que a evacuação d'Argel seria o signal das mais violentas recriminações contra o meu governo, que poderia trazer comsigo os mais tristes resultados, e que importa á paz da Europa não despopularisar um poder nascente e que trabalha para se constituir.

« É mister pois que, tranquillisada sobre as nossas intenções e convencida da nossa firme vontade, cumprir para com ella a promessa da Restauração, sua magestade britannica nos deixe a escolha do tempo e dos meios. »

A quem são dirigidas estas cartas? Será a algum amigo, confidente dos secretos pensamentos do principe, que guardará para si o pensamento que só a elle terão confiado?

Não, é a lord Stuart Rothsay, embaixador de Inglaterra.

Por isso a 25 de janeiro, publicaram-se estas linhas no *Moniteur:*

« Muitos jornaes publicam fragmentos de cartas falsa e criminosamente attribuidas ao rei.

« Acaba de se proceder contra elles por crime de falsificação e de offensa á pessoa do rei. »

Com effeito, a 4 de fevereiro o sr. Lubis e o seu editor responsavel, o sr. de Montour, foram ambos presos e chamados a comparecer para serem inscriptos no livro de entrada em Sancta Pelagia, como accusados de falsidade e de offensa á pessoa do rei.

Porém, quando no dia 24 de abril o sr. de Montour compareceu perante o tribunal d'assisas, foi abandonada a accusação de falsidade; o que indicava que as cartas eram realmente de Luiz Philippe, e só se tractou no processo da offensa feita á pessoa do rei.

Depois de uma hora de deliberação, e sendo a defeza feita por Berryer, o sr. Montour foi absolvido.

Á noite, apreciando o processo e annunciando a absolvição, a *Gazeta de França* disse:

« As consequencias de similhante veredictum não precisam ser desenvolvidas; o publico entende-as e sentirá toda a sua gravidade. »

E por estas quatro linhas foi a Gazeta, por seu turno, apprehendida.

Na mesma noite, annunciando tambem a absolvição do sr. de Montour, o jornal do governo acrescenta:

« Não deve no entretanto o partido legitimista, por menos para temer que seja, tomar tanta confiança. Não deve sonhar um futuro de impunidade. O governo tem nas mãos leis que bastarão para chamar ao seu dever e a mais placidez alguns perturbadores. »

A *Gazeta*, com effeito, foi menos feliz do que a *França*. Condemnada, no dia 30 de abril a cinco mil francos de mulcta, o tribunal d'assisas de 21 de maio confirmou esta sentença.

Portanto, em logar de se acalmarem, os odios cresceram.

Julgou-se suffocar a opposição sob as condemnações a prisão e a mulctas, e andaram todos á porfia sobre quem havia de entregar a sua pessoa e dinheiro para dizer ao governo a sua palavra de anathema.

Pela sua brochura, intitulada *a Verdade sobre o partido democratico*, Thoré foi condemnado a um anno de prisão e a mil francos de mulcta.

É a mesma condemnação que Lamennais está para soffrer em Sancta Pelagia.

É egualmente a mesma condemnação que por seu turno vae soffrer Esquiros, pelo *Evangelho do Povo*.

Ainda aqui não fica, o *Nacional* publicou, a respeito do tractado da Plata, o artigo seguinte:

« Esperavamos que a camara dos pares, tomando a iniciativa das interpellações a respeito do tractado da Plata, teria a peito travar uma discussão séria, em que a honra da França fosse dignamente defendida; confessamos francamente que esta esperança nos sorria: vêr velhos generaes recuperarem a energia do sentimento nacional, ouvir os administradores, antigos magistrados, homens experimentados no andamento dos negocios, revindicarem para o nosso paiz a posição e a influencia que lhe pertencem, é um espectaculo que teriamos applaudido, porque n'esta situação abjecta em que hoje se rojam os poderes publicos, o nosso desprezo fatiga-se, a nossa imaginação esvae-se, e as covardias da opinião animam a depravação do governo.

« Chegámos á camara dos pares com alguma esperança, sahimos de lá como se sáhe de um hospital de incuraveis; a vida nunca penetrára n'este ossuario, não ha energia possivel quando não ha independencia.

« Este simulacro de Camara, que o bel-prazer do monarcha creou, vae-se finando n'uma atmosphera, onde não pe-

netra nem luz nem calor; reina n'esta sala não sei que cheiro de decrepitude que esfria e contrista.

Parece uma comedia constitucional representada por mortos, uma especie de phantasma mecanico que desejamos vêr fugir depressa com receio de que as molas se quebrem. »

O *Nacional* é citado perante a Camara, e postoque o seu administrador não possa comparecer, por estar doente, mandando um procurador, é condemnado a um mez de prisão e a dez mil francos de mulcta.

Seguio-se a isto um processo mais sério: a 28 de outubro de 1840 esteve novamente o rei quasi sendo victima de um assassinato; o assassino, Ennemond Marius Darmés, foi condemnado em 29 de maio á pena dos parricidas e executado a 31 do mesmo mez.

Tres dias depois da execução fez o rei chegar ás mãos da mãe de Darmés, que jazia na mais profunda miseria, um soccorro de mil e duzentos francos.

A execução de Darmés teve logar entre o baptismo do conde de Pariz e a morte de Garnier-Pagés.

Esta morte deu causa a ser chamado Ledru-Rollin á camara.

A profissão de fé de Ledru-Rollin rendeu-lhe, á entrada da sua carreira politica, uma condemnação a tres mil francos de mulcta e a dois mezes de prisão.

No entretanto, a 13 de setembro, um attentado singular como todos os crimes sem razão, fôra commettido no momento em que o duque d'Aumale, chegando d'Africa, fazia a sua entrada á frente do 17.° ligeiro, e tendo juncto a si os duques d'Orleans e de Nemours; ouvio-se a detonação de um tiro de pistola, e um cavallo cahio morto.

O tiro fôra dado por um individuo chamado Quenisset, por alcunha o Caranguejo, condemnado por sentença de 23

de dezembro seguinte á pena de morte, com Brassier e Colombier, que o tribunal declarou serem egualmente seus cumplices.

Foi por causa d'este processo que o redactor em chefe do *Jorndl do Povo*, o sr. Dupoty, foi condemnado a detenção por *cumplicidade moral*.

Era a primeira vez que similhante condemnação se apresentava nos annaes da justiça.

Os jornaes protestaram.

No meio dos protestos, o anno de 1841 acaba-se sem que se saiba o que resultará da condemnação á morte de Quenisset e dos seus dois cumplices.

O anno foi fecundo em mortes illustres.

A 2 de janeiro a baroneza de Feuchères morreu em Londres, com cincoenta e dois annos de edade.

A 18 de janeiro, Barrère, o antigo convencional, aquelle que os seus contemporaneos tinham cognominado o Anacreonte da guilhotina, morreu em Tarbes, com oitenta e cinco annos.

A 28 de abril, o principe Bacciocchi, marido da princeza Elisa Bonaparte, morreu em Bolonha, com setenta e oito annos.

A 26 de maio, Ernesto de Schiller, o filho mais novo do Shakespeare allemão, morreu em Colonia, com quarenta e seis annos.

A 4 de junho, o sr. duque de Londeauville, morreu em Pariz.

A 14 de setembro, o sr. Bertin, redactor em chefe do jornal dos *Debates*, falleceu em Pariz, com setenta e quatro annos de edade.

A 3 de outubro, Henrique V, principe de Monaco, morreu em Pariz.

Emfim, a 12 de dezembro, o sr. de Frayssinous, bispo

d'Hermopolis, morreu em Pariz, com setenta e oito annos de edade.

O anno 1842 abrio-se, contendo a quéda da realeza de julho. comprehendida em principios nos dois acontecimentos que ella devia vêr realisar:

A regeição das capacidades eleitoraes;

E a morte do duque d'Orleans.

E comtudo, na abertura d'este anno. dizia-se em voz alta:

« A tranquillidade do futuro está segura, tudo entrou na ordem no interior e no exterior, a paz do mundo não é perturbada por nenhuma grande questão politica, as potencias tractam de reduzir os seus armamentos, e cada paiz tracta de multiplicar os meios rapidos de communicação destinados a estreitar no futuro os laços dos povos entre si. »

Assim se discutio e votou a resposta; o sr. Ganneron apresentou o seu projecto de lei sobre as incompatibilidades.

Foi regeitado por noventa e oito espheras pretas contra noventa brancas.

A lei foi pois regeitada, mas como vemos, só por uma maioria de oito votos.

Seguio-se logo a proposta Ducos, sobre as capacidades.

Era simples, clara e concisa como deveria ser toda a proposta de lei.

Eil-a:

« São eleitores todos os cidadãos inscriptos na lista departamental do jury;

« São egualmente eleitores todos os cidadãos que não tiverem sido comprehendidos n'esta lista por causa da incompatibilidade resultante do artigo 383.º do codigo da instrucção criminal. »

Apesar de um magnifico discurso de Lamartine, pelo qual passava do campo dos conservadores para o campo dos progressistas, a proposta foi regeitada por uma maioria de quarenta e um votos.

Toda a questão da reforma eleitoral foi concentrada n'este projecto.

Rebentou em 1848.

A 10 de junho, no mesmo dia em que e orçamento fôra approvado pela camara, por maioria de cento e vinte votos contra nove, puplicou-se o decreto do encerramento, e a Assembléa de 1839 terminou o seu periodo de três annos de existencia.

Que tinha ella feito na realidade durante estes três annos.

Tinha guardado silencio sobre a questão do Oriente, tinha dado a sua adhesão á politica seguida, e uma só vez se havia declarado interprete das repugnancias do paiz sobre a questão do direito de visita; emfim, falta enorme, e que, como dissemos, minava todo o edificio monarchico com tanto custo levantado pelo rei, regeitára a lei das capacidades do sr. Ducos.

O unico resultado serio e material d'esta sessão foi a lei sobre os caminhos de ferro; essa lei fóra dos partidos, discutida sem resultado nas sessões precedentes, larga e utilmente discutida pela camaras dos deputados, e votada rapidamente e quasi de confiança pela camara dos pares.

D'esta sorte, ignorante do que fazia, cega nas suas decisões, a sessão de 1839 a 1842 preparava a catastrophe de 1848, pela regeição de duas leis, e estabelecia por uma terceira essa communicação facil dos individuos, que torna universal e rapida, como o telegrapho electrico, a communicação das idéas.

Estabeleça-se a rede de caminhos de ferro, que deve,

n'um momento dado, sulcar a Europa; viaje-se de uma para outra capital em tres dias, trinta annos de communicações materiaes e moraes ponham os homens em contacto e cruzem as idéas, e acabou-se a possibilidade de uma guerra europea.

CAPITULO XXX

O mez de maio trouxe duas catastrophes terriveis: o incendio de Hamburgo e o sinistro do caminho de ferro do Havre.

A respeito do incendio de Hamburgo, copiamos uma carta que contém todos o detalhes d'este terrivel acontecimento, prognosticado, coisa singular, desde o tempo da guerra da independencia por Max de Schenkendorf.

« Devorem-te as chammas, ó Hamburgo, rica e bella como uma phenix, e tu resuscitarás de tuas cinzas para tua maior gloria! »

Em quanto Hamburgo não resuscita mais bella e para sua maior gloria, está inteiramente destruida.

« Hamburgo, 9 de maio,

« Senhor,

« Só hoje posso dar conhecimento do fatal incendio que reduzio a cinzas a parte da nossa cidade.

« Todos os prelos da imprensa quotidiana foram victimas das chammas ou estão inutilisados.

« Agora, os redactores dos jornaes de Hamburgo dão uma

descripção minuciosa do flagello que nos accommetteu; porém são obrigados, para os expedir, a recorrer aos jornaes das cidades visinhas. Estes periodicos, bem informados, são comtudo pouco espalhados, e por outro lado, as noticias communicadas ao estrangeiro pelos hamburguezes dispersados e ainda impressionados por este grande desastre, nem sempre são exactas.

Ter-lhe-ia fallado mais cedo d'este triste acontecimento que interessa a toda a Europa, se o incendio, que só hontem cessou m'o houvesse permittido.

O incendio rebentou na noite de 4 para 5 de maio, na parte d'esta cidade situada juncto do porto d'Allstad, cheia de armazens, e que é de entrada difficultosa.

« As casas, pela maior parte construidas de madeira, e grande quantidade de espiritos e de materias combustiveis ajudaram a propagal-o.

« O vento do oeste, que soprou constantemente, vinha tambem actival-o, e coisa alguma podia preservar as duas freguezias da cidade de uma destruição completa.

« N'estas duas freguezias acham-se reunidos grande parte dos edificios publicos e da industria mais florescente, as egrejas celebres pela sua antiguidade, a casa da camara e a Bolsa.

« Adquirio-se desde logo a convicção de que era impossivel extinguir o incendio; apesar de todas as medidas tomadas para este effeito. Decidio-se então mandar deitar abaixo as casas mais proximas do foco do incendio, para as isolar dos outros bairros.

« As bombas foram dirigidas sobre as casas situadas do outro lado dos canaes que as chammas já alcançavam; com effeito conseguio-se por este meio salvar os ricos armazens da freguezia de Sancta Catharina; mas todos os esforços da companhia dos marceneiros e dos carpinteiros apenas pode-

riam isolar o mercado das carnes, construido de madeira e que toca no mercado dos lupalos, ao lado da egreja de S. Nicoláo; podendo os edificios publicos, posto que mais distantes, e apesar da grande promptidão dos trabalhos de demolição, fornecer um alimento consideravel ao incendio, o senado não hesitou em dar ordem para se fazer uso da polvora?

« N'estas circumstancias, em que falhou a experiencia local, muitos engenheiros da cidade e estrangeiros, reuniram aos paizanos para a execução d'este systema de destruição.

« Este meio teve bom resultado, e o fogo, foi emfim separado de Neustadt, do lado de Altona.

« A queda da torre de S. Nicoláo, para a salvação da qual se empregaram todos os meios possiveis, fez com que as chammas se arrojassem n'um circulo mais extenso.

« Na segunda noite o senado achou-se reunido sob a presidencia dos seus respeitaveis chefes na casa da camara, que se acha, assim como a antiga Bolsa e o Banco, no centro da cidade.

« O fogo já ameaçava as ruas visinhas, estreitas e industriosas; a antiga Bolsa, a propria casa da Camara deviam ser sacraficadas á salvação da mais rica parte da cidade, que se póde olhar como o deposito geral do commercio de todas as partes do mundo.

« Foi com grandes esforços que se conseguio salvar o deposito das hypothecas e a parte mais importante dos archivos.

« Emfim o senado foi obrigado a arrancar-se a um perigo eminente e transportou-se para outro edificio no novo Wall, que é pertencente á cidade.

« O canal que reune o Alster com o Elbo garantia até certo ponto esta nova séde do senado.

« Alguns minutos depois dos senadores ali se terem estabelecido, a casa da camara desabou com grande estrondo, cobrio com ruinas os edificios do Banco sobre que assenta principalmente agora o porvir do commercio d'Hamburgo. No entretanto o incendio não estava ainda no seu termo; o fogo espalhou-se pelas pontes do novo Wall e dentro em pouco chegou a toda a linha dos palacios e das lojas do passeio de Jungferstiez e ás habitações visinhas cheias de riquezas e de objectos de arte, e só sacrificando muitas casas é que se conseguio garantir o novo Jungferstiez, a esplanada e o theatro; esperava-se tambem salvar a torre de S. Pedro, que era a mais antiga da cidade, porém, ahi foram baldados todos os esforços da maior coragem e as medidas mais habeis; a torre vacillou, e os sinos d'esta torre se pozeram em movimento, como que para annunciarem o momento da sua destruição.

« O fogo abrio sahida por nova brecha.

« Felizmente, tendo sido tapadas as janellas de um novo edificio visinho, destinado ao collegio, á escola e á bliblotheca da cidade, a chamma não pôde lá entrar, e foi salvo e com elle grande parte de uma pobre povoação.

« A direcção do vento, que cada vez soprava mais rijo, causou inquietações a respeito do arrabalde de Saint-Georges, onde se acha o hospital que contém dois mil doentes, entre os quaes estava grande numero de victimas do incendio.

« A casa da guarda no Wall já estava em chammas, comtudo, com o auxilio das bombas que vieram das cidades visinhas e que repuchavam com grande força, e graças á Providencia, o fogo tinha chegado ao seu termo.

« Devemos particularmente a conservação do resto da nossa cidade, depois do auxilio divino e da dedicação de nossos cidadãos, aos soccorros voluntarios e generosos da ci-

dade visinha d'Altona, das cidades das fronteiras de Hanover e de Holstein e á cidade de Lubeck.

« Estamos possuidos do mais vivo reconhecimento para com os nossos visinhos que offereceram soccorros e agasalho aos refugiados da nossa cidade populosa.

« A inauguração do nosso caminho de ferro foi annunciada para o dia 7 de maio.

« Este caminho põe em relação Hamburgo com Berlin, Magdebourg, Hanover, e por conseguinte com toda a Allemanha.

« No entretanto, servio para facilitar a emigração em Bergedorff.

« O engenheiro em chefe d'esta empreza dirigia a destruicção de muitas casas visinhas do foco do incendio.

« Oxalá que os esforços dos nossos visinhos para o complemento d'este caminho de ferro, rival do d'Elba, abra dentro em pouco novas fontes de riqueza para todas as terras da nossa patria commum.

« Deixo aos jornaes os detalhes concernentes á destruição dos edificios publicos e das casas particulares.

« Só vos devo dizer que a nova Bolsa fica em pé como um feliz augurio no meio das ruinas.

« É para lastimar que as ordens dadas pelas auctoridades para a destruição das casas nos sitios que o fogo não tinha ainda alcançado tenham dado logar a tristes discordias.

« Estas medidas acertadas, dictadas pela mais nobre dedicação, foram consideradas pelo povo cego como actos de barbaridade premeditados.

« Uma commissão extraordinaria de vigilancia, composta de membros do senado, acaba de ser dissolvida.

O principe Frederico de Schleswig-Holstein acaba de pôr hoje á disposição do senado, não só a sua pessoa, mas todos os recursos dos dois principados de que é governador.

Proveu ás necessidades mais urgentes pela formação de commissões de soccorros; as classes operarias não terão falta de trabalho, e confiamos n'um venturoso porvir.

« A economia succederá aos habitos de luxo, e a energia despertada pela desgraça sobreviverá provavelmente ás perdas crueis que se procuram reparar por todos os meios. »

Em quanto Hamburgo ardia, uma terrivel noticia vinha, como um trovão, rebentar sobre Pariz.

Mais de duzentas pessoas acabavam de ser esmagadas, queimadas, pizadas no caminho de ferro de Versailles a Pariz.

A 8 de maio, um comboio directo, composto de quinze *wagons* e diligencias, dirigindo-se para Pariz e levando á sua frente duas locomotivas, o *Mathieu-Murray* e *l'Éclair*, atravessava, ás cinco horas e meia da tarde, a estação de Bellone.

Dois minutos depois de passar a estação, quebrando-se o eixo do *Mathieu-Murray* de repente, o segundo carro, que vinha com a força toda, precipitou-se sobre o primeiro e arrastou comsigo tres ou quatro *wagons* que, agglomerando-se uns sobre outros, se elevaram á altura de um primeiro andar.

O acontecimento já de si era grave, porém uma circumstancia o tornou horrivel.

As portinholas estavam fechadas á chave, e era impossivel aos desventurados viajantes, fechados nos carros, abril-os.

Um dos conductores desappareceu, e não foi encontrado; o segundo estava quasi sem sentidos; não havia pois soccorro a esperar nem de um nem de outro.

Aos gritos soltados pelos viajantes e por algumas pessoas que se achavam na estrada, acudiram os guardas da estação precedidos pelo seu chefe, o sr. Martel.

Este apressou-se a abrir as portas do primeiro *wagon*, porém já era muito tarde; com incrivel rapidez, o fogo das duas machinas tinha já chegado á materia combustivel dos *wagons*, e era quasi impossivel soccorrer as pessoas que ali estavam fechadas.

Imagine-se um auto de fé de cento e cincoenta pessoas, com os gestos desesperados, os episodios de raiva insensata; as mães procurando suspender os filhos fóra das chammas até que os braços queimados os deixassem cahir n'ellas; um filho lançando-se por tres vezes com rugidos de cholera no meio do fogo para salvar seu pae, e tres vezes repellido por uma dôr invencivel. Os seis *wagons*, amontoados uns sobre os outros, formaram um immenso brazeiro, no meio do qual, braços, cabeças e corpos se agitavam, se inclinavam e cahiam em todos os sentidos para escaparem a este inevitavel incendio.

Em quanto cem pessoas pareciam derreter-se como chumbo n'uma fornalha, do meio do immenso brazeiro, devorador como a cratera de um vulcão, os outros *wagons* que não tinham sido queimados, mas que tinham sido pizados, quebrados, deslocados pelo tremendo abalo, vazavam os seus feridos e mortos como fariam os tumulos no dia do ultimo juizo.

Ao cabo de um momento, sobre roupas de toda a especie, cento setenta e cinco feridos estavam deitados no lado opposto do caminho.

Quanto ao numero dos mortos, era impossivel calculal-o: os cinco primeiros *wagons* e as pessoas que elles continham já não eram mais do que cinzas.

Do numero d'estes era Dumont-Durville, o illustre navegador, feito almirante depois do dia 14 de dezembro de 1840, e que, depois de ter feito duas viagens á roda do mundo, depois de ter escapado aos perigos de quatro ocea-

nos, viera ali morrer miseravelmente com sua mulher e seu filho.

Quando succedem similhantes desgraças, que muitas vezes veem quaes meteoros, não são senão precursores de desgraças maiores ainda.

A 13 de julho, ás cinco horas da tarde, um grande grito retumbava por toda a França:

« Morreu o duque d'Orleans. »

Com effeito, o duque d'Orleans cessára de viver.

Como foi que isto se passsou? Como é que uma tão horrivel desgraça acabava de acontecer? Parecia coisa incrivel, e não lhe davam credito.

Foi mister, para ser acreditada, que no dia seguinte, os jornaes annunciassem officicialmente a morte.

Eis os detalhes da catastrophe:

No dia 13, ao meio dia, o duque d'Orleans devia partir para Saint-Omer; os seus trens estavam promptos, assim como os seus officiaes.

Os regimentos aguardavam o principe em Saint-Omer, para serem inspeccionados por elle, e o principe ia ter com a duqueza d'Orleans aos banhos de Plombières.

Ás nove horas assentava-se o principe á meza; depois do almoço trocava a sua casaca por uma farda.

Ás onze horas mettia-se na carruagem para ir a Neuilly depedir-se do rei e da rainha.

A carruagem em que ia o principe era um cabriolet de quatro rodas, muito baixo, em fórma de caleche, puxado por dois cavallos, e guiado á Daumont pelo seu cocheiro ordinario.

Carruagem e cocheiro eram aquelles que serviam de ordinario o principe nos seus passeios pelos arredores de Pariz.

O principe ia só no cabriolet, os ajudantes de campo ti-

nham-se offerecido para o acompanhar, porém não tinha acceitado.

Na altura da porta Maillot, o cavallo montado pelo postilhão assustou-se e metteu a galope; desde logo o postilhão não pôde mais ser senhor dos cavallos, e vio-se obrigado a deixal-os tomar pelo caminho da Revolta.

O principe era mui lesto, tinha grande habito de voltear; muitas vezes discutira com seus irmãos, e um dia mesmo na minha presença, sobre o que era mais conveniente fazer quando os cavallos de uma carruagem qualquer perdessem o governo.

A sua opinião era ser melhor saltar.

O principe saltou.

Os pés tocaram no chão, porém a rapidez da corrida era tal que, apesar da pouca distancia que havia do degrão ao chão, não pôde ficar em pé e dando uma reviravolta, cahio para traz, dando com a cabeça no chão.

A quéda foi terrivel: o principe ficou sem sentidos no mesmo logar em que tinha cahido.

Cem passos mais longe, o postilhão tornou-se senhor dos cavallos, e assim que se achou senhor d'elles, veio pôr-se á disposição do principe, que estava bem longe de julgar ferido mortalmente.

Tinham corrido a soccorrel-o, e haviam-no transportado para casa de um merceeiro, na estrada, a alguns passos do sitio onde o principe tinha cahido.

O principe cahira diante ba casa n.º 13.

Estenderam o principe n'uma cama em uma das salas das lojas.

Veio, correndo, o doutor Baumy, medico dos arredores; abrio uma sangria sem effeito.

A familia real foi prevenida. Porém quando o rei, a rainha e M.^me^ Adelaide chegaram ao pé da cama do principe,

não só ainda elle estava sem sentidos, porém quasi que não dava nenhuns signaes de vida.

No entretanto, a terrivel noticia tinha tomado azas de aguia para ir bater a todas as portas.

Pasquier, cirurgião do principe, veio logo de Pariz; o sr. duque de Aumale de Courbevoie, e o sr. duque de Montpensier de Vincennes.

Pasquier declarou que o estado do principe era dos mais graves e que receiava um derramamento no cerebro.

Era isto tanto mais provavel, por isso que o principe ainda não tinha recuperado os sentidos e que algumas palavras pronunciadas em allemão foram as unicas que soltou.

Comtudo a agonia prolongava-se, sem dar esperança ao sabio doutor, que empregava todos os recursos de um tractamento energico.

A vida retirava-se, mas a custo e luctando palmo a palmo contra a destruição.

Por um momento, a respiração pareceu mais livre; por um momento todos os corações se abriram á esperança, mas esta esperança em breve se esvaeceu, e ás quatro horas, o principe real estava entregue a todos os symptomas da agonia.

Ás quatro horas e meia expirava.

Ah! pobre principe, não tinha morrido como desejára, nas margens do Danubio e do Rheno, porém, como tinha receiado, no meio da rua.

E, coisa singular, n'uma rua que se chamava a rua da Revolta.

Pelo que me diz respeito, recebi o golpe em cheio no coração, com bastantes lagrimas, e propheta pela dôr, escrevi estas palavras que, n'esta epocha, pareceram a muitas pessoas uma blasphemia, e de que o futuro fez uma verdade:

« Deus acaba de supprimir o primeiro obstaculo que existia entre a monarchia e a republica. »

O duque d'Orleans foi, oito dias depois, enterrado em Eu, nos carneiros da sua familia.

A 26 de junho, isto é, alguns dias depois d'esta triste ceremonia, em que o pae trazia o lucto de seu filho, o rei o lucto da sua dynastia, abrio-se a sessão para votar a lei da regencia.

A 10 de agosto, a nova camara electiva depois da verificação dos poderes, tractava immediatamente da resposta ao discurso da corôa.

— Perdestes um filho, *sire*, disse ella ao rei; a França perdeu um reinado.

A 9 de agosto tinha sido apresentado o projecto de lei; affastava da regencia a sr.ª duqueza d'Orleans, o que era uma grande falta, porque era protegida pela popularidade de seu marido, em quanto que o duque de Nemours, que propunham para regente, era impopular, mesmo entre os homens mais dedicados á dynastia do ramo segundo.

O projecto de lei fôra apresentado a 9 de agosto, como acabamos de dizer; a 16 o sr. Dupin leu o seu relatorio, e a 18 começou a discussão.

A lei foi approvada por trezentas e dez espheras brancas, contra noventa e quatro espheras pretas.

Na discussão o sr. de Lamartine tinha passado dos conservadores progressistas para as fileiras da opposição.

O anno de 1842, anno fatal, que se tinha aberto para um processo de ultrage á moral publica, fexou-se por um processo de corrupção.

Levou finalmente, comsigo para o tumulo bom numero de nomes ilustres. Parecia que o principe real, que descia para entre os mortos, carecia de um cortejo digno d'elle.

Alexandre Duval, Jouffroy, Chérubini, M.^me^ Lebrun Aguado, os marechaes Moucey e Causel, Dumont-Durville, o conde Las Cazas e Simonde-Sismondi, morreram no decurso d'este anno desventurado.

Depois dos acontecimentos do genero d'aquelle que acabamos de contar, aconteceu a um paiz achar-se na situação de um homem que, ferido por um golpe mortal, entra em convalescença.

Todo o mundo respeitou a convalescença da França.

Parecia que a Camara havia feito quanto tinha a fazer, votando a lei da regencia, e que, depois de votada, não tinha que tractar senão de questões secundarias.

Algumas interpellações sobre o captiveiro de D. Carlos, uma lei relativa aos refugiados, uma lei relativa á organisação do conselho d'Estado, discussões sobre a policia da carretagem, o notariado, o augmento do effectivo da gendarmeria, a refundição das moedas, a policia dos theatros, as florestas communaes, a tarifa dos avaliadores, o emprestimo grego, e sobre os creditos supplementares e orçamentos, eis em que se occupou a sessão do anno de 1843.

Casam-se dois membros da familia real.

No dia 29 de abril a princeza Clementina casou com o principe Augusto de Saxe-Cobourg, e a 7 de maio o principe de Joinville casou com D. Francisca, filha de D. Pedro e da archiduqueza d'Austria, ambos fallecidos.

A rainha de Inglaterra, depois de bastantes difficuldades, consente em atravessar o estreito e em vir fazer ao castello d'Eu uma visita á familia real de França.

É verdade que, durante este tempo, o duque de Bordéos viajava por Inglaterra.

A opposição, que se poderia ter julgado extincta depois da morte do duque d'Orleans, despertou-se a respeito do complemento e do armamento das fortificações de Pariz.

Chega-se á ameaça da recusa do imposto.

A tempestade não está pois extincta, apenas está adormecida.

Emfim, no meio das discussões do sr. Rattimenton e do sr. Fausigny, prepara-se uma embaixada para a China.

Isto é quanto á França.

O duque d'Aumale substituio seu irmão na Argelia. A 16 de maio apoderou-se da smalah d'Abd-el Kader.

Foi uma bella acção que valerá á França um bello quadro.

A 11 de novembro, segundo revez mais terrivel que o primeiro ferio o emir: o seu official muito estimado o mais dedicado, o mais activo dos amigos, Sidi Embareck foi morto.

Em seguida a estes dois acontecimentos, todas as tribus contidas na linha Tell e a maior parte das tribus do pequeno deserto submetteram-se.

Percorrem-se agora sem difficuldade as nossas possessões d'Argelia; d'Argel a Doghar, de Constantina a Tlemcen.

Mas emquanto uma colonia franceza se funda e consolida ao sul, uma espantosa catastrophe arruina a outra ao occidente.

Queremos fallar do tremor de terra do Guadaloupe.

O tremor durára dois minutos.

Durante os dois minutos, a cidade de Pointe-á-Pître desapparecera, e entre os seus habitantes, contavam-se dois mil e quinhentos mortos e dois mil feridos.

Só a descripção feita por uma testemunha occular é que póde dar uma idéa de similhante catastrophe.

Extrahimol-a de um escripto do sr. abbade Peyrols, cura do Mont-Carmel, Terra Baixa:

« A 8 de fevereiro, pelas dez horas e tres quartos, es-

tando a almoçar em casa do cura da Pointe-à-Pître, que tinha ido visitar para descançar das numerosas fadigas do meu ministerio, ouvimos um ruido similhante ao rufar de numerosos tambores ou de carros circulando em torno da nossa casa; era a acção subterranea de um tremor de terra: disse-o um de nós, e custou-nos a acreditar. Era o primeiro abalo; o segundo não se fez esperar: abalou as casas com tal violencia que tres quartas partes das casas da cidade cahiram.

« A nossa, que era de madeira e reparada de novo, foi despedaçada em muitos sitios, porém ficou em pé.

« O campanario foi destruido, o altar de marmore derribado, o sacrario cahio por terra, o sancto ciborio e a custodia foram feitas pedaços.

Que horrivel espectaculo!

« Entre vivos ainda, dilacerados, soltando gritos quanto podiam, ou pedindo a Deus que os acabasse; milhares de vozes implorando misericordia, o pó de todas essas ruinas impedindo que nos reconhecessemos uns aos outros ou suffocando as nossas palavras.

« Uma cidade ainda ha pouco encantadora, habitada por vinte mil almas, cheia de elegancia e de riqueza, mudada em menos de dois minutos n'um monte de ruinas, mostrando por toda a parte a imagem da morte e o desespero.

« N'um abrir e fechar d'olhos vamos ao meio d'essas scenas de afflicção, absolvendo os moribundos, ajudando a desentulhar os mortos, consolando e animando aquelles que reclamavam uns o pae, outros a mãe, outros os filhos e os esposos! Nunca, nunca a lingua humana será capaz de pintar similhantes quadros! Julga que fica só n'isto, meu amigo? Estavamos reservados para maiores males, era mister que o furor do Todo Poderoso derramasse sobre nós toda a sua amargura.

« Um forno, que estava acceso, abateu, a lenha que continha inflammou o madeiramento da casa, e o fogo apoderou-se de tudo quanto o rodeiava.

« Salvei o sacrario da capella do hospital, onde tinha entrado por vinte metros de ruinas que o cercavam; um capitão que eu conhecia, veio offerecer-me os seus serviços, e eu disse-lhe com as mãos postas:

« — Capitão, eis aqui o grande perigo que vae consummar a nossa desgraça; corra ao fogo com a sua companhia, sacrifique tudo, mas salve-nos do fogo.

« Ah! bem dizia eu. O fogo, impellido pelo vento sudoeste apoderou-se de todos os madeiramentos que se offereceram á sua actividade devoraram quanta roupa e provisões o tremor de terra tinha deixado n'esta infeliz cidade.

« Em duas horas tinha espalhado por toda a parte os seus estragos, feito novas victimas, impedido de soccorrer os primeiros e mudado estas tristes ruinas n'um monte de cinzas.

« Então foi mister estorcer os braços de dôr, diria quasi de desespero: tinhamos bombas, mas tinham sido quebradas pela quéda dos edificios, onde estavam. E em quanto que as ondas do Oceano banhavam os nossos pés, não tinhamos o menor vaso para as lançarmos sobre estas chammas devoradoras.

« Pensei n'este momento na situação em que podia estar a minha freguezia, situada a dezoito leguas d'ali, e na direcção que parecia ter tomado o castigo de Deus.

« Até ali não tinha pensado senão em soccorrer os desafortunados que me rodeiavam, esperando que os meus parochianos, já arruinados pelo tremor e pelo furacão de 1825, tivessem sido poupados; porém, vendo ao longo da costa todos os edificios e todas as habitações destruidas, temi por elles uma desgraça similhante.

« Esta reflexão consternou-me: metti-me no primeiro barco que encontrei e corri á bahia, supplicando a todos os capitães de barcos ou de navios que me levassem á Terra-Baixa.

« Elles não podiam ou não se atreviam a fazel-o, recolhendo os transfugas que fugiam da terra a pedirem asylo a seu bordo; emfim encontrei um que eu tinha ajudado a salvar de um naufragio nas costas da minha antiga parochia. Puz-me de joelhos, supplicando em nome do serviço que lhe tinha prestado, e em nome de Deus que me levasse aos meus parochianos.

A minha supplica fez tanta impressão no seu animo, que sem poder responder-me recebeu-me a bordo, mandou levantar o ferro e partio para a Terra-Baixa.

« Nunca me esquecerei com que dolorosa inquietação observei, descendo a costa, se as casas ainda estavam em pé, se a minha freguezia ainda existia; eram dez horas da noite quando lá cheguei.

« A praia cobrio-se de gente; tinha passado por morto, choravam de alegria e abraçavam-me.

« Que commoção, meu pobre amigo!

« Corri a casa do intendente de marinha, onde encontrei a esposa do sr. governador, que tinha partido por terra para a Pointe-à-Pître com o director da administração interior e o procurador geral.

« Mandei noticias ás familias, cujos parentes tinham ficado vivos; corri a casa d'aquellas que os tinham perdido para as consolar.

« A minha noite passou-se quasi assim; estava todo tremulo de commoção e de dôr, direi quasi tambem de alegria por achar os meus parochianos sem desastre; toda a noite tive a casa cheia.

« Á missa entraram todos a soluçar pelos desastre das

Pointe-à-Pître, e eu disse-lhes que mais tarde os pranteariamos, que era mister primeiro soccorrel-os.

« Immediatamente nos trouxeram de todas as casas enormes trouxas de roupa e mil e quatrocentos sessenta e oito francos em dinheiro.

« Tive cincoenta lençóes cheios de roupa, que mandei embarcar n'uma escuna do Estado com as rações que o governador tinha mandado arranjar, e o pão que o *maire* mandára cozer.

« Parti com todas as provisões e entreguei-as á administração da cidade; acrescentando-lhe mil francos da minha algibeira.

« Corri ás tendas e barracas construidas pelos infelizes que tinham sobrevivido, e consolei e confortei todos quanto pude.

« Tenho-me alargado muito, meu amigo, e o barco *Gomer* vae partir; escreva a meus paes e diga-lhes que estou são e salvo e mais disposto que nunca a consagrar toda a minha vida ao bem. Todo o resto me é indifferente.

« A maior parte das egrejas estão derrubadas: em toda a colonia os engenhos de açusar soffreram damnos consideraveis.

« Ha mais de dez mil mortos e um numero infinito de feridos.

« Que fará por nós a metropole? »

Este anno sombrio, que só teve dois relampagos. um sinistro, o tremor de terra do Guadalupe; o outro glorioso, a tomada da smalah d'Abd-el-Kader, fecha-se para a França, pela morte de um dos seus mais illustres filhos.

A 20 de dezembro, conduzia-se ao cemiterio do Padre Lachaise o corpo do auctor das *Messeniennes*, da *Escola dos velhos*, de *Marino Faliero*, e Victor Hugo, como presidente

da Academía franceza, pronunciava este discurso sobre o seu tumulo.

O orador funebre tinha, tres mezes antes, perdido a sua propria filha, afogada com seu marido em frente de Villequier.

Eis o discurso:

« Aquelle que tem a honra de presidir n'este momento a Academia franceza não póde, em qualquer situação que elle mesmo se ache, estar ausente em similhante dia, nem mudo diante de similhante ataúde.

« Arranca-se a um lucto pessoal para entrar n'um lucto geral, faz calar por um momento, para se associar aos pezares de todos, o doloroso egoismo da sua propria infelicidade.

Acceitamos, com uma obediencia grave e resignada, as mysteriosas vontades da Providencia, que multiplica em torno de nós as mães e as víuvas afflictas, que impõe á dôr deveres para com a dôr, e que, na sua omnipotencia impenetravel, póde consolar o filho que perdeu seu pae pelo pae que perdeu seu filho.

« Consolar, sim, é a palavra propria: que o filho que nos escute tome por suprema consolação a recordação d'aquelle que foi seu pae, que esta bella vida, tão cheia de obras excellentes, appareça agora toda inteira á sua joven imaginação com esse não sei que de grandioso, de acabado e de respeitavel que a morte dá a vida.

« Um dia virá em que diremos, em outro logar, tudo quanto as lettras aqui perdem; a Academia franceza honrará, por um publico elogio, esta alma elevada e serena, este coração generoso e bom, este espirito consciencioso, este grande talento.

« Mas, digamol-o agora, ainda que depois tenhamos de o

repetir, poucos escriptores teem melhor desempenhado a sua missão do que Casimiro Delavigne; poucas existencias teem sido tão bem empregadas apesar dos soffrimentos do corpo, tão bem preenchidas, apesar da brevidade dos dias.

Duas vezes poeta, dotado ao mesmo tempo do poder lyrico e do poder dramatico, tinha conhecido tudo, obtido tudo, experimentado tudo, atravessado tudo; a popularidade, os applausos, a acclamação do povo, os triumphos do theatro, sempre tão brilhantes, sempre tão contestados.

« Como todas as intelligencias superiores, tinha os olhos constantemente fixos n'um fim sério; sentira esta verdade de que o talento impõe um dever, comprehendia profundamente e com o sentimento da sua responsabilidade a alta funcção que o pensamento exerce no homem, que o poeta preenche nos animos.

« A fibra popular vibrava n'elle; amava o povo d'onde era, a tinha todos os instinctos d'esse magnifico porvir que espera a humanidade.

« Quando joven, o seu enthusiasmo saudára esses reinados deslumbrantes e illustres que engrandecem as nações pela guerra; homem feito, a sua adhesão esclarecida ligava-se a esses governos intelligentes e sabios que civilisam o mundo pela paz.

« Trabalhou bastante, descance agora! que esses pequenos odios que perseguem um grande renome, que as divisões de escola, os rumores de partido, as paixões e ingratidões litterarias emmudeçam em torno do nobre poeta adormecido. Injustiças, clamores, luctas, soffrimentos, tudo quanto perturba e agita a vida dos homens eminentes desvanece-se na hora sagrada em que morremos.

« A morte é a chegada da verdade; ante a morte não resta do poeta senão a gloria, do homem senão a alma, d'este mundo senão Deus. »

CAPITULO XXXI

A sessão que devia prolongar-se até 1844 tornara a abrir-se, a 27 de dezembro de 1843, e como de costume havia-se em presença do discurso do rei, tentado o processo da monarchia.

Como sempre, o discurso do rei continha um quadro animador da situação interna.

Todos sentiam, com effeito, que á força de remedios violentos, se tinha conseguido a tranquillidade; porém esta tranquillidade vinha da excellencia da saude, do equilibrio das forças de compressão da realeza e das forças de resistencia da nação, ou seria mister attribuil-o só á inerte immobilidade do luctador que sente sobre o peito o joelho do seu adversario, mas que se levantará á primeira falta que lhe restituir a liberdade dos movimentos?

O rei fallava muito na paz e gabava-se muito de a ter conservado na França no meio de todas as complicações europeas.

Sem duvida que a tinha conservado, mas á custa de que preço?

Á custa dos tribunaes excepcionaes, das leis de setembro, da liberdade e das cabeças dos conspiradores; no estrangeiro, á custa da nossa dignidade constantemente humilhada, das nossas prerogativas de grande nação, atacadas sem cessar, da nossa antiga influencia perdida.

Isto não se chamava manter-se em paz com a Europa,

chamava-se obter a paz da Europa á custa dos maiores sacrificios.

O rei procurava tomar sobre a Hespanha uma especie de ascendente que parecia pertencer-lhe de direito como successor e herdeiro de Luiz XIV.

« Acontecimentos graves, dizia elle, tiveram logar na Hespanha e na Grecia; a rainha Izabel II, chamada tão joven ao pôder, é n'este momento o objecto de toda a minha sollicitude e do meu interesse mais affectuoso.

« Espero que o resultado d'estes acontecimentos será favoravel ás duas nações amigas da França, e que na Grecia como na Hespanha, a monarchia se rebustecerá pelo mutuo respeito dos direitos do throno e das liberdades publicas. »

Mas esta influencia sobre a Hespanha, esta protecção paternal sobre a interessante Izabel, como n'esta epocha chamavam á joven rainha de Hespanha, pertenciam-nos seriamente?

A Inglaterra, essa alliada que faz pagar tão caro a sua alliança, essa amiga que põe tão alto preço á sua amisade, não espreitava de Portugal cada signal telegraphico que se fazia entre o gabinete de Madrid e o gabinete das Tuileries?

Além d'isso não era para alguns um tanto systematica essa alliança com a Inglaterra?

As cartas do duque d'Orleans, publicadas durante o reinado de Luiz Philippe, não tinham mostrado, pela politica de Londres, uma administração e quasi uma affeição que póde, sem inconveniente, exprimir um principe independente pelo seu exilio, e cuja opinião, como simples particular, não tem senão o pezo de uma opinião isolada?

Mas esta dedicação e admiração não eram perigosas n'um rei em cujas mãos uma nação rival da Inglaterra entregou os seus interesses e a sua honra?

Esta phrase animadora, para aquelles que só exigem se-

rem animados e a quem tudo anima, era inquietadora para muitas pessoas.

« *A sincera amisade* que me une á rainha da Grã-Bretanha, e a *cordial* intelligencia que existe entre o meu governo e o seu, confirmam-me n'esta confiança. »

Com effeito, estas relações indicavam muito um sentimento de sympathia pessoal: era a amisade de um rei e de uma rainha mais do que a união de duas grandes potencias.

Uma phrase sobre a instrucção secundaria foi acolhida com mais furor: era uma promessa contra a volta dos Jesuitas para França, cuja sombra algumas vistas agudas, mui penetrantes talvez, viam crescer no horisonte.

« Um projecto de lei sobre a instrucção secundaria, dizia o rei, satisfará as vistas da Carta, para a liberdade de ensino, mantendo a auctoridade e a acção do Estado sobre a educação publica.

O resultado d'este discurso foi uma prova que deu a Camara ao rei da sua adhesão á politica seguida, continuando o sr. Sauzet na presidencia.

No entretanto, não tardou que se annuviasse essa cordial intelligencia com a Inglaterra.

Para se consolar dos seus revezes europeus, a França tinha, no decurso do anno precedente, tomado posse das ilhas Marquezas; n'uma extensão de quatro mil leguas de occeano, a França não tinha até ali nenhuma estação em que os seus navios podessem fazer ancoradouro: nenhum logar para a pesca da baleia, que compõe uma parte tão importante do commercio para as nossas cidades do poente, do norte e de leste.

Tomada esta posse, o protectorado das ilhas da Sociedade fôra offerecido á França; e para esta nova occupação n'uma tão grande distancia, para as despezas da organisa-

ção e da defeza dos nossos estabelecimentos, o almirante Roussin reclamára em 1843 a somma de cinco milhões novecentos oitenta e sete mil francos que a Camara, n'uma viva discussão, tinha concedido reduzindo-a a cinco milhões.

A França estabelecera-se pois nas ilhas Marquezas com protectorado e soberania exterior sobre as ilhas da Sociedade; a rainha Pomaré e os chefes nacionaes do paiz, chamados *Tavanas*, haviam reconhecido este pretectorado da França, representado pelo contra-almirante Dupetit-Thouars, porém ahi, como sempre, velava a Inglaterra, que, impedindo-nos de tomarmos posse da Nova-Zelandia, onde queriamos primeiro fundar o nosso estabelecimento, tinha-nos desterrado para as ilhas Martinicas. Velava, não pelos consules, mas pelos seus missionarios.

Aquelles que tinham visto com um despeito todo nacional os francezes tomarem posse das ilhas Marquezas e estenderem o seu protectorado sobre as ilhas da Sociedade, estas apoderaram-se do animo da rainha e levaram-na a actos de resistencia.

Suscitou-se uma questão de bandeira.

Depois do estabelecimento do protectorado da França, a bandeira do protectorado, isto é, as duas bandeiras unidas, a da França e a da rainha, tinham fluctuado em Taití.

De repente a rainha lembrou-se de ter no seu palacio uma bandeira especial, um pavilhão seu, um pavilhão que lembrasse a sua soberania.

Içou este pavilhão sem prevenir os seus protectores, o que, em materia de diplomacia, podia ser considerado pelo menos como uma grave incivilidade.

Foi esta a opinião do almirante Dupetit-Thouars: exigio que a nova bandeira fosse arreada; sustentada pelos missionarios inglezes, a rainha recusou-se a fazel-o,

Então o almirante Dupetit-Thouars, mudando o seu pa-

pel de protector no de conquistador, occupou a ilha real a 5 de novembro de 1843.

Esta desavença, que acabava de rebentar entre o almirante Dupetit-Thouars e a rainha Pomaré, datava de mais longe.

Em 1836, os máos tractos infligidos a muitos collonos francezes estabelecidos em Taiti e em particular aos srs. Laval e Carret, missionarios apostolicos, tinham já obrigado á remessa de uma força naval, para apoiar o pedido feito pelo governo francez de uma reparação immediata.

Uma idemnisação de tres mil dollars e a salva á bandeira foram as condições impostas pelo sr. Dupetit-Thouars, então simples capitão da fragata *Venus*.

Feita esta negociação, foi então concluida entre o sr. Dupetit-Thouars e a rainha Pomaré uma convenção, em virtude da qual os francezees residentes em Taiti deviam ser tractados como os estrangeiros mais favorecidos.

Quatro annos depois d'estes acontecimentos, que se passavam em 1838, os francezes residentes em Taiti dirigiram novas queixas contra a rainha e os chefes principaes: o domicilio de muitos francezes tinha sido violado, as suas propriedades apprehendidas, os seus moveis ou dinheiro roubados, muitos tinham sido mandados para a prisão sem serem julgados e um chegára a ser assassinado.

D'esta vez o contra almirante Dupetit-Thouars agastou-se sériamente; declarou á rainha e aos chefes que, não se fiando mais na sua palavra, exigia, como caução do procedimento futuro do governo taitiano a respeito da França, a entrega de dez mil piastras fortes.

Á falta da entrega d'esta quantia, o contra-almirante ameaçava occupar a ilha e os estabelecimentos da sua dependencia.

Foi então que o protectorado das ilhas da Sociedade, of-

ferecido á França, foi acceite pelo sr. Dupetit-Thouars, a 9 de setembro de 1842, e pelo governo a 28 de abril de 1843.

O capitão de mar e guerra Bruat foi então nomeado governador d'estes estabelecimentos e commissario regio junto da rainha Pomaré.

Vimos qual fôra a nova violação do tractado, que déra logar á nova invazão feita pelo contra-almirante Dupetit-Thouars, nas ilhas da Sociedade.

Effectivamente a bandeira que arvorava a rainha Pomaré não era a sua; a bandeira da nação, a bandeira dos grandes chefes: era uma bandeira que lhe fôra dada pelos missionarios inglezes, uma bandeira ornada com uma corôa heraldica de que nunca usára.

Por isso o almirante escrevera á rainha:

« Quereis uma bandeira, a de vossos paes, embora; querei-a d'esta ou d'aquella côr, consinto! retomae a bandeira que tinheis no momento do tractado.

« Quereis outra, pouco importa; mandae-me dizer de que tamanho e côr a quereis.

« Saudarei como representante a vossa soberania, porém quando a essa bandeira que recebeste da Inglaterra, symbolo de uma soberania independente do nosso protectorado, em que as gralhas inglezas inseriram essa corôa que Pomaré não teria adivinhado, que é o signal da preponderancia e da soberania europea; se gostaes d'ella, essa bandeira não é a de vossos paes; essa bandeira da vossa phantasia, é a bandeira da Inglaterra clara ou occulta, e eu não a soffrerei. »

Era fallar alto, era fallar como convém á França, porém não era fallar como convinha ao rei e ao ministerio; por isso o procedimento do almirante Dupetit-Thouars foi reprovado.

O governo desculpou-se para com a Inglaterra, concederam-se indemnisações aos seus missionarios, foi restabelecido o simples protectorado, e uma nova humilhação foi derramada na França n'essa taça de que as grandes nações fazem um calice para as nações secundarias.

O sr. Thiers tivera o seu Nézib, o sr. Guizot o seu Taiti: um não tinha nada que censurar ao outro.

A duplice bofetada que nos déra a Inglaterra, nossa amiga, tinha-os approximado um do outro; podiam d'ora ávante formar um ministerio em communidade, como já tinham feito.

As interpellacões do sr. Carné occupava a Camara n'esta grave discussão, na sessão de 29 de fevereiro de 1844, a unica diccussão grave que a sessão apresentou.

Duzentas e trinta e tres espheras pretas contra cento e oitenta e sete espheras brancas, deram ao ministerio um bill de indemnidade.

O resto da sessão passou-se em discussões sobre os fundos secretos, em projectos de leis sobre o ensino secundario, em leis sobre patentes, em propostas financeiras sobre as reformas postaes, e conversão dos fundos e os creditos supplementares.

Não fallando nos dias de agitação apaixonada produzida pelo negocio de Taiti, a Camara recahira na indifferença politica mais profunda.

Felizmente que tinhamos a Argelia, essa especie de escola de Marte dada á França para mostrar que é digna de si mesma, assim que empunha a espada.

Porém tambem ahi devia intervir fatalmente a Inglaterra.

Batido por toda a parte, Abd-el-Kader, com alguns restos das tropas regulares, retirára-se para as fronteiras de Marrocos.

Marrocos era governado pelo imperador Muley-Abder-Rhaman; era um alliado natural do emir, um inimigo natural da França.

No entretanto estavamos em paz com Marrocos; mas todos sabem quão imperceptivel é o fio que liga a paz entre as nações christãs e os Estados barbarescos.

Com effeito, vendo o seu inimigo refugiado n'um Estado visinho, a França concentrou algumas tropas n'uma parte do territorio pertencente á Argelia e construio um forte em Lalla-Maghrnia.

De seu lado, Marrocos reunio alguns milhares de homens em Ouchda. Entre elles achava-se Abd-el-Kader e quinhentos regulares.

De repente, no dia 30 de maio, sem declaração de guerra alguma, um numeroso corpo de cavallaria marroquina passa a Moulouia, avança duas leguas na fronteira franceza, e ataca o corpo de observação do tenente general Lamoricière, sustentado pelos zuavos do general Bedeau e pela cavallaria do coronel Morris.

Os marroquinos foram repellidos e perderam trezentos ou quatrocentos homens.

Chamaram a este combate escaramuça, e o governo que receiava, indispondo-se com Marrocos, indispôr-se com a Inglaterra, consentio em só vêr n'isto um simples accidente, uma coisa assim como um d'esses recontros sob a rubrica dos quaes se fazia, pelo fim do decimo oitavo seculo, passar um duello.

Com effeito, uma guerra entre a França e Marrocos podia interromper o commercio activo que a propria Inglaterra faz com Marrocos.

Além d'isso, as provisões da guarnição de Gibraltar, provisões que vem todas de Marrocos, podiam achar-se esgotadas na sua nascente.

O governo britannico, cuja nacionalidade é feita em parte do seu odio contra a França, não se contentou com a nossa moderação; era mister que esta moderação não só fosse conhecida de toda a Europa, mas tambem que apparecesse sob a sua verdadeira luz, e fosse designada sob o seu verdadeiro nome.

Das declarações feitas por sir Roberto Peel, resultou que as instrucções dadas ao nosso agente, o sr. Nion, tinham sido anteriormente communicadas a lord Cowley.

Foi uma nova prova para a opposição dos sacrificios de toda a especie que faziamos á famosa intelligencia cordial.

Estabelecia-se um parallelo entre a maneira como o sr. Guizot se conduzia em 1844 e a maneira como o sr. de Polignac se conduzira em 1830.

Com effeito, em virtude do pedido feito pela Inglaterra de que se lhe fizesse uma declaração sobre os projectos ulteriores da França em caso de guerra com a Argelia, o sr. de Polignac tinha alta e imperiosamente respondido que a França seguiria a sua politica, e que não devia a ninguem contas d'essa politica.

Por isso, o chefe da politica ingleza dizia na tribuna:

«Estamos plenamente satisfeitos com as explicações que nos deu a França relativamente a Marrocos, e recebemos toda a communição das instrucções dadas pelo rei da França aos seus agentes, e mesmo *a seu filho o principe Joinville.*»

Interrogado sobre este ponto com certa vehemencia, o sr. Guizot respondeu que as communicações feitas á Inglaterra não eram mais do que communicações geraes, mas que, quanto á sua politica com Marrocos, eis qual era a sua intenção.

O governo não tinha contra Marrocos nenhuma disposi-

ção hostil, nenhuma vista de augmento territorial; tudo quanto se pedia ao imperador de Morrocos, era a paz e a segurança devida ao nosso territorio e aos nossos estabelecimentos.

Por consequencia, exigia-se d'elle:

A expulsão d'Abd-el-Kader das nossas fronteiras;

A punição e o chamamento dos agentes que tinham violado o nosso territorio;

O licenciamento das tropas que inquietavam as nossas fronteiras;

Que se os seus deveres de musulmano, ordenassem ao imperador dar hospitalidade ao seu irmão Mahomet-Abd-el-Kader, que lhe fixasse uma residencia nas margens do Oceano.

Taes eram as reclamações moderadissimas, mas ao mesmo tempo mui positivas, que se dirigiam ao imperador de Marrocos.

Porém no momento em que se esperavam do imperador as reparações pedidas, o filho do imperador fazia uma violenta intimação ao marechal Bugeaud, para que evacuasse Lalla-Maghrnia.

Ao mesmo tempo, pedia-se ao sr. Nion o que nós tambem pediamos, isto é, a demissão e o castigo dos chefes do exercito francez.

No entretanto, fallava-se em voz alta no campo marroquino de uma guerra sancta levantada contra nós, e em resultado da qual os marroquinos já se viam senhores de Tlemcen, d'Oran, de Mascara e mesmo d'Argel.

O ministerio estava tão compromettido para com a Camara que não havia meio de recuar.

O *ultimatum* foi enviado ao sr. Nion, com ordem de o significar ao imperador, e o principe de Joinville chegou diante de Tanger.

No dia 5 de agosto, o principe recebeu um despacho que lhe ordenava que começasse as hostilidades, se a resposta ao *ultimatum* não fosse satisfactoria.

As instrucções do principe eram de destruir as fortificações, mas respeitando a cidade.

Ao cabo de hora e meia de canhonada tudo estava acabado.

O principe dirigio-se logo para o Mogador.

Mogador, cidade maritima, situada ao lado opposto, é propriedade particular do imperador.

Além dos rendimentos particulares que d'ella tira, é o centro do seu commercio.

O principe devia occupar Mogador.

A canhonada de Tanger devia provar ao imperador que não devia contar contra nós com o apoio de alguma potencia.

A occupação de Mogador devia fazel-o reflectir no mal material que podia fazer a França.

Dentro em algumas horas as baterias do Mogador foram reduzidas ao silencio, como o tinham sido as baterias de Tanger, e apesar da resistencia desesperada da guarnição foi occupada pelo principe de Joinville e pelas nossas tropas.

Durante este tempo o marechal Bugeaud passava o Isly, apesar de uma multidão immensa de cavallaria; com oito mil e quinhentos homens de infanteria, mil e quinhentos cavallos regulares e dezeseis boccas de fogo, marchou contra vinte e cinco mil marroquinos.

Sabe-se o resultado da famosa batalha d'Isly, em que o inimigo deixou oitocentos mortos sobre o campo de batalha, teve dois mil homens feridos, perdeu onze peças de artilheria e todo o seu material de combate.

Tivemos do nosso lado vinte e sete mortos e noventa e seis feridos.

A questão de Marrocos estava resolvida.

Restava uma especie de processo de dinheiro entre nós e a Inglaterra.

Uma especie de agente inglez, missionario, consul, nunca se soube bem o que era, chamado Paitchard, fôra expulso de Taiti e pedia uma indemnisação.

O governo francez consentio que esta indemnisação fosse ajustada de commum accordo entre os dois commandantes das estações ingleza e franceza no mar Pacifico, entre o contra almirante Hamelin e o almirante Seymour.

O negocio arranjou-se d'esta sorte e a indemnisação foi estatuida.

Quanto a Marrocos, depois da canhonada de Tanger, depois da occupação de Mogador, e da victoria de Isly, não se lhe pedia mais que anteriormente se lhe pedira.

Concluio-se pois a paz com as condições que dissemos; quanto ás despezas da guerra, que a opposição queria levar á conta do governo marroquino, nem d'isso fallou, e o sr. Guizot respondeu com um sublime desinteresse:

— A França é bastante rica para pagar a gloria.

Livre do lado de Marrocos, o marechal Bugeaud pôde pois continuar tranquillamente a sua guerra d'Argelia.

Portanto o anno de 1844 registra nas suas ephemerides victoriosas:

A expedição do general Marey ao pequeno deserto;

A expedição e a tomada de Biskara pelo duque d'Aumale;

A submissão dos Riban e dos montes Aures;

A submissão dos Kabylas;

A submissão dos Flittas;

A submissão do scheick de Tugguert.

Foi a 27 de janeiro do anno de 1844 que morreu Carlos Nodier, com sessenta e quatro annos de edade.

Nodier, auctor de *João Sbogar* e de *Thereza Aubert*, foi o precursor da litteratura moderna na França, como Walter Scott, na Inglaterra, foi o precursor da litteratura historica, como Cooper, na America, foi o percursor da litteratura descriptiva e pittoresca.

CAPITULO XXXII

Graças ás concessões que acabavamos de fazer á Inglaterra no oceano Pacifico e em Marrocos, a paz tão bem denominada, a paz a todo o preço, fôra sustentada.

Mantendo-a com esta obstinação, o rei tinha arrostado dois perigos; primeiro o da impopularidade, segundo mais grave ainda, o de compromettter a paz pela sua propria obstinação em a sustentar.

O rei, no seu discurso da abertura da sessão de 1845, annunciava a manutenção das suas boas relações com a Inglaterra, assignalava a extensão da industria nacional e o desenvolvimento do commercio interno e externo, e significava o casamento do duque d'Aumale com a filha do principe de Salerne, tio do rei de Napoles reinante.

D'esta sorte, Luiz Philippe enlaçava os ramos da sua familia com as casas soberanas da Europa.

A discussão da resposta acalorada especialmente sobre dois pontos:

A indemnisação concedida ao missionario Pritchard;

A evacuação de Mogador sem indemnisação, e muito antes do tempo marcado.

Dizia-se em voz alta na camara que fôra a Inglaterra que exigira não só a indemnisação mas a evacuação.

Porém, sobre todas estas questões, o ministerio Guizot, que pelos seus mesmos triumphos devia conduzir a monarchia á sua perda, teve a maioria.

Creou-se um nome na lingua que ficou a esses dadores de *bills* de indemnidade, sempre promptos a approvar, com um voto unico o que os ministros fazem de bom ou máo.

Chamaram-lhes Pritchardistas.

A 2 de maio, o sr. Thiers interpellou o governo sobre às congregações religiosas.

As observações fundavam-se em ter sido restabelecida em 1814 pela Egreja romana a corporação de Jesus, que tinha sido destruida em 1763; assim restabelecida, esta sociedade tinha-se novamente infiltrado na França.

No tempo da Restauração, todos os homens que d'ella faziam parte tinham ao principio voltado á França como simples particulares, depois como communidade religiosa, em seguida haviam procurado apoderar-se da mocidade; as queixas n'esta epocha tinham sido violentas, que em 1828 se publicaram decretos retirando-lhes essa educação; porém assim mesmo tinham ficado na França e no estado de congregação religiosa.

A congregação tinha hoje feito grandes progressos; estava tão poderosa que se achava separada em duas provincias, provincia de Lyão provincia de Pariz, contava vinte e sete casas e um numero cinco ou seis vezes mais consideravel de professos do que o numero confessado; esta existencia era clara, provada, juridicamente demonstrada.

A corporação existia pois com desprezo das leis do paiz.

O ministro dos cultos veio confirmar a verdade das asserções do sr. Thiers.

Reconheceu tambem que o governo estava armado con-

tra os jesuitas de muitas leis com que podia operar a sua dissolução; porém justamente por causa d'essas armas poderosas que o ministerio possuia, era rasoavel estar inquieto.

Porventura era a occasião bem escolhida para provocar uma collisão séria, e achavam-se, para recorrer a medidas de similhante rigor, sob a ameaça de uma lei de religião?

Não, no dia em que os jesuitas ultrapassassem no Estado o limite do exercicio da religião que se lhes concedia em virtude da liberdade dos cultos, no dia em que inspirassem desconfiança ao governo, no dia em que lançassem uma sombra qualquer sobre a segurança publica, o ministro estava armado e usaria do seu direito.

Por consequencia, o ministro pedio a ordem do dia, e a ordem do dia foi votada a 3 de maio com immensa maioria.

O sr. Thiers, que já passava por um agitador politico, foi accusado de agitador religioso.

E no entretanto, uns como ruidos surdos, como estremecimentos quasi insensiveis que precedem os tremores de terra, fazia com que os homens de animo precoce se dirigissem sempre a um mesmo ponto.

« Á proposta relativa ás incompatibilidades. »

« Á proposta relativa á adjuncção das capacidades. »

A proposta relativa ás incompatibilidades foi apresentada pelo sr. Rémusat, que certamente se não podia accusar de ser inimigo do governo.

O sr. Guizot oppoz-se á proposta, que nem sequer foi tomada em consideração.

A proposta relativa á adjuncção das copacidades foi feita pelo sr. Crémieux. Combatida pelo ministro do interior foi regeitada pela camara em escrutinio publico por uma maioria de vinte e oito votos.

O sr. Henrique de La Rochejacquelin regeitou a proposta sob o pretexto assaz singular de que era um novo privilegio, que fosse ou não um privilegio de intelligencia.

Um outro deputado chegou mais longe.

O sr. Ledru-Rollin, para descargo da sua consciencia, fez uma proposta relativa á abolição do censo de eligibilidade, e uma indemnisação pagavel aos deputados.

Esta proposta nem mesmo chegou a ser lida.

A Camara reunira-se quarenta e duas vezes nas commissões e cento e quarenta e cinco vezes em sessão publica.

Nomeára oitenta e duas commissões, as quaes todas, á excepção de duas, tinham feito os seus relatorios.

Tivera a examinar com os projectos passados da outra sessão transacta, cento e nove projectos de lei de interesse local, em numero de quatorze, todos votados.

Approvára setenta projectos: oito tinham sido retirados, doze registados, e vinte e dois, sobre os quaes as commissões tinham dado o seu parecer, podiam ser discutidos na sessão proxima.

Só um nem mesmo fôra lido, e, como dissemos, fôra o do sr. Ledru-Rollin.

Durante este tempo, realisava-se na Argelia tudo quanto se prognosticára.

O imperador de Marrocos vira no abandono de Mogador uma prova, não da nossa magnanimidade, mas da nossa fraqueza.

Em logar de exilar Abd-el-Kader para as margens do oceano Atlantico, como pelo tractado se convencionára, deixáraona fronteira d'Argelia.

D'ahi resultou introduzirem-se no campo, no dia 31 de janeiro, sessenta arabes, sem armas apparentes, matarem a sentinella e alguns soldados sem defeza; porém tendo es-

les mesmos dado o alarma pelos seus gritos, os sessenta arabes foram mortos desde o primeiro até ao ultimo.

No entretanto este ataque tinha o caracter de um ataque particular; era atribuido a uma seita fanatica, á seita dos Derkasna e, posto que nos houvesse custado uns vinte mortos e feridos, desde logo se voltou á segurança d'onde nos tinha tirado.

Enganavam-se; numerosos emissarios d'Abd-el-Kader percorriam a planicie e os campos, despertando por toda a parte por onde passavam esse fanatismo arabe, esse odio do christão, que ás vezes se adormece, mas que nunca morre.

Um acampamento tomado em Tenez, juncto d'Orleansville, e o ataque de um comboio ao pé de Cherchul foram o signal de uma insurreição geral.

Com effeito, os partidarios do emir estavam em campo, Ben Salem, Bou Charet e Bel Kanem tinham-se espalhado pela provincia d'Oran e tinham vindo fomentar a revolta nas montanhas da Kabylia.

Duas columnas foram immediatamente dirigidas para Sétif e Médeah.

O general d'Arbouville commandava a columna de Setif e o general Marey commandava a columna de Médeah.

A 17 de junho operavam a sua juncção proximo de Bordj-Hamza; a 19, atacaram vigorosamente o inimigo entrincheirado em posições formidaveis, das quaes, ao cabo de tres horas de combate foram desapossados.

No dia 20 vieram submetter-se duas tribus, a de Beni-Yala e a de Kserma.

Formaram-se outras tres columnas para operarem sobre differentes pontos.

Estas tres columnas deviam partir d'Orleansville e dos arredores, debaixo das ordens dos coroneis Ladmirault, Saint-Arnault e Pélissier.

O coronel Ladmirault devia operar isoladamente a leste de Tenez, as outras duas deviam operar, de accordo, na parte baixa d'Attrah.

O sr. de Saint-Arnault, partindo de Tenez, devia transpor a cadêa montanhosa que se estende sobre o littoral do mar.

Por sua parte, o coronel Pélissier devia descer o Chetif até Ouarizen, subir depois até os Beni-Zerjès e tomar pelo poente da cadêa das montanhas, que o sr. de Saint-Arnault invadia pelo nascente.

O coronel Pélissier fez uma *razzia* nos Beni-Zerjès, e intimou os Ouled-Riah para que se submetessem.

Parte da tribu consentio em se sujeitar, parte se recusou de uma maneira absoluta.

Deu-se o ataque.

Os Ouled-Riah foram batidos e refugiaram-se em grutas inexpugnaveis, para as quaes d'ante-mão, tinham enviado seus filhos, rebanhos e riquezas.

O coronel Pélissier mandou accommetter as grutas: alguns homens pereceram n'esta operação, porém as grutas foram atacadas.

Procuraram então parlamentar com os arabes, mas os arabes fizeram fogo sobre os parlamentarios.

Um d'elles foi morto.

Travaram-se conferencias.

Os arabes exigiram que as tropas francezas se retirassem; promettiam então submetter-se.

Infelizmente, os generaes não se podiam fiar nas suas promessas, em quanto que pelo contrario se compromettiam a não fazerem nenhum d'elles prisioneiro de guerra e a limitarem-se ao desarmamento.

Durante todas estas conferencias, a columna franceza recebera ordem para ajunctar combustiveis á entrada das grutas, afim de que os arabes se convencessem de que, se não

acceitassem as nossas condições, se lhes faria uma guerra de exterminio.

Recusaram-se constantemente.

Então, estribando-se na ordem do governador general, o coronel Pélissier, que não podia estar ocioso em frente das grutas até ao momento em que aprouvesse aos arabes renderem-se; que não podia deixar as grutas, porque seria dar aos arabes uma idéa fortissima da sua inexpugnabilidade, o coronel Pélissier decidio-se a lançar para as grutas as fachinas inflammadas e as outras materias combustiveis postas á entrada.

Quinhentos e trinta arabes com os seus bois, cabras e carneiros ahi pereceram abafados.

Foi então que o chérif Bou-Maza, que depois vimos em Pariz, começou a fazer-se conhecer, excitando desordens entre os Ouled de Sitten.

Foi n'este meio tempo que aconteceu a terrivel carnificina de Sidi-Brahim.

Conhece-se a resistencia desesperada e a morte heroica d'esta pequena columna commandada pelos srs. de Montagnac e Froment Coste.

A França estremeceu de orgulho a esta carnificina como teria estremecido a uma victoria.

A sessão de 1846 abrio-se a 27 de outubro de 1845.

Em nenhuma epocha depois de 1830, isto é, nos dezeseis annos que acabavam de se passar, a opposição estabeleceu tantas vezes com tanta persistencia as questões de gabinete, e digamol-o, nunca até aqui a opposição contou tão grande numero de revezes.

Seis mezes, durante a discussão da resposta ao discurso da corôa, a camara dos deputados tivera de se pronunciar sobre a politica do gabinete.

A emenda apresentada pelo sr. Odilon Barrot sobre a

mancha que recahia na corrupção eleitoral, fôra regeitada por uma maioria de quarenta e dois votos.

A emenda do sr. Feuillade-Chauvin sobre a leal e sincera execução das leis, dirigida contra a disposição do sr. guarda dos sellos sobre o conselho d'Estado, fôra regeitada por uma maioria de vinte e cinco votos.

A emenda do sr. Berryer, tendente a censurar o procedimento do governo nas suas relações com os Estados-Unidos, fôra regeitada por uma maioria de setenta e oito votos.

A emenda do sr. de Rémusat sobre a neutralidade nos dois mundos, fôra regeitada por uma maioria de setenta e oito votos.

Emfim, a emenda do sr. Billaut sobre o direito de visita, fôra regeitada por uma maioria de setenta e tres votos.

De outro lado, a Camara, maioria e minoria, havia-se intelligentemente reunido para votar a abolição da taxa addicional com que estava onerada a correspondencia dos habitantes, do campo facilitára além d'isso as remessas de dinheiro tão pezadas ao exercito e ás classes operarias.

N'um vasto projecto apresentado pelo ministro da marinha, tinha sem opposição, e movida por um commum sentimento de grandeza nacional, votado um credito de noventa e tres milhões.

Emfim, o projecto de lei relativo ao libreto dos operarios, fôra adoptado pela camara dos pares, por um sentimento instinctivo, sem duvida do movimento invisivel, mas sensivel, que se fazia para o progresso social.

Durante este tempo, as duas novas tentativas de assassinato tinham ameaçado os dias do rei.

No dia 16 de abril de 1846, no momento em que a carruagem do rei costeava, a trote largo, um dos muros do parque de Fontainebleau, dois tiros se fizeram ouvir com alguns segundos de intervallo.

As franjas do *char-à-bancs* foram cortadas pelas balas.

Uma das buchas cahio aos pés da rainha, porém o rei não soffreu coisa alguma.

O assassino foi preso.

Era Lecomte, outr'ora guarda geral dos bens da corôa.

Lecomte foi condemnado á pena dos parricidas e executado a 8 de junho.

CAPITULO XXXIII

Tres mezes depois, a 29 de junho, no momento em que na varanda das Tuileries, o rei saudava a multidão de povo, dois tiros de pistola foram disparados a grande distancia por um homem que estava escondido atraz de uma estatua.

Foi logo preso um homem que declarou chamar-se José Henrique.

Foi condemnado a trabalhos forçados.

Este anno de 1846 era um d'esses annos fataes, que apparecem de tempos a tempos para presagiar outros mais fataes ainda.

Afóra estas duas tentativas de assassino devia registrar:

A 21 de março o sinistro do caminho de ferro de Ruão;

A 27 de abril a carnificina dos prisioneiros francezes na *deira* d'Abd-el Kader;

A 5 de maio o sinistro do caminho de ferro de Nimes a Alais;

A 20 de junho as desordens de Nancy, occasionadas pela carestia de pão;

A 8 de julho o sinistro do caminho de ferro de Fampoux, que irmanava terrivelmente com o da margem esquerda do caminho de ferro de Versailles;

A 30 de setembro, as desordens do arrabalde de Saint-Antoine;

Emfim, a 18 e 19 de outubro, a inundação do Loire.

Os outros acontecimentos importantes foram:

O casamento do duque de Montpensier, com Dona Luiza, infanta de Hespanha:

A visita do bey de Tunis a Pariz:

O casamento do duque de Bordeos;

E a evasão do principe Luiz Napoleão, que sahio da prisão de Ham, disfarçado em operario, escondendo o rosto com um mólho de rabanetes, que fingia ir comendo.

Tudo pois tinha pezado sobre este fatal anno de 1846: Inundação, penuria de subsistencias, embaraços politicos, tentativas de assassinio, sinistros horrorosos.

Por isso uma vaga inquietação se tinha espalhado pela sociedade, como é costume, á approximação das grandes catastrophes.

Uma camara nova acabava de ser convocada: contava cento e vinte deputados novos.

A opposição julgava poder contar com a maior parte d'estes novos eleitos.

Um dos acontecimentos importantes da sessão se apresentou logo á sua abertura.

O sr. Duvergier de Hauranne fez uma nova proposta de reforma eleitoral.

Era a terceira vez que esta terrivel questão, que devìa derribar a monarchia, se apresentava na Camara.

Em 1842 o sr. Ducos tomára a iniciativa, e a adjuncção

das capacidades sobre as listas eleitoraes foi regeitada por uma maioria de quarenta e sete votos.

Em 1845 o sr. Crémieux repetira a proposta do sr. Ducos, que fôra regeitada por uma maioria de vinte e tres votos.

Emfim, por seu turno, o sr. Duvergier de Hauranne subia á tribuna, a 6 de março, para fazer uma nova proposta, a qual, além das dos srs. Ducos e Crémieux, continha outras tres propostas:

1.º Reduzia o censo eleitoral a cem francos, tomando por base a unica contribuição principal;

2.º Concentrava a eleição n'um só collegio em todas as cidades de França que elegem mais de um deputado, excepto Pariz;

3.º finalmente, elevava o numero dos deputados de quatrocentos cincoenta e nove a quinhentos trinta e oito.

Começou a discussão a 23 de março.

Os srs. de Golbéry, Liadières e d'Aussonville oppozeram-se á reforma pedida.

Decidio-se que não fosse tomada em consideração por maioria de noventa e oito votos;

Opposição, cento e cincoenta e quatro;

Partido conservador, duzentos cincoenta e dois.

Mais uma vez o sr. Guizot mentia a esse famoso programma de Lisieux, que dizia:

« Todos os partidos vos prometteram o progresso, só o partido conservador vol-o dará. »

É verdade que era a ultima vez que elle n'isto devia mentir.

É verdade que por seu turno a opposição teve um triumpho.

Tendo o sr. Hébert, vice-presidente da Camara, sido cha-

mado ao ministerio, o sr. Léon de Malleville, candidato da opposição, venceu por *um* voto sobre o sr. Duprat, candidato do ministerio.

Ora, como se ia avançando cada vez mais para a catastrophe, os symptomas de demoralisação iam-se tornando cada vez mais frequentes.

A indole do governo de Luiz Philippe fôra sempre de substituir aos sentimentos de honra publica e de melindre nacional, o sentimento dos interesses materiaes; d'este sentimento levado a certo gráo, ao esquecimento das leis da honra e da delicadeza, só vae um passo.

Esse passo foi dado por homens de tão alta posição social, que a França ficou aterrada ao vêr de que classe desciam os accusados que, a 8 de julho, vinham assentar-se no banco dos réos na camara dos pares.

O general Despans-Cubières!

O sr. Teste, antigo ministro das obras publicas!

O sr. Parmentier, agente de causas!

O quarto occusado, o sr. Pellapra, banqueiro, tinha fugido.

O sr. Teste foi reconhecido criminoso por haver, em 1842 e 1843, quando ministro das obras publicas, acceitado offertas e recebido dadívas e presentes e por fazer por dinheiro um acto de suas funcções não subjeito a pagamento, e condemnado á degradação civica, a noventa e quatro mil francos de mulcta e a tres annos de prisão.

O sr. Despans-Cubières, absolvido da accusação de roubo, foi reconhecido réo do crime de corrupção sobre um ministro d'Estado para obter a concessão de uma mina, e foi condemnado á degradação civica e a dez mil francos de mulcta.

O sr. Parmentier, réo do mesmo crime, soffreu a mesma condemnação.

Quasi ao mesmo tempo retumbou por cima da alta sociedade pariziense assim como um d'esses gritos singulares e desconhecidos que algum espirito invisivel das trevas solta no meio do silencio triste da noite, retumbaram, dizemos, estas palavras ensopadas em sangue:

« A senhora duqueza de Praslin, Sebastiani de nascimento, acaba de ser assassinada por seu marido, o duque de Choiseul-Praslin, par de França, da promoção de 6 de abril de 1845. »

D'esta vez não se tractava só de degradação civica, de mulcta e de prisão.

Tractava-se de guilhotina.

Porque não havia meio de apresentar circumstancias attenuantes: o quarto impregnado de sangue, desde o sobrado até ao tecto; as armações manchadas de sangue desde o leito até á porta; o corpo mutilado, o pescoço retalhado, as mãos cortadas, indicavam uma lucta terrivel, uma resistencia desesperada.

O assassinio tivera logar a 18 de agosto; no mesmo dia, o sr. de Praslin fôra denunciado pela medicina legal como assassino, e no entretanto, graças ao seu titulo de par de França, só no dia 21 é que pôde ser prezo, pelas cinco horas da manhã, á ordem do chanceller Pasquier.

A 24 de agosto, o duque de Praslin morria envenenado com uma forte dóze de arsenico.

Esperae! tendes a corrupção; acabaes de vêr o assassinato, ides vêr o suicidio.

A 2 de novembro, o conde Bresson, nosso embaixador em Napoles, foi encontrado morto no seu quarto.

Degolára-se com uma navalha de barba.

No anno passado, vistes os sinistros dos caminhos de ferro.

Este anno, voltae os olhos para o Oceano.

É o *Etna* que começa a serie dos naufragios; perde-se no começo do anno.

É o *Caraiba* que dá á costa no Senegal.

É o *Groenland,* o *Eridan* e o *Papim* que desapparecem em alguns mezes.

É a fragata *Gloria* e a corveta *Victoriosa* que naufragaram no archipelago que guarnece as costas occidentaes da Coréa.

É a corveta *Berceau*, que se afunda entre Bourbon e Madagascar.

É emfim o *Conde d'Eu*, que queima a sua tripulação com a agua a ferver da sua caldeira.

Esperae! nós vamos retroceder e vêr outra coisa, porque as catastrophes d'este fatal anno de 1847, o derradeiro da monarchia, se succedem tão rapidas, que das mãos nos escorregam duas ou tres das mais terriveis.

A desordem corria pelos departamentos.

E que desordem? A do roubo e da fome!

Em Buzançais, no districto de Chateauroux, muitas casas são saqueadas, e um proprietario, o sr. Chambert-Huart, é assassinado.

Cinco ou seis dias depois, em pleno dia, de mão armada, um outro assassinio é commettido em Bellabre, na pessoa do sr. Robin Vailland.

Tres condemnações á morte, quatro condemnações a trabalhos forçados por toda a vida, dezoito a trabalhos forçados por tempo limitado, e uma só absolvição foram o seguimento e a expedição d'estas duas mortes.

Comtudo, a Argelia continuava a ser a nossa constante auréola; d'ahi vinha a pouca gloria que ainda restava á França, pelo que o rei Luiz Philippe resolveu fazer d'ella um vice-reinado para seu filho.

O general Bugeaud deu a sua demissão, e o duque d'Aumale foi elevado ao posto de governador geral d'Argelia.

Apenas lá chegou, dirigio ao governo francez a noticia mais inesperada.

Encerrado no territorio de Marrocos, o emir preferindo entregar-se ao filho do rei Luiz Philippe, do que ao filho do imperador Ab-Derhaman, entrára na tenda do duque d'Aumale, depois de ter deposto á porta ás suas sandalias, e dissera-lhe:

— Quizera ter feito mais cedo o que hoje faço, esperei a hora marcada por Deus: o general Lamoricière deu-me uma palavra em que me fiei, não receio que seja violada pelo filho de um grande rei como o dos francezes.

Era eo marabuto de Sidi-Brahiam, onde Abd-el-Kader tinha assassinado quatrocentos e cincoenta francezes, que a Providencia o reconduzia humilde, vencido e fazendo a sua submissão.

Porém, por mais humilde, vencido e submisso que estivesse o emir, era mister sustentar o que se lhe promettera.

Não se devia faltar á palavra a esse homem sob o pretexto de que este homem nos tinha faltado á palavra.

Não se devia mandar prisioneiro para França, tendo-se compromettido a envial-o livre para a Alexandria ou Saint-Jean d'Acre.

Coisa singular! como o dey d'Argel podera vêr, tocando no solo europeo, a quéda d'aquelles que o tinham derribado, o emir, chegando a França, pôde vêr a quéda dos seus vencedores.

Foi o derradeiro favor que a Providencia cansada, concedeu a este homem que, se tivesse sido morto por Fieschi, por Alibaud, ou mesmo por Lecomte, passaria por um dos maiores reis que houvesse reinado em França.

A 31 de dezembro, em Pariz, para se fechar o anno de desgraças, passou Luiz Philippe pelo terceiro d'esses golpes que o repassaram de dôr; a 31 de dezembro morreu M.ma Eugenia Luiza Adelaide d'Orleans, essa irmã tão querida do exilado, do principe e do rei.

CAPITULO XXXIV

O anno de 1848 abrio-se sobre essa grave preoccupação da reforma que, desde a regeição da proposta do sr. Duvergier de Hauranne, fôra egualmente a preoccupação da França.

Porém nada esclarece o rei, nem a catastrophe publica, nem a catastrophe particular; apesar dos seus setenta e tres annos, apesar da morte de sua irmã, M.ma Adelaide, sua conselheira intima; apesar da succossão de seis ou oito ministerios representados pelos srs. Laffitte, Casimiro Pèrier, Soult, Thiers, Molé, de Broglie e Guizot, sempre se gabou de ser, e sempre foi o pensamento immutavel.

Collocado em 1830 entre duas alternativas, podendo ser alliado dos soberanos ou o representante dos povos, cahio nos erros commettidos pelos seus predecessores e optou pelos soberanos.

Os dias 5 e 6 de junho, 10 de abril de 1834, 12 e 13 de maio de 1839 não o esclareceram; em vão Fieschi, Alibaud, Mennier, Darmés, Lecomte e Henri fizeram fogo sobre elle; vio em todas estas tentativas, não uma advertencia da Providencia, mas uma protecção de Deus, e chegou, na sua ce-

gueira, a luctar, não contra partidos isolados, mas contra a maioria da França.

Apoiado em dois homens da sua confiança, Guizot e Duchâtel, lucta contra a reforma, escarnece das demonstrações das provincias e declara que se opporá, ainda que seja preciso empregar a força, ao banquete reformista, que devia ter logar nos Campos Elysios a 22 de fevereiro de 1848.

A inquietação começa pois a agitar todos os animos, vendo ao mesmo tempo a attitude do rei e da opposição, dirigida por Odilon Barrot.

A inquietação chega ao ministerio, que toma ao mesmo tempo as suas medidas offensivas e defensivas.

A classe media, essa classe que o sr. Guizot julgava ter ligado a si, senão por sympathia, ao menos por interesse, reunio-se em cincoenta cidades importantes e protestou altamente contra a marcha do governo.

A grande maioria da França julga necessaria uma reforma.

O que não impede Luiz Philippe de pronunciar no discurso do throno, esta phrase, offensiva para a minoria da Camara:

« No meio da agitação fomentada por paixões inimigas ou cegas, uma convicção me anima e me sustenta, é que possuimos na monarchia constitucional, na união dos grandes poderes do Estado, o meio certo de superar todos os obstaculos e de satisfazer todos os interesses moraes e materiaes da nossa querida patria. »

É pois no meio d'estas preoccupações politicas, que de dia para dia se tornavam mais sérias, que chegámos ao dia 15 de fevereiro de 1848.

No dia 13 fizera-se uma communicação ao *Constitucional*, ao *Correio francez*, ao *Seculo*, e ao *Nacional*.

Appareceu no dia 14; eil-a:

« Uma reunião de mais de cem deputados, todos pertencentes ás diversas fracções da opposição, teve logar esta manhã para decidirem em commum que linha de conducta convém seguir, depois de votado o ultimo paragrapho da resposta ao discurso do throno.

« A reunião tractára primeiro da situação politica em que este paragrapho a colloca; reconheceu que a resposta, tal como foi votada, constitue da parte da maioria uma violação flagrante, audaciosa, dos direitos da minoria, e que o ministerio, arrastando o seu partido a um acto tão exorbitante, menospresou ao mesmo tempo um dos principios mais sagrados da Constituição, violou na pessoa dos seus representantes um dos direitos mais essenciaes dos cidadãos, e por uma medida de salvação ministerial lançou no paiz funestos fermentos de divisão e de desordem.

« Em taes circumstancias, pareceu-lhe que os seus deveres se tornavam mais graves, mais imperiosos, e que no meio dos acontecimentos que agitam a Europa e preoccupam a França, não lhe era permittido abandonar por um só momento a guarda e a defeza dos interesses nacionaes; a opposição ficará no seu posto para vigiar e combater incessantemente a politica contra-revolucionaria, cujas temeridades inquietam hoje todo o paiz.

« Quanto ao direito de reunião dos cidadãos, direito que o ministerio pretende subordinar ao seu bel-prazer e confiscar em seu proveito, a assembléa, unanimemente convencida de que este direito, inherente a toda a constituição livre, e além d'isso formalmente estabelecido pelos nossos direitos, resolveu sustental-o e mantel-o por todos os meios legaes e constitucionaes.

« Por consequencia nomeou-se uma commissão para se entender com o *comité* dos eleitores de Pariz e para regular de accordo o concurso dos deputados ao banquete que

se prepara, a titulo de protesto contra as pretenções arbitrarias.

« Esta decisão foi tomada sem prejuizo da appellação que sob outras fórmas os deputados da opposição se reservam para dirigir ao corpo eleitoral e á opinião publica.

« A reunião pensou que o gabinete, desnaturando o verdadeiro caracter do discurso da corôa e da resposta para d'ella fazer um acto attentatorio ao direito do deputado, punha a opposição na necessidade de exprimir em toda a occasião a sua reprovação contra tal excesso de poder.

« Resolveu, pois, por unanimidade, que nenhum dos seus membros, mesmo aquelles que a sorte designasse para fazer parte da grande deputação, tomaria parte na apresentação da resposta. »

Depois d'esta reunião, decidio-se em principio que teria logar um banquete a que assistiriam os membros da opposição.

Esta decisão foi tomada por unanimidade.

A commissão do banquete, composta dos deputados de Pariz, de tres membros de cada fracção da esquerda, dos delegados do *comité* central e d'alguns redactores em chefe, foi convocada para o dia seguinte, para preparar os meios d'esta manifestação solemne em favor do direito de reunião e da reforma.

No mesmo dia, o sr. Emilio de Girardin, deputado da Creuse, que julgára dever sahir no anno anterior das fileiras da maioria para entrar nas da minoria, endereça á Camara a sua demissão assim concebida:

« 14 de fevereiro de 1843.

« Senhor presidente.

« Entre a maioria intolerante e a minoria inconsequente não ha logar para quem não entende:

« O poder sem a iniciativa e o progresso.

« A opposição sem vigor nem logica.

« Dou a minha demissão.

« Esperarei as eleições geraes.

« Tenho a honra de ser, sr. presidente, seu muito humilde e obediente servo,

Emilio de Girardin. »

Espalha-se o boato de que, na 10.ª legião, se pedio, fóra dos chefes de batalhões e dos capitães, aos sargentos móres de cada companhia, dezeseis ordens de serviço assignadas em branco, para serem depositadas na *mairie*, e entregues, quando fosse preciso, a dezeseis homens de confiança.

Assegura-se que os commandantes dos corpos, instruidos d'esta medida illegal, fizeram vivas reclamações ao estado maior, e os sargentos móres se recusaram a dar estes assignados em branco.

Segundo toda a probabilidade, o mesmo processo foi empregado nas outras legiões, e o governo foi accusado de improvisar assim uma falsa guarda nacional, que poderá fazer operar á sua vontade quando d'ella precisar.

As noticias que chegavam da Italia eram todas boas para a liberdade.

A Sicilia expulsou inteiramente as tropas napolitanas.

Napoles, por seu lado, obteve a promessa de uma constituição, que um novo ministerio está para elaborar.

Carlos Alberto declarou solemnemente que estava prompto a reconhecer a lei do tempo e a dar assisas ás suas reformas e ás garantias da ordem politica.

Por isso, os seus ministros acabam de se separar declarando que o governo do Piemonte será d'ora ávante um governo representativo, e que a Carta que dá ao seu povo é modelada pela Carta franceza de 1830.

Pelo contrario, o duque de Modena manda prender e lançar nas masmorras todos os homens recommendaveis, cuja intelligencia lhe faz sombra, e longe de occultar que a intelligencia que n'elles castiga, proclama-o.

Eis aqui o seu ultimo decreto contra tres dos seus subditos:

« Vistas as informações dadas pelo governador de Reggio a respeito do doutor Pietro Menozzi, ao cirurgião Cirè Berselli e de Campana, considerando:

« 1.º Que o doutor Menozzi tem talento e conhecimentos, condemnalmol-o a oito mezes de prisão;

« 2.º Que o cirurgião Berselli tem menos talento e conhecimentos, condemnamol-o a quatro mezes de prisão;

« 3.º Que Campana tem ainda menos talento e conhecimentos, condemnamol-o a dois mezes de prisão. »

CAPITULO XXXV

Vamos, a dactar d'este momento e pois que somos chegados ao dia 15 de fevereiro de 1848, seguir os acontecimentos dia a dia.

15 de fevereiro. — Cento e sete deputados se fazem inscrever para tomarem parte no banquete.

Affirmam que o sr. Sallandrouze foi delegado pelo commercio a S. M. Luiz Philippe para lhe supplicar, em nome da industria pariziense, que não désse uma importancia de-

sastrosa á manifestação que devia ter logar no domingo 28 de fevereiro.

Dizem que o rei o fizera parar no meio do discurso para lhe perguntar se os tecidos tinham boa venda.

Falla-se em transportar o banquete pariziense para Saint-Denis ou Corbeil, com receio d'algum motim, porém este boato dentro em pouco foi desmentido; a unica mudança no banquete é que terá logar n'uma casa particular.

Affirmam que batalhões inteiros se offereceram para escoltar os deputados.

16 de fevereiro. — Sabe-se que se deram ordens em Vincennes para se confeccionarem munições de dia e de noite, e para se mandarem peças de artilheria, caixões e carroças de material para a Escola militar.

Dizem que se prepara tudo no palacio de Vincennes, como para um sitio, e faz-se circular esta copia de uma ordem que teria sido escripta pelo sr. duque de Montpensier:

« Desembaraçar com urgencia os armazens da artilheria de Vincennes e mandar sem delonga para a Escola militar, em Pariz, os objectos e munições seguintes:

« Duas baterias de artilheria de campanha, caixões para munições e viveres, vinte caixões de infanteria carregados, trezentas caixas de metralha, quatrocentos petardos, um caixão de archotes para o serviço de noite.

Assignado, *A. d'Orleans.* »

Levanta-se uma discussão na Camara. O sr. Lessesps perguntou ao ministro da guerra o que era feito das peças de artilheria destinadas ás fortificações de Pariz.

Estas peças não estão em Bourges.

O sr. Allard sustenta que não estão em Pariz mas sim em Strasbourg e em Tolosa.

O sr. Trézel recusa-se a dar esclarecimentos.

Approximaram-se tropas de Pariz.

Todas as guarnições dos arredores estão promptas para marchar. Pelos caminhos de ferro, sessenta ou oitenta mil homens poderão estar reunidos, no dia 20, em derredor da capital.

Á medida que novos regimentos veem chegando a Pariz, os chefes de corpos, vestidos á paizana, são conduzidos por officiaes d'estado maior da praça, tambem vestidos á paizana, para os differentes pontos que os seus corpos devem occupar em caso de ataque.

Transportaram-se munições para os quarteis, providos de viveres e de lenha para os cinco ou seis dias.

O processo do irmão Lèotade continua-se em Tolosa, porém cessaram de fallar n'elle.

17 de fevereiro. — O banquete reformista do 12.º districto, que devia ter logar a 10 de fevereiro, fica addiado para os primeiros dias da semana.

De Lyão, de Châlons, de Peronne, escrevem cartas aos deputados da opposição, nas quaes lhes pedem que contem com o auxilio dos reformistas d'estas differentes cidades.

Cartas simillhantes vem de S. Quintino, de Saint-Germain *em Lage*, d'Orleans, d'Amiens, de Saint-Omer.

O duque d'Harcourt, o conde d'Althon-Shée, o marquez de Boissy, membros na camara dos pares, annunciam que assistirão á reunião reformista.

18 de fevereiro. — A commissão geral do banquete reformista do 12.º districto, decidio que a manifestação tivesse logar immediatamente na proxima terça feira, 22 de fevereiro, pelo meio dia.

O conselho de ministros reunio-se para tractar das medidas que se deviam tomar para a manifestação do dia 22.

19 de fevereiro. — Os deputados da opposição, que as-

signaram a obrigação de assistirem ao banquete, reunir-se-hão afim de deliberarem sobre a parte que devem tomar na manifestação em favor do direito de reunião, contestado pelo ministerio.

A Assembléa reconheceu que era mais que nunca necessario protestar, por um grande acto legal, contra uma medida contraria ao principio da Constituição, assim como ao texto da lei.

Resolveu-se pois que, na terça feira proxima, se dirigiriam em corporação ao logar da reunião.

A guarda que entrou fez ouvir, no pateo das Tuileries, gritos de: *Viva a Reforma!*

Este incidente agitou vivamente o palacio, e mandaram-se ordens ao estado maior da guarda nacional para que prevenisse d'ahi ávante similhantes manifestações.

As disposições tomadas pela commissão do banquete foram reguladas da seguinte fórma:

« O dia do banquete é effectivamente terça feira, 22, ao meio dia; o sitio definitivamente escolhido é um terreno pertencente ao sr. Nitot, situado na rua Chaillot.

« Terça feira, pelas onze horas e meia, os deputados e pares de França que se propõem assistir ao banquete partirão junctos da praça da Magdalena e se reunirão, na passagem, aos outros conspiradores, a quem será indicada, para similhante fim, a praça da Concordia.

« Assim que se operar esta reunião, a assembléa se porá immediatamente em marcha para o logar do banquete, atravessando as alas dobradas formadas desde a praça Vendôme até á barreira da Estrella, por dez mil homens de guarda nacional uniformisados, em pelotões distinctos. sob as ordens dos seus respectivos officiaes.

« Chegados ao local da manifestação, os convivas se contentarão com figurar um simulacro de banquete, tomando

á pressa e simplesmente pró forma, parte nas eguarias que estiverem sobre a meza.

« Um só brinde: *Á reforma, e ao Direito de reunião!* será levantado pelo sr. Odilon Barrot, que o acompanhará de breves reflexões.

« Logo em seguida, os convivas se retirarão, tendo cuidado, na sua passagem, de recommendar aos guardas nacionaes que se dispersem com socego e sem perturbarem de fórma alguma a ordem publica. »

Ámanhã o *Nacional*, que fica sendo o orgão official da commissão do banquete, deve, segundo dizem, publicar nas suas columnas um convite á povoação para se conservar nos mais estrictos limites da legalidade e da moderação.

Acrescenta-se que a *Reforma* se separou arrebatadamente da commissão a que esta folha tinha primitivamente assegurado o seu auxilio.

Tendo-se tomado por escripto o nome dos deputados, a obrigação de assistirem ao banquete era, pelas quatro horas da tarde de hoje, de setenta e sete.

O sr. de Lamartine entra n'este numero.

O numero dos subscriptores e dos convidados será de perto de quinhentos.

Finalmente, não se tracta de outra coisa; não se falla senão nas medidas que o governo toma para o impedir, ainda que seja obrigado a recorrer a uma demonstração armada; a inquietação augmenta.

Ha tres ou quatro dias, as receitas dos theatros, esse thermometro da tranquillidade publica, são quasi nullas.

20 de fevereiro. — A commissão geral, encarregada de organisar o banquete do 12.º districto, julga dever lembrar que a manifestação fixada para terça feira proxima tem por objecto o exercicio legal e pacifico de um direito constitu-

cional, o direito de reunião politica, sem o qual o governo representativo não seria mais do que uma irrisão.

« Tendo o ministerio sustentado e declarado na tribuna que a pratica d'este direito era subjeita ao bel-prazer da policia, os deputados da opposição, pares de França, antigos deputados, membros do conselho geral, magistrados, officiaes, officiaes inferiores e soldados da guarda nacional, membros do *comité* central dos eleitores da opposição, redactoces dos jornaes de Pariz acceitaram o convite que lhes fôra feito de tomarem parte na manifestação, afim de protestarem, em virtude da lei, contra uma pretenção illegal e arbitraria.

« Como é natural prevêr que este protesto publico possa attrahir um concurso consideravel de cidadãos; como se deve tambem presumir que os guardas nacionaes de Pariz, fieis ao seu dever, liberdade e ordem publica, quererão, n'este caso, cumprir este duplicado dever; que quererão defender a liberdade junctando-se á manifestação para protegerem a ordem e impedirem qualquer collisão pela sua presença; que na previsão de uma reunião numerosa de guardas nacionaes e de cidadãos, parece conveniente tomar disposições que affastem qualquer causa de motim e de tumulto;

« A commissão pensou que a manifestação devia ter logar no bairro da capital em que a largura das ruas e das praças permitta á povoação agglomerar-se sem ficar apinhoada.

« Para este effeito, os deputados, pares de França e as outras pessoas convidadas para o banquete se reunirão terça feira proxima, ás onze horas, no logar ordinario das reuniões da opposição parlamentar, na praça da Magdalena, n.º 2.

« Pede-se aos subscriptores para o banquete, que fazem

parte da guarda nacional, que se reunam diante da egreja da Magdalena e formem duas alas entre as quaes se collocarão os convidados.

« O cortejo levará á frente os officiaes superiores da guarda nacional que se apresentarem para se unirem á manifestação.

« Logo em seguida aos convidados e convivas irá uma fileira de officiaes da guarda nacional.

« Atraz d'estes, os guardas nacionaes formados em columnas seguindo o numero das legiões.

« Entre a terceira e quarta columna, os estudantes das Escolas, sob a direcção dos commissarios por elles designados.

« Depois os outros guardas nacionaes de Pariz e seu termo na ordem acima designada.

« O cortejo partirá ás onze horas e meia e se dirigirá pela praça da Concordia e Campos Elysios para o logar do banquete.

« A commisão, convencida de que esta manifestação será tanto mais efficaz, pois que ella mesma evitará qualquer pretexto de conflicto, convida os cidadãos a não soltarem grito algum, a não levarem bandeira, nem signal exterior: convida aos guardas nacionaes que tomarem parte na manifestação a apresentarem-se sem armas. Tracta-se aqui de um protesto legal e pacifico que deve ser sobre tudo poderoso pelo numero e pela atitude firme e tranquilla dos cidadãos.

« A commissão espera que, n'esta occasião, todo o homem presente se considerará como um funccionario encarregado de fazer respeitar a ordem; confia nos sentimentos da povoação pariziense, que quer a paz publica com a liberdade, e que sabe que para assegurar a manutenção dos seus direitos não precisa senão uma demonstração placida, como

convém a uma nação intelligente, esclarecida, que tem a consciencia da auctoridade irresistivel da sua força moral e que está certa de fazer prevalecer os seus votos legitimos pela expressão legal e tranquilla da sua opinião.»

Esta publicação produzio grande effeito, tão grande que despertou o milindre do sr. prefeito de policia, o qual, no mesmo dia, mandou affixar a seguinte proclamação:

« Habitantes de Pariz!

« Uma inquietação que prejudica o trabalho e os negocios reina ha alguns dias em todos os animos; provém de manifestações que se preparam. O governo determinado por motivos de ordem publica que são mais que justificados, e usando de um direito que as leis lhe confere e que tem sido constantemente exercido sem contestação, prohibio o banquete do duodecimo districto.

« Comtudo, como declarou perante a camara dos deputados que esta questão era de natureza para ter uma resolução judiciaria, em logar de se oppôr pela força á reunião, tomou a resolução de deixar provar a contravenção permittindo a entrada na sala do banquete, esperando que estes convivas teriam a prudencia de se retirarem á primeira intimação, afim de não converterem uma simples contravenção n'um acto de rebellião. Era o unico meio de julgar a questão perante a auctoridade suprema do tribunal de cassação.

« O governo persiste n'esta determinação; porém o manifesto publicado esta manhã pelos jornaes da opposição annuncia outro fim, outras intenções; levanta um governo ao lado do verdadeiro governo do paiz, d'aquelle que está instituido pela Carta e que se apoia sobre a maioria das Camaras, chama uma manifestação publica, perigosa para o repouso da cidade, convoca, em violação da lei de 1831, os guardas nacionaes, que d'ante-mão fórma em fileira regu-

lar, seguindo a ordem numerica das legiões, com os officiaes na frente. Isto não admitte nenhuma duvida possivel, de boa fé; as leis mais claras, melhor estabelecidas estão violadas. O governo saberá fazel-as respeitar, são o fundamento e a garantia da ordem publica:

« Convida todos os bons cidadãos a conformarem-se com estas leis, a não fazerem parte de qualquer ajunctamento, para que não deem logar a motins desagradaveis. Appello para o seu patriotismo, para a sua razão, em nome das nossas instituições, da tranquillidade publica e dos mais caros interesses da cidade.

« Pariz, 21 de fevereiro de 1848.

Gabriel Delessert. »

CAPITULO XXXVI

21 de fevereiro — Na abertura da camara e durante quasi toda a sessão os bancos da esquerda estão inteiramente vazios. Só uns sessenta membros da maioria e alguns membros da direita occupam o seu logar e se entregam a conversações animadas.

A discussão de um projecto de lei relativo ao banco de Bordéos estabeleceu-se no meio de uma distracção evidente; conhece-se que todas as attenções estão n'outra parte.

Ás quatro horas e meia, entra a opposição inteira pelo corredor da esquerda; os membros da maioria entram pelo da direita e vão tomar o seu logar.

Estabelece-se uma viva discussão entre o sr. Odilon Bar-

rot e o ministro do interior, sobre o manifesto publicado na vespera.

O sr. Odilon Barrot sustenta que a opposição não faz mais do que usar do direito que lhe é concedido pela Carta.

O sr. Duchâtel diz que este manifesto quebranta todas as leis do paiz, sobre que repoisam a tranquillidade e a ordem publica.

Segundo a sua opinião, está violada a lei sobre os ajunctamentos, pois que este manifesto provoca um ajunctamento; segundo a sua opinião a lei sobre a guarda nacional está violada, pois que este manifesto convoca a guarda nacional que só dos seus chefes deve receber ordens.

Este manifesto, segundo a sua opinião, não é outra coisa mais do que um governo improvisado a par do governo legal e constitucional. O sr. Duchâtel déclara, por conseguinte, que, encarregado de sustentar a ordem publica, a manterá por todos os meios que estão á sua disposição.

Esta ameaça termina a discussão.

O presidente propõe continuar a discussão sobre o projecto de lei sobre o banco de Bordèos.

De todos os lados gritam:

Não! não! ámanhã!

A discussão é pois addiada para o dia 22 de fevereiro, ao meio dia.

Á noite, os deputados da opposição fazem chegar aos jornaes a nota seguinte, cujo corollario é a proposta da accusação ao ministerio:

« Uma grande e solemne manifestação devia ter logar hoje, em favor do direito de reunião contestado pelo governo. Tinham-se tomado todas as medidas para manter a ordem e para prevenir qualquer especie de motins. O governo estava instruido ha muitos dias d'estas medidas e sabia qual

seria a fórma d'este protesto. Não ignorava que os deputados iriam em corporação ao logar do banquete, acompanhados de cidadãos e de guardas nacionaes sem armas. Tinha annunciado a intenção de não oppôr nenhum obstaculo a esta demonstração em quanto a ordem não fosse perturbada, e de se limitar a provar por escripto que olha como uma contravenção o que a opposição olha como o exercicio de um direito

« De repente, tomando por pretexto uma publicação, cujo fim unico era prevenir as desordens que teriam podido nascer de uma grande affluencia de cidadãos, o governo fez conhecer a sua resolução de impedir pela força qualquer ajunctamento no caminho publico, e de prohibir, quer ao povo, quer aos guardas nacionaes, toda a participação na manifestação projectada.

« Esta tardia resolução do governo já não permittia á opposição mudar o caracter da demonstração: achava-se pois collocada na alternativa, ou de provocar uma collisão entre os cidadãos e a força publica, ou de renunciar ao protesto legal e pacifico que tinha resolvido. N'esta situação, os membros da opposição, protegidos pela sua qualidade de deputados, não podiam expôr voluntariamente os cidadãos ás consequencias de uma lucta tão funesta para a ordem como para a liberdade. A opposição pensou pois que devia abster-se e deixar ao governo toda a responsabilidade d'estas medidas. Convida todos os cidadãos a seguirem o seu exemplo.

« Addiando assim o exercicio de um direito, a opposição toma para com o paiz a obrigação de fazer prevalecer este direito por todas as vias constitucionaes. Não faltará a este dever; continuará com perseverança e com mais energia do que nunca a lucta que emprehendeu contra uma politica corruptora, violenta e anti-nacional.

« Não indo ao banquete, a opposição preenche um grande acto de moderação e de humanidade. Sabe que lhe resta a cumprir um grande acto de firmeza e de justiça. »

Em consequencia da resolução tomada pela opposição, um acto de accusação contra o ministerio será immediatamente proposto por um grande numero de deputados, entre os quaes figuravam os srs. Odilon Barrot, Duvergier de Hauranne, de Malleville, de Arragon, Abattuci, Beaumont (de la Somme) Jorge de Lafayette, Boissel, Garnier-Pagès, Carnot, Chambolle, Drouyn de Lhuis, Fernando de Lasteyrie, Havin, de Courtais, Vavin, Garnon, Marquis, Jouvencel, Taillandier, Bureaux de Puzy, Luneau, Saint-Albin, Cambacères, Moreau (Seine), Berger, Mario, Bethmont, de Thiars, Dupont (de l'Eure), etc.

Estas differentes resoluções circulam em Pariz e causam de noite uma agitação visivel. Vivas discussões se estabecem sobre o que fizeram os deputados, e sobre o que deveriam ter feito, como membros da opposição e como subscriptores do banquete; uns louvam-os por terem sacrificado a consciencia do seu direito ao receio de uma collisão; outros, pelo contrario, queriam que, armados d'esse mesmo direito, tivessem levado a resistencia ao poder até á ultima extremidade.

Todos preveem que o dia seguinte será tempestuoso.

Affirma-se que esta confiança que o governo parece ter provêm das disposições hostis que se attribue ao exercito contra a burguezia.

O sr. marechal Bugeaud, consultado pelo rei sobre o que se devia fazer, respondeu, segundo dizem:

— Dê-me vossa magestade o commando de Pariz e eu me encarrego de fazer engolir aos parizienses o sabre de Isly até aos copos.

Note-se que as lojas se fecham mais cedo do que do costume. Emquanto as lojas se fecham, a opposição retira-se em desordem para casa do sr. Odilon Barrot, delibera como ha dezesete annos tem sempre feito nas occasiões em que deveria operar.

O sr. Thiers, diante das palavras ameaçadoras do ministro, propõe que se contenham.

O sr. Barrot hesita, cede primeiro a alguns instinctos de resistencia, depois volta á opposição do sr. Thiers e arrasta comsigo a maioria dos membros presentes.

Faz-se então uma scisão na assembléa, um fraco grupo se destaca e dirige a casa do sr. de Lamartine.

Ahi, protestam energicamente que no dia seguinte, apesar das bayonetas, irão ao logar do banquete sustentar o direito de reunião.

Durante esta deliberação a inquietação publica augmentou.

Espalha-se a circular do prefeito.

Falla-se de medidas estrategicas tomadas d'antemão sobre o terreno que o cortejo deve percorrer.

Uma leve hesitação se manifesta entre os hospedes do sr. de Lamartine.

— Ainda que a praça da Concordia devesse estar deserta, disse elle então, ainda que todos os deputados devessem affastar-se do seu dever, eu irei só ao banquete, sem outra companhia mais do que a minha sombra.

Á meia noite, annuncia-se officialmente que os commissarios do banquete fizeram desapparecer todos os preparativos da reunião, e que as pessoas que se apresentassem só achariam uma porta fechada.

CAPITULO XXXVII

22 de fevereiro. —Ha tres dias, que em torno de Pariz havia um grande movimento de tropas.

Vinte e sete mil homens estavam ás portas, uma guarnição occupava Vincennes e outra o monte Valerien.

Pelas barreiras do Throno e da Estrella podiam entrar reforços ao mesmo tempo.

O estado official da força armada que occupava Pariz era de trinta e sete batalhões de infanteria, de um batalhão de caçadores d'Orleans, de tres companhias de engenheiros, de quatro mil guardas municipaes e veteranos, de vinte esquadrões de cavallaria e de cinco baterías.

Uma d'estas baterias devia estar, desde as seis da manhã, de morrão acceso, no arrabalde de Saint-Antoine.

Todos os corpos de guarda estavam fortificados; as ameias abertas nas paredes e cobertas com gesso, tinham sido descobertas.

Os ministros podiam pois estar descansados, a realeza podia dormir tranquilla.

O ramo primogenito, diziam, cahio por surpreza; os Bourbons do ramo segundo viram vir o motim de mais longe, o motim os achará preparados.

Pariz teve toda a noite um aspecto singular; em quanto se poderam ler as proclamações do prefeito de policia á luz de uma loja aberta ou de um bico de gaz, houveram grupos em volta das proclamações. Emfim, a noite tudo extin-

guio, cada um voltou para sua casa. Pariz, na apparencia, está tranquilla, mas Pariz espera.

Ajudantes de ordens percorrem a cavallo os bairros mais populosos; são encontrados por homens de *bluza* que param para os vêrem passar; não proferem nem uma palavra, comtudo conhece-se que se cruzam ameaças.

Tendo sahido das Tuileries, é para as Tuileries que voltam.

Não viram nenhuma resistencia, e não ouviram outros ruidos senão os das horas, não podem pois senão dizer uma coisa:

Pariz está tranquilla.

Nasce o dia, o céo está encoberto, um vento humido sopra do poente, o ar está tepido, as ruas matinaes estão socegadas.

Pelas dez horas, uma povoação, essa povoação dos motins futuros, tão facil de reconhecer, desce de braço dado dos bairros distantes; sabe as medidas tomadas pelo governo, sabe a vontade que elle tem de as pôr em execução, e comtudo é exacta em comparecer no ponto e á hora que ninguem lhes marcou.

Os curiosos, por sua parte, tão faceis de distinguir d'aquelles que acabamos de designar, vem correndo pelas tres grandes arterias de Pariz, os *boulevards*, a rua Saint-Honoré e os caes.

Ás dez horas, o bairro de Saint-Germain, tão tranquillo, accorda em sobresalto ao cantico da *Marselheza* e do côro dos *Girondinos*.

São os estudantes que se reuniram na praça do Panthéon, que descem a rua dos Grés, seguem pela rua da Harpa, rua da Escola de Medicina, rua Dauphine, Pont-Neuf, e chegam emfim á praça da Magdalena, no meio de uma multi-

dão compacta, curiosa, mas fria, e que parece não ter ainda tomado nenhum partido.

Ahi os canticos recomeçam e chamam á si todos os operarios que se achavam entre a multidão.

A jaleca e a *bluza* separam-se da casaca, vão-se junctar aos estudantes, tomar logar nas suas fileiras, e a columna, quasi duplicada, depois de ter dado volta á praça da Magdalena, desenrola-se para a praça da Concordia.

Á entrada da ponte da Revolução, vae topar com um pelotão de guardas municipaes que calam as bayonetas para elles.

A testa de columna quer parar, porém a multidão que a segue aperta-a e impelle-a para as bayonetas.

Um mancebo então abre a casaca e descobre o peito.

As bayonetas levantam-se e a columna passa.

Por algum tempo fica apertada entre os dois parapeitos, depois affasta-se para seguir em toda a sua largura as paredes do Palais-Bourbon, passa por cima das grades, sobe ao peristylo, e vae-se espalhar pelos jardins circumvisinhos.

Os primeiros estão nos corredores das tribunas, e ainda os outros se acham ao pé do Obelisco.

Então abrem-se as portas do quartel do cáes d'Orsay, sáhe um esquadrão do 8.º de dragões, forma-se um pelotão, parte a trote, e carrega de espada núa sobre a multidão.

Quando ahi chegaram, cada homem com uma mão pára o cavallo, e com a outra embainha a espada; e mettendo depois a passo, graves, silenciosos, contentam-se com romper por entre o povo com o peito dos cavallos.

O povo brada: *Vivam os dragões!* os dragões saúdam o povo.

Atraz da cavallaria, um batalhão de tropa de linha corre a passo gymnastico e toma posição na praça do Palais-Bour-

bon; vem com elle um commissario para as intimações do costume.

Ao mesmo tempo, piquetes de infanteria, de cavallaria, de caçadores, de dragões e de municipaes surgem de todos os lados, e tomam por todas as ruas que conduzem á camara dos deputados, em quanto que duas peças de campanha se poem em bateria na rua de Borgonha.

Passa um general a trote, seguido do seu estado maior, e grita na passagem do commandante da guarda do palacio:

— Podeis estar descansado, a ponte está guardada, as melhores tropas da Europa não seriam capazes de a forçar.

Era o general Perrot.

Com effeito, a Camara estava bem defendida, tão bem defendida que mal lá podiam entrar os proprios deputados. Nunca teria acreditado que se julgasse necessario desenvolverem-se similhantes forças para guardarem homens que iam discutir um projecto de lei sobre o banco de Bordéos.

Do alto do peristylo da Camara podia-se vêr a habil disposição estrategica das tropas. Além da cabeça da ponte, a vista encontrava uma multidão immensa, compacta, sem outros movimentos mais do que esse movimento de ondulação que se observa á superficie dos trigos quando o vento passa.

De espaço em espaço, toda essa planicie humana é dominada por grupos de homens pendurados nas estatuas, nas columnas de illuminação, nas bicas das fontes, que n'aquelle momento não correm, e emfim pelo amphitheatro do portico da Magdalena, que no outro horisonte vae fazer symetria com o da Camara dos deputados.

Esta multidão referve subito. Mal se podia mover, agora foge.

Vê-se no meio d'ella os sabres e os capacetes dos municipaes que a vão lavrando.

É morta uma velha, e um homem ferido: as massas retrocedem, a praça é evacuada, menos por umas trinta pessoas que, muito apertadas pelos cavallos e pelo sabre dos soldados, saltaram para os fossos da praça da Concordia, e d'elles sahem depois uma a uma para fugirem péla rua de Rivoli e pela rua Royale.

CAPITULO XXXVIII

Os acontecimentos que contámos levaram desde as dez horas da manhã até ás duas da tarde.

No meio de tudo isto não se vio brilhar uma unica espingarda da guarda nacional.

A guarda nacional não foi convocada.

Durante este tempo a Camara discute: porém o sr. Odilon Barrot aproveita um momento de silencio para pôr sobre a meza do presidente um papel, cujo conteudo todos sabem, mas o presidente não abre o papel.

Este papel é a accusação da ministerio.

Era concebida n'estes termos:

« Propomos que seja accusado o ministerio:

« 1.º De ter trahido no estrangeiro a honra e os interesses da França;

« 2.º De haver falsificado os principios da Constituição, violado as garantias da liberdade e attentado contra os direitos dos cidadãos;

« 3.º De ter, por uma corrupção systematica, tentado substituir á livre expressão da opposição publica os calculos

do interesse particular, e de perverter assim o governo representativo.

« 4.º de ter mercadejado para interesse ministerial, funcções publicas assim como todos os outros attributos e privilegios do poder;

« 5.º De ter, para o mesmo interesse, arruinado as finanças do Estado, e compromettido assim as forças e a grandeza nacionaes;

« 6.º De haver violentamente despojado os cidadãos de um direito inherente a toda a constituição livre, e cujo exercicio lhes fôra garantido pela Carta, pelas leis e pelos precedentes;

« 7,º De ter, emfim, por uma politica, abertamente contra-revolucionaria, tornado a pôr em duvida todas as conquistas das nossas duas revoluções e lançado no paiz uma perturbação profunda.»

Seguem-se cincoenta e quatro assignaturas, recolhidas á pressa, e que se augmentarão necessariamente durante o dia.

De seu lado, e quasi ao mesmo tempo, só debaixo da sua responsabilidade, o sr. de Genoude sóbe á meza do presidente e n'ella depõe um outro papel aberto: era uma segunda accusação, n'estes termos:

« Visto que os ministros, recusando-se á reforma da lei eleitoral que priva os cidadãos de toda a participação nos direitos politicos, violam a soberania nacional e são causa, por conseguinte, das perturbações e dos perigos da ordem social; visto que d'esta sorte manteem a França n'um systema immoral e ruinoso internamente, funesto e degradante no estrangeiro, o abaixo assignado deputado da Alta Garonne pede á Camara que sejam mettidos em processo o presidente do conselho e seus collegas.

Genoude, deputado de Tolosa. »

Algumas vozes reclamam a leitura d'estas duas propostas; porém o sr. Sauzet responde que não podem ser lidas senão depois da autorisação das secretarias, que as hão de examinar na quinta feira, 24 de fevereiro, dois dias depois d'aquella sessão.

Um instante depois entra o sr. Duchâtel: vem de *paletó*, traz o chapéo na mão, sobe á cadeira, dirige algumas palavras ao presidente, vae assentar-se no banco dos ministros, e depois de uma curta conversação com os seus collegas sáhe da sala.

São quatro horas.

Pelas quatro horas e meia o presidente levanta a sessão.

Em quanto os srs. Odilon Barrot e Genoude entregam as suas propostas, em quanto o sr. Duchâtel apparece e desapparece, uns trinta homens do povo, armados de pedras, atacam a guarda dos Campos Elysios, escalam as paredes, arrombam as janellas, desarmam os soldados.

Depois, correndo para a egreja da Assumpção e para o palacio do Guarda-Moveis, com as mãos habituadas a dobrar ferro, arrancam as grades e começam as primeiras barricadas nos Campos Elysios e nas ruas Saint-Honoré e Rivoli.

Porém desde logo conhecem que são ainda pouco numerosos para organisarem a resistencia em ruas largas e abertas, retiram-se para o centro da cidade, arrombando os dois armazens de Lepage e Devisme, depois vão-se enterrar nas ruas tortuosas dos bairros Saint-Denis e Saint-Martin, onde está o convento de S. Merry e a rua Transnonain de tragica memoria.

As barricadas que se tinham feito foram logo destruidas; tiveram a duração das primeiras vagas que annunciam a tempestade.

A tempestade está nos ares, sente-se approximar.

O sol esconde-se atraz dos Invalidos; o seu zimborio negro destaca-se sobre duas largas tiras côr de sangue.

Fecha-se o jardim das Tuileries, a ponte Real está guardada, forças respeitaveis se concentram no Carroussel.

As tropas ainda não recolheram aos quarteis; estão dessiminadas por companhias, pelotões e piquetes; estão agrupadas nos caes, nas praças, nas ruas; um batalhão inteiro bivaca nos Mercados, a cada esquina da rua se vê reluzir a espingarda de uma sentinella.

É a hora em que os timidos se arriscam a sahir para saberem noticias.

Eis aqui o que se soube á meia noite:

Os combatentes occuparam successivamente as ruas Tiquetone, Bourg-l'Abbé e Transnonain; apenas trinta ou quarenta estavam armados, o mais rico de munições não tinha seis cartuxos.

O combate mais mortifero teve logar na rua Beaubourg, á porta de uma casa onde estavam fechados cinco presos; tendo os seus camaradas diligenciado soltal-os, travou-se uma lucta corpo a corpo entre o povo e os municipaes.

Não se póde saber nem o numero dos mortos nem o dos feridos, mas suppõe-se que não passou de dez ou doze pessoas.

Os presos disputados ficaram em poder da força publica.

Fizeram-se cerca de duzentas prisões.

Da meia noite ás tres horas da manhã, Pariz parece allumiada por dois vastos incendios.

O reflexo de um é o resultado das fogeiras accendidas pela tropa diante da porta de Saint-Martin, até ao *boulevard* Bonne-Nouvelle; o reflexo do outro é causado pela chamma que se eleva acima de um montão de cadeiras e de barracas, que ardiam no meio dos Campos Elysios.

23 de fevereiro. — As tropas bivacaram toda a noite sobre a lama.

Ao romper do dia, as fogueiras apagam-se, a chuva começa a cahir em torrentes e faz repetir a algumas pessoas o dito de Péthion:

« *Como chove, não haverá nada.* »

Enganam-se; durante a noite os homens que desappareceram por esse labyrintho de ruas que se estende na praça do Cairo para a praça Real, trabalham; de todos os lados se levantam barricadas, e o dia vem allumiar o trabalho silencioso e ameaçador da noite.

Dois generaes commandam as duas forças a que o governo sempre pedio o seu apoio; o general Tiburcio Sebastiani está á frente da tropa de linha, o general Jacqueminot dirige a guarda nacional.

O primeiro assusta-se com o peso da responsabilidade que o sobrecarrega, não toma senão meias medidas, hesita, ignorante d'essa guerra de barricadas, cujas regras nenhuma escola militar formulou.

O outro, doente, convalescente de uma doença grave, sentindo na guarda nacional uma surda opposição que não quer outra coisa senão manifestar-se, não toma nenhuma iniciativa, e contenta-se com escutar participações que lhe fazem.

CAPITULO XXXIX

Durante a noite receberam ordens as tropas que cercam a cidade.

Entram a marchas forçadas pela barreira de Passy e mettem-se pelas portas do Carroussel que fecham as suas portas de ferro assim que ellas entram.

Pelas dez horas da manhã um regimento de linha, precedido de uma bateria de artilheria, desfila sobre a margem esquerda e vae tomar posição junto da ilha de S. Luiz.

Na vespera á noite, espalha-se o boato de que a guarda nacional fôra convocada; porém, pelas tres horas da manhã fôra dada contra ordem a todas as *mairies*, e não se viam nas ruas nenhuns representantes d'esse grande poder que já por tres vezes tinha feito pender a victoria para o lado do governo.

Pelas onze horas tocava-se a primeira chamada.

Entendeu-se, por este grito da realeza á guarda nacional, que os acontecimentos tomavam gravidade; com effeito, batiam-se encarniçadamente nas ruas Beaubourg, Quincampoix, Bourg-l'Abbé, nos bairros Saint-Martin-des-Champs, do Mont-de-Piété e do Templo. Uma barricada formada por duas diligencias deitadas e cheias de pedra de calçada, fôra levantada á esquina da rua Rambuteau.

O 69.º de linha e um batalhão de caçadores de Vincennes ahi foram repellidos tres vezes e só d'ella se apodera-

ram á quarta tentativa, perdendo o regimento doze homens e o batalhão quatro.

O 34.º de linha perdia um de seus chefes de batalhão, morto por um tiro de espingarda disparado de uma das janellas da praça do Châtelet.

Durante estas collisões, incendiavam as barreiras, e a guarda nacional dos Batignolles, que tinham querido desarmar em nome do povo, fazia fogo e matava tres homens que eram transportados para a Morgue.

Dissemos que se tocára á chamada ás onze horas para a guarda nacional. O despreso em que parecia que a haviam tido até ali, fel-a hesitar ao principio, porém para logo comprehendeu que esta chamada era mais tocada em nome do povo do que no da realeza.

Começa então a apparecer nas ruas.

Mas o seu partido está tomado d'ante mão, d'esta vez suspenderá o fogo e far-se-ha medianeira entre o arrabalde Saint-Antoine e as Tuileries, porém porá primeiro as suas condições: o ministerio cahirá, a reforma será adoptada.

É ao brado de: *Viva a reforma! abaixo o ministerio!* » que avança a 10.ª legião.

Carros de artilheria passam pela praça Bourbon, ella fal-os parar.

A partir d'este momento, nada de mais munições nem para a tropa nem para o povo: é mister que o sangue cesse de correr.

Um batalhão da 2.ª legião dirige-se para as Tuileries.

Disseram-lhe que o rei ignorava o voto popular, vae leval-lh'o de viva voz; é commandado pelo sr. Léon de Laborde, filho do antigo general feito barão em Wagran. Porém as grades das Tuileries estão fechadas, o batalhão volta para a rectaguarda, e encontra no *boulevard* um esquadrão de couraceiros promptos para carregarem sobre o povo.

Colloca-se entre elle e o povo: suspendeu-se a carga.

Um destacamento da terceira legião tomou pela rua Montmartre e desceu até aos Petits-Pères aos gritos de: *Viva a reforma! abaixo o ministerio!*

Chegando á egreja, encontra os guardas municipaes carregando o povo, cala bayoneta, marcha sobre os soldados que se retiram.

Então os destacamentos das guardas nacionaes fraccionam-se e percorrem as ruas, os *boulevards* e os caes.

Parecia ter-se dado uma ordem universal, e que essa ordem fôra: *braço armas!*

Entre elles e a linha não houve nem um acto de hostilidade.

Os soldados não gritam; *Viva a reforma! abaixo o ministerio!* mas deixam a guarda nacional e o povo gritar á sua vontade.

Immediatamente nas Tuileries foi conhecida esta intervenção da guarda nacional, toda amigavel para o povo, toda ameaçadora para o poder.

Os gritos de *Viva a reforma! abaixo o ministerio!* foram ouvidos ao mesmo tempo pelo rei e pelos ministros.

O sr. Guizot, em seu nome e no de seus collegas, offerece a sua demissão, que é acceita.

Ha um quarto de hora que sahio da Camara; bastou-lhe este quarto de hora para ir ás Tuileries e voltar.

Foi assentar-se no banco dos ministros.

Assim que lá chegou, o sr. Vavin subio á tribuna e interpellou o ministerio.

O honrado deputado quer saber o motivo porque a guarda nacional foi convocada tão tarde; dirige-se aos ministros e pede-lhes explicações.

O sr. Guizot levanta-se e responde do seu logar:

— Julgo que não seria conveniente para o interesse pu-

blico, nem a proposito, entrar n'este momento em qualquer debate sobre as interpellações do respeitavel sr. Vavin...

O ministro é interrompido pelo susurro que se levanta das cadeiras dos deputados.

Julga-se que é mais uma d'essas retiradas altivas que lhe são habituaes; porém levanta a mão, faz comprehender que ainda não começou a fallar.

Então calaram-se.

— O rei, continua elle, acaba de mandar chamar o sr. conde Molé...

Partem estrepitosos applausos das tribunas e interrompem-no.

Espera, com o seu socego habitual, que se acabe esta cruel approvação e prosegue com a sua voz ordinaria:

— O rei mandou chamar o sr. conde Molé para o encarregar da formação de um novo gabinete. Quanto a nós, até ao momento em que resignarmos os nossos poderes, sustentaremos a ordem como temos feito até aqui.

Mal estas palavras foram pronunciadas, a agitação chegou ao seu auge; levantam-se todos, formaram-se grupos animados no hemicyculo, o banco dos ministros foi litteralmente sitiado por uma onda de deputados do centro, que interpellam violentamente o sr. Guizot; as palavras de *covardia* e de traição fazem-se ouvir no meio d'esta maioria abandonada do seu chefe.

Depois estas palavras, *Vamos fallar ao rei, vamos fallar ao rei!* arrastam para fóra da grade quasi metade dos deputados.

No mesmo instante despejaram-se as tribunas.

Todos se apressam a espalhar a noticia que ninguem ainda saberia se não fosse a interpellação do sr. Vavin.

Emquanto ella vae, como um sopro de alegria, passar por cima de Pariz, vejâmos o que faz o rei.

O rei está em pé no vão de uma janella com o sr. Molé. Parece ser estranho ao que se passou.

O terrivel esclarecimento que abalou todas a convicções e mesmo todos os interesses, passou juncto d'elle sem o esclarecer um só momento.

Discute a formação de um novo ministerio com o sr. Molé; porém como está convencido de que a sua politica é incensuravel, digna-se sacrificar os instrumentos da sua politica, mas não a sua propria politica.

— É um passeio de estudantes, disse elle, nada mais.

Inutilmente o sr. Molé lhe quer fazer comprehender que d'esta vez é um duello entre o povo e a realeza. Não obtem nenhuma concessão e retira-se sem ter decidido coisa alguma, ha de tornar a estar com el-rei á noite.

Com effeito, por um momento se pôde crêr que esta concessão bastará para as exigencias populares.

Apenas se espalhou o boato da quéda do sr. Guizot, como se todo este odio pezasse sobre elle só, parece esvaecer-se e perder-se de todos os lados.

Bem inferior era este ministerio no animo de todos para que o ministerio Molé fosse um melhoramento.

Espalha-se este boato pelas quatro horas. No mesmo instante, tudo muda de aspecto, a multidão afflue aos *boulevards*, a confiança está em todos os rostos.

Perguntam se é verdadeira esta noticia, em que não podem acreditar, e depois de se terem mutuamente respondido *sim*, apertam as mãos como se fossem velhos amigos.

Estava-se nos dias curtos e sombrios do anno; ás cinco horas e meia chegou a noite, e no mesmo instante milhares de luzes scintillam nas janellas.

Pariz brilha não só sobre toda a linha dos *boulevards*, mas vê-se ainda accenderem-se na sua profundeza todas as ruas transversaes que lá vão dar.

Ainda não é tudo.

Accendem-se archotes na mão do povo; velas, postas nos canos das espingardas, por baixo das illuminações fixas, fazem uma illuminação movediça. A chuva, que cahio desde pela manhã, pára; o vento, que sopra ha dois dias, acaba. Um cordão de flammas se estende da Magdalena á Bástilha.

No meio d'esta festa, dois canticos se fazem ouvir; a *Marselheza* e o cantico dos *Girondinos*.

Cincoenta annos estão encerrados, por assim dizer, entre estes dois hymnos patrioticos, dos quaes um é a expressão da ameaça e outro da dedicação.

É sobre tudo diante do café do *Grand-Balcon*, essa segunda fachada da Opera-Comica, que a multidão se ajuncta; é ahi que os canticos retumbam mais estrepitosos; é ahi que os applausos se fazem ouvir mais freneticos.

O proprietario abrio todas as torneiras de gaz, fez-se uma erupção de luz, que lançou um reflexo phantastico sôbre todos esses rostos elegres.

CAPITULO XL

São nove horas e meia; a noite promette passar-se n'um longo passeio. Comtudo algumas inquietações circulam ainda entre os animos duvidou.

O ministerio Molé, como se comporá? Realmente existe? Não é uma noticia falsa lançada ao povo para o desarmar?

Uma coisa tranquilisa; é vêr illuminar o palacio Guizot

como as outras casas, e esta illuminação só poder ser dirigida pela mão de um successor.

Um destacamento do 14.º de linha, formado em quadrado em frente do palacio do ministerio e contendo no centro uma centena de dragões, olha para este espectaculo singular forçando o povo a interromper o seu passeio e a descer pela rua Passe-du-Rempart, se queria ir da Magdalena para a rua do Mont-Blanc, ou da rua do Mont-Blanc para a Magdalena.

De repente vê-se avançar, vindo da Bastilha, um bando notavel entre todos quantos se teem visto passar.

É guiado por um homem vestido só com calças azues e camisa; com os braços nús levanta acima da cabeça e da de seus companheiros uma bandeira vermelha; a seu lado veem dois homens com archotes.

Atraz d'elle um outro homem traz, espetado n'um páo comprido, um boneco de palha untado com pez. O boneco arde, e atraz da bandeira de sangue forma como que uma bandeira de fogo.

Duzentos homens do povo, pouco mais ou menos, seguem estas duas bandeiras.

Na altura da porta Saint-Denis, o singular cortejo encontrou um regimento de couraceiros que vinha pelos *boulevards* em sentido inverso: soldados e povo trocam os dois gritos de: *Viva a reforma! abaixo Guizot!*

Depois, cada um segue o seu caminho, os couraceiros para a Bastilha, o cortejo chammejante para a Magdalena.

Aquelles que o veem vir de longe olham para elle com espanto e sentem-o passar com temor.

Adivinha-se que é uma d'essas nuvens prenhes de relampagos, que em seus flancos trazem raios.

Chegando á rua da Paz, uma porção do cortejo destaca-se do grupo principal e perde-se no meio da povoação.

Aquelles que o seguem com a vista podem vêl-o tomar a rua Nova de Sancto Agostinho.

Sem duvida, as duas fracções, separadas por um momento, vão-se tornar a encontrar na Magdalena.

O resto do cortéjo continúa a seguir pelo *boulevard*, deixando atraz de si, como faz um barco de vapor, uma esteira movediça e uma columna de fumo, toda entrecortada de faiscas.

Porém, na altura do ministerio dos negocios estrangeiros, a columa encontra uma das faces do quadrado formado pelo 16.º de linha e pára.

Nos lados e atraz vem uma multidão compacta.

O official que manda o destacamento abre o quadrado, passa e marcha em direcção ao cortejo.

Da sua parte o homem da bandeira vermelha destaca-se do batalhão e caminha para official.

Quaes foram as palavras trocadas entre estes dois homens? Ninguem o sabe.

De repente uma detonação isolada se faz ouvir; o cavallo do commandante empina-se no meio de uma nuvem de fumo; o official entra de um salto no quadrado, a palavra *fogo!* se faz ouvir, duas linhas de espingardas se abaixam, um largo relampago rompe por toda a linha, gritos de agonia retumbam: o *boulevard*, atulhado despeja-se em cinco minutos para a rua da Paz e para a rua Basse-du-Rempart, cujos parapeitos estão quebrados.

As pessoas que estão nas janellas veem então um horrivel espectaculo: cincoenta e dois mortos ou feridos estão estendidos sobre a calçada dos *boulevards;* os cadaveres jazem immoveis, os feridos arrastam-se no sangue.

Duas mulheres estão entre os cadaveres.

D'onde vem esta matança sem advertencia, este assassinato sem intimação?

Como foi que uma linha inteira de homens armados atirou á queima roupa para sobre um montão de homens, de mulheres e de creanças sem armas?

O commandante comprehende qual a funebre responsabilidade que sobre elle vae pezar, quando se vê sósinho sobre o *boulevard* deserto, em frente dos mortos e agonisantes.

Assusta-se, e ordena a um dos seus officiaes que vá dar explicações ao povo.

Explicações! como se uma lingua humana podesse explicar similhante carnificina!

O official parte, escravo da disciplina. Poucas missões teem offerecido um perigo assim. Gérardo, atacando um leão no seu covil, está mais certo da vida do que este enviado o estava da sua.

Passa rapidamente por entre os cadaveres, entra no café Tortoni e dá a seguinte explicação:

« O commandante só deu ordem para calar bayoneta: uma das espingardas estava armada, no movimento disparou-se, toda a linha julgou que se tinha dado a voz de fogo, e fez fogo. »

No momento em que dá esta incrivel explicação, um homem armado com uma espingarda de dois canos, entra no café, aponta ao official e vae matal-o á queima roupa, quando uns guardas nacionaes lhe levantam a espingarda, fazem ao official uma trincheira com o corpo e reconduzem-no ao batalhão.

Ahi encontra-se a mesma columna, mas dizimada. Ella mesma trouxe um carro para levar os seus mortos.

Dezasete cadaveres se amontoam no carro funebre; depois põe-se a caminho, alumiando com os archotes o vehiculo mortuario, que por toda a parte por onde passa deixa um rasto de sangue.

Por toda a parte por onde passa o triste comboio, se grita: *Ás armas!* As lojas e as janellas fecham-se; vê-se agitar na escuridão homens armados, que sahem sem se saber d'onde.

O carro e aquelles que o escoltam dirigem-se para o escriptorio do *Nacional,* gritando: *Ás armas! assassinam-nos! ás armas! ás armas!*

Ahi fazem uma parada de um instante, depois continuam o seu caminho a passos lentos, no meio de uma multidão que se embriaga de vingança a este espectaculo.

De quando em quando os gritos redobram; é que um homem sóbe ao carro, levanta e ergue, de tempos a tempos, o cadaver de uma mulher que tem o peito varado por uma bala; depois, quando a luz vacillante do archote allumia por um minuto a terrivel visão, larga o cadaver que cahe com um estrondo surdo sobre o seu leito de morte.

Por toda a parte por onde passa, o sombrio cortejo semea a vingança; ella crescerá de noite e estará prompta ámanhã para ser ceifada.

Emfim, o carro sahe dos *boulevards* e mette-se nas ruas ainda allumiadas; alcança depois essas ruas escuras, onde o odio é mais encarniçado, pois que a miseria é maior.

Ouvio-se ainda como que um trovão longinquo quando desappareceu.

Sabe-se d'onde vem? Sabe-se onde vae?

CAPITULO XLI

A partir d'este momento, não é a quéda do ministerio que o povo pede, é a quéda da realeza.

Um destacamento da 2.ª legião entrava pela rua Lepelletier, encaminhando-se para o pateo da *mairie*, na rua Chauchat; era seguido por uma povoação inteira bradando: *Ás armas!* e censurando-lhe a sua retirada.

Cada homem tinha a morte no coração e queria marchar, mas o coronel não estava presente.

O commandante da guarda nacional de Saint-Germain, que assistira á scena do *hotel* das Capuchinhas, e que tinha á pressa vestido a farda, corre então para o interior do pateo da *mairie*, onde encontra o sr. Berger com trezentos homens, pouco mais ou menos, e pergunta se querem marchar sobre o hotel das Capuchinhas.

O *maire*, ornado com a sua charpa, hesita um momento; a posição é bastante grave; a partir d'este momento é rebellião.

Porém todo o destacamento grita: Para a frente! Pede cartuxos e os cartuxos são-lhe recusados; bastarão as bayonetas.

Faz-se sahir um tambor, que se affasta na direcção da rua do Faubourg-Montmartre, tocando a rebate.

O destacamento da 2.ª legião sahe, corre para o *boulevard*, apodera-se do posto guardado pelo 14.º, que se retira para o lado do Carroussel.

Ouve-se n'este momento vibrar nos ares o toque dos sinos a rebate.

É a esse duplice som do tambor e do sino, que vibra a derradeira hora d'este dia de fataes peripecias.

24 de fevereiro. — Ouve-se das Tuileries o duplice toque que chama o povo ás armas e Deus ao auxilio do povo.

Pela uma hora da manhã, o rei mandou pela terceira vez chamar o sr. Molé, mas o sr. Molé não appareceu.

Só o sr. Guizot estava firme n'este posto, d'onde o rei não se póde decidir a despedil-o, nem elle se póde decidir a largal-o.

Estes dois homens, que rolám no abysmo commum que um um cavou ao outro, ainda fazem por se illudir, tal é a espessura das paredes dos palacios dos reis, tão bem guardadas contra a verdade estão as suas portas.

Estão descontentes com a fraqueza do general Tiburcio Sebastiani e com a frouxidão do general Jacqueminot.

É mister dar o commando das tropas ao marechal Bugeaud; é mister manchar com o sangue popular o escudo d'Isly.

A nomeação do marechal Bugeaud é assignada pelo rei e rubricada pelo sr. Guizot.

O ultimo acto do homem de Gand será a frecha do Partho.

O rei, vendo que o sr. Molé não vinha, mandára chamar o sr. Thiers.

Pela uma hora e um quarto um porteiro annunciou-o.

O sr. Guizot e elle encontraram-se á porta; o sr. Guizot sahindo, o sr. Thiers entrando.

Estes dois homens, que se saudavam com a polidez de dois inimigos que são cortezes, longe estavam de desconfiar que as suas carreiras estavam terminadas.

O sr. Thiers achou a nomeação do marechal Bugeaud so-

bre a meza; acceitou-a, porém, com a condição de que no dia seguinte se não atacaria nem uma barricada. Porém pede que se lhe una o sr. Barrot.

O rei consentio.

O sr. Thiers pegou então n'uma penna e escreveu esta proclamação:

« Cidadãos de Pariz! Deu-se ordem para se suspender o fogo. Acabamos de ser encarregados por el-rei de compôr um ministerio. A camara vae ser dissolvida. O general Lamoricière está nomeado commandante em chefe da guarda nacional de Pariz.

« São ministros os srs. Odilon Barrot, Thiers, Lamoricière, Duvergier de Hauraune.

« *Liberdade. — Ordem. — União. — Reforma.* »

CAPITULO XLII

A proclamação que deixamos transcripta foi enviada á policia, com ordem de affixar nas esquinas durante a noite.

O sr. Thiers, com essa confiança admiravel que tem em si e que, segundo os tempos, é uma qualidade suprema ou um defeito supremo, o sr. Thiers, que acreditava na sua popularidade e na do sr. Odilon Barrot, não duvidou que, vendo, na manhã seguinte, em todas as esquinas, o seu nome e o do seu collega, os parizienses largassem as armas para baterem palmas.

Retirou-se para sua casa, esperando o dia com toda a segurança.

O sr. Guizot entrou atraz do sr. Thiers; tinha ficado nas Tuileries, o rei esperava-o no seu gabinete.

Affirma-se que estes dois homens, cuja perspicacia, segundo dizem, era tamanha, estiveram ainda uma hora juntos, sem remorsos do passado, sem previsão do futuro.

O poeta latino disse:

«Jupiter cega aquelles que quer perder.»

E comtudo, poder-se-lhes-ia dizer o que se passa em Pariz.

D'esta vez, anoiteceu e amanheceu sem que a cidade adormecesse completamente.

A resistencia vela, organisa um combate para o dia seguinte.

Todos nós vimos esta noite singular em que parecia que um tremor universal, que agitava as calçadas, em um exercito de obreiros silenciosos erguia uma rede de barricadas em que o povo, esse admiravel estrategista, tomava as suas disposições.

Eram as Tuileries que por seu turno estavam cercadas; o ataque, como uma serpente de mil cabeças e de corpo gigantesco, envolvera o palacio real: logo pela manhã cada uma d'estas cabeças soprou fogo.

O sr. Thiers acordou ao som dos tiros de espingarda; a proclamação affixada de noite não estava assignada, e só uma coisa se omittira, fôra mandal-a ao *Moniteur*.

Quem a leu nas esquinas pensou que era novo laço que armavam ao povo.

Mas talvez que a presença dos srs. Thiers e Odilon Barrot faça o que o seu nome não pôde fazer.

Instam com o sr. Odilon Barrot para que monte a cavallo e percorra as ruas; elle hesita, e acaba por declarar que não sabe montar a cavallo.

Pegam n'elle e poem-no na sella; conduzil-o-hão pela redea como Mardocheo.

Durante este tempo, o sr. Guizot sáhe das Tuileries pela portinha da Echelle. Chegando á rua de Rivoli, retumbam dois tiros, cujas balas vão sibilar no atrio do palacio: torna a entrar pela porta do Carroussel e sobe ao estado-maior.

É ahi que o perdem de vista.

Ás sete horas da manhã, o sr. Thiers voltou ás Tuileries; reunio os srs. Duvergier e Hauraune, Crémieux, Lasteyrie, de Rèmusat, de Beaumont e Lamoricière.

É um ministerio, ou para lá se encaminha.

A noticia de que o sr. Bugeaud estava nomeado commandante da praça produzio um effeito tão terrivel, que o primeiro pedido do sr. Thiers foi a sua exoneração.

O rei exonerou o sr. Bugeaud do commando que lhe tinha confiado.

Deu-se ordem para cessar o fogo em todos os pontos, porém conservando as posições.

Pelas nove horas, ouve-se grande rumor no proprio pateo do palacio: as sentinellas chamam-se umas ás outras, pegam nas espingardas, correm para a porta pequena; tres ou quatro tiros acabam de partir da casa situada á esquina da rua de Rivoli e da rua de Echelle.

A vanguarda do povo já lá estava.

A sr.ª duqueza d'Orleans manda fechar as janellas do seu quarto, que dão para a rua Rivoli. Retira-se para os aposentos do rei, mandando vestir seus filhos e leval-os para os aposentos da rainha.

Um momento depois, voltam os guardas com dois presos.

O pateo do palacio está guardado por tres mil homens, pouco mais ou menos, e por seis peças de artilheria dispostas em bateria.

CAPITULO XLIII

Ás dez horas e meia reunem-se para almoçar, como de costume, na galeria de Diana: espera-se um momento pelo rei, que entra risonho; que tem elle a temer agora que o defende o escudo da opposição?

Põe-se á meza e todos se assentam.

Mal começaram a almoçar, abre-se uma porta e vê-se entrar, com desprezo de toda a etiqueta, sem serem annunciados, os srs. de Rèmusat e Duvergier de Hauraune.

São conduzidos pelo sr. de Lanbessein, ajudante d'ordens.

Perguntam pelo sr. duque de Montpensier.

O sr. duque de Montpensier levanta-se fazendo signal com a mão ao rei e á rainha para que se tranquillisassem, porém o signal foi insufficiente; todos estavam em pé, e o rei e a rainha, ao mesmo tempo que o principe, se dirigem para os dois ministros.

— *Sire,* diz o sr. de Rémusat, vossa magestade não sabe o que se passa?

— Então o que se passa? pergunta o rei.

— Aqui, na praça da Concordia, a trezentos passos de vossa magestade, os dragões entregam os sabres, e os infantes as espingardas...

— É impossivel, exclama o rei.

— Perdão, *sire,* disse o sr. de Lanbessein, vio-o eu.

É a primeira vez que a verdade chega a Luiz Philippe.

Ninguem pensa em se tornar a assentar á meza; o rei sáhe com os dois ministros levando comsigo o duque de Montpensier.

A rainha corre atraz de seu marido e alcança-o.

— *Sire*, disse ella, monte a cavallo e morra, se assim é preciso; da varanda das Tuileries, vossa mulher e vossos filhos vos verão morrer.»

O rei, com effeito, monta a cavallo e passa revista ás tropas que se acham no pateo das Tuileries.

A estas tropas estão juntos dois batalhões da guarda nacional.

A linha e a cavallaria gritam: *Viva el-rei!*

Muitos gritos de *Viva el-rei!* sahem tambem das fileiras da guarda nacional, porém são acompanhados de alguns brados de: *Viva a Reforma!*

A rainha e as princezas estão a uma janella e seguem o rei com a vista.

O rei entra.

O sr. Thiers espera-o; a sua esperança foi enganada, a sua popularidade já não está na altura da reforma; pede a presidencia para o sr. Odilon Barrot.

N'este momento, sabe-se que o sr. Odilon Barrot se apresentou nas barricadas, e friamente accolhido, retirou-se.

D'esta fórma, a náo da realeza faz agua por todos os lados; deu algumas horas, tres ministerios são lançados ao mar, e a tempestade continúa.

O rei pega na penna e vae assignar a nomeação do sr. Barrot para a presidencia.

O rei pega na penna e vae assignar a nomeação do sr. Barrot para a presidencia.

O rei, n'este momento, tem junto de si os srs. Thiers e de Rémusat, o sr. duque de Montpensier e o sr. de Lamoricière.

Os srs. Thiers e de Rémusat estão em pé junto do fogão; o duque de Montpensier falla em voz baixa com o sr. de Lamoricière.

O rei está no gabinete.

Ouvem-se descargas de espingarda para o lado do Palais-Royal.

De repente abre-se a porta do gabinete e entra o sr. Girardin.

O sr. Girardin, director da *Presse*, foi encarregado, com os srs. Merruan, redactor em chefe do *Constitucional*, de publicar o decreto que leva ao ministerio os srs. Thiers e Barrot.

O sr. de Girardin está pallido, porém tambem mais socegado do que de costume.

Dirige-se ao rei.

— *Sire*, diz elle, que vae vossa magestade fazer?

— Assignar a nomeação do sr. Odilon Barrot para a presidencia do conselho.

— É muito tarde.

É a segunda vez desde pela manhã que esta palavra é pronunciada diante d'elle.

— *Sire*, já não é uma mudança de ministerio que o povo quer, é uma abdicação. Abdique, *sire*, quando não, d'aqui a uma hora, não haverá na França nem povo nem realeza.

O rei deixa cahir a penna.

— *Sire*, disse o sr. de Girardin, pegando na penna e apresentando-lh'a, se houver um minuto de demora tudo ficará perdido.

O rei parece procurar em torno de si.

— Aqui está a proclamação prompta; mandei-a imprimir d'ante mão, disse o sr. de Girardin.

E apresenta ao rei um papel em que se lê esta curta abdicação:

Abdicação do rei.
Regencia da duqueza d'Orleans;
Dissolução da camara;
Amnistia geral.

O rei hesita.

O duque de Montpensier approxima-se.

— Em nome da França, *sire*, abdique, disse elle.

— Pois bem! abdico, disse o rei, pois que assim o querem, abdico.

A vossa palavra, *sire*, disse o sr. Girardin.

— Está dada, responde o rei.

O sr. de Girardin não pede mais nada, desce os degráos a quatro e quatro, sáhe das Tuileries correndo, e chega á barricada da rua de Saint-Honoré.

— Abdicação! brada elle: abdicação! el-rei abdica.

— Isso está escripto! Está impresso? Está assignado? perguntam. Onde está o auto?

— Vae ser-vos logo apresentado.

— Não será ainda para nos enganar? Não é uma nova astucia? Não é um novo laço?

— Não, pela minha cabeça!

— Bem, passe.

O sr. de Girardin passa com um soldado, corre ao fogo; ouve os tiroteios sibilar na praça do Palais-Royal e ahi corre; porém ahi, nao só a difficuldade é maior, mas o perigo mais forte.

O tiroteio cobre-lhe a voz, as balas sibilam em torno d'elle.

— Abdicação! abdicação! brada elle.

Alguns combatentes suspendem-se,

Está escripta?

— O rei assigna-se n'este momento.

— Tragam-nos a abdicação assignada e então veremos.

O combate recomeça.

Com effeito, durante este tempo, o rei escreve estas palavras, triste e derradeiro autographo que restará da mão real:

« Abdico em favor de meu neto, o conde de Pariz. Desejo que seja mais feliz do que eu. »

E assigna.

O general Lamoricière pega na folha de papel e parte por seu turno.

O filho do almirante Baudin corre atraz d'elle, encarregado de egual missão.

Um irá á praça do Palais-Royal, o outro á da Revolução.

CAPITULO XLIV

N'este momento annuncia-se ao rei que o marechal Gérard, que elle mandou chamar, está ás suas ordens.

Ha dois annos que o rei não vê este velho amigo; porém na hora do perigo lembrou-se d'elle e mandou-o chamar.

— Que entre! que entre! exclama o rei.

E corre ao seu encontro.

— Oh! meu marechal, disse o rei todo tremulo de commoção, só o senhor nos poderá tirar d'este embaraço.

— *Sire*, só tenho a minha vida para offerecer á vossa marechal, porém pertence-lhe.

— Vá ter com essa *gente*, marechal, e diga-lhe que abdico.

— Mande-me dar um cavallo, *sire*.

A ordem foi transmittida; porém tinham todos a cabeça tão perdida que não poderam achar outro cavallo senão aquelle em que o rei tinha sahido. Trazem-no ao marechal, todo jaezado com franjas d'oiro.

Com o seu *paletó* e chapéo redondo, monta a cavallo, sahe pela grade grande das Tuileries, atravessa a praça do Carroussel, com um ramo verde na mão. Mas, como não ha no dia 24 de fevereiro arvores verdes senão os cyprestes, é com um ramo de cypreste que elle se dirige para o meio da sedição.

N'este momento chega á extremidade da rua de S. Thomaz do Louvre.

Ahi está um grande ajuntamento, reconhecem o marechal Gérard, gritam: *Viva o marechal Gérard!*

— Meus amigos, disse elle, trago-vos uma boa nova, e em que podeis acreditar: el-rei abdicou em favor do sr. conde de Pariz.

Porém nenhuma acclamação rompe a esta noticia. Gritam: *Viva o marechal Gérard!*

E gritando *viva o marechal Gérard!* a multidão impelle-o para a praça do Carroussel em que começa a reapparecer.

Então os soldados, que estão acampados na praça, retiraram para as Tuileries e fecham as grades.

Nem mesmo o marechal póde entrar para dar conta ao rei da sua missão; entende que tudo está acabado, apea-se do cavallo real que abandona como trophéu á multidão, e sáhe pela porta á borda d'agua.

Lomoricière foi ainda mais infeliz; fizeram fogo sobre elle, uma bala lhe atravessou a mão.

Além d'isso, um homem do povo, encostou-lhe a bocca da espingarda a um lado e deu ao gatilho.

A espingarda não desengatilhou.

O filho do almirante Baudin não achou senão um fraco echo na praça da Revolução, além d'isso o combate está quasi acabado para este lado.

Em quanto os embaixadores da realeza moribunda são mal succedidos nos quatro pontos, o rei despe a farda, tira o cordão, põe a espada sobre uma meza e veste o seu fato á paizana.

A rainha olha para esta mudança, pallida, immovel.

Conhecia-se que a altiva filha de Carolina, em que o sangue dos Bourbons se não alterou, gostaria mais de o vêr assim despojado para o tumulo do que para a fuga.

Volta-se para o sr. Thiers:

— Veja a sua obra, senhor, disse ella; foi o senhor quem fez isto.

O sr. Thiers comprehendeu qual o respeito que era devido a esta magestade decahida, não respondeu.

— Cavallos, disse o rei.

— Traziam-nos, quando o picador e os dois primeiros cavallos foram mortos, lhe respondem.

— Então nada de carruagem?

— Estão duas na Pont-Tournant, *sire;* duas carruagens alugadas, com criados sem librés e sem armar; é mais simples.

— Então, partamos!

O rei torna atraz, pega nas suas chaves, abre uma gaveta, procura como um homem cuja razão se perturba, ergue-se e entrega-se as chaves ao sr. Fain, dizendo:

— Esperará ás minhas ordens.

O sr. Crémieux approxima-se do rei.

— Já se entende, *sire*, que a regencia é da sr.ª duqueza d'Orleans?

— A regencia é do sr. de Nemours, disse o rei; uma lei

lh'a concedeu. Agora, violem a lei se assim o quizerem. Vamos, partamos, partamos!

O rei sáhe com a rainha pelo braço.

Seguem-no.

Toma pelo subterraneo que o Imperador mandára fazer para o rei de Roma, quando ia de passeio, segue pelo terrado da beira do rio e desce para o hemicyclo.

Ali, passa perto de um monte d'areia, sob o qual acabam de enterrar á pressa tres cadaveres, derradeira venia á realeaa, que não querem contristar com a vista do sangue, e sáhe pela porta que dá para o Pont-Tournaut.

Ali, acha-se no meio da povoação misturada com as tropas.

Parecia despedaçado e encostava-se á rainha, em logar de a rainha se encostar a elle.

A rainha levava a cabeça levantada e direita: de seus olhos partiam chammas.

Muitos gritos se fizeram ouvir em resposta a esta interpellação.

— Logar, logar a um grande infortunio! bradaram muitas vozes.

Tres quartas partes diziam: *Viva a Reforma! viva a França!* Alguns diziam: Viva el-rei!

O grupo caminhou assim até ao asphalto do Obelisco.

Ahi parou como que hesitando.

Immediatamente a multidão se estreitou em redor d'elle.

Achou-se comprimido por uma muralha viva.

O rei pareceu assustar-se.

Tinha de que, ainda que só fosse por comparação.

A dez passos do sitio onde se achava, o filho de Philippe Egualdade, a cabeça de seu pae rolára no cadafalso.

Então o rei largou o braço da rainha, tirou o chapéo e pronunciou uma phrase que não foi ouvida.

A pouca distancia estavam paradas duas carruagens em que o rei não tinha reparado, sem duvida por causa da sua pobre apparencia.

Era comtudo o unico meio de fuga que lhe restava.

Duas creanças os esperavam na primeira d'estas duas carruagens, com os rostos encostados aos vidros; as portinholas abriram-se; o rei tomou o lado esquerdo, a rainha o lado direito.

A duqueza de Nemours subio para a segunda.

Os cocheiros fustigaram os cavallos que levaram os dois *coupés* pela estrada de Saint-Cloud.

—Ah! está aqui, disse alguem ao sr. Crémieux; que está aqui fazendo?

—Acabo de metter a realeza em carruagem, respondeu elle.

CAPITULO XLV

Em quanto o rei, a rainha e a sr.ª duqueza de Nemours fugiam pelos caes, em quanto a sr.ª duqueza de Montpensier errava perdida por entre a multidão, a sr.ª duqueza d'Orleans no meio de um pequeno grupo de fieis, composto do general Gourgaud, do sr. de Montguyon, do duque d'Elchingen e do sr. Asseline, aguardava noticias.

Achava-se separada do rei e da rainha desde a scena do almoço.

No momento em que o marechal foi repelido para o Carroussel, a multidão espalhou-se.

Desde logo se ouviram dois tiros de peça e o tiroteio retumbou pór toda a linha.

O rei podia então estar a meio caminho do jardim das Tuileries:

O Carroussel, que estava cheio de gente, despejou-se n'um momento.

A duqueza d'Orleans soltou um grito.

— Mas, disse ella, eu ouvi o rei dar ordem que cessasse o fogo?

— Com effeito, deu-se essa ordem, respondeu um dos officiaes; mas esqueceram-se certamente de a transmittir aos soldados do palacio.

— General, disse a princeza ao sr. Gourgaud, o senhor que está com farda de official general, corra a dar ordem ás baterias para que sustem o fogo.

O general Gourgaud correu, appareceu por um momento no pateo e deu a ordem.

Os morrões dos artilheiros foram apagados, os soldados da linha descançaram armas.

N'este momento entra um porteiro e diz á sr.ª duqueza d'Orleans:

— O rei e a rainha partiram.

— Como, partiram?

— Partiram; o rei é o sr. conde de Pariz e vossa alteza regente.

— E o rei não achou outra pessoa para me annunciar similhante noticia?

O porteiro inclinou-se.

— Sr. de Boismillon, disse a duqueza, vá vêr e procurar: talvez que encontre alguem; é impossivel que me deixem só com similhante responsabilidade.

O sr. de Boismillon obedeceu, atravessou os quartos solitarios e voltou dizendo:

— Ninguem, sr.ª duqueza.

— Pois bem. disse ella, vou-me assentar, com os meus dois filhos nos braços, debaixo do retrato de meu marido; quem me vier procurar para me fazer regente ou para me matar ahi me encontrará.

No momento em que se retirava, entrou o sr. Dupin.

— Ah! senhor, disse ella correndo para elle, que me annunciará? que me dirá?

— Dir-vos-hei, senhora, que póde ser que sejaes chamada a desempenhar o papel de Maria Thereza.

— Disponde de mim, senhor, a minha vida pertence á França e aos meus filhos.

— Então, partamos, partamos depressa; não ha tempo a perder:

— Para onde?

— Para a camara.

— Sigo-o; venham, senhores.

Estas palavras endereçavam-se a esse fraco grupo de fieis que mais acima designamos.

N'este momento entrou o sr. duque de Nemours.

Tinha ficado para acompanhar sua cunhada, e resignar em seu favor os seus poderes de regente.

O cortejo pôz-se em marcha.

No momento em que sahia pelo pavilhão do Relogio, o povo entrava pela grade do Carroussel e pelas portas que abrem para os caes e para a rua de Rivoli.

A duqueza d'Orleans levava o conde de Pariz pela mão, um ajudante de campo levava o duque de Chartres.

Um criado chamado Hubert seguia-os a alguns passos.

No meio da ponte da Concordia, o conde de Pariz cahio; não tinham tido tempo de lhe atar os cordões dos sapatos, e um d'elles ia de chinello. A creança ergueu-se, sem se ter magoado.

Não era um accidente, era peior, era um presagio.

Em quanto a sr.ª duqueza d'Orleans entra na Camara, lancemos um olhar para o que se passa no Château-d'Eau, e sobre o que se vae passar nas Tuileries.

Vimos o sr. Girardin ser mal-succedido na praça do Palais-Royal; vimos o general Lamoricière repellido da rua Saint-Honoré; vimos o marechal Gérard reconduzido ao Carroussel.

O centro d'esta triplice resistencia era na praça do Palais-Royal.

Era ali que a realeza abalava ainda Pariz com as derradeiras extorções da sua agonia. Era ali que o vulcão popular vomitava as suas derradeiras flammas.

O governo de Luiz Philippe tinha mandado fortificar o Château-d'Eau com grande cuidado; comprehendia que era, em termos de fortificação, uma das obras avançadas das Tuileries.

As portas não podiam ser arrombadas senão pela artilheria ou pelo povo, essas duas forças que tudo destroem.

Ali o combate durou perto de cinco horas.

O povo apoderára-se do Palais-Royal e fazia fogo das janellas.

O povo tinha levantado barricadas e fazia fogo atraz d'ellas.

Que de maldições se proferiram, que de promessas de vingança foram feitas durante cinco horas!

No meio das balas, que se cruzam sibilando, rodeiada pela chamma que rebenta de todas as janellas, uma joven vae buscar os feridos, leva-os para sua casa e tracta-os. Parecia que não pertencia a este mundo, ou pelo menos que era invulneravel.

Este anjo do campo da batalha, de quem os scandinavos teriam feito uma quarta Valkivia, era *mademoiselle* Lopez, artista do Odéon.

Em quanto as paredes do Château d'Eau se embranqueciam sob as balas, em quanto o chão da praça se avermelhava sob o sangue, o povo entrava nas cavallariças do rei e queimava na praça do Carroussel as carruagens do paço.

De repente retumbou o grito:

— Fogo! fogo no Château-d'Eau!

O povo, com essa rapidez da intenção que só a elle pertence, comprehende que acaba de encontrar o unico auxiliar que o póde fazer vencedor; prende-se ás carruagens em chammas, impelle-as, arrasta-as, desemboca com ellas na praça do Palais-Royal, arruma-as em roda do bastião; rola um tonnel d'agua ardente para o meio da cratera, lança os moveis pelas janellas do palacio Égalité, levanta-se uma fogueira, a flamma augmenta, o vento deita-a para as paredes, agarra-se a tudo quanto póde apanhar, lança-se ás portas e ás janellas, queima a madeira, põe em braza o ferro, e victoriosa, rugindo, mortal, penetra por todas as aberturas. Os tiros vão-se pouco a pouco acabando; o incendio matou-os.

Toda a historia que acabamos de contar está escripta na faxada ennegrecida pelo fumo, crivada pelas balas.

Ide vêr esta pagina de pedra, e podereis comprehender o que a lucta foi.

Porém está terminada, a populaça dirige-se para as Tuileries; mas chega tarde, porque ha duas horas que as Tuileries estão tomadas.

Verificou-se o momento em o que o palacio foi tomado.

Um dedo quasi tão poderoso como o de Deus suspendeu o tempo; um homem subio ao relogio e quebrou a pendula.

E a pendula impassivel e inexoravel marcou a hora da victoria do povo e a quéda da realeza:

Uma hora e meia.

CAPITULO XLVI

Em quanto o duque de Nemours, a duqueza d'Orleans, os jovens principes, os ajudantes de campo e os secretarios sahiam pelo pavilhão do centro, o povo, como dissemos, entrava pela grade, pelo caes e pela rua Rivoli.

Correu para o palacio.

Desde 10 de agosto de 1792, é esta a terceira vez que elle toma á realeza esta ultima fortaleza em que se abriga.

Duas vezes a realeza lh'a retomou.

O numero tres é cabalistico e sagrado; d'esta vez ha de conserval-a.

No entretanto, passa como torrente, como um incendio, como uma lava; crystaes, vazos da China, moveis de Boule, secretarias marchetadas da marfim ou de agatha, quebra tudo, tudo, menos os quadros que *elle não poderia tornar a fazer*.

Foi elle mesmo que proferio estas palavras; sublime confissão de incapacidade, sublime reconhecimento do talento.

De repente retumbou uma descarga.

Um busto de Luiz Philippe vôa em estilhaços sob vinte balas; o rei, julgado por contumacia, acaba de ser executado em effigie.

Onde parará esta torrente? Onde achará um obstaculo? Onde poderá apagar-se este incendio?

Diante de uma recordação.

Diante do aposento do principe a quem amou, á porta do quarto do duque d'Orleans.

Ahi vae morrer a onda que por toda a parte açoita as paredes, rola, espalha-se, quebra, excava, anniquila.

Ah! enganamo-nos, ainda ha uma coisa que se respeita, é o oiro, as joias, os diamantes.

Homens cobertos de andrajos fazem sentinella a milhões, em quanto que outros homens tambem esfarrapados lançám o throno pélas janellas.

Eis aqui o que se passava durante esta hora cheia de acontecimentos.

Os deputados tinham-se reunido ao meio dia.

Dez minutos depois da abertura da Camara, entrou o sr. Thiers.

Trazia o chapéo na mão e vinha com o rosto transtornado.

— Então? lhe perguntam de todos os lados, é ministro?

— A maré enche, enche! disse elle levantando o chapéo acima de todas as cabeças.

Com effeito, a maré enchia, com effeito a vaga popular devia, antes do fim do dia, cobrir todos os rostos, passar por cima de todas as cabeças.

Perguntam de todos os lados pelo sr. Odilon Barrot.

O sr. Barrot não estava na sala.

Muitas pessoas o tinham visto passar:

Pela manhã a cavallo;

Pelas onze horas de carruagem.

Ao meio dia a pé.

D'esta vez, parecia prostrado de fadiga e sobre tudo de desalento.

Acabavam de lhe fazer beber as proprias fezes da sua popularidade.

O sr. Carlos Laffitte sóbe á tribuna e pede que a Camara

se declare em sessão permanente em quanto durassem aquellas circumstancias especiaes.

Um official approxima-se do presidente e falla-lhe ao ouvido.

— Senhores, disse o presidente, annunciam-me que a sr.ª duqueza d'Orleans vae entrar na Camara.

Os porteiros apressam-se logo a trazer para ao pé da tribuna uma poltrona e duas cadeiras.

Abre-se a porta da Camara que fica em frente do presidente; a sr.ª duqueza d'Orleans desce o declive que conduz d'esta porta para a tribuna e assenta-se na poltrona, os dois jovens principes tomam a seu lado logar nas cadeiras.

Uma fraca escolta, composta do duque de Nemours, com farda de official general, de ajudantes de campo e de guardas nacionaes os acompanha.

Grande silencio se faz na Camara, silencio de expectativa, sobre tudo de inquietação.

Nenhum deputado pede a palavra.

O sr. Lacrosse levanta-se.

« — Falle, sr. Dupin, disse elle, falle, pois que é o senhor que traz o sr. conde de Pariz á Camara.

« — Mas, disse o sr. Dupin, eu não pedi a palavra.

« — Não importa, não importa, o tempo urge, é mister sabermos em que ficamos! exclamam de todos os lados. Á tribuna! á tribuna »

O sr. Dupin, arrebatado por assim dizer por uma força moral, sóbe á tribuna.

« — Senhores, disse elle, conhecem a situação da capital' as manifestações que tiveram logar: o seu resultado foi a abdicação de sua magestade Luiz Philippe, que declarou ao mesmo tempo que largava o poder e que o transmittia livremente ao sr. conde de Pariz, com a regencia da sr.ª duqueza d'Orleans.

Os centros accolhem estas palavras com vivas acclamações; ouvem-se retumbar os brados de: *Viva o rei! viva o conde de Pariz! viva a regencia!*

O sr. Dupin desce da tribuna.

Chamam de todos os lados o sr. Barrot, que não estava na sala.

« — Peço, disse o sr. Dupin do seu logar, que em quanto não chega o auto de abdicação que, segundo toda a probabilidade, o sr. Barrot ha de trazer, a Camara mande inscrever na acta as acclamações que acompanharam até aqui, e saudado no recinto d'esta Camara, o conde de Pariz como regente, com a garantia do voto nacional.

« — Senhores, responde o presidente, parece-me que a Camara, pelas suas acclamações unanimes... »

A estas palavras do sr. Sauzet, que parecem indicar certas habilidades no genero das de 1830, vivos protestos se levantam do extremo e sobre tudo das tribunas.

Abrem-se as portas com violencia; são os guardas nacionaes que as arrombam, repellindo os porteiros e penetrando na Camara.

A onda, que parece dever invadir tudo, suspende-se comtudo diante da sr.ª duqueza d'Orleans e de seus filhos.

Trocam-se interpellações entre o sr. duque de Nemours e os recem-chegados, que recuaram até ao pé das escadas da tribuna.

N'este momento, o sr. Manuel Arago empurra o sr. Mario, dizendo-lhe:

— Falle! falle!

É com effeito occasião para fallar pró ou contra; a occasião é suprema, o segundo que passa vae pôr a corôa sobre a cabeça do neto de Luiz Philippe, ou o impella para sempre não só para longe da dynastia, mas para fóra da França.

O sr. Mario sobe com effeito á tribuna; mas em balde pede o silencio, não póde obtel-o e dá um passo á rectaguarda.

CAPITULO XLVII

No meio do tumulto, o sr. de Lemartine ergue-se e estende a mão; este gesto só obtem o que o sr. Mario não pôde obter.

« — Peço, disse o sr. de Lamartine, peço ao sr. presidente que suspenda a sessão, não só pelo respeito que nos inspira de um lado a representação nacional, mas pela presença da augusta princeza que se acha perante nós. »

Gritos differentes se fazem ouvir: Não! não! não! Sim!

« — A camara vae suspender a sessão, disse o sr. presidente, até que a sr.ª duqueza d'Orleans se tenha retirado. »

O duque de Nemours e muitos deputados approximam-se da princeza.

É facil vêr que insistem para que sáhia da sala, porém recusa-se obstinadamente; entende que, se se retirar, tudo ficará perdido para ella e para seu filho.

« — A sr.ª duqueza d'Orleans deseja ficar, » disse o sr. Lherbette ao presidente.

O sr. Mario continúa a estar na tribuna, e a sr.ª duqueza d'Orleans e seus filhos no hemicyclo; mas, em logar de estarem assentados, estão em pé.

O sr. Mario chega a obter um pouco de silencio.

« — Senhores, disse elle, na situação em que se acha Pariz cumpre-nos tomarmos uma medida que possa ter auctoridade sobre a povoação.

« Desde manhã, o mal tem feito immensos progressos; que partido tomareis? Ainda agora proclamava-se como regente a sr.ª duqueza d'Orleans: porém uma lei dá a regencia ao sr. duque de Nemours, e n'este momento não podeis fazer uma lei.

« O melhor é nomear um governo provisorio, não para dar instituições, mas para tractar com as duas Camaras de satisfazer ao voto do paiz. »

Estas palavras do sr. Mario são recebidas com acclamações, as quaes fazem estremecer a sr.ª duqueza d'Orleans, que comprehende que não só não sustentam a regencia, mas que até a atacam.

O sr. de Crémieux sobe á tribuna sem que o sr. Mario tenha descido, colloca-se juncto d'elle e diz:

« — Para interesse da salvação publica, é necessaria uma grande medida; importa que todos estejam de accordo para se proclamar um grande principio e dar ao povo garantias sérias. Não façamos o que fizemos em 1830, pois o que então se fez foi mister recomeçal-o em 1848. »

Os applausos das tribunas interromperam o sr. Crémieux.

« — Instituamos immediatamente um governo provisorio, não para regular o futuro mas para restabelecer a ordem no presente.

« Tenho o maior respeito pela sr.ª duqueza d'Orleans, e eu mesmo ainda agora acompanhei a familia real á carruagem que a levou.

« A povoação de Pariz mostrou o mais profundo respeito pelo infortunio do rei; porém nós, que fomos aqui mandados para fazer leis, não as podemos transgredir.

« Ora, uma lei já votada dispõe da regencia, e não admitto que possa ser derrogada n'este momento.

« Acreditai-me, pois que chegámos a passar por uma revolução quando só queriamos uma simples mudança de politica, confiemo-nos ao paiz, saibamos aproveitar os acontecimentos, não deixemos aos nossos filhos o trabalho de renovar esta revolução. Peço a instituição de um governo provisorio, e proponho que seja composto de cinco membros.

— Apoiado! apoiado! bradam dos extremos e das tribunas.

N'este momento apparece o sr. Odilon Barrot.

Todos os olhos se volvem para elle; os da sr.ª duqueza de Orleans como os outros. Este homem, que o rei por tanto tempo olhou como seu inimigo, é a derradeira esperança da regencia.

O sr. Odilon Barrot dirige-se para a tribuna; está abatido, parece comprehender que já não tem as sympathias d'essas massas que invadiram a Assembléa.

O povo de fevereiro já para elle não é o que era o povo de julho; um sentimento instinctivo lhe revela que a sua popularidade decahio.

Traz a abdicação do rei, cujo throno o povo despedaçou violentamente, traz a uma creança uma corôa arrancada pela força da cabeça de um ancião.

Hesita, teme.

O sr. de Genoude o precedeu na tribuna; reclamam a palavra para o sr. Barrot, que pede por um signal que escutem o seu collega.

Talvez que tire algumas inspirações do discurso do seu predecessor, ao menos terá tempo de se tranquillisar.

O sr. de Genoude exige o concurso do povo.

Desprezaram, pozeram em esquecimento este principio em 1830, disse elle; vêde o que hoje nos acontece.

O sr. Odilon Barrot toma a palavra. Um silencio religioso se estabelece como por encanto.

« Nunca, disse elle, precisámos de mais sangue frio e patriotismo.

« Oxalá que nós todos nos unamos n'um mesmo sentimento, o de salvar o nosso paiz do mais detestavel dos flagellos, a guerra civil.

« Bem sei que as nações não morrem, mas enfraquecem-se pelas dissensões intestinas, e nunca a França teve mais precisão de todas as suas forças vivas, do auxilio de todos os seus filhos.

« O nosso dever está traçado: tem felizmente essa simplicidade que seduz uma nação, dirige-se á sua coragem e á sua honra. A corôa de julho descança sobre a cabeça de uma creança e de uma mulher. »

O centro interrompe o sr. Barrot com os applausos.

A este signal de sympathia, a duqueza d'Orleans ergue-se e faz um cumprimento, dirige depois algumas palavras ao joven principe, que se levanta e cumprimenta por seu turno.

O sr. Ledru-Rollin pede a palavra.

O sr. Barrot continúa:

« Fallo em nome do paiz e da verdadeira liberdade. Eis aqui, quanto a mim, qual é a minha opinião. Não poderia tomar a liberdade de outra situação. »

O sr. de La Rochejaquelin que, havia algum tempo, se achava prompto para succeder ao sr. Barrot na tribuna, toma o logar d'este sem achar a menor tentativa de resistencia.

O sr. Odilon Barrot desce da tribuna, onde tantas vezes subio para atacar, e onde acaba de subir inutilmente para defender.

« — Ninguem mais do que eu, disse elle, respeita e sente

profundamente o que ha de bello em certas situações; não estou na minha primeira prova.

« Senhores, cabe áquelles que sempre no passado teem bem servido os reis, fallar hoje do paiz, fallar dos povos. »

O sr. de La Rochejaquelin é interrompido por signaes de approvação.

« Hoje, continúa elle levantando a voz, não são aqui nada, ouvem? Nada. »

A estas palavras, que terminam tão violentamente a sua carreira politica, os centros protestam por gritos furiosos.

« — Senhor, disse o presidente dirigindo-se ao orador, está fóra da ordem; chamo-o á ordem. »

« — Permitta-me que falle, » replica o sr. de La Rochejaquelin.

Com effeito, o orador vae para continuar, porém o seu gesto e as suas palavras ficam suspensas.

CAPITULO XLVIII

É que n'este momento uma multidão de homens armados, guardas nacionaes, estudantes e operarios, entram na sala e se encaminham para o hemicyclo: uns trazem bandeiras, outros vem munidos de sabres, pistolas e espingardas, e alguns trazem chuços ou trancas de ferro.

A duqueza d'Orleans, cujo primeiro sentimento fóra conservar-se immovel, ainda que devesse ser engolida por esta

maré armada, é arrastada por aquelles que a rodeiam, e vae procurar, no sitio mais alto da Camara, um ponto onde a cheia talvez não chegue.

Esta multidão solta gritos violentos.

« Nada de regencia! não queremos rei! não queremos rei! »

Uma voz brada: *Viva a Republica!*

Ignora-se quem soltou este grito, pronunciado pela primeira vez no recinto em que ainda se acham reunidos os derradeiros despojos da monarchia, e que vae, n'um momento achar ali echo tão forte.

A este grito, a perturbação e a confusão chegaram ao seu auge.

Segundo bando hostil se dirige para as portas, e não achando logar, sobe ás tribunas, em que logo apparece.

Um homem armado com uma espingarda se debruça na balaustrada e faz pontaria ao sr. Sauzet.

O sr. Sauzet desappareceu debaixo da secretária como se a terra acabasse de se abrir debaixo de seus pés.

Consignemos esta desapparição; será provavelmente o derradeiro acto politico do respeitavel presídente.

No mesmo instante, outros homens, armados como os primeiros que invadiram a sala, apparecem á porta do centro, juncto da qual está a sr.ª duqueza d'Orleans, e que é o seu unico retiro.

Trava-se uma especie de lucta entre os officiaes que cercam o sr. duque de Nemours, a duqueza e os invasores.

A mãe do conde de Pariz sente pôrem-lhe as mãos no pescoço.

O homem que levantou as mãos para ella é arrastado violentamente para longe; porém a duqueza, quando levantou as mãos para se desembaraçar, largou os dois jovens príncipes e a torrente levou-os para longe de si.

Então o grupo separa-se em duas fracções bem distinctas, que descem cada uma por um dos corredores circulares que vão dar á sala grande que deita para a praça Bourbon.

A duqueza d'Orleans não faz parte d'estes grupos, ficou atraz para procurar seus filhos.

Uma d'estas fracções compõe-se de officiaes e de paizanos, que cercam um mancebo alto, louro, pallido e meio nú. É o sr. duque de Nemours, que troca as calças e a farda, por umas calças pretas e um *paletó*, que lhe deram á pressa.

A outra fracção é composta de uma duzia de guardas nacionaes, no meio dos quaes se nota um homem de estatura collossal que leva o conde de Pariz apertado contra o peito. Aperta o menino de tal modo, que se não póde saber. á primeira vista, se o salva se o afoga.

O menino, assustado, não pronuncia senão esta interrogação:

— Que é isto, senhor? o que é isto?

Atraz do principe vae o seu criado grave, Hubert, que o não larga, e supplica ao guarda nacional que lhe entregue o menino.

— Prometti salvar o principe, hei de salval-o, responde o guarda.

Chegando á porta da sahida, conhecem que está fechada: correm á janella, abrem-a. Esta janella tem oito a dez pés de altura.

O guarda nacional sobe á janella e offerece-se para saltar com o principe. O criado suspende-o, pede-lhe com instancia para saltar primeiro: dizendo-lhe que lhe dará o menino quando elle estiver no chão.

— Restituir-m'o-ha? pergunta o guarda.

— Dou a minha palavra.

Hubert salta, recebe o principe; o homem salta por seu

turno, o grupo faz outro tanto, e affasta-se correndo atravez do jardin.

Durante este tempo desappareceu o sr. de Nemours.

N'este momento chega a sr.ª duqueza d'Orleans; está descansada sobre a sorte do duque de Chartres. Um porteiro o levantou no momento em que elle cahio e o conduzio a sua casa.

Tranquillisam-na sobre a sorte do conde de Pariz, que ainda se póde vêr pela janella que tinha ficado aberta.

Consente então em se retirar para os salões da presidencia, em que o sr. Sauzet a recebe.

Comtudo, é mister fugir; pensam por um momento em tomar uma das carruagens, que estavam estacionadas diante da Camara; porém as carruagens estão rodeiadas de uma multidão de povo armado, cujas intenções não são conhecidas; mais vale pois fugir pela praça Bourbon e pela rua da Universidade.

Durante este tempo fugiram os daputados.

A sala das sessões está invadida pelo povo.

Ficaram cinco ou seis membros da antiga representação nacional.

É o sr. Dupont (de l'Eure), a quem pozeram na cadeira da presidencia; são: os srs. Lamartine, Ledru-Rollin, Garnier-Pagés, Mario, Crémieux e La Rochejaquelin.

O sr. de Lamartine está collocado, por uma singular vontade do acaso, entre um homem do povo de barba comprida, chapéo amolgado, jaleco cordido que parece um modelo de officina.

Este, assentado á direita do auctor das *Meditações*, está encostado com ambas as mãos sobre uma comprida espada: representa o povo na sua ultima expressão.

Á direita do deputado de Mâcon está o conde Henrique de La Rochejaquelin, que representa a nobreza historica.

É assim como que uma transfiguração.

A sala apresenta então um espectaculo singular, e que póde recordar o dos dias mais tempestuosos de 1793.

Todos os sabres estão desembainhados, todas as espingardas ameaçam, todas as boccas fallam ao mesmo tempo.

Reina grande confusão.

Entre toda esta multidão, não fallando nos deputados, que estão agrupados na tribuna, contam-se cinco ou seis homens vestidos de casacas ou sobrecasacas, oito ou dez guardas nacionaes, e um só official; todo o resto é puramente popular.

Tentam então proclamar os nomes dos membros do governo provisorio. Dupont (de l'Eure), Arago, Lamartine, passam por unanimidade e sem a menor opposição. Ledru-Rollin, que foi quem leu os nomes, foi proclamado o quarto.

Aos nomes dos srs. Mario, Bethmont, Crémieux, trava-se uma viva discussão.

As vozes da multidão cobrem a do sr. Ledru-Rollin, que é obrigado a escrever successimente os nomes de Garnier-Pagés e de Crémieux, de Bethmont e Mario.

Os dois primeiros são proclamados por uma grande maioria.

Então brada uma voz: *Á casa da Camara!*

Com effeito, o governo provisorio é nomeado pelo povo; só lhe resta uma coisa a fazer, è ir ao palacio do povo.

Lamartine é o primeiro que desce.

Vae acompanhado por quatro ou cinco pessoas: são os srs. Laverdan, Cantagrel, da *Democracia pacifica*, o sr. La Rochejaquelin, e o official da guarda nacional de que já fallámos.

Chegando á sala dos Passos-Perdidos, alli espera perto de dez minutos pelos seus collegas.

Vem finalmente o sr. Dupont (de l'Eure), sustentado por duas pessoas, e depois os srs. Ledru-Rollin e Crémieux.

O sr. Garnier Pagès já partio para a casa da camara.

Trazem um cabriolet e fazem subir para elle o sr. Dupont (de l'Eure), que caminha com custo. Dois homens do povo, armados, sobem com elle; outros dois agarram-se aos varaes, um quinto sobe á trazeira com uma bandeira vermelha na mão.

Os outros membros do governo provisorio caminham na frente, a pé e quasi sem escolta.

Diz-se que ao passarem pelo caes, diante do quartel d'Orsay, se ouvira além das grades assim como que um susurro de ameaça.

Lamartine fez abrir a porta, entrou até ao pateo, mandou buscar uma garrafa e um copo, encheu o copo, chegou-o aos labios e disse levando-o acima da cabeça:

— Amigos, eis aqui o banquete que vos tinhamos promettido.

Depois, o cortejo continuou o seu caminho para a casa da camara.

CAPITULO XLIX

Havia já muito tempo que a casa da camara estava tomada e guardada pelo povo armado.

Duas ou tres peças de artilheria estavam assestadas na praça.

A casa da camara é as Tuileries do povo.

O conselho municipal delibera no meio do povo, n'uma sala grande com tecto de carvalho esculpido, d'onde pendem grandes lustres d'oiro, onde estão collocadas tres ordens circulares de secretárias com poltronas de velludo azul.

Soube-se successivamente tudo quanto se passou.

A regencia da duqueza d'Orleans;

A quéda do rei.

Ainda se ignora a proclamação da Republica e a formação do governo provisório.

O sr. Garnier Pagés acaba de ser nomeado *maire* de Pariz e os srs. Recurt e Guinard primeiro e segundo adjunctos.

O sr. Garnier-Pagês pede para se retirar para longe do tumulto para tomar de sangue frio as medidas deliberativas que a situação exige.

Os srs. Recurt e Guinard acompanham-n'o.

Toda a sala é deixada ao povo, que fluctua sem saber ainda o que se passa.

Mas no meio d'esta multidão está um homem, que traz na ponta de um chuço um largo escripto, em que se lê:

Viva a Republica!

Meia hora depois do sr. Garnier-Pagés sahir da sala, uma voz brada:

— Abram caminho! abram caminho! Ahi está o sr. Ledru-Rollin que vem da camara dos deputados!

Com effeito, entra o sr. Ledru-Rollin.

Facilmente se conhece que traz noticias urgentes, fazemno subir a uma meza para que todos o possam vêr e ouvir.

« — Povo, disse elle, eis o que acabas de fazer; escuta, vou-t'o contar: Entraste armado na camara, expulsaste os deputados que queriam nomear uma regencia: disseste: Aqui só eu sou o senhor; então nomeaste um governo provisorio. Eis aqui os nomes dos membros que o compõe:

« Dupont (de l'Eure), Lamartine, Arago, Ledru-Rollin e Crémieux. »

E a cada nome os applausos interrompem o orador: os nomes que o assentimento popular sagrou na camara são segunda vez sagrados na casa da camara.

Desde logo se ouvem gritos na praça; annunciam a chegada dos outros membros do governo provisorio.

Sobem a escada, entram directamente na camara que lhe é destinada, e começam uma sessão que durára sessenta horas.

Durante este tempo um homem entra na sala grande, abre caminho por entre o povo que a enche, sobe a uma cadeira e diz:

« — Sou o cidadão Lagrange, de Lyão; os combatentes reunidos ao jornal a *Reforma* nomearam um *comité* provisorio que aqui vae tomar assento; peço pois a todos aquelles que estão presentes que nos deixem esta camara para que o *comité* possa deliberar com socego. »

Despejada a sala, dois guardas nacionaes são designados para guardar a porta.

Alguns minutos depois chegam os srs. Luiz Blanc, Fernando Flocon a Alberto, porém a sala parece-lhes mui pequena.

Indica-se a sala visinha do conselho: accendem-se os tres lustres d'oiro que derramam a sua claridede sobre a fornalha popular.

Cada um dos oradores arenga por seu turno aos assistentes; o discurso do ultimo é interrompido pela proclamação dos differentes membros do governo provisorio aos differentes ministerios a que são chamados.

Dupont (de l'Eure) é presidente do conselho, Lamartine é dos negocios estrangeiros; Ledru-Rollin do interior; Crémieux da justiça, Arago da marinha, Carnot da instrucção publica, Mario das obras publicas.

A lista sahirá ámanhã no *Moniteur.*

O povo sabe o nome dos seus ministros, mas não fica n'isto, quer vêl-os; enganado por tantas vezes, teme que o enganem ainda.

Uma deputação vae bater á porta da camara em que delibera o governo provisorio, communica o desejo do povo aos representantes do povo; Lamartine levanta-se da meza onde já está assentado em sessão e se encaminha entre um homem do povo e um guarda nacional.

É sempre o mesmo homem, de serenidade altiva, de sorriso fremente; nem uma só vez no meio das paixões que vão rugir em derredor d'elle, nem uma só vez o verão empallidecer ou córar de cholera; Lamartine não é um homem, é a estatua viva da humanidade.

Começa então um d'esses magnificos improvisos como o grande poeta os sabe fazer: mana da sua bocca a persuação em fios de oiro; calmam-se então todos esses rugidos, todos esses clamores, que fazem do povo um outro oceano.

« — Amigos, disse emfim o poeta, victoria! victoria! conquistastes em tres horas todos os direitos do cidadão e do homem livre, e se um poder cego e impio quizesse ainda aproveitar da escuridão da noite para vol-os roubar, saberieis bem defendel-os; martyres e combatentes d'este grande dia, recebei agradecimentos em nome da patria, em nome do mundo. »

Então um homem do povo levanta a voz:

« — E vós, disse elle, quaes são os vossos intentos, os vossos pensamentos? porque até agora não nos fallastes senão de nós.

« — Nós, responde Lamartine, nós somos aquelles que se dedicaram a vós em corpo e alma, que nos ligámos sem reserva ao triumpho da vossa causa. Nós depozemos a realeza.

— « Então, sois realmente um governo republicano?

« — Sim, mas um governo republicano provisorio; esperamos a sancção da França.

« — A França é nossa, temos em Pariz delegados de toda a França; todas as provincias estão aqui representadas. Somos ao mesmo tempo o sangue, o coração e a cabeça do paiz.

— Então, senti-vos assaz fortes e justos para inaugurar a era sancta da Republica?

— Sim, sim, sim.

— Bemdicto seja Deus que me permittio vêr nascer este sol. Viva a Republica?

E um immenso coro responde: *Viva a Republica!*

Lamartine é levado em triumpho para a sala do governo.

Duas horas depois, só restava na grande sala do conselho um homem do povo assentado na cadeira do presidente, um que parecia ter adormecido de fadiga, e em pé diante d'elle um homem com um barrete vermelho na cabeça, cantando: « *Nunca na França, nunca na França o inglez reinará.*

Ás onze horas estão quasi despejados os corredores da casa da camara. Grande multidão está ainda estacionada na praça, esperando a cada novo acto do governo provisorio a unica, a verdadeira senha.

Esta senha é: *Liberdade, Egualdade, Fraternidade; agora as barricadas.*

Assim se passou este dia, que não teve egual nos fastos do mundo, e que vio passar successivamente dois ministerios, cahir uma realeza e uma regencia...

E proclamar uma Republica.

CAPITULO L

25 de fevereiro. — O dia que hontem era monarchico, rompe hoje em Pariz republicano.

Durante a noite, a obra da organisação, hontem começada na casa da camara, continuou.

Os jornaes annunciam que o governo provisorio se compõe dos srs. Dupont (de l'Eure), Lamartine, Crémieux, Arago, Ledru-Rollin, Garnier-Pagés e Mario.

O governo tem por secretarios:

Os srs. Armand Marrast, Luiz Blanc, e Fernando Flocon.

Eis aqui os primeiros actos, e como os ministerios foram distribuidos.

Dupont (de l'Eure). presidente do conselho; negocios estrangeiros, Lamartine; interior, Ledru-Rollin; guerra, Bedeau; finanças, Miguel Goudchaux: marinha, Arago; agricultura e commercio Bethmont; obras publicas, Mario; instrucção publica e cultos, Carnot; governador geral d'Argelia, general Cavaignac; *maire* da cidade de Pariz Garnier-Pagés; commandante da guarda nacional de Pariz, Courtais.

Pelas dez horas, sabe-se que na vespera chegou o rei a Trianon, pelas quatro horas da tarde.

Alli dá pela falta da sua carteira, e parte immediatamente para a cidade d'Eu.

Affixam-se as seguintes proclamações:

REPUBLICA FRANCEZA.

25 de fevereiro de 1848.

« O governo da republica franceza compromette-se a garantir a existencia do operario pelo trabalho.

« Compromette-se a garantir o trabalho a todos os cidadãos.

« Reconhece que os operarios devem associar-se entre si para gosarem do beneficio do seu trabalho.

« O governo provisorio restitue aos operarios, a quem pertence, o milhão que se vae poupar da lista civil.

Granier-Pagés, maire de Pariz.
Luiz Blanc, um dos secretarios provisorios »

« Em nome do povo francez, o Governo provisorio decreta:

« É dissolvida a camara dos deputados.

« É prohibido reunir-se a camara dos pares.

« Convocar-se-ha uma assembléa nacional assim que o governo provisorio tiver regulado as medidas de ordem e de policia necessarios para o voto de todos os cidadãos. »

« Cidadãos!

« O governo provisorio declara que o governo actual è o governo republicano, e que a nação será immediatamente chamada a ratificar pelo seu voto a resolução do governo provisorio e do povo de Pariz.

« Os padeiros são obrigados a pôrem á disposição dos chefes de posto da guarda nacional, até á quinta parte do seu fabrico, e darem em troca de ordens de pagamento que lhe serão pagas na casa da camara, o pão destinado ao sustento dos cidadãos armados.

« A distribuição será feita pelos dictos chefes, que farão acompanhar o pão por homens seus subordinados. »

Pelas dez horas, sabe-se da entrega de Vincennes e do Mont-Valérien.

Durante a manhã levaram á casa dacama ra os objectos preciosos achados nas Tuilerics: diamantes, enféites e joias.

Um varredor trouxe uma caixinha aberta, em que se achavam duzentos mil francos em bilhetes de banco, cento e sessenta mil francos em oiro.

Chegam noticias de todos os lados.

Não se sabe como se hão de distinguir as verdadeiras das falsas.

Diz-se que se proclamou a Republica em Bruxellas, e que fugio o rei Leopoldo.

Diz-se que a familia real sahio de França e embarcou em Tréport.

Diz-se que o rei soffreu um ataque de apoplexia fulminante e que morreu logo.

Todas estas noticias correm de bocca em bocca com uma rapidez electrica.

Organisam-se subscripções em favór dos feridos.

Pelas tres horas, certa inquietação agita o povo.

Dizem-lhe que o governo provisorio o trahio e que quer restabelecer a regencia; proclamado hontem, já hoje o calumniam.

O povo pede um penhor; quer, em logar do gallo o bonet phrigio, em logar da bandeira tricolor a bandeira vermelha.

Marcha sobre a casa da camara.

Esta agitação é augmentada pala passagem das macas que conduzem os feridos.

Passeiam-nos pelas ruas afim de que o povo tenha presente o combate da vespera, e não ceda ás influencias retrogradas que se receiam.

O povo chega, desemboca ao mesmo tempo pelas ruas e caes e inunda a praça da Grève.

Os srs. Lamartine e Mario estão sósinhos na casa da camara.

Lamartine ouve os rugidos do povo. Elle, novo Androcles, sabe como se abranda este leão.

Desce, cruza os braços, e pergunta a esses milhares de homens irados o que querem.

No meio d'estes gritos, dos murmurios, das imprecações, dos sabres levantados sobre a cabeça, das bayonetas caladas sobre o peito, comprehende que duvidam da lealdade do governo provisorio, e que se quer a substituição da bandeira vermelha á bandeira tricolor.

Então, faz signal de que quer fallar. Pouco a pouco este mar abonança-se, as suas vagas cessam de se encapellar, as suas ondas de susurrar.

« Pois que! cidadãos, disse elle, se ha tres dias vos tivessem dito que terieis derribado o throno, destruido a oligarchia, obtido o suffragio universal, conquistado todos os direitos do cidadão, fundado emfim uma Republica, esse sonho longinquo d'aquelles mesmos que sentiam o seu nome occulto nos mais reconditos escondrijos das suas consciencias como um crime! E que Republica! Não uma Republica como as da Grecia ou de Roma, contendo aristocratas e plebeus, senhores e escravos; não uma Republica como as republicas aristocraticas dos tempos modernos, grandes e pequenos perante a lei, um povo e um patriciado: porém uma republica egualitaria, em que não ha aristocracia, nem oligarchia, nem grandes, nem pequenos, nem patricios, nem plebeus, nem senhores, nem bilotes perante a lei, em que não ha senão um povo composto da universalidade dos cidadãos, e em que o direito e o poder publicos não se compõe senão do voto e do direito de cada individuo de que a nação se compõe, vindo resumir-se n'um só poder collectivo chamado o governo da Republica, e convertendo-se em leis,

em instituições populares, em beneficios a esse povo de que emanou.

« Se vos tivessem dito tudo isto ha tres dias, ter-vos-ieis recusado a acredital-o; terieis dito: Tres dias! são necessarios tres seculos para concluir similhante obra em proveito da humanidade! Pois bem, o que terias declarado impossivel fez-se. Eis aqui a nossa obra no meio d'este tumulto, d'estas armas, d'estes cadaveres dos nossos martyres.

« E murmuraes contra Deus e contra nós! »

Muitas vozes interrompem o sr. de Lamartine, bradando:

— Não, não, não murmuramos! »

« — Oh! serieis indignos d'estes dons, torna Lamartine, se não soubesseis contemplal-os e reconhecel-os!

« Que vos pedimos nós para acabar a nossa obra? São annos? não. Mezes? não. Semanas? não. Só dias. Mais dois ou tres dias, e a vossa victoria será escripta, acceita, organisada de maneira que nenhuma tyrannia, excepto a tyrannia das vossas proprias inexperiencias, possa arrancal-as das vossas mãos.

« E recusar-nos-ieis esses dias, essas horas placidas, esses minutos? E suffocarieis no berço a Republica nascida do vosso sangue? »

« — Não! não! não! repetem as mesmas dez mil vozes: « Viva a republica! Viva o governo provisorio! Viva Lamartine. »

« — Cidadãos, continúa Lamartine, acabo de vos fallar como cidadão; agora, escutae-me como vosso ministro dos negocios estrangeiros:

« Se me tirardes a bandeira tricolor, sabei bem que me tiraes metade da força exterior da França; porque a Europa não conhece senão a bandeira das suas derrotas e das nossas victorias na bandeira da Republica e do Imperio.

« Vendo a bandeira vermelha, julgará só vêr a bandeira

de um partido. É a bandeira da França, é a bandeira dos nossos exercitos victoriosos, é a bandeira dos nossos triumphos que deve hastear ante a Europa. A França e a bandeira tricolor são um e o mesmo pensamento, o mesmo prestigio, um mesmo terror, sendo preciso, para os nossos inimigos.

« Lembrae-vos quanto sangue vos seria preciso derramar para fazer o renome de uma outra bandeira!

« Nunca adoptarei a bandeira vermelha, e vou dizer-vos em duas palavras o motivo porque me opponho á sua adopção com todas as forças do meu patriotismo. É que a bandeira tricolor, cidadãos, deu volta em derredor do mundo com a Republica e o Imperio, com as vossas glorias, em quanto que a bandeira vermelha não fez senão o gyro do Campo de Marte, arrastada no sangue do povo. »

A esta ultima peroração, ou antes a esta ultima imagem, a cholera da povo extingue-se para dar logar ao enthusiasmo.

Todos correm para Lamartine, todos o querem abraçar, todos lhe querem apertar as mãos.

Então, de sobre esse grupo de que elle é o centro, estende as mãos e diz:

« — Ó meus amigos, meus bons amigos, nunca sabereis qual é o abysmo de affeição que aqui no peito tenho por vós. Não ter eu braços tão compridos que podesse estreitar o povo inteiro sobre o meu peito! »

Bastou isto.

Esse povo que subia como uma maré, que ribombava qual trovão, suspendeu-se e calou-se.

Ás quatro horas os *boulevards* apresentam um curioso espectaculo; parecia que havia festa nas duas extremidades de Pariz; toda a povoação se apressa para subir á Bastilha, ou para descer á Magdalena.

A noite que estende o seu manto não interrompe este passeio incessante; illuminam-se todas as casas e apresenta-se em todo o comprimento dos *boulevards* uma duplice faxada de flammas.

CAPITULO LI

As barricadas ainda estão de pé, os transeuntes são obrigados a transpol-as para atravessarem as ruas; porém aquelles que as tinham feito lá estão para darem a mão ás mulheres e para passarem creanças ao collo.

Nunca houve tanta polidez no povo como depois que o povo é soberano. Todavia, depois das onze horas, ninguem póde andar sem senha, e são todos obrigados a fazerem-se reconhecer no corpo de guarda.

26 de fevereiro. — Pariz apresenta o mesmo aspecto; praticam-se, comtudo, aberturas nas barricadas para se poder passar. Os seus defensores continuam a guardal-as.

A barricada que está á entrada da rua Montmartre conservou as peças.

A primeira coisa que cada um pede é um jornal.

As differentes folhas contêem os decretos seguintes:

REPUBLICA FRANCEZA

Liberdade, egualdade, fraternidade.

« O governo provisorio, convencido de que a grandeza d'alma é a suprema politica, e que cada revolução operada

pelo povo francez deve ao mundo a consagração de mais uma verdade philosophica;

« Considerando que não ha principio mais sublime do que a inviolabilidade da vida humana;

« Considerando que nos memoraveis dias em que estamos o governo provisorio verificou com orgulho que nem um grito de vingança ou de morte sahio da bocca do povo;

« Declara:

« Que, no seu pensamento, a pena de morte fica abolida em materia politica, e que apresentará este voto á ratificação da Assembléa Nacional.

« O governo provisorio tem uma tão firme convicção da verdade que proclama em nome do povo francez, que se os homens criminosos que acabam de fazer correr o sangue da França estivessem nas mãos do povo, teria como o castigo mais exemplar que lhe poderia applicar, o degradal-os dos seus foros.

Os membros do governo provisorio.

Dupont (de l'Eure), Lamartine, Garnier-Pagés, Arago, Mario, Ledru-Rollin, Crémieux.

Secretarios: *Luiz Blanc, Armand, Marrast, Flocon, Alberto*, operario. »

REPUBLICA FRANCEZA.

Liberdade, egualdade, fraternidade.

« O *maire* da cidade de Pariz, advertido de que alguns cidadãos manifestaram a intenção de destruir as residencias que pertenceram á realeza decahida, afim de fazerem desapparecer até ao ultimo vestigio da tyrannia,

« Lembra-lhes que estes edificios pertencem d'ora ávante á nação;

« Que em virtude de uma resolnção tomada pelo governo provisorio;

« Devem ser vendidos para o seu producto ser applicado ao soccorro da nossa gloriosa revolução,

« E ás indemnisações que reclamam o commercio e o trabalho;

« Convida pois todos os bons cidadãos a lembrarem-se de que os edificios nacionaes estão collocados sob a salvaguarda do povo.

« 25 de fevereiro.

« O maire de Pariz, *Garnier-Pagés.* »

REPUBLICA FRANCEZA.

Liberdade, egualdade, fraternidade.

« O governo provisorio julga dever prevenir os cidadãos de que tomou todas as medidas conservadoras para que todos os bens moveis e immoveis da antiga lista civil e da propriedade particular fiquem em poder da nação. »

Os membros do governo Provisorio, etc.

REPUBLICA FRANCEZA.

Liberdade, egualdade, fraternidade.

« Cidadãos!

« A realeza, sob qualquer fórma que seja, está abolida.

« Acabou-se a legitimidade, o bonapartismo, a regencia.

« O governo provisorio tomou todas as medidas necessarias para tornar impossivel o regresso da antiga dynastia e a exaltação de uma nova dynastia.

« Está proclamada a Republica.

« O povo está unido.

« Todos os fortes que cercam a capital são nossos.

« A valente guarnição de Vincennes é uma guarnição de irmãos.

« Conservemos com respeito esta velha bandeira republicana, cujas tres côres fizeram com os nossos paes o gyro do mundo.

« Mostremos que este symbolo d'egualdade, de liberdade, de fraternidade, é ao mesmo tempo o symbolo da ordem, e da ordem mais real, mais duradoira, pois que a sua baze é a justiça, e o povo todo instrumento d'essa ordem.

« O povo já comprehendeu que o abastecimento de Pariz exigia uma mais livre circulação nas ruas de Pariz, e as mãos que levantaram as barricadas teem em muitos sitios feito n'essas barricadas uma abertura assaz larga para a livre passagem das carruagens de transporte.

« Seja este exemplo seguido por toda a parte ; retome Pariz o seu aspecto costumado, o commercio a sua actividade e a sua confiança ; vele o povo ao mesmo tempo na manutenção dos seus direitos e continue a assegurar, como até aqui tem feito, a tranquillidade e a segurança publicas. »

Os membros do governo provisorio, etc.

REPUBLICA FRANCEZA.

Liberdade, egualdade, fraternidade.

« O governo provisorio decreta o estabelecimento immediato de officinas nacionaes.

« O ministro das obras publicas está encarregado da execução do presente decreto. »

Os membros do governo provisorio, etc.

REPUBLICA FRANCEZA.

Liberdade, egualdade, fraternidade.

« O governo provisorio declara que a bandeira nacional

é a bandeira tricolor, cujas côres serão restabelecidas na ordem que tinha adoptado a Republica franceza; n'esta bandeira serão escriptas estas palavras: *Republica franceza, liberdade, egualdade, fraternidade,* tres palavras que explicam o sentido mais extenso das doutrinas democraticas, de que esta bandeira é o symbolo, ao mesmo tempo que d'ellas contém as tradicções.

« Como signal de união e como rememoração de reconhecimento pelo ultimo acto da revolução popular, os membros do governo provisorio e as outras auctoridades usarão de laço encarnado, o qual será tambem posto na haste da bandeira. »

Os membros do governo provisorio. etc.

REPUBLICA FRANCEZA.

Liberdade, egualdade, fraternidade.

« O governo provisorio decreta:

« Os filhos dos cidadãos mortos combatendo são adoptados pela patria.

« A Republica encarrega-se de soccorrer os feridos e as familias das victimas do governo monarchico.

« Não tendo o general Bedeau acceitado o ministerio da guerra, foi em seu logar nomeado o general Subervic. Já tomou posse.

« O general Bedeau foi nomeado commandante da primeira divisão militar e tracta com actividade de tudo quanto respeita a este importante serviço. »

Os membros do governo provisorio, etc.

CAPITULO LII

Eis aqui, pois, em setenta e duas horas, a obra da Republica:

A camara dissolvida;

A camara dos pares fechada;

O governo da nação por ella mesma proclamado;

A liberdade, egualdade e fraternidade, tornados em principio e resuscitada em symbolos;

A guarda da municipalidade licenciada;

A policia restituida ao *maire* de Pariz;

O trabalho garantido a todos os operarios;

O direito de associação reconhecido;

A formação de vinte e quatro legiões de guarda nacional mobil, decretada;

Os tribunaes installados;

A justiça posta debaixo da protecção do povo francez;

A unidade do exercito e do povo, declarada;

Os presos politicos postos em liberdade;

A pena de morte em materia politica, abolida;

O milhão que sobra da lista civil reservado para os operarios feridos;

Os estudos restabelecidos em todos os lyceos;

Todos os tribunaes de appellação providos dos seus officiaes;

Os filhos dos combatentes mortos no dia 24 de fevereiro, adoptados pela patria;

As Tuileries destinadas a servirem d'ora ávante de asylo aos invalidos do trabalho;

A circulação restabelecida por toda a parte em Pariz;

Uma grande manifestação feita pelo governo provisorio ao pé da columna de Julho;

As guardas nacionaes, dissolvidas pela precedente ordem das coisas, reorganisadas de direito;

O serviço das malas postas regularmente restabelecido;

Todos os edificios e palacios da corôa, tornados dominio publico;

A realeza, sob qualquer fórma que seja, abolida;

O estabelecimento immediato de officinas nacionaes.

Eis aqui a cifra exacta das sommas de que póde dispôr o Estado n'este momento:

No Banco...........................	135 milhões
No Thesouro........................	55 »
	190 »

Esta manhã vendia-se o oiro:

1000 francos	—	premio	100	francos
»	»	depois	80	»
»	»	depois	60	»
»	»	depois	50	»
»	»	depois	40	»

Passa-se o dia como na vespera; acalma-se comtudo a agitação. Affrouxa o receio da volta das forças armadas.

A noticia da morte do rei, que se espalhára, é desmentida; todavia não se sabe o que é feito d'elle.

Diz-se que a sr.ª duqueza d'Orleans, que não pôde achar um asylo nos Invalidos, achou abrigo em casa do marechal Soult, e hontem á noite é que partio para a Allemanha com seus dois filhos.

A sr.ª duqueza de Montpensier foi encontrada errante na praça da Concordia pelo general Thierry, que partio com ella para Inglaterra.

Preparou-se um barco de vapor para ir significar aos srs. d'Aumale e de Joinville a desthronisação do rei, e a substituição do primeiro d'estes principes pelo general Cavaignac.

Recebem-se noticias das cidades mais proximas de Pariz: por toda a parte a Republica é proclamada ao som da *Marselheza*.

Á noite espalha-se o boato de que bandos armados queimam os palacios circumvisinhos de Pariz.

O palacio de Neuily e o do sr. de Rothschild, em Suresnes, estão n'este momento em chammas.

As pontes d'Asnières, de Reuil, de Chatou, de Besons, estão queimadas, e as estações dos caminhos de ferro devastadas; são, segundo affirmam, os marinheiros que causam estas desordens, por odio aos caminhos de ferro.

Estas desordens provocaram a proclamação seguinte:

REPUBLICA FRANCEZA.

« Cidadãos! Fautores de desordem e de anarchia conceberam o criminoso pensamento de embargarem a entrada de viveres destinados para alimento da capital.

« Querem tentar cortar as communicações pelos caminhos de ferro. Reuni-vos todos para vos oppordes energicamente á execução de um projecto tão criminoso.

« Os administradores do caminho de ferro de Ruão offerecem generosamente transportarem gratuitamente todos os cereaes necessarios para a vossa subsistencia.

« Protegei uma propriedade tão preciosa para todos e que deve pertencer á nação.

« *O ministro do interior, membro do governo provisorio,*

Ledru-Rollin. »

Pelas cinco horas da tarde começam as carruagens a circular pelo *boulevard;* abriram as barricadas pelo centro; porém as ruas transversaes não permittem passagem senão a gente a pé.

Á meia noite. Pariz está perfeitamente tranquilla. Á excepção das pedras que ainda não voltaram aos seus logares, á excepção das luminarias que ainda allumiam todas as janellas, dir-se-ia que se não passou coisa alguma.

Durante o dia, o irmão e o sobrinho do imperador Napoleão escreveram ao governo provisorio as duas cartas seguintes:

Aos srs. membros do governo provisorio da Republica.

« A nação acaba de despedaçar os tractados de 1815. O velho soldado de Waterloo, o ultimo irmão de Napoleão, volta desde este momento ao seio da grande familia.

« O tempo das dynastias passou para a França.

« A lei de proscripção que pesava sobre mim cahio com o ultimo dos Bourbons.

« Peço que o governo da Republica publique um decreto que declare que a minha proscripção era uma injuria á França, e que desappareceu com tudo quanto nos foi imposto pelo estrangeiro.

« Recebei, srs. membros do governo provisorio da Republica, a expressão do meu respeito e da minha dedicação.

« Pariz 26 de fevereiro de 1848.

(Assignado) *Jeronymo Bonaparte.* »

Aos senhores membros do governo provisorio da Republica.

« No proprio momento da victoria do povo, dirigi-me á casa da camara.

« O dever de todo o cidadão é reunir-se em volta do governo provisorio da Republica, e eu folgo de ser um dos

primeiros a fazel-o. Por feliz me darei se o meu patriotismo podér ser utilmente empregado.

« Recebei, senhores, a expressão dos sentimentos de respeito e de dedicação do vosso concidadão.

« Pariz 26 de fevereiro de 1848.

(Assignado) *Napoleão Bonaparte.* »

CAPITULO LIII

27 de fevereiro. — Quasi todo o dia foi empregado na proclamação da Republica, ao pé da columna de Julho.

Eis os detalhes d'esta ceremonia:

Pariz teve hoje uma das maiores e mais bellas festas de que os annaes teem guardado recordação.

Dois batalhões por legião da guarda nacional tinham sido convocados hontem á noite; algumas horas depois estavam todos nos seus postos, e nunca as fileiras estiveram tão bem guarnecidas.

Os combatentes ainda armados, e que ha muitos dias partilham com as guardas nacionaes todos os serviços de ordem e de segurança publico, augmentavam o numero d'esta milicia popular, e testemunhavam assim a união fraternal começada sob os fogos do combate e cimentada pela victoria.

Este povo todo, certo da sua gradeza, ajustára-se para comparecer n'essa immortal praça da Bastilha, que enche mais de uma nobre pagina na historia da revolução e da liberdade.

Os membros do governo provisorio partiram da sua sala de deliberação ás duas horas precisas; desceram a escada grande da casa da camara no meio de um concurso numeroso de cidadãos, apresentando armas a guarda e rufando os tambores.

Os gritos de *viva a Republica!* soltados pela multidão enthusiasta, desde logo retumbaram em toda a praça cheia de uma multidão infinita.

O cortejo pôz-se logo em marcha.

Á frente ia um destacamento da guarda nacional a cavallo, e apoz seguiam-se os estudantes da escola do estado maior.

Atraz d'estes ia uma legião da guarda nacional, onde se envolviam muitos outros cidadãos, cujas armas e trajo eram como o signal vivo da revolução terminada.

Entre as companhias d'esta legião iam os estudantes de todas as nossas escolas, cuja bravura e dedicação mostram intelligencia e patriotismo.

Seguiam-se-lhe os membros do governo proviorio, de casaca preta, com a charpa tricolor e o laço vermelho ao peito.

Os ministros da guerra, das finanças, do commercio e da instrucção publica, os adjunctos de Pariz, o director dos correios, tinham se untado aos membros do governo provisorio.

Todos estes eleitos da insurreição foram saudados com as mais vivas acclamações.

Os estudantes de Saint-Cyr precediam-os immediatamente, e um numeroso destacamento dos estudantes da Escola Polytechnica, de espada desembainhada, formavam na rectaguarda d'elles.

Apoz elles seguia uma grande multidão que foi sempre engrossando. O tribunal de cassação, o tribunal de apel-

lação, o general Bedeau, commandante da divisão militar, officiaes do exercito de terra e de marinha, funccionarios dos outros departamentos, se tinham dirigido á praça da Bastilha, onde o povo se apinhoava em redor da columna de Julho, enfeitada no alto com bandeiras tricolores. O tempo que até ali tinha ido chuvoso, abrio, e o sol quiz allumiar com os seus raios esta primeira festa da Republica.

Chegando ao pé da columna, os membros do governo provisorio formaram-se em linha, em quanto a musica tocava a *Marselheza*.

Na sua frente foram collocadas as bandeiras.

Depois de um toque de tambores, o sr. Arago tomou a palavra; annunciou, com voz forte, ao povo reunido, que o governo provisorio tinha julgado do seu dever proclamar solemnemente a Republica perante a heroica população de Pariz, que por acclamação expontanea já tinha consagrado esta fórma de governo.

Falta sem duvida a sancção de toda a França, porém esperamos que ella ratificará o voto do povo pariziense, que deu um novo e magnifico exemplo da sua coragem, do seu poder e da sua moderação.

Elle deseja provar á patria e ao mundo que não tem só o instincto dos seus direitos, mas que possue tambem intelligencia e sabedoria. Placido e forte, energico e generoso, o povo de Pariz póde ser apresentado á França como um dos seus titulos de orgulho.

Parece ter deixado cahir no mais desdenhoso esquecimento uma realeza malfazeja para só tractar dos grandes interresses, que são os de todos os povos, dos principios immortaes que vão para elles tornar-se a lei moral da politica e da humanidade.

«Cidadãos! exclamou o sr. Arago com enthusiasmo, repeti comigo este brado popular: *viva a Republica!*

Todos os membros do governo provisorio se descobriram, as bandeiras inclinaram-se; e ao rufar dos tambores, ao som dos clarins e da musica, juntou-se esse outro vozear immenso do povo, que cobria todos os outros sons: *viva a Republica!*

O veneravel presidente do conselho, o sr. Dupont (de l'Eure), agradeceu então á população de Pariz a conquista que acabava de rematar, a ordem que tinha sabido sustentar nos dias mais tempestuosos e essa indignação tão legitima que tinha sabido conter com um sentimento tão alto de moralidade.

A Republica, fundada hoje sobre taes bazes, deve ser eterna, como os principios, como a victoria d'onde dimanou.

Bravos repetidos acompanharam esta alllocução do veneravel presidente. O enthusiasmo augmentou ainda mais quando o sr. Arago disse com commoção: «Cidadãos, são oitenta annos de uma vida pura e patriotica que vos fallam! *Sim, sim! viva Dupont (de l'Eure)* » E tendo este respondido: *viva a Republica!* este brado prolongou-se por espaço de muitos minutos.

O sr. Crémieux, em fervidas palavras, invocou a memoria dos esforçados cidadãos mortos na revolução de julho, cujos nomes estão gravados no bronze da columna.

Este dia deve consolar suas almas afflictas durante dezoito annos.

Ninguem poderá tirar ao povo o fructo da sua conquista, o governo republicano deriva do povo e n'elle se esteia.

Todas as distincções de classe se riscam ante a egualdade, todos os antagonismos se acalmam e desapparecem ante essa sancta fraternidade que faz alliados dos filhos de uma mesma patria, dos filhos de uma familia e de todos os povos.

Estas palavras foram interrompidas pelos mais vivos applausos.

O general Courtais, commandante da guarda nacional, mandou então começar a desfilar, porém era muito o povo que rompia as filas.

O guarda nacional desfilou diante do governo provisorio, e a cada momento os gritos de *viva a Republica!* retumbavam com estrondo.

Foi preciso quasi uma hora para desfilar a primeira e segunda legião.

Os membros do governo provisorio pozeram-se então em marcha, afim de passarem pela frente das outras legiões postadas ao longo dos *boulevards*.

Desde a praça da Bastilha até á altura do arrabalde Poissonière, não houve senão um grito, cujo echo se prolongava no meio de uma multidão innumeravel.

A alegria e a confiança estavam estampadas em todos os rostos, não uma alegria arrebatada e frivola, mas uma alegria serena e reflectida.

Era um dos mais magestosos espectaculos que se póde admirar.

Nada eguala as pompas que dá a presença do povo, nada é comparavel á sua magestade.

Este dia está para sempre inscripto no numero d'aquelles que deixam na historia os vestigios que mais gostamos de achar n'ella.

Este povo, ha tres dias tão indgnado, animado de todo o calor da batalha, estava ali hoje todo envolvido, misturado, confundindo as suas impressões, não experimentando senão um sentimento de concordia e entregando-se a todos os sentimentos de um porvir de grandeza e de prosperidade com uma confiança que, pelo menos d'esta vez, não será enganada.

Eis aqui a relação dos feridos entrados nos hospitaes de Pariz, nos dias 22, 23, 24 e 25 de fevereiro:

	Homens	Mulheres	Militares	Total
Hôtel-Dieu	84	2	34	120
Piedade	8	»	1	9
Caridade	89	2	28	119
Sancto Antonio	27	»	9	36
Cochín	»	1	»	1
Necker	3	»	2	5
Bom-Soccorro	3	»	»	3
S. Luiz	45	3	1	49
Clinica	5	»	1	6
Casa de saude	9	»	»	9
Incuraveis	2	»	»	2
Hôtel-Dieu (annexo)	5	»	2	7
Baujen	62	»	»	62
Total	342	8	78	428

O que faz um total de quatrocentos e vinte e oito feridos, dos quaes trezentos e cincoenta eram civís e setenta e oito militares.

O acto de accusação dos ex-ministros foi publicado hoje. Segundo todas as probabilidades, serão julgados á revelia.

Affirmam que o sr. Guizot se salvou disfarçado em criado, o sr. Duchâtel embrulhado n'um capote, e o sr. Hébert pondo uns bigodes postiços.

Corre o boato de que o sr. Guizot chegou a passar em Inglaterra.

Dois cadaveres estão expostos na praça do Palais-Royal com este escripto no peito: *Ladrões.*

Bon-Maza fugio.

Deu-se ordem pelo telegrapho para o prenderem em toda a parte onde podesse ser encontrado.

Noticias do estrangeiro começam a romper por entre as preoccupações nacionaes.

Milão está cheio de terror. A lei marcial é ali proclamada, e tomam-se as medidas mais rigorosas contra a população. Espera-se de minuto para minuto alguma revolta que possa bem vir a dar n'uma revolução.

O governo provisorio póde contar com o auxilio do *Jornal dos Debates,* que fez a sua profissão de fé de *dedicação* á Republica.

As pedras retomam os seus logares, as barricadas desfazem-se. Circula-se agora de sege em quasi todas as ruas de Pariz.

Pelas onze horas espalha-se o boato de que o principe Luiz Napoleão chegou a Pariz.

« 28 de fevereiro.

« Esta manhã, os jornaes annunciam que o sr. Guizot passou á Inglaterra no barco de vapor o *Express;* mais oito pessoas, cujos nomes se ignoram, embarcaram tambem nos arredores do Havre.

« Presume-se, e com razão, que estes passageiros não são outros se não o rei e as pessoas que o acompanharam na sua fuga.

« O principe Luiz Napoleão escreveu esta manhã aos membros do governa a carta seguinte:

« Pariz, 28 de fevereiro de 1848.

« Senhores:

« Tendo o povo de Pariz destruido pelo seu heroismo os derradeiros vestigios da invasão estrangeira, corro do exilio para me collocar sob as bandeiras da Republica, que acaba de ser proclamada.

« Sem outra ambição senão a de servir o meu paiz, venho annunciar a minha chegada aos membros do governo provisorio e certificar-lhes a minha dedicação á causa que

representam, assim como a minha sympathia pelas suas pessoas.

« Recebam, senhores, a certeza d'estes sentimentos.

Napoleão Luiz Bonaparte. »

Hoje, pelas duas horas, o ministro dos Estados Unidos em Pariz, o sr. Richard Rush, dirigio-se á casa da camara e reconheceu o governo provisorio.

Cabia ao representante da União americana ser o primeiro a vir saudar a nossa recem-nascida Republica.

O passo dado pelo ministro dos Estados-Unidos tinha n'este caso algum tanto de solemne, bem que fosse previsto, tocou vivamente todos os membros do governo provisorio e depois de uma entrevista em que foram trocadas as mais nobres palavras, acompanharam em corporação este representante de um grande povo até ao limiar da casa da camara, para lhe testemunharem a cordial affeição que deve para sempre existir entre a America e a França republicana.

O sr. Cabet e os Icarios fizeram a sua adhesão á republica e prometteram não reclamar nem a partilha das propriedades nem do dinheiro.

Alguem que estava lendo esta noticia no jornal perguntou ao sr. Dennery quem eram os Icarios.

« São, respondeu elle, os discipulos de um homem que quiz roubar e não pôde. »

CAPITULO LIV

Circulam os boatos mais contradictorios, as versões mais singulares relativamente aos ultimos momentos que a familia de Luiz Philippe passou em França.

Uma carta de Saint-Cloud, que nos foi communicada, contém os seguintes detalhes sobre a fuga de Luiz Philippe:

O *maire* e o primeiro adjuncto estavam ausentes quando o ex-rei chegou a Saint-Cloud na quinta feira pelas tres horas, escoltado por alguns dragões e guardas nacionaes a cavallo, afim de não ser incommodado. Quem os commandava bradava que o rei tinha abdicado, etc. etc. Depois de se ter apeado da pequena carruagem em que ia, mandou chamar o sr. Talier, pedindo-lhe que arranjasse cavallos para cavallaria. Tendo respondido que não os havia, metteu-se nas carruagens publicas da administração Sicard, que o conduziram a Versailles.

Iam com elle a rainha, o duque e as duquezas de Montpensier e de Nemours.

Só esteve no palacio tres quartos de hora.

Disse ao adjuncto que tinha sido indignamente enganado.

Á noite chegou a Saint-Cloud o seu criado de vestir, Provost, trazendo entre o collete duas camisas para o rei, porque, na sua precipitação, não tinha trazido nenhum fato.

Este criado tinha-lhe dito na mesma manhã, com as la-

grimas nos olhos, que era necessario fazer algumas concessões ao povo, que Pariz estava agitadissima, etc.

Sabem o que elle respondeu:

« Isso são ditos de botequim: vamos fazel-os entrar na razão; d'aqui a algumas horas tudo estará acalmado. »

O ex-rei chegou a Dreux quinta feira 24, pelas onze horas e meia da noite, acompanhado pela rainha, pela duqueza de Nemours e por seus filhos.

Tinham conservado o mais estricto incognito, e apenas o nome do rei foi pronunciado por descuido pelo unico criado que os acompanhava.

As senhoras traziam comsigo apenas duas criadas.

Pela uma hora chegou o duque de Montpensier, annunciando a desthronisação de toda a familia, sem esperança alguma.

Ficaram todos consternados a esta noticia.

O ex-rei e a sua familia sahiram de Dreux, sexta feira 25, pelas nove horas da manhã. Afim de occultarem a sua sahida, o criado, que ia na almofada, despira a libré e vestira uma sobrecasaca e outro fato comprado duas horas antes.

O sub-prefeito, que aguardava a carruagem á sahida da cidade, tomou logar na almofada ao lado do criado.

Tendo os *gendarmes* de Sancto André, nas mudas da posta da sua localidade, perguntado quem eram as pessoas que iam na carruagem, o sub-prefeito desceu immediatamente.

O ex-rei tinha apenas atravessado a floresta d'Anet, quando os operarios de uma fabrica de papel, que havia nas proximidades, vieram com a intenção de o prender.

Achmet-Pacha, filho de Mehemet-Ali batem-se com grande coragem, no dia 24 de fevereiro, no ataque do Château-d'Eau.

Depois encontram-no no *boulevard*, assentado ao lado do seu cocheiro, em quanto que homens de *bluza* passeavam no seu caleche.

Acharam o corpo do sr. Golivet, deputado de Ile-et-Villaine, que havia quatro dias procuravam.

Era um dos tres cadaveres que foram enterrados n'um monte de areia, no momento em que o rei, fugindo, passava perto do grande tanque das Tuileries.

Teve logar uma entrevista entre lord Normanby e o sr. de Lamartine, o que fazia presumir que as boas relações não serão interrompidas com a Inglaterra.

O sr. de Lamartine prepara um manifesto á Europa, em nome da Republica franceza.

A noticia da revolução da Belgica é desmentida.

Um viajante, que chega de Inglaterra, annuncia que o sr. Guizot desembarcou em Douvres no domingo proximo pela manhã.

Dois mil operarios foram á casa da camara pedir ao governo provisorio a reducção do trabalho a dez horas por dia, a abolição do barateamento dos salarios, e medidas promptas para produzirem a associação do mestre e do operario.

Este pedido produzio a publicação de um decreto, cujo teor é o seguinte:

« Considerando que a revolução, feita pelo povo, deve ser feita para elle;

« Que é tempo de pôr termo aos longos e iniquos soffrimentos dos trabalhadores;

« Que a questão de trabalho é de uma importancia suprema;

« Que não a ha mais alta, nem mais digna das preoccupações de um governo republicano;

« Que pertence sobre tudo á França estudar ardentemente e resolver em problema estabelecido hoje em todas as nações industriaes da Europa;

« Que é mister tractar sem demora de garantir ao povo os fructos legitimos do seu trabalho;

« O governo provisorio da Republica decreta:

« Uma commissão permanente, que será intitulada: Commissão do governo para os trabalhadores, vae ser nomeada com missão expressa e especial da sua sorte.

« Para mostrar que importancia o governo provisorio da Republica liga á solução d'este grande problema, nomeia presidente da Commissão do governo para os trabalhadores um dos seus membros, o sr. Blanc, e vice-presidente um outro de seus membros, o sr. Alberto, operario.

« Serão chamados os operarios a fazer parte da commissão.

« A séde da commissão é no palacio de Luxembourg.

« *Luiz Blanc, Armand Marrast, Garnier-Pagés.* »

Chovem as adhesões de toda a parte, cada um reclama a sua parte do governo decahido.

Victor Hugo dizia depois da revolução de Julho:

« Ha n'este momento um chuveiro de logares; este chuveiro produz um effeito singular, limpa uns e suja outros.

CAPITULO LV

REPUBLICA FRANCEZA.

Liberdade, egualdade, fraternidade.

« 29 de fevereiro.

« O governo provisorio, considerando que a egualdade é um dos grandes principios da Republica franceza, que deve, por consequencia, receber a sua applicação immediata.

« Decreta:

« Ficam abolidos todos os antigos titulos de nobreza; ficam prohibidas as qualificações que lhes andavam ligadas: não podem ser tomadas publicamente nem figurar n'um acto publico qualquer.

Os membros do governo provisorio, etc. »

Luiz Philippe chegou a Londres, onde se apeou em Mivarts'Hôtel.

Eis os detalhes, cuja authenticidade podemos garantir, sobre a sua passagem e as differentes peripecias que a acompanharam.

Vio-se partir o rei, vio-se desapparecer.

Vio-se fazer alto em Trianon e parar em Dreux.

Em Dreux mandou chamar o sub-prefeito, o sr. Maréchal.

O rei ainda não achou a sua carteira, e só tem comsigo treze mil francos em oiro.

O sr. Marèchal põe o seu cofre á sua disposição.

Demorar-se-ha algumas horas em Dreux; julga a regencia acceita, e nada tem a temer pois que seu neto reina.

De repente apparece o sr. duque de Montpensier; traz uma noticia fatal: a regencia foi regeitada.

A esta noticia manda-se pôr uma carruagem sem armas no meio da escolta, na estrada de Versailles.

Parte a familia real de Dreux, guiada pelo sr. Marèchal.

De Dreux, o sr. de Rumigny escreve ao sr. de Perthuis, o qual ordena a um barco costeiro que venha receber o rei a Honfleur.

No dia seguinte chegam a Honfleur sem incommodo algum; as pessoas que acompanham o rei, são: Os srs. Matheus Dumas, de Rumigny, Dupin de Paulignes e um criado.

O sr. Perthuis, ajudante de campo do rei, irmão do Perthuis de marinha, possue uma pequena barraca na costa de Grâçe; ella marca o logar onde mais tarde ha de ser uma casa mais importante.

É para essa casa que se encaminham.

Está guardada por um criado chamado Racine; conhece Matheus Dumas, cuja filha casou com o filho do sr. de Perthuis.

Matheus Dumas pede-lhe as chaves d'esta pequena casa e elle dá-lh'as.

Além d'isso, reconheceu o rei; posto que o rei se tivesse desfigurado, cortando as barbas, pondo oculos verdes, embrulhando-se n'uma manta e affectando ao mesmo tempo falla americana.

O que resta da familia real accommoda-se na loja, os demais dormem de mistura no celleiro sobre a palha.

Toda a manhã do dia seguinte passa-se a esperar o sr. de Perthuis e o seu barco costeiro.

Pelas duas horas chega o sr. de Perthuis n'uma barca; esteve vinte vezes a ponto de se voltar; o tempo estava muito máo para que ousasse approximar-se da costa de Grâce no seu navio.

Vem pôr-se á disposição do rei.

Faz-se conselho.

Seria perigoso ir ao Havre, onde *poderia ser reconhecido*; durante a noite ganharão Trouville, onde procurarão desembarcar.

Racine irá adiante e ajustará com um patrão de barco a passagem para Inglaterra de um velho americano que sahe, por medo, de Pariz, com a sua familia.

O criado parte.

Á noite, o rei, a rainha, e as princezas partem por seu turno, acompanhados pelos srs. de Rumigny, Matheus Dumas, Dupin de Paulignes, de Perthuis e o criado que os acompanhava desde Pariz.

Encontram Racine no caminho; está justo o barco por cinco mil francos.

Por cinco mil francos o patrão de um barco, chamado Halley, conduzirá os passageiros á Inglaterra, sem se importar com o seu nome nem posição.

Podem-se apear em casa de um medico chamado Biard.

As noticias são boas; continuam pois a andar e chegam a Trouville.

A casa do sr. Biard abre-se aos fugitivos; porém o medico é de opinião que o rei se não embarque sem consultar o arraes de uma barca mui experimentado, chamado Victor Barbet.

Com effeito, vem vento fresco, e da casa do sr. Biard ouve-se o mar açoitar violentamente a costa.

O sr. Biard vae consultar Barbet sobre a possibilidade de seguir viagem; a fabula do americano é repetida, Barbet

responde que o embarque é possivel, e tão possivel que se offerece para conduzir o americano a Inglaterra, respondendo por elle com a sua cabeça.

Trazem esta resposta ao rei, que pede para fallar a Barbet.

O bom do arraes chega d'ahi a um momento.

O rei procura enganal-o repetindo-lhe a fabula convencionada.

— Não vos pergunto pelo vosso segredo, offereço-me para arriscar a minha vida para vos conduzir á Inglaterra, responde Barbet, e nada mais.

— É um homem demasiadamente honrado para que me occulte por mais tempo, disse Luiz Philippe, sou o rei.

— Já vos tinha reconhecido, *sire*, respondeu simplesmente Barbet.

O rei lança-lhe os braços em volta do pescoço e abraça-o dizendo-lhe:

— Obrigado, não quero expôr um homem como o senhor; informe-se unicamente se o barco que fretei póde partir.

— Conforme o sitio em que se achar, disse Barbet, se estiver na praia, póde partir; se estiver na Fouque, não poderá sahir.

A Fouque é um pequeno rio, ou antes uma pequena ribeira que passa em Trouville, e vae desaguar no mar a cem passos da aldêa.

Dez minutos depois volta Barbet.

O mar engrossou mais, o vento cresceu, o barco de Halley ainda está na Fouque; em quanto o vento durar, não haverão forças humanas que sejam capazes de o fazer sahir.

D'est'arte, acha-se o rei entre duas tempestades, a que sopra de Pariz e a que sopra do Oceano; uma que o impelle, outra que o suspende.

Porém Barbet tinha um barco, que estava na costa, põe-no á disposição do rei e elle mesmo o conduzirá. A tempestade não mette medo ao velho marinheiro affeito ás procellas; já vio tempo peior, e respondia por tudo.

É preciso unicamente rescindir o ajuste feito com Halley, o qual, vendo o seu americano partir com outro, poderia tornar-se perigoso.

Envia-se o criado Racine: foi elle que fez o ajuste com Halley.

O rei consentirá em perder metade da quantia, porém Halley não quer attender a coisa alguma.

—Ah! disse elle, regateiam: « então é o rei. »

Racine volta todo assustado.

Felizmente é noite; o rei poderá partir sem ser visto.

Porém Halley já correra a casa do commissario. O commissario é prevenido.

Uns vinte trouvilhenses estão amotinados e guardam a costa.

É o que, correndo, vem dizer o irmão de Barbet, capitão do porto.

Toma-se então outra decisão.

O rei voltará a Honfleur. Mette-se n'uma carruagem, toma a estrada de Fouque acompanhado por oito a dez pessoas bem armadas. De Fouque irá a Honfleur.

O sr. de Perthuis ficará mais duas horas; d'esta maneira saberá o que se passa e desviará os mal intencionados.

Apenas o rei sahio, bateram á porta.

O sr. de Perthuis foi abrir: era o commissario que vinha dar busca.

A precaução não foi inutil. Porém o sr. de Perthuis está tão socegado e tranquillo que é impossivel que se desconfie do que se passa. Espera o sr. Biard que está na aldêa e que não deve tardar.

Durante todo este tempo, o rei ganha distancia.

Duas horas depois do rei, parte o sr. de Perthuis; toma, a toda a brida, um atalho que ha ao longo da costa, e chega quasi ao mesmo tempo que o rei a Honfleur.

Lá está ainda o casebre hospitaleiro. É a elle que vae pedir asylo.

O sr. de Perthuis mette-se n'um barco e volta ao Havre.

O rei está abatido e quasi desanimado; errante e fugitivo como o rei Lear, como elle sentio o vento da tempestade açoitar-lhe o rosto uma noite inteira.

Pela uma hora, volta o sr. de Perthuis.

Trazia boas noticias.

No porto do Havre encontrou o *Express*, paquete inglez, que esperava para receber a seu bordo os subditos da rainha Victoria que julgassem conveniente sahir de França.

O *Express* dará asylo e passagem ao rei e á sua familia.

O sr. de Perthuis fretou por cento e vinte francos o pequeno barco de vapor que faz a viagem do Havre para Honfleur; lá está prompto a partir.

O rei despede-se da sua valente escolta que só o deixa na prancha do barco, e que o segue com a vista até que o barco desapparece em direcção ao porto do Havre.

Lá está com effeito o *Express* á espera.

O barco do sr. de Perthuis prolonga-se com o vapor, e á vista de toda a população que correu ao caes, o rei e sua familia passam de um para outro bordo.

Depois, com grande custo, porque o porto está cheio de barcos, o *Express* abre passagem, sahe da bahia, faz prôa a Inglaterra e desapparece no horisonte.

A realeza acaba de dizer o seu ultimo adeus á França.

CAPITULO LVI

Assim se realisou a prophecia que eu fiz em 1834:

« Eis o abysmo em que se ha de submergir o governo actual; o farol que accendemos no caminho não allumiará senão o seu naufragio; porque ainda mesmo que elle quizesse virar de bordo, não o poderia já fazer, porque a corrente que o leva é rapida, e o vento que o impelle é muito largo; comtudo, na hora da perdição, prevalecendo as nossas recordações de homens sobre o nosso estoicismo de cidadãos, uma voz se fará ouvir que bradará: morra a realeza, mas Deus salve o rei!

« Esta voz será a minha. »

Dois annos depois lia-se nos jornaes:

« Recebeu-se esta manhã, 26 de agosto, em Londres, a noticia da morte de Luiz Philippe que teve logar na sua residencia temporaria de Claremont, onde se achava, havia alguns dias, com a sua familia.

« O principe exilado padecia nos ultimos tempos, e mesmo depois da sua abdicação, uma grande fraqueza nervosa, causada sem duvida pelos abalos que os acontecimentos deviam ter causado na sua organisação. Sexta feira peiorou tanto a doença que julgaram dever chamar para junto d'elle os membros da sua familia. Apesar do tractamento mais affectuoso e dos soccorros mais desvellados da sciencia, o real

enfermo finou-se rapidamente e expirou esta manhã pelas oito e meia.

« Uma hora depois chegou esta noticia a Londres, onde inspirou o mais profundo pezar.

Dêmos alguns detalhes sobre a sua morte.

Havia já alguns mezes que a saude do rei diclinava visivelmente; fazia setenta e sete annos no mez de outubro, e além d'isso os ultimos acontecimentos politicos tinham feito cruel impressão na sua constituição tão vigorosa.

No mez de junho a estada do rei em S. Leonardo parecera ter-lhe dado alguns visos de restabelecimento; o rei tinha recebido n'esta residencia muitas visitas que lhe tinham causado grande satisfação.

O mez de junho confirmou este melhoramento.

Mas depois do principio de agosto, reapparecera a fraqueza, que augmentava todos os dias. Emfim, no dia 24, a fraqueza geral fez taes progressos, que não só se viram obrigados a dar contra ordem a respeito de uma viagem e de nova residencia projectada, mas tambem, no dia seguinte pela manhã, o medico julgou que era do seu dever prevenir a rainha da eminencia do perigo de seu marido.

A rainha recebeu a noticia com a sua religiosa resignação e sem hesitar.

— É preciso, disse ella ao medico, prevenir el-rei do seu estado.

— Senhora, redarguio o doutor, esse ultimo, esse supremo serviço é ordinariamente prestado pelo padre e não pelo medico. O dever do medico, pelo contrario, é fingir duvidar até ao derradeiro momento, e fecha os horisontes da morte aos moribundos. Desejaria que a rainha se dignasse encarregar outra pessoa d'esta triste mensagem.

— Senhor, disse a rainha, o rei é um espirito serio, e que não crê senão nas coisas positivas; prevenido pela

sciencia, acreditará na eminencia do perigo; advertido pela religião sómente, duvidará talvez.

— O que vossa magestade faz a honra de me dizer, é a verdade exacta; comtudo, a menos que me não dê ordem positiva para revelar a el-rei a triste posição em que se acha....

— Eu vol-a dou, senhor.

O medico inclinou-se e dirigio-se ao quarto do rei.

O rei escutou com muita tranquillidade a terrivel declaração; depois, quando o medico acabou, disse alegremente:

— Ah! ah! comprehendo, vem advertir-me de que é tempo de me preparar para a jornada.

— *Sire*...

— Foi a rainha que lhe pedio que fizesse este ultimo serviço, não é assim?

— Sim, *sire*.

— Diga-lhe que entre.

O medico abrio a porta; a rainha esperava.

Durante algum tempo, esses dois anciãos que por espaço de dezoito annos tinham sustentado junctos a corôa mais pezada do mundo, approximaram as suas cabeças tremulas e fallaram em voz baixa.

Depois a rainha levantando a voz, disse:

— Sua magestade pede o abbade Guelle, meu esmoller.

Cinco minutos depois entrou o abbade Guelle.

Atraz d'elle foi introduzida toda a familia real; isto é, a rainha, a sr.ª duqueza d'Orleans, o conde de Pariz, o duque de Chartres, o duque e a duqueza de Nemours, o principe e a princeza de Joinville, o duque e a duqueza d'Aumale e a duqueza de Saxe-Cobourg.

Ajoelharam todos, mas em tanta distancia do leito que não podessem ouvir o que o moribundo dizia ao abbade Guelle.

Terminada a confissão, recebida a absolvição, o rei voltou-se, e sempre com o mesmo ar prazenteiro, disse:

— Então, agora estás descansada, Amelia?

— Sim, *sire*, respondeu a rainha, porque tenho agora a esperança, se Deus me conceder um fim tão bom como o vosso, de que não nos separaremos senão por instantes e que cedo estaremos reunidos na eternidade.

O rei pedio então que o deixassem só com a sr.ª duqueza d'Orleans.

Ficando sós, estiveram conversando perto de uma hora; o que elles disseram um ao outro, ninguem o sabe; só se presume que o rei n'esta conferencia teve por fim desfazer as repugnancias que a duqueza parecia experimentar pelo systema de fusão.

O que no rei vivo, fôra politica, não seria um remorso no rei moribundo?

Não seria vontade de dar momentaneamente a um principe que sabe não dever ter herdeiro, uma corôa que lhe parecera leve sobre o throno, e que lhe parecia talvez pezada sobre o tumulo?

Seja como fôr, terminada a confissão, acabada esta larga conversação, o rei sentio-se melhor; pedio as suas Memorias e dictou uma ultima pagina ao seu ajudante de campo.

A redacção das suas Memorias fôra a grande distracção do seu exilio.

Depois, sentindo-se melhor:

— Sabe que mais, disse elle alegremente ao medico, tenho bem desejo de uma coisa, doutor.

Qual é, *sire?*

— De o fazer mentir, restabelecendo-me ainda d'esta vez.

— Seria para mim uma grande felicidade, *sire*, disse o doutor; e acredite que, pela minha parte, farei todos os esforços possiveis.

Infelizmente o rei enganava-se; á noite apoderou-se d'elle uma febre violenta; a febre foi crescendo até ás duas horas da manhã e desde esta hora até ás seis diminuio.

Ás seis horas o rei sentia-se melhor, mas o enfraquecimento continuava.

Ás sete horas estava de posse de toda a sua intelligencia, e dizia ao doutor que se achava perfeitamente bem.

Ás oito horas, no meio das lagrimas e das orações de toda a sua familia, expirava sem convulsões, sem soffrimento, e com uma admiravel serenidade.

As exequias do rei tiveram logar a 2 de setembro seguinte em Claremont.

Eis aqui como o *Globo* conta esta ultima ceremonia:

« Os restos de Luiz Philippe, ex-rei dos francezes, foram hoje conduzidos de Claremont para a capella gothica de Weybridge; grandissimo numero de francezes assistiram ao funeral, e desde as nove horas da manhã a grande sala de Claremont e as avenidas que ahi conduzem estavam cheias de pessoas distinctas pelo seu nascimento, posição e talento, entre as quaes notámos o sr. de Rumigny, nosso antigo embaixador em Bruxellas, o barão de Bussières, antigo embaixador em Napoles, o duque de Montmorency, o duque de Guiche, o conde Anatole de Montesquiou, o conde de Jarnac, os ministros da Belgica, de Hespanha e de Napoles.

« Ás nove horas e meia disse-se na capella uma missa rezada a que o publico não foi admittido.

« A capella estava inteiramente armada de preto, ao fundo tinham erigido um altar forrado de preto, cujo sacrario tinha no alto um crucifixo de marfim magnificamente esculpido.

« Dos dois lados do altar havia candelabros massiços com velas enormes.

« O ataude que continha os restos do rei estava collocacado ao centro, rodeiado por vinte e quatro tocheiros. Lia-se n'elle a seguinte inscripção:

LUIZ PHILIPPE 1.º, REI DOS FRANCEZES,

Nasceu em Pariz a 6 de outubro de 1773,

Morreu em Claremont,

condado de Surrey, em Inglaterra,

a 26 de agosto de 1850.

« Depois da missa, o ataude foi conduzido pelos srs. duque de Montmorency, pelos generaes d'Houtelot, Berthois, Dumas, Chabannes, e pelo conde de Friaud, os quaes, chegando ao sitio chamado White-Hale, isto é, a metade do caminho entre o palacio e a entrada do parque, o pozeram sobre o coche mortuario.

O feretro era conduzido pelo conde de Pariz, duque de Nemours, principe de Joinville e pelo duque d'Aumale.

O prestito pôz-se então em marcha, levando na frente o coche em que ia o caixão sem nenhum ornamento heraldico, e simplesmente com as lettras L. P. com uma corôa na parte superior.

« O prestito seguio a estrada que conduz a Hersham, estrada magnifica, com renques de arvores de cada lado, formando uma estrada mais admiravel do que os mais bellos ornamentos dos palacios dos reis.

« Passou a linda ponte lançada sobre Molé, e depois de ter atravessado Hersham, chegou a Valton-Heat.

« Todas as pequenas alturas que cobrem a estrada estavam cheias de numerosa multidão na attitude do recolhimento e do respeito.

« Na pequena aldêa de Weybridge estava a curiosidade tão vivamente excitada que, um pouco antes da hora fixada para

a chegada do prestito, já o povo enchia os arredores da capella catholica, onde deviam ser depositados os restos mortaes do rei.

« O prestito partio d'Esher ás dez horas e meia, e chegou a Weybridge pelo meio dia menos um quarto; compunha-se de um coche tirado por oito cavallos, e de doze carruagens tiradas uma por seis cavallos e as outras por dois.

« No momento em que o feretro sahio de Claremont, a rainha acompanhada pela duqueza de Nemours e pelos outros membros da familia real, partiram para Weybridge em tres carruagens de lucto.

« O prestito entrou em Weybridege na ordem seguinte:

« Vinte e dois cavalleiros;

« Os commerciantes de Esher;

« Um menino do côro com thuribulo:

« Outro com uma cruz;

« Dois acolytos acompanhados pelo sr. Lyre, pelo reverendo doutor White, vice-vigario apostolico, e por outros ecclesiasticos.

« Emfim o coche e as carruagens.

« Á entrada particular da capella, o feretro foi tirado do coche e levado para a capella pegando-lhe dez homens, seguidos pelo conde de Pariz duque de Nemours, principe de Joinville, duque d'Aumale e umas cem pessoas.

« Um numero mui consideravel de francezes quiz acompanhar o feretro; porém a falta de espaço não permittio admittil-os no interior da capella.

« A capella estava armada de preto, e tinha tambem sido arranjada uma pequena tribuna para receber a rainha e os outros membros da familia real.

« O feretro foi collocado em frente do altar, e depois da missa foi descido para o carneiro, que foi immediatamente sellado.

« O acompanhamento tornou logo a partir para Claremont. »

Depois de Luiz XV, que morreu em seguida a um pagode, isto é, no espaço de setenta e seis annos, era o quinto rei de França que descia ao sepulchro.

Dos cinco reis de França, só um morreu nas Tuileries: foi Luiz XVIII.

Luiz XVI foi guilhotinado na praça da Revolução.

Napoleão morreu em Sancta Helena.

Carlos X em Goritz.

E Luiz Philippe em Claremont.

Que terrivel lição para aquelles que ainda quizessem reinar!

Eis aqui o juizo que a imprensa ingleza faz sobre Luiz Philippe:

O *Morning-Chronicle* diz que « n'esta familia a intriga era uma tradição hereditaria; » depois, este jornal mostra-o combatendo pela sua casa, e n'isto fiel ás tradições de sua familia. « Nós não poderiamos, » acrescenta este jornal, « dizer que acaba de morrer um homem grande e bom; conquistou a corôa pela dobrez, conservou-a pela oppressão, e o seu procedimento para com a Inglaterra foi marcado com o cunho de uma politica sem escrupulo, tão afastada da verdadeira sabedoria como da verdadeira felicidade. »

O *Morning-Advertiser* censura-lhe um desejo immoderado de accumular riquezas, honras e poder sobre a sua familia, sem attender aos interesses ou aos sentimentos do povo

que tinha a governar e ao despreso dos compromissos mais solemnes.

O *Globo* declara que Luiz Philippe pereceu por ter governado demasiado em proveito dos merceeiros, contado muito com o apoio exclusivo das classes medias, sacrificado muito « os salarios em proveito dos beneficios. »

O *Morning-Post* diz que se a finura de um espirito frio e perseverante tivesse podido consolidar o estabelecimento de Julho, Luiz Philippe teria morrido rei dos francezes; porém elle tinha a infelicidade de não representar estes principios, « e a sua raça cahio » no meio dos motejos de toda a Europa.

O *Times*, que publica uma longa biographia do rei defuncto, exprime-se n'estes termos:

« Luiz Philippe, rei dos francezes, distinguia-se entre todos os homens que teem figurado com a mesma preeminencia que elle, sobre o theatro da historia e no governo da humanidade, pela ausencia d'essas faculdades intellectuaes transcendentes, d'essas paixões desordenadas, d'essas virtudes imponentes, ou d'esses crimes arrojados que marcam ordinariamente os annaes da humanidade; porém substituia estes dons perigosos do genio, do poder, por uma singular combinação de qualidades inferiores da natureza humana. Quer para bem, quer para mal, estas qualidades formavam o todo do seu caracter, e fazendo um juizo exacto sobre este homem notavel, seria tão perigoso eleval-o á classe de sabio ou de heroe, como fazal-o descer á de tyranno egoista. »

O *Sun* exprime-se assim:

« Luiz Philippe d'Orleans, depois de haver tomado uma

parte activa no terrivel conflicto dos povos contra os principes, destinára-se a ser testemunha da victoria da democracia, que elle julgava esmagada debaixo da sua omnipotencia, e a vêr o barrete phrygio tomar o logar do diadema dos Bourbons. Tal foi o justo castigo do filho d'*Egualdade*, por ter tentado suffocar a liberdade nos seus braços, por a ter trahido nos seus osculos, como fez Iscariote, por a ter adormecido com o insidioso veneno das suas lisonjarias. Para cumulo de pezar, não parece a propria Providencia tel-o feito sobreviver por tanto tempo á sua quéda só para lhe mostrar a Republica consolidada em França? O fim d'este personagem notavel parece devido aos remorsos que minavam a sua saude e ao raio que em fevereiro lhe estalou sobre a cabeça.»

Emfim, no *Daily News*, lêem-se estas linhas:

«Durante os dezoito annos do seu reinado, nem uma idéa grande ou generosa germinou no seu pensamento. A sua politica interna limitava-se a adular ou corromper os deputados. Ignorou sempre, assim como os homens d'estado ao seu serviço, a condição, as necessidades, a fermentação do animo do seu povo. Elle e os seus ministros contentavam-se com olhar para a superficie, sem passar além da camada de herva artificial que cobria um solo vulcanisado e prompto para as erupções.

«As leis do rigor acceleraram a erupção. Este Salomão dos salões de Londres e de Pariz nunca conheceu a essencia e o fim do governo, o desenvolvimento e a satisfação das necessidades populares. Para elle a politica era a diplomacia e nada mais.»

DECRETOS.

Do Presidente da Republica, sobre a venda dos bens da familia d'Orleans.

« O presidente da Republica;

« Considerando que todos os governos que se teem succedido teem julgado indispensavel obrigar a familia que cessava de reinar a vender os bens moveis e de raiz que ella possuia em França;

« Que d'esta sorte, a 12 de janeiro de 1816, Luiz XVIII obrigou os membros da familia do imperador Napoleão a vender os seus bens pessoaes no prazo de seis mezes, e que a 10 de abril de 1832, Luiz Philippe obrou da mesma sorte para com os principes do ramo primogenito dos Bourbons;

« Considerando que similhantes medidas são sempre de ordem e interesse publico;

« Que hoje, mais do que nunca, altas considerações politicas exigem imperiosamente que se diminua a influencia que dá á familia d'Orleans a posse de perto de trezentos milhões em bens de raiz em França;

« Decreta:

« Artigo 1.º Os membros da familia d'Orleans, seus esposos, esposas, e seus descendentes não poderão possuir nenhuns bens moveis nem de raiz em França; serão postos á venda todos os bens que lhe pertencem na extensão do territorio da Republica.

« Art. 2.º Esta venda será effectuada no prazo de um anno, quanto aos bens livres, a contar do dia da promulgação do presente decreto, e quanto aos bens susceptiveis de liquidação ou discussão, a datar da epocha em que se declarar que a propriedade lhes fica irrevogavelmente pertencendo.

« Art. 3.º Não se effectuando a venda nos prazos acima designados, a ella se procederá por via da administração dos dominios na fórma prescripta pela lei de 10 de abril de 1832.

« O producto das vendas será entregue aos proprietarios ou a quaesquer outras pessoas que a elle tenham direito.

« Feito no palacio das Tuileries, a 22 de janeiro de 1852.

Luiz Napoleão.

Pelo presidente,

« O ministro d'Estado, *De Casabianca.* »

« O prisendente da Republica:

« Considerando que, sem querer atacar o direito de propriedade na pessoa dos principes da familia d'Orleans, o presidente da Republica não justificaria a confiança do povo francez se permittisse que bens que devem pertencer á nação sejam subtrahidos ao dominio do Estado;

Considerando que, pelo antigo direito da França, sustentado pelo decreto de 21 de setembro de 1790 e pela lei de 8 de novembro de 1814, todos os bens que pertenciam aos principes por occasião da sua exaltação ao throno ficavam de pleno direito e immediatamente reunidos ao dominio da corôa;

« Que o decreto de 21 de setembro de 1790, assim como a lei de 8 de novembro de 1814, dizem:

« Os bens particulares do principe que sobe ao throno, e aquelles que elle houver durante o seu reinado, por qualquer titulo que seja, ficam de pleno direito e immediatamente unidos á propriedade da nação, e o effeito d'esta união é perpetuo e irrevogavel.

« Que a consagração d'este principio remonta a epochas mui remotas da monarchia; que se póde entre outros citar

o exemplo de Hemrique IV. Tendo este principe tentado impedir por cartas regias de 15 de abril de 1590 a reunião dos seus bens ao dominio da corôa o parlamento de Pariz recusou registrar estas cartas regias, nos termos de uma setença dada a 15 de julho de 1591, e Henrique IV, applaudindo mais tarde esta firmeza, publicou, no mez de julho de 1607, um edicto em que revogava as suas primeiras cartas regias;

Considerando que esta regra fundamental da monarchia foi applicada nos reinados de Luiz XVIII e de Carlos X, e reproduzida na lei de 15 de janeiro de 1835;

« Que nenhum acto legislativo a tinha revogado a 9 de agosto de 1830, quando Luiz Philippe acceitou a corôa; que d'esta sorte, só pelo facto d'esta acceitação, todos os bens que possuia n'esta epocha se tornaram propriedade incontestavel do Estado;

« Considerando que a doação universal, sem reserva de usofructo, consentida por Luiz Philippe em proveito de seus filhos, com exclusão do primogenito, a 7 de agosto de 1830, no mesmo dia em que a realeza lhe foi deferida, e antes da sua acceitação, que teve logar a 9 do mesmo mez, teve unicamente por fim impedir a reunião á propriedade do Estado dos bens consideraveis possuidos pelo principe chamado ao throno;

« Que mais tarde, quando foi conhecido, este acto alvorotou a consciencia publica;

« Que se a annulação não foi pronunciada, foi por não existir, como no tempo da antiga monarchia, uma auctoridade competente para reprimir a violação dos principios de direito publico, cuja guarda era antigamente confiada aos parlamentos;

« Que reservando para si o usofructo dos bens comprehendidos na doação, Luiz Philippe não se despojava de coisa

alguma e queria absolutamente assegurar á sua familia um patrimonio tornado do Estado;

«Que a doação, por si mesma, não menos que a exclusão do filho primogenito, na expectativa da exaltação d'esse filho ao throno, era, da parte do rei Luiz Philippe, o reconhecimento mais formal d'esta regra fundamental, pois que eram precisas tantas precauções para a illudir;

«Que em vão se allegaria que a união ao dominio publico dos bens do principe não devia resultar senão da acceitação da corôa por este, e de que não tendo esta acceitação tido logar senão a 9 de agosto, a doação consentida a 7 do mesmo mez devia ter produzido o seu effeito;

«Considerando que n'esta ultima data Luiz Philippe já não era uma *pessoa particular*, pois que as duas camaras o tinham declarado rei dos francezes, debaixo da unica condição de prestar juramento á carta;

«Que, em consequencia da sua acceitação, era rei desde 7 de agosto, pois que n'esse dia a vontade nacional se manifestára pelo orgão das duas camaras, e que a fraude a uma lei de ordem publica não deixa de existir por ser concertada em vista de um facto certo que deve immediatamente realisar-se;

«Considerando que os bens comprehendidos na doação de 7 de agosto, achando-se irrogavelmente encorporados á propriedade do Estado, não tem podido d'elle serem distrahidos pelas disposições do art. 22.º da lei de 2 de março de 1832;

«Que seria, em contrario a todos os principios, attribuir um effeito retroactivo a esta lei fazer-lhe valadiar um acto radicalmente nullo, conforme a legislação existente na epocha em que este acto foi consummado;

«Que, além d'isso, esta lei, dictada por um interesse particular, arrastada por uma politica de circumstancia, não

poderia prevalecer contra os direitos permanentes do Estado e as regras immutaveis do direito publico;

« Considerando, além d'isso, que revindicados os direitos do Estado, ainda restam á familia de Orleans *mais de cem milhões* com que possa sustentar-se na sua classe no estrangeiro;

«Considerando tambem que é conveniente continuar o abono annual de 300:000 francos, consignado no orçamento para a pensão á duqueza d'Orleans;

« Decreta:

« Artigo 1.º Os bens moveis e de raiz que são objectos da doação feita a 7 de agosto de 1830 pelo rei Luiz Philippe, são restituidos ao Estado.

« Art. 2.º O Estado fica obrigado ao pagamento das dividas da lista civil do ultimo reinado.

« Art. 3.º Continuar-se-ha a abonar a pensão de 300:000 francos concedida á duqueza d'Orleans.

« Art. 4.º Voltando os bens ao Estado, em virtude do artigo 1.º; serão vendidos em parte por intervenção da administração dos dominios, para que o seu producto possa ser repartido como segue:

« Art. 5.º Serão abonados dez milhões ás sociedades de soccorros mutuos, auctorisados pela lei de 15 de julho de 1850.

« Art. 6.º Serão empregados dez milhões em melhorar os alojamentos dos operarios nas grandes cidades manufactoras.

« Art. 7.º Serão applicados dez milhões ao estabelecimento de instituições de credito territorial nos departamentos que reclamarem esta medida, submettendo-se ás condições julgadas necessarias.

« Art. 8.º Cinco milhões servirão para estabelecer uma caixa de reforma para os empregados mais pobres.

« Art. 9.º O remanescente dos bens enunciados no artigo 1.º será reunido á dotação da Legião de Honra, para o seu rendimento ter a applicação seguinte, devendo, no caso de não chegar, ser preenchida das verbas votadas no orçamento.

« Art. 10.º Todos os officiaes, officiaes inferiores e soldados de terra e mar em actividade de serviço, que forem para o futuro nomeados ou promovidos na ordem nacional da Legião de Honra, receberão segundo o seu grão na Legião a pensão annual seguinte:

Os legionarios (como d'antes)............	250	francos.
Os officiaes........................	500	»
Os commendadores	1000	»
Os grandes-officiaes.....................	2000	»
Os gran-cruzes	3000	»

« Art. 11.º É creada uma medalha militar que dá direito a cem francos de renda vitalicia em favor dos soldados e officiaes inferiores do exercito de terra e de mar, que se acharem comprehendidos nas condições que serão ulteriormente estabelecidas por um regulamento.

« Art. 12.º Um palacio nacional servirá de educação ás filhas ou orphãs indigentes das familias, cujos chefes houverem obtido esta medalha.

« Art. 13.º O palacio de Saverne será renovado e acabado para servir de asylo ás viuvas dos altos funccionarios civís e militares mortos no serviço do Estado.

« Art. 14.º O presidente da Republica renuncia a qualquer reclamação sobre as confiscações pronunciadas em 1814 e em 1815 contra a familia Bonaparte.

« Art. 15.º Os ministros darão, cada um na parte que lhes toca, execução ao presente decreto.

« Feito no palacio das Tuileries, em 22 de janeiro de 1852.

Luiz Napoleão.

Pelo presidente,

« *O ministerio d'Estado, X de Casabianca.* »

« Os executores testamentarios do rei Luiz Philippe, os srs. Dupin, Laplagne-Barris, duque de Montmorency, conde de Montalivet e Achilles Scribe, dirigiram ao presidente da republica um protesto contra o decreto de 23 de janeiro, relativo aos bens da casa d'Orleans, pedindo que a questão fosse levada perante os tribunaes.

« O sr. de Casabianca, ministro d'Estado, acaba de acusar a recepção d'este protesto aos testamenteiros de Luiz Philippe. »

TRIBUNAL CIVIL DE PRIMEIRA INSTANCIA NO SENA.

Audiencia dos leilões de 14 de fevereiro.

Venda sobre a licitação de bens
que pertenceram ao fallecido rei Luiz Philippe.

« O annuncio d'esta venda tinha chamado á audiencia dos leilões grande concurso de espectadores.

« Esta venda era feita a requerimento dos principes da casa d'Orleans; damos o extracto dos titulos com que as partes se apresentaram no requerimento.

« Este extracto é util para explicar em que circumstancias a venda teve logar.

« Um accordão do tribunal de primeira instancia do Sena (1.ª Camara), de 12 de abril de 1851, ordenou a venda por licitação do pavilhão de Wurtemberg, dependente da propriedade de Neuilly.

« Em consequencia d'este accordão e depois da vistoria,

em virtude de outros dois dados pela mesma camara nos dias 23 de junho de 1851 e 10 de janeiro de 1852, a venda precedentemente ordenada foi promovida a requerimento, instancias e diligencias de:

« 1.° S. A. R. Luiz Carlos Philippe d'Orleans, duque de Nemours;

« 2.° S. A. R. Francisco Fernando Philippe Luiz Maria d'Orleans, principe de Joinville;

« 3.° S. A. R. Henrique Eugenio Philippe Luiz d'Orleans, duque d'Aumale;

« 4.° S. A. R. Antonio Maria Philippe Luiz d'Orleans, duque de Montpensier.

« Tendo todos quatro o seu domicilio em Pariz, rua de Varennes n.° 55, porém residentes de facto, a saber: o duque de Nemours, o principe de Joinville e o duque d'Aumale no palacio de Claremont (Inglaterra), e o duque de Montpensier em Sevilha (Hespanha), sem prejuizo (como rezam os autos) para o duque d'Aumale, do domicilio particular que tem em Pariz, da rua de Grenelle-Saint-Germain, n.° 71, na séde da administração dos seus bens provenientes da herança do duque de Bourbon.

« 5.° De S. A. R. Maria Clementina Carolina Leopoldina Clotilde d'Orleans, duqueza de Saxe, princeza de Saxe-Cobourg-Gotha, esposa de S. A. R. Augusto Luiz Victor, duque de Saxonia, principe de Saxe-Cobourg-Gotha, e do sr. principe de Saxe-Cobourg Gotha, para auctorisar sua esposa.

« Obrando todos os supra nomeados em seu proprio nome, por causa dos direitos que lhes assistem, nos termos de um auto de doação que em seu proveito foi feito pelo fallecido rei Luiz Philippe, seu pae, a 7 de agosto de 1830, perante o sr. Dentend, tabellião em Pariz, devidamente conforme e registrado;

« Obrando, além d'isso, como herdeiros pela parte pertencente a cada um, mas sómente sob beneficios de inventario, como resulta das duas declarações feitas no cartorio do tribunal do Sena, a 14 e 19 de novembro de 1850, pelo fallecido rei Luiz philippe, seu pae, o qual tinha domicilio em Pariz, e morreu em Claremont (Inglaterra) a 26 de agosto de 1850.

« Em presença:

« 1.º De S. A. R. M.^ma Helena Luiza Izabel, princeza de Mecklembourg-Schwerin, duqueza d'Orleans, viuva de Fernando Philippe Luiz Carlos Henrique d'Orleans, duque d'Orleans, domiciliada em Pariz, rua de Varennes, n.º 55, séde da administração dos bens e negocios da casa d'Orleans, e residente de facto em Richmond, condado de Surrey (Inglaterra).

« S. A. R. a sr.ª duqueza d'Orleans, obrando como tutora natural e legal: 1.º de Luiz Philippe Alberto d'Orleans, conde de Pariz; 2.º de Roberto Philippe Luiz Eugenio Fernando d'Orleans, duque de Chartres, seus dois filhos menores havidos do seu matrimonio com o fallecido duque d'Orleans.

« 2.º De S. M. Leopoldo 1.º (Jorge Christiano Frederico), rei dos belgas, morador no palacio de Bruxellas (Belgica).

« S. M. o rei dos belgas, tutor natural e legal: 1.º de Leopoldo Luiz Philippe Maria Victor, duque de Brabante, principe real; 2.º de Philippe Eugenio Fernando Leopoldo, conde de Flandres; de Maria Carlota Amelia Augusta Victoria Clementina Leopoldina, seus tres filhos menores, com elle moradores, havidos do seu casamento com S. M. Luiza Maria Thereza Carlota Izabel d'Orleans, rainha dos belgas, fallecida no palacio d'Ostende, a 11 de outubro de 1850.

« 3.º De S. A. R. o duque Frederico Guilherme Alexandre de Wurtemberg, morador em Beyrouth (Baviera), tutor

natural e legal de S. A. R. o duque Philippe Alexandre Maria Ernesto de Wurtemberg, seu filho menor, com elle morador, havido do seu matrimonio com Maria Christina Carolina Adelaide Francisca Leopoldina d'Orleans, fallecida em Pisa (Italia) a 2 de janeiro de 1839.

« Esta venda devia ter logar hoje 14 de fevereiro, em audiencia publica de leilões por via de adjudicação, sobre licitação, a quem mais der. Os bens de que se tracta estão divididos em tres lotes, cuja designação é como segue:

« 1.º O pavilhão de Wurtemberg e suas dependencias.

« 2.º Uma casa situada em Neuilly, rua do Château, n.º 28;

« Um jardim com suas arvores de fructa, contiguo ao grande parque de Neuilly;

« Tudo dependente da propriedade de Neuilly.

« O porteiro annuncia a venda do pavilhão de Wurtemberg.

« O sr. de Normandie, advogado dos auctores, pede o requerimento por elle feito para a venda, que o sr. juiz commissario se sirva ordenar que proceda á recepção dos lanços.

« O 1.º lote, composto do pavilhão de Wurtemberg, foi posto em praça em 95:000 francos.

« O sr. Levaux, advogado, lança mais *cincoenta francos*.

« Tendo-se feito os tres pregões successivamente sem que este lanço fosse coberto, foi o pavilhão de Wurtemberg adjudicado ao sr. Levaux pela quantia de 95:050 francos; captivos dos encargos.

« O 2.º lote, composto de uma casa, foi á praça em 9000 francos; não apparece, lançador. A pedido do sr. de Normandie, a adjudicação ficou para outro dia.

« O 3.º lote, composto de umas terras, foi posto em praça em 7000 francos.

« O sr. Nourry, advogado, lança mais *cincoenta francos.*

« Fazendo-se pregões tres vezes sem novo lanço o sr. juiz commissario adjudica ao sr. Nourry o lanço, o terreno de que se tracta mediante 7050 francos, captivos dos encargos. »

AO PRINCIPE PRESIDENTE DA REPUBLICA

« Os executores testamenteiros do fallecido rei Luiz Philippe obedecem á um dever imperioso vindo protestar contra o decreto de 22 de janeiro de 1852, relativo aos bens da casa d'Orleans.

« Este decreto destroe com effeito do principio ao fim não só os testamentos que têem missão de fazer executar, mas tambem todos os contractos civís que regularam e fixaram a posição e os direitos dos diversos membros d'esta augusta familia. Vem, fóra de todas as preoccupações politicas, assignalar á justiça do principe presidente da Republica franceza os erros de direito sobre que se baseia o segundo decreto todo. Se estes direitos não fossem reconhecidos e reparados, constituiriam o ataque mais grave aos direitos sagrados da propriedade da familia.

« Para anniquilar a doação de 7 de agosto de 1830, para declarar réunidas á propriedade publica as propriedades possuidas n'esta epocha pelo duque d'Orleans, o segundo decreto de 22 de janeiro de 1852 invoca o principio antigo da devolução ao Estado dos bens do principe que subia ao throno. Poderiamos examinar historicamente este principio; poderiamos mostrar que no proprio antigo direito não era considerado senão como uma emanação do feudalismo, quando não havia propriedade do Estado distincta da propriedade da corôa; poderiamos demonstrar que o imperador Napoleão a regeitou formalmente (senatus-consultos de 30 de

janeiro de 1810, titulo III, art. 48.º e 49.º); poderiamos recordar que o rei Carlos X o affastou de facto por meio de uma doação feita em favor de seu filho segundo, irmão do principe que então era seu herdeiro presumptivo.

« Porém estas considerações seriam superabundantes. Uma só, de uma natureza mui differente, domina a questão. O antigo direito monarchico não poderia ser seriamente invocado contra o principe que recebia a corôa, não conformemente, mas contrariamente ao antigo direito. O rei Luiz Phillippe occupou o throno depois do rei Carlos X, não foi seu successor, nem seu herdeiro.

« As leis da antiga monarchia não podiam applicar-se a uma monarchia nova, a uma lista civil nova, devendo produzir novas consequencias nas leis, no regimen e no futuro do paiz. Portanto, deixando a seus filhos, a 7 de agosto de 1830, o seu patrimonio hereditario, o principe não infringia uma lei que lhe não era applicavel. O direito e os factos bastam para repellir essa mancha que as considerações do decreto imporiam na sua memoria.

« Na ausencia mesmo de toda a doação, o principio antigo da devolução dos bens deveria ficar em lettra morta; e com tanta mais razão ainda, por isso que fôra essa a condição com que o duque d'Orleans acceitára a corôa em 1830. O principe não hesitou em dedicar a sua vida á salvação da sociedade em perigo, no meio de uma tormenta que não tinha desejado nem suscitado; porém pretendeu que seus filhos conservassem o patrimonio que elle houvera dos seus antepassados.

A doação de 7 de agosto, inutil sob o ponto de vista de um direito que já não existia, não provava senão uma coisa, a vontade bem firmada do principe que ia subir ao throno, de sustentar a propriedade do seu dominio particular nas mãos da sua familia, e era certamente uma condição que

tinha direito para estipular a 7 de agosto. N'esta epocha, com effeito, posto que declarado rei dos francezes pelas duas camaras, não era, até ao dia em que acceitou a corôa, senão simples principe francez. Isto é tão verdade que, por uma disposição da lei de 2 de março de 1832, se disse que a lista civil não teria o seu effeito senão a datar de 9 de agosto, por isso que o duque d'Orleans não era reconhecido como rei senão desde o dia em que tinha acceitado a corôa e prestado juramento á constituição. N'esse momento pois houve contracto, convenção solemne entre a nação e o principe, e penetrando-nos de todas as recordações d'essa epocha, não podemos comprehender onde se foi buscar a idéa de que esta doação conhecida mais tarde, « alvorotou a consciencia publica. »

« Bem longe d'isso, é bem certo que a auctoridade dos principios, sob a protecção dos quaes acabamos de collocar a questão, se vieram junctar não só á sancção da lei, mas tambem á consagração por todos os poderes publicos que se teem succedido em França desde 1830.

« É verdade que em 1830 já não existiam os parlamentos, guardas dos principios do direito publico; porém nem por isso os poderes estavam concentrados n'uma só mão, e as duas camaras teriam tido sem duvida o direito e o dever de fazer a applicação do antigo principio monarchico ao principe exaltado ao throno, se lhes tivesse parecido que este principio lhe devia ser applicado.

« Ora, ellas bem pelo contrario formalmente reconheceram (art. 22.º da lei de 2 de março de 1832) que o rei conservava a propriedade dos bens que pertenciam antes da sua subida ao throno.

« A lei de 2 de março de 1832, obra de poderes eminentemente independentes, e que a historia não accusará de muito condescendente para com os interesses materiaes

da familia real, não operou por fórma alguma sobre um passado que lhe não pertencia. Limitou-se a reconhecer que os principios do direito publico invocados pelo decreto de 22 de janeiro de 1852 não eram applicaveis á posição inteiramente especial do duque d'Orleans, e que não tinha havido devolução ao Estado dos bens da doação. A lei de 2 de março de 1832 foi declarativa do direito preexistente, como o teria sido um julgamento que se houvesse interposto sobre uma pretenção analoga do dominio do Estado; apenas estatuida com mais auctoridade e solemnidade. Negar, como o decreto de 22 de janeiro não receia fazel-o, a competencia e a auctoridade dos poderes publicos da monarchia constitucional, é ameaçar todos os interesses creados ou garantidos durante um periodo de trinta annos; é dar um primeiro passo para uma perturbação profunda em o nosso direito publico.

« Sobreveio a revolução de 1848, que teria por si só bastado para destruir os effeitos d'este pretendido regresso ao dominio do Estado, mesmo que (o que assim não aconteceu) tivesse tido logar em 1830, porque se o direito dos antigos tempos quizesse que o principe tornado rei trouxesse para a corôa a sua fortuna pessoal era apparentemente sob a condição de que se conservaria a corôa. Porém o governo provisorio limitando os seus rigores a uma medida de sequestro, respeitou e foi o proprio que reconheceu a dotação de 7 de agosto de 1830.

« No mez de outubro de 1848 debateu-se a questão perante a Assembléa constituinte, por proposta do representante do povo, o sr. Julio Favre. O parecer foi confiado ao respeitavel sr. Berryer:

« Que se tracte de um monarcha ou de um simples particular, dizia o eloquente relator, que a espoliação alcance palacios ou choupanas, modestos campos ou vastas proprie-

dades, não importa; o mal é o mesmo, este mal é contagioso nos nossos dias mais do que em nenhum outro tempo: a invazão da propriedade, o esquecimento dos deveres, o desprezo dos contractos seriam exemplos cheios de perigos para a segurança de todas as condições sociaes, e todo o governo deve estar convencido de que a sua dignidade, a sua força, a sua influencia sobre os interesses de todos, serão julgados, medidos no animo dos povos pelo respeito que elle souber guardar pelo direito, justiça e honradez publica. »

« A proposta foi unicamente regeitada, sem que o seu auctor se quer a tentasse sustentar na tribuna.

« Mais tarde, a Assembléa legislativa, longe de contestar a doação de 7 de agosto, auctorisou o fallecido rei Luiz Philippe a approvar um emprestimo, e n'esse emprestimo, são interessados os donatarios para hypothecarem os bens comprehendidos na doação. Mais ainda, o governo interveio directamente n'este emprestimo, que foi concluido pela administração dos bens da familia d'Orleans, sob os auspicios do sr. ministro das finanças. O proprio Estado já tinha tomado por hypotheca esses mesmos bens de que hoje dizem que era desde então proprietario.

« Em 1850, finalmente, tendo uma commissão da Assembléa proposto levantar o sequestro dos bens de SS. AA. RR., os srs. principes de Joinville e duque d'Aumale, veio o sr. ministro das finanças em nome do sr. presidente da Republica expôr o pensamento do governo, e reclamar da Assembléa uma medida mais completa e mais justa, pedindo que se levantasse o sequestro sobre os bens da doação de 7 de agosto, obtendo assim restituil-os definitivamente ao seu real proprietario. (Veja-se o *Moniteur*, discurso do sr. A. Fould, de 24 de fevereiro de 1850).

« Portanto, em todas as epochas, e até ao decreto de 22

de janeiro de 1852, houve consagração, depois de debates solemnes, da propriedade de familia; triplice reconhecimento de que os bens da doação jámais cessaram de lhe pertencer.

« Vamos ás consequencias d'este decreto.

« Não é só a propriedade do chefe de familia que elle ataca; destroe todos os actos effeituados quer entre os membros diversos d'esta familía, quer com terceiros.

« Alguns dos filhos do rei fizeram negocios contando com a parte que lhes havia de caber na herança de seu pae, estabeleceram-se dotes por oito contractos de casamentos, houveram tractados diplomaticos a este respeito com oito potencias estrangeiras, muitos dos filhos do rei os precederam, elles mesmos estão representados por herdeiros menores, uns francezes, outros estrangeiros, parte dos bens da doação foram vendidos, outros foram hypothecados. Direitos hereditarios, direitos dos principes estrangeiros, direitos dos menores, direitos de terceiros, o decreto ataca tudo, destroe tudo.

« Ainda mais: rasgando o testamento do rei, o decreto falsifica tambem o de M.^{ma} Adelaide, sua augusta irmã.

« O rei e *Madama* tinham, com effeito, combinado as suas disposições testamentarias de maneira que evitavam o desmembramento na mão de seus filhos dos muitos bens de que eram proprietarios. Para este effeito, uma das suas heranças assegurava mais áquelle que tinha menos na segunda. Os dois testamentos harmonisavam-se assim para realisarem o pensamento commum, a egualdade entre todos.

« Esta eguadade desapparece, se o testamento do rei fôr destruido, se os bens da doação forem distraidos do patrimonio commum. Com effeito, o herdeiro em cujo quinhão forem incluidos os bens que escapam á applicação do decreto, poderá conservar a parte que lhe foi deixada pelo

testamento quando o decreto atacar bens testados ao seu coherdeiro?

« O nosso mandado, como encarregados da execução do testamento do fallecido rei, impõe-nos o dever de appeliarmos para a justiça mais bem esclarecida do chefe de Estado.

« Em todos os casos, pedimos juizes.

« É uma questão de propriedade que o decreto resolve, e pretende resolvel-a pela applicação do direito publico; em quanto que a decisão d'estas especies de questões pertence essencialmente aos tribunaes, cuja auctoridade ficou em pé.

« Terminando, os executores testamentarios do fallecido rei Luiz Philippe não podem calar-se sobre dois grandes erros de facto proclamados pelos decretos de 22 de janeiro. Bem que estranhos á questão de direito, estes erros parecem infelizmente ter exercido uma grandíssima influencia sobre a sua solução para que não sejam por elles rectificados. »

« Segundo os decretos, a familia d'Orleans possuiria tresentos milhões em bens de raiz em França, e feita a distracção dos bens da doação, restar-lhe-ia mais de cem milhões. Similhantes cifras não podem ter sido fornecidas senão por pessoas absolutamente estranhas aos negocias da familia d'Orleans.

« Os executores testamentarios do fallecido rei Luiz Philippe, cuja missão foi profundar tudo, estão habilitados para affirmar que uma e outra cifra são absolutamente falsas. Outro sim, attestam que a execução do decreto de 22 de janeiro de 1852 seria a ruina quasi completa dos herdeiros do fallecido rei Luiz Philippe. Esperam pois que não terão em balde appellado para a justiça e lealdade do principe presidente da Republica.

Aos srs. testamenteiros do rei Luiz Philippe.

Claremont, 29 de janeiro de 1852.

« Senhores.

« Recebemos o protesto que redigistes contra os decretos de confisco publicados contra nós, e bem sinceramente vos agradecemos os vossos esforços para resistir á injustiça e á violencia.

« Achamos muito simples que vos occupasseis especialmente da questão de direito, sem fazer sobresahir o que os artigos d'esses decretos teem de injurioso para a memoria do rei nosso pae.

« Por um momento pensámos em sahir da reserva que o exilio nos impõe, e em repellir os ataques tão indignamente dirigidos contra o melhor dos paes, e não receiamos acrescentar, contra o melhor dos reis.

« Porém, pensando n'isto mais maduramente, pareceu-nos que a similhantes imputações o silencio do desprezo era a melhor resposta.

« Não desceremos pois a mostrar o que estas calumnias tem particularmente odioso para ser reproduzidas por aquelle que duas vezes pôde apreciar a magnanimidade do rei Luiz Philippe, e cuja familia jámais recebeu d'elle senão beneficios.

« Deixamos á opinião publica o cuidado de fazer justiça ás palavras, assim como ao acto que ellas acompanham, e se acreditarmos os testemunhos de sympathia que por toda a parte recebemos, estamos mais que sufficientemente vingados.

« Para honra de um paiz a quem o rei, nosso pae, deu dezoito annos de paz, de prosperidade e de dignidade, de um paiz que nós, seus filhos, lealmente servimos, para honra d'essa França que é a patria que sempre amámos,

folgamos de vêr que estes vergonhosos decretos não se atreveram a apparecer senão sob o regimen de estado de sitio, e da suppressão de todas as garantias protectoras das liberdades da nação.

« Pedimos-vos, finalmente, senhores, que exprimaes o nosso vivo reconhecimento aos homens eminentes de todos os partidos que vieram offerecer o auxilio do seu talento e da sua coragem. Acceitamos este auxilio de boa vontade, persuadidos de que defendendo hoje a nossa causa, defendemos os direitos de toda a sociedade franceza.

« Recebei, senhores, a certeza dos sentimentes affectuosos que vos dedicamos.

Luiz d'Orleans, duque de Nemours.

F. d'Orleans, principe de Joinville. »

MEMORIA.

« A familia d'Orleans acaba de appellar para os tribunaes.

« Pede-lhes que a esclareça sobre o caracter legal e sobre o alcance dos decretos de 22 de janeiro ultimo.

« Não foi uma verdadeira questão de propriedade que decidio o segundo d'estes decretos, e porventura pertencia-lhe julgal-a? Póde elle porventura obstar a que os direitos da propriedade fiquem collocados sobre a egide protectora dos tribunaes?

« Taes são as questões submettidas ao exame dos jurisconsultos eminentes, cuja cooperação a familia d'Orleans julgou poder reclamar.

« Uma rapida exposição dos factos deve preceder a discussão.

Afim de se formar uma idéa exacto da fortuna possuida pelo sr. duque d'Orleans antes de subir ao throno, é mister enumerar os elementos de que se compunha.

Os bens do principe eram de diversas naturezas.

« Bens de apanagio;

« Bens patrimoniaes: havidos da herança materna; resgatados da herança de seu pae; provenientes de compras feitas em 1814.

« Ninguem ignora qual foi a origem, nem a natureza do apanagio d'Orleans. Não foi a *titulo gratuito* que elle foi constituido no chefe d'este ramo, então menor, por edicto de março de 1661, mas sim a *titulo de herança*, para lhe servir de quinhão nas heranças de Luiz XIII, seu pae, e de Anna d'Austria, sua mãe. Este apanagio representava a legitima do ramo d'Orleans; formava o preço da sua renuncia em favor de seu irmão mais velho, Luiz XIV, nos dominios, terras e senhorios, bens moveis e mobilias, *que tinham ficado por morte do seu dicto senhor e pae.* « Assim como o diziam as cartas regias de 7 de dezembro de 1766, foi preenchido o voto da natureza, ao mesmo tempo que a realeza cumprio as suas obrigações. »

« Confiscados pelas leis da revolução, os bens de apanagio tinham sido restituidos ao duque d'Orleans por tres decretos de 18 e 20 de maio e 7 de outubro de 1814, confirmados mais tarde pela lei de 15 de janeiro de 1815, que não creou o apanagio de novo, mas que o estatuio por fórma de simples declaração e reconhecimento de um direito preexistente.

« Estes bens representavam em 1830, para a familia d'Orleans, uma renda de dois milhões e quinhentos mil francos

« Em consequencia da exaltação do sr. duque d'Orleans ao throno, todo o apanagio, sem exceptuar coisa alguma, voltou ao Estado, a 9 de agosto de 1830, conforme os titulos constitutivos d'este apanagio, apontados no artigo 4.º da lei de 2 de março de 1832. O unico direito que sobre-

viveu ao apanagio em virtude d'estes mesmos titulos, foi uma indemnisação em razão do augmento que teria recebido desde que passára ao poder do principe, até que tornára a entrar no dominio do estado, e bem assim a lei de 1832 dispozera que a indemnisação só poderia ser exigida no fim do reinado.

« D'esta fórma, desde 9 de agosto de 1830, a fortuna da familia d'Orleans se achou diminuida no valor dos productos do apanagio; foi o esquecimento ou a ignorancia d'este facto que deu origem aos erros largo tempo acreditados sobre o importe dos rendimentos d'esta augusta casa.

« Quanto á fortuna patrimonial do sr. duque d'Orleans, compunha-se, como indicámos: 1.º dos bens que houvera por herança de sua mãe, e cuja origem era toda patrimonial: 2.º dos bens da herança de seu pae, que elle tinha resgatado nos tribunaes; 3.º d'aquelles que tinha podido adquirir a diversos titulos.

« Foi ao todo d'estes bens patrimoniaes que se estendeu exclusivamente a doação de 7 de agosto de 1830.

« Era necessaria esta doação para subtrahir o patrimonio particular do duque d'Orleans á applicação do antigo principio, em virtude do qual havia devolução ao Estado dos bens do principe que subia ao throno? Foi, como não houve receio de se dizer, defraudando este principio que o duque d'Orleans deu a seus filhos a propriedade do que possuia? Será possivel pretender que a lei da antiga monarchia fosse applicavel, a 8 de agosto de 1830, ao principe a quem a corôa não tocava *conformemente*, mas que ia acceital-a *contrariamente* a essa antiga lei monarchica? — É o que terão a decidir os jurisconsultos a quem n'este momento se recorre.

« Mas o que é certo é que a doação de 7 de agosto provava a vontade bem firme do sr. duque d'Orleans de

conservar a seus filhos o patrimonio hereditario que elle houvera de seus antepassados, e que n'esta condição que punha, e que tinha direito para pôr, á sua acceitação, não havia nada que podesse *alvorotar a consciencia publica,* como se diz no decreto promulgado a 22 de janeiro. Não seria bastante que a casa d'Orleans perdesse a propriedade do apanagio que voltava para o estado? Seria mister que todo o resto dos bens d'esta familia entrasse n'esta revolução? Esta revolução que não dotava seus filhos, precisamente em vista do patrimonio particular que a doação de 7 de agosto lhe tinha conservado, devia mais tarde tirar-lhe esse mesmo patrimonio, e despojal-os assim duas vezes?

« Outra questão para se decidir pela consulta, é até que ponto a auctoridade da lei de 2 de março de 1832 póde ser contestada; até que ponto os direitos que ella creou, os actos que se effeituaram sob o imperio e sobre a fé das suas disposições, podem ser hoje desconhecidos e anniquilados.

« Por occasião da discussão d'esta lei na camara dos deputados debateu-se expressamente a questão sobre se haveria uma *propriedade particular,* ou se se sustentaria o antigo principio da *devolução* dos bens pessoaes do rei á propriedade do Estado. Esta questão foi discutida em duas sessões, uma a 30 de dezembro e outra a 14 de maio de 1832. O sr. Dupin, commissario do rei, sustentou que o antigo principio de devolução era inapplicavel. A propria opposição, pelo orgão do sr. de Salverne, se pronunciou para que se deixasse ao rei a sua propriedade particular. O general Bertrand sustentou a theze contraria. A existencia da doação de 7 de agosto foi reconhecida, e a Assembléa, com pleno conhecimento de causa, votou os artigos seguintes:

« Artigo 22.º O rei *conservará* a propriedade dos bens

que lhe pertenciam antes da sua exaltação ao throno. Estes bens e os que vier a adquirir a titulo gratuito ou oneroso durante o seu reinado comporão a sua propriedade particular.

« Art.º 23.º O rei póde dispôr da sua propriedade particular, quer por actos entre vivos, quer por testamento, sem ser subjeito ás regras do Codigo civil que limitam a somma disponivel.

Art. 24.º As propriedades do dominio particular serão, salvo a excepção consignada no artigo precedente, submettidas a todas as leis que regem as outras propriedades. Serão cadastradas e sujeitas a impostos.

« Art. 25.º Ficarão sempre reservados sobre o dominio particular deixado pelo rei fallecido, os direitos dos seus crédores, e os direitos dos empregodos da sua casa a quem serão dadas pensões de reforma dos fundos para esse fim deduzidos dos seus ordenados. »

« Todas as obrigações impostas por esta lei ao rei Luiz Philippe foram strictamente cumpridas por elle e por seus filhos. Os bens que compunham a sua propriedade particular foram, como os bens dos particulares, cadastrados e submettidos ao imposto commum. Estes mesmos bens, quando elle cahio do throno, ficaram obrigados ás dividas contrahidas e ás pensões concedidas durante o seu reinado; e cada dia, depois, o seu rendimento e parte do seu capital serviram para o pagamento de umas e de outras.

« Quasi por espaço de vinte annos, esta lei de 1832 foi para o rei Luiz Philippe a lei do pae de familia. Sob a protecção das disposições que acabamos de rememorar, casaram-se os seus oito filhos. Todos levaram em dote, ás familias estrangeiras com quem se ligaram, os direitos que d'ellas lhe resultavam.

« Fizeram-se sete tractados de casamentos na fórma di-

plomatica. Estes tractados são atacados pelo decreto de 22 de janeiro.

« Os testamentos seriam destruidos como os contractos de casamento. O rei, em virtude do artigo 22.º da lei de 1832, fez as suas disposições testamentarias, e combinou-as com as de sua augusta irmã, a princeza Adelaide, para evitar o desmembramento dos grandes corpos de propriedades que um e outro queriam conservar intactos na sua familia. Aquelle dos filhos do rei que n'uma herança tinha maior parte, tinha-a menor na outra; os dois testamentos estabeleciam assim, conforme o desejo de seus auctores, uma justa egualdade entre os herdeiros; e d'este accordo tão natural, tão legitimo, resulta todavia a consequencia de que, ao mesmo tempo que pela confiscação dos bens da doação o testamento do rei é, em principio, destruido, o de sua irmã é, de facto, rasgado.

« Não são sómente os actos passados entre os membros da famalia d'Orleans que são annullados pelo decreto; anniquila tambem os que interressam a terceiro, taes como emprestimos, vendas, arrendamentos, etc.

« Assim, venderam-se, quer amigavelmente, por adjudicação por nove milhões seiscentos vinte e dois mil cento e sessenta e dois francos os bens da doação, que estão hoje nas mãos de sessenta e duas familias. Se o acto de 7 de agosto está nullo, não estão estas vendas tambem nullas?

« Arrendaram-se quintas, contrahiram-se emprestimos, hypothecaram-se bens. Estas hypothecas, estes arrendamentos serão egualmente annullados?

« Construcções consideraveis, palacios, fabricas, etc. etc. foram edificadas em terrenos comprehendidos na doação de 7 de agosto: que será de tudo isto?

« Emfim, pensões, esmolas que o rei, na sua bondade, se dignou sustentar depois de 1848, apesar do seu exilio,

apesar dos encargos imprevistos que a revolução fazia pezar sobre os seus bens, são pagas a antigos servos, ou estão em divida aos actuaes. Qual será a sorte das pessoas que gosavam d'essas pensões, d'essas esmolas, cuja cifra annual monta a perto de trezentos mil francos?

« O que fazem os decretos de 22 de janeiro, não o quiz fazer a revolução de fevereiro. A doação de 7 de agosto foi respeitada pelo governo provisorio, e os rigores do poder limitaram-se então a um sequestro temporario, ostensivo á toda a familia, mas que não affectava a gestão dos bens, sem desprezar o direito dos proprietarios.

« A doação de 7 de agosto não escapou só á tormenta revolucionaria de fevereiro. Dupin, e em todas as epochas, pela Assembléa constituinte em 1848, pela Assembléa legislativa, e pelo poder executivo em 1850, foi reconhecida e consagrada.

« A 5 de julho de 1848, faz o sr. Julio Favre uma proposta; tem o mesmo objecto, esteia-se nos mesmos motivos, serve-se quasi dos mesmos termos que o decreto de 22 de janeiro ultimo. Nem mesmo foi defendida, e a Assembléa (Assembléa soberana) regeita-a por unanimidade.

« A 4 de fevereiro de 1850, a Assembléa legislativa, longe de contestar os effeitos da doação, auctorisa o rei Luiz Philippe a consentir n'um emprestimo em que seriam hypothecados os bens d'esta doação, e como o rei só d'elles tinha conservado o usofruto, os principes, proprietarios, que não eram pessoalmente obrigados á divida, intervem espontaneamente para obrigarem este patrimonio e offerecerem-no em garantia aos crédores da antiga lista civil. Emfim o ministro das finanças do sr. presidente da Republica concorre pessoalmente para este emprestimo, que sancciona com a sua assignatura; e como já tinha sido tomado em nome do Estado, crédor hypothecario então, sobre esses mesmos bens

de que hoje se diz proprietario, uma inscripção de vinte e seis milhões, o ministro consente em favor das pessoas que emprestam o dinheiro, uma antecipação de hypothecas, dando-lhes assim um penhor que reconhecia n'essa epocha como propriedade dos seus devedores communs.

« Ainda aqui não fica. Tendo a commissão da Assembléa legislativa, a quem foi submettido o projecto de lei ministerial, proposto que se levantasse o sequestro que pesava sobre os bens particulares do sr. principe de Joinville e e do sr. duque d'Aumale, o ministro das finanças (o sr. Fould). orgão do pensamento do governo, veio, *em nome do sr. presidente da Republica* reclamar *uma medida mais recta e mais justa* pedindo que o levantamento do sequestro fosse ostensivo aos bens comprehendidos na doação de 7 de agosto.

« Isto ha menos de dois annos.

« Não será isto bastante para estabelecer que a propriedade dos bens a que se applicam os decretos de 22 de janeiro descansa aa mesmo tempo sobre os titulos mais antigos, mais incontestaveis, sobre os actos emanados de tres governos successivos, sobre a lei da republica, como sobre as da monarchia?

« Deveria bastar, em similhante questão, invocar os principios e as leis; porque cobrem com egual inviolabidade todos os direitos, todos os intereses, e não fazem distincção entre os possuidores dos mais ricos patrimonios e os das mais pobres heranças. Mas, visto que os decretos de 22 de janeiro entre os motivos em que se bazeam, allegam a importancia da fortuna da casa d'Orleans, que avaliam em trezentos milhões de francos, e que o seu auctor consente em não reduzir senão a cem milhões, devemos n'este ponto tambem oppôr cifras exactas a cifras ficticias, a verdade ao erro.

« O dominio actual da casa d'Orleans compõe-se em parte de parques, de palacios, de um costeio dispendioso, e de propriedades taes como Neuilly, Monceaux, etc., de um producto quasi nullo, e de uma realisação mui difficil.

« A renda annual, calculada pelo termo medio dos dois ultimos annos, liquida sómente dos encargos de propriedade, *contribuições, despezas de administração*, etc.; estabelece-se assim:

« 1.º Bens comprehendidos na doação de 7 de agosto de 1830, fóra d'aquelles que foram alienados depois de 1830........................	1.109:000	francos.
« Bens adquiridos pelo rei depois de 1830 (parte não vendida).........	175:000	»
« 3.º Bens provenientes da herança de M.ma Adelaide.....................	863:000	»
« 4.º Bens pertencentes á rainha, independentemente do usofruto do dominio d'Aumale.....................	49:000	»
« Bens pertencentes ao sr. duque d'Aumale	900:000	»
Total	3.096:000	»

D'esta renda, ou antes do capital que representa, e que se não póde, em razão mesmo da natureza dos bens, avaluar em mais de cento e tres milhões, é mister separar uma somma de perto de tres milhões, importancia das dividas que ainda hoje restam a pagar pelo sr. duque d'Aumale e pelos tres herdeiros do rei.

« Ficariam pois uns 73:000.000 fr. aos quaes para maior exactidão, convém addicionar uma outra somma de oito

milhões para a mobilia e para os bens não susceptiveis de rendimento.

« Tal é, em verdade, no estado actual, a fortuna de todos os membros da familia d'Orleans, provada da maneira mais exacta e mais authentica, segundo os livros officiaes da contabilidade da casa. Tal foi, para o patrimonio d'esta familia, o resultado da exaltação ao throno do seu augusto chefe. Perdeu a propriedade do apanagio; e depois de 1848, consagra-se parte de seus bens proprios ao pagamento de obrigações contrahidas quasi na totalidade para o cumprimento dos deveres de uma realeza que já não existe.

« Agora se se podesse admittir que os decretos fossem executados, eis aqui quaes seriam as consequencias:

« A familia d'Orleans perde todos os bens comprehendidos na doação de 7 de agosto de 1830;

« E resta-lhe:

« Fóra dafortuna do sr. duque d'Aumale, que é um patrimonio particular, sobre o qual os outros filhos não teem nenhum direito:

« 1.º A fortuna da rainha, mas de que a maior parte se compõe de um usofructo, e não constitne senão um recurso infelizmente mui passageiro;

« 2.º Os bens comprados pelo rei depois da doação de 7 de agosto, e que, depois das alienações destinadas ao pagamento das dividas, poderão representar uma renda de perto de .... 100:000 francos.

« 3.º Os bens da herança de M.^ma^ Adelaide, que, liquidos dos encargos testamentarios e administrativos, podem valer cerca de .... 800:000 »

« É uma renda total de .... 900:000 »

para dividir entre vinte e oito pessoas, das quaes dezeseis são menores! E as propriedades em que está assente, taes como *Raudan*, Arc, devem ser vendidas no prazo de um anno!

« Eis aqui os factos em toda a sua verdade.

« O mandatario dos filhos do rei Luiz Philippe pede, em nome d'esta augusta familia, aos jurisconsultos que se dignaram responder ao seu chamamento, que digam quaes são os meios legaes para resistir a esta violação do direito sagrado da propriedade.

« Pariz, 4 de fevereiro de 1852.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME DA QUINTA PARTE.

INDICE DOS CAPITULOS

DO

PRIMEIRO VOLUME DA QUINTA PARTE.